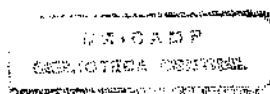


**ROBERT MOSES PECHMAN**

**CIDADES ESTREITAMENTE  
VIGIADAS:  
O DETETIVE E O URBANISTA**

Tese de Doutorado apresentada ao  
Departamento de História do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas,  
sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Maria  
Stella Martins Bresciani.

Dezembro de 1999  
Campinas — SP



**ROBERT MOSES PECHMAN**

**“Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista”**

**Tese de Doutorado apresentada ao  
Departamento de História do  
Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Estadual  
de Campinas sob a orientação da  
Profa. Dra. Maria Stella Martins  
Bresciani**

**Este exemplar corresponde à  
redação final da tese  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
17/12/1999**

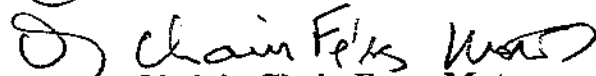
**BANCA**

  
**Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani (orientadora)**

  
**Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca**

  
**Prof. Dr. Luiz César de Queiróz Ribeiro**

  
**Prof. Dr. Afonso Carlos Marques dos Santos**

  
**Profa. Dra. Olgária Chain Feres Matos**

**DEZEMBRO/1999**

|             |                                       |
|-------------|---------------------------------------|
| UNIDADE     | BC                                    |
| N.º CHAMADA | T/UNICAMP                             |
|             | P333c                                 |
| V.          | Ex                                    |
| TORR. BO/   | 41168                                 |
| PR. 1       | 278/00                                |
|             | D <input checked="" type="checkbox"/> |
| PR. 2       | R\$ 11,00                             |
| DATA        | 27/06/00                              |
| N.º CPD     |                                       |

CM-00142034-6

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**Pechman, Robert Moses**  
P 333c      **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista /**  
**Robert Moses Pechman. - Campinas, SP : [ 427 ], 1999.**

**Orientadora: Maria Stella Martins Bresciani.**  
**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Ordem social. 2. Imaginário. 3. Urbanismo. 4. Rio de**  
**Janeiro (RJ) - História. I. Bresciani, Maria Stella Martins.**  
**II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia**  
**e Ciências Humanas. III. Título.**

## ÍNDICE

|                                                                                                   |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| AQUELE ABRAÇO .....                                                                               | 7   |
| QUASE-INTRODUÇÃO .....                                                                            | 8   |
| À Espera dos Bárbaros .....                                                                       | 14  |
| <br><b>CAPÍTULO I - UMA CORTE NA MATA TROPICAL (1808/1830)</b>                                    |     |
| 1.1 - Bárbaros São os Outros .....                                                                | 15  |
| 1.2 - “Luz e Ordem”. O IHGB e uma História para o Brasil .....                                    | 22  |
| 1.3 - A Civilidade Vem da Corte .....                                                             | 34  |
| 1.4 - Intimidades Senhoriais x Externalidades Cortesãs .....                                      | 48  |
| 1.5 - Ordem Senhorial x Ordem Cortesã .....                                                       | 52  |
| <br><b>CAPÍTULO II - “METER EM POLÍCIA UMA NAÇÃO É O MESMO QUE CIVILIZÁ-LA<br/>E URBANIZÁ-LA”</b> |     |
| 2.1 - Polícia (Polir, Assear, Adornar) .....                                                      | 58  |
| 2.2 - A Materialização da Ordem .....                                                             | 70  |
| 2.3 - Os Manuais de Civilidade .....                                                              | 75  |
| 2.4 - “O Que Vagueia, Vagabundo” .....                                                            | 91  |
| 2.5 - Ordem Urbana. Ordem Nacional .....                                                          | 102 |
| <br><b>CAPÍTULO III - ONDE A CIDADE E A CORTE NÃO SE CONFUNDEM</b>                                |     |
| 3.1 - O Afidalgamento da Sociedade Carioca .....                                                  | 108 |
| 3.2 - Etiqueta É (e) Política .....                                                               | 120 |
| 3.3 - Império: a Manutenção da Ordem e a Difusão da Civilização .....                             | 124 |
| <br><b>ENTREATO</b>                                                                               |     |
| Teatro: Escola de Costumes e Cidadania .....                                                      | 141 |
| Em Cena com Martins Pena .....                                                                    | 145 |



#### **CAPÍTULO IV - CENAS PRIMORDIAIS. IMAGENS DA CIDADE**

|                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.1 - O Corpo do País .....                                               | 149 |
| 4.2 - O Corpo da Cidade .....                                             | 153 |
| 4.3 - A Crônica e os Passeios pela Cidade .....                           | 165 |
| 4.4 - Vozes da Cidade .....                                               | 175 |
| 4.5 - E o Narrador-Cronista Invade o Romance .....                        | 178 |
| 4.6 - O Romance Urbano .....                                              | 192 |
| 4.7 - A Força da Natureza. Uma Inflexão na Trajetória para a Cidade ..... | 201 |
| 4.8 - Canaãs ou Sertões? .....                                            | 206 |

#### **CAPÍTULO V - O MUNDO COMO FOLHETIM: NA SELVA DAS CIDADES**

|                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| 5.1 - Mistérios de Paris .....                                          | 210 |
| 5.2 - "Guerra ao Olho" .....                                            | 221 |
| 5.3 - Saber Ver .....                                                   | 224 |
| 5.4 - De Fisiognomonía, Rostos e Aparências .....                       | 229 |
| 5.5 - A Aparência na Cidade: "a Expressão Está na Rua" .....            | 237 |
| 5.6 - Selvagens na Cidade .....                                         | 244 |
| 5.7 - Mistérios da Cidade: "o Que Não se Deixa Ler" .....               | 252 |
| 5.8 - "Detectar: Revelar, Tornar Perceptível ao Mundo ou à Vista" ..... | 259 |
| 5.9 - Treinando a Mão para o Romance Policial .....                     | 264 |
| 5.10 - Não Perca o Próximo Capítulo: o Romance Policial .....           | 272 |
| 5.11 - Romance Policial: o Detetive e a Cidade Opaca .....              | 274 |
| 5.12 - À Procura do Criminoso Nato .....                                | 280 |
| 5.13 - Estabelecendo a Identidade .....                                 | 286 |

## **CAPÍTULO VI - "MISTÉRIOS DO RIO"**

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| 6.1 - Desordem Urbana .....                                                 | 289 |
| 6.2 - De Folhetins, de Romances, de Moral e da Cidade .....                 | 299 |
| 6.3 - O Mel e o Fel da Cidade .....                                         | 305 |
| 6.4 - Arqueologia de uma Cidade .....                                       | 322 |
| 6.5 - "Na Cidade do Punhal e da Gazua" .....                                | 324 |
| 6.6 - Quando a Polícia Vai à Biblioteca Nacional .....                      | 335 |
| 6.7 - ... E os Homens Não São Iguais .....                                  | 341 |
| 6.8 - Da "Degeneração" à "Regeneração". A Intelectualidade da Polícia ..... | 349 |
| 6.9 - Tal Cidade, Qual Polícia .....                                        | 360 |

## **QUASE-CONCLUSÃO - O DETETIVE E O URBANISTA: AMAR E DETESTAR**

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| A CIDADE .....                             | 370 |
| A Cena Obs-Cena .....                      | 373 |
| De Higienismo .....                        | 378 |
| De Urbanismo: 1 - O Caso Europeu .....     | 381 |
| 2 - O Caso Brasileiro .....                | 384 |
| Rio Anos 20. O Urbano Fora do Lugar? ..... | 395 |

## **CONCLUSÃO - O URBANISMO E O CONFORTO: URBANISMO É CONFORTO .....**

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

|                                               |     |
|-----------------------------------------------|-----|
| 1.1 - Obras de Referência .....               | 407 |
| 1.2 - Obras de Literatura .....               | 415 |
| 1.3 - Artigos .....                           | 417 |
| 2 - Monografias .....                         | 420 |
| 3 - Teses .....                               | 422 |
| 4 - Fontes: 4.1 - Documentação Impressa ..... | 424 |
| 4.2 - Documentação Manuscrita .....           | 426 |
| 5 - Periódicos .....                          | 427 |

## AQUELE ABRAÇO

Vou aproveitar esse espaço tradicional de agradecimentos para abraçar os amigos.

Amigos, amigos, negócios à partel, diz o ditado popular. Mas, nesse meu negócio, que vou desfiar nas muitas páginas que se seguirão, meus amigos — pelo menos eu os considero — são meus sócios.

Gostaria, então, de desfrutar dessa “Cia. Ilimitada”, dessa sociedade meio familiar, para abraçá-los. Aí, então, aquele abraço para:

- **Mariana**, que me emprestou ouvidos, esticou a paciência, ralou nas revisões, caminhou no Aterro aturando as minhas arengas, tudo isso *sin perder la ternura*. Nana, meu apreço... que não tem preço. *Love*.
- **Julinha e Laurinha**, filhas queridas... e lindas!
- **Família Pechman, Frida, Sergio, Teminha, Farani e Luísa**; perpetuando o nome.
- **Stela Sousa**, ajuda na hora “H” e estímulo.
- Velhos amigos: os **Doctors**, os **Levy’s**, os **Zalt’s**, os **Gotlieb’s**, pelas muitas viagens que ainda faremos e pela “Cia. Ilimitada” que somos.
- **Lulu Correa do Lago**, pela enorme generosidade.
- **Claudia Buccia**, por decifrar meus garranchos.
- **Maria de Lourdes S. Lima**, pelo apoio na revisão dos capítulos.
- **Airtoca**, pela enorme “quebração de galho na hora do sufoco”.
- **Marisa Carpintéro**, pelo abrigo e hospitalidade em Campinas.
- **Jô**, pela alegria e os bons licores.
- **Claudio Marques**, pelo controle de qualidade e revisão final.
- **Stella Bresciani**, pelo respeito intelectual e pela amizade.

**Dedico essa tese a Teminha, “raiz forte”.**

## QUASE - INTRODUÇÃO

Caiu-me às mãos, no já distante ano de 1983, um pequeno livro que iria mudar o rumo de minha vida. Não, não fui acometido de nenhuma ascese mística e nem ao menos me vi impelido a percorrer o caminho de Santiago de Compostela a pé. Para mim, o tal livrinho fora muito mais importante que essas experiências. Sou daqueles, talvez por “defeito de fabricação”, a quem os livros desequilibram, produzem abismos, causam estragos, torcem a vontade, bagunçam a vida, desnorteiam o Norte, enfim, mudam o rumo da vida.

Não foi nenhum clássico que me atropelou, muito menos algum complexo tratado de Filosofia, foi, de fato, um livrinho — pelo seu tamanho — mas que, apesar de pequeno, carregava consigo alguns segredos vitais para alguém como eu que à época me lançava entusiasticamente pelos “estudos urbanos” e contava desvendar os enigmas da cidade. A descoberta dos enigmas da sociedade já havia me transtornado a cabeça e embrulhado o estômago e, naquele momento, eu estava diante de uma realidade semovente: a Cidade do Rio de Janeiro — objeto de minha tese de Mestrado na área de Planejamento Urbano — que, de tanto se transformar, causava-me dor nas tripas e, porque não dizê-lo, no coração.

Quando descobri que a cidade da minha infância e, mais ainda, que uma cidade que eu nem conhecera, mas que as fotografias e a iconografia mostravam que existiu e da qual só pude guardar uma espécie de sensação — um pouco como a lembrança de um perfume — haviam desaparecido, foi a gota d’água. Descobri, então, que não era eu que havia escolhido a cidade como tema, mas ela que me escolhera como mais um figurante de seu samba-enredo.

Desde então, comecei a viver uma lamentável obsessão, que era a de andar pelas ruas à procura de resquícios do que a cidade fora no seu e no meu passado. Mas, mais do que procurar por objetos arqueológicos, eu procurava por pequenos enredos de minha e de outras existências. E o que era derradeiramente angustiante era que, às minhas perguntas, a cidade respondia com o nada de uma coisa que não existe mais. Não era propriamente um silêncio, era algo como um rumor de uma coisa que passou e deixou rastros como uma daquelas estrelas que morreu há milhões de anos atrás e só agora nos chega a notícia de sua luz. Não se tratava, pois, na minha *flanêrie* pela cidade, de uma expedição arqueológica, mas de uma aventura sentimental um pouco *a la* Carlos Heitor Cony no seu livro *Quase-Memória*. Ingrata cidade que, às minhas “quase-perguntas”,

respondia com o pó de respostas que haviam sido respostas de outras perguntas do passado.

Mas, eu falava de um “livrinho” que no curso desses meus delírios urbanos me arrebatou. E por que um livro, mais do que outros, chacoalha nossa vida? Isso a gente nunca saberá. O tal se “encosta” na gente, entra sem pedir licença e fica lá morando cheio de regalias como se um rei fora. Pouco importa o porquê de certas coisas entrarem no nosso organismo por via endovenosa e o impregnarem, e outras, que apenas deglutidas, serem excretadas. Pouco importa isso. Interessa-me aquilo que ficou e que, mesmo sem o sabermos, serve de alimento ao espírito.

Pois bem, estou tratando justamente de um desses que ficaram. Mas, por que ficou? Tomo-o às mãos pela milésima vez, miro-o, acho-o “mixuruca” (edição barata, as folhas se descolam todas), seu formato é insignificante, ele é mesmo feio diante dos atuais livros que só de tocar já dão prazer. Qual é o charme, então, de um livro assim?

Para mim, seu maior encanto é o fato dele conter nele próprio a essência de uma época — o século XIX — crucial para aqueles que querem entender o processo de formação da cidade e da sociedade moderna. Baudelaire, Victor Hugo, Eugène Sue, Charles Dickens, as multidões famintas e desesperançadas, o *bas-fond* das grandes capitais, a empáfia dos novos ricos, a utopia revolucionária, a rua de todas as faunas e tribos e, principalmente, a **Política** com P maiúsculo desfilam pelo livro. Eu, por política com p minúsculo, me interesso muito pouco, já que a vejo como politiquice. Já a Política, aquela que derivou da *pólis*, me encanta. E é disso que me parece tratar o livro que tomo como mote, para mostrar minha trajetória até chegar a essa Introdução.

Esse, já agora recorrente pequeno livro, trata de Política, e o mais fascinante para mim, de **Política e cidade**; ou melhor, da Política na cidade; ou por outra, do processo de constituição da urbanidade pela Política, que eu traduzo como o processo de formação de uma **sociabilidade urbana**.

Ufa! Falei tudo isso só para dizer o quanto o tal do livro foi importante na definição do tema desta minha tese. Para ser mais explícito, a minha pergunta, a que detonou todo o processo de elaboração da tese, a mais primária, a mais elementar de todas era a seguinte: como se constitui a sociabilidade urbana e o que a sustenta? Ou por outra, como se estrutura uma ordem urbana que faz com que a cidade sobreviva à própria cidade?

Para examinar o processo de constituição de uma sociabilidade urbana propriamente dita, tive a sensação que deveria começar examinando um momento anterior em que essa sociabilidade não era dada pela cidade, nem tampouco ela era urbana. Vi-me, então, numa cidade que era uma ilha de brancos cercada de escravos por todos os lados e no centro dessa ilha uma **corte** com rei

européu e tudo. Que contraste fascinante! Uma corte numa cidade movida a braço escravo. O que era aquilo? Três dinâmicas se revelavam a meus olhos incautos: a sociabilidade negra que se aproveitava dos interstícios da cidade; a sociabilidade de uma coisa que se assemelhava a uma “pequena burguesia” urbana e que se nutria da vida das ruas e da vizinhança, das casas de porta e janela, e dos sobrados; e a sociabilidade da corte que auria seu fascínio dos círculos fechados da “nobreza”.

Deparei-me, então, com um fenômeno intrigante: o de uma corte numa colônia sem nenhuma cortesia e totalmente desconectada do circuito ocidental de civilização e de civilidade. Tratava-se de uma sociedade tangida pelo chicote do feitor e governada pelas ácidas, ásperas e truculentas “Ordenações Filipinas” que espremia seus membros entre a pena de morte e o exílio. Sobre tal realidade, o rei com sua corte estenderia um manto de veludo “enobrecendo” nossa crua rudeza colonial.

Numa sociedade estreitamente vigiada e numa cidade cercada pela mata tropical e invadida por uma classe de “pequenos-tudo”, aquela “escumalha” das ruas, “quase-vagabundos” que apenas sobreviviam da cidade, em tal sociedade o Rei D. João VI desembarcou com seu séquito de nobres, seus livros, suas carruagens, seus cetins, suas delicadezas, seus Manuais de Civilidade e, principalmente, seu projeto de constituir em terras cariocas a capital do Império português. Não era pouca coisa para aquela cidadezinha de 50 mil habitantes, com não mais que vinte ruas! Diante de tal hercúleo empreendimento e, mesmo, para que ele vingasse era preciso, antes de tudo, reenquadrar aquela sociedade, redefinir suas formas de sociabilidade e reinscrever as existências que lhe davam vida num outro *script* que lhes apontasse um novo destino.

Estetizar o cotidiano, impor uma ordem minuciosa que regulasse todas as esferas da existência e forjar o **decoro público** se tornou o projeto civilizatório daquela corte que, da noite para o dia, espanou o brilho dos pirilampos da mata tropical, substituindo-o pelo luzir de seus oiros e de suas sedas.

Polir, assear, adornar, em vez de castigar e expulsar, era o novo caminho da submissão dos súditos de uma sociedade que experimentava as “doçuras” da civilidade. Assim, a linguagem do carrasco (pena de morte, mutilação, tortura, confisco, exílio) vai sendo substituída pela linguagem dos novos arautos da ordem — a Intendência Geral de Polícia — (razão, prevenção, civilização, moralidade pública).

Constituíam-se uma nova ordem social que, apesar de não abrir mão do chicote, se distanciava daquela imposta pelas Ordenações Filipinas e que, apesar de pregar a civilidade, ainda não era uma ordem urbana, era uma ordem cortesã, estimuladora da boa moral e da doçura dos costumes

e, como tal, não se nutria da cidade. Dela depreendemos, dessa ordem e de seu projeto de civilidade que é, verdadeiramente, um projeto de poder e um estilo de dominação. A partir da imposição dessa ordem cortesã à capital do Império, se irradia para todo o país o ideário da unidade e da civilização. A cidade sem ser ainda urbana, mas sendo cortesã, potencializava a rearticulação do sistema escravista em âmbito nacional através da garantia da *pax* na corte. E na medida em que o Rio de Janeiro se tornava politicamente hegemônico, sua condição de corte se potencializava, ressaltando não a importância da cidade como estrutura urbana, mas a da corte como lugar da política. Apesar da cidade, é no “sistema de corte” que se joga o futuro do Império.

Mas, depois dos turbulentos anos entre 1830 e 1840, parece ser que o Império não corre mais o risco de se fragmentar, e o olhar daqueles que constituíram (depois da Independência) o **corpo** do país e “descobriram” a paisagem nacional se desvia das cenas primordiais da constituição da Nação para repousar numa nova “paisagem” que se constituía: **a paisagem urbana**.

É pela crônica impressa nos jornais que a cidade vai ser, pela primeira vez, representada. Não se trata mais de “viagens” pelo país para conhecer sua história, sua geografia, sua gente, seus costumes, com o fito de dar legitimidade à idéia de unidade nacional; trata-se agora de “passeios” pela cidade e da descoberta da sociabilidade urbana. Mas, se o cronista apenas passeia pela cidade é porque ele está adestrando a mão para o **romance**. É o romance urbano que tematiza verdadeiramente a cidade e, ao fazê-lo, se transforma numa espécie de instrumento de descoberta e interpretação da realidade. O romance desvenda, principalmente, uma nova dinâmica social, cujo eixo deixa de girar em torno das relações de **cortesia** e passa a se apoiar na urbanidade. Sua grande descoberta é a rua, a multidão e a polifonia de vozes da cidade. O romance dá voz e vez à cidade.

Antes de ser romance, porém, o romance foi **folhetim** (romance em “fatias”) que se regalou fartamente dos dramas urbanos, principalmente na sua matriz européia que começava a se industrializar e cuspir nas ruas os subprodutos de suas máquinas: homens destituídos de tudo e que, sem mais esperanças, afundavam nos subterrâneos da cidade, embrenhando-se pela criminalidade como uma tentativa de garantir o seu quinhão da cidade; a cêdea de pão que lhes asseguraria, por mais um dia, o direito à vida.

O folhetim tem uma moral: ele organiza o mundo em pólos antitéticos e estabelece as fronteiras entre o **bem** e o **mal**. Mas, sua principal virtude é descobrir os “selvagens” da cidade; é dar cara, corpo e voz às “classes perigosas”.

Pelo folhetim, desdobrando-se no romance, a sociedade descobre horrorizada o **outro** do civilizado e se dá conta que o inimigo não está mais do lado de fora das muralhas da cidade (aliás, as cidades nem têm mais muralhas), mas que convive lado a lado com o cidadão. Para se proteger do perigo é preciso aprender a ver, reconhecer na rua a expressão do “homem perigoso”, identificar a fisionomia do “criminoso nato”.

O romance policial, expressão da ansiedade em relação à identidade do outro que desponta como uma forma de literatura, nasce, então, como uma metáfora do desejo de identificação do outro na grande metrópole, aonde se mergulha no anonimato da multidão. Na esteira das preocupações com a identidade e a identificação do outro nasce a Antropologia Criminal que acredita poder identificar o “criminoso nato”, criando, com isso, uma política de prevenção dos desvios sociais e de controle da criminalidade.

Mas não só a Europa industrializada teve seus “selvagens” urbanos. Nós, cá nos trópicos, também sorvemos o fel da cidade. Também descobrimos nossos inimigos internos, também lançamos nossos “secretas” no seu encalço.

Era preciso conter a “degeneração”, fonte de toda a criminalidade e desvio que impedia que o povo brasileiro se formasse. Unindo-se em torno do nacionalismo, os intelectuais procuraram de diferentes maneiras construir um diagnóstico do país, mas não só isso: achavam, também, que tinham a solução para seu processo degenerativo. Armados da **razão** e da **ciência**, acreditavam que poderiam regenerar o povo e fazer da cidade o fundamento de seu projeto cosmopolita, ou melhor, de seu projeto de ocidentalização. Para tanto, era preciso enquadrar não só a população como a própria cidade. Da população cuidou a **polícia**, com suas concepções “científicas” sobre os “desviantes”; da cidade cuidaria o **Urbanismo**.

Numa sociedade que não reconhecia a **questão social**, o Urbanismo não teve o mesmo papel reformador que experimentou na Europa e nos Estados Unidos, abrindo caminho para os excluídos do direito à cidade. No Brasil, o Urbanismo fugiu à política e se travestiu de pura **técnica** de controle dos problemas produzidos pela “disfunção” urbana. Entre nós, o Urbanismo emudeceu a cidade e se revestiu de uma forma de dominação, fundada exclusivamente na técnica. Mas, de onde vem a força do discurso urbanista? Sua força vem de sua capacidade de requalificar a cidade, transformando-a num espaço abstrato, um não-território. A “virtude” maior do Urbanismo é, pois, a de criar **modelos** abstratos, o que unicamente pode ser uma cidade, o que unicamente “deve” ser uma cidade. Com isso, a cidade fica **reduzida** a seus aspectos técnicos de funcionamento e sua densidade histórica é anulada.



Ao reduzir a cidade real a uma estrutura técnica, o Urbanismo abre espaço à introdução do **conforto** na cidade, isto é, a uma política urbana de domesticação da população a partir da articulação dos equipamentos urbanos (água, calor, luz, gás, etc.) com o sistema de moradia. Com o conforto, a simples moradia se transforma num *habitat*, levando à possibilidade de satisfação corporal das necessidades básicas exigidas pela vida urbana. Com o conforto, se propaga um modo de vida que comporta suficientes atrações materiais, pois o conforto é um processo de invasão ao qual não se pode resistir.

A requalificação da cidade que o Urbanismo protagoniza faz do conforto uma metáfora da nova civilização urbana. O papel domesticador do conforto ressalta o novo modo de socialização imposto pelo Urbanismo que, contraditoriamente, se processa no sentido de operar o desmanchamento da própria noção de cidade como *pólis*, lugar por excelência da política. Mais adiante que isso não fui, porque significaria encarar o Urbanismo de frente, e eu, como apaixonado pela cidade, não tenho estômago para fazê-lo...\*

Ih!, outro detalhe inevitável: a Stella foi a orientadora na minha travessia entre a cidade e a Política.

---

\* N.B. — Comecei essa minha “Quase-Introdução” falando de um livro que me inspirou, de como ele faz sua trajetória entre a cidade e a política, e me dou conta que faço essa mesma coisa nesta Introdução e, porque não confessá-lo, na tese. Éta livro danado pra deixar marcas!  
Ah!, ia me esquecendo um detalhe, o nome do livro: Bresciani, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1982.

## À Espera dos Bárbaros

Constantino Cavafis,  
in Cândido, Antônio.  
*O Discurso e a Cidade.*

O que esperamos no Ágora reunidos?  
É que os bárbaros chegam hoje.

Por que tanta apatia no Senado?  
Os senadores não legislam mais?  
É que os bárbaros chegam hoje.

Que leis hão de fazer os senadores?  
Os bárbaros que chegam as farão.

Por que o Imperador se ergueu tão cedo  
E de coroa solene se assentou  
Em seu trono, à porta magna da cidade?  
É que os bárbaros chegam hoje.  
O nosso Imperador conta saudar  
O chefe deles. Tem pronto para dar-lhes  
Um pergaminho no qual estão escritos  
Muitos nomes e títulos.

Por que hoje dois cônsules e os pretores  
Usam togas de púrpura bordadas,  
E pulseiras com grandes ametistas,  
E anéis com tais brilhantes e esmeraldas?  
Por que hoje empunham bastões tão preciosos,  
De ouro e prata finamente cravejados?  
É que os bárbaros chegam hoje,  
Tais coisas os deslumbram.

Por que não vêm os dignos oradores  
Derramar o seu verbo como sempre?  
É que os bárbaros chegam hoje,  
E aborrecem arengas, eloquências.

Por que subitamente esta inquietude?  
(Que seriedade nas fisionomias!)  
Por que tão rápido as ruas se esvaziam  
E todos voltam para casa preocupados?  
Porque já é noite, os bárbaros não vêm.  
E a gente recém-chegada das fronteiras  
Diz que não há mais bárbaros.

Sem bárbaros o que será de nós?  
Ah! eles eram uma solução.

# CAPÍTULO I

## UMA CORTE NA MATA TROPICAL (1808/1830)

### 1.1 - Bárbaros São os Outros

A cidade espera os bárbaros angustiadamente, ansiosamente, mas eles não vêm. Um perigo ronda a cidade, uma ameaça paralisa o cotidiano. A civilização se “adapta” para receber (envolver) os bárbaros, mas eles não chegam. A espera do amanhecer sem os predicados civilizatórios empurra a cidade a anoitecer em todo o seu esplendor civilizado. À espera dos bárbaros a cidade é, mais do que nunca, cidade.

Mas, os bárbaros não vêm. E a cidade precisa dos bárbaros para ser cidade, para ser civilização (“Ah! eles eram uma solução”).

Batendo às portas da cidade, ameaçando de longe ou brotando das entranhas da sociedade, a figura do **bárbaro** é recorrente nas representações formuladas sobre a sociedade moderna em formação. Funcionando como um espelho no qual a sociedade dita civilizada se mira, a barbárie é percebida como tudo aquilo que está fora do mundo civilizado, mas que reflete inevitavelmente as imagens da própria civilidade. A civilização, portanto, não dispensa a barbárie; faz-lhe o parto, dá-lhe de comer e... deserda-a.

Sem a barbárie, a civilização não faz sentido. Uma dialética amarra ambas as representações, definindo as condições sociais de sua constituição, isto é, o processo de construção das representações sobre a civilidade é a contraface do processo de construção do imaginário sobre a barbárie.

Esta tese trata de **civilização e barbárie**. No entanto, civilização e barbárie não nos interessam apenas como fenômenos generalizantes. Estamos tomando as representações da civilização/barbárie como uma das imagens que deram fundamento a uma nova ordem social que se gestou num certo lugar, num determinado tempo. Para encurtar: vamos tratar do processo de ordenação e enquadramento da sociedade que se constituiu no Rio de Janeiro com a chegada da corte portuguesa e o seu desdobramento na gestação de uma sociedade moderna, fenômeno que supomos se estender pelo século XIX e se alongar até às três primeiras décadas do século XX.

Civilização e barbárie nos interessam, pois, como elementos cruciais no processo de formulação de imagens que deu legitimidade à moderna ordem urbana brasileira, e que se fundou no que talvez pudéssemos chamar de **pacto urbano**.

Nosso objeto é, pois, a cidade. A **cidade e a ordem**. A ordem derivada de um pacto, cujos limites são dados pelas representações da civilização e da barbárie.

A questão da barbárie foi tema recorrente nas representações elaboradas sobre o Brasil ao longo de todo o século XIX. Seja como uma das faces da cultura nacional,<sup>1</sup> seja como *leitmotiv* da literatura e crônica de viagem,<sup>2</sup> seja como objeto no debate sobre a formulação de uma história nacional<sup>3</sup> ou, mesmo, nas teses dos acadêmicos de Medicina.<sup>4</sup> A primeira vez que a sociedade brasileira teve que lidar com sua identidade, refletir sobre sua brasilidade, mirar no próprio umbigo, se assustou com a terrível imagem que formulou sobre si mesma: o Brasil como colônia, no seu longo isolamento do fluxo da cultura ocidental, se transformara numa espécie de ilha cercada de bugres e escravos por todos os lados. O Brasil era índio e negro. O Brasil era bárbaro!

Não bastassem negros e índios, as cidades brasileiras estavam infestadas de pobres, vadios, vagabundos, desclassificados e ociosos, de acordo com essa mesma percepção. Segundo o professor Luis dos Santos Vilhena, que andou por Salvador em finais do século XVIII, o Brasil era “a morada da pobreza, o berço da preguiça e o teatro dos vícios”.<sup>5</sup> Trinta anos antes de Vilhena, em 1768, o Marquês do Lavradio, então Governador e Capitão-General da Bahia, dizia do Brasil que “este país o achei com pouco mais adiantamento que lhe estabeleceu Pedro Álvares Cabral quando fez a descoberta desta conquista; o tempo tem nos polido muito pouco”.<sup>6</sup>

A partir de finais do século XVIII, um grupo de intelectuais brasileiros passa a se preocupar com a situação do país tanto no que diz respeito ao estado da população quanto às condições de desenvolvimento material, o estágio das **Ciências** e as perspectivas de **progresso**. Espelhando-se no ideário iluminista europeu e atentos às reformas pombalinas em Portugal, esses intelectuais,

---

1 Ver: Weinhardt, Marilene. “Barbárie: um Tema da Modernidade”, in *História: Questões e Debates*. Curitiba, PR, Associação Paranaense de História, jun./dez. 1991, ano 12, nº 22/23.

2 Ver: Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990.

3 Ver: Domingues, Heloísa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989.

4 Por exemplo, ver: Dias, João Duarte. *Hygiene Relativa às Diversas Condições Sociais*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Universal Laemmert, 1844.

5 Vilhena, Luis dos Santos. *A Bahia no Século XVIII*. Vol. 3, p. 914. Citado por Araújo, Emanuel. *O Teatro dos Vícios. Transgressão e Transigência na Sociedade Urbana Colonial*. RJ, José Olympio Ed., 1993, p. 22.

6 Marquês do Lavradio. *Cartas da Bahia*. (15/12/1768), p. 76. Citado por Araújo, Emanuel. *Op. cit.*, p. 21.

mesmo que distantes ainda de uma “consciência nacional”, não podiam deixar de notar que urgia se ocupar “dos problemas da sua terra e nela introduzir reformas”.<sup>7</sup> Muitos deles foram estudantes, em finais do século XVIII, em Coimbra, Montpellier, Edimburgo, Paris e Estrasburgo. Filhos da elite rural brasileira, todos procuravam “adaptar” os novos estudos científicos aos interesses materiais da elite colonial que vivia isolada do mundo. Assim, conforme Maria Odila da S. Dias,<sup>8</sup> esses estudantes ao regressarem ao Brasil procuraram fomentar e difundir os estudos naturais na colônia, até então tidos como suspeitos. Entusiastas de uma política de Estado “Ilustrada”, regida pela razão e estimuladora do progresso, eles acreditavam poder integrar o Brasil à cultura ocidental<sup>9</sup> através da ciência, que seria a base do diálogo entre as distintas civilizações em contato.

Procurando tornar conhecido, no Brasil, o estado do desenvolvimento científico europeu, nossos ilustrados intelectuais fundaram a revista *O Patriota*, que dividia suas páginas entre as Letras e as Ciências. A crença no poder da ciência e a expectativa de progresso que mobilizava esses homens os levaram, pela primeira vez, a formularem imagens do que pensavam ser a sociedade brasileira, concluindo sobre o seu atraso e ao mesmo tempo tentando imaginar o seu futuro.

Assim, em “Memória sobre o Descobrimento, População e Causas Notáveis da Capitania de Goiás”, publicado no *O Patriota* em 1814, seu autor, num rasgo de otimismo quanto ao futuro, perorava:

“Eu vejo reduzidos à sociedade civil tantos milhões de habitantes selvagens que nos rodeiam tomados em cidadãos úteis e laboriosos; vejo povoadas as margens de tantos rios navegáveis[...] vejo adiantadas as Artes e as Ciências promovendo a Indústria, anunciando o Comércio, penetrados os sertões e descobertas as suas preciosidades; vejo marchar de um passo igual a Agricultura e a Mineração, cobertas de rebanhos as campinas[...] crescerem as povoações; fundarem-se cidades[...]”<sup>10</sup>

Vinte anos depois e tendo já acontecido a Independência, o desejo de modernização e integração do país ao fluxo do progresso internacional não cessara. Várias tentativas de fundar sociedades científicas para divulgação do progresso foram esboçadas, sendo que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional foi das poucas que vingou. Essa Sociedade, de acordo com Maria Odila, encarnaria o ideal das luzes em sua plenitude e logo, em 1833, começa a publicar o periódico *Auxiliador da Indústria Nacional*, “que parece ser um elo entre o movimento da Ilustração e o nacionalismo do Império, ambos empenhados em tentar a modernização e **atualização** do Brasil

7 Dias, Maria Odila da S. “Aspectos da Ilustração no Brasil”, in *Revista do IHGB*. RJ, jan./mar.1968, vol. 278, p. 105.

8 *Id. ibid.*, p. 115.

9 *Id. ibid.*, p. 134. (Grifo meu).

10 Citado por *id. ibid.*, pp. 157, 158.

dentro do panorama da cultura ocidental”.<sup>11</sup>

O discurso do presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional no ato de sua fundação, transcrito no nº 1 da sua revista, é revelador da esperança dos intelectuais de superarem, pelas aplicações práticas da ciência, o hiato que, segundo sua percepção, nos distanciava da vida civilizada:

“Já fortes em teoria é tempo, senhores, de meditarmos os meios práticos para obter tudo que nos tão grande e tão visível falta. Este Império, que a natureza nos apresentava tão rústico, precisa dos ornatos da civilização; os tijupares de pindoba devem tornar-se elegantes e cômodas habitações; os matos embrenhados, em fazendas de uma cultura perfeita; os rios empecidos, em canais de franca navegação; as apenas praticáveis veredas, em fáceis e seguras estradas; os toscos teares, em máquinas perfeitíssimas, enfim, é do nosso dever, quanto esteja da nossa parte, enfeitar o que achamos gentil, é verdade, porém meio nu e desalinhado[...].”<sup>12</sup>

Curiosamente, os “ornatos de civilização”, tão necessários à obtenção de tudo o que fazia falta ao país para sua incorporação no âmbito das nações ocidentais, não dizia respeito ao desenvolvimento das cidades, mas às melhorias a serem implementadas na Agricultura, porque, conforme concepção da época, era através desta principal fonte de riquezas do país que se poderia pensar o Brasil como “Nação”, seja independente, seja fazendo parte de um Império transcontinental.

Diante do quadro de uma economia decadente (esgotamento das minas de ouro) e de uma “coletividade caótica, inculta e, em sua maior parte, iletrada[...] a idealização da Nação civilizada seria, assim, a contraface necessária da discussão agrícola que então se processava”.<sup>13</sup> A partir dessa perspectiva — Agricultura, Nação e Civilização — articulam-se numa representação do que deveria ser a imagem do país desejado. Temos aí um duplo movimento que, a partir da Agricultura, nos leva, por um lado, à tematização da Nação e, por outro, ao questionamento da “civilização”.

Embora o debate sobre o “processo civilizatório brasileiro” tenha prosperado e adentrado o século XIX, as experiências de implementação de uma “Agricultura Ilustrada” foram perdendo o entusiasmo frente à lógica econômica da Agricultura escravista. Mesmo com a derrota das

---

<sup>11</sup> Citado por Dias, Maria Odila da S. “Aspectos da Ilustração no Brasil”, in *Revista do IHGB*. RJ, jan./mar. 1968, vol. 278, p. 164. (Grifo meu).

<sup>12</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 165.

<sup>13</sup> Monteiro, Pedro M. *Luzes ao Campo, Luzes à Nação. O Discurso Ilustrado Sobre a Agricultura Brasileira no Período Pré-Independência e a Idealização da Nação Civilizada*. Monografia premiada no V Concurso de Monografias. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1994, ano 4, nº 5, p. 15.

concepções que estimulavam o desenvolvimento de uma Agricultura mais técnica e, apesar da persistência de métodos de cultivo que privilegiavam o uso da mão-de-obra escrava, os escritos que compunham o discurso ilustrado não têm menos importância, pois como já vimos, ao idealizarem a civilização agrícola, tematizam diretamente a existência da Nação e as perspectivas de seu futuro, ajudando a formular uma determinada consciência nacional.<sup>14</sup>

Nesse primeiro momento de discussão do “processo civilizatório brasileiro”, a idéia de civilização não se coloca ainda pelo seu viés característico da civilidade, do decoro, da *politesse* ou, mesmo, do da civilização do Estado.<sup>15</sup> Seu sentido é mais o do progresso científico e técnico no que diz respeito à principal fonte de riqueza brasileira: a **Agricultura**. A representação do que deveria ser o “processo civilizador brasileiro” funda-se, portanto, numa expectativa do desenvolvimento agrícola como base para constituição da Nação. A crença numa “Agricultura Ilustrada”<sup>16</sup> era o meio imaginado através do qual o país alcançaria o estágio civilizado. Nesse sentido, o “processo civilizatório brasileiro” pode ser entendido como a elevação das questões locais (de impasses ao desenvolvimento tecnológico e de diversificação da Agricultura) ao nível de questões nacionais, por meio das **luzes das Ciências**. De acordo com Pedro M. Monteiro, “a formação de uma ‘identidade nacional brasileira’, forjada nas mentes ilustradas desde antes da Independência, se inscreve num movimento global de nacionalização, quando os problemas locais eram repensados a partir do prisma da ‘Nação’”.<sup>17</sup> Pensar o Brasil naquela conjuntura significava superar a imagem de obscuridade e estado de ignorância atribuída à experiência da colonização, que teria se caracterizado pela “negligência e descuido que tem havido em se cultivar as Artes e as Ciências”.<sup>18</sup> Portanto, se no caso europeu o tema da **civilização** ia adquirindo características **sociais**, no caso brasileiro a questão da **civilização** levava a uma

14 Monteiro, Pedro M. *Luzes ao Campo, Luzes à Nação. O Discurso Ilustrado Sobre a Agricultura Brasileira no Período Pré-Independência e a Idealização da Nação Civilizada*. Monografia premiada no V Concurso de Monografias. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1994, ano 4, nº 5.

15 Em seu livro, Norbert Elias desenvolve a trajetória histórica de conceitos como *Civilization, Civilisé, Cultivé, Poli, Police*, no período de transição da sociedade de corte para a sociedade burguesa do século XVIII. No momento em que a concepção de civilização começa a ser discutida entre nós, em finais do século XVIII, na Europa ela já tinha evoluído: da idéia de encarnação da autoconsciência da corte (suavização das maneiras, urbanidade, polidez e decoro) para uma noção mais “social”, que incorporava tanto a idéia de uma oposição à barbárie quanto a idéia do processo de civilização do Estado, a Constituição, a Educação, a eliminação do que era básico e irracional nas condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impediam o desenvolvimento do Comércio. Elias, Norbert. *O Processo Civilizador*. RJ, Jorge Zahar Ed., 1994, 2 vols.

16 Monteiro, Pedro M. *Op. cit.*, p. 37.

17 *Id. ibid.*, p. 13.

18 “Ofício de Melo e Castro (Governador da Capitania de São Paulo) a D. Rodrigo de S. Coutinho”. (1800). Citado por *id. ibid.*, p. 39.

ponderação sobre a **questão nacional** que não coincidia, necessariamente, com o sentimento nacionalista tal como o conhecemos atualmente.

A identificação, entre nós, da existência da Nação relacionada à implantação de uma “Agricultura Ilustrada”, fez parte da elaboração de um “imaginário nacional”,<sup>19</sup> onde a idéia de Nação foi tomando sentido à medida que esta foi se materializando num conhecimento da terra sobre a qual se assentaria e que seria a base da sua riqueza, virtude e civilização. Não se trata, porém, de um chão qualquer, pois terras o país sempre as tivera e em excesso. Trata-se de um solo amanhado pelo “labor civilizatório”, fertilizado pela potência reprodutora das idéias ilustradas, que teriam o pendor de transformar uma enorme porção de terra bruta num espaço histórico, no chão civilizado de uma Nação. É a partir dessa perspectiva que se funda, em 1772, a Academia Científica do Rio de Janeiro, graças à qual se difundem as culturas do cacau, do café, do anil e da cochonila, e começam os levantamentos sistemáticos da flora brasileira. Essa mesma Academia seria responsável pela publicação, em Lisboa, de alguns tratados de história natural do Brasil, resultado do conhecimento que os sábios adquiriram no esforço de melhor conhecer o país.<sup>20</sup> Os cientistas brasileiros em suas constantes expedições ao interior do país, ainda no século XVIII, acabaram por produzir farta literatura de viagem, que devemos entender como um dos aspectos da “tomada de contato dos brasileiros com a realidade de sua terra”,<sup>21</sup> para a qual se voltavam com afincos na divulgação dos fatos e devassamento do seu interior. Fato expressivo dessa consciência da terra foi a publicação, em 1781, das *Geórgicas Brasileiras*, uma coleção de cantos sobre as coisas rústicas do Brasil e do *Discurso Sobre a Utilidade da Instituição de Jardins nas Principais Províncias do Brasil*, de autoria de Arruda Câmara, publicado em 1810.<sup>22</sup>

Segundo Maria Odila, o conhecimento do país propiciado pelas viagens dos cientistas mereceria ser analisado como “parte integrante do processo de formação de uma consciência nacional”.<sup>23</sup> Esse processo é tanto mais importante — principalmente na tentativa de dar à Nação uma identidade civilizada — quanto ele revela o esforço incessante a que a sociedade se entrega de elaboração de sua auto-imagem, de “invenção de suas representações globais como as idéias-imagens através das quais a sociedade se dá uma identidade, percebe suas divisões, legitima seu poder, elabora seus modelos formadores”.<sup>24</sup>

---

19 Santos, Afonso Carlos M. dos. “Memória, História, Nação: Propondo Questões”, in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, Ed. T.B., out./dez. 1986, n° 87, p. 6.

20 Dias, Maria Odila da S. “Aspectos da Ilustração no Brasil”, in *Revista do IHGB*. RJ, jan./mar. 1968, vol. 278, pp. 114 e ss.

21 *Id. ibid.*, p. 129.

22 Ver: *id. ibid.*, p. 161.

23 Ver: *id. ibid.*, p. 161.

24 Baczkó, Bronislaw. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et Espoir Collectifs*. Paris, Éd. Payot, 1984, p. 8.



Se, de acordo com Baczko, todo poder e, especialmente, o poder político, se cerca de representações coletivas e, para ele, o domínio do imaginário e do simbólico é um lugar estratégico de importância capital,<sup>25</sup> me parece que podemos ler o processo de formulação da imagem do Brasil como Nação civilizada como o de uma imagem fundadora de uma “realidade nacional”. Nesse sentido, tanto a imagem de uma geografia — espaço nacional — (que vai se materializando sob os pés dos cientistas em excursão pelo interior do país) quanto a imagem da política (como lugar do agrupamento e acomodação dos elementos heterogêneos em torno de uma identidade comum<sup>26</sup>) concorrem para conferir sentido à imagem de um Brasil-Nação e, porque Nação, civilizado. Essa “redescoberta” do Brasil no século XVIII como “Nação”<sup>27</sup> (país que se civiliza), embora não como nacionalidade, foi importante no sentido de possibilitar a elaboração de múltiplas representações que, ao longo de todo o século XIX e parte do século XX, serão uma referência a conferir significados à identidade nacional.

Na medida em que a civilidade é atribuída àqueles países que atingiram o grau de “Nação”, tudo aquilo que não se enquadra nesses parâmetros passa a ser considerado como “não-civilizado”. Não é de se estranhar, pois, que esse segundo “descobrimento” do Brasil leve, já no início do século XIX, à formação de uma **historiografia brasileira**, onde o **nacional** é tomado como uma “raiz epistêmica”.<sup>28</sup> Legitimando-se como objeto da história brasileira, o nacional é projetado no passado e se torna um referencial fundamental para a própria pesquisa histórica.<sup>29</sup> Incorporando o nacional como fundamento e objeto de análise, a historiografia brasileira do século XIX forja as bases sobre as quais o projeto de civilização para o país iria ser debatido. História, Nação e Civilização se aproximam perigosamente.

É a imaginação social em ação!

25 Baczko, Bronislaw. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et Espoir Collectifs*. Paris, Éd. Payot, 1984, pp. 12, 13.

26 No livro *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Cornelius Castoriadis considera que a história é impossível e inconcebível fora da “imaginação produtiva” ou “criadora”. Ao tratar do papel das significações imaginárias, observa que a “Nação” preenche uma função de identificação por uma referência triplicemente imaginária a uma história que se pretende “comum”; triplicemente porque esta história é só passado, porque não é tão comum, porque, enfim, o que dela é sabido e serve de suporte a esta identificação coletivizante na consciência das pessoas é mítico em sua maior parte”. Ver: Santos, Afonso Carlos M. dos. “Memória, História, Nação: Propondo Questões”, in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, Ed. T.B., out./dez. 1986, nº 87, pp. 10, 11.

27 “A idéia de Nação no século XIX ganhava contornos bastante precisos. Antes, a palavra nação se referia à cultura dos povos, seus usos, seus costumes, sua ordem social[...]” Ver: Domingues, Heloísa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989, p. 54.

28 Santos, Afonso Carlos M. dos. *Op. cit.*, p. 11. (Grifos meus).

29 Ver: *id. loc. cit.*

## 1.2 - “Luz e Ordem”. O IHGB e uma História para o Brasil

Os anos 30 e 40 do século XIX foram especialmente difíceis na vida política brasileira, pois assinalam o fim das Regências e a Decretação da Maioridade de D. Pedro II, que redundaria na centralização do poder. Antes que o poder central se consolidasse, porém, o país experimentou grave instabilidade política que levou a inúmeras revoltas que pontuaram essas duas décadas.<sup>30</sup> Portanto, é compreensível que, quando da comemoração em 1840 do segundo ano de existência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Cônego Januário da Cunha Barbosa, 1º Secretário da instituição, tenha proferido eloquente discurso, assinalando que o Instituto deveria ser “a luz a retirar a história brasileira de seu escuro caos, superando uma época percebida e vivida como necessitada de **luz e ordem**”.<sup>31</sup>

Significativamente, o Cônego-Secretário do IHGB confunde em seu discurso a **história** com o **passado**. Preocupado em dar uma identidade ao país, resultado do desvendamento do “verdadeiro caráter nacional”,<sup>32</sup> ele como que nega a existência de uma história anterior àquela que o IHGB começava a escrever e propõe um **passado**, onde sempre existira o caráter nacional, cabendo ao Instituto a missão de revelá-lo. Acreditando ser o Instituto a única e legítima instituição capacitada a escrever a história do Brasil, o Secretário do IHGB na ânsia de “[...]despertar no espírito de nossa juventude o nobre sentimento de amor à Pátria, que torna o cidadão capaz dos maiores sacrifícios e o eleva acima dos cálculos mesquinhos do interesse individual”,<sup>33</sup> faz da representação que o Instituto tem do **passado nacional** — História — querendo fazer crer que o sentimento de nacionalidade sempre estivera presente no passado brasileiro. Nesse sentido, a imagem formulada pelo Cônego Januário, relativa à necessidade de iluminar e ordenar o passado brasileiro, é rica em elementos que assinalam o surgimento de uma historiografia brasileira e, também, de uma reflexão sobre a Nação. Primeiro, porque ela atribui ao Instituto o papel de salvaguarda da história brasileira, na medida em que será o Instituto que retirará o passado brasileiro do caos, isto é, de uma indefinição quanto à sua identidade. Segundo, porque a “necessidade de luz” apontava para a necessidade de um saber específico — baseado numa

---

<sup>30</sup> Na década de 1830/40, inúmeras revoltas sacudiram o país como a dos Cabanos, no Pará (1833/1836); a dos Farrapos, no Rio Grande do Sul (1834/1845); a da Balaiada, no Maranhão (1833/1841); a da Sabinada, na Bahia (1837/1840); a da Praieira, em Pernambuco (1848/1851); e mais uns outros tantos levantes populares e de escravos. Ver: Domingues, Heloísa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989, pp. 13, 14.

<sup>31</sup> Citado por Guimarães, Manoel L. Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o Projeto de uma História Nacional”, in *Estudos Históricos*. RJ, Ed. Revista dos Tribunais Ltda., nº 1, 1988, p. 13. (Grifo meu).

<sup>32</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 13.

<sup>33</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 14.

história fundada no nacional como episteme — que iluminasse o passado obscuro. Terceiro, porque a “necessidade de ordem” dizia respeito aos conflitos internos que o país atravessava e sua não-superação poderia levar à derrocada do projeto nacional e, portanto, interromper a marcha do desenvolvimento histórico, mergulhando o país no caos. Assim, a partir do país ordenado, poder-se-ia recolocar a história nacional na trilha da civilização, trajetória da qual fora desviada devido à exploração colonial do passado e aos conflitos políticos do presente e almejar um futuro de “luz e ordem”.

Partindo de quem partia, do porta-voz de uma instituição que nascera com a pretensão de ser a parteira da história nacional e reconhecida pelo Estado Imperial como a responsável pela elaboração da **história oficial** do país, a metáfora sobre a história brasileira era prenhe de significados que, pode-se concluir: relacionavam **luz** à razão e ao saber histórico, e **ordem** ao controle político e social e à legitimidade.

Não é por acaso, portanto, que o nascimento do IHGB coincida com o momento de crise do Estado e a tentativa de consolidação do seu poder através do esforço de centralização política. Frente ao perigo de desintegração política, a História era mobilizada para elaborar um discurso nacional que corporificasse o vasto país carente de delimitações. Neste caso, unificar a Nação significava a construção de falas e discursos que se pretendiam únicos. É, portanto, no interior desse processo de consolidação do Estado nacional que ganha força um programa de sistematização da história.<sup>34</sup> Era, por conseguinte, prioridade do IHGB elaborar uma história nacional.<sup>35</sup> Desta forma, a missão do historiador se definia por “despertar o amor à Pátria, a coragem, a constância, a fidelidade, a prudência; em *synthese*, todas as virtudes cívicas”.<sup>36</sup> O Instituto toma a feição de “um estabelecimento que sempre pretendeu elaborar uma produção unificadora em termos nacionais e estreitamente vinculada à interpretação oficial, seja ela qual fosse”.<sup>37</sup>

Ao projeto de centralização nacional idealizado pelo Instituto, somava-se a definição da Nação brasileira como “representante das idéias civilizadas no interior do Novo Mundo”.<sup>38</sup> Na visão do IHGB, dar ao país uma história significava colocá-lo na marcha contínua da civilização, isto é,

<sup>34</sup> Schwarcz, Lília K. M. *Os Institutos Históricos-Geográficos Brasileiros: “os Guardiões de nossa História Oficial”*. (1830/1930). Caxambu, MG, XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989, p. 3, xerox.

<sup>35</sup> Segundo Lília Schwarcz, no conjunto de artigos escritos para a revista do Instituto, entre 1838 e 1983, quase a metade de todo material publicado são artigos sobre história. *Id. ibid.*, p. 30, xerox.

<sup>36</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 28, xerox.

<sup>37</sup> *Id. ibid.*, p. 22, xerox.

<sup>38</sup> *Id. ibid.*, p. 32, xerox.

uma marcha contínua de aprimoramento cultural, cuja origem se situava num tempo primitivo.<sup>39</sup> Essa perspectiva do IHGB é confirmada e legitimada pelo Instituto Histórico da França que lhe serviu de modelo e inspiração. Em carta enviada ao IHGB, em 1839, um importante membro do Instituto francês admite que “[...]o Brasil começa a sentir toda a sua importância e deseja ter parte no grande movimento que impele a humanidade a um brilhante futuro, querendo ocupar o lugar que lhe convém em meio às grandes nações”.<sup>40</sup>

A história brasileira nasce, portanto, duplamente compromissada: com a Nação (a história como “biografia da Nação”) e com os ideais iluministas de aperfeiçoamento da civilização, ou caso se queira, com **o nacional** e com **o universal** ao mesmo tempo.

Compreender essa dinâmica é condição fundamental para se entender todo o processo daquilo que ficou equivocadamente chamado de “idéias fora do lugar”, utilizado para explicar o processo de “importação”, “absorção” ou “tradução” de idéias européias no Brasil. A correta interpretação dessa articulação entre o nacional e o universal como uma característica de época, onde, apesar da noção de “Nação”, a questão nacional não havia se constituído ainda enquanto objeto nem de análise, nem de ação, muito nos ajudará a compreender esse aspecto da sociedade brasileira em formação durante o século XIX.

A definição do “nacional” como fundamento a partir do qual se poderia reconstituir a história brasileira “pressupõe que há um campo epistemológico previamente demarcado a partir da ‘Nação’, tomada enquanto dado ahistórico. A Nação, nessa perspectiva, é percebida como algo que existiu sempre ou cuja origem já era latente, num passado que se pretende remoto”.<sup>41</sup>

O IHGB não esteve apenas na linha de frente de formulação de um projeto de história para o país; é ali, também, que **o nacional** é inventado como matriz epistêmica da história brasileira. Faz sentido, então, e não é nenhuma coincidência, a criação na mesma época de inúmeras instituições de caráter nacional como aquelas ligadas à constituição da memória e da preservação da história nacional: o Arquivo Público (1838) e o Museu Imperial (1842), respectivamente. A criação dessas instituições se dá, paralelamente, à fundação do Colégio D. Pedro II (1837) que visava educar (formar) os filhos da elite nacional, e à reestruturação da Escola Nacional de Belas-Artes (1842) que figurava como o lugar de produção de uma arte nacional, ou seja, de uma “estética brasileira” que privilegiava os temas nacionais. Todas essas instituições, em suma, a exemplo do

---

<sup>39</sup> Domingues, Heloisa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFRJ, 1989, pp. 26-30.

<sup>40</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 25.

<sup>41</sup> Santos, Afonso Carlos M. dos. “Memória, História, Nação: Propondo Questões”, in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, Ed. T.B., out./dez. 1986, n° 87, p. 9.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, estão envolvidas no projeto de criação de uma imagem do Brasil que deveria servir de suporte para um discurso sobre a nacionalidade, alicerçada no princípio da integração social. Entre nós, portanto, o nacional funcionou como um verdadeiro catalisador da ordem social, apaziguando e mascarando na “integração” diferentes interesses em conflito.

Esse movimento em direção a uma nacionalidade não se restringiu somente ao campo de ação das instituições assinaladas. A partir delas, e voltando para elas, o nacionalismo impregnou todas as esferas da sociedade brasileira. Por isso, mesmo, toda a preocupação do Instituto Histórico, relativa à história nacional e o papel que deveria ter o Brasil no âmbito das “nações civilizadas”, se desloca do campo da retórica bacharelesca, tão comum à época, para o campo da ação política e social que se redefine a partir desse novo fundamento epistemológico, a partir dessa nova invenção social que era o nacionalismo.

O IHGB não fala, pois, só para os seus sócios, nem tampouco o Museu, o Arquivo e as demais instituições são criadas somente para deleite de seus pares. Embora sejam projetos dos grupos dominantes no poder, essas instituições têm como “missão” colocar o país no fluxo civilizatório europeu e, por isso mesmo, buscam um “padrão civilizatório” que possa se tornar uma referência para todos os brasileiros, mesmo àqueles excluídos do pacto do poder. É a partir desse padrão mínimo, dessa referência elementar que o nacional e o civilizatório se fundem, que o particular e o universal se estreitam, redefinindo uma nova dinâmica.

Esse cultivo da idéia de nacionalidade (tendo sempre como horizonte sua dimensão universal) aparece, também, na produção literária da primeira metade do século XIX, cuja intenção de fundar uma literatura nacional se baseava nas singularidades locais, entendidas como marcas inconfundíveis de brasilidade.<sup>42</sup>

Segundo Antônio Cândido, o esforço para se criar uma literatura genuinamente brasileira era visto, pelos autores de então, como a afirmação na literatura dos temas e peculiaridades nacionais. A literatura passa a ser vista como mais um recurso de valorização do país.<sup>43</sup> Cândido ensina que essa renovação literária, propiciada por um **novo olhar** sobre as coisas nacionais, originou-se:

“[...]de uma convergência de fatores locais e sugestões externas, [que] é, ao mesmo tempo, nacional e universal. O seu interesse maior, do ponto de vista da história literária e da literatura comparada,

<sup>42</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 16.

<sup>43</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda, 7ª ed., 1993, vol. 1, p. 281.

consiste, porventura, na felicidade com que as sugestões externas se prestaram à estilização das tendências locais, resultando um momento harmonioso e íntegro que, ainda hoje, parece a muitos o mais brasileiro e mais autêntico dentre os que tivemos”.<sup>44</sup>

Essa renovação em relação ao Classicismo, que fundia o nacional com o universal, apresentou no Brasil, assim como acontecia na experiência européia, dois aspectos básicos: o **nacionalismo** e o **Romantismo**. Ressalte-se que entre esses dois aspectos há importantes vínculos que fazem com que, conforme Cândido, o Romantismo brasileiro seja tributário do nacionalismo, na medida em que a busca das tradições e o culto da história encontram expressão no próprio Romantismo.

Cingindo-nos à questão do nacionalismo, verifica-se que ele engloba duas tendências: o **Nativismo**, “em sentido estrito e já então tradicional em nossa cultura (ligado à pura celebração ou aos sentimentos de afeto pelo país), mais o **Patriotismo**, ou seja, o sentimento de apreço pela jovem Nação e o intuito de dotá-la de uma literatura independente. No Nativismo, predominando o sentimento da natureza; no Patriotismo, o da *pólis*”.<sup>45</sup>

Talvez por seu efeito de verosimilhança, a literatura desta época se prestou a múltiplas experimentações relativas a idiossincrasia brasileira, transformando-se no lugar a partir do qual procurou-se definir a verdadeira identidade nacional, paralelamente ao esforço de transformação das questões locais em questões universais.

Na visão do crítico de literatura Luis Costa Lima, “a literatura se justifica como capítulo da história nacional[...] a crença na palavra tornava-se crença na capacidade de declarar o nacional”.<sup>46</sup> E o nacional, nessa primeira tentativa de fundar uma literatura própria, remetia para aquilo que à época parecia ser o mais singularmente brasileiro: o **índio** e a **natureza** que o cercava. É desse índio (idealizado como herói) e dessa natureza (feita de palavras e papel) que a literatura retirará seu sentimento de natividade.

Nessa primeira experiência literária genuinamente “brasileira” (o Nativismo), a celebração da natureza revela o desejo de articular o nacional com o universal, o que era, como já vimos, perfeitamente compatível com o espírito iluminista da época: “com efeito, concebido e esteticamente manipulado como se fosse um pastor arcádico, o índio ia se integrar no padrão corrente do **homem polido**, ia testemunhar a viabilidade de se incluir o Brasil na cultura do

---

<sup>44</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 15. (Grifo meu).

<sup>45</sup> *Id. ibid.*, p. 15.

<sup>46</sup> Lima, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*. RJ, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1989, pp. 142-145.

Ocidente por meio da superação de suas particularidades”.<sup>47</sup>

Após o surto nativista, outro movimento literário irá prevalecer no mundo das Letras brasileiras — o **Indianismo** (1840/1860) — reputado como a mais lídima forma da literatura nacional. Para Antônio Cândido, o Indianismo buscava o específico brasileiro através de uma “crescente utilização alegórica do aborígene na comemoração plástica e política”, sendo o selvagem identificado ao brio nacional. O Indianismo procurou equiparar, qualitativamente, o índio ao conquistador.<sup>48</sup>

A introdução do Romantismo nas Letras nacionais, movimento estético ao qual o Indianismo se filiava, “coincidiu com a ameaça sentida de uma ‘reeuropeização’ do país. Assim, extremar-se na observação da natureza seria como defender nossa autonomia”.<sup>49</sup>

Desde o Nativismo, o índio vinha sendo utilizado na elaboração de um passado mítico e lendário brasileiro, anterior, mesmo, à colonização portuguesa. Com o Indianismo, esse passado mítico se transforma em passado histórico,<sup>50</sup> e o índio passa a ser concebido como a matriz de onde se originaria o homem brasileiro.

Essa interlocução entre uma literatura e uma história que se queriam portadoras dos germes da “brasilidade” geraria um rico imaginário sobre as origens da Nação brasileira, que jogaria importante papel na consolidação de um “projeto nacional” na primeira metade do século XIX. Esse imaginário fazia parte de uma “economia do nacional”<sup>51</sup> que se consolidava e que tinha como objetivo, a partir da legitimação política propiciada pelo consenso em torno da Nação, impor um princípio de ordem para a sociedade.

Foi por via do Instituto Histórico que a história se tornou parte integrante do movimento literário brasileiro, na medida em que a temática do índio era o elemento de ligação entre a história e a literatura, na razão direta do sentido que o índio dava ao passado nacional. O tema do índio, enquanto símbolo da independência frente à colonização, ganha contornos de liberdade; imagem muito adequada para um país que acabara de se independizar. Na busca do elo comum com o

<sup>47</sup> Lima, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*. RJ, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1989, p. 20. (Grifo meu).

<sup>48</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 1, p. 18.

<sup>49</sup> Lima, Luiz Costa. *Op. cit.*, p. 135.

<sup>50</sup> Cândido, Antônio. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>51</sup> Domingues, Heloísa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989, p. 52.

passado primitivo longínquo, anterior ao período colonial em que os índios eram os donos da terra e viviam em liberdade, os intelectuais do IHGB parecem querer demonstrar que o Império não conserva laços de continuidade com a empresa colonial.<sup>52</sup>

Inspirado pelo clima intelectual do Indianismo, a partir de 1847, o IHGB passou a contar com um grupo especializado em Etnologia que, se voltando para o estudo dos povos primitivos, procurou estabelecer, a partir desse saber, as origens da sociedade brasileira, tentando demonstrar as relações de continuidade entre a cultura primitiva e o Império civilizado.

É interessante observar como o recorte temático definido pelo IHGB — o índio, a natureza, a busca das origens, os costumes — ecoam na literatura, transformando **fato histórico** em **fato estético**. Reforça essa constatação o caso de vários escritores terem sido membros do IHGB. Dentre esses, alguns especificamente dedicaram parte de sua obra à temática indígena como Gonçalves Dias, considerado o maior poeta romântico do Indianismo, autor de *Timbiras* e de uma monografia etnológica intitulada *Brasil e Oceania*, de 1867, onde procura reafirmar o potencial de civilidade dos indígenas através da catequese e seu papel na formação da nacionalidade. De acordo com o poeta, os índios eram “capazes de civilização[...] e aptos para formar um povo esclarecido”.<sup>53</sup> Ao contrário da visão de Francisco Varnhagen que admite “o massacre dos índios em nome do progresso”, Gonçalves Dias rompeu com a dualidade bárbaro/civilizado, integrando esses dois termos numa mesma ordem de desenvolvimento cultural que levaria da nacionalidade à civilização. Embora tenham entrado em processo de decadência com a colonização — de acordo com o poeta — os indígenas demonstraram que eram habilíssimos para se tornarem um povo esclarecido, podendo, portanto, ser incorporados no processo de recolonização do Brasil sob os auspícios do governo imperial.<sup>54</sup> Gonçalves Dias, aliás, chefiaria a Seção Etnográfica da Comissão Científica que foi designada para explorar o interior do país e obter dele um melhor conhecimento.<sup>55</sup> Essa Comissão foi proposta pelo IHGB e se materializou graças ao apoio financeiro do Imperador que, por seu turno, além de ser Presidente de Honra do Instituto, era assíduo partícipe das suas reuniões, presidindo as sessões no período de 1840 a 1889, propondo temas e debatendo-os.<sup>56</sup> Tão estreitos eram os vínculos do poder com o IHGB que Gonçalves Dias chegou a ser nomeado “historiador oficial do Brasil na Europa”, com a missão de recolher

---

<sup>52</sup> Domingues, Heloisa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989, pp. 8, 9.

<sup>53</sup> Schwarcz, Lília K. M. *Os Institutos Históricos-Geográficos Brasileiros: “os Guardiões de nossa História Oficial”*. (1830/1930). Caxambu, MG, XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989, pp. 35, 36, xerox.

<sup>54</sup> Domingues, Heloisa M. Bertol. *Op. cit.*, pp. 133, 135, 153.

<sup>55</sup> *Id. ibid.*, p. 133.

<sup>56</sup> Schwarcz, Lília K. M. *Op. cit.*, p. 8, xerox.



documentação que pudesse dar fundamento à elaboração de uma história nacional.

Além de Gonçalves Dias, outros escritores estreitaram, também, os laços entre história e literatura na busca de uma origem mítica ou histórica do país. Os anos que vão de 1846 a 1865 assinalam o surgimento de várias obras indianistas, como: *Os Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias; *O Guarani e Iracema*, de José de Alencar; *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves Magalhães; etc.

O impacto da aproximação entre literatura e história, a propósito da definição de uma identidade nacional, ecoou fortemente na sociedade brasileira, levando a diferentes “atitudes” práticas como, por exemplo, as expedições organizadas para explorar o interior do país propostas pelo IHGB. Contando com sábios de diferentes campos de saber, essas expedições, que sucederam as do século XVIII, repercutiram, com o conhecimento que acumularam do país, o chamado do Instituto por um melhor conhecimento do Brasil e dos brasileiros. Desta forma, elas se tornaram a “base segura de um projeto de escritura da história nacional”,<sup>57</sup> na medida em que davam suporte à definição de uma identidade físico-geográfica nacional, contribuindo ao mesmo tempo para o projeto de integração nacional, na medida em que ajudavam a configurar a imagem da Nação em elaboração.<sup>58</sup>

Na análise que faz da constituição da literatura nacional a partir do relato dos viajantes sobre a singularidade da geografia e da natureza do país, Flora Sussekind fala de um *topos* de que se serviriam tanto escritores quanto historiadores para uma verdadeira fundação artística da nacionalidade. Essa perseguição às origens, só ela, poderia levar a uma “revelação da terra, da natureza e dos índios, nossos verdadeiros elementos singulares”.<sup>59</sup> A partir dos viajantes exploradores do interior do país, a descrição da natureza tropical vai sendo experimentada como um exercício de construção que levaria a um progressivo abasileiramento e, conseqüentemente, a um rompimento com a tradição européia.<sup>60</sup>

Fugir à referência da natureza tropical significava renegar a Pátria. É o que se depreende do lamento do escritor Pereira da Silva, em 1836, na primeira revista literária brasileira — a *Nichteroy*: “Nossos vates renegam a Pátria, deixam de cantar as belezas das palmeiras, as deliciosas margens do Amazonas e do Prata, as virgens florestas, as superstições e pensamentos de nossos patricios, seus usos, costumes e religião, para saudarem os deuses do Politeísmo

<sup>57</sup> Guimarães, Manoel L. Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o Projeto de uma História Nacional”, in *Estudos Históricos*. RJ, Ed. Revista dos Tribunais Ltda., nº 1, 1988, p. 19.

<sup>58</sup> *Id. ibid.*, p. 23.

<sup>59</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, pp. 16, 17.

<sup>60</sup> *Id. loc. cit.*

grego”,<sup>61</sup> numa referência crítica ao Arcadismo, vertente literária que via na imaginária Arcádia grega a harmonia entre o homem e a natureza, e que muito serviu para inspirar os poetas.

O Brasil é, pois, nesse receituário da nacionalidade, o chão, a geografia, a natureza, a descrição de uma paisagem singular que se diferencia de outras paisagens que não se conspurca com elementos estrangeiros. A descrição da paisagem se converte numa espécie de Cartografia,<sup>62</sup> mapas seguros através dos quais se alcançam os caminhos da brasilidade. Assegurada a rota da viagem pelos mapas que sinalizam a direção, navega-se pela história em busca de uma “origem”, de uma “essência nacional”, onde se “figure um Brasil-Nação, pitoresco e unificado”, uma paisagem que “preexistiria à conquista européia e que justifica a consolidação de um Estado-Nação Imperial”.<sup>63</sup>

Às aspirações das expedições científicas de conhecimento do país se somam os interesses de naturalistas e outros viajantes em busca de uma paisagem exoticamente brasileira. Esse **retorno** à natureza brasileira pode ser visto em dois planos: no **nível concreto** — o da **viagem** de cientistas, naturalistas e viajantes curiosos que se deslocam pelo interior do país e constroem uma rede de notas descritivas, pranchas e mapas<sup>64</sup> que, classificados, dão sentido a uma paisagem a ser denominada Brasil; e no **nível imaginário** — o da **prosa de ficção** que, pelas mãos dos nossos primeiros ficcionistas, se transforma numa “literatura de viagem” que **condena**<sup>65</sup> seus personagens a viajar, a embrenhar-se pelo Brasil à procura da essência da nacionalidade. Só pela viagem — seja no plano do concreto ou do imaginário — poderiam se educar, descobrir sua identidade que era a da própria Nação. Seja sob o Sol rude dos sertões ou instalados em gabinetes e varandas urbanas, sem sujar as sandálias com o pó da estrada, os viajantes cientistas e os pioneiros da ficção brasileira “viajam” aos confins do país, tendo como meta “delimitar uma paisagem nacional”.<sup>66</sup>

Viajando por terra ou pela ficção, sua meta era erigir uma paisagem brasileira, fazer da **natureza** nacional um *topos*, quer para aqueles que construíam nossa história se perdendo pelos sertões, quer para aqueles que a faziam em tramas romanescas, confortavelmente em casa e livres dos imprevistos, sem sair fisicamente do lugar.

---

<sup>61</sup> Citado por Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 24.

<sup>62</sup> *Id. ibid.*, p. 35.

<sup>63</sup> *Id. ibid.*, pp. 37-61.

<sup>64</sup> *Id. ibid.*, p. 67. (Grifos meus).

<sup>65</sup> *Id. ibid.*, p. 72. (Grifos meus).

<sup>66</sup> *Id. ibid.*, p. 158.

Mais adiante, falaremos de uma paisagem brasileira radicalmente diferente, porém brasileira, para aonde, também, excursionam os escritores: **a paisagem urbana**.

As preocupações com as origens da Nação e os ecos dos debates sobre a nacionalidade suscitados pelo IHGB iriam repercutir ainda em outro espaço, onde a imagem do país era motivo de elaboração artística-intelectual. Refiro-me à Academia Imperial de Belas-Artes e seu importante papel na elaboração de uma representação estética do país a partir de seus heróis, seus feitos e da história da Pátria. É compreensível, pois, que entre as várias disciplinas que compunham o currículo da Academia, uma houvesse que se ocupasse unicamente da **Pintura Histórica** e que, implantada em 1826, se caracterizava por ser uma disciplina regular do currículo acadêmico. Como tal, “a Pintura Histórica trata com o passado da Nação e, por isso, reflete de forma cristalina a produção do IHGB e as determinações do programa romântico”.<sup>67</sup> Com a intenção marcadamente de dar **forma** aos grandes momentos históricos da Nação, a seção de Pintura Histórica da Academia Imperial de Belas-Artes procurou dotar de imagens a saga da constituição do Estado nacional, que se estendia dos primórdios da descoberta aos “dias gloriosos” do Império. Pretendia-se, com isso, forjar uma história do país, *vis-à-vis* àquela elaborada pelo IHGB em moldes estritamente visuais, possibilitando uma leitura mais imediata e direta da epopéia nacional. Cumpre, pois, à Pintura Histórica uma função estética e, também inegavelmente, educativa.

Articulando imaginário e imagem, a Pintura Histórica visava a reconstrução do passado brasileiro no sentido de dar forma aos grandes acontecimentos que, como se fossem um texto, configurariam a “biografia” da Nação.<sup>68</sup> Pautada por uma concepção linear, épica e monumental da história, a Pintura Histórica transforma o passado colonial num passado de perfeita harmonia entre colonizadores e índios, que são “reunidos em torno dos símbolos da implantação de uma nacionalidade, que busca suas origens no passado remoto e se esforça por não romper a continuidade com tal passado”.<sup>69</sup>

Emblemáticas desse imaginário histórico são as telas “A Primeira Missa no Brasil” e a “Batalha dos Guararapes”, de Victor Meirelles; “O Desembarque de Cabral em Porto Seguro”, de autoria de Oscar Silva; e o “Grito do Ipiranga”, de Pedro Américo. Além dos temas em si, recortes históricos importantes na construção da história nacional, o que avulta nas telas são os símbolos perenes da vida brasileira: a cruz (a religião) na “Primeira Missa”; a caravela (a colonização

---

<sup>67</sup> Bittencourt, José Neves, “Espelho da ‘nossa’ História: Imaginário, Pintura Histórica e Reprodução no Século XIX Brasileiro”, in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, out./dez. 1986, n° 87, p. 70.

<sup>68</sup> *Id. ibid.*, p. 72.

<sup>69</sup> *Id. ibid.*, p. 73.

européia) no “Desembarque de Cabral”; o Imperador decretando a Independência (a nacionalidade) no “Grito”; e a conquista da terra pelo homem branco na “Batalha dos Guararapes”.<sup>70</sup>

A Pintura Histórica funciona, pois, como uma espécie de síntese que ordena, pelo deslizamento do campo do discurso para o campo da imagem, as várias formas de manifestação da “cultura imperial”<sup>71</sup> em torno da questão da Nação e de sua História.

Sobressai, daí, um imaginário absolutamente útil ao projeto de consolidação nacional e, conseqüentemente, de ordenamento da Nação. As idéias de unidade, de um lado, e de convívio harmônico entre Nação, Estado e Coroa, de outro, são tributárias desse imaginário e da concepção de história que sobrepassa às diferentes expressões da “cultura imperial”.

Frente aos perigos materializados nos conflitos representados por “Balaíos”, “Farrapos”, “Cabanos”, etc., o imaginário da **brasilidade** antepõe a crença numa “civilidade imperial”, que teria o poder de transformar a “Nação bárbara” que ainda resistia aos imperativos da **luz e ordem**.

É o que se depreende do *Relatório Anual apresentado pelo Ministro da Justiça em 1839 à Assembléia Legislativa*:

“[...] Pela minha parte animo-me a dizer que, em geral, temos melhorado e iremos progredindo em ordem e harmonia social à medida que se forem firmando as nossas instituições e a população for conhecendo que os seus verdadeiros interesses consistem na dedicação à sagrada pessoa de S.M., o Imperador, na sua adesão às nossas instituições políticas, no respeito às autoridades e observância das leis[...].”<sup>72</sup>

A “brasilidade” se confunde, portanto, com o imperativo político;<sup>73</sup> imperativo que reclamava um princípio de ordem que garantisse a unidade política e a hegemonia do grupo que, no poder, se agarrava à legitimidade propiciada pelo primado do nacional. A “brasilidade” era, por conseguinte, o caminho para a civilização e deveria ser empunhada diretamente pelo ocupante do trono.

<sup>70</sup> Bittencourt, José Neves, “Espelho da ‘nossa’ História: Imaginário, Pintura Histórica e Reprodução no Século XIX Brasileiro”, in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, out./dez. 1986, nº 87, pp. 73-75.

<sup>71</sup> *Id. ibid.*, p. 68.

<sup>72</sup> Ministro Francisco P. de A. Albuquerque. *Relatório do Exmo. Ministro da Justiça do Ano de 1838 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1839*. Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82, 1825/1853.

<sup>73</sup> Domingues, Heloisa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989, p. 48.

Manuel Araújo Porto Alegre, orador oficial do Instituto Histórico, alertava, em conferência proferida em 1848, para os perigos de um país sem rei:

“A providência quis que, numa época vertiginosa, no seio de um povo ingrato a tantos benefícios do céu, se operasse esse grande sacrifício,\* para que os brasileiros melhor soubessem apreciar sua aventura na América, para que olhassem o trono como o paládio de sua grandeza e sua única felicidade[...]

O esquecimento da Pátria, esse terrível vazio, esse hediondo ceticismo que é o principal anel da cadeia infernal da imoralidade e da barbárie, esse aborto das entranhas do egoísmo é que prepara aos povos esses cataclismos de sangue, essas tempestades que, depois de espedaçarem todos os elementos do belo e do sublime, deixam-no erguido entre as ruínas de sua felicidade e da sua ignorância para usurpar um trono arquitetado no centro de um abismo, entre as chamas do remorso que o extingue no meio da mais terrível desesperação”.<sup>74</sup>

A morte do herdeiro do trono é vista com desesperança quanto a um futuro de **luz e ordem**:

“Príncipe! Nós viamos em ti a esperança da Pátria, a estabilidade do trono, o futuro progresso das Ciências e Letras brasileiras, assim te amamos[...].”<sup>75</sup>

Não há, por suposto, a partir desse raciocínio, chances de felicidade — leia-se aí civilização — para o Brasil sem um trono que conduzisse o país ao encontro de sua identidade nacional. A metáfora do trono como expressão da felicidade e da civilização dá os limites que deveriam balizar o desenvolvimento da sociedade brasileira: de um lado, os conflitos, a desordem, a barbárie e a infelicidade; de outro, a harmonia, a ordem, a civilização e a felicidade. Entre os dois limites, o Imperador — “historiador” supremo do IHGB — com as certezas da História à mão, a guiar o povo brasileiro ao encontro do seu destino.

---

\* Referência à morte do jovem Príncipe D. Afonso, filho do Imperador D. Pedro II.

<sup>74</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. RJ, 1848, vol. 11, p. 12.

<sup>75</sup> Citado por *id. loc. cit.*

### 1.3 - A Civilidade Vem da Corte

E qual era o destino do povo brasileiro? A partir do que viemos descrevendo até aqui, seu destino aparentemente remete para o de uma civilização rural, baseada numa economia agrária pautada pela prática escravista. Tal destino há de sofrer, entretanto, um desvio fatal para a sobrevivência dessa civilização rural: primeiro, com a descoberta dos metais preciosos e o conseqüente desenvolvimento urbano experimentado nas “Gerais”; segundo, com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro e a inexorável urbanização da capital do Império português.

Esse “desvio de destino” remete-nos a uma questão crucial que, daqui por diante, estará constantemente presente neste trabalho: o processo de constituição de uma nova **ordem social** a que toda experiência de transformação tem que se submeter no sentido de atualização de seus códigos de mando e de obediência, a partir do que se redefine o lícito e o ilícito, o que é direito e o que é ilegal; e, no limite, o possível e o impossível, o desejável e o desprezível, o tolerável e o insuportável.

Estou tomando a **ordem** — seja no plano concreto, seja no plano imaginário — como uma das dimensões do novo processo de socialização, onde vão se constituindo e se aperfeiçoando os mecanismos de contenção, enquadramento, legitimação e sedução a que é submetido todo e qualquer sujeito ou grupo que convive em sociedade. É lógico que nem sempre esses mecanismos funcionam harmoniosamente. Cada sociedade mobiliza e dosa à sua maneira cada um desses elementos, resultando, assim, em sociedades mais ou menos repressivas, mais ou menos disciplinares, ou mais ou menos liberais. No caso em questão, sirvo-me dessa percepção do que seja ordem para tentar entender o processo de formação de uma ordem urbana moderna. Como entendo, no entanto, que a ordem faz parte de um mecanismo bem mais amplo e que, por isso mesmo, não se auto-explica, vejo-me levado a evocar esse mecanismo no intuito de melhor compreender a sua dinâmica. Estou me referindo ao “processo civilizatório”<sup>76</sup> como um conceito suficientemente amplo para que possa dar conta, em suas múltiplas dimensões, de uma nova experiência social (a da **ordem urbana**) surgindo no interior de outra (a da **ordem rural**) que se exauria.

Servindo-me desse conceito, que pretende poder explicar a “gênese” do processo de convívio social desde suas mais ínfimas instâncias às suas maiores dimensões, passo a compreender o processo de constituição de uma ordem urbana brasileira como uma das dimensões do novo processo civilizatório que experimenta o país a partir da urbanização das cidades, cujo epicentro localizava-se no Rio de Janeiro.

---

<sup>76</sup> Ver: Elias, Norbert. *O Processo Civilizador*. RJ, Jorge Zahar Ed., 1994, 2ª ed., 2 vols.

Logo, meu objetivo é tirar, de dentro do “processo civilizatório”, uma concepção de ordem que servirá para matizar o convívio no interior da nova sociedade urbana, já que a cidade é, aparentemente, o “destino desviado” da “civilização brasileira” em processo de formação.

Por isso, mesmo, optei por trabalhar nesse primeiro momento com uma documentação que me permitisse captar esse “processo civilizatório” em gestação para, só depois, me debruçar sobre as filigranas de uma documentação que destilasse, por seus meandros, a questão da ordem em si, seja no âmbito do pacto social, da vigilância médica, do controle da urbanização, da intervenção policial, etc.

Para tanto, nada mais indicado, em se falando do “processo civilizatório brasileiro” — e, também, por que não? “delicioso” — que o romance de Manuel Antônio de Almeida, o conhecido *Memórias de um Sargento de Milícias*. Escrito entre junho de 1852 e julho de 1853 como folhetim no suplemento do jornal *A Pacotilha*, *Memórias de um Sargento de Milícias* se reporta à dinâmica social da vida na Cidade do Rio de Janeiro após a chegada da corte, em 1808. Trata-se da capital da colônia que se viu, de repente, invadida, não por imigrantes quaisquer que lhe fizeram inchar em tamanho, mas pela corte portuguesa, com seu séquito de 15 mil acompanhantes! E porque corte, não se trata somente da quantidade de novos moradores, mas da **qualidade** desses moradores.

Como consequência dessa “invasão cortesã”, se desenvolve na cidade um curioso processo de trocas entre uma corte *a la* européia e uma sociedade escravista ainda com um pé no campo. É de um particular entendimento da experiência da construção dessa nova sociabilidade que vai tratar a obra de Manuel Antônio, explorando de maneira cômica suas contradições, desacertos e, principalmente, sua aparência de civilidade.

Apontando sua pena para os conflitos gerados pela nova dinâmica social, que explode no meio urbano, e ao fazer a crítica dos comportamentos sociais resultantes dessa sociedade em formação, Manuel Antônio acerta em cheio aquele “processo civilizatório” em gestação, na medida em que, ao criar uma representação dos *mores* (costumes, ética, de *moeurs*) dessa nova forma de convivência, o autor está criando uma representação do próprio “processo civilizatório”.

Evidentemente que o conceito de “processo civilizatório” que se descortina à nossa frente não pode ser tomado como uma panacéia explicativa de tudo. Tomo esse conceito como uma tentativa de entender de que maneira se procede a atribuição de sentido ao mundo, numa determinada conjuntura, onde as representações formuladas fazem funcionar um jogo de texto e contexto entre o real e sua representação, pleno de sentido.

O romance de Manuel Antônio de Almeida nos interessa, pois, como representação do processo civilizatório, porque ele traduz justamente uma ruptura com a “civilização colonial”, ao colocar em cena os personagens de uma nova epopéia civilizacional, encabeçados por uma pequena burguesia de perfil nitidamente urbano — equidistante de escravos e nobreza — em processo de civilização na cidade, o que, segundo Antônio Cândido, deve ser visto como o processo de “uma sociedade jovem,\* que procura disciplinar a **irregularidade da sua seiva** para se equiparar às velhas sociedades que lhe servem de modelo, [e que] desenvolve normalmente certos mecanismos de contenção que aparecem em todos os setores”.<sup>77</sup> Trata-se, portanto, do processo de enquadramento da população urbana naquilo que poderíamos chamar de **decoro público**, ou seja, de “aceitação” das convenções sociais.

O interessante em *Memórias de um Sargento de Milícias*, diferentemente de todos os outros romances do século XIX (em que para se alcançar o **decoro público**, os personagens têm que temperar seu caráter na escolha entre o mundo civilizado da **ordem** e o mundo brutal da **desordem**), e ainda que espremidos entre esses dois pólos antitéticos, é que os personagens do livro não precisam escolher nem um, nem outro. Melhor ainda, Manuel Antônio acomoda seus personagens de tal forma que possam subir ao **mundo da ordem** ou baixar ao **mundo da desordem** sem problemas. É o que Antônio Cândido chamou de “dialética da malandragem”, onde ordem e desordem se misturam num mesmo personagem sem maiores contradições de caráter moral. Construído dessa maneira, o livro é um verdadeiro “documento”, pelo seu avesso, do esforço de construção de uma civilidade pautada pela separação entre ordem e desordem. Com isso, Manuel Antônio denuncia aquilo que ele considera uma “civilização de aparência”, que vai se criando por sobre uma ordem, que se comunica o tempo todo com a desordem que a cerca por

---

\* As metáforas, cunhadas por Cândido, do Brasil como uma “sociedade jovem” e do Brasil como um “país malandro”, revelam todo um esforço de compensação ideológica por parte do crítico no sentido de dotar o país de um potencial de resistência às velhas sociedades européias, investindo-o da esperteza frente à falta de **jogo de cintura** dessas sociedades para resolver seus problemas. Abrindo um caminho original na leitura de *Memórias* (ao sugerir que não deve ser lido como um documento de época, mas como uma “anatomia espectral” daquela sociedade) Antônio Cândido acaba caindo na armadilha da qual vinha tentando escapar na análise do romance. Nesse sentido, acaba tomando as representações de Manuel Antônio de Almeida sobre a **jovialidade e a vivacidade** da sociedade brasileira, não como representações ou respostas ideológicas do autor a uma certa conjuntura de **reeuropeização** do Rio de Janeiro e de reação nativista a esse movimento na metade do século XIX, mas como uma realidade. Por outro lado, me parece faltar também na análise de Antônio Cândido uma reflexão sobre como Manoel A. de Almeida, como observador da gênese de um “processo civilizatório”, se viu como “herdeiro” desse “processo”. No meu ponto de vista, esse é o verdadeiro motivo do livro, pois, ao projetá-lo no passado histórico, o que o autor parece querer fazer é verificar o impacto das novas formas de sociabilidade dadas pela vida urbana na sociedade de corte. Para uma análise crítica do ensaio de Antônio Cândido, ver: Goto, Roberto. *A Malandragem Revisitada (Uma Leitura Ideológica de “Dialética da Malandragem”)*. Campinas, SP, Ed. Pontes, 1988.

<sup>77</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 49. (Grifo meu).



todos os lados. Não é por menos que a dialética entre a ordem e a desordem é utilizada para “manifestar concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência”.<sup>78</sup> Ou por outra, o livro revela que a experiência da sociabilidade na cidade atropela todo um imaginário que vinha se construindo, relativo a “certos aspectos assumidos pela relação entre a ordem e a desordem na sociedade brasileira da primeira metade do século XIX”,<sup>79</sup> e que dizia respeito à formação de uma “aparência” de civilidade que seria a base das relações de **cortesia da sociedade de corte**.

Muito mais que conter a desordem decorrente da nova experiência de sociabilidade, o que se experimenta é a possibilidade de construção de uma representação da ordem, de um sistema de referências que pretendia se contrapor aos comportamentos considerados próprios do universo tradicional da **casa-grande** escravista. Por mais distante que esteja da realidade, onde ordem e desobediência se mesclam, tal representação funciona no sentido da **exemplaridade** na tentativa de criar evidências no interior de um mundo que se deseja modificar. Identificamos, nesse desejo de ordem, uma tentativa de qualificar a desordem como herança de outro tempo histórico que deve se dobrar diante dos novos imperativos da civilidade.

Fica nítido na obra de Manuel Antônio de Almeida, então, como a questão da formação de uma ordem urbana pode ser tomada como uma das dimensões do “processo civilizatório”. Ou melhor, podemos concluir que a dinâmica da ordem/desordem é uma explicitação, ao nível da sociabilidade, do “processo civilizatório” em elaboração.

Numa cidade em processo de gestação de uma sociedade urbana, a partir da chegada da família real e de seus acompanhantes o sistema tradicional de referência dos comportamentos, costumes e hábitos — os *mores*, fundados na tradição colonial — passa a experimentar significativas transformações. E é essa sociedade em formação que, justamente, é representada no livro de Manuel Antônio de Almeida. Talvez seja por isso que, no seu romance, o escravo e a classe dirigente sejam suprimidos, ou melhor, suprimindo quase totalmente o trabalho, de um lado, e os controles de mando, do outro,<sup>80</sup> o autor de *Memórias de um Sargento de Milícias* deixa transparecer com mais nitidez aqueles personagens sem tradição como que nascidos longe do domínio senhorial e que, justamente por isso, eram mais infensos às influências dessa mentalidade, aurida da posse da terra e da dominação sobre os escravos.<sup>81</sup>

<sup>78</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 36.

<sup>79</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>80</sup> *Id. ibid.*, p. 45.

<sup>81</sup> Ver: Novais, Fernando A. “Condições da Privacidade na Colônia”, in Mello e Souza de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 31.

Suprimindo os pólos extremos da sociedade carioca da primeira metade do século XIX, é possível observar com mais clareza como se representavam as contradições que estarão na base daquela sociedade em formação e, a partir daí, entender como se vão construindo os mecanismos de contenção daqueles grupos mais caracteristicamente urbanos, para os quais a cidade é o único destino possível.

Um outro mundo, de “organização bruxuleante” vem à luz, aonde ordem e desordem se articulam e que se “traduz na dança dos personagens entre o lícito e o ilícito, aonde todos circulam de um lado e de outro com naturalidade, que lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações no Brasil urbano da primeira metade do século XIX”.<sup>82</sup>

A partir desse recorte “sociológico” perpetrado pelo autor de *Memórias de um Sargento de Milícias* em suas representações sobre a sociedade, vamos nos aproximando cada vez mais dos problemas de uma sociedade urbana em formação e de seus dilemas quanto ao controle de uma sociabilidade em processo de expansão. Não se trata mais, portanto, só da vigilância e controle da “desordem” escravista; o novíssimo aí é a necessidade de converter não-escravos a uma nova ordem, contando com mecanismos de controle que remetem ainda à ordem tradicional, num meio ainda em processo de definição de um *ethos* próprio.

A questão que se coloca para essa sociedade em gestação talvez pudesse ser formulada a partir da seguinte indagação: como converter homens a uma nova ordem fundada em princípios muito diferenciados daqueles que forjaram as bases da sociedade colonial?

Segundo representação \* que dela faz Gilberto Freyre, a essência da sociedade escravista da casa-grande estava fundada num hibridismo que era fruto da **imoderada sociabilidade** dos senhores de engenho. Assim, se entende a extrema moderação que, para Freyre, parece definir a relação entre homens e mulheres dentro dos **sobrados**, em contraste com o que é relatado no seu livro

---

<sup>82</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 45.

\* Como já assinalamos no caso de Antônio Cândido, Gilberto Freyre, ao analisar a estrutura da sociedade colonial querendo dela extrair sua “realidade”, incorre no mesmo equívoco, na medida em que lê os documentos dessa sociedade como se fossem fatos históricos **verdadeiros**, e não representações de fatos históricos. Ora, ao fazê-lo, a análise de Freyre fica colada nessas representações que se transformam numa espécie de episteme a partir da qual Freyre irá construir sua concepção do que foi o processo sócio-cultural de constituição da sociedade brasileira. Desconhecendo que trouxe para dentro de sua análise da sociedade colonial o campo de forças e disputas da sociedade em que vive, Freyre contamina sua análise com as preocupações de seu presente, naquilo que diz respeito aos projetos para uma sociedade nacional. Um exemplo disso é a concepção de importação de idéias que Freyre chama de **reeuropeização** que ele toma da documentação de época com o objetivo de valorizar a cultura nacional. Tomando a reeuropeização como objeto de análise, e não como uma representação de época, Freyre faz dela cavalo de batalha para, a partir daí, elaborar toda uma problematização da cultura nacional como reação à tendência de europeização.

A partir da elaboração do que seriam as características da família colonial, Freyre descobre a fluidez das relações que permeiam a vida colonial e que fizeram da casa-grande um lugar de miscigenação, fundada na poligamia, no descomedimento sexual, na intimidade entre senhores e escravos e na família não-nuclear, do que resultaria uma “sociedade extremamente híbrida, sincrética e quase polifônica”.<sup>84</sup>

Essa *hybris*, conforme Freyre, impregnou mentes e corações daqueles viventes das casas-grandes e se tornou sua maior qualidade, aí no sentido de especificidade. Dessa forma, Freyre acredita, apesar da oposição estrutural entre senhores e escravos e da violência (que foi a via usual da miscigenação) que o hibridismo da casa-grande configura-se como um fator fundamental da sociabilidade colonial, pagando seu tributo à “ambigüidade e indefinição”.<sup>85</sup>

De acordo com Freyre, tratava-se de uma sociedade “indefinida entre Europa e África. Nem, intransigentemente de uma, nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarona[...]; o ar da África, um ar quente e oleoso, amolecendo nas instituições e formas de cultura as durezas germânicas, corrompendo a rigidez doutrinária da Igreja medieval, tirando os ossos ao Cristianismo, ao feudalismo, à Arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao Direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo”.<sup>86</sup>

Retornando à questão acima colocada de como se teria convertido os homens, não mais da casa-grande, mas do **sobrado**, a uma nova ordem que se afastava da *hybris* colonial, Freyre assinala que o específico da nova ordem, isto é, da sociedade urbana de sobrado, é a **moderação** em geral e a **moderação sexual** no particular.

Na mesma direção, Ricardo Benzaquen nota a partir de *Sobrados e Mucambos* que, com a progressiva liberação dos escravos ao longo do século XIX, uma paulatina diminuição do número de objetos sobre os quais os senhores podiam descarregar impunemente a sua paixão, acompanhada, efetivamente, pela adoção de uma maior sobriedade nos costumes, instalou-se no país, criando um clima no qual aquelas orgias patriarcais tiveram a sua prática **doméstica** um tanto ou quanto prejudicada, sendo, enfim, conduzidas a aceitar uma solução mais de acordo com

<sup>83</sup> Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. RJ, Ed. 34, 1994, p. 118.

<sup>84</sup> *Id. ibid.*, p. 44.

<sup>85</sup> *Id. ibid.*, p. 46.

<sup>86</sup> Citado por *id. ibid.*, pp. 44, 45.

o clima de maior urbanidade, ou seja, a sua transferência para áreas de **prostituição**.<sup>87</sup> Isto é, o **excesso patriarcal** na cidade não desaparece, mas é canalizado.

Sem querer me adiantar na importância do papel dos médicos, da Igreja, da imprensa, da escola, dos Manuais de Civilidade, da literatura e das teorias higienistas na **moderação, contenção e requalificação de hábitos e costumes** na cidade, processo que situamos a partir de 1830, reportemo-nos ao momento da chegada da corte ao Rio de Janeiro.

Voltemos, pois, às *Memórias de um Sargento de Milícias* e observemos como na trama literária se elabora uma representação de como se vai forjando na sociedade dos sobrados uma aparência de ordem, ou por assim dizer, uma **ordem convencional**,<sup>88</sup> que irá se tornar a referência a partir da qual condutas e comportamentos sociais irão se alinhar, ou melhor, a referência a partir da qual uma nova sociabilidade irá se desenvolver, deixando para trás a **informalidade** característica da vida isolada da casa-grande.

A narrativa do livro de Manuel de Almeida ganha força, dada sua verossimilhança com o plano da realidade, justamente ali, onde a ordem convencional se espelha na figura emblemática do representante do rei e zelador da ordem pública e social, o Comandante da Guarda Real de Polícia del Rei D. João VI, Major Vidigal,\* que na análise de Antônio Cândido é a “única força reguladora de um mundo solto”,<sup>89</sup> aonde ordem e desordem se entrecruzam incessantemente.

Assim como no livro, no plano histórico o que está em gestação é uma **ordem de aparências** que procura dissimular a equivalência real entre ordem e desordem, que não passa, entretanto, de uma “ordem convencional a que obedecem aos comportamentos, mas que, no fundo, permanecem indiferentes às consciências[...].”<sup>90</sup>

Cercada de todos os lados por “uma desordem vivaz que antepunha vinte mancebias a cada casamento e mil uniões fortuitas a cada mancebia”,<sup>91</sup> a ordem recobria a sociedade com a imagem de um mundo construído sobre pólos antitéticos, que se excluía inapelavelmente e que

---

<sup>87</sup> Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. RJ, Ed. 34, 1994, p. 119. (Grifos meus).

<sup>88</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 41. (Grifo meu).

\* Personagem essencial do livro, o Major Vidigal é figura verídica e, de fato, tinha várias das atribuições que lhe outorga o romance.

<sup>89</sup> *Id. ibid.*, p. 42.

<sup>90</sup> *Id. ibid.*, p. 41.

<sup>91</sup> *Id. ibid.*, p. 44.

dividiam a vida social entre lícito/ilícito, honesto/desonesto, legítimo/ilegítimo, moral/ímoral, etc.<sup>92</sup>

Dessa maneira, segundo Cândido, o mundo hierarquizado na aparência se revela na prática essencialmente subvertido quando os extremos se tocam. Ordem e desordem se mostram extremamente relativas na medida em que se comunicam por caminhos inumeráveis.<sup>93</sup>

O romance de Manuel Antônio de Almeida tem a graça e o poder de, através da ficção, nos tornar espectadores de uma sociedade em gestação no processo de elaboração de seus princípios de civilidade e onde se explicitam os mecanismos de organização da ordem convencional à qual deverão se dobrar todos os comportamentos.

Nesse “espetáculo”, vislumbra-se uma ordem social que deriva diretamente de uma **política da aparência**, característica das sociedades de corte. Noutros termos, estamos diante da legitimação de uma ordem decorrente da formulação das imagens que reorganizam o campo do convívio social, não da consciência da necessidade da ordem, mas a partir do apego a um convencionalismo que toma como verdadeiro aquilo que é a aparência dessa ordem.

Cândido exemplifica de maneira lapidar esse deslizamento entre a consciência e a convenção, entre “uma aparência de ordem e uma prática de desordem”:

“No campo jurídico, normas rígidas e impecavelmente formuladas criam a aparência e a ilusão de uma ordem regular que não existe e, por isso mesmo, constitui o alvo ideal. Em literatura, gosto acentuado pelos símbolos repressivos que parecem dominar a eclosão dos impulsos”.<sup>94</sup>

Gilberto Freyre entendeu esse convencionalismo, essa política da aparência, como um processo de verdadeira **estetização** da existência.

Conforme Ricardo Benzaquen, a prática de estetização do cotidiano expressa em *Sobrados e Mucambos* deve ser analisada sob duplo aspecto: **a obsessão com a aparência e a teatralização da vida**.<sup>95</sup>

“No primeiro, enfatiza-se a verdadeira obsessão com **as aparências**, com o ‘viver nos olhos dos outros’, isto é, com a importância que se dá à opinião dos pares acerca de si mesmo, típica das

<sup>92</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 48.

<sup>93</sup> *Id. ibid.*, p. 43.

<sup>94</sup> *Id. ibid.*, p. 49.

<sup>95</sup> Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. RJ, Ed. 34, 1994, pp. 137-139. (Grifo meu).

sociedades de corte que aqui se instaurou na esteira da reeuropeização.\* Esta obsessão transforma a sociedade brasileira, a 'boa sociedade' (bem entendido) em verdadeiro teatro, onde cada ator é, também, um espectador e todos se esforçam para demonstrar sua perfeita adequação àqueles modelos importados".<sup>96</sup>

A segunda dimensão dessa estetização, assinala Ricardo Benzaquen, refere-se à preocupação com o estar em público, ou melhor, com o ritual do comportamento social:

"[...]uma imensa coerência com o desejo de se impor uma ordem absolutamente minuciosa e regular a todas as esferas da existência, aparando-se todas as pontas, todas as arestas em condições de gerar equívocos ou ambigüidades".<sup>97</sup>

**Aparência, teatralidade, cortesia**, a transição para uma sociedade urbana haveria de produzir mudanças significativas no *ethos* senhorial, levando à necessidade de elaboração de novas representações da vida social que denotassem a busca de uma identidade que se forjava sob o impacto da "reeuropeização" e, portanto, marcada fortemente pela dualidade civilização/barbárie. Um bom exemplo desse imaginário que vai se configurando num novo perfil social podemos apreender em fato ocorrido com o pintor francês Jean-Baptiste Debret e por ele narrado no seu livro *Viagem Pitoresca ao Brasil*. Tratava-se do desenho do pano de boca do teatro da corte por

---

\* O termo "reeuropeização", tão importante em *Sobrados e Mucambos* — que se transforma na derradeira explicação do sucesso da transição do sistema patriarcal para a vida urbana — merece aqui um comentário. A adoção de hábitos, costumes, modas e o consumo de artigos europeus que Freyre analisa como a importação de modelos, não deve ser tomada, na análise que fazemos, no sentido das "idéias fora do lugar", isto é, de um diapasão entre o modelo importado e o grau da experiência local. Há, de fato, uma enorme diferença entre as duas experiências de vida. O que complica não é a constatação dessa diferença, mas o tomar essa diferença como paradigma explicativo dos diferentes "processos civilizatórios". Ao ler o processo de reeuropeização, Freyre assume o imaginário dominante da época, relativo à "superioridade" da civilização européia, e por isso penetra num campo minado sem maiores cuidados. Certamente que a reeuropeização do Rio de Janeiro no sentido de "desafricanização" teve papel fundamental no desmanchamento daquela *hybris* colonial de que se impregnou a casa-grande. Mas, mais que a importação de um modelo de vida, a reeuropeização deve ser entendida como um processo de requalificação da experiência social. Em outras palavras, trata-se de instrumentalizar a sociedade a partir das representações sobre si mesma na compreensão dessa nova experiência. O importante nisso é que o processo de elaboração desse novo imaginário não é um simples ato de "inventividade" cultural, mas um verdadeiro ritual de dominação política, na medida em que o imaginário constrói as antíteses Brasil/Europa, civilização/barbárie, produto industrial/produto artesanal, progresso/atraso, etc. e, a partir daí, reconstrói práticas de dominação calcadas justamente no diferencial de "civildade" que separa os pólos opostos. Legitimando-se a partir desse diferencial, o imaginário reeuropeizante institui-se como "verdade civilizatória", submetendo a memória da população, relativa à sua experiência colonial, a uma verdadeira invasão européia. Aí, sim, a idéia de reeuropeização faz sentido.

<sup>96</sup> Araújo, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. RJ, Ed. 34, 1994, p. 137. (Grifo meu).

<sup>97</sup> *Id. ibid.*, pp. 138, 139. (Grifo meu).

ocasião da Coroação de D. Pedro I, para o qual Debret fora contratado:

“Pintor de teatro, fui encarregado da nova tela, cujo bosquejo representava a fidelidade geral da população brasileira ao governo imperial, sentado em um trono coberto por rica tapeçaria estendida por cima de palmeiras. A composição foi submetida ao Primeiro-Ministro José Bonifácio, que a aprovou. Pediu-me apenas que substituísse as palmeiras naturais por um motivo de arquitetura popular, a fim de não haver nenhuma idéia de **estado selvagem**. Coloquei, então, o trono sob uma cúpula sustentada por cariátides douradas[...]”<sup>98</sup>

O esforço de ocultar o que a Debret parece ser o “estado selvagem” da Nação que nascia, através de alegorias que remetiam ao mundo clássico e, portanto, à origem do “processo civilizatório”, revela os cuidados com a aparência, com as representações do poder e com as figurações de uma nova identidade cultural. Tal cuidado generalizou-se para todos os aspectos da vida social, passando pela aparência pessoal, pela aparência da casa, pelo *décor* da cidade, pelos enfeites das igrejas, pelas alegorias representadas nas festas públicas, etc.

Gilberto Freyre diz de tal preocupação que “era para o inglês ver” e explica que a expressão teria nascido quando da chegada de D. João VI à Bahia, acompanhado da esquadra inglesa. Querendo agradar os olhos do almirante inglês que lhe dava proteção, o Rei João mandou iluminar a cidade para que, quando a esquadra despontasse na Baía de Todos os Santos, aquele espetáculo causasse forte impressão aos **olhos estrangeiros**.

“Pra inglês ver!” A expressão é perfeita para Freyre pensar a nova sociabilidade que se forjava, longe dos olhares do *pater-família* da casa-grande, e que se fundava na idéia de “viver nos olhos dos outros”, ou melhor, viver na e da aparência.\*

Para Freyre, três séculos de relativa segregação do Brasil da Europa não-ibérica tinham levado a definição de “uma **paisagem social** com muita coisa de asiático, de mourisco, de africano”.<sup>99</sup>

E Freyre não nos poupa os exemplos:

<sup>98</sup> Citado por Santos, Afonso Carlos M. dos. “A Invenção do Brasil: um Problema Nacional?”, in *Revista de História*. SP, 1995, (Separata), nº 118, pp. 4, 5. (Grifo meu).

\* A expressão exemplifica bem o que alertamos sobre Freyre estar **colado** às representações da época. Tomando a história do inglês como um **documento** para análise do espírito da época, Freyre não consegue distanciamento suficiente para interpretar o documento como uma **visão de época** e, por isso mesmo, eivada de conceitos relativos a dominador/dominado, civilizado/bárbaro, na medida em que, conforme Freyre, o fechamento do Brasil no período colonial, seu distanciamento da Europa, e sua aproximação com a África e o Oriente, teria levado o país para longe do sopro civilizador, e para junto dos costumes pouco civilizados do lado oriental do globo terrestre.

<sup>99</sup> Freyre, Gilberto. *Sobrados e Mucambos — Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. RJ, Livraria José Olympio Ed./INL, Brasília, 5ª ed., 1977, p. 308. (Grifo meu).

“A casa com os bicos do telhado vermelho em forma de asas de pombo lembrando as da Ásia[...]; os meios de condução da gente mais opulenta — os palanquins e os banguês — os da Ásia; o ideal de mulher gorda e bonita, peitos grandes, nádegas opulentas de carne — o dos mouros; [...]mouro o costume de elas taparem o rosto quase todo[...] ao saírem de casa para a igreja, mouro o azulejo na frente das casas ou dos sobrados[...]; asiáticos e africanos muitos temperos, muitos adubos, muitas plantas e até processos inteiros de preparar comida como o cuscuz[...] Quase que tinham sido transplantados para cá pedaços inteiros e vivos e não, somente, estilhaços ou restos dessas civilizações extra-europeias”.<sup>100</sup>

A chegada da corte e a Abertura dos Portos reconectaria o Brasil com o fluxo da civilização europeia, levando a um retraimento dos fatores asiáticos e africanos da cultura colonial. Na interpretação de Freyre:

“[...]a reeuropeização do Brasil começou fazendo empalidecer em nossa vida o elemento asiático, o africano ou o indígena, cujo vistoso da cor se tornara evidente na paisagem, no traje e nos usos dos homens. Na cor das casas. Na cor dos sobrados que eram quase sempre vermelhos, sangue-de-boi; outros roxos e verdes; vários amarelos[...] Na cor dos xales das mulheres e dos ponchos dos homens; dos vestidos e das roupas[...] Na cor dos interiores das igrejas — os roxos, os dourados, os encarnados vivos[...] Na cor dos móveis que, mesmo de jacarandá, eram pintados de vermelho ou de branco. Tudo isso que dava um tom tão oriental à nossa vida dos dias comuns foi empalidecendo ao contato com a nova Europa; foi se acinzentando[...] A nova Europa impôs a um Brasil liricamente rural, que cozinhou e trabalhava com lenha, o preto, o pardo, o cinzento, o azul-escuro de sua civilização carbonífera”.<sup>101</sup>

Mesmo nas festas, aonde índios, negros, mulatos e brancos pobres procuram fazer valer suas tradições nas brechas que se oferecem, mesmo nas festas, lembra Mary del Priore, no estudo que faz sobre as festividades no Brasil colonial, “o Estado moderno está[...] empenhado em modificar os códigos culturais que desabrochavam na colônia. Sabemos que os comportamentos das populações coloniais eram simultaneamente violentos, mas fortemente socializados. A sobrevivência das relações humanas implicava alianças e conflitos, lutas reais e simbólicas pela dominação do espaço coletivo. Daí, a necessidade das instituições de poder imiscuirem-se nesse espaço para remoldá-lo à sua imagem e semelhança”.<sup>102</sup>

O mesmo cuidado com a imagem e com a simbologia se dá no nível da cidade que deve representar a sede do poder metropolitano; a capital da corte, o lugar da cortesia. Assim, por ocasião de festas e celebrações, religiosas ou não, o Rio de Janeiro travestia-se e amanhecia decorado com “arcos de triunfo” e elementos da decoração neoclássica, substituindo sua paisagem natural por um *décor* que submetia tudo e todos a uma verdadeira teatralização do que

<sup>100</sup> Freyre, Gilberto. *Sobrados e Mucambos — Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*. RJ, Livraria José Olympio Ed./INL, Brasília, 5ª ed., 1977, p. 309.

<sup>101</sup> *Id. ibid.*, p. 311.

<sup>102</sup> Del Priore, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. SP, Ed. Brasiliense, 1994, pp. 89, 90.



deveria ser a civilidade.

Não é sem motivo que Manuel Antônio de Almeida situa seu livro *No Tempo do Rei*. Ele teve porque fazê-lo. Escrevendo em 1852 e evocando a dinâmica social que aqui se estabelecera com a chegada de D. João VI, em 1808, o autor se debruça sobre um momento muito particular da vida brasileira, representado pela instauração da sociedade de corte.

Criteriosamente, a meu ver, Manuel Antônio de Almeida foge à análise da realidade do país colonial anterior à chegada da corte e esquiva-se de pensar o Brasil de sua época que se modernizava, numa cidade que começava a tomar ares de capital cosmopolita. Intencionalmente, Manuel Antônio aponta sua pena para o “tempo do rei”, porque ali estavam os elementos que lhe permitiriam analisar o que, do seu ponto de vista, foi a experiência fundante do “processo civilizatório” brasileiro, longe da influência do hibridismo senhorial, e que o autor localiza na sociedade de corte. Não é fortuito que Manuel Antônio estruture sua trama em torno das articulações entre o mundo da ordem e o mundo da desordem, na medida em que é exatamente por esse viés que ele pode medir o quanto de fachada tinha a civilidade que se imaginava gozar. Não é fortuito, tampouco, que ele tenha se afastado dos extremos da sociedade — escravos e grupos dominantes — e tenha optado por trabalhar com uma camada social em processo de formação que podemos identificar como uma espécie de “pequena burguesia”, isto é, camada média típica de um ambiente urbano, nele nascida e nele vislumbrando suas esperanças de futuro.

Que melhor laboratório que esse das camadas médias, esses “pequenos-tudo”, para se testar a equação fundante de toda e qualquer experiência social que é a do mando e obediência? Que melhor laboratório para as experiências de “civilidade” que essa pequena “canalha” das ruas surpreendida na azáfama intermitente de sua sobrevivência?

Tal escolha permite ao autor investigar, a partir do comportamento contraditório e incoerente desse grupo, todo um sistema de aparências que atravessa, de cima a baixo, a sociedade que se formava e denunciar na forma do riso sua teatralidade. A estratégia de Manuel Antônio é a de flagrar essa camada intermediária em seu estado de “brutalidade” e, a partir daí, verificar como ela vai se “civilizando” a partir da escolha que deverá fazer entre o mundo da ordem e o mundo da desordem, cada qual com seus valores próprios. Ou por outra, o autor mostra como esse grupo social vai tendo seu imaginário invadido pelo **imaginário cortês** e vai subordinando seus hábitos, comportamentos e costumes, seu estar no mundo, às vicissitudes daquele imaginário cortês, aurido de outra experiência social. Através do recorte social que Manuel Antônio opera, desvenda-se uma leitura do patético, divertido e conflituoso processo de invasão da memória popular por um imaginário forjado em outro universo de referências, com todas as suas conseqüências ridículas, num torvelinho, onde tudo se confunde, onde ordem e desordem se

sucedem constantemente, se cruzando, se misturando, se excluindo, deixando entrever que *tutto nel mondo è burla*,<sup>103</sup> ou seja, uma aparência de ordem para uma prática de desordem. Graças a esse recurso de flagrar um grupo em “processo de civilização”, de adaptação à ordem, o autor consegue desmontar a farsa de um sistema social montado sobre uma **política da aparência** que se desdobra na teatralização do cotidiano. Várias passagens no livro identificam lapidarmente essa farsa. De outra coisa não fala a passagem em que na festa de batizado do personagem principal — Leonardo Filho — com a casa cheia de convidados, o pai — Leonardo Pataca — propõe que se dance o **minueto**, dança da moda nos bailes elegantes da corte:

“A princípio, o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a idéia[...] Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia e a brincadeira **aferventou**[...] o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete em lugar isolado da sala e tomou uma viola[...] O canto de Leonardo (o pai) foi o derradeiro toque de rebate para se esquentar a brincadeira, foi o adeus às **cerimônias**. Tudo, daí em diante, foi burburinho que depressa passou à gritaria e, ainda mais depressa, à **algazarra**, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando se viam passar, através das rótulas da porta e janelas, umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal (o policial, representante da ordem) andava perto”.<sup>104</sup>

Numa outra passagem do livro, igualmente envolvendo as aparências, Manuel Antônio assegura que:

“Se no meio da **algazarra** de um fado rigoroso em que a decência e os ouvidos dos vizinhos não eram respeitados ouvia-se dizer: ‘está aí o Vidigal’, mudavam-se repentinamente as cenas, serenava tudo em um momento e a festa tomava, logo, um **aspecto sério**”.<sup>105</sup>

Ao tomar a pequena burguesia como objeto para mostrar a “coisificação” dos rituais da aparência oriundos da sociedade cortesã, Manuel Antônio consegue revelar as contradições de uma sociedade que, almejando “viver nos olhos dos outros”, cria um novo padrão de civilidade que se generaliza por todos os grupos sociais. Assim, em significativa passagem, Manuel Antônio elabora uma representação que põe, sob nosso olhar, a mística da aparência e a dialética inevitável entre a ordem e a desordem. Trata-se da comadre (madrinha de Leonardo Filho) que resolve se empenhar na soltura do afilhado que tinha sido surpreendido “em desordem” e preso pelo Major Vidigal. Para tanto, através de intermediações, acaba recorrendo a uma senhora que, no seu passado, tinha sido de **costumes fáceis** — a Maria Regalada. A outrora amante de Vidigal, Maria Regalada, a comadre e outra senhora se dirigem à casa do major com o intuito de persuadi-lo a soltar Leonardo Filho. Espiemos a cena:

<sup>103</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 41.

<sup>104</sup> Almeida, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. RJ, Ed. de Ouro, s/d, pp. 34, ss. (Grifos meus).

<sup>105</sup> *Id. ibid.*, p. 53. (Grifo meu).

“Partiram, pois, as três para a casa do major[...] O major recebeu-as de rodapé de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas, porém, reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha e envergou o mais depressa que pôde a farda: como o tempo urgia e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos e um lenço de alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre ao vê-lo assim[...] mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios”.

Antônio Cândido viu essa cena como uma subversão dos valores que distinguem ordem de desordem, o que nos leva a pensar no próprio desmanchamento da rigidez da aparência:

“Quando as mulheres chegam à sua casa[...] o major aparece de chambre de chita e tamancos, num desmazelo que contradiz o seu aprumo durante o curso da narrativa. Atarantado com a visita, desfeito em risos e arrepios de erotismo senil, corre para dentro e volta envergando a casaca do uniforme devidamente abotoada e luzindo em seus galões, mas com as calças domésticas e os mesmos tamancos batendo no assoalho. E assim, temos o nosso ríspido dragão da ordem, a consciência ética do mundo, reduzido à imagem viva dos dois hemisférios, porque nesse momento em que transgredir suas normas ante a sedução da antiga e, talvez, de novo amante, está realmente equiparado a qualquer dos malandros que perseguia: aos dois Leonardos, a Teotônio, ao Toma-Largura, ao Mestre de Cerimônias. Como este que, ao aparecer contraditoriamente de solidéu e ceroulas no quarto da cigana, misturava em signos burlescos a majestade da Igreja e as doçuras do pecado; ele agora é farda da cintura para cima, roupa caseira da cintura para baixo — encouraçando a razão nas bitolas da lei e desafoando o plexo solar nas indisciplinas amáveis”.<sup>106</sup>

Bulindo com essa pequena burguesia em formação que se espelha na nobreza, Manuel Antônio de Almeida explicita, através do comportamento irreverente dessa burguesia, o compromisso de fachada com a ordem e sua aparência, desmontando a ordem convencional e revelando que, entre ordem e desordem, o que existe é um “arreglo” e não uma separação radical. É essa dinâmica entre os dois pólos que permite a sociedade recuperar o equilíbrio perdido em momentos de crise. Mais que um “panorama documentário do Brasil joanino”, conclui Cândido, as *Memórias de um Sargento de Milícias* são, antes de tudo, sua “anatomia espectral, muito mais totalizadora”.<sup>107</sup>

<sup>106</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, pp. 43, 44.

<sup>107</sup> *Id. ibid.*, p. 54.

#### 1.4 - Intimidades Senhoriais x Externalidades Cortesãs

A sociedade de corte que se configura na colônia se institui, evidentemente, a partir da chegada de D. João VI. Mas, mais que a presença física da corte em terras brasileiras, interessa compreender a institucionalização da sociedade de corte a partir da radical transformação do *ethos* da sociedade colonial vigente, que transita de uma moral senhorial para uma moral cortesã. A percepção colonial do que era ordem, lei, justiça, transgressão e punição,<sup>108</sup> por um lado, e os ideais de civilidade, cortesia, honra, moral e vida pública, característicos da sociedade de corte, por outro, haveriam de opor duas diferentes percepções sobre a legitimidade do poder.

Na medida em que, segundo Baczko, o exercício do poder — especialmente o político — passa pelo imaginário coletivo, devemos entender que diferentes percepções da experiência social levariam a diferentes representações dessa mesma experiência, gerando um conflito que só se resolve quando o poder poderoso se torna, também, poder legítimo, isto é, quando as relações de força se ajuntam da mesma forma às relações de sentido e conseguem lhe dar representatividade.<sup>109</sup>

Nesse sentido, a sociedade cortesã que se impõe à tradição senhorial se concebe como uma espécie de contra-legitimidade, ou seja, um poder fundado sobre outra legitimidade, cujo dispositivo imaginário assegura, ao grupo social representativo dessa legitimidade, um outro esquema coletivo de interpretação das experiências individuais que levarão à adesão a um novo sistema de valores.<sup>110</sup> A simples presença da corte portuguesa em terras tão senhoriais e diante de senhores tão ciosos de seu poder deve ser vista, então, como fator de renovação da paisagem social.

Dois viajantes ingleses, D. Kidder e J. Fletcher, que passaram pelo Rio depois da chegada da corte, documentaram o impacto que a vida social da cidade experimentou com a presença do rei:

“Com a chegada do Príncipe Regente abriram-se os portos[...] Os costumes do povo experimentaram, também, uma transformação correlata. Introduziram-se as modas européias. Da reclusão e restrições do isolamento, o povo emergiu nas cerimônias festivas da corte, cujas recepções e festas de gala atraíam multidões de toda parte. Na sociedade misturada que a capital, então, ostentava, espanou-se o pó do retrainento, desapareceram antiquados costumes, novas idéias e formas de viver foram adotadas, propagando-se de círculo em círculo e de cidade em cidade”.<sup>111</sup>

<sup>108</sup> Ver: Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989, p. 20.

<sup>109</sup> Baczko, Bronislaw. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et Espoir Collectifs*. Paris, Éd. Payot, 1984, pp. 12-33.

<sup>110</sup> *Id. ibid.*, pp. 33-35.

<sup>111</sup> Citado por Rainho, Maria do Carmo T. *A Cidade e a Moda: Novas Pretensões, Novas Distinções*. Concurso de Monografia. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, p. 42, xerox.

A percepção dos autores de que novas idéias e formas de viver eram adotadas nos remete ao âmagô da nova experiência de “vida social” que se esboçava frente à tradicional intimidade da convivência que caracterizava a família colonial. Ao enclausuramento da família nos sobrados, a vivência de corte acena com a “vida pública”, isto é, a vida em público nos teatros e nas festas. E como quem diz vida pública se refere a estar constantemente em cena, no teatro da ação visível das relações sociais, é inevitável que se defronte com a questão da **aparência**, ou seja, com a questão da **imagem pública** daqueles que se confrontam na vida pública.<sup>112</sup>

Assim, à intimidade propiciadora da *hybris* senhorial, a sociedade de corte opõe sua aparência pública, o estar permanentemente em cena. Àquela **intimidade** que estava na raiz da constituição da noção de *persona* e que é a base da dinâmica da família colonial, cuja especificidade é reproduzir eternamente o **mesmo** (o da família), desconhecendo o **outro**, àquela intimidade a sociedade de corte opõe a **exterioridade**, que é o lugar do outro, o fundamento do *personagem*, aquele que vive nos “olhos dos outros”.<sup>113</sup> Estamos, sem dúvida, diante de um processo de **estetização** do cotidiano, cuja ênfase recai sobre a aparência. A aparência deve ser vista, pois, como um princípio da ação política, ou seja, como a constituição de relações de soberania em cujo jogo, entre visibilidade e ocultamento, se estrutura um campo de poder e dominação.

Contudo, essa política da aparência só pode vingar a partir da contenção da intimidade. A imposição da sociedade de corte só é possível, então, com o dismantelamento da sociabilidade característica da sociedade rural-escravista que produzia verdadeira introversão social, desde uma concepção privatista do mundo, onde a família devia gerar **parentes** e não **cidadãos**.<sup>114</sup> É assim que um novo modelo de sociabilidade vai se forjando e recobrando os cânones senhoriais que serviram de modelo, por quase três séculos, às práticas de sociabilidade da família colonial.

Meu interesse na análise do processo de consolidação dessas diferentes formas de sociabilidade deriva da constatação da existência de uma profunda correspondência entre certas formas de sociabilidade e certas percepções do que seja ordem, justiça, transgressão e punição. Assim, parece ser que, quando uma determinada sociedade redefine suas formas de convívio social, redefine ao mesmo tempo o sistema de controle do funcionamento desse convívio que produz, incessantemente, representações do que seja a ordem e a desordem, a legalidade e a ilegalidade, o conflito e a harmonia, o bem e o mal, o perigoso e o inofensivo, etc.

---

<sup>112</sup> Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993, pp. 24, 83, 84. (Grifos meus).

<sup>113</sup> *Id. ibid.*, p. 24. (Grifos meus).

<sup>114</sup> Ver: Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989, pp. 37, 41, 42, 47. (Grifos meus).

Estamos nos referindo à noção de **pacto social**. No entanto, sabemos que não podemos pensar em contrato social sem a constituição de um **sujeito de direito**, de caráter público e político. Ora, é difícil vislumbrar esse sujeito de direito, seja na **sociedade senhorial**, seja na **sociedade de corte**.

No primeiro caso, a noção de sujeito recai sobre a *persona*, portanto, sobre o sujeito da intimidade, isto é, **o mesmo, o parente, o membro da família**, não supondo a existência do outro. A *persona*, cujo expoente máximo é o senhor, não se constitui em sujeito de direito, uma vez que, estando no mando de todas as coisas de seu mundo, enfeixando nas mãos o que seriam os poderes de um Estado, reduz o social àquilo que está ao alcance de suas mãos, ou melhor, do seu mando. Nesse sentido, sua representação do social se reduz à família ou grupo parental, onde ele reproduz em escala menor (na intimidade) a estrutura da dominação colonial que começa no rei e se desdobra nele próprio. O patriarca é o rei nos seus domínios, e porque rei, infenso à lei. É o que constata Sérgio Buarque de Holanda quando afirma que, “[...]o único setor onde o princípio da autoridade é indisputado, a família colonial, fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência, da coesão entre os homens. O resultado era predominarem em toda a vida social sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente **particularista e antipolítica**, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família”.<sup>115</sup> Por não conceber o diferente da família, por não admitir a possibilidade do outro, o senhor não negocia, situa-se aquém do pacto, não produz política.

No caso da sociedade de corte, ao contrário, **o outro** é a condição fundamental para a existência do sujeito, na medida em que todos são *personagens* e a vida social é pura teatralização, exposição pública. Ainda assim, não é a partir da noção de Estado de Direito que se define a ordem nesse modelo de sociabilidade. Na sociedade de corte, a ordem se torna um atributo da cortesia, que é a forma por excelência de dominação e controle social. Aparentemente frívola e fútil, **a cortesia**, através de seus desdobramentos: **a cortesania** (as boas maneiras), **a cortesância** (o modo de vida de quem gravita em torno dos grandes) e **o cortesão** (um sistema de bajulação e falsidade),<sup>116</sup> se estrutura como uma política e, por isso mesmo, suas representações do universo cortês podem ser vistas como um discurso do poder.

Ser cortês é a verdadeira responsabilidade do nobre. Carregar o “fardo” da cortesia é sua derradeira missão. Existir como personagem é a medida de sua responsabilidade. Diferente do “burguês”, que pode ser definido como sujeito, como aquele que responde por aquilo que sua

---

<sup>115</sup> Citado por Malerba, Jurandir. *Os Brancos da Lei. Liberalismo, Escravidão e Mentalidade Patriarcal no Império do Brasil*. Maringá, PR, EDUEM, 1994, pp. 62, 63. (Grifo meu).

<sup>116</sup> Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaios sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993, p. 90. (Grifos meus).

individualidade designou como sendo **ação sua**, o nobre só é afetado em sua responsabilidade quando sua **honra**, isto é, sua **imagem pública** é atingida, pois a pessoa do nobre é o seu bem maior. O nobre tem na **pessoa** o que temos na *res*, portanto, sua responsabilidade, sua ação no mundo, volta-se sobre sua própria figura, jamais sobre o outro.<sup>117</sup> Por conseguinte, ao nobre não lhe tocam nem a responsabilidade civil nem a penal, uma vez que ele não é **pessoa** (prescinde da intimidade para ser só aparência) e, conseqüentemente, nunca possa figurar como sujeito de direito. Como a **lei penal** afeta o indivíduo em sua intimidade (e não a materialidade externa que ele encena em suas ações) e a **lei civil** atua regulando as *personae* enquanto se contratam em sociedade (encenando uma sociabilidade), o homem cortês se situa além das responsabilidades penal e civil, desenvolvendo outras formas de responsabilidade social. Tocam-lhe, sem dúvida, pesadas responsabilidades derivadas de sua condição cortesã de ser do mundo. São as responsabilidades da cortesia.<sup>118</sup>

As diferenças entre as experiências de sociabilidade aqui aludidas apontam para distintos *ethos* e para legitimidades próprias a cada sistema de regulação da convivência social que se expressam numa “legitimidade patriarcal” ou numa “legitimidade cortesã”. Levando-se em conta que o coroamento da legitimidade de um processo de agregação social se expressa numa ordem social e política, indaguemo-nos pela natureza dessa ordem, partindo da premissa que diferentes formas de sociabilidade tendem a levar a diferentes modelos de ordem.

---

<sup>117</sup> Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993, pp. 22-27. (Grifo meu).

<sup>118</sup> *Id. ibid.*, pp. 23 e ss.

## 1.5 - Ordem Senhorial x Ordem Cortesã

Até à Constituição outorgada de 1824, a legislação reguladora da vida da colônia portuguesa esteve baseada nas **Ordenações Filipinas** que, por quase 3 séculos, definiram a conduta civil e criminal a ser seguida. Segundo o jurista Cândido Mendes de Almeida, em comentário à edição de 1870 do Código Filipino, “o nosso legislador constituinte fez ao país no art. 179, § 18 da Constituição (de 1824) a solene promessa de quanto antes dotá-lo de dois Códigos, um Criminal e outro Civil, fundados nas sólidas bases da justiça e equidade”.<sup>119</sup> A partir da Carta de 1824, que previa as formas dos “cidadãos” se contratarem em sociedade; do Código Criminal de 1830 e do Código do Processo Criminal de 1832, que estabeleciam, respectivamente, definições doutrinárias sobre a conduta criminal dos indivíduos e normas e determinações práticas que deviam orientar o funcionamento do aparelho judiciário; e a partir do Código Comercial de 1850, que regulamentava as relações entre os proprietários de bens, se define uma moldura jurídica para a Nação que nascia.<sup>120</sup>

Por quase três séculos, constata-se — a colônia esteve submetida às **Ordenações Portuguesas** — que eram uma espécie de Código que somava as disposições do Direito Romano, as do Direito Canônico e as dos Códigos Medievais. Do Direito Romano, as Ordenações, no que tange às leis penais e os processos criminais, auriram a indagação dos crimes, os meios de acusação e as querelas, filhas dos antigos costumes. Do Direito Canônico, inspiraram-se nos crimes de feitiçaria e encantos, nos crimes de “pecado”, nas inquirições e devassas. O Direito Medieval reconhece-se nas Ordenações, na imposição das penas e na desigualdade do sistema feudal que imputava aos nobres penas sempre menores que aos plebeus.<sup>121</sup> Por isso, mesmo, as Ordenações são vistas como um Código em que o “legislador não teve em vista tantos os fins das penas e a sua proporção com o delito, como conter os homens por meio do terror e do sangue”.\*<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> Almeida, Cândido Mendes de. *Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal*. Recopiladas por Mando d’El Rei D. Philippe I, 14ª ed., segundo a Primeira de 1603 e a Nona de Coimbra de 1824. RJ, Typ. do Instituto Philomatico, 1870, parte V.

<sup>120</sup> Ver: Malerba, Jurandir. *Os Brancos da Lei. Liberalismo, Escravidão e Mentalidade Patriarcal no Império do Brasil*. Maringá, PR, EDUEM, 1994, pp. 2, 8, 9.

<sup>121</sup> Ver: Almeida Junior, João Mendes de. *Processo Criminal Brasileiro*. RJ, Typ. Baptista Souza, 1920, 2 vols., p. 119.

\* É curioso o alarde que os juristas do século XIX fazem em torno das “barbaridades” das Ordenações Filipinas. Toda grita que fazem em torno das Ordenações os faz esquecer em duas coisas elementares: a de que, não havendo Estado de Direito no período colonial, é impossível pensar em lei protetora do cidadão — simplesmente há legislação, mas não há lei; embora critiquem a violência das Ordenações, os juristas raramente se recordam da violência imposta aos escravos, na sociedade em que vivem... e fazem as leis!

<sup>122</sup> *Id. ibid.*, p. 119. (Grifo meu).



Ansiosos por romper com a visão da **contenção** baseada no sangue, os juristas, principalmente aqueles de finais do século XIX e princípios do século XX, procuraram se distanciar dessas concepções e na sua intenção de romper com o passado colonial mostram-se críticos com os princípios das Ordenações.

É significativo que muitos desses juristas defendessem a escravidão e não dispensassem o uso da violência para com os negros, seus contemporâneos. Seu “projeto” de um Estado de Direito não parecia contrariar os fundamentos da sociedade em que eles viviam e contribuíam com sua prática como juristas para legitimar.

Para Cândido Mendes, a penalidade imputada pelas Ordenações era, em geral, áspera, pois a pena de morte e as mutilações eram nelas abundantes.

Outro jurista, Virgílio de Sá Ferreira, diria das Ordenações que elas eram:

“[...]bases empedernidas em prolixos séculos de iniquidade nas quais assentavam as paredes mestras dessa concepção monstruosa do Direito Penal que erigia em crime o pecado, em delitos os vícios, tirava à pena sua fixidez essencial para deixar-lhe a aplicação arbitrária, segundo a graveza do caso e a qualidade da pessoa, punia com a pena capital as mais estúpidas, ridículas ou iníquas práticas da feitiçaria, da magia, da bruxaria[...]”<sup>123</sup>

Conforme o mesmo jurista, as Ordenações, em sua parte relativa a crimes — o Livro V — não devem ser vistas como um Código Criminal, pois não merecem esse nome “o acervo de leis desconexas ditadas em tempos remotos, sem o conhecimento dos verdadeiros princípios e influídas pela **superstição** e por grosseiros **prejuízos**, igualando às de Draco em barbaridades e excedendo-as na qualificação absurda dos crimes, irrogando penas a fatos que a **razão** nega existência e a outros, também, que estão fora dos limites do poder social: elas, também, têm o vício de distinguir as penas dos delinquentes e de estender as penas aos inocentes”.<sup>124</sup>

Na análise que faz sobre o Poder Judiciário no Brasil no período entre 1532 e 1871, usando como referência a Inglaterra, Alfredo Vieira de Mello afirma que:

“O que a Inglaterra realizara, em 1215, pela reação de sua aristocracia, impondo na Carta-Magna os preceitos gerais reguladores da liberdade jurídica e da ação delimitada do poder político — Portugal e Espanha — sob o guante de ferro das Monarquias fanáticas, reuniam ainda na pessoa do rei como o senhor absoluto de toda a administração do Exército, da Diplomacia, do Culto, da Justiça.

---

<sup>123</sup> Pereira, Virgílio de Sá. “Os Códigos Criminal, do Processo e Comercial. Formação do nosso Direito Civil. A Reforma Judiciária de 1871”, in *Revista do IHGB*. RJ, 1916, tomo especial (1914), p. 152.

<sup>124</sup> *Id. ibid.*, pp. 156, 157. (Grifos meus).

De acordo com Manuel Montenegro no estudo que faz sobre o Código Criminal de 1830, referindo-se ao “passado jurídico” da colônia, encontram-se no Livro V das Ordenações “os mais graves erros de envolta com a barbárie crassa que nos testemunha a história portuguesa, barbaridades e penas tão revoltantes que a nossa legislação rejeitou, substituindo somente pelos Códigos — Criminal e do Processo”. <sup>126</sup>

H. C. Gusmão confirma, em sua análise do Código Criminal, a crueldade das penas determinadas pelas Ordenações:

“[...]a crueza de suas penas chegava a ponto de infligir a morte natural a simples infrações policiais (Livro V); a pena passava da pessoa do delinquente a seus descendentes, desaparecendo, assim, a responsabilidade criminal; confundia o crime com o pecado e o vício, o que importava a confusão do Direito com a religião e a moral; a individuação da pena era desconhecida, porque o juiz fazia sua aplicação segundo a graveza do caso e a qualidade das pessoas”. <sup>127</sup>

De acordo com Alfredo Vieira de Mello, no período colonial dependente da autoridade despótica da metrópole, não foi possível se desenvolver no Brasil a ação de poderes organizados e independentes. Para Mello, o que preponderava era a “onipotência dos monarcas absolutos e os privilégios ignominiosos por eles criados [e que] consistiam em negar aos povos os próprios atributos de sua existência jurídica”. <sup>128</sup>

Só a Constituição de 1824, argumenta Virgílio de Sá Pereira, é que iria demolir o edifício penal português, concretizado no Livro V das Ordenações Filipinas:

“Logo no § 5º do art. 179, a Constituição destruiu toda a legislação penal filipina referente aos chamados crimes de religião; no § 13º, estabelecia igualdade perante a lei, completado pelo § 7º, extinguindo o privilégio de foro; no § 19º, declarava abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente e todas as demais penas cruéis; no § 20º, proclamava a personalização da pena, emancipava a descendência inocente da herança maldita da infâmia; abolia o confisco[...]

---

\* Chama atenção a idealização que o jurista faz da Carta-Magna inglesa para construir seus argumentos a favor de uma sociedade de Direito. O jurista vai buscar na tradição histórica ocidental os fundamentos que serviram de paradigma à crítica ao modelo penal português.

<sup>125</sup> Mello, Alfredo P. Vieira de. “O Poder Judiciário no Brasil”. (1532/1871), in *Revista do IHGB*. RJ, 1916, tomo especial (1914), parte IV, p. 99. (Grifo meu).

<sup>126</sup> Montenegro, Manuel J. Bezerra. *Lições Acadêmicas Sobre Artigos do Código Criminal*. Recife, PE, Typ. Universal, 1860, p. 9.

<sup>127</sup> Citado por Malerba, Jurandir. *Os Brancos da Lei. Liberalismo, Escravidão e Mentalidade Patriarcal no Império do Brasil*. Maringá, PR, EDUEM, 1994, p. 37.

<sup>128</sup> Mello, Alfredo P. Vieira de. *Op. cit.*, p. 99.

A Constituição de 1824, no art. 179, proclamando a inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros que têm por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade; e no § 5º, prescrevendo que ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, destruiu as bases, mesmas, do Direito Penal das Ordenações[...]"<sup>129</sup>

Todo o edifício penal português fora construído sobre os alicerces de um Direito Consuetudinário (fundado nos costumes) e remetia para uma sociedade, cuja figura central era o *pater-família*. Não é por menos que no Brasil escravista do século XIX o Estado é visto como um núcleo familiar ampliado.<sup>130</sup>

Na opinião de renomado jurista de meados do século XIX:

"[...]o poder legítimo divide-se em político e doméstico. O magistrado, ou pai, ou aquele que o representa, não podia fazer respeitar sua autoridade, um no Estado, outro na família, se não estivesse armado de meios coercitivos contra a desobediência. O mal que ele inflige tem o nome de pena ou castigo. Por estas vias de fato, só procura obter o bem da grande como da pequena sociedade, e não é preciso dizer que o exercício de sua autoridade legítima é um meio completo de justificação, pois ninguém quereria ser pai se não tivesse toda a segurança no emprego de seu poder[...]  
Não se pode, pois, duvidar do direito que existe no pai, no senhor, no mestre, de castigar o filho, o escravo, o discípulo".<sup>131</sup>

Segundo Malerba, a diferença entre Estado e família no Brasil colonial é apenas quantitativa, ou seja, somente uma questão de dimensões diferentes da mesma forma. E arremata: "na concessão aos superiores do uso privado da violência, deve-se observar, não apenas a homologia estrutural entre o ser e o dever ser na sociedade escravista, mas igualmente o papel de relevo que assume a obediência como valor universal[...]. É na família que se produzem e reproduzem as hierarquias e a noção de obediência".<sup>132</sup> Por isso mesmo, argumenta Jurandir Freire, a família patriarcal criou uma representação dos direitos, deveres e finalidades que não admitia discordâncias ou contestações. É compreensível, pois, que a "solidariedade da família senhorial" ocupasse o espaço dos direitos e deveres dos cidadãos, pois funcionava como dispositivo paralelo de poder apoiado no parentesco.<sup>133</sup>

Estamos, pois, no terreno dos costumes que se consolidam com a prática do mando senhorial e da obediência escravista e que referendam uma Justiça que não se baseia na lei, mas numa ética que

<sup>129</sup> Pereira, Virgílio de Sá. "Os Códigos Criminal, do Processo e Comercial. Formação do nosso Direito Civil. A Reforma Judiciária de 1871", in *Revista do IGHB*. RJ, 1916, tomo especial (1914), pp. 152, 153.

<sup>130</sup> Malerba, Jurandir. *Os Brancos da Lei. Liberalismo, Escravidão e Mentalidade Patriarcal no Império do Brasil*. Maringá, PR, EDUEM, 1994, p. 41.

<sup>131</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 42.

<sup>132</sup> *Id. ibid.*, pp. 42, 43.

<sup>133</sup> Ver: Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989, pp. 37 e ss.

legitima o poder e a autoridade do senhor. Ambiente inóspito ao vicejamento de um sujeito de direito, porque alguém da necessidade da constituição de um pacto social entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem, já que a legitimidade do recurso à violência atua constantemente como atualizadora da ordem. E onde não viceja o sujeito de direito, a atmosfera tampouco é propícia ao desabrochar de práticas judiciárias, conforme Foucault — a verdade jurídica \* — onde as práticas sociais engendram novos domínios de saber que produzem novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, e fazem nascer formas novas de **sujeito (do conhecimento)**.<sup>134</sup> Ora, assinala Foucault, esse novo sujeito do conhecimento que nasce como fruto dos novos domínios de saber e, a partir do qual, a **verdade** eclode e o conhecimento é possível, esse sujeito do conhecimento dará origem a uma reelaboração teórica da lei penal. “O crime no sentido penal do termo, a infração, deixa de ter qualquer relação com a falta de moral ou religiosa. A infração penal, assim, se caracteriza por ser uma ruptura com a lei, lei civil explicitamente, estabelecida no interior de uma sociedade pelo lado legislativo do poder político[...] Há, por conseguinte, uma nova definição do criminoso”.<sup>135</sup> É um inimigo social, é aquele que rompeu com o pacto social. Esse novo sujeito do conhecimento que redefine direitos e responsabilidades é que dá origem ao **sujeito de direito**, uma vez que não há prática judiciária sem a enunciação de um sujeito de direito.

Se as formas da verdade que instaura o campo jurídico podem ser definidas a partir de uma nova prática penal como quer Foucault, podemos concluir que no Brasil senhorial do Livro V das Ordenações Filipinas a verdade estava circunscrita a um conhecimento das responsabilidades jurídicas que repousam sobre a **falta moral ou religiosa**; no limite, sobre **os costumes**. A verdade senhorial, portanto, dispensa a existência de um sujeito de direito. A prática penal colonial ancora-se em relações de poder de caráter particularista e antipolítico, marcada pela invasão do público pelo privado, do Estado pela família.<sup>136</sup> Assim, “[...]cada indivíduo afirma-se ante seu semelhante indiferente à lei geral”.<sup>137</sup> A família senhorial é o grande modelo, onde vão se calcar na vida política as relações entre governantes e governados. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, regula a boa harmonia do corpo social e, portanto, deve ser rigorosamente respeitada e cumprida.<sup>138</sup> E como o principal zelador dos costumes dessa sociedade é o senhor, a verdade no sentido do surgimento de um novo sujeito do

---

\* Leia-se “verdade jurídica” como legitimidade social.

<sup>134</sup> Foucault, Michel. As Verdades e as Formas Jurídicas, in *Cadernos da PUC/RJ*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1974, Série Letras e Artes, nº 16, p. 5.

<sup>135</sup> *Id. ibid.*, p. 64.

<sup>136</sup> Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. RJ, Ed. Livraria José Olympio, 7ª ed., 1973, p. 50.

<sup>137</sup> *Id. ibid.*, p. 113.

<sup>138</sup> *Id. ibid.*, p. 53.

conhecimento como quer Foucault não é possível, e a prática jurídica diz respeito às práticas senhoriais dominantes de gestão dos negócios e da política que se verão refletidas nas leis que conformam as Ordenações. E como, de acordo com Foucault, só pode haver certo tipo de conhecimento, certas ordens de verdade, certos domínios de saber, a partir de determinadas condições políticas — que são a base da pactuação social — inferimos que no antigo sistema colonial as Ordenações sintetizavam os limites à constituição de um sujeito de direito, uma vez que legislavam sobre uma prática política que se deslocou da esfera pública para os negócios privados do senhor. É contra essa “ordem privada” do senhor que irá surgir toda a moldura jurídica brasileira do século XIX, principalmente aquela que diz respeito à penalidade: o Código Criminal e o Código do Processo Criminal.

Ao execrarem as Ordenações a partir das representações que delas faziam como um corpo jurídico aplicável a uma sociedade que estrutura seu “sistema de ordem” desde outro *ethos*, os juristas e seus outros parceiros letrados estão, sobretudo, se desembaraçando do fantasma da ordem senhorial e, com isto, constituindo-a em objeto de análise. Ora, colocar um objeto sob o foco da análise é o mesmo que criar condições de nele intervir, modificá-lo e constituí-lo como referência (negativa) para o estabelecimento de uma nova legitimidade. É assim que as “crueldades” das leis filipinas são equacionadas (se esquecem os juristas das crueldades que eles próprios justificam contra os escravos) e servem como termo para as transformações propostas no sentido de um reenquadramento da ordem a partir da definição de novas **verdades jurídicas**. O sistema jurídico de controle da ordem colonial é desclassificado como bárbaro e a sociabilidade legitimadora desse sistema é definida como defasada das conquistas civilizatórias.

A *hybris* senhorial passa a ser representada como negativa, na medida em que é produtora de excessos, misturas, desordem e o senhor é percebido como agente dessa desordem, principalmente quando confunde interesses particulares com os públicos.

A moldura jurídica — que é como os juristas se representam, e representam ao mesmo tempo a “estrutura legal” da sociedade da qual querem se diferenciar — que se procura construir, para proteção do Estado brasileiro nascido com a Independência, pressupõe “verdades jurídicas” completamente diversas daquelas coloniais. Pressupõe, sobretudo, uma sociabilidade que, para ser contida, deve ser enquadrada, não mais pelos princípios que regem a autoridade do senhor, dono de terras e escravos, mas pelos princípios da cortesia que decorrem da vida de corte na cidade. Às Ordenações Filipinas vão se impor os **Manuais de Civilidade**, indicando que um novo modelo de contenção da sociabilidade na regulação dos comportamentos começava a se definir com a chegada da corte. Era o tempo da **cortesia**. Mas, isso já veremos a seguir...

## CAPÍTULO II

### “METER EM POLÍCIA UMA NAÇÃO É O MESMO QUE CIVILIZÁ-LA E URBANIZÁ-LA”

#### 2.1 - Polícia (Polir, Assear, Adornar)

Quando D. João VI chegou ao Rio, naquele janeiro de 1808, trouxe consigo não apenas a chave para a Abertura dos Portos e a integração da colônia no mercado internacional mas, também, a receita de uma nova sociedade que se instalaria em terras cariocas. Atualizando o poder da Monarquia, que se achava um tanto combalido nestas paragens tropicais tão privatistas, D. João acomodaria aqui, com todos os rapapés e *politesses* ainda que um tanto gastos, uma sociedade cortesã.

Pode parecer um tamanho absurdo, mas foi mesmo assim, da noite para o dia, que uma nova sociedade aconteceu no Rio de Janeiro. Diria, mesmo, que dormimos colonos e acordamos cortesãos. Por certo não foi mágica. É claro que alguma coisa já vinha ocorrendo — uma crise \* — no antigo sistema colonial, um paradoxo mesmo, dirá Fernando Novais, entre o caráter profundamente rural da sociedade litorânea e aquele marcadamente urbano das minas, onde o mais estável e permanente é o setor litorâneo, voltado para fora, e o mais fluido e superficial é o setor interiorizado e urbano.<sup>139</sup> Por isso mesmo, arremata Novais, instabilidade, precariedade e provisoriade parecem formar uma “camada de sensações” que atravessa toda a experiência colonial.<sup>140</sup>

---

\* Essa crise é tanto mais importante porque ela vai redundar numa verdadeira ruptura a partir da qual a natureza do sistema colonial se eclipsa, favorecendo a introdução de outra lógica a sustentar todo o esquema de organização da extração do excedente. Assim, a colônia irá se transformar num Império; o sistema legal baseado nas Ordenações Filipinas será substituído pelo conjunto de leis que configurarão a Constituição; o **pacto colonial** que garantia o “exclusivo” metropolitano será superado pelo **pacto social** que garantirá a sobrevivência política do sistema mercantil e escravista e logo a rearticulação dos monopólios (mão-de-obra, tráfico, terras, etc.), e aquele que era súdito do rei transfigurar-se-á em cidadão (sujeito de direito) com a vigência do Estado de Direito. É a partir desta crise, também, que a cidade irá se transformar no novo *locus* do poder, desde onde um novo imaginário sobre a vida nacional e a vida de relações (sociabilidade) será traçado. Em seu *O Tempo Saquarema*, Ilmar Rohloff de Mattos chamou a esse processo de “restauração da moeda colonial”.

<sup>139</sup> Ver: Novais, Fernando A. “Condições da Privacidade na Colônia”, in Mello e Souza de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 25.

<sup>140</sup> *Id. ibid.*, p. 32.

Essas “sensações” se tornaram mais agudas, a partir do século XVIII, com a descoberta do ouro nas “Gerais” e o processo de urbanização daí decorrente. “Cidades ligadas à extração do ouro e comercialização do produto criavam-se ou expandiam-se. Paralelamente, surgia uma elite relativamente diferenciada dos interesses do Reino. Negociantes, homens de Letras, militares, funcionários públicos, religiosos e outras camadas sociais começaram a se opor à extorsão econômica de Portugal. Os episódios de sabotagem econômica e rebeldia política se multiplicaram [...] A cidade tornara-se um foco permanente de contestação do poder real e precisava ser dominada”.<sup>141</sup>

Diante de tal situação, a metrópole se vê impelida a intervir e reconduzir as cidades à ordem colonial através dos recursos que dispunha, um conjunto de disposições codificadas nas Ordenações Filipinas,<sup>142</sup> que versavam basicamente sobre as formas de punição que dever-se-ia infligir aos desordeiros.

Segundo Jurandir Freire, o aparelho jurídico colonial se tornara incapaz de responder às novas demandas por ordem, decorrentes das representações sobre o caos que as autoridades portuguesas passaram a formular diante da diminuição da tolerância com tudo aquilo que na colônia ameaçasse a sua hegemonia. Fato este que levou a que a estratégia punitiva da colônia esgotasse suas possibilidades de ação, sem modificar o perfil insurreto da população citadina. O século XIX receberia, portanto, a desordem urbana praticamente intacta.<sup>143</sup>

Atuando fundamentalmente como titular da violência,<sup>144</sup> o Estado português se limita a punir, dando vazão à sua lógica repressiva diante de tudo aquilo que resistisse ao seu domínio e que era vivido como desordem. Apoiando-se no seu tradicional mecanismo jurídico-policial, que tudo resolvia na base da punição, o Estado tornava improdutivo a repressão<sup>145</sup> diante da realidade da experiência urbana, das novas formas de convivialidade e do surgimento de novos grupos no cenário social.

O cipoal de leis coloniais e o pesado braço castigador do Estado, numa conjuntura de crise do próprio sistema colonial, em nada contribuem, portanto, para contenção daquilo que era taxado por Portugal como desordem.

---

<sup>141</sup> Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989, p. 19.

<sup>142</sup> *Id. ibid.*, p. 20.

<sup>143</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>144</sup> Souza, Laura M. *Desclassificados do Ouro. A Pobreza Mineira no Século XVIII*. RJ, Ed. Graal, 1982, p. 93.

<sup>145</sup> Costa, Jurandir Freire. *Op. cit.*, p. 22.

A lei subordinava a realidade descolando-se dela sem conseguir exprimi-la e a ordem era resultado da obediência passiva e do silêncio.<sup>146</sup>

Aos paradoxos do sistema colonial somam-se as contradições da ordem colonial.

A crise se avoluma!

Diante desse quadro, entende-se o zelo de D. João VI, logo de sua chegada ao Rio de Janeiro, com a reafirmação da Monarquia, com a sua legitimação e com o restabelecimento da ordem que se expressaria através das novas formas fundadas na **cortesias**.

Uma nova dinâmica do poder, diante da realidade urbana da capital do Império português, vai aos poucos se instituindo. E se a velha prática da repressão para a manutenção da ordem nunca é deixada de lado, ela é obrigada a conviver com uma concepção, pelo menos diferente, do que deveria ser a ordem: a “**contenção**” cortesã.

Para se ter uma idéia do que se entendia como **contenção**, atentemos para o verbete **polícia** do *Dicionário Enciclopédico ou Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Almeida e Lacerda que, apesar de ser publicado só em 1868, ainda guardava muitos resquícios do significado que a **contenção** tinha quando da chegada da corte ao Rio de Janeiro:

“I) Polícia (do latim *politia*; do grego *polites*, cidadão; de *pólis*, cidade) governo e boa administração do Estado, da segurança dos cidadãos, da salubridade, subsistência, etc. Hoje, entende-se particularmente da limpeza, iluminação, segurança e de tudo o que respeita a vigilância sobre vagabundos, mendigos, facinorosos, facciosos, etc.

II) Polícia (do latim *politio*, de *polire*, polir, assear, adornar) cultura, polimento, aperfeiçoamento da Nação, introduzir melhoramentos na civilização de uma Nação”.<sup>147</sup>

Essa significativa representação do que seja polícia que, por um lado, remete para a cidade e o bom governo do Estado e, por outro, para a segurança dos cidadãos, para a polidez das relações sociais e para a própria concepção de civilização, ajuda-nos a compreender como vai se definindo o imaginário da nova ordem que ia se impondo, calcada na idéia de **contenção**.

Se admitirmos que a linguagem guarda certas particularidades da dinâmica da sociedade da qual ela é fruto, temos que admitir, também, que certas palavras remetem para uma origem, para uma realidade que as impregnam de um sentido que elas irão carregar, até que a própria realidade se encarregue, quando este não dê mais conta de nomear seus significantes, de dotá-las de novo

<sup>146</sup> Souza, Laura M. *Op. cit.*, pp. 92, 93.

<sup>147</sup> Citado por Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, Notas, pp. 279, 280.



significado. Tal é o caso do termo polícia que, pela via grega, deriva de *pólis* e remete para a cidade e a cidadania e, pela via latina, remete para polidez, cultura e civilização.

Nesse sentido, podemos admitir que, historicamente, polícia desprende-se de *pólis* e vincula-se à **polidez**. Donde a conclusão, a partir do verbete do *Dicionário* de Almeida e Lacerda, que a polidez era o meio pelo qual a polícia almejava atingir a civilização. Constatamos, com isso, que o “projeto civilizador” da Monarquia portuguesa que se instalava em terras cariocas e sua concepção do que deveria ser a ordem se distanciava das concepções de polícia e ordem expressas nas Ordenações, e que, conforme opinião de um estudioso dessa legislação, “visava conter os homens por meio do terror e do sangue”.<sup>148</sup>

Certamente que a ordem derivada das novas práticas da polícia não será menos violenta ou arbitrária. A dor do cacete no lombo daquele que apanha tem o mesmo sabor, independente do novo sentido que o termo polícia toma, daquele látigo que faz marchar a sociedade regida pelas Ordenações. O que há de novidade aí é que as velhas formas de controle da população vão cedendo lugar a uma nova concepção de ordem que combina violência com contenção. Para os escravos e para os pobres livres, o porrete continua sendo o fim da linha da “desordem”. Mas, como lidar, como cercear aqueles grupos médios que, de mais a mais, infestam as cidades, fazendo delas o lugar dos seus ócios e negócios, o destino de suas vidas?

Como vimos a partir da definição de polícia, a nova concepção de ordem irá incorporar os ditames da *politesse* vindos da experiência da prática da vida de corte. Assim, a nova referência da contenção, o horizonte que irá inspirar as práticas da sociabilidade da corte, será o da cortesia.

Baseada num modelo de contenção que visa regular comportamentos, governar condutas, prevenir desordens, a cortesia desinveste da prática do corpo a corpo para sancionar as relações face a face, simplesmente porque a força da contenção polida está nas **formas**, não mais na violência corporal.<sup>149</sup> As formas não estão isentas de violência, elas apenas se deslocam do plano físico para o plano do simbólico expresso na etiqueta, nos rituais, nas cerimônias. É por isso que, nas sociedades de corte, o ver é privilegiado em detrimento do contato físico,<sup>150</sup> fazendo da política um verdadeiro espetáculo. Um espetáculo do poder, onde o corpo do rei funciona como uma máquina de produzir significados.<sup>151</sup> Fazer política é, portanto, saber ver e ler esses

<sup>148</sup> Ver: Almeida Junior, João Mendes de. *Processo Criminal Brasileiro*. RJ, Typ. Baptista Souza, 1920, 2 vols., p. 119.

<sup>149</sup> Ver: Haroche, Claudine. *Reserva nos Costumes e Controle da Violência Política. A Tese de Norbert Elias*. s/d, p. 3, xerox. (Grifo meu).

<sup>150</sup> *Id. loc. cit.* (Grifo meu).

<sup>151</sup> Ver: Apostolidès, Jean. *O Rei-Máquina. Espetáculo e Política no Tempo de Luis XIV*. RJ, Ed. José Olympio/Ed. da UnB, Brasília, DF, 1993.

significados impressos no corpo real. Não se trata, porém, de um simples corpo físico que come e dorme como todos os comuns mortais, mas de um corpo simbólico que tem o poder de encarnar em si o imaginário da Nação.<sup>152</sup> A Nação sem corpo se corporifica na pessoa do rei.

O romance *O Retrato do Rei*,<sup>153</sup> de Ana Miranda, um livro de ficção baseado em fatos históricos acontecidos na região mineradora no século XVIII, trata a questão da “autoridade” do rei de maneira muito interessante no que diz respeito ao seu corpo simbólico. No caso em questão, um retrato pintado a óleo do rei é enviado de Portugal para o Rio de Janeiro e, em seguida, para as Minas Gerais, com o objetivo de, através dele, se restabelecer a ordem numa região de forte rebeldia e desobediência ao poder real. A grande virtude do livro é mostrar como o poder, corporificado numa simples pintura, teria o dom de impor sua autoridade, mesmo que este estivesse distante milhares de quilômetros. O poder do retrato do rei remete-nos a refletir sobre a questão da aparência, ou seja, sobre o poder simbólico da imagem na sociedade cortesã que está se esboçando na capital da colônia.

Estamos, portanto, diante de um corpo poderoso que encarna o poder e o faz presente através do jogo de cena característico da sociedade cortesã. Entende-se agora o deslocamento da violência do poder (do plano físico para o plano simbólico) e como essa violência está presente no cerimonial que tem por função tornar visível o imaginário do corpo simbólico.<sup>154</sup> Dessa maneira, aquele poder violento capaz de infligir dor, que se retira de cena diante da nova sociabilidade cortesã, volta à luz com todo o seu vigor, regulando as relações de cortesia travadas entre os membros da corte, tornando-se uma referência para o conjunto dos súditos do Reino.

Nessa sociedade, onde o ver é privilegiado em detrimento do contato físico, se desenvolve intensamente um ritual que, do corpo do rei, se transmite a todos a partir das aparências e que se expressa nas vestimentas, nos gestos, na fisionomia, enfim, em tudo o que diz respeito ao comportamento em público.

Certamente que a sociedade de corte que aqui se estabelece com D. João VI não é aquela feérica e absolutamente ritualizada que aconteceu na França de Luís XIV e que se tornou o modelo de todas as sociedades cortesãs, e onde, segundo estudioso do assunto, **a beleza** (leia-se, as formas cortesãs) substitui **a Justiça e a Ética**.<sup>155</sup> Lá, aonde a cortesia se desenvolveu intensamente, ela

<sup>152</sup> Apostolidès, Jean. *O Rei-Máquina. Espetáculo e Política no Tempo de Luís XIV*. RJ, Ed. José Olympio/Ed. da UnB, Brasília, DF, 1993, p. 19.

<sup>153</sup> Miranda, Ana. *O Retrato do Rei*. SP, Cia. das Letras, 1991.

<sup>154</sup> Apostolidès, Jean. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>155</sup> Haroche, Claudine. *Reserva nos Costumes e Controle da Violência Política. A Tese de Norbert Elias*. s/d, p. 13, xerox. (Grifos meus).

se tornou o verdadeiro *ethos* para todos aqueles grupos que giravam em torno da sociedade de corte. Entre nós, guardadas as devidas proporções, a cortesia irá conviver com outras formas de sociabilidade, resultando numa dinâmica social, onde ordem e desordem se cruzam continuamente. Embora contaminada pelos “ares tropicais”, a cortesia na corte joanina não deixa de ter o seu componente político e, por isso mesmo, deve ser vista como uma forma de dominação e um modelo de ordem.

É disso, exatamente, que trata o nosso *Memórias de um Sargento de Milícias*, na medida em que, como já vimos, mostra como uma espécie de pequena burguesia em formação, que vai se “adestrando” a partir de um código de costumes que lhe é imposto/desejado. Tal código é forjado nas normas e regras que impõem a **reserva nos costumes, a autodisciplina e a moderação** como meios necessários à instauração e manutenção das distâncias sociais, e da luta “contra a violência física numa tentativa de controlá-la, regulamentá-la, reduzi-la e, mesmo, suprimi-la pela reprovação moral ou sanções jurídicas”.<sup>156</sup> Esse romance é justamente importante porque ele não mostra apenas como a contenção é imposta mas, também, como essa camada social reage às imposições e não se deixa simplesmente reduzir à cultura dominante, travando sempre debochado “combate com as fachadas éticas dominantes”.<sup>157</sup> Por isso, mesmo, o motor do livro, aquilo que lhe dá dinâmica, está no fato dele deixar transparecer toda uma cultura popular, com seus costumes, suas “festas típicas, danças e músicas características, arquitetura e credence, e normas de organização da vida cotidiana”,<sup>158</sup> que irão se opor/contracenar com as normas da cultura cortesã. Ou por outra, a dinâmica do livro é fruto do embate entre aquilo que era considerado ordem e desordem em toda e qualquer tentativa de encarnação do poder.

Esse embate entre ordem e desordem, pode-se dizer, era “endêmico” na vida da colônia, seja na casa-grande (a *hybris* colonial), seja nas cidades. Principalmente nas cidades que, à margem da grande produção agrícola, nunca receberam especial atenção da metrópole. Isso até o século XVIII quando, então, as cidades mineiras começam a se urbanizar e a atrair todo tipo de aventureiro. Ai, então, as autoridades constituídas passam a manifestar grande preocupação com a desordem que lhe vai nas entranhas: os costumes frouxos, uma religiosidade de fachada, uniões não consagradas pela Igreja, desrespeito às autoridades, corrupção, prevaricação, usurpação da coisa pública, etc.

---

<sup>156</sup> Haroche, Claudine. *Reserva nos Costumes e Controle da Violência Política. A Tese de Norbert Elias*. s/d, p. 9, xerox. (Grifos meus).

<sup>157</sup> Ribeiro, Luis Felipe. “Tempo e Discurso em *Memórias de um Sargento de Milícias*”, in *Revista do Instituto de Letras/UFF*. Niterói, RJ, UFF, 2º sem./1996, n° 1, p. 193.

<sup>158</sup> *Id. ibid.*, p. 194.

“Não admira”, assinala Fernando Novais, “que as autoridades mantenedoras da ordem se sentissem quase que em areia movediça”, conforme comprova documento de 1799 em que o Governador de Pernambuco adverte: “A desordem nesta terra está tão arraigada que até parece ser necessário deixá-la continuar no mesmo estado, assim como a um enfermo já muito arruinado: quanto mais remédio se lhe aplicam tanto mais perigo corre a sua vida”.<sup>159</sup> Nessas circunstâncias, a ordem ao se impor, com o seu cabedal de normas constrangedoras e repressivas, só fazia provocar mais desordem: o “remédio iria matar o doente”.

A chegada do rei, detentor do monopólio da força e portador simbólico da Justiça e da Ética, produzirá importantes efeitos sobre a desordem, na medida em que uma nova concepção de ordem vai passar a ser veiculada. Essa concepção deverá se escorar numa redefinição do papel das forças de repressão e no ordenamento das relações sociais, que seria diferente daquele do século XVIII que, a mais desordem, propunha mais repressão.

A nova percepção do que deveria ser a polícia partia daquilo que o *Dicionário* citado anteriormente definia como sendo a **introdutora de melhoramentos na civilização de uma Nação**. Ou por outra, a polícia haveria de reordenar os vínculos sociais que ligavam os homens em sociedade, por meio da *politesse*.

Prova disso são as atribuições conferidas ao Intendente Geral de Polícia, nomeado por D. João VI, logo da chegada da corte, o qual é empossado no cargo no mês de abril de 1808. Tomando ares de um prefeito reformando sua cidade, o Intendente passa a ser responsável pelo arruamento, pela abertura de estradas novas e cuidado na conservação e asseio das existentes tanto quanto das ruas, praças e mais logradouros públicos. Devia, também, fiscalizar e auxiliar a edificação pública e particular; zelar pelas fontes e chafarizes; licenciar e fiscalizar os transportes de mar e terra, viaturas, alimarias de aluguel, barcos, canoas, catraias e lanchas de frete; licenciar e fiscalizar os teatros e divertimentos públicos, casas de jogos, botequins, casas de pasto, estalagens e albergues; fiscalizar o contrato de arrematação da iluminação da corte; coibir os delitos de imprensa exercendo a censura prévia; cuidar do expediente dos passaportes e prover os serviços de colonização e legitimação de estrangeiros; tratar do registro e material da cadeia e do calabouço, relativamente a escravos; reprimir a mendicância e vadiagem; fazer a estatística da população; reprimir o contrabando; auxiliar a extinção de incêndios; zelar pela conservação do Passeio Público.<sup>160</sup>

<sup>159</sup> Novais, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial. (1777/1808)*. SP, Ed. Hucitec, 4ª ed., 1986, p. 172.

<sup>160</sup> Citado por Brandão, Berenice C. et alii. *A Polícia e a Força Policial no Rio de Janeiro*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1981, pp. 91, 92.

Antes que **vingar** as desordens cometidas, características das forças repressoras na sua fase anterior, a polícia da corte estará mais próxima de chamar à ordem os que dela se desviavam, numa espécie de “integração social” pela civilidade. Estamos fartos de saber que esse processo não é menos violento (não no sentido físico) ou menos constrangedor que aquele praticado antes da chegada da corte (quando a convivência era regulada pelas imposições das Ordens Filipinas, cujo braço justiciador era pesado e infligia dor). O que os diferencia, basicamente, é a nova concepção do que seja a desordem e a tolerância em aceitá-la. Diferentemente da tradição colonial — que a mais desordem impunha mais castigo — a sociedade cortesã impõe ao distúrbio mais “civilidade”. A desordem passa a ser entendida, então, como tudo aquilo que impede a civilização e seu antídoto não está mais na ponta do látego, mas nas “doçuras” da moderação, na contenção das paixões e na docilidade da submissão, tudo isso como base de um novo modelo de decoro público. Na verdade, o que diferencia os dois processos de imposição da ordem sobre a subversão do mundo é que eles são formas diferentes de domínio e controle social.

Não espanta, pois, que o Ministro da Justiça no *Relatório Anual de 1838* afirme que “[...]é de meu dever, todavia, declarar-vos que o governo não carece de instrumentos de violência para conter e reprimir o crime e nem cegos instrumentos de avariza; carece sim de órgãos inteligentes e íntegros da lei”.<sup>161</sup> Depreende-se, portanto, que uma nova lógica passa a predominar no campo da ordem que deve ser entendida mais pelo seu lado civil de contenção/enquadramento da sociabilidade do que por seu aspecto policial no sentido de interdição, sítio, pressão, assalto e cultivo do medo. A própria linguagem utilizada para nomear o assalto à desordem vai se transformando. Em vez de palavras como pena de morte, mutilação, tormento, tortura, confisco, morte natural, exílio, degredo, expressões como razão, prevenção, costumes civilizados, estado de civilização, moralidade pública, etc.

Não é por outro motivo que as primeiras medidas, logo provavelmente as mais urgentes, sancionadas pelo Intendente, assim de sua posse, dizem respeito à limpeza da cidade, às construções, ao comportamento no teatro, à vigilância dos botequins, à estatística da população, etc. Medidas visivelmente necessárias à ordenação do espaço público, lugar de exercício da civilidade.

Visitemos a documentação para nos assenhorearmos mais dessa civilidade em gestação.

O *Registro de Avisos, Portarias e Ordens da Polícia da Corte*, de 1808, revela, logo na primeira

---

<sup>161</sup> Ministro Francisco de P. de Almeida e Albuquerque. *Relatório do Exmo. Min. da Justiça do Ano de 1838 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1839*. Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82, 1825/1853.

página anotada, o Ofício expedido ao Presidente da Câmara, onde é manifesta a preocupação do Intendente com a higiene da cidade: “Sendo um dos principais objetivos da polícia, o cuidado do asseio das ruas e rios e das estradas vizinhas da capital[...]”<sup>162</sup> O Intendente Geral de Polícia faz publicar Edital, onde manifesta claramente sua preocupação com a **prevenção** dos delitos e com o mau desenvolvimento da cidadania:

“Faço saber que, importando a polícia da cidade, vendas, botequins e casas de jogos não estejam todas as noites abertas para se evitarem ajuntamentos de ociosos e, mesmo, de escravos que, faltando ao serviço de seus senhores, se **corrompem** uns aos outros, dão ocasião a delitos que se devem sempre prevenir e se fazem **maus cidadãos**; fica, da data deste, proibida pela Intendência Geral de Polícia, a culposa licença com que até agora estas casas se têm conservado abertas e manda-se que logo às 10 horas, se fechem e seus donos e caixeiros expulsem os que nela estiverem, debaixo da pena de pagamento da cadeia os donos, caixeiros e quaisquer pessoas que nelas forem achadas da indicada hora em diante”.<sup>163</sup>

A estética da cidade é outro aspecto que mobiliza o Intendente em sua “cruzada” pela civilidade. Só pela estética pode-se criar, pensa, as condições de tornar a cidade digna de abrigar uma corte. Para isso, o Intendente Geral de Polícia manda publicar Edital em que faz saber:

“[...]que já não sendo mais compatível com as felizes circunstâncias em que se acha essa cidade, ser hoje a corte residência do Príncipe Regente Nosso Senhor[...] que no centro dela se edifiquem ou se restabeleçam as casas térreas que[...] tolhem o **respeito público** e não trazem alguma comodidade ao arranjo e salubridade dos moradores, entende-se que[...] pode-se viver mais comodamente em prédios assobradados. Fica proibido, de hoje em diante, fazerem-se e edificarem-se casas térreas da vala para dentro[...]”<sup>164</sup>

A questão do asseio da cidade era um dilema, cuja insalubridade desafiava sua condição de corte e tolhia seu aperfeiçoamento. Em outro Edital sobre a questão, o Intendente assinala:

“[...]sendo um dos cuidados da polícia vigiar sobre o asseio da cidade, não só para comodidade de seus moradores mas, principalmente, para conservar a salubridade e impedir que se infeccione com as imundícies que[...] se deitam para as ruas, e constando, aliás, que muitos de seus moradores apartando-se culposamente do costume que nela sempre havia de mandarem deitar ao mar em tinhas e vasilhas, cobertas as águas imundas e outros despejos, se facilitam impunemente a fazê-los das janelas abaixo, o que nunca era de sua liberdade fazê-lo no centro de uma corte que se está estabelecendo e que se procura **eleva à maior perfeição**[...] Fica vedado o abuso de se deitar às ruas as imundícies[...]”<sup>165</sup>

É revelador da postura da Intendência Geral de Polícia, em relação ao controle dos costumes, a elaboração de um *Plano para Criação dos Oficiais de Justiça e das suas Rendas*. De acordo com

<sup>162</sup> *Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte*. RJ, Arquivo Nacional, códice 318, 1808/1809, vol. 1, p. 1.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 11. (Grifos meus).

<sup>164</sup> *Ibid.*, 11/6/1808, p. 26 v. (Grifo meu).

<sup>165</sup> *Ibid.*, 11/6/1808, pp. 26 v, 27. (Grifo meu).

o Intendente, o trabalho da polícia em Lisboa (da qual a Intendência Geral de Polícia era uma cópia) estava dividido entre sete homens com o título de Oficiais. Aqui, segundo ele:

“[...]se poderá dividir, por ora, o serviço desses sete homens em três: um, que seja incumbido de teatros e divertimentos públicos[...] encarregado de alvarás de licenças para casas de jogos, botequins e objetos semelhantes, e para a mendicidade, mapas da população e mais objetos deste ramo[...] Outro, que seja encarregado[...] do alistamento respectivo, transporte de mar e terra[...] [e outro,] que sirva de escrivão[...] incumbido[...] de todos os objetos de casas de pasto, estalagens, albergues, dos presos e da iluminação da cidade[...]”<sup>166</sup>

A reestruturação da Intendência Geral de Polícia no Brasil mostrava claramente os aspectos da vida pública que mais preocupavam a polícia. Percebe-se, em cada nova medida do Intendente, como vai se ampliando o controle da polícia sobre a cidade. Em Ofício expedido ao Ouvidor da Comarca, o Intendente recomenda a este que:

“[...]com a exatidão que lhe for possível, formalizará V. Mce. o mapa da população de sua Comarca com a declaração de brancos, pretos e mulatos, homens e mulheres, e o remeterá a esta Intendência[...] ficando de acordo em repetir anualmente esta diligência, procurando com esta certeza aproximar-se cada vez mais a maior exatidão”.<sup>167</sup>

Fazer a cidade digna de abrigar a corte era uma meta da qual o Intendente não abria mão, pois “aformosear” a cidade levaria ao seu enobrecimento, condição de aperfeiçoamento de seu estado civilizatório. Em Ofício expedido ao Ministro do Estado e Negócios do Brasil, o Intendente insiste contra a pouca nobreza das casas térreas:

“Ilmo. e Exmo. Sr.: Ainda que a multiplicidade de obras que vão aparecendo na cidade pareçam fazer cessar a necessidade que havia de uma legislação que promovesse a edificação de novos edifícios como se havia pensado, tenho, todavia, a ponderar que nada vejo a não ser casas térreas, fugindo os proprietários de edificar casas de sobrado e prédios novos[...] Isto é um mal que se faz à cidade e que, sendo hoje uma corte, deve ter propriedades de outra ordem que a enobreçam e, mesmo, aformoseiem[...]”<sup>168</sup>

A inspeção dos teatros no que diz respeito ao zelo pela boa conduta em público e a imposição de um decoro público parecem ser motivos de grande preocupação da polícia. Os dois documentos que apresentamos a seguir dão a idéia bem clara do que as autoridades esperavam da **postura** do público nos espetáculos.\*

<sup>166</sup> *Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte*. RJ, Arquivo Nacional, códice 318, RJ, 11/6/1808, vol. 1, pp. 29 v, 31.

<sup>167</sup> *Ibid.*, 13/7/1808, p. 40 v.

<sup>168</sup> *Ibid.*, 17/11/1808, p. 112.

\* Chamo atenção para a importância do teatro como uma das poucas manifestações, nessa época, de vida pública, daí, a preocupação que despertava na polícia quanto a comportamentos exacerbados que atentassem contra a “moralidade” esperada.

Reclamando da pusilanimidade com que os juizes lidavam com o problema das “imoralidades” cometidas no teatro, a autoridade policial envia Ofício ao General das tropas exigindo mais energia na coibição dos abusos:

“Os Srs. magistrados que estão propostos na inspeção dos teatros desta corte, não podem coibir a temerosa liberdade que o povo tem tomado de bater [palmas] e assoviar neles sem decência e sem nenhuma atenção à boa ordem que devem guardar[...] [devem] afixar nas portas dos mesmos teatros nos seus Editais a determinar o modo porque cada um deve ali se conduzir[...] só a força coibirá os despropósitos com que ali se conduzem[...]”<sup>169</sup>

O segundo documento, um Ofício expedido ao Juiz de Fora pelo Intendente, dá conta que:

“O Governador de Armas tem dado as ordens aos Officiais encarregados da guarda dos teatros para prenderem todos aqueles que os Ministros Inspectores determinarem por qualquer desordem que façam [...]para que, certo desta providência, seja o seu com toda a civilização e decência que for possível”.<sup>170</sup>

O fato da Intendência Geral de Polícia ter destacado — no *Plano de Criação dos Officiais de Polícia*<sup>171</sup> — um Oficial para vigiar os teatros e divertimentos públicos e encarregando-o dos alvarás de licença para casas de jogos e botequins e ainda de controlar a mendicidade, é bastante significativo da ação policial no sentido de estabelecer um novo padrão de comportamento público. É justamente a imposição deste padrão de comportamento que vai estabelecer, aos poucos, a fronteira entre a tradição repressiva no trato das desordens e o enquadramento das novas práticas da sociabilidade nos marcos do que se passou a chamar de **civilidade**.

Essa rápida olhadela na documentação da Intendência Geral de Polícia permite-nos “sentir”, numa cidade que pouco se desenvolvera urbanisticamente, o que a autoridade definia como sendo um “caso de polícia”.\* Não se trata, como se pode notar pela leitura dos documentos e principalmente pelo linguajar utilizado para caracterizar o crime, de atentados contra a ordem política, nem muito menos contra a pessoa física e a propriedade. Aquilo que vemos se delinear como objeto de preocupação da polícia são desordens de todo o tipo que ferem — e vamos usar uma expressão tirada dos documentos — o “respeito público”. Se atentarmos para as expressões utilizadas para caracterizar as faltas cometidas, poderemos facilmente localizar seu universo de

<sup>169</sup> *Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte*. RJ, Arquivo Nacional, código 318, 20/7/1808, vol. 1, pp. 47 v, 48. (Grifos meus).

<sup>170</sup> *Ibid.*, 30/8/1808, p. 50 v. (Grifos meus).

<sup>171</sup> *Ibid.*, 11/8/1808, pp. 58 v, 59.

\* “Caso de polícia” não deve ser interpretado como hoje no sentido de criminalização da ação. O “caso de polícia” da época deve ser interpretado como problema de decoro público, logo, de civilidade.



referência. Assim, o “cuidado com o asseio das ruas” como uma questão de bons costumes; o botequim e a casa de jogos como lugares aonde as pessoas se “corrompem”, aonde se fazem “maus cidadãos”; as casas térreas como indignas de serem edificadas numa cidade que é a “corte”, residência do Príncipe Regente; a insalubridade como tolhedora do “aperfeiçoamento” da cidade que abriga a corte; a inspeção dos teatros, para coibir a “licenciosa liberdade”, a falta de “decência”, a desatenção para com a “boa ordem” e “modo” como cada um deve se “conduzir”, evitando os “despropósitos” e providenciando para que a “civilização” e “decência” sejam observadas.

Vinda do mundo das relações sociais, a sintaxe policial revela a dinâmica da vida da cidade e os inúmeros descaminhos possíveis da ordem. Revela, também, que a desordem, mesmo sendo uma **questão de polícia**, é, sobretudo, um problema da perspectiva da civilidade. O universo referencial a partir do qual a polícia definirá o que entende por desordem será, portanto, o dos costumes e o do comportamento. Não se entenda, entretanto, comportamento/costume e, conseqüentemente, civilidade como algo unicamente da esfera do privado e, em decorrência disso como um componente da “atitude pessoal” desprovida de vínculos com o social. O comportamento não deve ser entendido, apenas como aquilo que se traduz no respeito e consideração para com o próximo.<sup>172</sup>

**O governo de si**, que é uma expressão do processo de internalização dos costumes e que se traduzirá em certos comportamentos, deve ser visto, também, como um componente essencial do poder, o complemento necessário da lei e, portanto, um aspecto da vida da esfera pública.<sup>173</sup> É unicamente através do governo de si — que se configura numa verdadeira ética do comportamento — que se pode galgar a escala social. Por isso, mesmo, esse controle de si deve ser visto, não mais só como uma expressão de foro íntimo, mas como um aspecto da civilidade a partir da qual revela-se sua dimensão social e política.<sup>174</sup> Saímos, portanto, do plano da virtude privada para entrarmos em cheio no campo da política.<sup>175</sup> Costumes, comportamentos, governo de si, sociabilidade e os seus derivativos — civilidade e polidez — devem ser vistos como elos na cadeia da configuração de uma ordem social, cujo objetivo é “alcançar a paz social, a ordem interior, o respeito, a consideração, os deveres sociais, fazendo então, das regras e das obrigações da civilidade, a tradução do laço cívico e social fundamental de dependência recíproca que reúne todos os homens”.<sup>176</sup>

<sup>172</sup> Haroche, Claudine. *Civilidade e Polidez: Os Objetos Negligenciados da Ciência Política*, s/d, pp. 1, 2, xerox.

<sup>173</sup> *Id. ibid.*, p. 24, xerox.

<sup>174</sup> *Id. ibid.*, p. 2, xerox.

<sup>175</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>176</sup> *Id. ibid.*, pp. 4, 5, xerox.

## 2.2 - A Materialização da Ordem

Baixemos agora ao mundo da documentação e verifiquemos como esses conceitos se materializaram no enquadramento das práticas da população às vicissitudes da ordem. É interessante verificar como os comportamentos vão se moldando e se inserindo numa sociabilidade que vai se legitimando a ponto de se tornar um *ethos* a partir do qual se forja as representações do que deva ser a ordem.

Tomemos, para tal exercício, a documentação existente no Arquivo Nacional, classificada com o mui adequado título *Termos de Bem-Viver*. Tal documentação foi constituída a partir do compromisso das pessoas que, quando convocadas, eram obrigadas a irem à sede da Intendência Geral de Polícia para, em presença da autoridade, lá assinarem o tal Termo, se comprometendo a “bem-viver”, isto é, a viver dentro dos parâmetros definidos como os da ordem. O interessante desta documentação no que diz respeito ao controle social é que indo mais além das leis e/ou dos costumes vigentes que estabelecem a fronteira entre ordem e desordem, ela revela, através do “compromisso” assumido pelo indivíduo, como a prática privada vai sendo incorporada ao mundo da ordem. Ou por outra, como o governo de si se torna um complemento necessário ao funcionamento da lei.

Entremos nesse mundo!

Aos 15 dias do mês de julho de 1808, Manoel Vicente compareceu à Secretaria da Intendência Geral de Polícia para assinar Termo de não admitir na sua casa de bilhar jogos proibidos:

“[...]e por ele foi dito pelo presente Termo que se obriga a não admitir na sua casa de bilhar, jogos de parada (?) de qualidade alguma, com a pena de que obrando em contrário[...] de mil réis para o cofre dessa Intendência e 30 dias de prisão, apreensão da licença de bilhar[...] e no caso de reincidência dobrar a mesma quantia, dobrar a pena de prisão, tudo isso **promete cumprir**, e assinou ao Conselheiro Intendente[...] Oficial-Maior da Secretaria de Intendência[...]”<sup>177</sup>

No mesmo dia, compareceu à mesma Secretaria, Isabel F. da Natividade, mulher de Antonio Dias, que se achava presa na cadeia. Isabel declarou ao Secretário que:

“[...]se obriga a viver em paz em companhia de seu marido com a decência devida ao seu estado, não tendo com ele desordem alguma; de que, fazendo o contrário, será punida com prisão e com aquelas penas que lhe forem impostas por esta Intendência”.<sup>178</sup>

Cinco dias depois, é a vez de Antonio Alves comparecer à Secretaria da Intendência Geral de

<sup>177</sup> *Termos de Bem-Viver Assinados na Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, códice 410, 1808/1810, vol. 1, p. 2 v. (Grifo meu).

<sup>178</sup> *Ibid.*, p. 3 v.

Polícia e assinar Termo de não injuriar Antonio Cardoso:

“[...]por ele foi dito que por este Termo se obriga a não inquietar desordem alguma com Antonio Cardoso[...] e não cumprindo assim, seja sujeito a pena de prisão e degredo ao arbítrio desta Intendência”.<sup>179</sup>

No dia 8 de outubro de 1808, Joaquim J. Moreira, compareceu à Intendência e declarou:

“[...]que por esse Termo se obriga a viver bem com sua mulher, Policena M. de Jesus, tratando-a como deve e de largar a amásia que tem por nome Maria Rosa, sob pena de que, obrando em contrário e tomando sua mulher a representar nesta Intendência as sevícias com que a maltrata, será punido com pena de degredo ao arbítrio desta Intendência[...].”<sup>180</sup>

A amásia de Joaquim J. Moreira não foi poupada de ser chamada à ordem. Assim, no mesmo dia, Maria Rosa de Jesus comparece à Intendência Geral de Polícia e assina Termo, onde se obriga:

“[...]a não (se aproximar de) Joaquim Moreira, marido de Policena Maria de Jesus, com quem anda concubinada e, por causa deste concubinato, o dito Moreira [pratica] sevícias[...] sua mulher[...] obrando em contrário será degredada para fora ao arbítrio desta Intendência[...].”<sup>181</sup>

Em novembro, foi a vez de Manoel S. Almeida comparecer à Intendência, onde lhe foi determinado que devia conter-se de:

“[...]fazer enredos e inquietações a seus vizinhos, abstendo-se de desordens, pena de que, obrando ao contrário, será preso e posto para fora da Freguesia aonde é morador[...].”<sup>182</sup>

José Antunes compareceu à Intendência, em 12/3/1804, e lhe foi determinado que:

“[...]devia largar a ilícita amizade que tem com[...] e por causa dela[...] que ele não trata com ordem a sua família[...] obrando em contrário, será preso e sujeito a mais punições[...].”<sup>183</sup>

À Francisca de Paula Trindade foi determinado que “não devia fazer desordem na casa de sua mãe”.<sup>184</sup>

Manuel Luís Hipólito foi intimado “a viver bem com sua mulher e deixar o concubinato que está com sua escrava”.<sup>185</sup>

<sup>179</sup> *Termos de Bem-Viver Assinados na Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, códice 410, 1808/1810, vol. 1, p. 7.

<sup>180</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 13 v.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>184</sup> *Ibid.*, 17/4/1809, p. 37 v.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 46 v.

Luisa Criola, escrava de Agostinho J. da Costa, era por este “maltratada porque tinha dinheiro para resgatar sua liberdade. Seu senhor foi intimado a acabar com as sevícias”.<sup>186</sup>

A Antonio Correia foi ordenado “a acabar de trabalhar o resto do tempo que faltava (do aprendizado) com seu mestre”.<sup>187</sup>

José Soares de Moraes, useiro e vezeiro de maltratar seus escravos, assinou Termo de “não fazê-lo tão rigorosamente como de costume”.<sup>188</sup>

É claro que casos como os da casa de bilhar e outros relativos a problemas de ordem pública não podem ser enquadrados dentro da mesma explicação. Nem por isso deixam de dar conta da nossa constatação sobre o viés social da civilidade. É que, ainda que houvessem leis a regular o funcionamento das “práticas” urbanas, o que se assiste é a autoridade chamando o cidadão “para uma conversa”, incitando-o a se “civilizar”. É como se a lei fosse insuficiente para transformar o “governo de si” numa prática de compromisso com a ordem. A instauração da nova estrutura de poder precisou, antes de tudo, subjugar as práticas privadas, estendendo entre elas e a lei uma ponte que estava alicerçada no “compromisso” feito pessoalmente à autoridade policial. Essa solução de compromisso vigiu plenamente nas primeiras décadas do século XIX e foi um dos **arranjos** encontrados para estabelecer o equilíbrio entre ordem e desordem.

Numa sociedade como a brasileira — a exemplo da européia, onde a esfera privada sempre foi hipertrofiada — fazer o indivíduo reconhecer a esfera pública foi algo bastante complicado e que não se construiu da noite para o dia. Por isso chama atenção a ação da Intendência Geral de Polícia que, através da “persuasão”, procura incorporar o indivíduo ao mundo da ordem. A idéia da **incorporação** me parece bastante pertinente, na medida em que a tradição colonial funcionava exatamente pelo seu oposto: degredo, exílio, morte natural e, no limite, condenação à morte. A civilidade característica da nova ordem se fundamenta, precisamente, no fato de que a ordem só é possível a partir do “reconhecimento” e “incorporação” da nova camada de indivíduos moradores da cidade, os quais têm que ser trazidos para a órbita da sociabilidade.

Esses “arreglos” que a Intendência Geral de Polícia vai fazendo entre ordem e desordem espelham bem essa época de constituição da civilidade no Rio de Janeiro, onde está em questão a construção da ordem pública, na medida em que os mecanismos constituidores da ordem colonial, como vimos, entraram em colapso, e quando agiam só provocavam mais desordem.

---

<sup>186</sup> *Termos de Bem-Viver Assinados na Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, códice 410, vol. 1, 12/10/1809, p. 63.

<sup>187</sup> *Ibid.*, 5/11/1809, p. 65.

<sup>188</sup> *Ibid.*, 9/12/1809, p. 71.

Veja-se este exemplo excepcional de “arreglo” entre ordem e desordem, resultado de uma demanda feita por uma moradora à Secretaria de Estado e Negócios da Justiça, ou melhor, ao próprio Imperador. Trata-se de documento de 1824, portanto, já no governo de D. Pedro I:

“Manda Sua Majestade, o Imperador, pela Secretaria de Estado e Negócios da Justiça, remeter ao Intendente[...] o requerimento incluso de Thereza M. da Conceição no qual se queixa contra Manoel José Aleixo, que a estuprara, prometendo-lhe casamento e que faltara a esse dever, casando-se com outra. E há por bem que o referido Intendente, guiado pela sua prudência, procure, servindo-se de meios brandos, persuadir o suplicado a cuidar na indispensável educação dos filhos que tivera da suplicante e dar a esta os alimentos, a fim de reparar, de alguma sorte, o grave dano que lhe causara”.<sup>189</sup>

É interessante verificar que o que hoje tomaríamos como um **caso de polícia** — estupro — era visto, então, como uma questão de civilidade (“que a estuprara, prometendo-lhe casamento e que falta a esse **dever**”). Dessa maneira, a autoridade que representa a Justiça — a Secretaria de Justiça — recomenda a autoridade que representa a ordem — a Intendência Geral de Polícia — agir, não pela lei, mas pela prudência; **não obrigando, mas persuadindo** o infrator a cumprir suas obrigações. Abrindo mão de seu poder repressivo, as autoridades procuram lidar com o problema fazendo o infrator reconhecer o seu **dever**. Desta forma, a desordem provocada é compensada a partir do cumprimento do dever, ou melhor, a civilidade entra em cena para preservar a sociabilidade, revelando a postura da polícia como agente civilizatório.

As instruções transmitidas pela Intendência Geral de Polícia aos seus Comissários da Província do Rio de Janeiro, em 1825, vão à mesma direção que estávamos tentando demonstrar: da civilidade como tradução do laço cívico e social. Sua concepção da autoridade como “circumspecta”, “prudente” e “conciliadora”, faz supor um padrão de ordem que funcione como exemplaridade de uma civilidade desejada, onde a autoridade deve ser o agente da concórdia.

Vejamos o que a documentação tem a nos dizer sobre isso.

No *Registro de Ofícios e Portarias Expedido pela Polícia aos Comissários*, lê-se que:

“Espera-se do zelo pelo bem público e da probidade dos Comissários que eles hajam de evitar e nunca suscitar a discórdia, comportando-se com a maior circumspecção e prudência no desempenho de seus deveres, conciliando rixas e solicitando sempre que todos os moradores do seu distrito vivam em boa união, com o respeito devido à Sagrada Pessoa de Sua Majestade, o Imperador, às leis do Império e às autoridades constitucionais”.<sup>190</sup>

<sup>189</sup> *Registro de Portarias e Avisos de Diversas Secretarias de Estado Sobre Assuntos Referentes à Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, códice 319, 1824/1825, vol. 1, p. 5v.

<sup>190</sup> *Registro de Ofícios e Portarias Expedidos pela Polícia aos Comissários*. RJ, Arquivo Nacional, códice 332, 1824/1827, p. 6.

Observemos que a autoridade, através da figura dos Comissários, está investida da função de tradutora da ordem através da conciliação, confirmando, com isso, a importância da construção dos laços cívicos como nova modalidade de manutenção da ordem.

Um outro documento, este a respeito da matança de cães a cacetadas em plena rua, cumprindo postura da municipalidade, dá ensejo a que a autoridade explicita o que ela entende como processo de constituição da civilidade:

“[...] Eu não acho indiferente a boa moral e doçura nos costumes que cumpre inspirar ao povo o bárbaro espetáculo de uma tal matança, e se, por um lado, interessa à sociedade a diminuição desse animais quando são abundantes, por outro, convém que a população, especialmente a mocidade não se acostume a[...] vendo e, às vezes, ajudando um ato em si bárbaro. Julguei dever fazer esta reflexão[...] mas rogo a V. Ex<sup>a</sup>. se digne tomá-la em consideração a bem de uma melhor policia”.<sup>191</sup>

---

<sup>191</sup> *Correspondência com o Ministério da Justiça*. Polícia. RJ, Arquivo Nacional, códice 324, 1827/1834, vol. 1, p. 53 v.

## 2.3 - Os Manuais de Civilidade

Estimular a boa moral e a doçura dos costumes é o que pretendiam, também, os **Manuais de Civilidade** que, via Lisboa ou diretamente importados de Paris, chegavam ao Rio de Janeiro. A necessidade de se exibir em público (nos bailes, nos teatros, nas igrejas, nas cerimônias oficiais, etc.), a partir da chegada da família real, impôs uma reformulação geral nos tradicionais costumes coloniais, obrigando a “boa sociedade” \* a “civilizar-se”, aderindo a valores e modos que, a partir da Europa, se disseminaram pelo mundo.<sup>192</sup>

Os Manuais de Etiqueta e Civilidade, além dos jornais femininos, foram os principais veículos de difusão dos bons costumes e civilidade condizentes com as novas formas de relacionamento que se instaurava na sociedade carioca de corte. Esses veículos que se preocupavam em disseminar, entre a “boa sociedade”, ensinamentos relativos ao comportamento social, a higiene do corpo, o cuidado com as vestimentas, o trato com as pessoas e, também, o respeito à hierarquia social,<sup>193</sup> são excelentes exemplos de como o comportamento pessoal e político se articulam. De como, ao se constituir o homem contido pela civilidade, se constitui, também, o homem submisso à polícia.

Funcionando quase como um “código” dos costumes, os manuais e, também, aquele tipo de imprensa dedicada à família, ecoam de maneira mais ampla e mais “suave” aquilo que a Intendência Geral de Polícia vinha exercitando como prática da civilidade. Ampliando o alcance desta prática, os manuais e a imprensa irão transformar a normatização dos grandes e pequenos detalhes da vida social cotidiana, num “projeto” de alcance muito mais amplo que aquele da reforma dos costumes da Intendência. Num meio tão diferenciado como o da Cidade do Rio de Janeiro, aonde se misturava todo tipo de gente, de origem e costumes diferentes, a ampliação dos ideais de cortesia potencializará a alteração dos comportamentos sociais, estimulando o enquadramento das práticas numa norma única: a da **civilidade**. É lógico que isso não será nunca suficiente para evitar desacertos que, num ponto maior, podem potencialmente levar à desordem e, finalmente, à quebra da paz social. É claro, também, que essa “norma culta” não é feita para os escravos, nem para aqueles excluídos da “boa sociedade”. Ainda assim, a etiqueta, a cortesia e, em último grau, a civilidade, passam a ser a referência ineludível do comportamento social na corte e... na cidade.

---

\* Segundo Maria do Carmo T. Rainho, “boa sociedade” é uma expressão do século XIX usada para definir aqueles homens e mulheres, livres e brancos que tanto se reconheciam como se faziam reconhecer como membros do “mundo civilizado”.

<sup>192</sup> Ver: Rainho, Maria do Carmo T. *A Cidade e a Moda: Novas Pretensões, Novas Distinções*. Concurso de Monografia. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, xerox.

<sup>193</sup> *Id. ibid.*, p. 6, xerox.

Ser membro da “boa sociedade” não significava, porém, apenas posse de riqueza, consumo de bens ou poder. Significava, sobretudo, boas maneiras, requinte, polimento dos costumes e apresentação social. Logo, a “boa sociedade” de corte, por seu estilo de vida “civilizado”, passa a se diferenciar da velha elite colonial ainda muito presa a seus costumes tradicionais.<sup>194</sup>

Enquanto os jornais femininos funcionavam como uma espécie de “museus de tudo”, tentando suprir falhas na formação e instrução de seus leitores, os Manuais de Civilidade cumpriam o papel de ensinar um conjunto de regras necessárias para o bom desempenho da vida social, baseadas, fundamentalmente, na aparência e nas formas de apresentação de si aos olhos dos seus iguais.<sup>195</sup>

Os tratados de costumes (Manuais de Civilidade) eram conhecidos na Europa desde o século XII/XIII e os primeiros de todos se apresentam sob a forma de tratados de cortesia, regras de moral, artes de agradar e artes de amar. De sua codificação surgem os Manuais de Civilidade, que dão um novo sentido à idéia de *civilitas*, que passa a ser o conhecimento da sociedade.<sup>196</sup>

Segundo Norbert Elias, ao longo de quatro séculos esses manuais foram fundamentais ao processo civilizador. Os Manuais de Conhecimento da Sociedade, no entanto, vão cedendo lugar aos Manuais de *Savoir-Faire*, típicos da sociedade de corte, onde civilidade passa a significar nobreza, rigorosa hierarquia e valorização da aparência.<sup>197</sup> Só na França, ao longo do século XIX, esse manuais chegam a quase 60, representando uma demanda incessante pelo aprendizado do bom convívio social.

Conforme Maria do Carmo T. Rainho, “no Rio de Janeiro a ‘boa sociedade’, também, buscava, por meio de um refinamento nas maneiras e na sofisticação dos gostos, abandonar os rústicos costumes que a caracterizavam até o momento da chegada da corte[...] Ao longo do século XIX, inúmeros manuais foram editados e reeditados no Brasil”.<sup>198</sup>

Em levantamento realizado na Biblioteca Nacional, constatei a existência de inúmeros manuais aqui escritos, além daqueles vindos de Portugal e inúmeros outros que nos chegavam, principalmente os vindos da França.

---

<sup>194</sup> Rainho, Maria do Carmo T. *A Cidade e a Moda: Novas Pretensões, Novas Distinções*. Concurso de Monografia. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, p. 8, xerox.

<sup>195</sup> *Id. ibid.*, pp. 62, 63, xerox.

<sup>196</sup> *Id. ibid.*, p. 92, xerox.

<sup>197</sup> *Id. ibid.*, pp. 92-94, xerox.

<sup>198</sup> *Id. ibid.*, pp. 96, 97, xerox.



O manual mais antigo, em português, de que temos notícia é o *Escola de Política ou Tratado Prático da Civilidade Portuguesa*, de D. João de Nossa Senhora da Porta Siqueira, editado em Lisboa em 1814. Rainho cita inúmeros outros manuais por ela localizados, como: o *Escola de Política*, o *Manual de Civilidade e Etiqueta*, o *Código do Bom-Tom*, o *Manual de Civilidade Brasileira*, o *Elementos de Civilidade*.

Por meu turno, localizei inúmeras outras obras, como: o *Compêndio de Civilidade Christã para se Ensinar Praticamente aos Meninos*, de 1834, editado no Porto; o *Trato do Mundo na Vida Ordinária e nas Cerimônias Cívicas e Religiosas*, de E. Duferne, traduzido do francês; o *A Ciência da Civilização. Curso Elementar Completo de Educação Superior, Religiosa, Individual e Social*, editado em Lisboa, em 1877; o *Novo Manual do Bom-Tom*, de Luís Verardi, de 1872; o *Entretenimento Sobre os Deveres de Civilidade Colecionados para Uso da Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*, de Guilherme de A. Neves, de 1875, editado no Rio; o *Regras de Civilidade*, de 1879; e, finalmente, o *Boas Maneiras. Manual de Civilidade*, editado em São Paulo.

Por sua vez, Lília M. Schwarcz,<sup>199</sup> ao organizar a reedição do *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e do Bem-Viver no Século XIX*, de J.I. Roquette, autor português que viveu em Paris e lá o editou, em 1845, cita inúmeros outros manuais, como: o *Tesouro da Mocidade Portuguesa ou A Moral em Ação*, e o *Tesouro das Meninas ou Lição de uma Mãe à sua Filha acerca dos Bons Costumes e da Religião*, ambos escritos por Roquette e editados em Paris, respectivamente, em 1839 e 1854. Além desses, cita também: o *Code de la Conversation. Manuel Complet du Language Élégant et Poli*, de Napoleon R. Horace, editado em Paris, em 1829; o *Cozinheiro Imperial ou A Nova Arte do Cozinheiro e do Copeiro em Todos os Ramos*, escrito e publicado no Brasil, em 1852; o *Novo Manual do Bom-Tom, Contendo Modernismos, Preceitos de Civilidade, Política, Conduta e Maneiras em Todas as Circunstâncias da Vida Indispensáveis à Mocidade e Adultos para Serem Benquistos e Caminharem sem Tropeço pela Carreira do Mundo*, de 1872 e traduzido para o português; o *Manual de Boas Maneiras*, de Jorge Japur, escrito no Brasil, em 1914; e o *Boas Esposas*, de Louise M. Alcott, traduzido para o português e que, em 1946, já alcançava sua 3ª edição.

Pelos títulos dos manuais podemos perceber a variedade de temáticas entendidas como relacionadas à civilidade: o bom-tom, a política, os costumes, a educação religiosa, as boas maneiras, a etiqueta, etc. Apesar de serem livros escritos em diferentes momentos, ao longo do século XIX e começo do século XX e, claro, veicularem a noção de civilidade de cada época, eles refletem a idéia de que a civilidade deve ser entendida como tudo aquilo que cabe entre os limites

---

<sup>199</sup> Roquette, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. Lília M. Schwarcz (org.). SP, Cia. das Letras, 1977.

da cortesia e da política. Logo, que ela deve ser pensada como um aspecto da vida social, preservadora da paz social, seja na dimensão de uma ética do comportamento (as regras da polidez), seja na dimensão de um pacto social (as regras da política).

Abramos alguns desse manuais e deixemos que dele escorra seu conteúdo civilizador.

No *Compêndio de Civilidade Christã para se Ensinar Praticamente aos Meninos*, editado no Porto, em 1834, lemos que:

“Civilidade christã é saber, no trato com o mundo, regular os movimentos, palavras e ações, segundo o espírito da modéstia, humildade, caridade e usos da sociedade. A modéstia é própria, a humildade com os superiores e a caridade com os iguais”.<sup>200</sup>

O primeiro ensinamento deste compêndio trata, pois, da contenção dos movimentos, da contenção das palavras e da contenção das ações no sentido de regular os excessos derivados da sociabilidade. É a partir dessa contenção que se deve encarar o mundo, através do “bom porte e compostura exterior do corpo”,<sup>201</sup> das regras de conversação e da atitude de humildade para com os superiores, que consiste “nos sinais exteriores da sujeição interior, reverência e amor respeitoso que, como inferiores, devemos ter a todos os nossos superiores”.<sup>202</sup>

Observamos, assim, que a civilidade começa pela regulação do corpo, se amplia para as regras do convívio social e define seus limites no âmbito “político” a partir da sujeição. É justamente entre esses dois horizontes — do controle do corpo e manutenção da hierarquia social — que se estende a civilidade.

*O Novo Manual do Bom-Tom, Contendo Preceito de Civilidade, Política e Maneiras em Todas as Circunstâncias da Vida, Indispensáveis à Mocidade e aos Adultos para Serem Benquistos e Caminharem sem Tropeço pela Carreira do Mundo*, de 1872, já no seu título explica a que veio. O tal do **bom-tom** diz respeito não só à conduta mas, também, à vivência da experiência social e política.

Veja-se o que diz o manual no capítulo relativo à “civilidade”:

“A civilidade, a nosso ver, compreende: ‘a moral, a decência, a honestidade, a cortesia’, com uma palavra, todas as agradáveis virtudes que formam os laços mais fortes da sociedade civilizada, isto é, [...] a moral em ação”.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> *Compêndio de Civilidade Christã para se Ensinar Praticamente aos Meninos*. Porto, Imprensa aos Lavadouros, 1834, p. 3.

<sup>201</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>202</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>203</sup> Verardi, Luiz. *Novo Manual do Bom-Tom*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, 2ª ed., 1872, p. 6.

E continua o autor:

“A civilidade consiste em ser tão bom e tão amável para com os outros como se deseja que sejam consigo próprio, e em nunca atacar os usos recebidos do mundo”.<sup>204</sup>

Aqui temos a civilidade identificada com a amabilidade e com o conformismo (“nunca atacar os usos”), de aceitar o mundo como ele é.

No capítulo relativo à “etiqueta”, lê-se:

“Há duas qualidades de etiqueta: a da corte e a da sociedade e dos salões. O fim de ambas é de conseguir, sem ofensa de pessoa alguma, uma sociedade escolhida[...] porém, a da corte é indispensável para manter as hierarquias das diferentes classes”.<sup>205</sup>

E mais adiante:

“A etiqueta consiste não só na decência do vestuário, na gravidade do porte e na discrição da conversação, mas ainda na observância restrita de todas as regras de civilidade, do decoro e do bom-tom”.<sup>206</sup>

Tudo isso para concluir que:

“[...]civilidade e bondade promovem dedicação dos inferiores para com seus superiores”.<sup>207</sup>

Pois, é preciso que “cada um conheça bem o seu lugar, assim como o das outras pessoas, segundo a sua hierarquia”.<sup>208</sup>

Pronto, chegamos lá! A civilidade serve, em última instância, para preservar a sociedade, para mantê-la incólume dos ataques que ameacem sua estrutura social. Não seria de bom-tom, enfim, subverter as hierarquias.

Se, ao *Manual do Bom-Tom*, juntarmos a definição que o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio Morais e Silva,<sup>209</sup> dá de civilidade, teríamos bem claro o sentido que a palavra toma à época. Conforme o *Grande Dicionário*, **civilidade** (do latim *civilitate*) é “o conjunto de formalidades observadas pelos cidadãos entre si, quando bem-educados, as boas

<sup>204</sup> Verardi, Luiz. *Novo manual do Bom-Tom*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, 2ª ed., 1872, p. 7.

<sup>205</sup> *Id. ibid.*, p. 75.

<sup>206</sup> *Id. ibid.*, p. 75.

<sup>207</sup> *Id. ibid.*, p. 76.

<sup>208</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>209</sup> Morais e Silva, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Revista, Corrigida, Muito Aumentada e Atualizada*. Lisboa, Editorial Confluência, 10ª ed., 1951, 11 vols. Agradeço a Afonso C. M. dos Santos a indicação desta obra.

maneiras. Delicadeza, cortesia, polidez, atenção, etiquetas”. Mais significativo ainda é o verbete **civilizado**, pois ele remete para o coração da questão que relaciona civilização e vida social no século XIX. De acordo com o *Dicionário* de Moraes e Silva, **civilizado** “vem de civilizar e é aquele que é policiado e polido”. **Civilizado** “diz-se de um povo quando, deixando os costumes bárbaros, se governa por leis; policiado quando, pela obediência às leis, adquire o hábito das virtudes sociais; e polido quando, em suas ações, mostra elegância, urbanidade e gosto”.

Esse *Novo Manual do Bom-Tom* é especialmente interessante porque, além de nos trazer essas pérolas do que é de bom-tom na sociedade, está pontuado de capítulos relativos aos mais distintos aspectos da vida social. Assim, além das observações sobre a civilidade como “política” de preservação da sociedade, temos, também, a civilidade na mesa: as cerimônias de porta e mesa, as regras do trincar (o frango, lógico), como servir o café, como se arranjar com os convites, tudo isso com muito detalhe e explicação.

Temos mais ainda: a civilidade nos saraus, a civilidade nas ruas, o passeio em carruagem, a cavalo e a pé, as “locuções inadmissíveis”,<sup>210</sup> as regras de conversação, os jogos, as visitas, o casamento, o batismo, o tabaco, os enterros, etc. É impressionante o grau de minúcias com que o livro aborda os problemas concernentes à civilidade. Mas, o que nos interessa de fato é ver como o autor vai construindo o caminho que, do “desejo de agradar” e de “ser amado pelos outros”,<sup>211</sup> passando pelos cuidados de não “levar o prato à boca para beber o caldo[...] o que só compete fazer a gente ordinária”,<sup>212</sup> leva à conclusão: “aquele que não tiver riqueza nem talento que a compense, não deve frequentar a sociedade”.<sup>213</sup>

No livro *Código do Bom-Tom*, de J. I. Roquette, é muito ilustrativo do “projeto político” dos manuais aquilo que jaz sob a sombra da cortesia. Neste livro, encontramos o que sua organizadora chamou de “princípio de hierarquia” que orienta toda a obra e, de acordo com seu ponto de vista, dá fundamento ao manual e “esconde a desigualdade social sob o manto de uma naturalidade quase biológica”.<sup>214</sup>

Justificando e legitimando o princípio da hierarquia, Roquette argumenta:

“Não me pergunteis porque nesta sociedade que saiu de um só homem, uns parecem felizes, outros desgraçados, uns mandam e outros obedecem[...] Notai somente que a natureza fez aristocratas, isto é,

<sup>210</sup> Verardi, Luiz. *Novo manual do Bom-Tom*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, 2ª ed., 1872, p. 91.

<sup>211</sup> *Id. ibid.*, p. 6.

<sup>212</sup> *Id. ibid.*, p. 35.

<sup>213</sup> *Id. ibid.*, p. 116.

<sup>214</sup> Schwarcz, Lília M. (org.), in Roquette, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. SP, Cia. das Letras, 1977, p. 20.

criaturas privilegiadas ou mais fortes, mais belas, mais inteligentes, mais valentes que as outras, e não vos admireis que os homens tenham imitado a natureza. a igualdade não existiu nunca na Terra; porém, ai daqueles que se esquecem que ela existe diante de Deus”.<sup>215</sup>

No capítulo em que Roquette faz ponderações sobre como tratar a criadagem (“Dos Criados”) vemos, com toda a clareza, a importância da civilidade na subjugação e disciplinarização daqueles que estão no andar de baixo da hierarquia social. Sem maiores constrangimentos, Roquette ensina: “Fazei em tudo que vosso jugo seja o mais suave possível, mas não sejais indulgente em demasia”.<sup>216</sup> Preocupado com a subversão da hierarquia social, Roquette adverte que, “[...]a obediência é a primeira qualidade que deveis exigir dum criado, e uma obediência cega[...]”<sup>217</sup>

Passado o susto da Revolução Francesa, o jugo vai se suavizando, até se transformar em... cortesia.

Um terceiro manual, este dedicado às crianças, visa “ensinar praticamente os deveres de civilidade ou de polidez”.<sup>218</sup> Este manual funciona como uma verdadeira “Cartilha de Economia Política para as Primeiras Letras”. Como os outros manuais, este se esmera nos detalhes relativos aos deveres da civilidade, como: “respeito na igreja”, “a obediência aos pais”, “o tratamento devido aos mestres”, “o procedimento no colégio”, “o despertar”, “o vestir”, “o trabalho”, “a rua”, “a visita aos pobres”, “a esmola”, etc. Emana do livro um tom que identifica civilidade, ao dever e à disciplina. Por isso ele se organiza, basicamente, a partir dos tipos de obrigações que as crianças (em seu aprendizado da sociabilidade) devem ter para com a sociedade que, segundo o manual, são: os “deveres gerais para com Deus, a família e a sociedade”<sup>219</sup> e os “deveres pessoais”.<sup>220</sup>

Se a civilidade se identifica ao dever para com Deus, a família e a sociedade, ao longo da leitura do livro vamos descobrindo que **dever é obedecer**, isto é, admitir a ordem imposta. Observe-se o parágrafo a seguir:

“Dir-me-ão alguns meninos que seus pais não falam aos fâmulos do mesmo modo que às demais pessoas. Isto é muitas vezes necessário. Os homens, em geral, foram criados iguais no corpo, nas

<sup>215</sup> Citado por Schwarcz, Lilia M. (org.), in Roquette, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. SP, Cia. das Letras, 1977.

<sup>216</sup> Roquette, J. I. *Ibid.*, p. 350.

<sup>217</sup> *Id. ibid.*, p. 348.

<sup>218</sup> Neves, Guilhermina de Azambuja. *Entretenimentos Sobre os Deveres de Civilidade Colecionados para a Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*. RJ, Typ. Cinco de Março, 2ª ed., 1875, p. 6.

<sup>219</sup> *Id. ibid.*, p. 52.

<sup>220</sup> *Id. ibid.*, p. 85.

necessidades, etc., mas o espírito, a educação, a posição social, não são iguais para todos. Eis porque uns servem e outros são servidos[...] Daí, superiores e inferiores e o respeito que devem estes àqueles e, portanto, os criados aos amos. Entre nós brasileiros, meu filho, ainda temos escravos e a eles é aplicável tudo o que eu disse em relação aos servos ou criados. Quando nascemos já achamos este mal, a única coisa que podemos fazer é extingui-lo; isso, pouco a pouco, para evitar grandes prejuízos e desordens”.<sup>221</sup>

Sem meias palavras, a civilidade, para a autora, se presentifica numa **reserva política** que manteria a condição de “superiores” e “inferiores”, justificada como fazendo parte de uma hierarquia natural estabelecida por Deus e, portanto, imutável. Ou melhor, a civilidade é a contenção do “cada qual no seu lugar”, ou caso se deseje, é aquilo que ajuda a evitar os “prejuízos e desordens”.

Definindo o que entendia ser o “respeito aos superiores”, a autora dá a noção exata a que serve a civilidade:

“Eu quisera, meu filho, poder dar esse conselho a todos os meninos, colocados pela sorte em condição inferior. Àqueles que crescem na casa dos patrões de seus pais, especialmente, eu exortaria a ter resignação, bondade e amor ao trabalho. Com estas três qualidades é muito de esperar que mais tarde lhes mude a sorte[...] Em casa de seus patrões, sejam do mesmo modo (que na escola), diligentes e submissos, procurando sempre agradar, mas sem adulação nem baixeza”.<sup>222</sup>

A civilidade serve, portanto, como antídoto à revolta, à maldade e ao ócio. Aqui, a polidez se desnuda de todo o seu travestismo e se apresenta diretamente como uma forma de submissão que deve se desdobrar por toda a hierarquia social, com o fito, mesmo, de preservá-la.

A importância da boa moral e da doçura dos costumes como atributos da polidez, que já aparecera atrás em documento da polícia do começo do século, é confirmada pela autora, cinquenta anos depois, ao definir que “a polidez é para o espírito o que a graça é para o rosto, indício de bondade de coração e candura da alma”.<sup>223</sup>

Distantes meio século um documento do outro, frente às inevitáveis transformações que o imaginário da sociedade de corte sofreu ao longo do tempo, a percepção de que a civilidade é parte integrante do sistema de controle social se manteve incólume.

A necessidade de controlar a “seiva” da sociedade urbana que se formava, de separar a ordem da desordem tão presente ainda ao longo do século, faz dos Manuais de Civilidade uma verdadeira

<sup>221</sup> Neves, Guilhermina de Azambuja. *Entretenimentos Sobre os Deveres de Civilidade Colecionados para a Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*. RJ, Typ. Cinco de Março, 2ª ed., 1875, pp. 53, 54.

<sup>222</sup> *Id. ibid.*, pp. 56, 57.

<sup>223</sup> *Id. ibid.*, p. 94.

“Cartilha de Economia Política”, onde até mesmo o trabalho é tomado como uma questão de civilidade. No item relativo ao trabalho, reza a cartilha, quer dizer, o manual, que:

“Só o homem trabalhador é útil a si e aos outros. De que serve um ocioso? [...] de peso para si mesmo, ou aos parentes, até aos estranhos.

Nada causa tanto mal quanto a preguiça; ela é uma espécie de ferrugem que consome o corpo e embota o espírito. A ociosidade, diz o provérbio, é a mãe de todos os vícios. Com efeito, os homens viciosos e corrompidos, os criminosos, saem de entre a classe dos vadios e preguiçosos. O trabalho, ao contrário, é uma lei da natureza, porque é uma necessidade para o corpo e para a alma”.<sup>224</sup>

Para quem a preguiça e o ócio são identificados ao vício, à corrupção e à criminalidade, nada mais normal que se preocupar com a “assepsia social”, recomendando aos leitores do manual evitar os perigos daquele lugar, que é aonde exatamente a sociabilidade eclode, dando vazão à desordem: a rua. Por isso, no item intitulado “Na Rua”, a autora recomenda:

“Quem vai pela rua[...] deve guardar certas regras para não passar por desassissado (sem juízo) e evitar alguns perigos. Se vires muita gente reunida, seja por alguma curiosidade que aí apregoam, seja por efeito de um conflito ou desordem, foge de ir aumentar o número dos curiosos[...] procura antes afastar-se desse lugar o mais depressa que te for possível”.<sup>225</sup>

Afastar-se da desordem, ir de encontro à ordem, é disso que os Manuais de Civilidade tratam. Para não estar pregando sozinho no deserto, trago ainda as palavras do Diretor de Instrução Pública Primária do Município da Corte, que faz o epílogo do manual que ora vínhamos comentando. Pelo comentário do Dr. José Manuel Garcia ao livro em questão, aprende-se que:

“Quanto, porém, à civilidade, não sei que se tenha autorizado livro algum por onde se possa ensiná-la à puerícia metódica e proficuamente e, destarte, propagar esses princípios tão salutarres e conducentes a manter a ordem e a união nas famílias e, portanto, na sociedade, que outra coisa não é mais do que uma grande família”.<sup>226</sup>

Pensávamos que fosse um problema da ordem; era na verdade um problema da política! Ordem, etiqueta, cortesia, civilidade, política, acabam se articulando na manutenção da paz social e devem ser entendidas como fazendo parte de um mesmo processo de construção de imagens sobre o que deva ser o convívio social.

A tentativa de moldar a sociedade em formação, o desejo de enquadrar todas as esferas da experiência dentro dos moldes da civilidade, a premência de reformar os costumes de uma

---

<sup>224</sup> Neves, Guilhermina de Azambuja. *Entretenimentos Sobre os Deveres de Civilidade Colecionados para a Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*. RJ, Typ. Cinco de Março, 2ª ed., 1875, pp. 85, 86.

<sup>225</sup> *Id. ibid.*, p. 115.

<sup>226</sup> *Id. loc. cit.*

sociedade “ciosamente mantida no seu casticismo colonial”,<sup>227</sup> empurrou-a na direção de uma referência civilizatória que funcionasse como parâmetro balizador dos novos costumes e comportamentos. Essa referência foi a Europa.\*

Se era premente reformar os costumes, mais ainda era manter a estrutura social e a relação entre as classes, preservando a harmonia da ordem social. É muito possível, então, que a reforma dos costumes estivesse diretamente ligada à manutenção da estrutura social, uma vez que essas reformas teriam o mérito de neutralizar aquelas práticas que se tornavam “subversiva da ordem social”.<sup>228</sup>

Há um observador dos costumes brasileiros das primeiras décadas do século XIX, o Padre Lopes Gama, que se tornou, pelas críticas que fazia aos hábitos herdados da antiga sociedade luso-brasileira e, também, daquilo que ele taxava como novos modismos europeus importados,\*\* uma espécie de propagandista da reforma dos costumes e um verdadeiro cronista dos costumes nacionais. Redator do jornal *O Carapuceiro*, onde de 1832 a 1852 escreveu suas crônicas, o Padre Lopes Gama, vivendo no Recife no período da Regência, a nada nem a ninguém poupou com sua pena ferina. Longe de querer transformar a sociedade, cuja organização aceitava, o “Padre Carapuceiro” visava moralizar os costumes pelo humorismo.<sup>229</sup> Alcançando Salvador e o Rio de Janeiro, suas crônicas o fazem um crítico social de sua época, permitindo-nos vislumbrar um pouco do que foi o processo de incorporação dos novos valores numa sociedade que se debatia entre a tradição patriarcal e os novos costumes “civilizados” de uma “Europa possível”, logo, de uma “Europa idealizada”.<sup>230</sup>

<sup>227</sup> Gama, Padre Lopes. *O Carapuceiro*, in Evaldo C. de Mello (org.). *Introdução*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 11.

\* Tomar a Europa como referência não significa mero mimetismo, processo de cópia ou “macaqueação”, onde o pólo que imita não estabelece nenhuma dinâmica com o modelo. Tomo aqui **referência** num sentido dinâmico, e não como simples importação. Com isso, quero dizer que o que houve na verdade foi uma **adesão** ao projeto civilizatório que ocorria na Europa, portanto, uma opção política e, também, cultural, e não uma simples importação de idéias. A circulação das idéias “civilizadas” era uma prática desde o período do Iluminismo, no século XVIII, e a adesão a essas idéias, longe de ser uma mera cópia de modelo, faz parte de um conjunto de escolhas que aqueles países, à margem da “civilização”, fazem no sentido de dialogar com as idéias que melhor respondem à indagação que seus intelectuais fazem a respeito de seu destino.

<sup>228</sup> *Id. ibid.*, p. 10.

\*\* A irritação do Padre Lopes Gama com a “importação de modismos” deve ser entendida dentro do quadro do Romantismo que, então, se dissemina nos meios intelectuais. Obcecados em construir uma singularidade nacional, esses intelectuais criticam acridamente tudo aquilo que nos chega — sejam idéias, sejam modas — e que cheira a Paris ou a Londres, o que, em sua opinião, não passa de imitação.

<sup>229</sup> *Id. ibid.*, p. 9.

<sup>230</sup> Ver a discussão que Afonso C. M. dos Santos faz sobre as consequências da instalação da corte nos trópicos. Santos, Afonso C.M. dos. “Da Colonização à Europa Possível, as Dimensões da Contradição”, in *Uma Cidade em Questão I. Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro*. Realização do Depto. de Artes da PUC/RJ. RJ, PUC/FUNARTE, 1979.



Deixemos que o cronista fale!

Na crônica “Os Sem-Cerimônia”, de *O Carapuceiro*, de abril de 1839, Lopes Gama dá a sua visão dos novos tempos:

“A urbanidade e a cortesia são muito preciosas na sociedade, porque sem elas tudo se tornaria brusco e não distaríamos dos selvagens. Essas pequenas atenções, essa reciprocidade de respeitos, essas maneiras doces e afáveis, concorrem grandemente para a manutenção e harmonia da ordem social e, por isso, devem ser promovidas e conservadas. Entretanto, pessoas há que, inculcando-se por gente sem-cerimônia, cometem grosserias e até ofendem o melindre e a honra dos seus semelhantes”.<sup>231</sup>

Novamente aqui se repete a idéia, como já vimos anteriormente, de que pelas maneiras doces e afáveis (a cortesia) chegar-se-ia a harmonia da ordem social.

Criticando os costumes antigos ou os novos hábitos que, conforme Lopes Gama, só faziam “macaquear” modas estrangeiras, o padre visava salvar a sociedade da perdição pela boa moral. Em crônica de agosto de 1832, onde critica os padres que se deixam levar pelos maus costumes, Lopes Gama chega à conclusão que:

“[...] A corrupção do ótimo é o péssimo e enganemo-nos que, se as reformas não começam pelas pessoas, debalde é estar mudando as coisas. Emendemo-nos todos dos nossos maus hábitos, principie a emenda pelas classes mais distintas e subidas da sociedade que os pequenos os imitarão e tudo seguirá o bom caminho”.<sup>232</sup>

Para o Padre Lopes Gama, somente a influência imediata do governo sobre os bons e maus costumes, aliada à boa educação religiosa e civil, poderia reformar os homens.<sup>233</sup> Por isso ninguém deveria confiar “em boas maneiras, em semblantes afáveis e risonhos, em palavras, enfim, que nada custam despendar. Se quisermos conhecer ou levar os homens à pedra de toque para lhes saber dos quilates, olhemos para as más ações. Atendamos para o que eles fazem e não aos seus esgares e palavreado”.<sup>234</sup> Lopes Gama considerava os costumes como uma prática da vida social e não somente como uma prática de boas maneiras. Em Gama, polidez remete diretamente para civilidade, entendida não só como prática privada mas, também, pública, ou melhor, política. Uma educação bem dirigida, infundindo o amor ao trabalho e “boas leis policiais para espancaram o vadiismo” (o vício de ser vadio), são os ingredientes fundamentais para tornar, segundo o padre, o Brasil “morigerado e próspero”.<sup>235</sup> Por isso, mesmo, ele

<sup>231</sup> Gama, Padre Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Mello (org.). SP, Cia. das Letras, 1996, p. 295.

<sup>232</sup> *Id. ibid.*, p. 71.

<sup>233</sup> *Id. ibid.*, p. 106.

<sup>234</sup> *Id. ibid.*, p. 133.

<sup>235</sup> *Id. ibid.*, p. 200.

desconfia da vida na corte, onde, conforme ele, existe “um país aonde ninguém diz o que pensa, aonde ninguém cumpre o que promete, ninguém paga o que deve, ninguém pratica o que vê, ninguém crê o que professa[...]”<sup>236</sup>

As observações de Lopes Gama sobre os costumes ressaltam “a atitude ambígua da sociedade quanto às leis: externamente, reverência e respeito; internamente, descaso”.<sup>237</sup> A percepção do cronista sobre a “aparência de ordem para uma prática de desordem” se aproxima daquela dialética entre a ordem e a desordem que podemos, pela análise de Antonio Cândido, depreender do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Se passarmos do plano da crônica e da ficção para o plano da vida real, vamos constatar a mesma preocupação com a confusão entre ordem e desordem, que é percebida como uma ameaça ao fortalecimento da jovem Nação que apenas se independentizara.

Lendo-se o *Relatório apresentado pelo Ministro da Justiça à Assembléia Legislativa em 1832*, percebe-se a **confusão** acima aludida:

“Ao governo compete dirigir Decretos, Regulamentos e Instruções adequadas à boa execução das leis, mas qualquer homem lhe disputa a inteligência delas: o magistrado se arroga esse direito; formam-se dúvidas reais ou aparentes e o governo é mero espectador desta confusão. O que acontece hoje é que cada cidadão obedece quando quer, que cada juiz entende a lei e julga como lhe convém e o governo, que é o principal executor dela, nem ao menos pode fixar a sua inteligência para exigir sua execução. À Assembléia compete, por termo, a esta colisão e declarar o direito do governo firmar a inteligência das leis, pelo menos enquanto o Poder Legislativo não interpretá-las diversamente[...]”  
Srs.: O governo do Brasil nenhum mal pode prevenir, ele não pode nem punir nem recompensar, e quando mais não fosse isto bastava para provar sua nímia fraqueza”.<sup>238</sup>

Vemos figurar, portanto, no âmbito de toda a sociedade, a indistinção entre ordem e desordem, a dubiedade das leis, a ambigüidade dos comportamentos. De acordo com Fernando Novais, as “sensações contraditórias, advindas diretamente das estruturas básicas da colonização, formavam como que a camada intermediária de enquadramento do cotidiano e do íntimo ‘viver em colônias’, produzindo uma “sensação intensa e permanente de **instabilidade, precariedade e provisoriedade** que se expressa por todos os poros de nossa vida de relações”.<sup>239</sup>

<sup>236</sup> Gama, Padre Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Mello (org.). SP, Cia. das Letras, 1996, p. 328.

<sup>237</sup> Lima, Luiz Costa. *Um Certo Carapuceiro*. RJ, Jornal do Brasil (Caderno Idéias), 14/9/1996.

<sup>238</sup> Ministro Diogo A. Feijó. *Relatório do Exmo. Ministro da Justiça no Ano de 1831 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1832*. Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82.

<sup>239</sup> Ver: Novais, Fernando A. “Condições da Privacidade na Colônia”, in Mello e Souza de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 31. (Grifos meus).

Como atingir, então, a “boa moral e a doçura dos costumes”, condição fundamental da civilidade e caminho para o aperfeiçoamento da Nação, num meio onde a “felicidade pública” depende de uma ordem que se manifesta freqüentemente contraditória?

Mas, mais do que acabar com a desordem, mais do que desfazer a mistura entre ordem e desordem, o que o poder precisa, mesmo, é lançar mão de uma definição de ordem, de um princípio de ordem a partir do qual toda a sociedade deverá se alinhar. Com isso, se estabelece uma referência para a ordem, a partir do que se pode traçar uma linha equatorial, abaixo da qual está a desordem em sua negatividade, e acima da qual está a ordem em sua positividade.<sup>240</sup> Dividindo o mundo em dois hemisférios, mais do que excluindo o hemisfério negativo, o poder ganha significado, pois é reconhecido como a força a partir da qual o mundo se estrutura e... se divide e/ou se integra.

Numa sociedade que vivia tradicionalmente (durante todo o período de colônia) sujeita às hierarquias privadas, onde a autoridade do rei só era lembrada na “antecâmara da força”,<sup>241</sup> o poder se esfacelava nas mãos de inúmeras autoridades. As instituições encarregadas do patrulhamento da cidade e do cumprimento da lei, por exemplo, se dobravam aos interesses privados.<sup>242</sup> Não é por menos que, “até à criação da Intendência Geral de Polícia, em 1808, a autoridade policial continuava pulverizada em mãos de quadrilheiros, alcaides-mores e menores, capitães-mores de estrada e assaltos, todas com o direito legítimo de prender”.<sup>243</sup> Esse fenômeno lembra o que Sérgio Buarque de Holanda disse, como já assinalamos no capítulo anterior, sobre a importância da esfera privada na sociedade colonial brasileira, onde “o resultado era predominar, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família”.<sup>244</sup>

Para Thomas Holloway, estudioso da história da polícia no Rio, “a evolução histórica da polícia no Rio de Janeiro, no decurso de uma dialética de repressão e resistência, se insere no quadro de uma transição mais geral do controle exercido, tradicionalmente, pelas hierarquias privadas para o exercício moderno do poder, através das instituições públicas”.<sup>245</sup>

---

<sup>240</sup> Goto, Roberto. *A Malandragem Revisitada. Uma Leitura Ideológica de “Dialética da Malandragem”*. Campinas, SP, Ed. Pontes, 1988, p. 25.

<sup>241</sup> Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989, p. 26.

<sup>242</sup> *Id. ibid.*, p. 21.

<sup>243</sup> *Id. ibid.*, pp. 21, 22.

<sup>244</sup> Holanda, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. RJ, Livraria José Olympio Ed., 7ª ed., 1973, p. 50.

<sup>245</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 19.

Até à chegada de D. João VI, a autoridade tem grandes dificuldades em estabelecer o monopólio da força para a manutenção da ordem. A instalação da corte na cidade colocará em cena, ao vivo e a cores, a figura do monarca, que possibilitará uma reelaboração das representações sobre o poder, uma vez que sua imagem passa a ser associada à idéia de “justiça”, “paz” e “equilíbrio”. A realeza se materializa, dessa maneira, diante dos súditos como sustentáculo da ordem e da autoridade.<sup>246</sup> É a partir desse movimento de atualização do poder que a autoridade pública, sintetizada nesse primeiro momento na figura do Intendente Geral de Polícia, se legitima, uma vez que esta dimana diretamente do rei. Ao se comunicar, isto é, ao mostrar sua face, o poder passa a ser reconhecido pelos súditos, se fazendo amado e temido e, por isso mesmo, legítimo.<sup>247</sup>

Nas palavras de um estudioso do assunto, “todo poder deve se impor, não somente como poderoso mas, também, como legítimo”.<sup>248</sup> Essa nova legitimidade do poder é tributária de sua capacidade de construir uma representação do mundo, que o divide entre ordem e desordem, fazendo com que, a partir dessa definição, todas as outras sejam daí deduzidas. O poder estabelece a fronteira, cabe aos súditos escolherem entre o lícito e o ilícito, o moral e o imoral, o verdadeiro e o falso, etc., com todas as consequências derivadas dessa escolha.

A inexistência, à época da criação da polícia no Rio de Janeiro, de um Código Penal que definisse com clareza o crime e os limites do comportamento, leva a polícia a se instituir como a divisora de águas entre a ordem e a desordem, e a fixar o padrão de tolerância da sociedade para com os “excessos” da nova sociabilidade que se instaura com a corte. Nesse sentido, a repressão à criminalidade exercida pela polícia se desdobra numa vocação para a civilização das classes urbanas inferiores, na medida em que ambas as ações são entendidas como extensões uma da outra.<sup>249</sup>

Pode-se, portanto, através da polícia, enxergar os nexos entre sociedade e Estado<sup>250</sup> em processo de constituição e se entender melhor seu papel repressor/civilizatório nesse momento crucial de reordenação da sociedade brasileira. Esses nexos transparecem na noção de ordem,<sup>251</sup> fabricada exatamente — ali, na polícia — onde se constroem as clivagens que irão dar os parâmetros da

<sup>246</sup> Para uma análise do papel da dimensão simbólica do cerimonial na legitimação do Poder Imperial no Brasil, ver: Ribeiro, Maria E. de B. *Os Símbolos do Poder*. Brasília, DF, Ed. da UnB, 1995.

<sup>247</sup> Haroche, Claudine. *Civilidade e Polidez: os Objetos Negligenciados da Ciência Política*, s/d, p. 81, xerox.

<sup>248</sup> Baczkó, Bronislaw. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et Espoir Collectifs*. Paris, Éd. Payot, 1984, p. 33.

<sup>249</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, Nota 9, pp. 278, 279.

<sup>250</sup> Brandão, Berenice C. et alii. *A Polícia e a Força Policial no Rio de Janeiro*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1981, p. 6.

<sup>251</sup> *Id. loc. cit.*

sociedade que se forma. Daí, a representação que a instituição policial faz da sociedade, com o fito de abarcá-la, reduzindo-a a três instâncias: “o mundo do governo, o mundo do trabalho e o mundo da desordem”.<sup>252</sup> Nesse sentido, o mundo do governo seria o universo da ordem, por onde circulam aqueles que possuem **direitos**. O mundo do trabalho corresponderia ao universo da produção e do trabalho escravo, daqueles **sem direitos**. E o mundo da desordem equivaleria àquele universo precariamente incorporado à sociedade escravista-mercantil, formado de homens livres e pobres, não raro classificados como **vadios**.<sup>253</sup>

Essa representação do todo social corresponde a diferentes “políticas de intervenção” que a polícia iria exercer para enquadrar cada um desses grupos sociais. Quanto ao mundo do governo, a ação policial era de estímulo à “contenção das paixões” e desenvolvimento das formas da *politesse*. Relativamente ao mundo do trabalho, a polícia agia no sentido de evitar a ruptura e manter incólume o sistema de dominação colonial (escravista). E no que diz respeito ao mundo da desordem, a polícia intervinha no sentido de reprimir e civilizar. Vemos, então, que o objetivo da polícia não era exterminar ou eliminar<sup>254</sup> mas, sim, **conter, subjugar e civilizar**, respectivamente.

Nada melhor que o vocabulário de época, encontrado nos dicionários, para evitar que significados atuais sejam empregados na compreensão de uma outra realidade que tinham no passado. Assim, podemos fazer com que a dimensão civilizatória da polícia seja ressaltada na devida importância que tinha à época. Por isso, mesmo, não espanta encontrarmos no já citado *Grande Dicionário* de Moraes e Silva, no verbete **polícia**, a seguinte explicação: “Apuro, esmero, cuidado ou correção de linguagem. Delicadeza, apurmo, correção, polidez, civilidade”.

Tal definição de polícia está muito próxima daquela dada por Bluteau<sup>255</sup> no seu *Dicionário*, escrito bem antes do de Moraes e Silva e, também, daquela dada por Almeida e Lacerda do *Dicionário Enciclopédico*, de 1868. Se, para Bluteau, polícia era delicadeza, para aqueles era prudência e cultura. Em Bluteau, a polícia se divide em Polícia Militar e Civil. “Nem uma nem outra polícia se acha nos povos, a que chamamos bárbaros como, por exemplo, o gentio (índios) do Brasil” em que é “tão apagada a luz da razão, quase como nas mesmas feras, parecem mais brutos em pé que racionais”. E Bluteau arremata: “Polícia, também, se torna pela boa graça nas

<sup>252</sup> Citado por Brandão, Berenice C. et alii. *A Polícia e a Força Policial no Rio de Janeiro*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1981, p. 55. (Grifo meu).

<sup>253</sup> *Id. ibid.*, pp. 56, 57. (Grifos meus).

<sup>254</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 50.

<sup>255</sup> Bluteau, D. Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa, Oficina de A. da Sylva, 1721.

ações e gestos do corpo, etc. Garbo, graça, etc. Polícia, algumas vezes, vale o mesmo que asseio, limpeza, alinhio, etc., (a brandura no conversar, a polícia no vestir, a cortesia no tratar)”.

Aqui, duas ressalvas para a interpretação que Bluteau faz. A de que os povos bárbaros não têm polícia, o que leva à conclusão que a noção de polícia é relativa à civilização, isto é, quanto mais polícia, mais civilização. E a de que, para esses bárbaros, nunca se acende a luz da razão, ou por outra, polícia e razão formam um par, levando à conclusão que quanto mais polícia, mais racionalidade. Constatase, então, que polícia, civilização e razão na linguagem de época são termos que procuram dar conta de uma certa experiência de sociabilidade, onde um termo leva a outro, ou melhor, onde um termo não existe sem o outro.

Um pouco mais adiante no tempo, o *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, editado no Porto, em 1873, e de autoria de Frei Domingo Vieira,<sup>256</sup> ainda guarda fortes resquícios do sentido que a palavra polícia manteve na linguagem ao longo do século. Nesse *Dicionário*, o verbete **polícia** é quase uma síntese do que fora através de décadas no século XIX.

Para Frei Domingo Vieira, polícia era, portanto:

“[...]o aperfeiçoamento da Nação culta e polida[...] mormente no que respeita às comodidades, isto é, limpeza, asseio, à fartura dos víveres e vestiário e à segurança dos cidadãos. O tratamento decente, cultura, urbanidade dos cidadãos, o falar, o termo, as boas maneiras, a cortesia. O asseio, limpeza, alinhio”.

E Frei Domingo arremata numa frase lapidar, experimentando o uso do termo numa expressão corrente da época: “Meter em polícia uma Nação é o mesmo que civilizá-la e urbanizá-la”.

Alguém ainda tem dúvidas sobre ser a polícia agente da civilização?

Está aí, portanto, a polícia a criar as condições básicas para constituição do Estado brasileiro.\*

<sup>256</sup> Vieira, Frei Domingo. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. Porto, Editores Chardon e Moraes, 1873.

\* Minha insistência em mostrar a polícia como agente da civilização vem, a propósito, de uma certa historiografia que a toma somente em sua vertente repressora. Quanto a conhecer melhor a faceta polida da polícia, ver o excelente artigo de Robert Storch a respeito da formação da polícia londrina, onde o autor vai pontuando historicamente as diversas fases que passou a instituição policial na Inglaterra. Segundo Storch, primeiro é preciso haver uma redefinição dos elementos constituintes da ordem urbana e da disciplina social para que a polícia assuma seu perfil mais marcadamente disciplinar. Ver: Storch, Robert. “O Policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, n<sup>os</sup> 8/9.

## 2.4 - “ O Que Vagueia, Vagabundo”

Assim como as sombras do Estado e da sociedade, em processo de construção, se projetam sobre a polícia, igualmente a sombra desta se projeta sobre aqueles, levando à conclusão que uns emprestam aos outros seus significados os quais transformarão seus modos de ser. Dessa maneira, o espectro da ordem paira sobre toda a formação social, marcando fortemente o imaginário de como deveriam operar as formas de contenção social, de modo a “estimular” as potencialidades da experiência identificada como aquela que levaria à civilidade. Por isso, mesmo, é que devemos entender a polícia, nessa conjuntura, menos como um aparelho de repressão do que como uma técnica de governo, naquele sentido que Foucault atribui à polícia definida pelos pensadores do século XVII e XVIII: <sup>257</sup> a polícia se estende a tudo “o que diz respeito ao ‘homem’ e sua ‘felicidade’”. <sup>258</sup>

Jacques Rancière alerta que “o significado atual atribuído à palavra polícia evoca comumente o que chamamos baixa polícia: os golpes de cassetete das forças da ordem e as inquisições das polícias secretas[...] A baixa polícia é apenas uma forma particular de uma ordem mais geral”. <sup>259</sup>

A compreensão da importância da **contenção** (como elemento na construção da civilidade) e da polícia (como guardião da “felicidade” do povo) fica patente quando se constata que o “grosso da atividade policial concentrava-se na manutenção da hierarquia de subordinação e dominação”. <sup>260</sup> O que quer dizer que a manutenção da ordem equivalia à manutenção do padrão de convivialidade intra e interclasses.

Segundo Thomas Holloway, “as próprias categorias de transgressões sugerem o que significa na prática a ordem social. O **status** não era apenas uma escala abstrata de prestígio e respeito, pois a própria lei impunha determinadas formas simbólicas de comportamento ao fazer do insulto um delito passível de punição. Era importante disciplinar os que incidiam em conduta desordeira ou desacato à autoridade, pois esse **comportamento** era o primeiro passo para a ruptura da ordem social”. <sup>261</sup> Daí, talvez, a grande preocupação da polícia com os desclassificados sociais, sintetizados nos “vadios” que não se enquadravam, nem no mundo do governo, nem muito menos no mundo do trabalho, restando-lhes aquela terra-de-ninguém social definida como mundo da desordem.

<sup>257</sup> Rancière, Jacques. *O Desentendimento. Política e Filosofia*. SP, Ed. 34, 1996, p. 41.

<sup>258</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>259</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>260</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 85.

<sup>261</sup> *Id. ibid.*, pp. 85, 86. (Grifos meus).

Soltos no mundo, obrigados a perambular pela cidade à procura de sobrevivência, os vadios são identificados na sua “viração” como desordeiros. Ninguém lhes perdoa a fluidez, mormente numa cidade escravista, cujo equilíbrio era conseguido, em grande parte, pela vigilância dos passos dos escravos.

Mas, como identificar, no conjunto de homens livres e libertos que “se viram” na cidade, o vadio?

Conforme o Livro 5, Título 68, das Ordenações Portuguesas, **vadio** é o que “chega num lugar e deixa passar vinte dias sem tomar amo ou ofício, nem outro mister, nem ganha sua vida, nem anda negociando algum negócio seu, nem alheio, ou o que tomou amo e o deixou, e não continuou a servir”.<sup>262</sup> Tidos como “incapazes de educação e de princípios”,<sup>263</sup> são vistos como tendo outra humanidade, representantes que são da anti-sociedade.<sup>264</sup> Pertencendo à classe dos homens livres e pobres da cidade, os vadios a vêem como cenário de suas perambulações e como condição fundamental para sua reprodução. Por tudo isso os vadios são considerados desclassificados sociais, o que remete, evidentemente, à idéia de um sistema de classificação social.<sup>265</sup> Se, numa ponta desse sistema de classificação, a definição de vadio é a expressão da desordem, na outra ponta do sistema, o homem cortês aparece associado à idéia de ordem. Se o vadio é próprio da cidade e é identificado a seu espaço físico, o homem cortês é associado a um **espaço social**, à “boa sociedade”<sup>266</sup> que paira sobre a cidade. Assim, se de um lado temos a “impossibilidade” de socialização, de outro temos os requintes das maneiras e o polimento dos costumes, próprios da sociedade de corte. Na cidade, a necessidade de sobrevivência faz do vadio um rude, um desclassificado social. Na corte, a possibilidade de pertencer à “boa sociedade” faz do homem cortês um exemplo de sociabilidade, um classificado com direito a assento no banquete civilizatório. No centro desse sistema de classificação social reencontramos a polícia como instituição divisora de águas, sinalizando o caminho da sociedade para a “felicidade” ou para o “caos”.

A ameaça representada pelos vadios faz destes objeto da atenção policial, principalmente por sua não-fixidez, seja social, seja espacial, ao contrário do escravo. Numa sociedade calcada

<sup>262</sup> Bluteau, D. Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa, Oficina de A. da Sylva, 1721. Verbete — Vadio.

<sup>263</sup> Citado por Mello e Souza, Laura de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 220.

<sup>264</sup> Geremek, Bronislaw. *Os Filhos de Caim. Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia. (1400/1700)*. SP, Cia. das Letras, 1995, p. 302.

<sup>265</sup> Mello e Souza, Laura de. (org.). *Op. cit.*, p. 13.

<sup>266</sup> Rainho, Maria do Carmo T. *A Cidade e a Moda: Novas Pretensões, Novas Distinções*. Concurso de Monografia. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, pp. 6, 7, xerox. (Grifo meu).



inteiramente no labor escravo, toda e qualquer outra forma de trabalho e “atitude” do trabalhador fica subordinada ao padrão dominante e se contamina a partir de suas determinações. A compulsão ao labor explicita, claramente, a divisão entre trabalhadores e gestores do trabalho, não deixando margem à dúvidas entre quem tinha direito ao ócio e quem tinha a obrigação do negócio (no sentido de negação do ócio). Nas circunstâncias de uma sociedade escravista, onde o trabalho é desprezado como negócio de escravo, é extremamente difícil conceber outras formas de labor e, portanto, outras atitudes em relação ao trabalho que não sejam aquelas compulsórias. Por tudo isso é que o homem livre que labora na cidade e a utiliza para a própria sobrevivência não consegue ser classificado em outra categoria que aquela de vadio e ocioso. Não só sua prática de trabalho é estigmatizada como sua prática social é vivida como uma ameaça de desordem. Ao se movimentar em busca de serviço, o pobre é visto como estar a vadiar, isto é, “andar ociosamente de uma parte para a outra, mover-se de um ponto para outro, sem se fixar num ponto certo”. É visto como passando “a vida ociosa”, não tendo “ofício nem emprego”.<sup>267</sup>

Se a letra da lei (as Ordenações) vê perigo naquele que está na cidade sem um amo ou sem um negócio seu, para o conjunto da sociedade o perigo do vadio está no “andar em pagodeiras, brincar, divertir-se”, próprio dos ociosos.<sup>268</sup>

Numa sociedade tão hierarquizada e tão limitada em sua elasticidade social, o vadio é a verdadeira ameaça. Tanto é assim que, dentre as primeiras medidas tomadas pelo Intendente Geral de Polícia, quando de sua posse, estão aquelas relativas aos vadios e à vadiagem, ou melhor, o controle dos lugares de encontro dos vadios.

No Ofício expedido ao Juiz de Fora da Cidade do Rio de Janeiro pelo Intendente fica-se sabendo da grande preocupação deste em relação aos vadios:

“Desde hoje em que V. Mce. há de receber este, proceda a recrutar vadios e descobrir homens suspeitos e jogadores que achar nas casas de jogo, e os irá remetendo ao Marechal de Campo, encarregado do Governo das Armas, para ele os distribuir pelos Regimentos[...].”<sup>269</sup>

Um mês antes, o mesmo Intendente, ansioso por estender o domínio da polícia sobre os lugares passíveis de abrigar a desordem, lançara Edital com o seguinte teor:

“O Dr. Paulo F. Vianna[...] Faço saber[...] que sendo da inspeção dessa Intendência vigiar sobre as casas de jogos, botequins e estalagens, que não se conservem sem a necessária licença[...] Ficam da data deste em diante obrigados todos os donos de casas de jogos, botequins, casas de pasto e

<sup>267</sup> Moraes e Silva, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Revista, Corrigida, Muito Aumentada e Atualizada*. Lisboa, Editorial Confluência, 10ª ed., 1951, 11 vols. Verbete — Vadiar.

<sup>268</sup> *Id. ibid.* Verbete — Vadiar.

<sup>269</sup> *Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte*. RJ, Arquivo Nacional, códice 318, 1808/1809, vol. 1, pp. 52 v, 53.

albergues, vendas[...] a comparecer na Secretaria desta Intendência[...] para tomarem suas licenças e terem as referidas casas abertas e poderem usar das ditas negociações por serem todos objetos sobre que a polícia deve vigiar[...]" <sup>270</sup>

Em Ofício expedido ao Juiz do Crime do Bairro da Sé, o Intendente, preocupado com a “tranquilidade pública” entre outras, manda que o juiz expurgue o bairro de “vadios e malfeitores”. <sup>271</sup>

A intenção de manter a tranquilidade pública e vigiar os vadios parece não ter surtido efeito, pois alguns meses mais tarde o Intendente voltou à carga com o seguinte Ofício dirigido ao Juiz do Crime do Bairro de S. José:

“V. Mce., logo que receber esta mandará formalizar uma relação dos médicos, boticários, cirurgiões, casas de pasto, botequins e casas de jogos e estalagens que têm no seu bairro, acusando o nome da rua da propriedade. Recomendo-lhe que vigie com o maior exato cuidado as ocupações[...] no seu bairro para descobrir as pessoas sem ofício suspeitosas e sobre estes mande proceder a prisão, pondo-os na cadeia[...] enviando-me a relação de seus nomes e o conceito em que os tem. Deve, na conformidade da lei da polícia, proceder contra todos os que dão estalagem ou agasalho por dinheiro [os quais] devem dar parte imediatamente da gente que recebem, para deste modo ser mais fácil [o] conhecimento individual que deve ter de todos e puder melhor ter o seu bairro limpo de vadios e pessoas de suspeita, o que importando muito o sossego público lhes hei, desde já, muito recomendar”. <sup>272</sup>

Recomendando que o juiz elabore um diário dos acontecimentos no bairro, o Intendente adverte-o que as informações para o diário devem ser colhidas “andando por todo o bairro[...] é mais fácil saber-se melhor tudo e trazê-lo com mais sossego, que se principiando a alterar é preciso todo o rigor a princípio para que os [maus conheçam] que os magistrados vigiam [e] estão alertas pela segurança pública”. <sup>273</sup>

Vigiar no sentido de prevenir é o novo conceito que a polícia elabora para controlar a desordem na cidade e que deveria recair sobre os dois grupos que, potencialmente, poderiam ameaçar a sociedade: **os escravos e os vadios**. Se levarmos em conta uma relativa fixidez e vigilância sobre os escravos pelos seus próprios donos ou seus “empregadores” (no caso de escravos alugados), podemos concluir que aqueles classificados como vadios é que causam espécie e mobilizam a autoridade.

<sup>270</sup> *Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte*. RJ, Arquivo Nacional, códice 318, 4/7/1808, vol. 1, pp. 46, 46 v.

<sup>271</sup> *Ibid.*, p. 96 v.

<sup>272</sup> *Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes dos Crimes dos Bairros e Outras Autoridades*. Polícia. RJ, Arquivo Nacional, códice 323, Ofícios, 1809, vol. 1, pp. 1, 2.

<sup>273</sup> *Ibid.*, pp. 2, 3.

Veja-se esse documento do Intendente de Polícia expedido para o Comandante do Distrito de Macacu:

“Sendo dos cuidados da polícia expurgar os vadios e mal procedidos e aproveitá-los a benefício do Estado[...] e ordens de Sua Alteza Real ordena que V. S<sup>a</sup>. no seu distrito e pela sua parte a prisão de homens desta qualidade[...]’ [Trata-se de] ‘[...]conter os homens nos limites dos seus deveres e procurar que, para o futuro, se empreguem em benefício do Estado e regularmente, de modo que não sejam nele pesados[...] O fim da polícia nessa operação é pôr as terras em sossego[...]” <sup>274</sup>

Neste documento, a “ameaça” representada pelos vadios se revela plenamente na identificação destes com as desordens que ocorrem no local. Ao longo das décadas que se seguem a esse primeiro momento de implantação da polícia, a documentação que aponta o vadio como causador da desordem se multiplica, revelando o pavor de ter que conviver com esse grupo no mesmo espaço social e com o seu presumido teor de periculosidade.

Décadas se passarão, o século virará e o vadio continuará a estar no centro das preocupações da polícia. O que estamos vendo nessa documentação, dos primórdios da polícia como instituição no Rio de Janeiro, é a gênese dos “desordeiros”, daqueles que décadas mais tarde ficarão conhecidos como “classes perigosas”; uma invenção social que, a cada conjuntura, é reelaborada e acaba por se firmar no imaginário da sociedade como uma característica da população que necessita trabalhar ou se “virar” para sobreviver na cidade.

É curioso ver como o conceito de desordeiro/vadio vai se formando numa época em que a idéia de **decoro** <sup>275</sup> urbano apenas começava a ser formulada. A própria autoridade tem dificuldade de definir com clareza o vadio e distingui-lo do trabalhador, na medida em que a intermitência do trabalho, numa cidade como o Rio de Janeiro, fazia dos pobres urbanos ora trabalhadores, ora “desempregados”.

Observe-se esse documento de 1809, em resposta ao Ofício expedido pelo Ministro do Estado de Negócios Estrangeiros e da Guerra e endereçado ao Intendente de Polícia, requisitando a prisão de vadios e o seu recrutamento para as tropas:

“[...]dizer que nesta corte há muitos vadios é sempre mais fácil que achá-los: eu não os acho e, infelizmente, não se deu a última ordem ao general para os prender e examinar por si mesmo, pois que estimaria muito que ele os achasse e, com justiça, os pudesse aproveitar. Tudo quanto parecem vadios são calafates da Ribeira, guardas da Alfândega, lapidários e ourives, moços de ofícios de Marinha e

<sup>274</sup> *Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes dos Crimes dos Bairros e Outras Autoridades*. Polícia. RJ, Arquivo Nacional, códice 323, Ofícios, 19/5/1809, vol. 1, p. 42 v.

<sup>275</sup> Ver o artigo de Robert Storch sobre *A Criação da Polícia na Inglaterra no Começo do Século XIX e o seu Papel na Constituição de um “Decoro Urbano”*. (Grifo meu).

Brigada que, enquanto passeiam pelas ruas e se juntam nos botequins, parecem vadios, e quando se prendem aparecem com esses títulos pelos quais é mister largá-los”.<sup>276</sup>

Em artigo publicado, em 1837, sobre a vadiagem e intitulado “O Vadiismo”, o Padre Lopes Gama, do *O Carapuceiro*, traça um perfil um tanto mais complexo daquele perpetuado pela polícia do que a ele parecia ser o vadio. Começa por cunhar o vocábulo “vadiismo” que na sua definição é a qualidade, o vício de ser vadio, para o conceituar como o mal do país: “Não me tachem de injusto e maldizente se aventurar a proposição de que o vadiismo é o vício dominante do nosso Brasil”.<sup>277</sup>

Para Lopes Gama, vadio não era só o pobre mas, também, aquele que ostentava sem ter “origem”, sem ter herdado qualquer herança. A partir dessa observação, vemos que, para o padre, vadio são todos aqueles que vivem do “nada”; nem bem são escravos, nem tampouco têm capacidade de gozar do ócio das camadas dominantes, cujo nada fazer nunca é visto como vadiagem. Deixemos o padre resmungar:

“Quem é esse jovem tão faustoso? De que vive esse cupidinho? De nada. Não tem officio, não tem emprego, não herdou valor de um real e trata-se como um lorde. Onde mora este bem-aventurado? Pelas ruas e botequins. Quem lhe dá tanta coisa? De onde tirou patações e meias doblas, de que traz sempre abarrotadas as algibeiras. Nada sei, o que só sei é que este jovem é o vadiismo em pessoa e ambulante que não tem modo algum de vida[...].”<sup>278</sup>

Gama está vendo se formar na cidade um grupo social novo, de origem desconhecida, não identificável a nenhum dos estratos sociais existentes e que, desde o presente, podemos chamar de **pequena burguesia**. Sem conseguir localizar esse grupo na estrutura social, o cronista observa-o em seu comportamento e se incomoda com o que vê, pois em nada se enquadra com aquilo que conhecia da sociedade escravista tradicional. Talvez, por isso, pela insegurança em definir o novo fenômeno da diversidade social na cidade, o Padre Gama tenha sido levado a ver esses grupos com grande preconceito. O padre, portanto, não lhes perdoa a ociosidade, atributo unicamente daqueles que, historicamente, tinham “origem”:

“O vadiismo, pois, é o maior flagelo do nosso Brasil, cuja fertilidade concorre grandemente para a ociosidade. Aqui, a natureza prodigaliza os seus dons. Aqui, facilmente, se encontra com que matar a fome e, por isso, grande parte de nossa população vive na calaçaria e entrega-se, conseqüentemente, a todos os vícios”.<sup>279</sup>

<sup>276</sup> *Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes dos Crimes dos Bairros e Outras Autoridades*. Polícia RJ, Arquivo Nacional, códice 323, Offícios, 19/5/1809, vol. I, pp. 144, 146 v.

<sup>277</sup> Gama, Padre Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Mello (org.). SP, Cia. das Letras, 1996, p. 192.

<sup>278</sup> *Id. ibid.*, pp. 195, 196.

<sup>279</sup> *Id. ibid.*, p. 109.

O que mais parece irritar o “padreco” é o fato dessa camada urbana querer se parecer com a classe dos senhores no desprezo pelo trabalho e na ostentação do ócio:

“Aqui, finalmente, uma não-pequena parte da gente livre e da liberta entende que o trabalho só é próprio do escravo e, em consequência, despreza-se tudo quanto é serviço corporal”.<sup>280</sup>

Para arrematar o perfil que vinha fazendo do vadio, o Padre Lopes Gama conclui que a ociosidade é o maior problema do país e, por ela, se chega ao vício e ao crime (objetos, portanto, da polícia). Que fale o nosso padre:

“Mas não é este o nosso maior mal, porém, sim, o viver na ociosidade uma crescida porção dessa mesma gente que temos. A alma humana é de uma atividade prodigiosa. Se não ocuparmos o pensamento em coisas úteis, ele vagueará em objetos fúteis e dará alimento às paixões criminosas, e daqui o nunca desmentido prolóquio que “a ociosidade é a mãe de todos os vícios”. Se uma educação bem dirigida infundir em nossa mocidade amor ao trabalho, se boas leis policiais esparem o vadiismo, então, e só então, poderá o nosso Brasil contar-se por bem morigerado e próspero”.<sup>281</sup>

Entende-se, pois, porque o vadio infunde tanto pavor e repulsão à “boa sociedade” que vive na cidade. Primeiro, porque não tem **amor ao trabalho** e, depois, porque ociosos têm o **pensamento livre** para as paixões. Ora, o que não era aquela sociedade senão a compulsão ao trabalho e a contenção das paixões?

Visto por outro ângulo, aquela sociedade que se almejava construir para ombrear com as nações evoluídas deveria, para atingir o patamar civilizado, fundar-se no trabalho (alheio, é óbvio) e num decoro que, em tudo e por tudo, apontava para a contenção e a submissão, naquilo que já indicamos ser o protótipo da “boa moral e doçura dos costumes”. Não é disso, aliás, que trata exatamente o romance de Manoel Antonio de Almeida?

Dê-se uma olhada rápida nesta passagem do livro e confirme-se a assertiva:

“Leonardo passava a vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fora pelo mundo[...]

Um dia, forjaram uma patuscada[...] Deveriam sair de madrugada da cidade e passarem fora o dia. Preparou-se tudo: cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisaram-se os convivas de costume[...]

Chegaram ao lugar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se “para o almoço, viram surgir, ninguém soube bem de onde, a figura alta, magra, severa e sarcástica do nosso célebre Major Vidigal. Correu por todos um sinal de pouco contentamento[...]

O Major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa e, depois, sorrindo-se, disse[...]:

<sup>280</sup> Gama, Padre Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Mello (org.). SP, Cia. das Letras, 1996.

<sup>281</sup> *Id. ibid.*, pp. 199, 200.

- Não tenham medo de mim, que não sou nenhum papa-crianças, nem eu venho aqui desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo[...]
- Sou eu[...]
- Ora, vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofa[...]. Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um sócio de menos numa patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai conosco[...]
- Qual, meu Deus! Mas, por que é então isto? Que mal é que ele fez?
- Ele não fez nem faz nada; mas, é mesmo por não fazer nada que isto lhe sucede. Leva, granadeiro[...]" <sup>282</sup>

A dialética da ordem/desordem passa a fazer muito mais sentido quando projetada sobre esse grupo que vive na cidade e que não pode ser compelido ao trabalho, por não se tratar de escravos. Tais pessoas, tampouco, têm condições de serem senhores de si, uma vez que não são proprietários de nada. Só são donos, de alguma maneira, de uma única coisa: de seu destino! E é isso que incomoda.\* Não é essa, no fundo, a crítica que se faz ao vadio: ser dono de si?

A noção de ordem/desordem vem, então, bem a calhar, pois se trata de constranger a ação do vadio na cidade (vista como desordem) e lhe imputar um destino: o mundo da ordem. Não é de outra coisa que trata uma parte da correspondência entre a polícia e o Ministério da Justiça no meio da qual encontram-se cartas como a do Intendente Geral de Polícia com o seguinte teor:

"Senhor: Um crescido número de vadios, homens que vivem na ociosidade, sem buscarem meios de subsistência e, por conseguinte, à custa de terceiros, inunda esta corte e províncias, e o mesmo deve acontecer nas outras cidades e províncias do Império. Esta qualidade de gente é a peste da sociedade, e posso assegurar a V.M.I., com perfeito conhecimento de causa que a maior parte dos ladrões que tem inquietado e ainda inquietam esta província, são homens vadios sem estabelecimento conhecido. Providentes e repetidas leis se têm promulgado sobre este objeto e, muito especialmente, o Decreto de 4/11/1755 estabeleceu que 'todas as pessoas que forem achadas em culpável ociosidade sejam presas e autuadas em processo simplesmente verbais, impondo-se aos réus a pena de trabalho nas Obras Públicas'. Esta legislação vive em todo o seu rigor, pois que os vadios são atualmente julgados sumariamente[...], e condenados, regularmente, para as obras do dique[...]. É, também, a mesma medida (recrutar os vadios para o Exército e a Marinha) útil porque, assim, se vai aliviar a sociedade do peso de consumidores que não produzem senão vícios e crimes, e que deixara a Agricultura e a Indústria braços trabalhadores de que muito se necessita[...]" <sup>283</sup>

Era difícil para a "boa sociedade" e às autoridades entenderem a necessidade da procura cotidiana de trabalho por certos grupos de trabalhadores que dependiam da cidade para a sua sobrevivência. Numa economia em que a cidade funcionava como núcleo administrativo e porto, parecia vir do

<sup>282</sup> Almeida, Manoel A. de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. RJ, Klick Ed./O Globo, 1997, pp. 116, 117.

\* O Bispo Azeredo Coutinho escrevia no século XVIII: "[...] O homem, enfim, que não tem que perder é o mais atrevido e o mais insolente: a tudo se atreve, nada lhe resiste[...]"

<sup>283</sup> *Correspondência com o Ministério da Justiça*. Polícia. RJ, Arquivo Nacional, códice 324, 1827/1834, vol. 1, pp. 8, 8 v.

campo toda a riqueza que ia dar sentido à existência da cidade. Talvez, por isso, o trabalhador que vive na e da cidade seja visto como inútil, não-produtor de riqueza, uma vez que é muito mais visível a utilidade do escravo, seja rural ou urbano. O trabalhador urbano, aquele que precisa circular o tempo todo na cidade em busca de oportunidades de ganho, é visto sempre como **vagando** e, dessa forma, identificado como vagabundo (existe de fato?). Imaginariamente, o vagabundo seria, então, aquele indivíduo que procura obter na cidade “oportunidades” para o seu sustento, sendo desta forma levado a viver às custas dos outros. Não é por outro motivo que a palavra **vadio** deriva, segundo o *Dicionário* de Moraes e Silva, do latim *vagativu*, que é aquele que vagueia, que não tem ocupação ou que não faz nada.

Entende-se, a partir dessa visão do vagabundo, a criminalização da vadiagem e da mendicância, que apontam para a “premência de se normatizar o mundo da desordem e de se controlar a ameaça virtual, representada por livres e pobres do universo das ruas sem ocupação fixa”.<sup>284</sup> Daí, a existência de uma documentação policial toda voltada para cercear os passos dos vadios e limitar o âmbito da vadiagem no meio urbano como no documento que vemos a seguir.

No Edital lançado pelo Desembargador da Relação Francisco J. A. Carneiro, de julho de 1831, este faz saber que:

“[...]ponderando-se quanto é prejudicial ao serviço público a existência de vadios e ociosos que, engolfados em vícios, passam facilmente aos mais horrorosos crimes e infectam a sociedade, e quanto convém pôr em pronta execução as disposições do Código Criminal e da Lei de 6/6 para prevenir os delitos, tirando os indivíduos da criminosa ociosidade, visto que a experiência e os fatos têm mostrado que os assassinios, roubos, violências e insultos são, geralmente, praticados por homens vagabundos sem ocupação[...] foi deliberado que[...] todos os homens que se acham vadios e sem ocupação que no prazo de 8 dias tomem emprego honesto e útil de que possam subsistir, sob pena de lhe serem impostas as [sanções] do Código Criminal[...].”<sup>285</sup>

Não era por falta de leis que os “vadios” perambulavam pela cidade. O problema dos vadios na sociedade colonial é velho, vem desde o século XVIII, e dele cuidava o Alvará de 25/6/1760. Luís dos Santos Vilhena, intelectual português radicado na Bahia e preocupado em dinamizar as atividades produtivas da colônia, tinha horror aos que ele chamava de “ociosos”: “[...]não deveria haver asilo para o ócio, por ser ele o mal pior do Estado”.<sup>286</sup> Portanto, o vadio e a vadiagem estão cobertos de leis e discursos inibidores de sua ação. Apesar das leis, a questão do vadio e da

<sup>284</sup> Gonçalves, Marcia de A. *Ânimos Timoratos. Uma Leitura dos Medos Sociais na Corte no Tempo das Regências*. Concurso de Monografias. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, p. 42, xerox.

<sup>285</sup> *Registro de Editais da Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, códice 343, 1824/1833, vol. 1, p. 53.

<sup>286</sup> Vilhena, Luis dos Santos. *Pensamentos Políticos sobre a Colônia*. RJ, Arquivo Nacional, 1987, Introdução de Emanuel Araújo, p. 62.

vadiagem vai ganhando importância nas primeiras décadas da urbanização da corte e se torna a questão central na definição de uma ordem urbana que, mais e mais, se mostra vital na manutenção do próprio sistema escravista.

Vista enquanto “vício” e questão de ordem moral, a vadiagem foi tolerada, mas quando ela começa a ser percebida como ameaça à tranquilidade pública e sinal de subversão da ordem urbana, ela se torna insuportável e é alvo de estrito controle como podemos observar no documento a seguir.

O Dr. Aurelino S. C. de O. Coutinho, Intendente Geral de Polícia, faz saber que:

“Cumprindo a bem da segurança e tranquilidade pública e individual dos cidadãos, obrigou, por todos os meios legais, as pessoas vadias e mal procedidas a tomarem emprego honesto e útil de que subsistam, e sendo um desses meios o que se acha estabelecido no §8 do Alvará de 25/6/1760 que [por] abuso se tem deixado de executar, a Junta Policial de 25 do corrente acordou em que se recomendasse a sua mui restrita observância, ficando todos os juizes policiais na inteligência de que o devem fazer inteiramente cumprir, procedendo nos seus distritos contra os infratores na forma do parágrafo, cuja disposição é a seguinte: ‘Nenhuma pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, poderá alugar casas a homens vadios, mal procedidos, jogadores de ofício, aos que não tiverem modo de viver conhecido, ou aos que forem de costumes escandalosos, sob pena de perder o valor do aluguel’.”<sup>287</sup>

Como “peste que inferniza a sociedade”,<sup>288</sup> a questão da vadiagem extrapola o campo policial e se espalha pelo todo social, carregando consigo a divisão do mundo entre ordem e desordem.

Na literatura, já vimos com *Memórias de um Sargento de Milícias*, a importância que tem o vadio (Leonardo e sua *troupe*) no nosso imaginário ficcional. No discurso das autoridades da administração colonial nas formulações dos “homens bons”, os vadios eram vistos como **inúteis para o mundo**, aqueles que para nada serviam, portanto, era como se não existissem para o mundo do trabalho.<sup>289</sup> No **teatro**, o vadio aparece com Martins Pena na conhecida peça *Um Juiz de Paz na Roça*, onde a vadiagem é atribuída a um roceiro que gastara o dinheiro da venda de um bananal que seu pai lhe deixara como herança, nos prazeres da corte do Rio de Janeiro. Regressando sem vintém à roça, é pego pelo Juiz de Paz e, por **não ter ocupação**, é recrutado como soldado para lutar no Rio Grande.

Nem à Medicina o “vadio” escapa.

<sup>287</sup> *Registro de Editais da Polícia*. RJ, Arquivo Nacional, código 343, 28/4/1832, vol. 1, pp. 37 v, 38.

<sup>288</sup> *Ibid.*, 30/9/1829, vol. 1, pp. 10, 10v.

<sup>289</sup> Mello e Souza, Laura de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1, p. 220. (Grifo meu).



De acordo com a tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com o título *Algumas Considerações sobre a Mendicidade no Rio de Janeiro*, a vadiagem, que se confunde com a mendicidade, seria fruto de uma patologia:

“[...] Assim estando demonstrado que existe no homem uma parte encefálica afetada ao amor das desordens, às rixas, claro é que uma reunião de homens com tal disposição orgânica deve trazer o lugar que habita em grande distúrbio, todas as vezes que suas inclinações não refreadas e a nímia fraqueza da autoridade encarregada de manter a ordem pública lhes derem ocasião. Se, ao instinto dos combates, unir a propensão para o assassinato, então os indivíduos assim dispostos se tornarão temíveis e constituirão famosos salteadores.

Ora, existe na sociedade uma lepra contagiosa que invade toda a classe de indivíduos: é a mendicidade; todo aquele em que não acharem desenvolvidos os órgãos da atividade da moralidade, do amor próprio, do amor da aprovação, tem em si causas orgânicas que tendem a fazê-lo abraçar o ofício de mendigo[...]

Pelo que havemos dito, se pode coligir que a mendicidade pode ser ocasionada, em primeiro lugar, por um desenvolvimento nimamente fraco de certas qualidades morais, assim, para o indivíduo imoral, falta de estímulo, preguiçoso, basta o mínimo incidente para que ele venha a ser mendigo.

Que estes últimos (os vagabundos) são perigosos à sociedade ninguém terá por duvidoso: faltos de moralidade, não duvidarão exercer certas indústrias proibidas pela lei; preguiçosos em contato com a última ralé sem pundonor de qualidade alguma, fácil lhes será praticar a falsificação, o roubo, o assassinato[...]

Causas há de mendicidade[...] Estas causas chamaremos de psico-patológicas. Desse modo, o homem cego está inabilitado a trabalhar ativamente[...]

Certas causas ainda depararemos que arrastam ao lastimoso estado de que falamos. A sua propensão à ociosidade, a falta de moralidade, ausência da própria dignidade, farão com aqueles que não mister trabalhar[...] se ponham aí de porta em porta.

Elas pouca influência teriam, se a organização social fosse tal que todo o vadio fosse rigorosamente castigado com pena de talião[...] se um governo mais vigilante que nosso cuidasse da moralidade e, desse modo, desenvolvesse a religiosidade, a moralidade, a circunspeção, o sentimento da própria dignidade, o amor ao trabalho[...]

Se, para esses diferentes discursos, a vadiagem era a expressão da desordem, o trabalho era a materialização da ordem, condição fundamental para a manutenção e reprodução da sociedade. Ao combater a vadiagem, a polícia está, portanto, zelando pela “moralidade” e “civilização das classes inferiores”, fortalecendo e garantindo a continuidade da hierarquia das relações sociais.

---

<sup>290</sup> Moraes e Valle, Manoel M. *Algumas Considerações sobre a Mendicidade no Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. do Ostensor Brasileiro, 1846.

## 2.5 - Ordem Urbana. Ordem Nacional

Diferentemente do mundo rural, *locus* da produção de riqueza e aonde a garantia da reprodução das relações de trabalho se dava pela vigilância direta e contínua do senhor e/ou do feitor, na cidade a questão da garantia da ordem passava por outras determinações. Primeiro, porque na cidade “o feitor está ausente”,<sup>291</sup> depois, porque o que se há a garantir nesta não são, necessariamente, as relações de produção escravistas, uma vez que não é ali que se produzem os produtos que fazem a riqueza do sistema colonial. O que é preciso se garantir na cidade é algo, talvez, mais precioso que a obediência escrava, é algo de outra natureza e que diz respeito à construção de um “modelo nacional de ordem e civilização”.<sup>292</sup> A cidade é, em tudo e por tudo, o laboratório aonde esse modelo será experimentado, ela é o lugar da exemplaridade.

Evidentemente que, para a manutenção do sistema escravista, não se pode prescindir da vigilância direta sobre o escravo. O que estou sugerindo é que na nova conjuntura que se abre para a colônia, com a chegada de D. João VI e a criação da polícia, se redefine o equilíbrio de forças entre os grupos dominantes ao mesmo tempo em que se atualiza a estratégia de dominação, garantia de continuidade das relações hierárquicas tradicionais que passam a se estender ao espaço público impessoal.<sup>293</sup> Em suma, estou sugerindo que as instituições policiais foram fator fundamental na concepção, implementação e manutenção da ordem do que seria o esqueleto da sociedade que se forjava; por isso, mesmo, podemos pensar numa polícia muito mais “construtiva” que “destrutiva”.

Portanto, na corte, mais do que vigiar o escravo, urgia implementar-se o ideal de unidade, civilização e ordem.<sup>294</sup> Como cidade irradiadora desses princípios e valores, o Rio de Janeiro vai ocupar o lugar da Nação tanto para efeito interno (na construção de uma unidade territorial) quanto para efeito externo (na figuração de um Brasil como par no concerto das nações civilizadas).<sup>295</sup>

A premência da criação de um Estado que atualizasse as relações de poder e respondesse pelos interesses da nova elite, que assumia a herança colonial, expressa-se na criação e reforma das

<sup>291</sup> Ver: Algranti, Leila Mezan. *O Feitor Ausente. Estudos sobre a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988.

<sup>292</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 44.

<sup>293</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 23.

<sup>294</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>295</sup> *Id. ibid.*, pp. 42, 43.

instituições que redefiniriam o perfil da sociedade que, de colônia, se transforma em Nação independente. Dentre as instituições criadas, estivemos destacando a polícia como articuladora de uma ordem que se impunha diante do quadro de transformações econômicas, políticas, institucionais e culturais no qual passava o país. Apesar de sua ação se limitar, basicamente, ao âmbito da cidade, a atuação da polícia repercutiu em escala nacional, na medida em que a garantia da *pax* na corte era a condição mínima para se pensar numa política nacional. Por isso, mesmo, mais do que a imediata segurança das pessoas e a proteção da propriedade e do patrimônio público, a polícia visava garantir um ambiente urbano de ordem, calma e estabilidade.<sup>296</sup> **A ordem urbana era uma condição da ordem nacional.**

Segundo Thomas Holloway:

“Para as pessoas que administravam o Rio de Janeiro, a cidade se propunha a oferecer instalações portuárias, serviços comerciais e financeiros e atividades administrativas e regulamentadoras em apoio ao Comércio Internacional e Regional e à Agricultura de Exportação. Outro importante conjunto de atividades na capital da Nação envolvia as instituições do governo, da Casa Real ao Parlamento, aos ministérios de Estado e ao Exército e à Marinha. Nenhuma dessas ou outras atividades de apoio conexas, inclusive a rotina da vida diária, funcionaria satisfatoriamente em uma atmosfera de incerteza, desordem e medo.

Tampouco, poderia a cidade funcionar se os escravos que serviam subalternamente[...] parassem de trabalhar, voltando-se contra seus opressores. Pode ser que certos atos individuais de recalcitrância, fuga, desordem ou agressão por parte de cativos ou marginalizados da sociedade não fossem, em si mesmos, uma ameaça às relações de dominação e subjugação sob as quais a sociedade do Rio de Janeiro se mantinha coesa mas, ainda assim, não podiam ficar sem resposta[...]”<sup>297</sup>

Ao cumprir o papel de estabelecer uma ordem urbana básica, garantidora do funcionamento da cidade no conjunto do sistema escravista, a polícia potencializava ao mesmo tempo a rearticulação desse sistema a nível nacional, pois sem a instância urbana, o conjunto de fatores específicos da cidade que fazia funcionar a dinâmica da exportação/importação — armazéns, sistema de transportes, bancos, burocracia, casas comissárias, porto, etc. — tão cara ao sistema escravista ver-se-ia imobilizada, inviabilizando sua dinâmica. A cidade não é só importante, então, como articuladora entre as pontas do sistema econômico, ou melhor, a cidade não é só um **momento econômico** dessa dinâmica.

É a partir da cidade que a autoridade do rei recém-chegado vai se impor a todo território colonial, coisa complexa num país tão grande e tão dividido por interesses e poderes tão diversos e tão ciosos de seus próprios privilégios. Não se tratava, porém, apenas do excesso de liberdade dos

---

<sup>296</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 70.

<sup>297</sup> *Id. loc. cit.*

donos de casas vastas e sólidas mas, também, da “anarquia” política, resultado das disputas de poder no mundo do governo e, principalmente, das ameaças provenientes das ruas, do mundo da desordem.<sup>298</sup>

Lugar do trono, a cidade é, também, o lugar do **medo**, pois ali ele funciona como um dos elementos constitutivos do imaginário social, na medida em que a experiência da **ameaça** desencadeia todo um conjunto de reações que podem ter forte impacto, seja político, social, cultural e até econômico. Na cidade, o medo é uma verdadeira virtude,<sup>299</sup> pois serve à qualificação/requalificação do mundo, tornando-o mais compreensível, na proporção em que se o divide entre o bem e o mal, a ordem e a desordem, o ócio e o negócio, o trabalho e a vadiagem, etc. É na cidade, enfim, que o poder, diante daquilo que lhe parece ameaçador, se atualiza, se redimensiona em suas várias instâncias e se prepara para enfrentar o “medo”.

O episódio da volta de D. João VI para Portugal é exemplar no sentido de mostrar o papel que a corte tinha no equilíbrio econômico, político e na própria segurança social das classes dominantes.

De acordo com a análise de Maria Odila S. Dias:

“Grande foi a apreensão quando a Revolução do Porto e a volta de D. João VI[...] fizeram perigar a continuação do poder real e do novo Estado português no Centro-Sul que os interesses enraizados em torno da corte queriam preservar. Além disso, grande era a falta de segurança social que sentiam as classes dominantes em qualquer ponto da colônia, insegurança com relação à proporção exagerada entre uma minoria branca e proprietária e uma maioria dos desempregados, pobres e mestiços que pareciam inquietá-los mais do que a população escrava[...] Não obstante, a corte e a administração portuguesa, a Monarquia, o poder real, o mito da autoridade central pareceria sempre uma âncora de salvação e segurança[...] ‘por isso é que o governo deve ter molas mais fortes que em qualquer outra parte[...]’

[...] Também, as classes dominantes tenderam a apegar-se à corte. Atormentados pela falta de perspectiva política e pelo desejo de afirmação diante de facções rivais, chamados em sua vaidade pelo nepotismo do príncipe, atraídos por títulos e, sobretudo, ansiosos de assegurar sua autonomia local sobre a proteção e sanção do poder central, que viria afirmar sua posição em meio à população escrava, ou pior, à turbulência de mestiços que não eram proprietários”.<sup>300</sup>

O que estamos assistindo nesse final de capítulo é a emergência da cidade como fator central na manutenção e reprodução do sistema escravista. Por isso a importância daquilo que estamos

<sup>298</sup> Gonçalves, Marcia de A. *Ânimos Timoratos. Uma Leitura dos Medos Sociais na Corte no Tempo das Regências*. Concurso de Monografias. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, p. 122, xerox.

<sup>299</sup> *Id. ibid.*, p. 99, xerox.

<sup>300</sup> Dias, Maria Odila S. “A Interiorização da Metrópole”, in Mota, Carlos G. (org.). *1822 - Dimensões*. SP, Ed. Perspectiva, 1972, pp. 175-177.

chamando de ordem urbana básica, que diz respeito tanto ao funcionamento mínimo dos fatores de reprodução da economia escravista quanto à existência de um padrão elementar de ordem pública que assegurasse a contenção necessária ao convívio social. Mas, se a cidade é o lugar aonde o “exercício da dominação metropolitana sobre a região colonial” se processava, “caracterizando, desta forma, o poder do colonizador e expressando a assimetria do pacto colonial”,<sup>301</sup> não podemos concluir que o problema da ordem escravista, nessa conjuntura de redefinição das formas de dominação, seja a cidade. A cidade não pode ser vista ainda como um problema.\*

A cidade tem que ser encarada como um **ponto de ordem** no espaço nacional, onde se conjugam polícia e política, na montagem do que Luiz Felipe de Alencastro chamou de “compromisso para o futuro”.<sup>302</sup> Conforme o historiador, “o escravismo não se apresenta como uma herança colonial, como um vínculo com o passado que o presente oitocentista se encarregaria de dissolver. Apresenta-se, isto sim, como um compromisso para o futuro: o Império **retoma e reconstrói** a escravidão no quadro do Direito moderno, dentro de um país independente, projetando-o sobre a contemporaneidade”.<sup>303</sup> Daí, a importância da preservação da ordem na cidade, menos por causa de um caos pré-urbano<sup>304</sup> e mais pela necessidade de transformar a corte \*\* num modelo nacional de ordem e civilização.

Para uma sociedade, cujo projeto era possibilitar o futuro, fazia-se fundamental prevenir-se

---

<sup>301</sup> Mattos, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, DF, 1987, pp. 29, 30.

\* A referência aí é a cidade enquadrada e tematizada como um problema, como viria a sê-lo na 2ª metade do século XIX: seja de higiene, de moradia, de segurança, de condições de vida, de socialização, etc. Apesar de constatar nesse espaço de tempo, começos do século XIX, a existência de toda uma sociabilidade em flor na cidade, quero deixar bem claro que nesse período a Cidade do Rio de Janeiro não pode ser pensada ainda como **objeto** de saber, logo, de diagnósticos e intervenção. A cidade não é um problema, ou melhor, a cidade não é “o problema”. A inexistência dos “problemas urbanos” (não tinham sido inventados ainda como categorias epistêmicas), apesar dos “problemas da cidade”, dá vaza a se pensar nas questões da ordem, da segurança pública e da civilidade, não só na sua dimensão policial mas, também, na sua dimensão política, uma vez que o que estava derradeiramente em questão era a constituição do Estado nacional, com o agravante de se ter que fazê-lo vivificar num país de larguíssimas fronteiras e que, então, enfrentava toda espécie de distúrbios políticos que poderiam levar à sua desagregação territorial. O que está em questão, pois, é a sobrevivência da Monarquia — que tinha um dos seus esteios na unidade nacional — onde a Cidade do Rio de Janeiro cumpre importante papel.

<sup>302</sup> Alencastro, Luiz Felipe. “Vida Privada e Ordem Privada no Império”, in Alencastro, Luiz F. (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 2.

<sup>303</sup> *Id. loc. cit.* (Grifos meus).

<sup>304</sup> *Id. ibid.*, p. 14.

\*\* A corte aí deve ser entendida nos dois sentidos: tanto como lugar físico — Cidade do Rio de Janeiro — como lugar social, onde a “boa sociedade” exerce a civilidade. É nessa interseção entre espaço físico e social que a corte passa a ter papel estratégico na definição de um pacto que garanta a sobrevivência do sistema escravista.

contra toda ameaça de desordem, daí a preocupação da polícia com a sociabilidade que eclode na cidade e sua tentativa de enquadrá-la num regime de contenção, instruído pela *politesse* cortesã. Apesar de serem duas realidades superpostas, imiscíveis — a corte e a cidade — percebe-se como os parâmetros da ordem cortesã vão baixando e escorrendo para dentro da cidade, pespegando-se em suas pedras, transformando-se em representações legitimadoras da própria convivialidade urbana.

E, contudo, como projetar o futuro “nos marcos de uma sociedade escravista que brotara da crise do antigo sistema colonial e cuja questão básica era exatamente como realizar o **consenso** sobre uma base social excludente (escravista) e uma sociedade civil frágil?”<sup>305</sup> Como produzir uma **solução pactuada** que pudesse regular o conflito entre os diferentes interesses e grupos em disputa?

É claro que estas perguntas não se fazem para aqueles setores da sociedade que, desde sempre, foram excluídos dos processos políticos: escravos, libertos e homens livres, mas pobres. Mas, elas são inevitáveis no que tange àqueles grupos que vêem seu destino ligado à manutenção da hierarquia social e à ordem vigente. Nesse sentido, todos se viam compelidos a procurar na ação regulatória do Estado um eixo a partir do qual poder-se-ia “tecer, com os fios da civilização, os nexos entre os homens livres”.<sup>306</sup> Tal recurso ao Estado revela “a incapacidade das forças representativas produzirem o consenso”, o que irá se traduzir “em sua subordinação — e do restante da sociedade civil — ao aparelho burocrático e administrativo”.<sup>307</sup>

Segundo Ilmar Rohloff, a ação da Coroa passa a ser norteadada por dois grandes objetivos: “garantir a restauração e a reprodução dos monopólios mas, também, preservar as diferenças no interior da própria classe senhorial”.<sup>308</sup> A consecução de tais objetivos só se tornaria possível caso a ordem fosse mantida e o ideal de civilização se disseminasse pelo todo social.<sup>309</sup> Longe de ser uma abstração, ordem e civilização eram uma espécie de totem a que se agarravam os grupos sociais e onde podiam viver suas diferenças, sem o que, a única via para a sobrevivência da sociedade seria o conflito sangrento, o qual já havia sido experimentado inúmeras vezes nas províncias, para terror de todos.

<sup>305</sup> Salles, Ricardo. *Nostalgia Imperial. A Formação da Identidade Nacional no Brasil do Segundo Reinado*. RJ, Ed. Top Books, 1996, p. 66. (Grifo meu).

<sup>306</sup> Mattos, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, DF, 1987, p. 193.

<sup>307</sup> Salles, Ricardo. *Op. cit.*, pp. 66, 67.

<sup>308</sup> Mattos, Ilmar R. *Op. cit.*, p. 200.

<sup>309</sup> *Id. loc. cit.*

Só o Estado, nessa conjuntura, poderia “garantir” o futuro. Daí, a importância do aparato policial preservando a ordem na cidade para que, a partir desse ponto, o Estado pudesse estendê-la a todo país. Entende-se melhor agora porque a polícia é o nexo entre o Estado e a sociedade. A incapacidade da sociedade de construir um pacto social, até o momento da outorga da Carta Constitucional, faz da polícia o eixo da estabilidade social tanto para cima na direção do Estado (onde a ordem policial se transforma em *politesse*) quanto para baixo na direção da sociedade (onde ordem policial se converte em política de contenção da sociabilidade).

Essa lógica da ordem que se instaura fundada na polícia irá vigor, pelo menos, até 1824, quando, então, teremos uma Constituição (ainda que outorgada) e os Códigos Penal e do Processo Penal que passam a vigorar a partir de 1830 e 1832, respectivamente, sinalizando para um novo padrão de dominação que passará a se assentar na lei, retirando da polícia muitos dos atributos que ela então gozava como aqueles de estabelecer a lei, de julgar e de punir.

Na medida em que a cidade vai se tornando mais complexa e que novos grupos vão surgindo e novas instituições vão sendo criadas, vemos se ampliar sua importância na definição de um padrão de ordem urbana que tende a se reproduzir em escala nacional. Isto porque, além de fazer funcionar o sistema escravista e garantir a *pax* necessária à sua perpetuação, a cidade em si se tornará um lugar de domesticação, menos pelo efeito da ação da polícia (como vínhamos assinalando) do que pelo seu potencial sedutor, pela sua capacidade de evocar a civilização, pelo seu poder de atrair para um projeto que prometia o futuro.

## CAPÍTULO III

### ONDE A CIDADE E A CORTE NÃO SE CONFUNDEM

#### 3.1 - O Afidalgamento da Sociedade Carioca

Se, na tradição ocidental, a cidade é concebida como o lugar da liberdade (pelo menos desde fins da Idade Média) e como o lugar da virtude, do progresso e da civilização (século XVIII), ou seja, se, nessa tradição, a cidade é percebida como o lugar da expansão — do espírito, dos negócios, da política — o mesmo não se pode dizer das cidades coloniais, pelo menos daquelas que compõem o sistema colonial português. As cidades coloniais brasileiras na virada do século XVIII para o século XIX são bem mais lugares da contenção do que da expansão. Elas são a “síntese do exercício da dominação metropolitana sobre a região colonial”,<sup>310</sup> expressão da assimetria do pacto colonial. Por isso, mesmo, podemos pensar a cidade colonial como estando limitada a ser núcleo administrativo e político, lugar de exercício dos poderes metropolitanos.

Dentro dessa dura lógica, não há que pensar a cidade colonial defasada em relação às cidades capitalistas, não há, mesmo, termo de comparação, pois aquela está fadada a cumprir outro destino do que aquele da expansão, da evasão e, no limite, da política, presa às vicissitudes da contenção, da vigilância e da administração. Pensada como ponto de interseção dos monopólios dos colonizadores e colonos,<sup>311</sup> não há que imaginar essas cidades como lugar da política, da negociação — cenário para inscrição do pacto social. Não há que pensá-las além da história; por isso, mesmo, só as podemos conceber em sua lógica para serem exatamente aquilo que transforma a política em negócio.

Apesar da sua importância na reprodução do sistema colonial, a cidade mercantil-escravista não desenvolve aqueles mecanismos que fizeram das cidades que se urbanizaram com a industrialização um dos pilares do processo de transformação social. Para Ilmar Rohloff, o pacto colonial que dava vida à cidade colonial e a animava negava à cidade sua tradição mais cara: ser

---

<sup>310</sup> Ver a discussão que Ilmar Rohloff provoca sobre a importância da cidade no quadro da colonização e seu papel na manutenção do sistema colonial. Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, 1987, pp. 29, 30.

<sup>311</sup> *Id. ibid.*, p. 29.



foro da liberdade.<sup>312</sup> Aquilo que deu vida à cidade foi na verdade o que a condenou a repetir eternamente o seu papel na reprodução da existência colonial. Só uma ruptura radical poderia mudar o destino ao qual estava submetida a cidade colonial. Essa ruptura veio sob a forma da **transmigração** da família real para o Brasil e da conseqüente Abertura dos Portos que pôs fim ao pacto colonial.

A instalação da corte no Rio de Janeiro levou a uma inflexão nas relações entre aquilo que Ilmar Rohloff chamou de “as duas faces da moeda colonial”,<sup>313</sup> provocando tanto uma ruptura em relação à metrópole quanto um reordenamento da classe senhorial que sustentava os laços que amarravam a colônia à metrópole. Procurando caracterizar melhor essa ruptura, Ilmar Rohloff, compulsando os discursos da época, se deteve diante do sentido da idéia de “transmigração” e como ela foi recuperada pela historiografia brasileira que nasce na década de 40 do século XIX. Recorrendo ao velho *Dicionário* de Moraes e Silva, verificou que o termo **transmigrar**, além de significar “fazer mudar de assento e domicílio”, significava, também, “passar a alma de um corpo a animar outro”.<sup>314</sup>

É bem isso que começará a mudar o destino traçado para as cidades coloniais. É que, de repente, o Príncipe Regente se instala com a família real e a sua corte em solo carioca, revertendo inteiramente a dinâmica entre metrópole e colônia. Em outros termos, a idéia de **transmigração**, isto é, de levar a alma para outro corpo, de soprar vida em um corpo moribundo, revela um poderoso processo de revitalização, na medida, mesmo, em que isso garantia a rearticulação do pacto colonial, ou como quer Ilmar Rohloff, garantia a restauração da moeda colonial.

A reanimação do combalido corpo colonial, graças à incorporação da fresca alma imigrante, propiciará à colônia a suavização da dura lógica que continha a cidade colonial nos limites de um entreposto comercial e que servia de sede aos Vice-Reis em seu esforço de vigiar e fazer viger a ordem que permitia o bom andamento dos negócios e garantia a manutenção dos monopólios.

A simples presença da realeza no Rio de Janeiro obrigou a cidade a se adaptar para abraçar a grande família cortesã que, da noite para o dia, fazia da capital da colônia a sede do reinado. E assim, inesperadamente, o Rio de Janeiro se transformou numa cidade cortesã. É bem esse, portanto, o sentido que a transmigração teve: emprestar à cidade o espírito cortesão. Rompendo com um passado representado como bárbaro e desorganizado, procurava-se um novo nexos que

<sup>312</sup> Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, 1987, p. 204.

<sup>313</sup> Rohloff cunhou a metáfora das faces da moeda nacional no sentido de mostrar a dinâmica de funcionamento do sistema colonial. Tal qual a “cara” e a “coroa” de uma moeda que, para Rohloff, exprimem a metrópole e a colônia, uma não existe sem a outra e, mais do que isso, o movimento de uma das faces repercute profundamente no movimento da outra.

<sup>314</sup> *Id. ibid.*, p. 286.

pudesse restaurar a moeda colonial (garantia da continuidade da Monarquia, de seu sistema de hierarquias, dos monopólios e do escravismo) e que viria de um outro sistema de valores, fundado na idéia de civilização e na sua adesão a uma nova ordem.<sup>315</sup>

Manter a ordem e abraçar a civilização passam a dar significado à rearticulação do nexos colonial, permitindo o realinhamento das relações externas do Brasil (processo de restauração do pacto colonial sob novas condições que revelam a constituição do sistema capitalista no Brasil e o papel que nele tinha a Inglaterra<sup>316</sup>) e um reordenamento das relações internas, necessário à garantia da restauração e preservação dos monopólios das grandes famílias e à preservação das diferenças (hierarquias) no interior da classe senhorial.<sup>317</sup> A essa resignificação do nexos colonial nas suas vertentes, externa e interna, se deve juntar — para se ter idéia do espírito cortesão que passa a animar a cidade — as novas formas de sociabilidade que encontrarão sua expressão numa “política de costumes”.

Viajantes estrangeiros que circulavam pela cidade não puderam deixar de notar o impacto dessa “política” sobre os comportamentos. Segundo observaram Spix e Martius, dois exploradores e dirigentes da Missão Científica Alemã que por aqui estiveram entre 1817 e 1820:

“Qualquer pessoa que considerasse ser este um novo continente, descoberto há apenas três séculos, e que imaginasse, por isso, deparar-se aqui com uma natureza ainda inteiramente rude, pujante e por avassalar, acreditaria, pelo menos no que toca à capital do Brasil, achar-se noutra parte do mundo, tanto tem a influência da civilização da velha e esclarecida Europa conseguido apagar, neste ponto da colônia, o cunho da selvageria americana, para lhe dar, em troca, o aspecto de uma mais alta cultura. A língua, maneiras, arquitetura e influxo das produções das indústrias de todas as partes do mundo dão ao Rio de Janeiro uma aparência européia”.<sup>318</sup>

A imprensa não pôde deixar de observar as transformações que excitavam a imaginação. No jornal *O Espelho Diamantino*, de 1827 — um jornal dedicado às “Senhoras Brasileiras” — encontra-se um significativo editorial, onde o editor simula ter visto um velho lamentar-se que “tudo está perdido” e jogar no chão, com raiva, o periódico que lia que, não por acaso, é o próprio jornal do editorialista — *O Espelho Diamantino* — e ir-se embora do banco no qual estava sentado, esquecendo-se de sua bolsa. “Assistindo” àquela cena, o editorialista pega a bolsa e sai atrás do velho para devolvê-la, perguntando-lhe porque “tudo estava perdido”? Em função da pergunta, o velho começa a desancar o periódico, dizendo que este quer ensinar políticas às senhoras, as belas-artes, a literatura e “não sei que diabólicas Ciências mais[...].”

<sup>315</sup> Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, 1987, p. 283.

<sup>316</sup> *Id. ibid.*, p. 17.

<sup>317</sup> *Id. ibid.*, p. 200.

<sup>318</sup> Citado por Lima, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. RJ, Ed. Top Books, 1996.

Conforme o velho, no tempo do Conde de Resende (Vice-Rei do século XVIII e que, aqui, representa a velha sociedade com seus costumes coloniais) é que:

“[...]se podia viver nesta cidade. Todas as casas tinham rótulas e grades, de alto a baixo, que tiravam a luz e vista aos de fora. Nada de balcões, nada de pianos, nada de passeios, companhias, teatros. As mulheres não sabiam nem ler, nem escrever; elas comiam com as mãos; a peste dos livros que os franxinotes (franceses) nos trouxeram e que, antes, deviam ter ido com eles e as modistas no profundíssimo dos mares, era ignorada, enfim, não existiam diários[...] E quando eu vos tiver explicado em como dos diários, pianos e passeios na rua, de braço dado com as senhoras, o mal proceda, só então é que podereis discurrir! Ah! grande tempo do Conde de Resende. Todas as senhoras e meninas viviam fechadas dentro de sua casa, sem nunca sair à rua[...]”<sup>319</sup>

Querendo mostrar os avanços nos costumes a partir da “libertação” da mulher da casa senhorial que lhe tolhia a liberdade, o editor constrói duas imagens expressivas do quanto considerava estar a nova sociedade se distanciando daquela tradicional que caracterizara o Brasil até à chegada da corte. De maneira pedagógica, o editorialista vai contrastando as imagens da “tradição” e da “renovação”, sugerindo ao leitor se adaptar às novas formas de sociabilidade, na medida em que suas imagens (do leitor) do que seria a vida social já não corresponderiam mais às práticas da sociedade. A distância entre os costumes do passado e os costumes da corte equivale àquela das imagens com que pintara Oliveira Lima: o ato de elevação do Brasil à categoria de Reino e que mediava a deposição do “cocar e do saiote de penas” e a assunção da “coroa e manto”.<sup>320</sup> De acordo com esse estudioso da presença de D. João VI no Brasil, aos poucos a corte emigrada ia refazendo seu “ambiente de etiquetas”.<sup>321</sup> “Nos dias de função de gala”, por exemplo, relata Oliveira Lima, com “o beija-mão indispensável, tornava-se enorme a azáfama, concorrendo coches, berlindas, seges, traquitanas, gôndolas, carros ingleses e toda a espécie de veículos a transportarem o pessoal obrigado e facultativo dessas cerimônias”.<sup>322</sup>

A exaltação à Monarquia passou a fazer parte de toda e qualquer cerimônia, e se fundava nos rituais, nas precedências, nas regras de etiqueta e nas maneiras. O bom-tom, derivado do arremedo do esplendor da realeza, baixava às ruas e contaminava a vida fluminense. A mesa “civilizara-se entre certos; educara-se o paladar de muitos, dantes embotado pela monotonia da carne seca com feijão e do cozido com farinha, conhecendo como delícia suprema a franga assada; o jantar convertera-se, para os educados, no que era na Europa: uma reunião agradável

<sup>319</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, 1827.

<sup>320</sup> Lima, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. RJ, Ed. Top Books, 1996, p. 1021.

<sup>321</sup> *Id. ibid.*, p. 1017.

<sup>322</sup> *Id. ibid.*, p. 1028.

para o corpo e para o espírito, prazer dos sentidos e recreio da inteligência”.<sup>323</sup> Os cortejos reais, seja nas procissões, seja nas festividades, sacudiam a modorra da cidade ao mesmo tempo em que “lhe emprestavam feições bem acentuadas de elegância, de distinção e de luxo”.<sup>324</sup>

Para se ter uma idéia do que era o Rio de Janeiro com a chegada da corte, tomemos a descrição que fez uma testemunha ocular — o famoso “Padre Perereca”, um tanto exagerado em suas bajulações — do desembarque do Príncipe Regente:

“[...] Chegando S.A. ao Real Palácio, foi ali recebido com salvas do parque d’artilharia e descargas da tropa de linha, seguidas de muitos vivas dos soldados e do imenso povo que ocupava todo o Largo do Paço. Logo depois, começou a concorrer a fidalguia, o cabido, a Câmara, os magistrados, os Oficiais de superior patente e as pessoas mais distintas da cidade, para terem a honra de cumprimentar o Príncipe Regente Nosso Senhor e beijar sua real mão, em demonstração de sua vassalagem e do excessivo prazer que todos sentiam pela sua real e soberana presença na capital, dos seus domínios do Brasil[...].”<sup>325</sup>

A chegada, em grande número, da fidalguia do Reino, segundo Oliveira Lima, iria afetar fortemente a “feição despretensiosa da existência social do Rio de Janeiro”.<sup>326</sup> Conforme esse autor, “o esmero no trajar e o apego ao cerimonial chegaram ao ponto que os empregados da Alfândega andavam no serviço uniformizados, empoados, de chapéu armado, fivelas e espadachim à cinta”.<sup>327</sup> O “afidalgamento” da população tomou proporções patéticas.

John Luccock, comerciante inglês que esteve no Rio de Janeiro, em 1808, conta em seu livro a seguinte história:

“[...] A isso, os mecânicos brancos juntaram mais uma loucura. Consideravam-se todos eles fidalgos demais para trabalhar em público e que ficariam degradados se vistos carregando a menor coisa pelas ruas ainda que fossem as ferramentas do seu ofício. O orgulho tolo e a presunção formalizada que dominava em todas as classes da sociedade brasileira atingiam nesta categoria de homens a um absurdo singular e ridículo. Um ou dois exemplos hão de ilustrar melhor esse traço de caráter. Tornou-se necessário abrir uma fechadura de que se perdera a chave[...] aconselharam-me a que me dirigisse a um carpinteiro inglês[...] que tinha muitos empregados, dos quais um foi mandado ir comigo[...] Fez-me esperar por largo tempo mas, afinal, para compensar a demora, apareceu-me vestido de grande gala, de tricórnio, fivelas nos sapatos e abaixo dos joelhos e outras quejandas magnificências. À porta de casa tornou a estacar na intenção de alugar algum preto para que lhe carregasse o martelo, a talhadeira e uma outra ferramenta pequena. Lembrei-lhe que sendo leves, eu

<sup>323</sup> Lima, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. RJ, Ed. Top Books, 1996, p. 1029.

<sup>324</sup> *Id. ibid.*, p. 1011.

<sup>325</sup> Santos, Luiz G. de. (Padre Perereca). *Memórias para Servir a História do Reino do Brasil*. RJ, Livraria Ed. Zélio Valverde, 1943, vol. 1, p. 216.

<sup>326</sup> Lima, Oliveira. *Op. cit.*, p. 113.

<sup>327</sup> *Id. ibid.*, p. 117.

me encarregaria de uma parte ou do todo, mas isso constituiria solecismo tão grande como o de usar ele próprio suas mãos. O cavalheiro esperou pacientemente até que aparecesse um negro, tratou com ele e, então, prosseguiu em devida forma, seguido pelo seu criado temporário[...]" <sup>328</sup>

Segundo Luccock, à medida que a corte se assentava na capital, se fazia cada vez mais formal, cerimoniosa e sofisticada. Estando, todavia, no Rio de Janeiro, em 1813, o inglês relata que:

"Na corte começou a aparecer alguma semelhança para com a magnificência das européias. Os grandes e ricos recebiam ali fervoroso acolhimento, não só por levar-se em conta o grau em que se podiam tornar intrinsecamente úteis como, também, pelo brilho adicional que emprestavam à realeza e seus satélites. Exigia-se o antigo traje de corte, a nobreza local fez-se mais atenta ao bom-gosto e propriedade das suas maneiras de vestir, introduzindo-se librés de gala semelhantes às de Lisboa. As casas, com seu mobiliário, realizaram equivalente progresso em conveniência e vistosidade; as carruagens começaram a se fazer mais numerosas, algumas delas magníficas e, quando a caminho da corte, se faziam puxar por cavalos em vez de mulas e servir por lacaios brancos em vez de escravos. O despertar do príncipe era realizado, freqüentemente, com muita dignidade, sendo que nos dias de festa a cerimônia do beija-mão era feita quase que em público[...] Poucos são aqueles que se atrevem à deslealdade quando se lhes permite presenciar o cerimonial da corte, quando sabem que, também, eles podem apresentar-se ao soberano: basta sujeitar-se à pragmática estabelecida em dias fixos da semana, encontrando, assim, caminho para as honrarias abertas ao mérito, onde quer que este apareça.

As distrações do teatro progrediam de par com os assuntos de maior importância [...] Daí, tornar-se moda para quantos quisessem se fazer passar por pessoas de destaque e aparecer, também, ali; e o encantamento que condenara as senhoras brasileiras à reclusão do lar, quebrou-se. Nas peças que se representavam, ridicularizavam-se as maneiras, os vícios, o dialeto e outras peculiaridades da colônia, o que corrigiu os gostos do público[...]

Em todos os departamentos do serviço religioso, tanto portas adentro como fora delas, apareciam em abundância o ouro, a prata, as pedras preciosas, a seda e a lantejoula. Com isto, se agradava o ouvido, vista e o olfato, e os brasileiros mal sabiam o que mais admirar, se os paramentos do altar, se a harmonia da orquestra ou o perfume do turíbulo[...]

Tinha-se ali (nas igrejas) uma grata ocasião de ser visto e admirado, cultivava-se ali o amor dos trajes e da exibição, e essa atenção ao apuro, que é de valor infinitamente maior[...]" <sup>329</sup>

Ainda no Rio de Janeiro, em 1818, Luccock insiste em suas observações sobre o "cortesanismo", que vai tomando, cada vez mais, o espírito dos brasileiros:

"Tinha-se isso (o conforto e a aparência) tornado no principal interesse dos brasileiros e era muito menos fácil alguém conquistar a notoriedade pública pela sua indiscutível fortuna do que pela representação que sustentava e a figura que fazia[...] Tudo tendia a adquirir uns ares importantes de azáfama, excluindo, até certo ponto, o formalismo que predominara até então nos modos da cidade, desta fazendo um lugar vistoso e atraente". <sup>330</sup>

<sup>328</sup> Luccock, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil Tomadas Durante Estada de Dez Anos nesse País, de 1808 a 1818*. SP, Livraria Martins Ed. S.A., 2ª ed., 1951, p. 73.

<sup>329</sup> *Id. ibid.*, pp. 163-165.

<sup>330</sup> *Id. ibid.*, p. 364.

Representação, figura, formalismo, modos... eis aí um observador de época tentando construir o quadro de uma sociabilidade insurgente e que se funda nos rituais, nas precedências, nas regras de etiqueta e nas maneiras.<sup>331</sup>

Seja o viajante-observador de época (Luccock), seja, mesmo, o historiador (Oliveira Lima), que tentam reeditar essa época, o que vemos são duas representações do que seria o processo de constituição de uma sociabilidade cortesã. São, obviamente, representações, embora distintas entre si.

O viajante tem como referência um certo modelo de civilidade que serve para medir os avanços da sociedade, observada no sentido daquilo que ele considera civilizado. Assim, para este observador, a cortesia seria viável entre nós na proporção em que nos aproximássemos do modelo cortês das cortes européias.

Já o historiador, embora concordando com o processo de afidalgamento da sociedade descrito pelo observador de época, se distancia das representações deste, na medida em que filtra suas imagens e, a partir do seu campo conceitual, procura mostrar que o “aprimoramento” dos costumes foi o caminho para se chegar à independência e à nacionalidade.

O afidalgamento da sociedade carioca aponta para um tipo de racionalidade que ressalta a importância de uma “maquinaria do cerimonial” capaz de transformar a etiqueta em ética do comportamento. Vai se definindo, dessa maneira, uma sociedade de corte, cujo epicentro está nas formas e nos rituais como o poder exerce sua soberania.

O exercício da soberania na época moderna era uma questão cuja tradição remontava à época medieval, momento a partir do qual começa a se desenvolver toda uma reflexão sobre a fonte do poder, em cuja origem estaria Deus. “Eleitor” do rei, Deus lhe entrega o poder de governar. Essa “teoria do Direito Divino” vai sendo depurada e, em finais do século XVIII, a teoria política procura fazer da Monarquia absoluta uma **Monarquia temperada**, tentando fundir o homem e Deus. Tal deslocamento na teoria sobre o exercício da soberania altera o estatuto do rei e do poder, levando a que se repense o lugar do súdito (“o poder vem de Deus, em sua origem; já sua forma, nasce do homem”).<sup>332</sup>

De acordo com Iara Lis, baseada na análise que faz dos manuais destinados à educação dos

---

<sup>331</sup> Para uma análise da sociabilidade cortesã ver: Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 109.

<sup>332</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1, p. 21.

governantes:

“A sociedade inicia-se por uma vontade divina, mas o poder do rei nasce, também, de um consentimento do povo e menos de uma conquista, pois só o consentimento permite que exista a legitimidade. No avesso do consentimento, a conquista é entendida como sujeição não consentida, por isso, abusiva. Assim, os povos, ao quererem o rei e consenti-lo, limitam o seu poder, que não é absoluto porque, de certa forma, o rei negocia o poder com o súdito, principalmente no âmbito das cortes”.<sup>333</sup>

Na tradição monárquica portuguesa, as cortes são o lugar aonde os súditos se expressam, podendo sugerir ao rei mudanças na ordem dos costumes. A idéia de mudança é possível na Monarquia, mas a de ruptura, jamais.<sup>334</sup>

A questão da soberania remete-nos, pois, à construção e reiteração do “pacto social” entre o governante e seu povo. Não se deve entender, entretanto, esse pacto como resultado da força e vontade de todos: [...]“este pacto não é o lugar da soberania, pois o rei não pode ser julgado, tampouco se institui o direito de revolta, de se desfazer do pacto ou sinônimo da deliberação coletiva. Longe disso, o rei deve sempre ser mantido para ser análogo e correlato à vontade divina e natural, esta, sim, ancoradouro da soberania”.<sup>335</sup>

É em torno dessa “certeza” política de que na Monarquia a ruptura não é concebível que se configure o “pacto social” que faz tanto dos governantes quanto dos súditos responsáveis pela manutenção da Monarquia e pela sustentação da hierarquia. Essa percepção da legitimidade do poder real aponta para os fundamentos desse poder que se sustenta tanto na “discussão política (da maneira pela qual o pacto e a soberania se elaboram através das práticas sociais e dos debates jurídicos)”<sup>336</sup> quanto na dimensão ritual [que faz das formas do comportamento uma ética, através do domínio de si (governo da família) ou do governo dos outros (governo do Estado)].<sup>337</sup>

Já sabemos, naquilo que diz respeito à discussão política sobre o pacto e a soberania, o quanto as teorias políticas sobre o direito do monarca contribuíram para a legitimação do soberano. A importância dos comportamentos na sustentação do poder, porém, merece ser mais aprofundada.

Conforme Claudine Haroche, é possível apreender o político nas práticas comportamentais, levando em consideração seus componentes rituais e psicológicos, o que permitiria um

<sup>333</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1,

<sup>334</sup> *Id. ibid.*, p. 22.

<sup>335</sup> *Id. ibid.*, p. 17.

<sup>336</sup> *Id. ibid.*, p. 27.

<sup>337</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 36.

conhecimento mais completo de sua dinâmica e “dos processos de formação e transformação do poder”.<sup>338</sup> A dimensão ritual e psicológica desses processos leva-nos a pensar que as relações de soberania, logo, de poder e, portanto, o respeito à hierarquia, se estruturam a partir de um modelo de contenção e de retenção das atitudes que espelha o exercício do governo de si, assim como o governo dos outros.<sup>339</sup> Tal modelo de contenção e retenção atravessa e unifica campos distintos, seja o religioso, o antropológico, ou o político,<sup>340</sup> se materializando nas relações de soberania e nas regras de cortesia e civilidade. Se as relações de soberania, já sabemos, remetem para o campo da política, vamos descobrindo que, pelas regras da civilidade e da cortesia, se revela o elo social;<sup>341</sup> portanto, o campo da sociabilidade. Numa sociedade como a sociedade de corte, governada pelo cerimonial, a sociabilidade deve ser vista, então, como um verdadeiro laboratório de experiências de dominação, uma vez que as regras da civilidade e da cortesia se apresentam como formas de ordenação, contenção, controle e legitimidade dessa sociedade.

A partir dessas constatações, podemos ver como no nosso caso se estreitam os laços entre política (dominação) e sociabilidade (regras de civilidade e cortesia) nas representações que à época da sociedade de corte, se faziam sobre a Monarquia.

O jornal *Semanário do Cincinato*, de 1837, por exemplo, indignado com a desordem pública e ciente que esta poderia levar à desestabilização da Monarquia, clama por civilidade.

Em seu editorial de lançamento, o jornal reivindica que o sossego público é um atributo dos bons costumes:

“[...]temos defendido e defenderemos sempre a Monarquia, porque é indispensável o sossego público para o bem dos povos: recomendamos a ordem, queremos melhoramentos, isto é, melhoramentos razoáveis, porque já é tempo de caminharmos pelo verdadeiro caminho do progresso. Expliquemo-nos. Os costumes vão declinando para uma espantosa corrupção, o pudor todos os dias sofre quebras! Nós queremos, portanto, ver mais respeitada a moral pública[...] queremos ver consolidada a união da grande família brasileira”.<sup>342</sup>

A consolidação de uma sociedade de corte na colônia passou a representar o ideal da contenção e a dar novo significado às relações de sociabilidade. A vida de corte tornou-se o referencial da renovação dos costumes e da criação de uma nova ética do comportamento, seja no plano público, seja no plano privado.

<sup>338</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998.

<sup>339</sup> *Id. ibid.*, p. 44.

<sup>340</sup> *Id. ibid.*, p. 45.

<sup>341</sup> *Id. ibid.*, p. 15.

<sup>342</sup> *Semanário do Cincinato*. RJ, Biblioteca Nacional, Seção de Obras Raras, 18/2/1837.



O livro *Código do Bom-Tom*, um Manual de Civilidade, escrito em 1845 e do qual já demos notícia no capítulo anterior, é um excelente exemplo da contenção do comportamento e de sua importância nas relações de sociabilidade. Embora escrito para a corte portuguesa, esse manual circulou intensamente no Brasil, refletindo a importância da contenção na vida social.

No capítulo relativo ao **Paço**, o manual recomendava:

“Se houvésseis de ser empregados, meus filhos, no Paço (Palácio Real) ou em casa de algum príncipe, deveríeis fazer um estudo particular dos usos e costumes que ali se observam e que se resumem debaixo do nome de *etiqueta*, para que pudésseis bem desempenhar o cargo que vos foste confiado. Se entre as famílias secundárias da sociedade e ainda entre burgueses e plebeus, vos tenho dito que é necessário conformarmo-nos com os usos e costumes e respeitá-los porque são as leis da cortesia, quanto mais não deveis respeitar e guardar os veneráveis usos e costumes que nossos antigos monarcas estabeleceram? Se vivésseis no Paço, deveria ser para vós a etiqueta uma regra de bem-viver que vos não deveríeis afastar, ainda que muitos usos vos parecessem ridículos e, outros, velhos e absurdos[...]”<sup>343</sup>

Estamos falando de bom-tom, cortesia, civilidade, e não dissemos ainda que até à chegada da corte não tínhamos nobreza. E como não a tínhamos, não conhecíamos a polidez como forma de regular as relações em sociedade. A chegada da corte trouxe-nos o rei e todo o cerimonial que cercava o respeito à Monarquia, instituindo formas de sociabilidade desconhecidas e que instauravam novas formas de dominação que iriam se combinar com as formas tradicionais de assegurar o convívio social, baseadas no poder de que o indivíduo se investia ao ser proprietário de terra, escravo ou coisas.

Na já muito comentada obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, Manuel A. de Almeida faz excelente análise dessa combinação entre ordem tradicional e ordem cortesã, revelando sua ambivalência que, segundo Antônio Cândido, irá se expressar na convivência entre ordem e desordem, o que sancionaria uma visão mais folgada dos costumes.<sup>344</sup>

Talvez seja este um dos motivos que levou um dos conselheiros de D. João VI, Silvestre Pinheiro, a aconselhá-lo, em 1811, a rever as relações entre Portugal e Brasil, na medida em que o pacto colonial deixava de existir<sup>345</sup> e, com isso, toda uma forma de dominação política tanto externa quanto interna, colocando em perigo a ordem monárquica. Sugerindo a el-rei criar um lugar hegemônico no mundo luso-brasileiro, Silvestre Pinheiro insistia, diante da vacilação de D.

<sup>343</sup> Roquette, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. Lília M. Schwarcz (org.). SP, Cia. das Letras, 1977, pp. 102, 103. (Grifo meu).

<sup>344</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 48.

<sup>345</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1, p. 50.

João entre o Brasil e Portugal, em definir um lugar para se instalar a corte, de onde se fixaria a fonte do poder e de onde se dirigiria a soberania real. O que Silvestre Pinheiro temia era a quebra da unidade imperial, fato que seria obstado pela definição do lugar do poder, após o que poder-se-ia instaurar uma rede de dominação que estruturasse e hierarquizasse o Império, regulando os diferentes interesses em jogo.<sup>346</sup> Junto com essa proposta de uma rede de poder, Silvestre Pinheiro avançou a idéia de reorganização da administração imperial a partir de uma nova divisão e distribuição de títulos nobiliárquicos por todo o Império, entre Arquiducados, Ducados, Marquêsados, Condados, Viscondados e Baronatos, onde os titulares da nobreza teriam o papel de inspeção e proteção.<sup>347</sup> Silvestre Pinheiro pensava a política imperial tanto na sua dimensão macro (no âmbito de uma ordem política que instaura uma rede de poder) quanto na sua dimensão micro (no plano da constituição de um corpo de nobreza que garantiria e zelaria pelas leis, usos e costumes).

Num ensaio, cuja preocupação principal era “o modo de se reformar e prevenir a revolução popular”, Silvestre Pinheiro não poupa palavras quanto à importância da nobreza na manutenção da própria Monarquia:

“A necessidade de um corpo de nobreza em qualquer Monarquia é ponto que nem mesmo admite contestação. Mas, também, não é menos certo que as instituições da nobreza devem variar segundo as leis, usos e costumes de cada nação e de cada século. Por esta razão é que, não existindo hoje, entre nós, senão alguns fracos vestígios do que na instituição da atual nobreza a fazia importante nos negócios do Estado e digna de respeito e veneração aos olhos dos povos, quase que desapareceu esta consideração como aquela importância.

É, logo, necessário que, das cinzas da antiga nobreza, nasça outra nova, cujas funções, honras e vantagens sejam mais conformes aos usos e costumes do nosso século. Cumpre combinar a nobreza hereditária com a de aquisição. É justo que o nascimento habilite”.<sup>348</sup>

De outro ponto de vista, não diretamente ligado às questões do poder, mas ciente da importância da **cerimônia** (etiqueta) na manutenção dos padrões de convivialidade, nosso já conhecido “Padre Carapuço” revela em artigo, não por acaso intitulado “Os Sem-Cerimônia” (ao qual já nos referimos no capítulo II), a importância que tinha a etiqueta na definição dos comportamentos da população.

Nesse artigo que optei por apresentar quase na íntegra devido à sua força em mostrar as consequências da falta de etiqueta — “selvageria”, “desarmonia da ordem social”, “ofensa” e

<sup>346</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1, p. 72.

<sup>347</sup> *Id. ibid.*, p. 73.

<sup>348</sup> Ferreira, Silvestre Pinheiro. “Memórias Políticas sobre os Abusos Gerais e o Modo de se Reformar e Prevenir a Revolução Popular”, in *Revista do IHGB*. RJ, 1884, tomo 47, parte 1, p. 7.

“desonra” — o “Carapuceiro” não economiza palavras quanto à sua importância:

“A urbanidade e a cortesia são muito precisas na sociedade, porque sem elas tudo se tornaria brusco e não distaríamos dos selvagens. Essas pequenas atenções, essa reciprocidade de respeitos, essas maneiras doces e afáveis, concorrem grandemente para a manutenção e harmonia da ordem social e, por isso, devem ser promovidas e conservadas. Entretanto, pessoas há que, inculcando-se por gente sem-cerimônia, cometem grosserias e até ofendem o melindre e a honra de seus semelhantes. Dona Briolanga, por exemplo, leu em novelas que a franqueza e a ingenuidade são qualidades estimáveis mormente em uma senhora. Ei-la apregoando-se sobre sincera, sem-cerimônia e, sob esta corte, dizendo verdades nuas e cruas e ofendendo, a torto e a direito, a quem bem lhe parece. Dona Ziguezigue tem maneiras desabridas, respostas despropositadas e o seu riso é tão descomposto que mais parece um relincho que qualquer outra coisa. Se está falando, faz mais caretas que um mono, o manutea como um boneco de engonços, e a tudo isto que, em outros tempos, se daria o justo nome de má-criação, chamam hoje, alguns, sem-cerimônia.

O jovem Fabricio é desembainhado em suas ações, não menos que em seus trajes. Anda sempre engorjado o patife, quero dizer, quase sem gravata, colarinho caído e sem colete[...] O sistema de cabelos, barbas e suíças é medonho[...] Se fala, ninguém mais é senhor de proferir palavra; se ri, patinha, escoiceia, orneja e quase morde[...] Ora, põe-se quase ressupino na cadeira que está prestes a desengonçar-se pelos movimentos encontrados que lhe dá o marmanjo[...] ora, envia-se a qualquer da companhia ainda que seja uma senhora e já lhe pega o braço, já lhe põe a mão no ombro, acionando como um energúmeno, e muito favor será se lhe não levar os dedos até às ventas[...] À vista deste quadro, quem não chamaria grosseiro e malcriado a este jovem? Mas não é assim: este jovem é, o que hoje se diz, um sujeito sem-cerimônia.

Achei-me em certa igreja e vi entrar um figurino que me admirou. A sobrecasaca pouco mais era que uma jaquetinha, porque dava-lhe pelas virilhas. Não trazia colete e a gravata era um lenço amarrado a descuido com grandes pontas[...] Esse saltimbanco não fez vênica, não ajoelhou, nem fez oração ao altar. Plantou-se logo na grade, deu as costas ao Santo Sacramento e começou a registrar o madamismo (paquera), rindo-se para esta, contemplando aquela, galanteando aquela outra[...] Que peralvilho é aquele? (perguntei a um sujeito que me ficava ao pé). Não diga tal (respondeu-me o homem), aquele moço é de boa família, é bem-educado, é do grande-tom; o que tem, sim, é ser um rapaz sem-cerimônia. E fiquei sabendo que hoje a peraltice passou a chamar-se sem-cerimônia[...]<sup>349</sup>

Esse desfile de gestos, risos decompostos, roupas mal ajambradas, caras e bocas que aparecem nas crônicas do “Padre Carapuceiro” pode ser entendido como uma verdadeira receita de como se deve comportar com civilidade em público; uma questão que só aparentemente nada tem a ver com a questão do poder. Trata-se, a rigor, de comportamentos públicos sem os quais mergulhar-se-ia na barbárie da desordem social, de acordo com a compreensão da época.

<sup>349</sup> Gama, Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Melio (org.). SP, Cia. das Letras, 1996, pp. 295-299.

### 3.2 - Etiqueta É (e) Política

Na medida em que o Rio de Janeiro se tornava politicamente o centro hegemônico do Império, sua condição de corte se potencializava, ressaltando a importância, não da cidade como estrutura urbana, ambiente urbano, estrutura econômica e forma de sociabilização, mas da corte como lugar da “política”, ou melhor, lugar aonde se tecia a existência e a continuidade do Império. Não estou com isso negando a importância da cidade nesse momento, nem desconhecendo a riqueza das relações que dela advém (vide o fascinante efeito social produzido pela combinação da tradição colonial com a introdução de novos costumes pela corte). Estou querendo chamar a atenção para o fato de que, apesar da cidade, é no “sistema de corte” que se joga o futuro do Império. Ou por outra, ao tematizar a existência da Monarquia nesse momento, os discursos vão girar em torno do debate sobre a **civilização brasileira**, cujo epicentro era, sem dúvida, a sociedade de corte.

As representações do Brasil que aparecem, quer na pintura, quer na literatura, quer na imprensa, quer nos discursos políticos, vão sempre na direção de mostrar a transformação da natureza em cultura,<sup>350</sup> ou melhor, mostrar como no passado colonial a colônia pouco se afastara da natureza, e como no presente ela se aproximava da cultura, a caminho da civilização. Não é por outro motivo que o índio é apontado como nosso representante maior do passado e que o rei e sua corte dão significado ao presente.

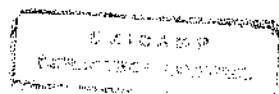
Na pintura de Debret, cujo tema principal gira em torno do processo de civilização brasileira, pode-se perceber um fio condutor que une os vários estágios da nossa civilização, começando pelo índio e terminando no Imperador. É por isso que tanto a natureza quanto a corte são objetos de observação para Debret.<sup>351</sup>

Da mesma forma, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sua tentativa de resgatar a história do Brasil, se debruça sobre o passado brasileiro, encontrando, na origem de tudo, o índio. E se o índio é identificado ao selvagem e à barbárie, a história se encarregaria de conduzir o povo brasileiro de um estado infantil a um grau mais elevado de desenvolvimento, dos modos, usos e costumes da sociedade, propiciando-lhe os benefícios da civilização.

Mesmo na imprensa, os ecos dessas representações do Brasil repercutem. No jornal *O Espelho Diamantino*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos 1827 e 1828, encontrei um artigo com

<sup>350</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1, p. 78.

<sup>351</sup> *Id. loc. cit.*



o título “À Sombra de Pedro Álvares Cabral”, onde o articulista tira o descobridor do Brasil de seu sono eterno e o faz visitar o país do Primeiro Império. Estupefato com o que vê (os avanços da civilização e da cultura), Cabral procura, em vão, referências de sua época (os índios selvagens) para se situar; e no lugar de “homens cor de cobre” vê “um povo com feições européias”. Mas, deixemos que o nosso descobridor fale por si próprio:

“O Brasil é um Império! O Brasil é um governo constitucional! O Brasil é uma Nação civilizada! Há 300 anos que o pavilhão português apareceu por um feliz acaso nestas praias[...] Quem[...] poderia, então, prever[...] que o Brasil viria a ser um Império e se mostraria à face da Europa sem penacho e sem aljava, com um diadema fechado e com timbre de sua independência? [...]

O Brasil passou por todos os períodos da ordem moral e política e entrou na linha da potências independentes. Eu o vejo, eu o desconheço; procuro, em vão, esses homens cor de cobre, vestidos de uma linda plumagem que, a troco de espelhos, de cascavéis, de panos escarlates, de campainhas e canivetes, nos davam os frutos do país em penhor de sua amizade; em seu lugar, vejo novas raças, um povo com feições européias; não ouço mais a língua tupantáura; os dialetos da minha Pátria, da França, da Espanha, da Inglaterra, da Alemanha, até o alfa e ômega dos gregos, são as vozes que ferem meus ouvidos: a civilização em marcha; ministros hábeis, dignos de confiança pública. Política ativa e providente, enfim, um jovem na flor dos anos, na idade do grande filho de Ulisses, fazendo de sua corte uma nova Tiro; chamando as Artes, recolhendo-as à sombra de seu trono[...] Tal é o grande espetáculo que fere os meus olhos. Nação ditosa, felizes brasileiros, tudo vos promete o futuro mais brilhante[...] vossa civilização avança enquanto a Europa se debate[...]

Ide procurar nesses sertões imensos e ainda incógnitos o pury manso, o botocudo indomável, o tamoio antropófago, o guarani, os coroados, todas essas raças[...]; aldeiai-os; inspirai-lhes o amor ao trabalho, mostrai-lhes a doçura da religião que prepara os bons cidadãos; e vós tereis um povo imenso que voará sobre as ondas, formando a vossa Marinha guerreira e mercantil[...]

Eu me retiro infinitamente satisfeito[...] Eu venho de ver a vossa antiga Pátria; a terra aonde eu arborei Sta. Cruz[...] O Brasil é um Império, virá a ser um grande Império: o brasileiro é um homem livre, nobre, polido. Estou pasmado”.<sup>352</sup>

Unindo o passado selvagem a um presente em processo de civilização, as representações sobre o Brasil vão inventando o homem polido, a sociedade cerimoniosa, o país civilizado.

De acordo com a interpretação de Iara Lis:

“Boa parte dos viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro na década de 1810 reconheceu as suas mudanças, indicando o refinamento da sociabilidade que se estendia às moradias, móveis, roupas, jóias, etiqueta, importação de objetos; uma sociedade de corte que propiciava o aparecimento ou a expansão de novos serviços: a modista, os tecidos importados, o cabeleireiro, o professor de dança, a ida ao teatro, os banquetes, bailes, missas solenes, etc. Tal refinamento da sociabilidade atravessava as esferas pública e privada. As ruas foram calçadas, a própria Quinta da Boa Vista (Palácio Imperial) ganhou aspectos de um palácio[...] e, por sua vez, essas áreas públicas guardavam uma coerência com o zelo em ser bem-educado, estar em dia com a moda, em alterar os hábitos de alimentação, em portar-

<sup>352</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras.*

RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, fev./1828.

se adequadamente em um baile de acordo com as regras, muitas vezes divulgadas por professores ou em folhas de etiqueta editadas[...]"<sup>353</sup>

Delso Renault, estudioso da publicidade que aparecia nas folhas do Rio de Janeiro, descobriu anúncio, de 1839, em que um bailarino francês se propõe a ministrar as primeiras aulas de dança e boas maneiras no Colégio D. Pedro II. O mesmo pesquisador descobriu outros anúncios de professores que se propunham a ministrar classes sobre o "princípio da civilização e decência".<sup>354</sup>

Os anúncios, juntamente com os artigos na imprensa, a observação dos viajantes e outros diferentes olhares sobre a vida de corte, dão conta de toda uma sociabilidade em formação, chamando a atenção para suas particularidades, onde a família imperial é vista como modelo e centro de toda a efervescência social.<sup>355</sup>

O comportamento, conforme John Luccock, ia se tornando mais e mais cerimonioso, de tal maneira que extrapolava os "muros" da corte, avançando sobre os costumes da "classe média" e, mesmo, dos pobres. De acordo com o negociante inglês, a Princesa Regente Carlota Joaquina muito insistia sobre as distinções devidas à realza e não perdoava o mais leve desrespeito.<sup>356</sup>

Rezavam os Manuais de Civilidade que havia uma etiqueta para cada lugar e que tudo em sociedade tinha sua lógica e sua ordem; sendo assim, "não há atividade social que não seja passível de regulamentação, não há atitude que não possa ser controlada".<sup>357</sup>

Com sua dinâmica própria, a corte deve ser vista como um microcosmo dentro da sociedade,<sup>358</sup> nem por isto menos importante. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, só "para o serviço do Paço, por exemplo, havia mil empregados". Esse serviço implicava uma organização própria ligada a uma hierarquia social, muito embora a maior parte das funções fosse desempenhada pelo que, então, se denominava "antiga nobreza". Tal organização supunha as funções mais variadas, desempenhadas por pessoas de diferente hierarquia, desde as que estavam incumbidas da "lavagem e engomadura" da Casa Real até aos gentis-homens da Câmara.

<sup>353</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 1, p. 65.

<sup>354</sup> Renault, Delso. *O Rio Antigo nos Anúncios de Jornais*. RJ, Livraria José Olympio Ed., 1969, p. 150.

<sup>355</sup> Citado por Schwarcz, Lília M. (org.), in Roquette, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. SP, Cia. das Letras, 1977, p. 29.

<sup>356</sup> Luccock, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil Tomadas Durante Estada de Dez Anos nesse País, de 1808 a 1818*. SP, Livraria Martins Ed. S.A., 2ª ed., 1951, p. 65.

<sup>357</sup> Schwarcz, Lília (org.). *Op. cit.*, Introdução, pp. 22, 23.

<sup>358</sup> Silva, Maria B. Nizza da. *Análise de Estratificação Social (o Rio de 1808 a 1821)*, in *Boletim*. Depto. de História. SP, FFLCH/USP, 1975, (Nova Série), nº 6, p. 17.

Resquícios de uma tradição secular, as próprias designações do Paço têm um sabor arcaico em pleno século XIX:

“Haviam os 7 gentis-homens da Câmara d’el rei, os vereadores (da rainha, da princesa da Beira e do príncipe da Beira), a camareira-mor, as donas da Câmara, as damas do Paço, as açafatas, 9 guarda-roupas, 3 mordomos-mores, 1 coiteiro, 1 guarda-ceilha, 1 mantieiro, 1 preste, 2 servidores de toalha. Haviam ainda 28 retretas, 17 moças de labor, 6 parteiras, 18 criados de quarto. E devemos incluir, também, os oficiais de nobreza de armas em número de nove: 3 reis de armas, 3 arautos, 3 passavantes. Além de vários escrivães e tesoureiros do apontador dos foros, do almoxarife dos Paços Reais, etc. [...]”

Esses cargos eram lugares muito cobiçados pelas vantagens que traziam e as distinções que acarretavam. Ser criado do Paço era meio caminho para se obter outros cargos. Muitos desses cargos possuíam uma ‘graduação’ social, isto é, um título[...]”<sup>359</sup>

Ainda de acordo com essa historiadora, “a corte implicava uma organização dotada de repartições várias, uma escalada de funções hierárquica e honorífica, desempenhada nos postos mais elevados pela antiga nobreza, e na base dos quais se encontravam indivíduos pertencentes a outra esfera social”.<sup>360</sup>

Toda essa descrição visa mostrar como esse microcosmo social tem sua própria dinâmica, prescindindo daquela própria do meio urbano. É por isso que insisto na idéia da existência de uma **ordem cortesã** que se impõe à cidade e que vai sancionar os padrões de comportamento, as normas de civilidade, e apontar os caminhos do “bom governo”, ou seja, daquilo que deve ser entendido como sociabilidade.

Na visão de Claudine Haroche, é por meio dos cerimoniais de Estado, dos rituais e das maneiras de corte que o poder quer impor uma ordem e estabelecer formas que permitam que seja reconhecido.<sup>361</sup> “É conveniente dar significado ao poder e, para isso, mostrar, saber mostrar; persuadir, penetrar nas idéias, convencer; transmitir um saber que nas cerimônias e nos rituais dirige-se aos corpos, aos olhares e às almas; apelando aos gestos, aos movimentos, às posturas, às expressões e, também, aos comportamentos, à etiqueta, às maneiras de corte”.<sup>362</sup>

A sociabilidade deve ser entendida, portanto, como uma racionalidade, cuja lógica é a obtenção da obediência e a perpetuação da ordem; deriva, daí, que o comportamento cortesão seja a reafirmação e legitimação da ascendência da corte sobre a sociedade e, também, sobre a cidade.

<sup>359</sup> Silva, Maria B. Nizza da. *Análise de Estratificação Social (o Rio de 1808 a 1821)*, in *Boletim*. Depto. de História. SP, FFLCH/USP, 1975, (Nova Série), nº 6, pp. 13, 14 e 16.

<sup>360</sup> *Id. ibid.*, p. 17.

<sup>361</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 98.

<sup>362</sup> *Id. loc. cit.*

### 3.3 - Império: a Manutenção da Ordem e a Difusão da Civilização

Já dissemos há algumas páginas atrás que, de acordo com Ilmar Rohloff, a instalação da corte no Rio de Janeiro provocou uma inflexão nas relações entre as duas faces da moeda colonial. Ou seja, o fim do exclusivo comercial conduziu à reordenação tanto das relações de soberania face às outras metrópoles quanto das relações de dominação face aos súditos. Dissemos, também, que o desenvolvimento de “novos padrões de sociabilidade” levou a uma percepção de que o mundo dividia-se entre aqueles tocados pela *politesse* (reconhecidos como civilizados) e aqueles aparte de quaisquer vínculos sociais (taxados como bárbaros).

O novo feitio do pacto colonial e os “novos padrões de sociabilidade” só puderam se manifestar porque existia um lugar \* no espaço — a corte — que se transformou num feixe de relações de poder. É a partir desse lugar, portanto, que se pode pensar numa política, cuja principal intenção era garantir o funcionamento do sistema colonial, com a perpetuação do escravismo e dos diferentes monopólios sobre o qual se assentava a Monarquia e a partir do que se assegurava sua continuidade. É desde esse lugar da corte, por conseguinte, que se vai dar sustento a “idéia de Império”.

A vinda da corte para o Rio de Janeiro, de acordo com Ilmar Rohloff, “daria novo alento aos propositores da criação de um ‘Império americano’[...] O rompimento com as cortes, em 1822, anunciava o fracasso das propostas de uma Monarquia dual; consolidava, por outro lado, a idéia de Império”.<sup>363</sup> Dedicada à consolidação do Império no Brasil, a corte instalada na Cidade do Rio de Janeiro deveria servir de baluarte do Absolutismo<sup>364</sup> a partir de seu papel na manutenção da unidade territorial, na centralização política e na hierarquização da sociedade. A corte é, portanto, um ponto estratégico no espaço que irá possibilitar aquilo que Ilmar Rohloff chamou de “restauração da moeda colonial”, isto é, a transformação do Reino numa Nação, por um lado, e a imposição da Coroa ao conjunto das províncias do país, por outro.<sup>365</sup> O que é o mesmo que dizer que, sob a batuta do Imperador, o país independente “igualava-se” às outras nações do mundo ao mesmo tempo em que se impunha aos localismos, fazendo prevalecer a ascendência da corte sobre o conjunto do país, o que Maria Odila cunhou de “interiorização da metrópole”.<sup>366</sup>

---

\* Estou entendendo aí a corte como um lugar no espaço tanto no sentido físico quanto social.

<sup>363</sup> Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, 1987, pp. 81, 82.

<sup>364</sup> Dias, Maria Odila S. “A Interiorização da Metrópole”, in Mota, Carlos G. (org.). *1822 - Dimensões*. SP, Ed. Perspectiva, 1972, p. 169.

<sup>365</sup> Mattos, Ilmar R. de. *Op. cit.*, p. 80.

<sup>366</sup> Dias, Maria Odila S. *Op. cit.*, p. 171.



A espacialização do poder tanto no sentido das relações com as nações quanto no sentido da reordenação das relações no interior dos grupos dominantes e entre os grupos dominantes e dominados serviu de base material para a construção do Estado imperial, num processo que levou à constituição da própria classe senhorial, aquela que daria direção à política imperial.<sup>367</sup>

Nesse sentido, não se pode pensar ainda na corte como fenômeno urbano (como ela seria um pouco depois), nem mais como lugar do “exercício da dominação metropolitana sobre a região colonial”<sup>368</sup> (que ela fora no passado); a corte deve ser pensada como um ponto no espaço difusor do “projeto imperial” que supunha tanto a manutenção da ordem quanto a difusão da civilização.

Nessa perspectiva, a corte e a Cidade do Rio de Janeiro não se confundem, apesar de materialmente ocuparem o mesmo espaço físico. Isso nos lembra aquilo que Norbert Elias ensinava a propósito da corte francesa nos séculos XVII e XVIII que “não era a cidade que irradiava sobre todo o país, mas a corte e a sociedade de corte”.<sup>369</sup> E completando, “a corte e a vida de corte estavam na origem da idéia que os reis absolutistas do antigo regime tinham dos homens e do mundo”.<sup>370</sup> Elias ajuda a tornar clara as relações da corte com a cidade quando diz que o que se entendia por “corte” no antigo regime era a casa de habitação dos reis da França, de suas famílias e de todas as pessoas (nobres) que, de perto ou de longe, dela fazem parte.<sup>371</sup> É no comportamento do cortesão que está, pois, o verdadeiro segredo das relações da corte com a cidade. De acordo com Elias, “é certo que o cortesão é um cidadão, que a vida urbana nele deixou suas marcas. Mas, suas ligações com a cidade são muito menos profundas que a burguesia que nela exerce uma atividade profissional. A maioria dos cortesãos é proprietária de uma ou mais residências no campo. É dela que, regra geral, retira o seu apelido grande parte dos seus rendimentos; é para elas que, por vezes, se retira”.<sup>372</sup>

O nobre, confirma Elias, só pertence ao tecido urbano enquanto consumidor. Sua verdadeira ligação é com a **sociedade** a que pertence — a sua verdadeira Pátria.<sup>373</sup> E arremata o autor, “se fosse possível encontrar no campo um número de criados suficiente, todas as necessidades de consumo dos grandes senhores se poderiam satisfazer igualmente bem no campo. A influência da cidade só transparece no refinamento das necessidades de consumo, naquilo a que se chama o

<sup>367</sup> Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, 1987, p. 281.

<sup>368</sup> *Id. ibid.*, p. 30.

<sup>369</sup> Elias, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa, Editorial Stampa, 1987, p. 14.

<sup>370</sup> *Id. ibid.*, p. 21.

<sup>371</sup> *Id. ibid.*, p. 19.

<sup>372</sup> *Id. ibid.*, p. 22.

<sup>373</sup> *Id. ibid.*, pp. 22, 23. (Grifo meu).

luxo dessa sociedade”.<sup>374</sup>

A compreensão portuguesa do que devia ser a sociedade de corte e que temperava a alma lusitana quando a corte transportou-se para os trópicos, deverá impregnar o “espírito imperial”, estruturando a identidade e os vínculos sociais dos membros dessa sociedade. Ainda que distante do chão onde frutificara, a corte transmigrada para o Brasil se reconstituiu enquanto tal; por isso, mesmo, que a corte não é um lugar, mas um **modo de ser**. Portanto, ela deve ser vista, como quer Norbert Elias, numa dupla dimensão: como um modo de ser (que se enraíza na idiossincrasia local) e como um modo de estar no mundo (na medida em que compartilha, com outras cortes, o caráter universalizante da noção de civilização).

A definição de **homem de corte**, do *Dicionário* de Moraes e Silva, exprime bem esse *être* cortesão: “o homem de corte é aquele que a frequenta, o que sabe os estilos e a polícia do cortesão, sendo ter corte; diz-se o que é de corte, e sabe e guarda os seus estilos; ser palaciano, ter o ar e modo da corte[...]”<sup>375</sup>

Apesar das possíveis diferenças entre os estilos francês e português de **ser de corte**, a identidade cortesã despreza aquilo que deveria marcar suas singularidades, aquilo que as vinculam ao chão (identidade local, nacional, etc.), concebendo somente seus vínculos com a sociedade. Apesar de suas diferenças, o **ser de corte** dá, a ambas sociedades, a propriedade de pairarem sobre suas singularidades e se reconhecerem pelo seu estilo e pelo “ar e modo da corte”, isto porque sua referência é o palácio e não a cidade, e nem o país. O palácio não planta raízes na cidade.

Definitivamente, a corte brasileira, mais que um lugar no espaço, mais que um fenômeno urbano, foi o ponto de onde se projetou a “civilização imperial” para todo o país. A corte transformou-se, pois, no modelo nacional de ordem e civilização.<sup>376</sup>

Podemos surpreender essa “vocação” da corte como laboratório da civilidade brasileira em toda uma retórica da época que atribuía a ela (corte) o papel de difusora da civilização e da ordem. Na obra do teatrólogo Martins Pena, tido como o pai do teatro brasileiro, por exemplo, a corte é considerada, para além de um ambiente citadino, como o lugar aonde se forja a Nação e o nacionalismo.<sup>377</sup> É especialmente na corte que se desenrolam os enredos das comédias de Martins

<sup>374</sup> Elias, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa, Editorial Stampa, 1987, p. 23.

<sup>375</sup> Citado por Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, vol. 2, p. 287.

<sup>376</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 41.

<sup>377</sup> *Id. ibid.*, p. 42.

Pena. Das vinte comédias que ele escreveu, no período de 1838/1848, apenas duas peças se desenvolvem em local fora da corte, isto é, na roça.

Ao opor a roça à corte ou ao estabelecer entre elas uma relação de complementaridade,<sup>378</sup> o que Pena quer mostrar é o estágio de civilidade alcançado pela corte, frente ao estado de desordem em que permanece a roça. Assim, a corte seria o lugar da lei e da ordem; logo, da civilização. E a roça, o lugar aonde se desrespeita a lei e aonde os princípios da civilidade falham.<sup>379</sup>

Segundo análise de Dayse Ventura:

“A perícia de Martins Pena não está em refletir ‘o ambiente brasileiro da época, com seus ridículos, tipos, costumes e fatos correntes’, mas em construir uma certa noção de Brasil que relativiza dois espaços sociais: a corte, de onde se dita o que é ser civilizado, e a roça, que vive na ignorância, ainda que a riqueza esteja presente em ambas. Não basta a riqueza para dar o tom da civilização, é necessário a adoção de padrões, cujo foco irradiador é a corte”.<sup>380</sup>

Na comédia *A Família e a Festa na Roça*, por exemplo, a personagem Quitéria, filha de um fazendeiro, admira e tenta copiar a corte o tempo inteiro. Na comédia *O Dileitante*, de 1845, Pena contrapõe o homem civilizado da corte ao homem “rústico”, encarnado na figura de um rico paulista. José Antônio é um rico proprietário que vive na corte e que recebe em sua casa um rico paulista, Marcelo, pretendente à mão de sua filha. Na opinião de José Antônio, o Marcelo “é homem rico, honesto e bom, ainda que rústico. Coitado, nunca saiu de São Paulo! É a primeira vez que vem à corte, anda espantado. Só uma coisa desgosta-me nele: o não gostar de música[...] Dormir quando se canta *Norma*! Isto só faz um paulista dos sertões”.<sup>381</sup>

Para José Antônio, o amor pela música italiana era indício de polidez, sinal de civilidade, e quem não tivesse esse mesmo gosto era por ele considerado um rude. Marcelo, seu futuro genro, gostava era do fado, o que era considerado por José Antônio sinal de “ignorância”:

“Marcelo - É que o senhor ainda não ouviu um fadinho bem rasgadinho e bem choradinho.

José Antônio - Nem quero ouvir! Não diga isto a ninguém, que se desacredita. A música italiana, meu amigo, é o melhor presente que Deus nos fez, é o alimento das almas sensíveis.

Marcelo - Pois, o meu alimento é feijão com toucinho, fubá de milho e lombo de porco”.<sup>382</sup>

Um terceiro personagem — Gaudêncio, amigo do dono da casa — adentra a cena e logo está a

<sup>378</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 47.

<sup>379</sup> *Id. ibid.*, p. 49.

<sup>380</sup> *Id. ibid.*, p. 56.

<sup>381</sup> Pena, Martins. “O Dileitante”, in *Quem Casa, Quer Casa*. RJ, Ediouro, s/d, p. 104. (Grifo meu).

<sup>382</sup> *Id. ibid.*, p. 105.

bater boca com o paulista que, irritado, lhe ameaça com uma faca. Na cena seguinte, serenados os ânimos, ouve-se o seguinte diálogo:

“Gaudêncio – Pois, o senhor atreve-se a sacrificar sua filha[...] casando-a com um homem[...] que puxa uma faca pela menor palavra[...]

José Antônio - Tudo fosse isso! Puxar uma faca não vale nada, o diabo é ele não gostar da italiana (da ópera).

Gaudêncio – Pois, acha não gostar da música, pior?

José Antônio - Mil vezes!

Gaudêncio - Acho que tem muita razão em dizer que pior não gostar de música do que dar facadas. O homem pode ser ladrão e assassino sem que tenha má índole. Essas péssimas inclinações provêm, quase sempre, de uma educação mal dirigida; o bom exemplo e a Casa de Correção o podem emendar; mas, aquele que não gosta de música? Nasceu com a alma mal conformada! É um perverso!

José Antônio - Perverso, diz o senhor? É um monstro! O que não se extasia com os suaves encantos da harmonia não tem alma e[...]

Gaudêncio - É incorrigível!

José Antônio - Capaz dos maiores crimes!

Gaudêncio - Feroz

José Antônio - Antropófago! [...]”<sup>383</sup>

Martins Pena, conforme a análise de Dayse Ventura, “constrói o trânsito entre a corte e a roça a partir de uma linha de transmissão dos costumes que liga Europa-corte-roça[...] O ponto de contato entre corte e roça passa pelos personagens que, à sua maneira, manipulam o poder ou querem promover a civilização da roça pela corte, tornando-a um espaço complementar no movimento da constituição da Nação civilizada e singular que, então, se configurava”.<sup>384</sup>

Essa mesma representação da corte como o lugar da civilidade pode ser observada em outras manifestações discursivas à propósito do estágio civilizatório do país. Aliás, desde a chegada da corte ela se faz presente.

Na *Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes do Crime dos Bairros*, de 1809, encontrei um Edital que explicitava, com bastante clareza e veemência, aquilo que se esperava fosse a corte como fator de civilização dos costumes.

No Registro do Edital constava que:

“Paulo Fernandes Vianna, do Conselho do Príncipe Regente Nosso Senhor, Fidalgo Cavaleiro da Sua Real Casa[...] (e Intendente da Polícia)[...]”

<sup>383</sup> Pena, Martins. “O Diletante”, in *Quem Casa, Quer Casa*. RJ, Ediouro, s/d, pp. 113, 114.

<sup>384</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, pp. 62-66.

Faço saber aos que o presente Edital virem e dele notícia tiverem que havendo-se elevado esta cidade à alta hierarquia de ser hoje a corte do Brasil, que goza a honra e da ventura de ter, em si, o seu legítimo soberano e toda a sua real família, não pode nem deve continuar a conservar bisonhos e antigos costumes que apenas podiam tolerar-se quando era reputada como uma colônia e que, desde muito tempo, não se sofrem em povoações cultas e de perfeita civilização, e sendo um destes costumes que afeia o prospecto da cidade e a faz menos decorosa as felizes circunstâncias, o terem as janelas das suas propriedades rótulas ou gelosias de madeira que nenhuma comodidade trazem e que estão mostrando a falta de civilização de seus moradores. Confiando de todos eles que, mesmo por marcar a feliz época em que entraram a ver com os olhos o seu legítimo soberano que adoravam já em seus corações, estarão prontos a dar mais provas não equívocas de seu contentamento e a arredar de si estes testemunhos da antiga condição de conquista e de colônia, concorrendo para enobrecer a sua corte e fazê-la mais notável aos olhos das nações estrangeiras que ora a ela concorrem, e que só lhes falta para esse fim a voz da autoridade pública que aprove e, mesmo, honre esta sua resolução que muitos deles me têm já feito conhecer mui voluntariamente como em crédito deles e abono da verdade cumpre manifestar.

Por tudo isto se declara que, desde já, se devem abolir as rótulas das janelas de sobrados[...]" <sup>385</sup>

Da mesma forma, surpreendemos no *Relatório do Ministro da Justiça para o Ano de 1840*, a reafirmação da corte ("a sociedade de nosso litoral") como o lugar da "nascente civilização" frente aos sertões, tidos como reduto dos "costumes bárbaros":

"No interior de muitas de nossas províncias vivem os seus habitantes separados, uns dos outros e das povoações, por grandes distâncias, cobertas de matos, fora do alcance da ação do governo e das autoridades.

Essa população que não participa dos benefícios de nossa nascente civilização falta de qualquer instrução moral e religiosa, porque não há aí quem lhe suministre; embuída em perigosas idéias de uma mal entendida liberdade, desconhece a força das leis e zomba da fraqueza das autoridades todas as vezes que vão de encontro aos seus caprichos. Constitui ela, assim, uma parte distinta da sociedade de nosso litoral e de muitas de nossas povoações e distritos e, principalmente, por costumes bárbaros, por atos de ferocidade e crimes se caracteriza[...] Tal é o estado de muitos dos nossos sertões colhido de informações oficiais[...]" <sup>386</sup>

Os percalços do Leonardo, personagem de *Memórias de um Sargento de Milícias*, por um Rio de Janeiro já com um perfil urbano igualmente devem ser entendidos, ainda que percalços de uma aventura urbana, como de enquadramento em um *ethos* próprio da civilidade de corte. O que se exige do personagem, a partir da vigilância do Major Vidigal, é que ele se dobre ao padrão civilizatório vigente. Quase que um deixar de ser moleque de rua para se transformar num homem de "sociedade". Apesar de não aparecer no livro, a figura do rei é a referência a toda a dinâmica da oscilação do personagem Leonardo, entre o mundo da ordem e o mundo da

<sup>385</sup> *Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes dos Crimes dos Bairros e Outras Autoridades*. Polícia. RJ, Arquivo Nacional, códice 323, Offícios, 1809, vol. 1, pp. 88 v.

<sup>386</sup> Ministro Diogo A. Feijó. *Relatório do Exmo. Ministro da Justiça no Ano de 1831 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1832*. Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82.

desordem. Na observação de Antônio Cândido, “o rei, que não aparece, mas sobrepára como fonte de tudo[...]”<sup>387</sup> Depreende-se da análise de Cândido que, apesar da ética de corte ser apenas incidental no livro, ela está presente como uma sombra, zelando pelo destino civilizatório que irá delinear a trajetória dos personagens:

“Também, socialmente, a ação é circunscrita a um tipo de gente livre modesta que hoje chamariamos pequena burguesia. Fora daí, há uma senhora rica, dois padres, um Chefe de Polícia e, bem de relance, um oficial superior e um fidalgo, através dos quais vislumbramos o **mundo do Paço**. Este mundo novo, despencado recentemente na capital pacata, o vice-reinado era, então, a grande novidade, com a presença do rei e dos ministros[...]”<sup>388</sup>

O mais significativo é que, mesmo ausente do livro, o mundo da cortesia estabelece sua presença, seja se impondo externamente a partir de personagens como o Major Vidigal, seja comparecendo através dos comportamentos que, mesmo próprios de outro universo, ainda assim, têm a civilidade como referência. E se o livro se inicia com “Era no tempo do rei”, ele se fecha com o representante do rei — o Major Vidigal — alçando o personagem principal — Leonardo — ao mundo da ordem, ao permitir sua baixa da tropa de linha e, em seguida, sua nomeação como Sargento de Milícias. O livro conflui, portanto, de alguma maneira, para o universo do rei e de sua corte. O salão, de alguma maneira, fazia sombra à rua.

Tal perspectiva é corroborada pelo cronista, ou melhor, pelo moralista dos costumes (o nosso “La Bruyère”), com o qual já temos alguma intimidade. Trata-se do Padre Lopes Gama, o “Padre Carapuço”, aquele mesmo que, entre 1832 e 1846, despejou sobre a sociedade recifense contundentes críticas aos seus costumes e comportamentos, e que aportaria na corte em 1840, onde permaneceu por alguns meses, tornando-se colaborador do jornal *O Despertador*, com a coluna “O Carapuço na Corte”. Na série de artigos que o padre escreveu, entre agosto e dezembro de 1840, nota-se uma aguda preocupação com a questão da “convivência social”. Apesar de tornar a seus temas preferidos — a crítica dos costumes — percebe-se o padre vivamente preocupado com a questão da política — não a política dos partidos, mas a política do “pacto social”. Por isso, mesmo, Lopes Gama discorre longamente sobre as teorias de Locke, Rousseau, Bossuet e Hobbes no sentido de refletir sobre a sociedade brasileira em formação.

Achando desnecessário apresentar aqui essas reflexões, optei por selecionar aqueles artigos que, embora tenham um pé na questão do “convívio social”, extrapolam o tema e se abrem para mostrar a importância da “etiqueta”, do “bom-tom”, da “cortesania”, das “boas maneiras”, do “decoro” e da “polidez” e seu papel na construção de uma civilidade que tornaria possível o

<sup>387</sup> Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 42.

<sup>388</sup> *Id. ibid.*, pp. 31, 32. (Grifo meu).

“pacto social”; logo, a sobrevivência da sociedade. Tudo isso no sentido de mostrar que, embora olhando para a sociedade urbana da corte, o que o padre vê não é a rua com seus alaridos, suas cores e sua multifacetada dinâmica. Lopes Gama olha a cidade e vê a corte, olha a rua e vê o salão.

Já na sua primeira crônica, Lopes Gama aponta para a importância da **tolerância** na regulação da convivência social, tolerância essa que deve ser vista como um atributo da “etiqueta da cortesania”. Calcado na tolerância, o padre se pergunta se ele como um provinciano, um quase roceiro, teria condições de desvendar os mistérios da sociabilidade, isto é, se gozaria de “critérios” para penetrar os segredos do “bom-tom”, para entender o “teatro” das relações humanas num meio comandado pelo “cerimonial” cortesão.

Mas, deixemos que o cronista fale por si mesmo:

“O Carapuceiro na Corte! [...] Neste grande e magnífico teatro nunca falece cabedal para a laia de carapuças, de barretes, de toucas, bonés e *bêrrés*. Aqui, a cada canto e a cada momento, [...] encontra o ‘Carapuceiro’ matéria-prima de sobejo para o sortimento de sua fábrica. Mas, o que poderá dizer de acertado um pobre provinciano, um quase roceiro na corte? Poderá ele penetrar, com critérios, os arcanos do bom-tom? Poderá fazer rosto do que alcança as delicadezas da moda e, sobretudo, ser-lhe-á dado descortinar os mistérios do grande-tom[...]?

Eis-me na grande capital do Império do Brasil. Sendo a primeira vez que vejo o Rio de Janeiro[...]

[...] Nesta corte (graças ao progresso da civilização) já se experimentam os doces efeitos da tolerância. Embora os cidadãos abracem este ou aquele partido, embora desconformem em opiniões políticas, não é isto parte para que se separem da convivência social e falem ao cerimonial e à etiqueta da cortesania[...]<sup>389</sup>

Insistindo ironicamente na sua faceta roceira, o padre aproveita para criticar àqueles que entendem o progresso dos costumes como uma coisa da esfera da futilidade, do luxo, da exterioridade. Declarando-se ignorante dos profundos mistérios do bom-tom, o que o padre quer de seus leitores é que esses não confundam a “vida de sociedade” com a “vida social” no sentido das qualidades morais a serem desenvolvidas para o progresso da “civilização e das luzes”:

“Quem chega a esta corte, a primeira coisa em que ouve falar é nos bailes — Baile dos Estrangeiros, Baile do Catete, Baile da Praia Grande, Baile de Mata-Cavalos, etc. Em verdade são magníficos os bailes desta corte[...] Que reunião de madamas! [...] Que asseio, que luxo, que espavento! [...]”

Criticando as *toilettes*, os namoricos, o esforço físico ocasionado pelos rodopios das valsas e tudo o que vê pela frente, Lopes Gama insinua que a maior parte das pessoas vê nessas exterioridades o progresso da “civilização e das luzes” e não ali, no convívio social, onde se deveria exercer os verdadeiros vínculos entre os homens. Lopes Gama encerra sua crônica, advertindo para que:

<sup>389</sup> O *Despertador*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 9/8/1840.

“Não se apostemem, não fiquem de quebra comigo alguns de meus ilustres leitores e, mormente, leitoras. Bem sabem que eu sou um pobre roceiro[...] e que assim pensamenteio, provavelmente, por ignorar os profundos arcanos do bem e do grande-tom[...]”<sup>390</sup>

Quase dois meses depois da crônica acima e tendo já voltado para Recife, o nosso “Carapuceiro” publicou a esclarecedora crônica “As Boas Maneiras e a Cortesia”, onde explica com todas as letras o que entende por urbanidade, polidez, cortesia e boas maneiras, e qual o seu papel na hierarquia social. Lopes Gama chega à conclusão que a amabilidade (a tolerância derivada da urbanidade, da cortesia, etc.) é fundamental na manutenção do poder e que de nada adianta as pessoas conviverem no “grande mundo” se elas não reconhecem que no “comércio” entre os homens deve haver cortesia e boas maneiras, e que cada um por si deve saber conter-se para atingir o decoro recomendável ao convívio social.

Ouçamos, portanto, o padre desancar àqueles que se acham “pessoas do mundo”, mas que não passam de “descorteses e grosseiros”:

“A experiência, a reflexão, o estudo e, ainda mais, a benevolência e a bondade de coração, são as únicas qualidades que podem fazer-nos amáveis na sociedade. Qual a razão dos entretenimentos das pessoas do mundo serem de ordinário tão estúpidos, suas visitas tão fastidiosas, senão porque reúnem-se indivíduos que tão pouco se amam e estimam, que apenas se conhecem, e nada tem de bom para comunicar-se? O que se chama o “grande mundo” se compõe, as mais das vezes, de pessoa vãs que julgam nada dever-se reciprocamente e que, privadas da devida instrução, faltas da devida cortesia e boas maneiras, só apresentam dureza e esterilidade e enojo. Só a amizade franca e sincera, só a ciência e a virtude acompanhadas de certo ar de desempeçada urbanidade podem dar vida ao comércio dos homens. Pelo contrário, a ignorância, o ócio, a dureza e os maus modos são causas que fazem pulular tantos indivíduos tolos e aborrecíveis de que estão enxameadas as cortes, as cidades e até os campos.

Considerando de perto as cousas, ver-se-á que, suposto muitos haja que blasonem de cortesia, todavia, mui poucos são os que verdadeiramente podem ser chamados de polidos. Se a verdadeira urbanidade consiste em estar o indivíduo de sobreaviso a fim de nunca molestar o seu semelhante, por descortês e grosseiro deve ser tido todo o homem assomado, imprudente e orgulhoso. Os fátuos, os presunçosos, os cabecinhas leves, quando só se ocupam de ataviar-se, de espinicar-se, [...] de perfumar-se como as damas, os que fazem profissão de *fashionables* e *gamenhos*, ofendem o decoro, faltam à verdadeira cortesia tão grosseiramente quanto as pessoas rústicas e mal-educadas[...]

Muitos há que ostentam altivos e arrogantes, por temor de ser desprezados ou, ao menos, porque desconfiam que não granjearão toda aquela dose de respeito e atenções de que se consideram credores. É mister que um homem se faça valer (dizem eles), o mesmo digo eu. Sim, um homem deve, sem dúvida, fazer-se valer, mas é por meio de qualidades benéficas e amáveis[...]

[...] O cidadão, quanto mais encunhado se vê na hierarquia social, mais afável, mais urbano se deve mostrar para com todos, porque a boa sombra é sempre grata e nunca desdiz do posto mais elevado: o poder só se tolera quando amável e bem se sabe que o amor é coisa que se não pode mandar.

[...] Não há, pois, para que nos ensoberbecamos. Tudo passa, tudo perece, menos a virtude e o verdadeiro mérito[...]

<sup>390</sup> “Os Bailes”, in *O Despertador*. Crônica. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 13/8/1840.



Concluirei dizendo que, assim como o verniz se assenta bem em corpos de certa solidez e dureza, também a cortesia e as boas maneiras só brilham e agradam quando recaem sobre a virtude consistente”.<sup>391</sup>

Essa crônica do nosso zangado padre é, no meu ponto de vista, luminosa no sentido de esclarecer os sentimentos que devem presidir o convívio entre os homens em sociedade. Lopes Gama está a falar para um público para o qual faz sentido suas imprecações contra o “mau uso” da convivência social, pois esse público vive **pela e para** as aparências sociais. O seu apelo ao amor, à amabilidade, à estima, à amizade, à afetividade, enfim, nas relações sociais, mostra bem como numa sociedade de corte inexistente delimitação entre a esfera particular e a esfera pública. Ou por outra, revela como o decoro, a cortesia, as boas maneiras e a urbanidade abeberram-se no comportamento individual e nos costumes. Escutemos, pois, o apelo do padre, não como uma prédica evocadora dos bons sentimentos dos homens, mas como um **discurso político**, chamando seus leitores à ordem e apontando os caminhos da preservação dos vínculos sociais, ou caso se queira, de preservação da própria sociedade. O padre, o que fala, portanto, é uma linguagem particular àqueles grupos que fizeram das relações de cortesia uma forma de dominação e um modelo de ordem.

A crônica que dou a seguir, *A Religião em suas Relações com a Ordem Social*, não me deixa mentir quanto à preocupação do Padre Lopes Gama com a questão do “poder”, da “autoridade”, da “submissão”, da “contenção da paixão”, da “indocilidade” e da “rebelião”. Lopes Gama está definitivamente preocupado, em suas observações sobre os comportamentos e os costumes, com a manutenção da ordem política ou, mais objetivamente, com a Monarquia e o Império do Brasil. Porque padre, obviamente, vê na religião e na religiosidade, além das boas maneiras, um elemento da política que leva à aceitação da autoridade do soberano, por um lado, e a submissão à autoridade, por outro. Neste sentido, Deus é invocado como o primeiro elo da cadeia social, donde se infere que rebelar-se contra a autoridade soberana é levantar-se contra o divino. Deus e rei aliam-se, pois, na construção dos alicerces da sociedade que se estrutura sobre a tolerância nas relações humanas que é a base da “tranquilidade dos Impérios”. Mas, deixemos que Padre Gama invoque o Todo-Poderoso e vejamos como fora da religião, isto é, no reino das paixões e da indocilidade, só o que poderá conter a revolta são “leis mais severas” e uma “polícia mais ativa”. Enquanto os homens não alcançam a “cidade imortal”, aonde supostamente reinaria a harmonia, o negócio é ir vivendo aqui pela Terra, na corte mesmo, com o máximo de “cortesia” possível:

“[...] A nossa submissão se enobrece quando se refere ao monarca supremo que não estabeleceu as relações passageiras de rei, de magistrado, de súdito, senão a fim de preparar-nos para as honras dessa

<sup>391</sup> “As Boas Maneiras e a Cortesia”, in *O Despertador*. Crônica. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 1/10/1840.

**cidade imortal**, aonde se não conhecerá outra distinção que não seja a da virtude[...]

Tal é a idéia que a religião nos dá da política. Neste sistema benéfico tudo se refere aos interesses dos povos. O respeito, a obediência, a fidelidade são para o súdito deveres religiosos, porque a autoridade é uma emanção do poder divino e os monarcas[...] são a “segunda majestade”.

A insuficiência da razão nos faz conhecer a precisão de uma autoridade e a necessidade de uma submissão, mas o que podem contra a ambição e a cobiça as suas frias lições? Pedia a sã política que os povos nunca pudessem atentar contra a autoridade soberana, mas a política por si só não podia criar um dever e ligar as consciências.

Preciso era que a religião prendesse ao trono do eterno o primeiro anel da cadeia social; que mostrasse aos povos os governos, com ministros e imagens da divindade; que desenvolvesse todo o aparato de suas ameaças e promessas, para conter a paixão tão natural e penosa da indocilidade. Só a religião estabelece sobre sólidas bases a tranquilidade dos Impérios, pondo, como disse Bossuet, os governos legítimos na consciência dos súditos e forçando-os a convir que a rebelião não é menos contrária ao nosso interesse pessoal que ao interesse da sociedade.

A religião é o alicerce da sociedade; a irreligião, pelo contrário, desparte os homens, divide os interesses e despedaça, uns após outros, todos os laços que prendem os cidadãos entre si com o soberano. Em verdade, a religião e a legislação mutuamente se ajudam e fortificam; destruída a primeira, cumpre substituir-lhe a influência por leis mais severas e por uma polícia mais ativa[...]”<sup>392</sup>

Como se vê, a harmonia imperante no Reino de Deus, decorrente do amor divino, irá encontrar sua correspondente no reino dos homens, na **cortesia**.

Na crônica seguinte, escrita uma semana depois, o padre torna a bater na tecla da sociabilidade, insistindo no “aperfeiçoamento pessoal” como condição para o convívio social:

“Os defeitos de que ora trato bem se podem definir — a privação das qualidades, que a qualquer um são necessárias para tornar-se caro e ter boa acolhida na sociedade.

Todo homem, pois, tendo positivo interesse em fazer-se agradável às pessoas com quem vive e deve viver, não só está obrigado a resistir às suas paixões desregradadas senão a corrigir-se dos defeitos que podem fazer com que se enfraqueça, a seu respeito, a estima e benevolência dos outros.

Quem há que não seja cego relativamente a seus próprios defeitos? Mas, releva que o homem sociável se estude a si mesmo, que se observe com os mesmos olhos com que é olhado dos outros[...] Destarte, o homem acicado colhe uma vantagem real das imperfeições alheias e aprende a reformar suas ações[...]

O excessivo uso do mundo, a frequência das sociedades, a muita intimidade com os grandes, a demasiada comunicação com o belo sexo, ao passo que servem de civilizar, muitas vezes contribuem para destruir o caráter e corromper o coração[...]”<sup>393</sup>

Que outra coisa não estava querendo o religioso, de construir a imagem do que deveria ser o **súdito** numa Monarquia?

<sup>392</sup> “A Religião e suas Relações com a Ordem Social”, in *O Despertador*. Crônica. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 8/10/1840. (Grifo meu).

<sup>393</sup> “Defeitos e Imperfeições Desagradáveis na Vida Social”, in *ibid.*, 15/10/1840.

Embora lendo os clássicos da formação do Estado e da sociedade modernas que refletiram sobre a formação da **sociedade política** e a constituição de uma autoridade legitimamente consentida através do pacto social, Lopes Gama invoca a virtude, não a do cidadão para a Democracia, mas a do súdito para as obrigações da sociedade de corte, condição crucial para sobrevivência da Monarquia e, por tabela, do Império.

As crônicas do Padre Lopes Gama são tanto mais importantes (assim como os Manuais de Civilidade e os jornais de modas e etiquetas) quanto se sabe que no Brasil não existe, historicamente, nobreza (pelo menos até à chegada da corte), o que, no entanto, não nos livrou dos **ideais aristocratizantes**.

Embora tivéssemos fumaças de nobreza, faltava-nos mais do que seus trejeitos, faltava-nos aquilo que lhe era essencial, o seu *ethos*. A transplantação da hierarquia social para a capital da colônia fez do pertencimento à sociedade de corte mais que um ideal aristocratizante: uma verdadeira “estratégia” de reiteração da hierarquia e de estruturação da rede de poder. Pertencer a essa rede significava, além de uma posição econômica, uma inserção social. Nesse sentido, estar na hierarquia do poder significava dominar um código que faz de um, titular da honra e zelador da virtude real.

A nobreza, segundo o ensaio *Memória sobre a Nobreza no Brasil, por um Brasileiro*, de 1841:

“[...]modifica e tempera a soberania, enquanto, pelo seu esplendor e brilhantismo, habitua o povo a encarar, sem medo, os cintilantes[...] relâmpagos da majestade do trono, ninguém pode duvidar que ela, assim encarada, constitui o mais bizarro apanágio de qualquer governo ou nação.

A nobreza rica de bens inalienáveis[...] deve considerar-se um inexpugnável bastião da Monarquia[...]

A nobreza, unindo essa riqueza inalienável ao prestígio dos privilégios e mais condecorações de honra que costumam ganhar o culto da veneração, aumenta o esplendor do trono do monarca. Este, à feição do Sol, cercado de astros, que são como tantos titulares que lhe fazem a corte, rodeado de homens nobres, por mil títulos credores de respeito, aparecendo diante de seu povo, ganha de seu povo a veneração e homenagem em maior incremento do que se, porventura, ele se apresentasse no trono, circundado de homens sem mérito, sem riqueza[...] Nós estamos acostumados a render um certo culto às exterioridades em uma Monarquia[...]

Se é indispensável ao monarca uma corte, deve ser a mais prestigiosa possível[...]<sup>394</sup>

Para aqueles que sonhavam com título de nobreza e que o ganhariam do rei ou o comprariam, o ideal era aristocratizar-se.

Na tradição brasileira, diferentemente da tradição européia do antigo regime, a nobreza não precedeu, historicamente, a criação de uma elite mercantil. A inexistência de uma nobreza faria

<sup>394</sup> Gama e Castro, José da. *Memória sobre a Nobreza no Brasil, por um Brasileiro*. RJ, Typ. da Ass. do Despertador, 1841, p. 7.

da elite mercantil brasileira, ligada ao mercado externo, uma espécie de aristocracia local. Essa aristocracia terá papel crucial na preservação da ordem e dos interesses metropolitanos, garantindo a reiteração de uma hierarquia a uma só vez diferenciada e excludente.<sup>395</sup>

Portugal, preocupado em preservar a antiga ordem metropolitana, evitou que a colonização tivesse, por consequência, “o fortalecimento de novos grupos e frações sociais fora do controle do antigo regime[...] Se a sociedade e a Economia portuguesa da época moderna são arcaicas, isto se dá enquanto um projeto assumido que tem à sua testa a aristocracia e seus sócios aristocratizantes (os mercadores-fidalgos)”.<sup>396</sup>

Conforme Fragoso e Florentino, se examinarmos o pacto colonial veremos que a própria:

“[...]natureza do projeto arcaizante lusitano não só impedia a constituição de um sólido capital mercantil (e, portanto, de fortes e duradouras companhias monopolistas) como, também, abria espaço para a concorrência intracomerciantes metropolitanos. Oferecia-se, ademais, a possibilidade de gestação e desenvolvimento de poderosas comunidades mercantis nos trópicos, possibilidade esta que contribuiu para a consecução do projeto arcaico metropolitano — qual seja, a apropriação do resultado final do funcionamento da Economia Mercantil Colonial, sem o fortalecimento dos setores burgueses de ponta que pudessem ameaçar a manutenção da velha ordem”.<sup>397</sup>

Nessa “brecha”, gerada pela perspectiva conservadora lusitana, dá-se a configuração de uma hierarquia econômico-social, cuja base se identifica com os agentes ligados à terra, e o topo, com aqueles vinculados às atividades mercantis.<sup>398</sup> O reconhecimento da existência dessa elite mercantil implica no conhecimento da mentalidade dessa camada e seus usos, quer econômicos, quer sociais. É, então, que constatamos que essa elite, em sua ação empresarial, se comporta de maneira a **esterilizar** a riqueza acumulada nas transações mercantis.<sup>399</sup>

Melhor dizendo, de acordo com Fragoso e Florentino:

“[...]as fontes mostram outro traço, aparentemente paradoxal, visto que, de certo modo, nega tanto a lógica empresarial quanto a própria permanência dos grandes comerciantes na elite mercantil. De fato, é expressivo o número de grandes empresas comerciais, cuja existência se restringe a, no máximo, duas gerações. Tudo indica que, depois de trinta anos de funcionamento contínuo, seus responsáveis acabam por abandonar os misteres mercantis, transformando-se, em particular, em rentistas urbanos

---

<sup>395</sup> Fragoso, João e Florentino, Manoel. *O Arcaísmo como Projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro. (1740/1840)*. RJ, Diadorim Ed., 1993, p. 102.

<sup>396</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>397</sup> *Id. ibid.*, pp. 102, 103.

<sup>398</sup> *Id. ibid.*, p. 103.

<sup>399</sup> *Id. ibid.*, p. 105.

e/ou senhores de terras e homens”.<sup>400</sup>

Há, na opinião de Fragoso e Florentino, um “alto desvio de investimentos da produção para um setor que não multiplica riqueza mas, sim, a esteriliza”.<sup>401</sup> Isso significou, concretamente, que uma parte importante dos grandes comerciantes que tinham o Rio de Janeiro como base de seus negócios abandonou a alta rentabilidade dos negócios coloniais (como tráfico de escravos, o comércio de açúcar e café, as companhias de seguro, etc.) para investir seu capital em imóveis urbanos (em chácaras urbanas e na compra de terras), tornando-se, dessa maneira, senhores de homens e coisas, além de rentistas urbanos.<sup>402</sup>

Segundo Iara Lis, “parte destes homens de **grosso trato**, dos grandes negociantes externos e ligados à rede de abastecimento, financiava os gastos de apoio ao Estado, os agrados a funcionários, a filantropia e diversas irmandades, além de um estilo de vida na corte, onde as aparências muito contavam e acabavam por contribuir na definição do lugar do indivíduo”.<sup>403</sup>

Se essa reconversão significou substanciais perdas materiais por um lado, por outro ela indica a **aristocratização** desse grupo através de sua postura tipicamente cortesã: viver de rendas. Estamos lidando aqui com uma visão de mundo que não é, de modo algum, estranha à tradição da Europa do antigo regime. Nesse sentido, afirmam Fragoso e Florentino:

“[...]muito mais do que a busca de segurança, a transformação do grande comerciante carioca em rentista urbano e/ou senhor de homens e terras denotava a presença de um forte ideal aristocratizante, identificado ao controle de homens e à afirmação de certa distância frente ao mundo do trabalho. Nada mais natural, em se tratando de uma elite mercantil forjada em meio a um sistema no qual a realização da produção escravista pressupunha a contínua reiteração da hierarquização e exclusão dos outros agentes sociais. Tratava-se, enfim, de uma estrutura cujo funcionamento tinha como preconditiona a constituição de **relações de poder**”.<sup>404</sup>

Está aí a chave para a compreensão do desejo de aristocratizar-se: **ter poder**. Poder esse que acabava se convertendo em riqueza de novo.

---

<sup>400</sup> Fragoso, João e Florentino, Manolo. *O Arcaísmo como Projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro. (1740/1840)*. RJ, Diadorim Ed., 1993. Para uma análise da trajetória e do comportamento dessa elite mercantil, ver: Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, capítulo 2. Ver, também: Gorenstein, Riva e Martinho, Lenira M. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. RJ, SMCT/DGDIC, 1993, parte 2, capítulo 4.

<sup>401</sup> Fragoso, João e Florentino, Manolo. *Op. cit.*

<sup>402</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>403</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Op. cit.* (Grifo meu).

<sup>404</sup> Fragoso, João e Florentino, Manolo. *Op. cit.*, p. 107. (Grifo meu).

Abrindo mão de sua posição econômica, parte da elite mercantil, embalada no sonho aristocratizante, galgou posições sociais, estruturadas sobre o poder e seus derivados, a honra e a respeitabilidade pública, transformando o “desejo de nobreza” numa espécie de segunda “natureza” desse grupo. É assim que, ao se aproximarem do rei, os membros dessa elite foram se transformando em “homens de corte”, “ao serem lisonjeados com títulos, mercês, honrarias, nomeações, condecorações, tenças e serventias de ofícios[...]”<sup>405</sup>

Por não ter seu lugar na sociedade determinado exclusivamente pelo critério da fortuna e extensão de seus negócios, é que era de suma importância para os negociantes de “grosso trato” adotar um certo estilo de vida, assim como associar-se à Coroa e envolver-se com entidades religiosas e assistenciais da cidade. O prestígio pessoal angariado, a partir daí, seria definido pelos títulos e honrarias recebidos e pela ocupação de altos postos na administração, nos corpos de milícias e nas irmandades religiosas.<sup>406</sup> Conforme o estudo realizado por Riva Gorenstein sobre os negociantes que mais se destacaram no período joanino, seja nos negócios, seja na vida política e social da corte, pode-se concluir que “o negociante abastado e com pretensões sociais procurou adotar um estilo de vida semelhante ao da nobreza do Paço. Passou a adquirir imóveis e objetos de luxo (valores de uso) compatíveis com um gênero de vida condizente com a posição social a que aspirava na sociedade carioca”.<sup>407</sup>

Aspirando por posições sociais que lhes conferissem mais honrabilidade, aqueles que estavam mais próximos de se configurarem numa burguesia mercantil carioca redirecionam seu destino, trocando o negócio pelo ócio. Era como “ocioso”, isto é, como senhor de cabedais, rendas, coisas, homens, animais, almas e destinos, justamente que esses homens de “grosso trato” queriam figurar. Do negócio queriam o seu mel, em forma de ócio, para gozarem da plenitude de não estarem ligados ao mundo por aquilo que o materializava — o trabalho — mas por aquilo que o espiritualizava — a virtude... de ser um homem cortês. A “quase-burguesia” procurava espantar de si todas as marcas que remetiam para o mundo vulgar do trabalho, enobrecendo-se e constituindo-se em parcela do topo da hierarquia social.

Embora se afastando dos negócios coloniais, essa elite mercantil não jogava para perder, pois apostara na “natureza arcaizante”<sup>408</sup> de seu projeto de vida e constatava que, apesar da cada vez

<sup>405</sup> Souza, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, pp. 58, 59.

<sup>406</sup> Gorenstein, Riva e Martinho, Lenira M. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. RJ, SMCT/DGDIC, 1993, parte 2, capítulo 4, p. 189.

<sup>407</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>408</sup> Fragoso, João e Florentino, Manolo. *O Arcaísmo como Projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro. (1740/1840)*. RJ, Diadorim Ed., 1993, p. 109.

mais intrincada vinculação da economia colonial ao mercado exterior, de feições mais e mais capitalistas, esse arcaísmo servia como pano de fundo viabilizador de seu projeto.<sup>409</sup>

Fácil é concluir-se daí porque, mirando a cidade, viam a corte. É que, mesmo tendo se tornado o ponto nevrálgico de todo o sistema colonial (circuito econômico, mercantil, burocrático, etc.), a cidade, na medida que não é vista por essa elite como fonte de seu poder, nem como base de seu projeto de ascensão social, é desinvestida de desejo. Ou por outra, apesar da cidade já configurar-se como um campo de poder em si mesma — lugar da acumulação, da dominação e da disputa por e pelo poder — essa força estiola-se diante da sombra que a corte lhe faz. Na medida em que o capital mercantil contribui decisivamente para a formação e contínua reiteração de uma hierarquia rural,<sup>410</sup> os ideais aristocráticos passam a ser aquilo que darão coerência ao desejo de arribar às posições de honra e respeito na sociedade. A cidade aparece, então, para esses senhores, unicamente como a possibilidade de viver fora do mundo dos negócios, tornando-se rentistas urbanos e consumidores de seus luxos. Ter renda, viver de renda, é a porta de entrada para o mundo da aristocracia.

Estamos diante do imaginário de um grupo que, procurando se “desfazer” da materialidade que define sua posição na sociedade, investe na sua nobilitação no afã de “sofisticar a vida, melhor dizendo, de estilizá-la, de lhe conferir formas simples, pujantes e belas as de um estilo”.<sup>411</sup> Sendo o nobre, acima de tudo, o seu título, aquele que assume a nobreza procura se desencarnar do seu eu **persona** que o liga ao mundo, incorporando o **personagem**. Do domínio das Artes, o **personagem**, aquele que não tem intimidade, escapole ao mundo concreto para ser só **teatralidade**.<sup>412</sup>

Apropriado pelo título, o nobre torna a honra, em toda a sua dramaticidade teatral e na sua intangibilidade, o seu maior **bem**. A honra passa a ser “moeda” de troca com o mundo, porque ela não tem preço, mas “vive do apreço e está no teatro das apreciações”.<sup>413</sup> Acumular honra, em sua ação “virtuosa” na sociedade, passa a ser a nova forma da **fortuna** daqueles que galgam o mundo da aristocracia, na medida em que “ter apreço não é a mesma coisa que ter preço”.<sup>414</sup>

Isso explica porque, mesmo habitando a cidade, o aristocrata se sinta vivendo na corte. É porque

---

<sup>409</sup> Fragoso, João e Florentino, Manoel. *O Arcaísmo como Projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro. (1740/1840)*. RJ, Diadorim Ed., 1993.

<sup>410</sup> *Id. ibid.*, p. 107.

<sup>411</sup> Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993, p. 24.

<sup>412</sup> *Id. loc. cit.* (Grifos meus).

<sup>413</sup> *Id. ibid.*, p. 25.

<sup>414</sup> *Id. ibid.*, p. 26.

a cidade não lhe diz respeito, não lhe dá aquilo que é o princípio do seu poder: a honorabilidade derivada de um estilo de vida.<sup>415</sup> Por se ver reconhecido apenas no outro, um igual a si, o nobre está obrigado o tempo todo à teatralização de sua vida; e o único teatro possível, para a dramatização da honra que lhe é reservado, é a corte.

Para que se descortine a cidade em meio a tantos veludos, sedas, cetins e outras tramas tão preciosas, seria preciso primeiro tirar o manto que encobre tanta realeza. Só, então, veríamos que o homem cortês, debaixo de tanto aparato, jaz nu. Enquanto isso não acontece, a cidade espera na sombra, acumulando força, esperando ser evocada, desejada, para “cumprir o seu papel” no drama da civilização.

---

<sup>415</sup> Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993, p. 48.



## ENTREATO

(s.m. theat. 1. Intervalo entre os atos de uma peça. 2. Pequena cena dramática ou musical que se representa nesse intervalo. Holanda, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.)

### ▪ Teatro: Escola de Costumes e Cidadania

Estou aqui abrindo uma espécie de brecha entre dois capítulos para analisar um momento muito particular da experiência da convivência, que é o momento em que a cidade passa a ser percebida como um fator estruturante do convívio e do comportamento dos grupos sociais. Sendo assim, minha intenção é captar nesse Entreato o instante em que a cidade assoma o discurso e se torna objeto das múltiplas representações que pretendem dar conta da experiência da vida social.

A idéia de um Entreato, conforme a definição acima, é proposital, porque ela tanto tem a ver com um intervalo entre dois momentos, ou seja, uma espécie de passagem de uma situação para outra, quanto com um momento dramático, onde algo novo começa a se evidenciar.

Não só por isso me agarrei a essa idéia de Entreato. É que vou tratar aqui, basicamente, de teatro, seja como uma metáfora das formas da sociabilidade, seja como um “lugar” da vida pública que se tornou uma verdadeira “[...]escola dos costumes e da polidez, verdadeiro espelho da vida, o mais decente e agradável dos divertimentos públicos”.<sup>416</sup>

João Caetano, considerado nosso primeiro grande artista dramático, dizia do teatro que “[...]bem organizado e bem dirigido, deve ser um verdadeiro modelo de educação, capaz de inspirar na mocidade o patriotismo, a moralidade e os bons costumes”.<sup>417</sup>

Segundo um viajante inglês que, em 1813, morou no Rio de Janeiro, “nas peças que se representavam, ridicularizavam-se as maneiras, vícios, dialeto e outras peculiaridades da colônia, o que corrigiu o gosto do público”.

---

<sup>416</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, 1827.

<sup>417</sup> Citado por Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 27.

O teatro era, portanto, uma escola para a vida pública e, justamente por isso, funciona como um belo exemplo de comportamentos novos (que se querem adquirir) e velhos (que se querem abandonar). Se, logo da chegada da corte, o teatro trabalhava para espanar os velhos hábitos coloniais, com a experiência da urbanização ele trabalha na direção do aperfeiçoamento da urbanidade.

Martins Pena, tido como o pai do teatro brasileiro, foi o teatrólogo que, no período de 1838 a 1848, encarnou nas suas comédias e farsas o novo espírito citadino que se insinuava no coração da vida da corte. É pela pena de Martins Pena que a cidade é concebida pela primeira vez, não mais na sua condição física, mas como objeto de discurso, o que é algo completamente diferente, pois uma coisa é a cidade concreta e outra coisa é o discurso sobre a cidade, isto é, a sua invenção como categoria social. Apesar da cidade existir antes do discurso ela, no entanto, só se torna uma “questão”, um “problema”, um “tema”, quando é recriada como objeto de discurso.

Retratado como a corte, cenário da experiência cortesã, lugar da cortesia, o Rio de Janeiro era visto e descrito, principalmente pelos viajantes que por aqui passavam, na sua materialidade de pedra. O espaço por onde circulavam os personagens da “cena cortesã” era representado a partir da sua condição de cenário como se fosse o papel de uma cidade que sedia a vida de corte. É lógico que vista mais demoradamente a cidade revelava sua complexidade, mas o olhar dos observadores ainda não se armara para contemplar o que estivesse fora da zona de brilho da luminosidade da realeza. É por isso, então, que se tomarmos as descrições do Rio de Janeiro desse período, seja de autores nacionais, seja de estrangeiros, o que teremos é, preponderantemente, uma descrição da cidade recheada pela alusão à sua geografia e aos efeitos sócio-econômicos de sua implantação no espaço. É uma espécie de “crônica da pedra”, pois não basta que haja a cidade e nem dela se falar para que ela exista além da sua condição mineral de pedra. Não é bastante cingir-se à materialidade da cidade para fazê-la existir. Para que ela exista é necessário nomeá-la, é preciso tirá-la da sombra, destituí-la de sua natureza mineral e torná-la fluxo discursivo. É preciso lhe conceber aquilo que o poeta vai chamar de alma. Numa palavra, para que a cidade exista é necessário, além de pisar o seu chão, tematizá-la, torná-la objeto numa cadeia discursiva.

Martins Pena, com sua ficção, é dos primeiros a desmineralizar a cidade e lhe dotar de uma outra natureza, diferente daquela da pedra. Ao tornar a cidade um objeto de discurso, através principalmente da criação de seus tipos urbanos (o funcionário público, o negociante, o vigarista, o policial, etc.), Pena lhe injeta a vida necessária a se tornar suporte de um novo imaginário que vê, no convívio urbano, o elemento estrutural de ordenação da sociedade.

Estamos tratando, portanto, da passagem da cidade da condição de cenário para a condição de suporte da existência humana. Uma coisa é a cidade como **cenário** da experiência cortesã, outra coisa é a cidade como fator de socialização. Esse deslocamento indica que a dinâmica social vai deixando de ser contida pelos padrões da cortesia, para abrir-se à convivência com novas formas de sociabilidade que repousam na experiência urbana.

Martins Pena talvez tenha sido o primeiro a captar esse deslocamento, compondo com sua obra o que pode ter sido a primeira forma de interpretação do papel da cidade na configuração de uma sociabilidade. A obra de Pena há de nos servir, pois, de Entreato como uma “pequena cena dramática” que se representa no intervalo entre uma crônica da pedra e aquilo que seria a crônica urbana.

E é nesse sentido de intervalo que, me parece, a obra de Martins Pena deve ser vista. Apesar de ser o primeiro a colocar a Cidade do Rio de Janeiro “em cena”, Martins Pena, como vimos páginas atrás, ainda está imbuído do espírito de corte no sentido deste ser a representação do estágio civilizatório alcançado pela sociedade brasileira. Por isso, apesar da cena urbana que brota das comédias do autor, o substrato da sua criação repousa sobre um seu desejo de elaborar uma noção de Brasil, onde **a civilização é representada pela corte, e o atraso, pela roça**. Ao opor a corte à roça, Pena o que quer é ressaltar a necessidade de se superar certos costumes, certos hábitos, frutos da ignorância, produtores de desordem e incivilidade. Para Martins Pena, a cidade, envolta pela atmosfera de civilidade da corte, é o lugar da diversão, da alegria e do aperfeiçoamento e refinamento dos costumes. Talvez seja por isso que Pena “confunda” corte e cidade e, ao criar uma dualidade para caracterizar o civilizado e o não-civilizado, estabeleça diferenças não entre campo e cidade, mas entre roça e corte.

Pena é um convite para entrar na cidade, mas uma cidade que é capital de um Império e que tem como governante um Imperador. É, quiçá por isso que, em várias peças suas, ou a corte é o horizonte que cintila ao longe (assinalando o despropósito de certos costumes e práticas roceiras) ou no caso da presença dos roceiros na corte a corte é o lugar da civilização (onde o roceiro deve se espelhar para superar sua natureza “primitiva”).

Para ninguém mais do que Martins Pena, o teatro foi a escola de costumes para a cidadania. Envolvido com o movimento romântico e sua concepção nacionalista de cultura, Martins Pena desponta num momento histórico (pós-Independência), quando a Nação procura se consolidar como instância unificadora de valores e costumes de um mesmo território. Por isso, sua galeria de tipos pontuada por personagens que vão do roceiro ao acadêmico formado na Europa. Através desses personagens, o teatrólogo estabelece uma ponte entre a roça e a corte e entre a corte e o mundo civilizado, abrindo caminho tanto para a redenção do roceiro a partir de sua adesão aos

ideais de corte quanto para integração do Brasil no concerto das nações, a partir de sua definição como uma Nação entre as nações.

A cidade é, portanto, para Pena, muito mais que um cenário, é o lugar aonde, graças à civilidade, o nacional se projeta para o mundo. O Rio de Janeiro de Martins Pena, sobre ser a corte, é também o lugar da urbanidade e da nacionalidade.

É na Cidade do Rio de Janeiro, por conseguinte, que se opera a síntese das transformações porque passava a sociedade brasileira e que foi muito bem definida por Joaquim Nabuco no seu livro *Um Estadista do Império*, quando este retrata a volta do pai à cidade (1843), da qual partira havia muitos anos:

“Como tudo estava transformado! Entre a corte do Primeiro Reinado que ele conhecera menino e a que vinha encontrar homem feito tinham mediado grandes acontecimentos. Uma nova camada social alastrava tudo, o próprio Paço, as antigas famílias, o resto da sociedade que se reunia em torno de D. Pedro I; agora tratavam de ocultar, do melhor modo que podiam, sua irremediável decadência. Aquela sociedade, em uma palavra, desaparecera, com seus hábitos, sua etiqueta, sua educação, seus princípios e os que figuravam agora no fastígio eram, ou os novos políticos saídos da revolução, ou os comerciantes enriquecidos. Tudo o mais recuava para o segundo plano; a política e o dinheiro eram as duas nobrezas reconhecidas, as duas rodas do carro social”.<sup>418</sup>

Nabuco retrata um mundo — o da corte — (“com seus hábitos, sua etiqueta, sua educação, seus princípios”) que se ia findando, porque outro lhe tomava o lugar, com novos hábitos, sem etiqueta, outra educação, diferentes princípios. Nabuco, refletindo sobre a experiência do pai, nos introduz na cidade e nas novas significações que a vida de corte ia tomando. É esse momento específico de transformação que o teatrólogo capta e dá vida através de suas comédias e farsas.

Deixemos de lado aquilo que fala da obra de Martins Pena e entremos no seu mundo para melhor conhecê-lo.

---

<sup>418</sup> Citado por Mattos, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, DF, 1987, pp. 79, 80.

## ▪ Em Cena com Martins Pena

Como já vimos, podemos dividir a produção teatral de Pena em dois períodos — antes e após 1840 — que se caracterizam: o primeiro período, pela temática da **roça**; e o segundo, pela temática da **corte/cidade**.

Nas peças da primeira fase: *O Juiz de Paz na Roça*, de 1838; *A Família e a Festa na Roça*, de 1840; e a inacabada *Um Serfanejo na Corte* (1840?); e, mesmo, na *O Dileitante*, de 1844, Pena constrói uma representação da roça e do roceiro para contrapô-la a da corte/cidade e do homem polido/homem urbano. Assim, no *O Juiz de Paz da Roça*, embora a corte só apareça ao longe, ela é o lugar da beleza, do divertimento, do teatro, da mágica, é o lugar para o qual o roceiro almeja fugir levando a namorada. Contrastando com a corte, a roça é apresentada como o lugar da mesmice e, principalmente, da ilegalidade, praticada pelo próprio Juiz de Paz que utiliza seu poder de juiz para tirar proveito para si. Observa-se, pois, que quanto mais se afasta da corte, mais a civilidade falha. Ao colocar a corte como “ponto de fuga” da peça, Pena o que faz é ressaltar seu papel como referência da civilidade e da ordem, deixando à roça o avesso desses atributos.

Na peça *A Família e a Festa na Roça*, a cena outra vez se passa na roça. Quitéria, filha do senhor da fazenda está prometida ao matuto Antônio Pau D’Alho, mas gosta mesmo é de Juca, filho do fazendeiro vizinho que foi mandado para a corte para estudar Medicina. Voltando à casa paterna, Juca faz planos para se casar com Quitéria, uma vez que, pensa ele, por um lado, se na cidade há muitas moças bonitas, por outro, elas estão unicamente interessadas na fortuna, no ordenado e na herança dos homens e não querem casar com qualquer um: “[...]e por que tudo isto? Porque o pobre coitado não tem dinheiro bastante para, depois de casado, levá-las ao Baile dos Estrangeiros, do Catete, ao teatro, às partidas, e cada vez com um vestido novo, porque é feio e fica mal andar duas vezes com o mesmo vestido”.

De acordo com a análise que Vilma Arêas faz dessa comédia, “o monólogo de Juca dá o verdadeiro mote da peça — a oposição cidade/roça, moça roceira/moça da cidade, amor puro/amor interessado, o monólogo discute tais oposições”.<sup>419</sup> O personagem Juca, continua Vilma Arêas, é “o inverso de Antônio: o primeiro, elegante e culto; o segundo (caracterizado a partir do próprio ridículo), muito sujo, descalço, trouxa pendurada na espingarda, põe as botinas em cima da mesa, e assim por diante. Ao articulado e racional discurso de Juca, opõe Antônio dois tipos de reação: ou nada responde[...] ou, representando no centro da cena, exterioriza total

<sup>419</sup> Arêas, Vilma. “Martins Pena: um Crítico Social”, in Nunez, Carlinda F. P. et alii. *O Teatro Através da História*. RJ, CCBB/Entourage Produções Artísticas, 1994, 2 vols, p. 56.

incompreensão do que presenciara na cidade”.<sup>420</sup>

O relato que o matuto Antônio Pau D’Alho faz da cidade, aonde estivera por uns tempos, para Quitéria e seus parentes surpreende pela ignorância e incapacidade do personagem decifrar o que lá vira e que Pena maliciosamente figura ser um mágico em ação no teatro. Ao apontar o lado “mítico” da percepção que o roceiro tem da realidade, o teatrólogo põe em cena a racionalidade de Juca, típica da vida urbana. E é justamente ancorado nessa racionalidade que Juca vai ludibriar o pai de Quitéria, fazendo com que ceda a mão de sua filha a si, e não ao roceiro. Trata-se da cena em que Juca, combinado com a namorada, a “ressuscita” de fingido desmaio (morte), representando com êxito a figura do grande médico, aos olhos da família da moça.

Segundo Vilma Arêas, “na realidade, o ardil para vencer o obstáculo e sua encenação significam oposição à misticidade e conformismo caipiras, presentes no aforismo de Domingos João, introduzido na primeira cena: “o que não tem remédio remediado está”. Juca trabalha o aforismo na prática, isto é, na ação da comédia que pode ser interpretada como negação dele”.<sup>421</sup>

É sob o signo da negação da roça — embora preze alguns de seus valores como a simplicidade, a pureza, a honestidade que irão caracterizar o roceiro — na sua condição de lugar da ignorância e incivilidade que Martins Pena faz seus personagens experimentarem a vida urbana e seus conflitos, para que possam entender a diferença entre o mundo da ordem (a cidade) e o mundo da desordem (a roça).

Contribuindo para a compreensão e modificação da realidade, o teatro de Martins Pena investe na reformulação dos ideais de decoro público a partir da crença na educação como fator de integração à sociedade.<sup>422</sup> Na comédia que restou inacabada, *O Sertanejo na Corte*, por exemplo, a carência de educação aparece como um dos motivos da desordem. Tobias, o roceiro mineiro que vai à corte, é ignorante das modernas coisas da cidade e é facilmente enganado. O negociante Pereira, que o recebe em sua casa, se espanta de vê-lo tão ignorante:

“E que tal o quadrúpede! Chamar seges de casinhas e piano, bicho! Há ainda muita estupidez! O que não vai por estes vastos sertões que cobrem grande parte do Brasil! Não admira que este pense que piano é um bicho, quando outros crêem no reino encantado de João Antônio, em Pernambuco. Enquanto instituições sábias não melhorarem a educação de grande parte dos brasileiros, os ambiciosos terão sempre onde se apoiar[...] Desgraçada da nação cujos povos vivem na mais crassa

<sup>420</sup> Arêas, Vilma. “Martins Pena: um Crítico Social”, in Nunez, Carlinda F. P. et alii. *O Teatro Através da História*. RJ, CCBB/Entourage Produções Artísticas, 1994, 2 vols,

<sup>421</sup> *Id. ibid.*, p. 57.

<sup>422</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 37.

A ignorância \* não era atributo apenas de escravos e homens livres e pobres, ela era uma marca da sociedade brasileira, por isso um dos elementos que avultam das peças de Pena é justamente o desejo de influir na formação moral e intelectual do povo. O teatro de Martins Pena tem, pois, uma clara função didática, ao fazer dos costumes da cidade o motivo vivo de suas comédias.

Essa espécie de “lição de moral” que cada uma das pecinhas de Pena encerra em si é muito sugestiva de como o autor vê o desenrolar da sociabilidade, num meio que está experimentando novas formas de convívio, a partir da importância que a experiência da civilidade, da urbanidade, da racionalidade e da cultura vai ganhando aos olhos de todos. Explorando várias facetas da vida urbana, como os conflitos no interior de uma família por falta de moradias para os jovens recém-casados que moram com os pais (*Quem Casa, Quer Casa*), a “viração” de certos personagens que, para ganhar dinheiro, fingem-se de irmão das almas e saem a pedir esmolas (*Os Irmãos das Almas*); as malandragens de um caixeiro para casar-se com sua patroa e tornar-se seu sócio (*O Caixeiro da Taverna*); o tema do namoro e os interesses materiais em torno dos casamentos (*O Judas em Sábado de Aleluia*); etc., Martins Pena deixa implícita a necessidade de um “arreglo” que funcione como ordenador das relações que se desenrolam no cenário urbano.

O teatro é, sem dúvida, um dos lugares aonde a pactuação é definida e levada a cabo, basicamente, porque ele se transformou numa espécie de espaço público sujeito a todo tipo de manifestações, desde as torcidas adversárias que defendiam, cada qual, a sua atriz predileta, até manifestações de caráter cívico-política que irrompiam durante o espetáculo e extravasavam para as ruas. Justamente por ser, à época de Martins Pena, o lugar por excelência aonde se “exteriorizava” a opinião (juntamente com a imprensa, apenas que não era preciso ser

<sup>423</sup> Ventura, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983, p. 54.

\* Durante todo o período da colônia, a proibição da instalação de tipografias fez com que a imprensa praticamente inexistisse entre nós, até 1808. Além disso, o controle à circulação de livros (leitura perigosa e subversiva) e a inexistência de escolas e faculdades criavam um ambiente pouco propício à cultura, no seu sentido mais amplo e, particularmente, inóspito à tradição de racionalidade que vinha do Cartesiano e que seria fundamental para a estruturação do pensamento científico. O folheto publicado, em 1822, intitulado *Plano em que se Dão as Idéias Gerais de Educação e se Mostra o Estado em que Ela se Acha no Brasil*, dá bem a idéia do estado da educação do país, até então: “Se olharmos o estado de degradação em que se acham as Letras, nós nos devemos cobrir de luto e chorar a desgraça de nossa Pátria; a falta de estabelecimentos literários, colégios em que se ensinem, com ordem e método, os princípios das Ciências e das Artes em um Reino que, já pela sua grandeza, já pela sua população e riqueza, tem todo o direito de exigir estes e semelhantes estabelecimentos; olhemos as cidades principais do Brasil: apenas em algumas descobrimos um ou outro colégio, cuja educação é meramente eclesiástica, em que a teologia de ordinária é o que mais se ensina, quando já pela sua dificuldade e delicadeza devia, sem dúvida, ser a última[...]” Citado por Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. SP, Ed. Ática, 1996, p. 135.

alfabetizado para se ir ao teatro), é que podemos tomá-lo como o microcosmo das experiências de sociabilidade que vinham sendo ensaiadas e aonde transpareciam as contradições e conflitos de uma sociedade hierarquizada. Funcionando no princípio como uma espécie de “arena política”, ao fazer eco ao nacionalismo que se dissemina pela sociedade o teatro vai, aos poucos, encontrando os seus **temas locais** e transformando em objeto os conflitos que emanam das ruas, com o seu séquito de paixões.

Ao introduzir o tema da cidade, ao opor a cidade à “desordem” da roça, e ao fazer seus personagens passarem pelos mais diferentes conflitos, a fim de reencontrarem o eixo ordenador da sociabilidade, Martins Pena revela-nos uma cidade que é a “personificação do social”.<sup>424</sup>

Em outros termos, a cidade em Pena começa a ser compreendida como parte integrante e, mesmo, fundadora do social. Por isso, mesmo, Pena prenuncia a necessidade de um “pacto urbano”, isto é, um “arreglo” a partir da cidade, de forma que seus personagens, pelo próprio aprendizado do decoro social, adiram às novas formas de sociabilidade e a legitimem. A constituição de um “arreglo urbano” é, portanto, o mote a partir do qual os personagens de Pena teatralizam o cotidiano carioca, até que sobre eles se abata a ordem, repondo o decoro e instituindo a moral.

---

<sup>424</sup> Ver: Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, capítulo 15: “Gente na Cidade”, p. 227.



## CAPÍTULO IV

### CENAS PRIMORDIAIS. IMAGENS DA CIDADE

#### 4.1 - O Corpo do País

Viajar! Navegar é preciso...

Na alvorada do século XIX, o Brasil, pelas mãos dos viajantes estrangeiros, é “redescoberto”. O “Paraíso Terreal” de que nos fala Sérgio Buarque, em sua obra *Visão do Paraíso*, vai se configurando, pela narrativa dos novos Cabrais, numa paisagem que, antes de se materializar em carne e pedra, se concretiza na tinta e no papel. Gêmeas do mesmo parto, nascem a paisagem e a literatura brasileira.

Significativamente, foi um viajante estrangeiro — Ferdinand Denis — que, deslumbrado pela paisagem exótica das matas americanas, conclamou os brasileiros a redescobrirem sua terra, transformando a matéria bruta da paisagem em literatura.

Em Paris, um grupo de intelectuais brasileiros aceitou o desafio e lá, mesmo, lançou a revista manifesto *Nichteroy* (1836), exortando o conhecimento do país através de sua descrição, na configuração de uma literatura nacional.<sup>425</sup>

Para se revelar, no entanto, essa literatura precisará, antes de tudo, redescobrir o país, explorando-o, apalpando sua topografia. E é esse caráter de exploração e levantamento, argumenta Antônio Cândido, que dará “à ficção romântica, importância capital como tomada de consciência da realidade brasileira no plano da arte: verdadeira consecução do ideal de nacionalismo literário, proclamado pela *Nichteroy*”.<sup>426</sup>

Viajar é preciso...

Nosso romance nasce com fome de espaço, continua Antônio Cândido, por isso seu caráter de

---

<sup>425</sup> Meyer, Mariyse. “Um Eterno Retorno: as Redescobertas do Brasil”, in Leôncio M. Rodrigues *et alii*. *Trabalho e Cultura no Brasil*. Recife, PE, ANPOCS/CNPq, Brasília, DF, 1981, pp. 267-268.

<sup>426</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 101.

exploração e levantamento da realidade nacional que irá abarcar os espaços em que se desenvolve a narrativa: cidade, campo e selva. “Essa vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva do território”,<sup>427</sup> conclui o crítico. O romance brasileiro se origina da tomada de consciência, no plano literário, do espaço geográfico e social do país.<sup>428</sup> É pisando nesse chão brasileiro, nessa “paisagem ‘só-natureza” que será possível “fixar literalmente a paisagem, os costumes, os tipos humanos”.<sup>429</sup>

Flora Sussekind refere-se, mesmo, a um *topos* de que se serviriam escritores e historiadores para uma verdadeira fundação artística da nacionalidade e de uma história da literatura nacional.<sup>430</sup>

O Brasil, portanto, é um lugar. Um lugar para o qual se vai, se viaja. E tanto se viaja a pé e em lombo de mula quanto na imaginação, na ficção. E a viagem é uma compulsão, uma necessidade inadiável, num país que, agora independente politicamente, precisa dar palpabilidade a seu corpo. Passara o tempo em que nossos poetas sonhavam com os pastores da Arcádia e viam o mundo pelos olhos da Mitologia grega.

Conforme Gonçalves de Magalhães, um dos criadores da revista *Nichteroy* e considerado, por muitos, o criador da literatura brasileira:

“A poesia brasileira não é uma indígena civilizada, é uma grega vestida à francesa e à portuguesa e climatizada no Brasil; é uma virgem de Hélicon que, peregrinando pelo mundo, estragou seu manto, talhado pelas mãos de Homero e, sentada à sombra das palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da Pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da Castália, o trépido sussurro do Lodon e do Ismeno, toma por um rouxinol o sabiá que gorjeia entre os galhos da laranjeira. Enfeitiçados por esse nume sedutor, por essa bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus cânticos e olvidaram as simples imagens que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia”.\*

Agora, para se ter um país, era preciso descobrir-lhe o corpo. Tarefa difícil, em se tratando da imensidão a ser palmilhada e conhecida. Para se ter um país era preciso pôr o pé na estrada, viajar e ir traçando-lhe o corpo através do inventário de sua população, *mores* e coisas, expresso nas pinturas de paisagens, no levantamento de dados populacionais, no conhecimento da fauna e da flora, na identificação das virtualidades econômicas, na confecção de mapas, etc.<sup>431</sup>

<sup>427</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2.

<sup>428</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>429</sup> *Id. ibid.*, p. 102.

<sup>430</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 16.

\* Magalhães, D. J. Gonçalves. “Opúsculos Históricos e Literários”. Citado por Coutinho, Afrânio, in *A Tradição Afortunada (O Espírito de Nacionalidade na Crítica Brasileira)*. RJ, Livraria José Olympio Ed./EDUSP, SP, 1968, pp. 76-77.

<sup>431</sup> *Id. ibid.*, pp. 40, 60.

Era preciso viajar em busca de uma singularidade que expressasse a imagem do novo país que se independizara. Viajar para “redescobrir” o Brasil, dar “[...]partida para a inscrição de tais locais descobertos no ‘mundos dos brancos’, dos mapas, do tempo histórico”.<sup>432</sup> Viajar, porque só o viajante pode retirar o lugar a que chega de seu estado de natureza e o entregar à civilização.<sup>433</sup> E é graças a essas expedições pelo país adentro que vem à tona uma “rede de notas descritivas, pranchas, mapas”, etc. que servirão (já vimos no Capítulo I) como matéria-prima para que nossos primeiros escritores românticos, que pouco viajam, possam delimitar uma paisagem nacional <sup>434</sup> que, quanto mais for “paisagem-só-natureza”, mais terá a cor local.

É assim que, com um pé no presente e outro no passado, os primeiros passos dos ensaios de ficção no Brasil (a novela dos anos 30 do século XIX) afundam-se numa geografia, onde a Nação-mapa <sup>435</sup> era uma meta, e o narrador, condenado a viajar.<sup>436</sup> Ao **narrador** cabe, portanto, a função de descobrir, de dar arribada a uma paisagem ainda desconhecida que justificasse, com sua descoberta, a consolidação do país, a consolidação de um Estado-Nação.<sup>437</sup> Isso, numa época em que o **corpo político** da Nação corria o risco de dissolver-se, diante das lutas intestinas que sacudiam o país, tornando-se fundamental na preservação do Império e da Monarquia recuperar o seu **corpo físico** pela construção de uma imagem da sua unidade territorial.

A reafirmação da paisagem brasileira passa a ser “obrigatória” em toda viagem/escritura, matas adentro ou literatura afora.<sup>438</sup> É afundando as mãos nesse corpo-Brasil e apalpando suas sinuosidades — como quer Cândido — que vamos vendo se delinear uma paisagem singular, a qual os romancistas chamarão de Brasil. E a força dessa paisagem é tão marcante, seja na constituição de uma literatura nacional, seja na definição de uma temática brasileira, que é como se ela barrasse a narrativa histórica,<sup>439</sup> fazendo com que nessa conjuntura só haja lugar para a dimensão geográfica da paisagem.

O compromisso dos viajantes-narradores, da primeira metade do século, com **as origens naturais** só irá se transformar em compromisso com **as origens históricas** (“a busca de origens, gestações, fundações[...] genealogias obrigatórias a serem acopladas aos exercícios cartográficos”) na

---

<sup>432</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 13.

<sup>433</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>434</sup> *Id. ibid.*, p. 63.

<sup>435</sup> *Id. ibid.*, p. 187.

<sup>436</sup> *Id. ibid.*, p. 72.

<sup>437</sup> *Id. ibid.*, p. 39. (Grifo meu).

<sup>438</sup> *Id. ibid.*, p. 126.

<sup>439</sup> *Id. ibid.*, p. 174.

década de 40, quando a prática novelesca tiver se estabilizado.<sup>440</sup> Para se passar do exercício de um “paisagismo naturalístico” para um “paisagismo histórico”<sup>441</sup> foi necessário que o romancista brasileiro, que vinha se delineando em diálogo com as narrativas de viagem, se aproximasse da História, que flertasse mesmo com ela. Tal proximidade com a História,\* de acordo com Sussekind, permite experimentar mudanças na narrativa como no caso de um José de Alencar, em cuja obra a paisagem natural passa por diversas transfigurações históricas (*O Guarani*, *As Minas de Prata*) e onde o narrador se vê obrigado a repetidas viagens no tempo e à elaboração de paisagens históricas.<sup>442</sup> Rastreado a gênese da nacionalidade, Alencar propõe um diferencial em relação ao primeiro “projeto” romanesco de brasilidade: o tempo. Assim, entre o sujeito que narra e a paisagem que se enquadra, o terceiro termo é o tempo.<sup>443</sup>

Espremido entre a natureza e a História, o corpo da Nação independente ia ganhando forma nas mãos dos literatos e intelectuais. E no ato de se formar, ele ia servindo de referência à gestação da nacionalidade. A literatura, a pintura, a narrativa dos viajantes, os estudos dos historiadores são plenos de “cenas paradigmáticas”,<sup>444</sup> reveladoras da busca de uma gênese desse corpo que mergulha na própria origem do país. Por onde se mova, por onde se vire na primeira metade do século XIX o tema da brasilidade é inescapável.

Viaja-se, e aonde quer que a marcha estaque, encontra-se o Brasil: o Brasil corpo-paisagem, o Brasil corpo-político, o Brasil corpo-História.

---

<sup>440</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 189.

<sup>441</sup> *Id. ibid.*, p. 187.

\* A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, como já vimos no Capítulo I, levou à delimitação de um perfil mais nítido do historiador, enquanto alguém capaz de descrever as origens da Nação brasileira. Para isso, foi fundamental, em fins de 1830, a edição e a tradução de inúmeros manuscritos dos séculos XVI, XVII e XVIII, relativos ao início da colonização do Brasil, de autores como Gandavo, Pero Lopes de Sousa, Antonil, Fernando Cardim, etc. Esse material, conforme Sussekind, foi básico para a superação da narrativa que visava “mapas nacionais” ou paisagens singulares. *Id. ibid.*, pp. 185, 192, 193.

<sup>442</sup> *Id. ibid.*, p. 201.

<sup>443</sup> *Id. ibid.*, p. 200.

<sup>444</sup> *Id. ibid.*, p. 208.

## 4.2 - O Corpo da Cidade

Se o que está em primeiro plano da narrativa dos “romances-em-trânsito” é a questão da delimitação de uma paisagem nacional, isto é, a composição do corpo nacional através da descrição do território e das notas informativas sobre ele,<sup>445</sup> o que estará em segundo plano? A paisagem urbana. E como o que não está em primeiro plano só existe de “direito”, mas não de “fato”, a cidade não é o lugar aonde o narrador-viajante chega. Embora ela exista, se materialize na pintura de um Debret, nos desenhos de um Thomas Ender, nos panoramas de um Sunqua, nas memórias do “Padre Perereca”, nas notas de John Luccock ou, mesmo, na correspondência do mal-humorado Marrocos, no momento em que a prosa de ficção nasce no Brasil, ela (a cidade) não é tomada em conta como um lugar de chegada. Logo, o narrador-viajante não vai à cidade, ela não é seu destino, o seu ponto de mira fixo, ela não é o lugar aonde a brasilidade toma corpo. Nessa fase, a cidade não é mais que uma paisagem que irá compor, com o panorama natural, os traços exóticos e pitorescos utilizados para esboçar a imagem de uma singularidade brasileira.

Para alguns, a cidade não apresenta grandes novidades, nada muito digno de se debruçar, pois “[...]descrever os costumes de Londres e Paris é mais ou menos como descrever os de Viena, Petersburgo, **Rio de Janeiro**, enfim, de toda capital cristã[...]

”<sup>446</sup> Para outros, como neste artigo intitulado *Um Casamento na Roça*:

“A capital do Império não oferece coisa alguma. É um **arremedo de todas as cidades do mundo**, com a diferença que não corresponde, pela majestade de seus edifícios ou pelo progresso da arte, no embelezamento de suas construções[...] Os seus costumes, os seus usos, a sua sociedade, pouco diferem de qualquer cidade européia[...]

”<sup>447</sup>

É, provavelmente, pelas cidades se parecerem todas umas com as outras como frutos da ação humana que são, que o romance brasileiro da primeira metade do século XIX não tem olhos para elas. O olhar, armado pelas descrições dos viajantes estrangeiros, procura um Brasil que, quanto mais exótico e pitoresco, mais Brasil será.

A paisagem urbana nos aproximava, nos “igualava” a outros povos e, por isso mesmo, não nos fazia singular, não nos projetava como Nação. Aos olhos dos viajantes estrangeiros e aos olhos dos nossos próprios romancistas, funcionava apenas como um lugar de partida, de onde se saía para se chegar ao Brasil.

<sup>445</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 158.

<sup>446</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, 21/1/1828. (Grifo meu).

<sup>447</sup> *Jornais das Famílias*. RJ, Biblioteca Nacional, Setor de Obras Raras, ago./1864. (Grifo meu).

Ao criticar a “ostentação da cor local” e o “espetáculo da natureza” como “forma única de atribuir espírito nacional às obras”, Machado de Assis, anos mais tarde, procurará desviar a atenção dos escritores que insistiam que o “instinto de nacionalidade” estava ligado à paisagem brasileira.<sup>448</sup>

Flora Sussekind conta que, no folheto de agosto de 1893 de *A Semana*, Machado de Assis ilustra sua aversão da adoração da natureza como tema da brasilidade, com a seguinte história de um viajante estrangeiro que ele teria levado ao Morro do Castelo para conhecer uma certa igreja e seus altares:

“Sei que não são ruínas de Atenas mas, cada um mostra o que possui. O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu e as montanhas, e ao cabo de cinco minutos: ‘Que natureza vocês têm’[...] A admiração do nosso hóspede excluía qualquer idéia da ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas, nem pelos nomes dos navios que estavam ancorados. Foi só a natureza”.<sup>449</sup>

Essa minha insistência em tomar a narrativa literária em processo de formação e consolidação para explicar as imagens formuladas sobre o Brasil na primeira metade do século vem da importância, que penso, têm a literatura e os literatos nesse momento na formação de um imaginário nacional. É que, mergulhada no Romantismo, a literatura é o veículo primordial de expressão do sentimento nacional, seja na sua versão nativista, seja na sua versão patriótica.<sup>450</sup>

Num país com uma maioria de iletrados, a literatura era considerada como “parcela de um esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da Nação”.<sup>451</sup> É assim que, durante todo o Romantismo, mantém-se “este senso de dever patriótico que levava os escritores não apenas a cantar sua terra, mas a considerar suas obras como contribuição ao progresso”.<sup>452</sup>

Por isso, mesmo, optei por tomar a literatura brasileira como fonte de geração de imagens que permitam entender a inflexão que, da “paisagem natural”, irá levar à “paisagem urbana”. Ou melhor, a literatura vai nos permitir acompanhar a irrupção do tema urbano no primeiro plano da narrativa que irá disputar, com a paisagem-só-natureza, a condição de objeto de conhecimento do

<sup>448</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 266.

<sup>449</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 267.

<sup>450</sup> De acordo com Antônio Cândido, no Nativismo predominava o sentimento de natureza, e no Patriotismo, o de *pólis*; os dois remetiam para o sentimento de brasilidade. Ver: Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 16.

<sup>451</sup> *Id. ibid.*, p. 12.

<sup>452</sup> *Id. loc. cit.*

Brasil, do homem brasileiro, de sua cultura e de suas formas de convivialidade.

Antes, no entanto, da literatura se “urbanizar”, ela irá se transformar numa **literatura de costumes**, face à exigência de realismo que assinala a maior parte da novelística moderna.<sup>453</sup> A base do romance, o que dá o seu “realismo”, é a verossimilhança, onde o fato histórico e/ou sociológico se transfigura em fato estético. É fácil de entender, portanto, a exigência de realismo do romance. Graças ao romance, segundo Cândido:

“Lugares, paisagens, cenas; épocas, acontecimentos; personagens-padrões, tipos sociais; convenções, usos, costumes — foram abundantemente levantados, quer no tempo (pelo romance histórico que serviu de guia), quer no espaço. Uma vasta soma de realidade observada, herdada, transmitida, se elaborou e transfigurou graças ao processo normal de tratamento da realidade no romance: um ponto de vista, uma posição, uma doutrina (política, artística, moral) mediante a qual o autor opera sobre a realidade, selecionando e agrupando os seus vários aspectos segundo uma diretriz”.<sup>454</sup>

Por isso é que podemos afirmar, nessa primeira fase da literatura brasileira, que ainda se está transitando do inventário da fauna e da flora para um inventário dos costumes. Passa-se de uma geografia para uma história. E, aos poucos, o “homem brasileiro” vai se revelando nos romances, com suas tradições, comportamentos e marcas locais que redundarão no romance regional, de um lado, e no romance de costumes, do outro, a partir dos problemas de “ajustamento da conduta”.<sup>455</sup>

Antônio Cândido ensina que o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes, ou melhor, pendeu desde cedo para a descrição dos tipos humanos e formas de vida social nos campos e nas cidades.<sup>456</sup> Desta maneira, o romance em sua primeira fase foi uma verdadeira forma de pesquisa e descoberta do país.<sup>457</sup>

Diferentemente da experiência do romance europeu, onde um Dickens ou um Balzac, sem se afastar de Londres ou de Paris, apenas observando o movimento das grandes cidades, conseguem penetrar na complexa rede de relações sociais, revelando o funcionamento dessas sociedades na experiência romântica brasileira, onde prevalece uma sociedade pouco urbanizada, com uma “rede pouco vária de relações sociais”,<sup>458</sup> o romance se vê limitado diante da estreiteza das “dúvidas e opções morais” desta sociedade.

---

<sup>453</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 24. (Grifo meu).

<sup>454</sup> *Id. ibid.*, p. 99.

<sup>455</sup> *Id. ibid.*, p. 100.

<sup>456</sup> *Id. ibid.*, p. 101.

<sup>457</sup> *Id. ibid.*, p. 99.

<sup>458</sup> *Id. ibid.*, p. 100.

Por isso o romance brasileiro, antes de se debruçar sobre o abismo das relações humanas e na complexidade das relações sociais imanente aos grandes aglomerados humanos, procura abraçar o país numa verdadeira ânsia de conhecê-lo:

“[...] Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social[...] Primeiro, as pequenas vilas fluminenses de Teixeira e Sousa e Macedo, cercando o Rio de Janeiro familiar e sala-de-visitas, do mesmo Macedo e de Alencar, ou o Rio de Janeiro popular e pícaro de Manuel Antônio; depois, as fazendas, os garimpos, os cerrados de Minas Gerais e Goiás, com Bernardo Guimarães. Alencar incorpora o Ceará dos campos e das praias, os pampas do extremo Sul; Franklin Távora, o Pernambuco canavieiro, se estendendo pela Paraíba. Taunay revela o Mato Grosso; Alencar e Bernardo traçam a São Paulo rural e urbano; enquanto o Naturalismo acrescenta o Maranhão de Aluísio e a Amazônia de Inglês de Sousa.

Literatura extensiva como se vê, esgotando regiões literárias e deixando pouca terra para os sucessores, num romance descritivo e de costumes como é o nosso”.<sup>459</sup>

Há, portanto, no Romantismo e no romance uma “intenção programática”<sup>460</sup> de descrever o país, de interpretá-lo, e é esse caráter de exploração e levantamento do país “que dá à ficção romântica importância capital como tomada de consciência da realidade brasileira no plano da arte”.<sup>461</sup>

Se, no primeiro momento dessa tomada de consciência, a “missão” do romancista brasileiro foi esquadrihar a paisagem brasileira, só depois dessa “ânsia” se esgotar é que o romance procurará fixar literariamente, além da paisagem, os costumes.

Paralelamente a isso, em finais dos anos 20, a imprensa registrava uma seção voltada para a “listagem de costumes e fatos corriqueiros”. Era impossível se ficar alheio às transformações de uma cidade como o Rio de Janeiro, aonde tudo o que acontecia no Brasil por lá começava, ou por lá passava. A cidade fervilhava de novidades: no plano da Política, nas coisas da Economia e do Comércio, nas lides da administração e da burocracia, no campo da urbanização e, fundamentalmente, na constituição de uma “fauna” urbana — miúda ou graúda — que fazia da cidade um palco, aonde começava a se ensaiar novas formas de sociabilidade e a se experimentar novos modelos de socialização.

A propósito desse bulício urbano, vemos surgir — basicamente nas folhas dos jornais que, com o fim da censura em 1821, se multiplicam enormemente — em lugar da “contemplação reflexiva da natureza”, uma “observação miúda do cotidiano”,<sup>462</sup> e que Flora Sussekind chama de **crônica**. É

<sup>459</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 101.

<sup>460</sup> *Id. ibid.*, p. 99.

<sup>461</sup> *Id. ibid.*, p. 101.

<sup>462</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 222.



assim que o narrador-viajante vai cedendo lugar ao cronista (que nasce como um “observador de costumes”), na medida em que a imprensa vai se desenvolvendo (e o faz justamente a partir do crescimento do público leitor que, por seu turno, cresce devido a toda dinâmica de transformação da cidade).<sup>463</sup>

Não é de espantar, então, que encontremos um jornal como o *Espelho Diamantino*, que conta com uma coluna intitulada “Novidades da Cidade”. E é pela ótica da **novidade**, mesmo, que a cidade começa a ser observada. Novidade, fundamentalmente, das formas de se reger a vida, de se pensar a sociedade, de se encarar o futuro e, principalmente, de se experimentar... as novidades. Novidades que vão deixando para trás um Brasil castiço, colonial, e que, durante os últimos três séculos, fora um país rural atado pela mesmice dos monopólios, do exclusivo colonial e pela rotina da produção escrava para a exportação.

Não me deixa mentir o editorial de lançamento do *O Espelho Diamantino* que, com uma folha dedicada às “Senhoras Brasileiras”, é em si mesmo como experiência jornalística uma novidade num Brasil tão masculino. Analisando o papel da mulher no progresso da sociedade e sua importância na vida pública, o jornal argumenta que:

“Tais verdades (o conservar as mulheres em ‘estado de preocupação e estupidez, pouco acima dos animais domésticos’), tão antigas como a raça dos filhos de Eva, não são hoje desconhecidas por nação alguma da Europa e lá, as Ciências, as Artes e as **novidades** estão ao alcance do belo sexo, até em obras, aulas e periódicos privativos delas; porém, cá, precisam, mais de uma vez, serem evocadas, logo que costumes cariocas caseiros e que cheiram alguma coisa ao ranço dos mouros, entretido até à época da Independência pelo servilismo colonial, reinam ainda em quase todas as classes da sociedade[...].”<sup>464</sup>

No número de novembro de 1827, numa coluna intitulada “Carta de um Leitor”, vemos se insinuar o observador de costumes que logo se transformará em cronista. Diz a carta do suposto leitor, mas que parece de gente da própria redação do jornal:

“[...] Como vos haveis de desculpar de não ter ainda publicado artigo algum sobre os costumes brasileiros? Por exemplo, a sociedade, se aqui como em todas as outras cortes ela se divide em umas poucas hierarquias, oferece um vastíssimo campo à observação! Seguramente, muitas diferenças e variedades apresenta a classe de famílias luso-brasileiras que povoam as ruas da Quitanda, Direita e do Rosário, comparadas com as das famílias brasileiras que moram nas ruas do Piolho, Lavradio, Inválidos e nobre Campo da Aclamação!

Parece-me que lhe estou mostrando uma mina inesgotável. Ah! meu bom redator, o quanto tendes que notar em um passeio feito com passo de Padre Mestre, saindo do Largo da Carioca para ir a Mata-

<sup>463</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990.

<sup>464</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, out./1827. (Grifo meu).

Cavalos! Não dizeis que, também, era mister introduzir-se no interior das famílias; vosso antecessor, o Diabo Coxo, descia nas casas pelos telhados, porém, aqui, esta arte fica supérflua: basta olhar as janelas lá como de comum acordo, as belas se dão de tarde a admirar e, mesmo algumas vezes, ao meio-dia afrontam os ardores do Sol dos trópicos, sem dúvida para respirar a refrescante e consoladora viração[...]" <sup>465</sup>

Essa suposta carta vai anunciando a necessidade de um observador dos costumes, mas de maneira bem tímida. Falando como um leitor, de fora do jornal, ele sugere que o jornal na sua cotidianidade seja um lugar, uma espécie de trincheira para observação dos costumes. Cuidadoso, pois se tratava de implementar algo inexistente ainda — a observação dos costumes — o missivista se apegava, todavia, à lição dos narradores-viajantes-naturalistas, com seu método de inventariar e classificar o que vê. Com um olho armado pela lição dos naturalistas e outro aberto às novidades da cidade, o observador dos costumes vai experimentando olhar a cidade, descobrindo nela um novo **campo de observação**. Constatando as diferenças e variedades da “fauna urbana”, esse antecessor do cronista propõe “viajar” pela cidade a fim de melhor conhecê-la. Ancorado ainda às práticas dos narradores-viajantes de viajar pelo país, o observador de costumes transforma a viagem em passeio, trajetos curtos entre bairros da cidade. E não é por ser um passeio (e não uma viagem) ou por ser um trajeto curto (e não uma excursão) que a tarefa do observador de colher dados e analisá-los é menos complexa.

Por se tratar de uma “mina inesgotável”, a observação da cidade demanda a presença desse observador de costumes no jornal que, graças às suas características de cotidianidade, era o único veículo que poderia acompanhar as novidades que iam surgindo na cidade.

Assim, como para se conhecer o Brasil era preciso viajar e, a partir daí, se formular uma imagem da nacionalidade e da brasilidade; para se conhecer a cidade e formular as imagens da experiência das novas formas de convivência, era preciso passear. Mas, não se passeia como se marcha numa viagem. O passo de padre vai marcando o ritmo lento para uma nova forma de “viagem”, aquela em que a paisagem não são, nem árvores gigantescas, nem borboletas extravagantes, nem rios caudalosos, nem, muito menos, índios exóticos. O passeio, em passo de padre, é no meio de uma paisagem humana que age e reage em contato com os outros. O passeio, igual as viagens, é uma forma de conhecimento, não de uma natureza natural, mas da natureza humana. O passeio é, pois, uma maneira de conhecer o funcionamento da sociedade que vai se formando na cidade. E aí o cronista, ou melhor, o ainda observador de costumes, tem uma missão: com sua mão de “escritor”, ele destapa o telhado das casas e se introduz no interior das famílias. Como o “Diabo

<sup>465</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras.* RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, nov./1827.

Coxo” \* da lenda que descia nas casas pelo telhado, o observador de costume fixa um posto de observação na cidade para melhor conhecimento da paisagem humana.

Em 21 de janeiro de 1828, *O Espelho Diamantino* torna a insistir no observador de costumes, sugerindo sua incorporação como parte integrante e obrigatória de todo jornal, num artigo intitulado “Ensaio sobre Costumes”. Tal observador “ficaria comprometido a registrar tudo o que visse ou ouvisse de curioso pelas ruas da cidade”: <sup>466</sup>

“Na velha Europa, uma parte integrante de todo jornal é um observador de costumes[...] Quem sou eu? Veja-se, já, se eu sou em posição de observar costumes! Eu sou, de manhã, um ativo negociante armando negócios à porta da Alfândega; um empregado chalaçando a seu escritório e compondo a crônica escandalosa do dia; eu sou um comprador visitando as lojas das modistas da Rua do Ouvidor; eu sou um papa-moscas escutando tremendas petas assentado à porta de um boticário; pelo meio-dia, já sou um *dilettanti*, conversando no Rocio sobre música e dançarinas; no mesmo instante, sigo na Assembléia os debates políticos e os comentários de meus vizinhos; às duas horas, já jantei em três ou quatro casas de amigos e quatro ou cinco casas de pasto; quando chega a noite, já fiz vinte visitas no Botafogo, já sei notícias do Caminho do Brocó, do Catete, do Catumbi, e quem acende lampiões do teatro; já me acho passeando colhendo novidades, retratos, modas; observo os namoros da platéia para os camarotes, também, às vezes, os da cena para a platéia e vice-versa, enfim, não há dia que eu não tomo chá da Rua da Vala para baixo e não caio do Rocio para cima[...]”

Dois meses depois da “Carta do Leitor” sugerir a criação do posto de observador dos costumes no jornal nos deparamos, pois, com o projeto do que seria esse observador: é aquele que da cidade tudo conhece. É aquele que “está em todas”, o que aprendeu o ritmo da cidade e se insere perfeitamente bem nas suas múltiplas redes de sociabilidade. É aquele que no ato de observar se transforma, ele também, em personagem. É aquele que, conforme Sussekind, para compor a crônica do dia, se “apossa” da cidade, **passeando, visitando, conversando, escutando, observando**.<sup>467</sup> O observador de costumes é alguém que, “cansado” das viagens pelo país, se limita a passear pela cidade, passando a reconhecê-la como a nova “paisagem” brasileira.

---

\* A idéia de um diabo manco entrando pelo telhado das casas, e revelando o que lhe vai nas entranhas, aparece no romance de Charles Dickens, *Dombey and Son*, de 1848: “Quem dera, uma alma boa arrancasse os telhados das casas, com mão mais forte e benigna que a do demônio manco da lenda, e revelasse a uma gente cristã as formas sombrias que emanam de seus lares[...]” Segundo análise de Raymond Williams, essa mão que levanta os telhados é a mão do romancista, é Dickens que se vê a si próprio como um observador. No caso de Dickens, é o escritor que destapa o telhado para observar a negligência e indiferença entre os homens e lhes apontar o caminho da solidariedade. No caso do nosso observador de costumes, de 1827, não se coloca o drama da falta de solidariedade na cidade, trata-se apenas de um observador que registra as novidades da cidade. Ver: Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, capítulo 15: “Gente da Cidade”.

<sup>466</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 223.

<sup>467</sup> *Id. loc. cit.* (Grifos meus).

Apesar da audácia do observador de costumes de propor a cidade como novo objeto de observação, ele (o observador) se constitui de uma maneira inverossímil, na medida em que não pode se considerar crível tamanha capacidade de movimentação, o que, de acordo com Sussekind, “parece tolher os passos desse cronista em formação”.<sup>468</sup> Estamos num momento, portanto, forçoso a reconhecer que, até então, a crônica (onde o perfil do cronista não se **estabilizou**,<sup>469</sup> ainda) não tem aceitação garantida junto aos leitores.

Visto por outro ângulo, a crônica como técnica narrativa e a cidade como objeto de observação, apenas começavam a se legitimar aos olhos do leitor. Faltava à cidade ganhar **corpo** para que o cronista pudesse apalpá-lo.

Se tomarmos as crônicas do *O Carapuceiro* iniciadas em 1832 (mesmo que relativas à cidade do Recife, mas com enorme repercussão na corte) veremos que, apesar dela incidir sobre os costumes urbanos, ela trata a cidade de viés, pois como assinala Sussekind, a aceitação do observador de costumes ainda era duvidosa, o que teria impellido o “Padre Carapuceiro” a adotar uma **perspectiva moral** no exercício da crônica, orientando-se para a correção dos costumes. “O perfil do cronista é, pois, para Lopes Gama, o de um moralista, o de um guardião zeloso de preceitos e virtudes”, daí, sua coleção de tipos a serem enquadrados e moralizados como os “paroleiros”, “perdulários”, “dissipadores”, “bazófios” e “gamenhos”.<sup>470</sup>

Para que o cronista encarasse de frente a cidade e não mais tergiversasse sobre suas (dele) práticas, ou seja, sobre um cotidiano composto das múltiplas experiências derivadas das redes de socialização existentes no meio urbano, era necessário, primeiro, que essa cidade existisse “de fato” e não só “de direito”. Não se trata apenas do cronista ir colhendo ali na cidade real, na cidade “de fato”, os elementos para lhe fazer a história miúda. Seria baldado o seu esforço, na medida em que não lhe poderia fazer a crônica, pois ele seria, no máximo, mais um inventariante das coisas da cidade. Para fazer brotar a crônica a partir da experiência do cotidiano urbano, o observador de costumes teria que “se fazer”, num processo que, em se parindo, inventava ao mesmo tempo a cidade. Não basta, pois, constatar o surgimento da crônica urbana e do cronista, é fundamental se ter em conta o processo de **invenção** da cidade, ou seja, de reconhecimento da cidade como projeto (ou econômico, ou político, ou cultural, ou social, ou civilizatório, ou todos eles juntos) e meio de **adesão** à sociedade mais ampla.

---

<sup>468</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990.

<sup>469</sup> *Id. ibid.*, p. 224. (Grifo meu).

<sup>470</sup> *Id. ibid.*, p. 225.

Ao analisar a consolidação da crônica como um momento do projeto de criação da literatura nacional, Flora Sussekind se debruça sobre o processo de formação do narrador de ficção no Brasil, procurando uma “solução literária” para suas hipóteses. Ao fazê-lo, no entanto, Sussekind retira o foco de seu olhar sobre a cidade (e com razão, para os seus objetivos) para ajustá-lo ao processo de produção literária. Para meu objetivo de mostrar como a cidade vai “nascer” a partir das representações da literatura, percebo que me cabe reposicionar o foco de observação sobre a cidade.

No caso do surgimento de uma crônica de costumes, que evoluiria para uma literatura nitidamente marcada pela experiência de convívio no meio urbano, é importante se ter em conta que suas condições de estabilização tem a ver diretamente com o processo de urbanização e a configuração de uma urbanidade. Me explico: quando falo de urbanização e urbanidade estou me referindo a uma dialética existente entre a pedra e o discurso, isto é, a transformação da natureza mineral da cidade numa representação sobre a cidade que, ao “inventá-la”, abre caminho para uma **adesão** à convivialidade urbana, princípio elementar da existência da própria cidade.

Para mostrar essa metamorfose da cidade, esse processo de invenção social onde **as imagens** da cidade irão recobrir a própria cidade, transformando-a num objeto de saber, por conseguinte, apto a ser apropriado pela crônica e/ou o romance, ou quaisquer outras formas de representação, procurei surpreender aquele momento mágico em que a pedra vira discurso e o discurso “simula” ser pedra. Dito de outra maneira: aquele momento em que a cidade é representada como um **corpo**, corpo este que produz imagens do que deve ser a cidade.

Tais metáforas representativas da cidade, que já vinham sendo experimentadas principalmente nos escritos dos viajantes e, mesmo, nos debates na Câmara à propósito das melhorias urbanas, se concretizam nas teses dos acadêmicos de **Medicina**, defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a partir de 1820.

É no campo da Medicina, portanto, que a corporeidade da cidade começa a se manifestar. O corpo como metáfora da cidade se revela diante da ameaça das epidemias que periodicamente a assolam. O perigo das epidemias se tornarem, pela desordem social que provocam, um elemento desestabilizador da sociedade, invoca a intervenção da Medicina no sentido de devolver a saúde e logo a ordem à vida urbana. Frente à ameaça da morte, a Medicina reivindica para si a perpetuação da vida. À desordem pestilencial e ao caos social a Medicina responde com um projeto de **polícia médica** que assinalará o nascimento da **Medicina Social**.<sup>471</sup> Fundada na

---

<sup>471</sup> Machado, Roberto. “Nada do que É Urbano lhe É Estranho”, in Machado, Roberto *et alii*. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978, p. 256. (Grifo meu).

prevenção, a Medicina Social pretende, através de sua intervenção, “proteger o homem e os animais que lhe são úteis das nocivas consequências de uma coabitação numerosa e a promover seu bem-estar corporal, de modo que, sujeitos ao mínimo de males, se chegue, o mais tarde possível, a sofrer o fatal destino que nos espera”.<sup>472</sup> Para tanto, ela tem que definir qual é o objeto e qual é o objetivo de sua intervenção, não sem antes delimitar seu raio de ação, quando então se percebe “um perfeito recobrimento entre os termos sociedade e cidade”.<sup>473</sup> Cingindo sua prática à cidade, o projeto médico visa o controle do meio urbano, que é “tornado hostil pela grande concentração de indivíduos e seu relacionamento irracional e desordenado”,<sup>474</sup> e tem como objetivo limite proteger a vida daqueles que habitam esse meio. Nesse sentido, constata-se que a visão que a Medicina tem da cidade é crucial na elaboração das imagens do corpo urbano.<sup>475</sup>

Assim, identificar a doença à “periculosidade” do meio urbano é o primeiro passo na constituição do corpo da cidade, na medida em que a cidade é o **lugar** aonde a doença encontra abrigo e condições para se desenvolver.

Embora toda reflexão médica esteja centrada na figura do homem, na preservação de sua saúde, na busca da longevidade, o conhecimento do meio gerador da doença se torna condição incontornável para o avanço da Medicina. Deste modo, ao mesmo tempo em que se assiste o olhar médico submetendo o conjunto da cidade e de suas atividades aos seus critérios de ordenação e controle, percebe-se como esse mesmo olhar vai delineando o corpo urbano que será objeto de sua intervenção.

Ao enquadrar a cidade em sua “mineralidade” e, a partir daí, formular os diagnósticos sobre a doença urbana, a Medicina, em sua vertente higienista, faz vir à tona ao mesmo tempo o corpo urbano e as formas de intervenção e “cura” desse corpo. Aquilo que jazia confundido com a natureza, aquela cidade que dormia (“um ser informe, concentrado albuminoso, indistinto, um caldo em fermentação constante”<sup>476</sup>) é despertada de seu sono de pedra e instada a produzir **imagens**.<sup>477</sup> É graças a esse movimento de descolamento da realidade material da cidade, a esse

<sup>472</sup> Citado por Tavares, João F. *Considerations d'Hygiene Publique et de Police Médicale Applicables à la Ville de Rio de Janeiro, Capitale de l'Empire du Brésil*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina de Paris. RJ, 1823.

<sup>473</sup> Machado, Roberto. “Nada do que É Urbano lhe É Estranho”, in Machado, Roberto et alii. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978, p. 259.

<sup>474</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>475</sup> *Id. ibid.*, p. 353.

<sup>476</sup> Ver o excelente trabalho sobre o surgimento das teorias higienistas e a condição das cidades medievais européias em Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Alliez, Eric et alii. *Contratempo. Ensaio Sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988.

<sup>477</sup> *Id. ibid.*, p. 39. (Grifo meu).

esforço de abstração <sup>478</sup> empreendido pelas teorias médico-higienistas que, contraditoriamente, a cidade vai ganhando palpabilidade, vai ganhando corpo, sobre o qual as metáforas da Medicina construirão a noção de vida urbana. Foi preciso, portanto, forjar esse corpo, inventá-lo, adoecê-lo, para depois curá-lo, para que, fraturando a paisagem, o urbano se opusesse à natureza e se demarcasse como um território. <sup>479</sup>

As teses sobre a Cidade do Rio de Janeiro, defendidas na Faculdade de Medicina, a partir de 1820, são os melhores exemplos desse processo de “invenção” da cidade. Os próprios títulos das teses já indicam a tentativa de inscrição do urbano no mundo do social. Repare-se nesses títulos: *Os Morros do Castelo e Sto. Antônio São Úteis ou Nocivos à Saúde Pública?* (1853); *Existe, Quimicamente Falando, Diferença entre o Ar do Campo e o Ar da Cidade?* (1853); *Da Prostituição no Rio de Janeiro e sua Influência Sobre a Saúde Pública* (1869); *Da Topografia e da Climatologia da Cidade do Rio de Janeiro* (1877); *Das Emanações Palustres* (1876); *Algumas Considerações Acerca das Vestimentas* (1849); *Topografia Físico-Médica da Cidade do Rio de Janeiro* (1852); *Do Atual Sistema de Esgotos na Cidade do Rio de Janeiro* (1875); etc.

Seja pelo título, seja pelo conteúdo, as teses são um grande inventário sobre a vida urbana e os males decorrentes da aglomeração causada pela urbanização. Tal inventário, no entanto, é mais que uma simples crônica médica sobre a cidade. O inventário é, na realidade, um verdadeiro diagnóstico do estado de saúde, físico e moral, da cidade e da vida urbana, cujo principal objetivo não é necessariamente a cura, mas a produção de uma **imagem** da cidade. Essa imagem é muito cara ao saber médico, porque é precisamente sobre ela que vão se constituir os discursos sobre a doença da cidade, seus desajustes e sua desordem. É sobre esse diagnóstico-imagem que a idéia de saúde-ordem vai fluir para a sociedade, menos para curá-la do que para ordená-la. O diagnóstico, portanto, é a maneira pela qual o discurso médico submete a cidade e a enquadra como objeto de seu saber, meio caminho para a intervenção reformadora que haveria de redefinir o espaço urbano das grandes capitais ao largo de todo o mundo.

Repentinamente vamos vendo brotar dos estudos médicos uma cidade diferente daquela de pau, pedra, tijolo e cal. A cidade submetida ao microscópio do higienista não se confunde com a cidade real, por onde se anda e aonde se vive. Esta cidade de pedra deixa de ter importância, e digo isso, não como um juízo de valor, mas porque constato que não é a partir dela que se constitui a imagem e as representações da cidade que médicos-higienistas, ou aqueles que se tornarão os cronistas da cidade, ou, mesmo, a própria população, tomarão para si como realidade.

<sup>478</sup> Gilie, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Alliez, Eric et alii. *Contratempo. Ensaio Sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 56.

<sup>479</sup> *Id. ibid.*, p. 52.

Não é a cidade de pedra que é tomada como objeto das teses, mas uma certa **imagem** dela. Nesse sentido, a “cidade real” jaz intocada para que uma imagem do que ela deveria ser possa elaborar-se. São as teses médicas, portanto, as principais geradoras dessa imagem que passa a ser apropriada por aqueles que farão da cidade a matéria de suas narrativas.

Perscrutando o ar, a água, o clima, os pântanos, a topografia, os alimentos, as bebidas, os depósitos de lixo, os esgotos, etc., o saber médico pretende, mais do que “curar” a cidade, constituir a cidade, “o modelo de todas as cidades, o que exclusivamente pode e deve ser uma cidade”.<sup>480</sup> Impondo-se como “única linguagem de deciframento”,<sup>481</sup> o Higienismo pretende ter marginalizado todas as outras representações da cidade, tornando-se a única referência da imagem daquilo que deveria ser a cidade. É essa imagem exclusiva, legitimada em toda a sua abstração pelos enunciados higienistas que será colada, enfim, à “cidade real”.

E uma vez realizada essa operação, desaparece a diferença entre a cidade de pedra e a sua representação: a cidade abstrata, modelo de todas as cidades; restando, apenas, a cidade, corpo opaco, cuja natureza, a partir de agora, jamais saberemos de que é feita. A cidade se converte num enigma. É dela, pois, que os cronistas farão a matéria de suas crônicas.

---

<sup>480</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Alliez, Eric et alii. *Contratempo. Ensaio Sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 29.

<sup>481</sup> *Id. loc. cit.*



### 4.3 - A Crônica e os Passeios pela Cidade

Essa “visita aos médicos” que fiz para tentar entender porque a cidade como objeto de conhecimento (e logo, de representação) só ganha consistência após se definir em sua corporeidade, abre caminho para retomarmos a questão da crônica de costumes e sua legitimidade como uma forma de literatura e como um veículo de difusão e consolidação de um imaginário urbano. Aqui, nos reencontramos com Flora Sussekind que nos falava sobre a dificuldade de estabilização da crônica diante dos relatos de viagem que povoavam o imaginário dos leitores com uma paisagem plena de brasilidade e que atuavam fortemente na consolidação da identidade nacional.

Se voltarmos aos jornais da época, principalmente **as folhas femininas** dedicadas às modas, teatro, literatura, comportamentos, etc., veremos que é ali que se exercitam os **novos temas** emergentes e que se apontam os caminhos de uma sociedade que, caracterizada por novas formas de vida social fundadas no mundanismo,\* aceita de bom grado trocar a **selva pelo salão**, ou seja, a paisagem natural pela paisagem urbana.

O jornal é um dos lugares aonde a “paisagem urbana” melhor se define, principalmente se a observarmos a partir das práticas da mundaneidade, próprias da vida nas capitais. O mundanismo, isto é, aquele aspecto da vida pública que dá aos indivíduos a possibilidade de “provar” a cidade, tirando-os do convívio familiar e projetando-os na complexidade da vida urbana, fez das mulheres (tradicionalmente atadas ao lar) os principais agentes da urbanidade, verdadeiras guias que, através dos salões, conduzem a sociedade à experiência da vida pública. É nos jornais femininos justamente que a abertura para o *grand monde*, isto é, as transformações dos costumes familiares em costumes mundanos, é tematizada.

O grande polemista da urbanização dos costumes, o “Padre Carapuceiro”, não podia deixar de abordar essa questão. Assim, em crônica de agosto de 1840, a propósito das “Senhoras Políticas”, o padre saiu-se com essa pérola:

“Quem há hoje no Brasil que não saiba política? Quem que deixe de discorrer e falar em política? [...] Em consequência desta tendência dos espíritos, o belo sexo não ficou estranho ao movimento e já contamos, Deus seja louvado, várias senhoras políticas[...]

Em outras eras, o ofício das senhoras limitava-se ao governo doméstico, aos arranjos econômicos da família, à primeira educação da prole, etc., etc., mas esses tempos eram bárbaros, eram tempos de opressão e tirania; hoje, reinam outros princípios, em virtude dos quais uma senhora pouco merece pelo dote de boa mãe de família e muito por cortesã, por política, por estadista[...] Apenas aparecem na menina os assomos da nubildade, forçoso é tirá-la do colégio e volvé-la ao seio da família. Então, já se

---

\* *Mundanus* — do latim, cidadão do mundo, cosmopolita.

apresenta nos bailes e *soirées*, já entra no exercício das quadrilhas e das valsas[...] já está, enfim, no grande mundo[...]

Aquelas de minhas ilustres leitoras a quem amargarem estes meus pensamentos, dignem-se de ter indulgência para comigo, refletindo que sou provinciano, que pouco disto do roceiro que, aferrado a certos princípios antigos, desconheço em grande parte os progressos da civilização e o bom-tom que para cá nos tem importado o estrangeiro[...]" <sup>482</sup>

*O Espelho Diamantino*, jornal feminino já nosso conhecido, situa bem o papel da mulher na transformação dos costumes:

"A influência das mulheres sobre as vontades, as ações e a felicidade dos homens, abrange todos os momentos e todas as circunstâncias da existência; e quanto mais adiantada a civilização tanto mais se mostra este inato poder, de forma que, se a companheira do homem inda selvagem cultiva as terras, carrega os fardos, orna e tinge o corpo do consorte, não deixando de lhe dar conselhos para a guerra, para a paz e para caça, a esposa do homem civilizado, não satisfeita com tomar sobre si todo o peso do governo interior da família e estes inumeráveis trabalhos que a Indústria tem tornado indispensáveis para as comodidades e regalos da vida, está também pronta para repartir dos cuidados do marido envolvido nos lances e tormentos dos negócios privados ou públicos, a sugerir-lhe expedientes mais delicados e apropriados do que suas mais intensas meditações[...]

O nosso periódico[...] tem por especial destino promover a instrução e entretenimento do belo sexo desta corte, apresentando-lhe as notícias e novidades mais dignas de sua atenção[...]

As belas-artes[...] merecem a particular atenção de um sexo destinado à vida retirada[...]

O teatro, escola dos costumes e da polidez, verdadeiro espelho da vida, o mais decente e agradável dos divertimentos públicos, entra naturalmente na jurisdição do belo sexo, o qual em todas as cidades forma um tribunal que decide, sem agravo, as questões do bom-gosto e do bom-tom[...]" <sup>483</sup>

Pequenas notícias insertas nos jornais fazem-nos ao par das "novidades" que a vida urbana oferece e que irão, aos poucos, criar a **atmosfera** propícia aos novos costumes. Numa pequena matéria sobre "música", por exemplo, pode-se ler o seguinte comentário:

"Os povos mais selvagens e feros e que nem idéia das outras artes têm, assim mesmo, não passam sem instrumento de música e cantoria[...]

O Brasil nos oferece um exemplo tocante desta verdade. Saído há pouco das trevas, ele faz leve estimação das belas-artes[...] Não há casa aonde não se ouça tocar o piano[...]" <sup>484</sup>

No *Correio das Modas*, o tema são os "bailes":

"[...] Uma sala de baile é uma feira aonde as belas alardeiam seus encantos e seus diamantes; os felizes a sua suficiência; as notabilidades as suas cruces, comendas e fitas[...]

Na capital do Império, dois bailes distintos lutam à porfia para excederem-se na profusão e na

<sup>482</sup> "O Carapuceiro na Corte: as Senhoras Políticas", in *O Despertador*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 17/8/1840.

<sup>483</sup> *O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, out./1827.

<sup>484</sup> *Ibid.* RJ, out./1827.

magnificência. Um é o do Catete, e o outro, dos Estrangeiros”.<sup>485</sup>

A seguir é a vez dos “concertos” que, numa matéria intitulada “Concerto no Catete”, são assim noticiados:

“Eram 7 horas da noite e os salões do Catete, embelezados por seis grandes lustres e inumeráveis luzes, se achavam ocupados por espectadores[...] que subiam o número de 400[...] O concerto foi um dos primeiros divertimentos deste gênero dado nesta corte. O modo por que foi recebido[...] o silêncio que se guardou durante a execução das diversas peças de música, tudo assegura que na nossa capital o amor das belas-artes vai em processo e que aquilo que é verdadeiramente bom, é apreciado no nosso país[...]”<sup>486</sup>

Esses surtos de mundaneidade que despontam nos jornais prepararam o espírito do leitor para a nova experiência da vida pública.

A crônica parece ter sido o melhor meio de retratar esse começo, cheio de dúvidas e tropeços. E ela o faz através das fórmulas consagradas e que tinham plena aceitação pelos leitores: os relatos de viagem. Para não assustar o leitor — estamos numa fase ainda de criação de um público-leitor — com tanta novidade, a crônica lança mão do expediente mais conhecido então para atrair o público: pôr o narrador para viajar. Mas, agora a viagem é outra. Muda o circuito, muda a paisagem. O narrador da crônica não vai aos confins do Brasil, nem muito menos faz uma viagem, na acepção da palavra. O narrador da crônica se contenta com um passeio, de curto trajeto... pela cidade.

Sem dúvida, trata-se ainda de viagem, o leitor das folhas não há de ser pego assim tão de sopetão, por isso a crônica se assemelha a um “diário de viagem”.<sup>487</sup> O fascinante dessa “crônica-em-trânsito”, e aí, pela primeira vez, não é a paisagem que o cronista descortina no seu passeio, mas a experiência que ele vive. E assim, malandramente, prometendo “aventuras”, própria das viagens, o cronista se dana a tecer considerações sobre o que pode acontecer, não do lado de fora da sua janelinha de viajante de um meio de transporte — como soe acontecer àqueles que viajam — mas, sobre o que acontece no interior de uma viatura que carrega homens pra lá e pra cá na cidade. Fingindo estar interessado em contar novidades de viagem, o cronista ludibria seus leitores e lhes oferece outra espécie de novidade: a experiência do encontro, do convívio, do inesperado que a cidade oferece/obriga/abriga.

Ainda que não seja suficiente para estabilizar a crônica como gênero literário, como assinala

<sup>485</sup> *O Correio das Modas. Jornal Crítico e Literário das Modas, Teatros, etc.* RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 614 (1), Seção de Obras Raras, 1839/40.

<sup>486</sup> *Ibid.* RJ, fev./1839.

<sup>487</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem.* SP, Cia. das Letras, 1990, p. 226.

Sussekind, essas crônicas de viagem pelo espaço urbano são fundamentais para abrir-nos os portões da cidade. Essas crônicas são feitas com material lidimamente urbano, ou seja, são feitas do inesperado, a que o encontro entre várias pessoas, numa situação qualquer, pode levar. O ponto forte dessa situação: a experiência do encontro/desencontro, do entendido/mal-entendido, do esperado/inesperado, do rotineiro/surpreendente, do seguro/ameaçador que a cidade põe em suspenso.

Embora longe da selva e da mata, o cronista, para não perder o leitor, dá à sua crônica o tom da “aventura”. É o que espertamente faz, ninguém menos que Martins Pena, em crônica redigida para *O Correio das Modas*, de 1839, com o título “Minhas Aventuras numa Viagem de Ônibus”. Prometendo viagem e aventura, Martins Pena mete os leitores num ônibus e os põe a viver a experiência da sociabilidade urbana a partir do “confronto” que se dá entre os passageiros num simples trajeto. Sem se preocupar com a descrição da paisagem, é muito mais interessante o que vai por dentro do ônibus do que a paisagem que se descortina da janela, Pena oferece ao leitor o que, talvez, pudéssemos chamar de **cenas primordiais** da cidade. São cenas urbanas que não são mais as descrições da cidade feitas pelos viajantes (inventário da mineralidade urbana), mas não são ainda a ficção que tem como temática a cidade e que se estrutura na verossimilhança que tem com a “cidade real”. Cenas que não são ainda uma “representação estética da cidade”,<sup>488</sup> pois, segundo Henry James, “a virtude suprema do romance é seu ar de realidade”<sup>489</sup> e a cidade não é percebida ainda como a **realidade**.

Dito de outra maneira: a crônica é a primeira tentativa de representação da cidade, diferentemente das descrições dos viajantes e das teses médicas, através da qual se pode capturar o quadro de costumes de uma época e, a partir daí, a realidade de um mundo que começava a se esvaziar das formas de orientação multiseculares.<sup>490</sup>

Mas, deixemos que o autor faça o seu *tour* pela cidade:

“Depois de um baile, o que eu gosto mais é de uma viagem de ônibus. Lá, vê-se cenas sérias, ridículas, engraçadas, enfim, tudo o que pode acontecer entre pessoas de diferentes condições. O modesto cruzado faz o que não tem podido fazer imensidade de livros e sermões, pois nivela as condições e estabelece uma completa igualdade entre todas as pessoas que[...] querem fazer uma viagem de ônibus. Abençoados ônibus! [...] Fiquei tão entusiasmado que estou quase fazendo uma pintura deles[...] porém, não, isto levaria muito tempo[...] vou, antes, dar a revelação da minha última viagem.

<sup>488</sup> Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 1, p. 222.

<sup>489</sup> Citado por *id.* *Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades. As Sete Portas de Tebas*. Campinas, SP, 1990, p. 15, xerox.

<sup>490</sup> *Id. Op. cit.*, p. 221.

Eu fui, um domingo pela manhã, às Laranjeiras com intenção de voltar à tarde em um ônibus: assim o fiz. Às 6 horas já eu caminhava para comprar o meu bilhete, porém o ônibus ainda não tinha chegado e eu tive que esperar com mais dois sujeitos que lá estavam[...]

Enfim, o ônibus chegou e cada um de nós comprou o seu bilhete[...] eu e os dois compadres entramos e nos assentamos. Daí, a cinco minutos, chegou uma bela menina acompanhada de seu paizinho, e fui tão feliz que ela se assentou junto a mim. Oh! que deliciosa coisa é estar no ônibus assentado junto a uma bela moça! [...]

Em menos de dez minutos, o ônibus estava com as pessoas que podia levar e entre elas[...] estava um rapaz que me pareceu o namorado da minha vizinha e que tinha-se assentado defronte dela[...]

‘O senhor Juca ainda não pagou’ disse o recebedor, dirigindo-se para o namorado de minha vizinha.

‘Aqui está o dinheiro’, e puxando por uma nota de 5\$ que ele teve o cuidado de fazer com que sua amada visse, entregou ao recebedor.

‘Eu já lhe dou o troco’.

‘Não é preciso, não é preciso, eu não faço caso de 5\$’. E, depois de mostrar este heróico desprezo, olhou impavidamente para a sua amada[...]

Enfim, partimos com grande satisfação dos dois compadres e ainda não tínhamos dado vinte passos, quando o ônibus, passando por uma vala, deu um forte salto e a minha vizinha com o solavanco caiu por cima de mim! Se eu fosse administrador dos ônibus, mandava fazer valas por todo o caminho e morava dentro de um deles.

Logo que principiámos a nossa viagem, eu senti que me pisavam no pé; no início, pensei que seria acaso, porém, eu recuava o meu pé e o outro acompanhava-o sempre pisando. Por fim, estando eu já um pouco zangado com a teima, olho e vejo que era o nosso namorado que porfiava a pisar no meu pé, pensando pisar no da sua amada! Na verdade, tive vontade de dar uma risada, porém, achei que era mais divertido desfrutá-lo um pouco, e logo que tive esta idéia arrumo o pé que estava livre em cima do pé do sujeito. Oh! se vissem o prazer que brilhou nos seus olhos! Ele fazia trejeitos, revirava os olhos, lambia os beiços, enfim, todas as asneiras que é capaz de fazer um namorado. O brinquedo já não me ia agradando muito, porque os calos principiavam a doer-me e o namorado achando pouca sensibilidade no pé, pisava cada vez mais forte; por fim, já não podendo aturá-lo por ter machucado o meu melhor calo, disse-lhe muito arrebatadamente: ‘O senhor pretende alguma coisa? se me quer falar, não é preciso pisar-me’. Todos olhavam espantados para mim, o sujeitinho ficou branco como a cal[...] calei-me e no meio de seus arrufos (da moça) e das ameaças que me fazia o namorado, chegamos no Largo do Machado[...]

‘Pára! pára!’ gritaram de uma porta na Rua do Catete. O ônibus pára e entra uma mulher velha e feia como uma bruxa, ela se assenta a meu lado mas, enfim, havia compensação: se tinha uma velha de um lado, tinha moça de outro[...]

[...] ‘O Senhor tem tabaco?’ [...] (perguntou a velha).

Ora, como desta vez eu podia mostrar a minha vizinha que eu não era nenhum tolo e que sabia meu bocado de francês, respondo em voz alta: *Je n'en ai pas*. ‘Eu não peço genipapo, eu peço tabaco’, respondeu-me a velha.

Por esta vez, fui o alvo das risadas[...] no meio destes e outros muitos acidentes chegamos ao Largo do Rocio. Cada um tomou o seu lado. A minha ex-vizinha deu o braço ao paizinho e encaminharam-se para a Rua dos Ciganos; e o namorado que tinha talvez que fazer e não podia acompanhá-la, ficou olhando com olhos de lula até que ela desapareceu.

Eu fui para casa, jurando passear nos ônibus todas as vezes que pudesse”.<sup>491</sup>

<sup>491</sup> *O Correio das Modas. Jornal Crítico e Literário das Modas, Teatros, etc.* RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 614

(1), Seção de Obras Raras, 26/1/1839. (Grifo meu).

Ao olhar para o que vai dentro de um ônibus, Martins Pena transforma os incidentes de viagem o acaso de certas pessoas se encontrarem fortuitamente num “motivo urbano”, revelando para os leitores um conjunto de experiências que podem ser experimentadas num simples passeio pela cidade: o inesperado, o encontro/conflito entre pessoas de diferentes origens sociais, o contraste entre linguagem culta e popular, o erotismo, a sedução e, principalmente, a exposição pública, o “igualitarismo” a que todos estavam sujeitos na cidade. Não posso deixar de me lembrar, a propósito do inesperado das situações urbanas, de Baudelaire e de um dos mais conhecidos poemas de *As Flores do Mal* (o soneto “A uma Passante”):

A rua em torno era de um frenético alarido.  
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,  
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa  
Erguendo e sacudindo a barra do vestido[...]  
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.  
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia.  
No olhar, céu lívido aonde aflora a ventania,  
A doçura que envolve e o prazer que assassina.  
Que luz[...] e a noite após! Efêmera beldade  
Cujos olhos me fazem nascer outra vez  
Não mais hei de te ver senão na eternidade?  
Longe daqui! tarde demais! Nunca, talvez!  
Pois, de ti já me fui, de mim tu já fugiste,  
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!”<sup>492</sup>

Numa Paris já bastante urbanizada, no meio do frenético alarido das ruas, o poeta vê uma mulher passar. A aparição fascina o poeta, pois na multidão ele **encontra** alguém que interessa. Mas, a mesma multidão que lhe permite o inesperado encontro, leva a mulher de roldão para longe do poeta. Se nesse soneto Baudelaire \* fala dos percalços

<sup>492</sup> Citado por Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 42.

\* Nos pequenos poemas em prosa que compõem *O Spleen de Paris*, Baudelaire tem um poema intitulado “As Multidões”, que é emblemático no sentido de ilustrar as relações entre viagem, paixão, encontro/desencontro, circunstância e imprevisto que a cidade suscita em sua capacidade de reunir, num só lugar, uma multidão que, por suas características próprias, é a expressão exata do surpreendente, do inseparado, do fortuito, do imprevisto: “Não é dado a qualquer um mergulhar na multidão: tal desfrute é uma arte, e só faz, às expensas do gênero humano, esse banquete de vitalidade quem desde o berço recebeu de uma fada o gosto do disfarce e da máscara, o ódio do domicílio e a paixão da viagem. Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta ativo e fecundo[...] O passeante solitário e pensativo extrai uma singular embriaguez dessa universal comunhão. Quem, facilmente, desposa a multidão conhece prazeres febris de que eternamente se privarão o egoísta (fechado como um cofre) e o preguiçoso (internado como um molusco). Já ele chama a si todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que lhe apresente a circunstância. Aquilo a que os homens chamam amor é coisa bem pequena, restrita e frágil, se comparada a essa inefável orgia, a essa santa prostituição da alma entregue por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que surge, ao desconhecido que passa[...]”, in Baudelaire, Charles. *O Spleen de Paris (1855/1867)*. RJ, Ed. Imago, 1995, p. 41.

do amor \* na grande cidade, que era a Paris da metade do século XIX, a crônica de Martins Pena, mesmo num Rio de Janeiro modesto de população e tamanho, pode ser pensada, também, nos seus componentes de acontecimentos fortuitos, despertar repentino de sentimentos e perplexidade diante do desfecho dos acontecimentos.

Quando Pena anuncia a chegada do ônibus, a possibilidade do acaso começa a acontecer: “[...]eu e os dois compadres entramos e nos assentamos. Daí a cinco minutos, chegou uma bela menina acompanhada de seu paizinho, e fui tão feliz que ela se assentou junto a mim”. Pronto! Inesperadamente, o narrador é tocado por um sentimento erótico: “Oh! que deliciosa coisa é estar no ônibus assentado junto a uma bela moça! [...] Enfim, partimos[...] ainda não tínhamos dado vinte passos, quando o ônibus, passando por uma vala, deu um forte salto e a minha vizinha caiu em cima de mim! Se eu fosse administrador dos ônibus, mandava fazer valas por todo o caminho e morava dentro de um deles”.

Assim, como inesperadamente o anseio erótico se acendeu no narrador, assim ele irá se apagar: “No meio destes e outros acidentes chegamos ao Largo do Rocio. Cada um tomou o seu lado. A minha ex-vizinha deu o braço ao paizinho e encaminharam-se para a Rua dos Ciganos[...] Eu fui para casa, jurando passear nos ônibus todas as vezes que pudesse”. O fortuito aconteceu, durou uma viagem de ônibus!!!

Embora se trate de experiências diferentes, a de Baudelaire e de Pena — em Baudelaire, uma promessa que se entrevê; e, em Pena, o erotismo derivado da “promiscuidade” num ônibus, derivada dos novos modos de vida da cidade — os dois autores estão profundamente imbuídos pelo **surpreendente**, pelo **inesperado** da mundaneidade.

Em outra crônica, uma outra viagem, um outro passeio. É Martins Pena novamente colocando o seu narrador/observador em outro meio de transporte, fazendo-o viajar, para no decorrer da viagem ir desfiando observações sobre uma sociabilidade em gestação. Pelas mãos de Martins Pena, o dia-a-dia da cidade — com sua enorme porção de surpresas — vai sendo tecido em sua banalidade e utilizado para figurar a própria cidade (essa é a característica da crônica como forma

---

\* Tanto em Baudelaire quanto em Martins Pena o amor é uma das portas de entrada na cidade, na medida em que ele obriga à procura e ao encontro (coisa, segundo Baudelaire, que se priva o egoísta e o preguiçoso). O amor se nutre das surpresas, do desconhecido que uma cidade oferece. Apesar de sentimento íntimo, particular, o amor aqui é tratado como elemento da mundaneidade que lança o sujeito à rua, à procura do “mundo”.

literária \*) ao mesmo tempo em que essa cotidianidade dá os subsídios, através dos quais a crônica anuncia a cidade.

Aquilo que era visto como um corpo doente, desordenado e passível de intervenção, isto é, aquilo que era identificado como lugar de costumes e práticas que perturbavam o bem-estar social, é tomado das mãos dos higienistas pelos cronistas e é transformado em cidade. Melhor ainda, se a cidade é tematizada como problema pela primeira vez pelo discurso higienista, é pela pena dos cronistas que ela começa a ser moldada, não mais como um corpo doente que se cura, mas como uma alma que se gruda a esse corpo, dando-lhe vida.

Mas, voltemos a Martins Pena para vê-lo passeando, desta vez numa barca a vapor, rumo a Niterói. Como na viagem de ônibus, Pena não se assenta à janela para mirar a paisagem. O cronista prefere assestar seu olhar contra a paisagem humana que enche a barca e, a partir daí, ir construindo cenas que vão dando consistência a essa paisagem. É como se o cronista, ao contrário do narrador-viajante que se deslocava em busca de uma paisagem que lhe assegurasse a identidade nacional, precisasse desviar seu olhar da paisagem (uma vez assegurada essa identidade) para pousá-lo sobre um quadro de costumes. Coisa que, talvez, lhe permitisse adentrar a cidade e dela se apropriar.\*\*

Ou melhor, à sua identidade nacional, o cronista sobrepõe uma identidade cosmopolita que é o seu cartão de visita e o modo como ele se apresenta ao mundo. A cidade vai ser para o cronista o que a paisagem natural é para o viajante: uma referência na estruturação de sua identidade. Assim, a estabilidade da cidade como objeto de conhecimento, objeto esse que vinha sendo

---

\* Estou insistindo no papel da crônica como anunciadora do fato urbano, da cidade mesma, porque de acordo com a opinião de diversos autores, em nenhuma outra literatura a crônica se desenvolveu tão intensamente como na literatura brasileira. Desde o seu começo, na primeira metade do século XIX até à atualidade, a crônica tem acompanhado minuciosamente as transformações na vida da cidade. Ao cronista de plantão, já disse uma estudiosa do assunto, “cabe a tutela da coisa pública, a guarda do espaço da cidade”. Ver: “Rio de Janeiro, Cidade da Crônica”, in Resende, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio de Janeiro*. RJ, Livraria José Olympio Ed./CCBB, 1995, p. 52. Foi no Rio de Janeiro que o gênero nasceu e aonde ele mais se desenvolveu. E isso não tem nada de fortuito, pois, apegada ao dia-a-dia, ao cotidiano da cidade, a crônica se tornou uma das formas de registrar as transformações urbanas ao mesmo tempo que registrava o processo da cidade se fazendo Letra, isto é, representação. Cosmopolita e mundana, a crônica permite-nos, pois, acompanhar em seu aparente descompromisso e provisoriidade, o inesperado, o inusitado, o surpreendente, o absolutamente novo que as modulações de uma sociabilidade em processo de elaboração suscitam. A crônica nos dá a cidade e, por isso mesmo, nos projeta na urbanidade — nesse sentido ela tem importante papel na configuração da identidade urbana.

\*\* Conforme Stella Bresciani, “todo um vocabulário se forma para dar conta do fenômeno urbano, uma representação estruturada da cidade como lugar do progresso opondo-a ao campo, o lugar da tradição conservadora”. Bresciani, Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 1, p. 213.



elaborado desde as primeiras teses de Medicina e relatos de viajantes tem correspondência com a estabilidade da crônica como gênero literário e do cronista como narrador.

Há, portanto, uma dialética entre a configuração do cronista como novo narrador da literatura brasileira e a constituição de uma representação estética da cidade que, uma vez estruturada, passará a identificar a própria cidade e dar identidade a seus habitantes. Por isso é que, ao elaborar a crônica de costumes, o cronista se inventa como narrador ao mesmo tempo que inventa a cena urbana. Mas, deixemos de conversa e franqueemos a palavra ao cronista.

Que Martins Pena nos conte um pouco mais dos seus giros pela cidade nos meios de transportes existentes à sua época:

“[...] Faltava um quarto para às nove, a barca ainda não tinha chegado.

A primeira pessoa que vi sentada em um dos bancos[...] foi uma mulher[...] A seu lado um crioulinho enfeitadinho como um macaco de feira. [...] Um pouco mais adiante, estava um velho de calças de ganga amarela, colete de riscado encarnado. [...] Tinha este velho nas mãos alguns jornais que folheava de diante para trás e de trás para diante[...] Estavam mais algumas outras pessoas das quais não me recorde[...]

Puxo o meu tostão, compro o bilhete e encostado na ponte espero que chegue a barca, e vejo assim, mais à vontade, as pessoas que entram. Três jovens[...] que me pareceram empregados, entravam conversando, porém não pude ouvir senão as palavras: “Pagode e madamismo”[...]

Um instante depois, entrou uma velha pelo braço de um velho e precedida de duas belas mocetonas. [...] Chega um frade espanhol, um oficial de Marinha e outros muitos que, pelo número, não observei particularmente.

Chega a barca[...]

Depois de eu ter entrado, seguindo sempre as duas moças, entra o frade, seguido da mulher barriguda, trazendo o moleque pela mão; apenas tinham eles posto o pé dentro da barca que esta, avançando-se como uma vaga, bate de encontro da ponte, fazendo perder o equilíbrio a ambos. O frade cai para trás e, encontrando no meio da queda a mulher barriguda, atira-a no chão e cai assentado em cima da barriga.

Ai! Ai! gritava a pobre mulher[...] ai! que morro!

O moleque chorava, uns gritavam que acudissem a mulher, outros riam-se e o frade, levantando-se muito desconfiado, foi-se assentar junto do leme; a ordem restabeleceu-se e continuou a entrar mais gente.

Já estava bom número de pessoas assentadas, quando vi um rancho de moças dirigirem-se para nós; entram e as minhas duas vizinhas levantam-se e vão ao encontro das recém-chegadas[...]

A sineta tocou pela terceira vez e a barca largou. Dois sujeitos tinham ficado em pé, espiando muito admirados para o maquinismo.

Defronte de mim estava um sujeito falando muito alto e gesticulando fortemente. [...]

Volto a cabeça espantado e vejo o oficial da Marinha em pé no meio do convés, explicando a tomada do Forte de S. João de Ulloa[...]

Ah! Ah! Ah! [...] As minhas vizinhas riam com tanto prazer e tão imoderadamente que o homem-combate foi se esconder atrás da roda do leme.

Ouvia-se uma conversação geral de todos os lados da barca, o sussurro que ela ocasionava não deixava distinguir uma em particular[...] e privado eu deste prazer, voltei as vistas para a tetéia que na verdade estava um pouco buliçosa[...]

Aqui foi a conversação das meninas interrompida pela voz do velho dos jornais que os lia gritando: “aluga-se um boa ama de leite própria para cria. [...]” Dois rapazes que estavam junto do velho não o deixavam acabar com suas risadas comprimidas[...]

Já íamos defronte da Fortaleza de Villegagnon quando (uma das moças) principiou a enjoar[...]

Tudo andava em reboiço. A mãe toda desgrenhada dando aos diabos a barca, faria chorar mesmo a um boi. [...]no fim de muitos suspiros e ânsias ficou a menina mais aliviada e eu fui me escafedendo quando me vi metido no meio de tanta bulha.

Mas, aonde eu fui cair! [...]entre dois mentirosos[...]

No meio destes e outros casos que a falta de espaço não permite numerar, chegamos à ponte da Praia Grande. Aí ia a mãe das meninas de cair no mar, felizmente só se assustou. A enjoada achou, logo, o braço de um cavalheiro para ajudá-la a caminhar. Eu caminhei para a casa do amigo a quem ia visitar, donde voltei às 5 horas da tarde na barca, em cuja viagem me aconteceram casos que, por outra vez, publicarei”.<sup>493</sup>

Nessa nova viagem do cronista, curiosamente, o que prevalece é a algaravia, a confusão de vozes. Mais do que alugar o ouvido para os múltiplos diálogos que se sucedem, Martins Pena cria nessa crônica um efeito de murmúrio de vozes, onde é completamente indiferente sintonizar a individualidade de cada diálogo, na medida mesmo de sua futilidade. O que Pena quer é, simplesmente, ampliar esse murmúrio por toda a barca e fazer dele uma babel de vozes. O efeito conseguido é surpreendente no sentido do cronista criar a noção de confusão/multidão, noção fulcral para introdução da temática urbana.

---

<sup>493</sup> “Uma Viagem na Barca de Vapor”, in *O Correio das Modas. Jornal Crítico e Literário das Modas, Teatros, etc.* RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 614 (1), Seção de Obras Raras, 13/4/1839.

#### 4.4 - Vozes da Cidade

Ao fazer da cena urbana uma babel de vozes, a crônica reconhece e dá legitimidade à polifonia que se manifesta na cidade e mostra ser esta a pista a se seguir na observação de uma identidade urbana em formação. Essa polifonia de vozes que a crônica desatrela, interrompe o tom monocórdio que impregnava o discurso da nacionalidade, para colocar em cena a multiplicidade de acordes que anunciam o **cosmopolitismo**. São essas vozes que têm o poder de tirar das sombras os novos sujeitos da história, os componentes da multidão que encontram acolhida no seio da cidade.

Ao destrancar as portas de entrada da cidade, a crônica assume o seu verdadeiro papel de guia, a sugerir observação de “visitante de museu” para os “quadros de costumes” e “cenas do dia-a-dia”,<sup>494</sup> que vão se sucedendo nos passeios pelo espaço urbano. Como nessa passagem de *O Brasil Pitoresco*, de Charles Ribeyrolles e Victor Frond, publicado em 1859 que, mesmo não se tratando de crônica, constrói a “trilha da crônica de ruas, praças, mercados, plantas e flores municipais para os escritores locais”:<sup>495</sup>

“É verdade que não se erguem aqui os monumentos, pedras animadas da História, e fazem falta. A cidade, há pouco emancipada e ainda em formação, não se tem, por enquanto, adornado das flores da arte. Mas, porventura, suas ruas não são museus vivos? Há no mundo galeria mais rica, mais bizarra do que essa mistura de raças que traficam nos portos, nos mercados, nas praças públicas? E se o pensador, sempre inquieto de almas, se o pintor, seu irmão na luz, buscam estudo, nada terão a recolher nessas fisionomias, nessas multidões?”<sup>496</sup>

Os autores convidam à orgia de vida que explode na cidade e sugerem a escritores e pintores baixarem às ruas para recolherem na multidão o objeto de sua criação. Ruas que iam deixando para trás o cenário colonial marcado pelos “costumes bizarros” dos escravos e iam se repovoando “com figuras de senhores galantes e senhoras a passear com sombrinhas e mantilhas, à moda das Tulherias”.<sup>497</sup>

Esse Rio de Janeiro que ia brotando das crônicas e que aparece na obra de Frond e Ribeyrolles é um Rio “lavado do seu costumbrismo” e, por isso mesmo, “potencialmente cosmopolita”.<sup>498</sup> É de olho nesse cosmopolitismo insurgente que Joaquim Manoel de Macedo, o famoso autor de

<sup>494</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 246.

<sup>495</sup> *Id. ibid.*, p. 245.

<sup>496</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 246.

<sup>497</sup> Segalla, Lygia. *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o Projeto Fotográfico de Victor Frond*. Tese de Doutorado. RJ, PPGAS/MN/UFRJ, 1998, p. 213.

<sup>498</sup> *Id. ibid.*, p. 212.

*A Moreninha*, escreve uma série de crônicas para o *Jornal do Comércio*, numa coluna, não por acaso intitulada “Um Passeio” e que seriam reunidas em livro a partir de 1862, com o título *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*. Macedo, que já fizera seu narrador viajar pelo Brasil, em 1855, com *A Carteira do Meu Tio*, retoma o tema da viagem para passear na corte. Apesar de não se impor uma direção, não se obrigar a um trajeto, Macedo não passeia à-toa. O passeio em Macedo tem a função de **conhecimento**, ou melhor, de ensinamento. Macedo quer dar a conhecer a seu público a história da cidade e de seus monumentos mas, também, quer ensinar — através de pequenas lições exemplares — a uma burguesia emergente (seus leitores), os princípios de uma ética a partir da qual possam se haver com as atribulações da vida urbana. Passeando, Macedo aproveita para contar histórias, cultivar o amor pelas coisas locais, criticar os vícios e estimular a adesão a uma ética, cujo desafio é a vida cosmopolita.

Segundo Flora Sussekind, “é por vezes tão nítido esse papel ‘ordenador’ do cronista que, a certa altura, em *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*, chega a ensaiar desculpas retóricas dirigidas ao leitor-companheiro de viagem. ‘Desculpem-me estas liçõezinhas de moral e economia’, diz. ‘Não é de reparar que eu pregue, de vez em quando, o meu sermão, quando estou passeando em um mosteiro e conversando a respeito de frades’”.<sup>499</sup>

O caráter exemplar das histórias de Macedo tem a ver com sua tentativa de formar, com sua obra, “uma nova mentalidade ética para a burguesia do Império, aparentemente algo desprovida de uma sólida bagagem moral”. Macedo “buscou a essência da idéia do *bon sauvage* na qual o homem é puro e bom, só corrompido ao contato com a sociedade, que deve ser modificada pela **literatura**”.<sup>500</sup> Assentado no coração da corte, pena em punho, Macedo vai admoestá-la contra seus vícios, fruto de costumes que na cidade se deterioram em contato com toda a sorte de “importações morais”. É o que se depreende da crônica *Costumes Campestres do Brasil*, publicada em 1851:

“[...] Uma Nação não tem nada em si de mais cambiante e de menos nacional do que a sua capital[...] a razão é óbvia.

Ponto de reunião de cem diplomatas[...] centros para aonde convergem milhares e milhares de estrangeiros que falam vinte línguas diversas, que trazem consigo os usos, as virtudes, os vícios, a religião e, [...] as marcas distintas de seu país, a capital de um Estado reúne e mistura todos esses usos, virtudes e vícios, enxerta nos pátrios hábitos todas essas importações morais e torna-se, pois, num vaso brilhante, onde se ostentam confundidas umas com outras flores indígenas e exóticas, num tecido irriante e acatasolado ou, finalmente, em uma verdadeira babel de costumes[...]

As nações têm, como os homens, duas vidas muito distintas: a vida pública e a vida privada, a vida do

<sup>499</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 231.

<sup>500</sup> Serra, Tania Rebelo Costa. *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994, p. 33. (Grifo meu).

Estado e a vida do lar doméstico.

A primeira — a vida política — é uma cadeia de grandes acontecimentos de fatos estrondosos; cada anel dessa cadeia é um cataclisma formidável, um feito glorioso, uma revolução espantosa, uma peripécia assombrosa; há aí de mistura, triunfo e derrotas, opulência e miséria; pode ser que as mais importantes cenas desse drama que os episódios mais notáveis dessa vida tenham por teatro, principalmente, as cidades; pode ser que o fio de Ariadne que deve guiar o historiador nesse labirinto só encontrar-se possa nas capitais dos Estados[...]”<sup>501</sup>

Abrindo as portas da cidade a seus leitores e convidando-os a por ela passearem com suas crônicas, Macedo leva seus excursionistas por um caminho que não tem volta. A cidade é irredutível em Macedo. Apesar de acreditar que os “sentimentos profundos”, “o caráter” e a “índole” de uma Nação só podem ser encontrados no campo, apesar de indicar ao filósofo, ao poeta e ao artista que só no campo pode se achar “o belo em toda a sua simplicidade, inocência, virgindade e candidez”, apesar disso tudo, Macedo não escapa à atração da cidade. Nem a cidade escapa à Macedo! Apesar de sua crítica à “artificialidade” da vida urbana, Macedo fixa acampamento no coração da cidade e se torna, com seus romances, um verdadeiro “pintor de costumes da sociedade moderna”.<sup>502</sup> Tão importante é a cidade na obra de Macedo que na luta entre os bons e maus de um de seus romances, *O Moço Loiro*, de 1845, a punição aplicada aos maus “não é um destino trágico, mas o afastamento da corte”.<sup>503</sup> Fazer o personagem experimentar o exílio urbano como um castigo, afastá-lo da corte, privá-lo da experiência da mundaneidade, devia corresponder a qualquer coisa como se morar no Acre naquele tempo.

Para Antônio Cândido, coube a Joaquim Manuel de Macedo a “glória de haver lançado a ficção brasileira na senda dos estudos de costumes urbanos e o mérito de haver procurado refletir fielmente os da sua cidade. Por isso, mesmo, o valor documentário permanece grande na obra que deixou. Os saraus, as visitas, as conversas, os domingos na chácara, os passeios de barca, as modas, as alusões à política, a técnica do namoro[...] a vida comercial e o seu reflexo nas relações domésticas e amorosas — eis uma série de temas essenciais para compreender a época[...]”<sup>504</sup> Ao que acrescentaríamos que Joaquim Manuel de Macedo é tanto mais importante quanto a crônica de costumes foi encontrando seu lugar nos jornais; e, mais do que isso, a cidade foi sendo descoberta pela literatura.

<sup>501</sup> Macedo, Joaquim M. De. “Costumes Campestres do Brasil”, in *Revista Guanabara*. RJ, jul./1851, tomo I, nº 8. Citado por Serra, Tania Rebelo Costa, in *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994, RJ, jul./1851, tomo I, nº 8, pp. 284-287.

<sup>502</sup> *Id. ibid.*, p. 38.

<sup>503</sup> *Id. ibid.*, p. 46.

<sup>504</sup> Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, pp. 128, 129.

#### 4.5 - E o Narrador-Cronista Invade o Romance

Flora Sussekind sugere que a freqüente conversa a dois entre o narrador de ficção e o cronista de costumes faz surgir a figura do **narrador-cronista** que, se enfiando como protagonista nos romances, não faz outra coisa que passeios e mais passeios pelo espaço citadino que lhe serve de cenário.<sup>505</sup>

Parece ser que os escritores se preparam para o **romance**, experimentando a mão na **crônica**, na medida em que ela vai se tornando presença obrigatória na produção literária da segunda metade do século XIX.<sup>506</sup>

Romance e crônica começam a dialogar e o resultado dessa conversa, de acordo com Sussekind, é o aparecimento de um narrador-cronista numa série de romances que inclui o nosso já conhecido *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-53); *A Luneta Mágica* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo; *A Família Agulha* (1870), de Luís Guimarães Júnior; e o *Garatuja* (1872), de José de Alencar.<sup>507</sup>

Não só esses romances têm como cenário o Rio de Janeiro como, também, a cidade é parte integrante da trama, na medida em que o narrador-cronista “se vê obrigado a acompanhar protagonistas em moto-contínuo”<sup>508</sup> pelas ruas da capital, a partir do que toda uma forma de convivência vai se revelando e certos tipos de comportamento vão se presentificando a indicar os costumes de uma cidade em transformação.

De seu posto de observação fincado na cidade (pela crônica, o narrador garantia o seu “direito” à cidade), o narrador-cronista vai observar a perambulação contínua dos personagens pela paisagem urbana, fazendo-os **experimentar** a multiplicidade de imprevistos próprios do passeio urbano. Tais “experimentos” servem para ir testando sua desenvoltura diante de um mundo que se esvaziava (lembrar as crônicas do “Padre Carapuceiro”) de seus significados tradicionais e lutava para se enquadrar nos novos costumes. Ora, é a partir desse esforço de enquadramento que assistimos a movimentação dos personagens nascidos do diálogo entre crônica e romance, e que se desmancham em Leonardos (*Memórias de um Sargento de Milícias*), Simplicios (*A Luneta Mágica*), Agulhas (*A Família Agulha*) e Garatuja (*O Garatuja*).

<sup>505</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 233.

<sup>506</sup> *Id. ibid.*, p. 247.

<sup>507</sup> *Id. ibid.*, p. 234.

<sup>508</sup> *Id. loc. cit.*

Segundo Sussekind, o que caracterizaria essa série de romances seria, sobretudo, a “mediação da crônica e dos quadros de costumes”,<sup>509</sup> o que os tornaria propícios à **caricaturização** de seus personagens: “Poucos traços, algumas ampliações ou reduções costumam bastar para delinear-los”.<sup>510</sup>

Estamos diante, portanto, de “mapas caricaturais” que servem para evidenciar comportamentos típicos da sociedade fluminense da época.<sup>511</sup> Diferentemente dos roteiros genésicos-cartográficos dos anos 30-40 que apontavam em direção a um Brasil do qual se queria fazer brotar a identidade a partir de sua territorialização, esses mapas caricaturais ludibriam a geografia e se aproximam de uma história, ao delinear paisagens históricas, quadros de costumes e tipos.<sup>512</sup>

Frente aos acontecimentos incessantes da vida urbana e diante das “novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país”, misturadas “ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional”,<sup>513</sup> o narrador-cronista iria lançar mão do romance de costumes na tentativa de aquietar a ansiedade da sociedade de apreender aquilo que lhe ia de novo nas entranhas. Andando de lá para cá, o narrador-cronista como que experimenta trilhas, sendas, atalhos, tentando depurar uma **moral** que apontasse os caminhos a seguir... na direção de uma sociedade moderna, cujo horizonte é a cidade que se apresenta como um enigma a ser decifrado.

Tal é o caso, por exemplo, do Simplício, de *A Luneta Mágica* de Joaquim Manuel de Macedo, que completamente míope, física e moralmente, além de nada enxergar que não fossem vultos, não conseguia ajustar duas idéias suas e, por isso, não conseguia fazer juízo do mundo em que vivia. Indo consultar um feitiçeiro armênio especialista em ótica, ganha de presente uma luneta, que é mágica, pois utilizada em certas condições permite que se veja além das aparências. Como tudo o que Simplício queria era enxergar, a luneta (o olhar armado) é um presente dos céus, mas que vai lhe meter em inúmeras trapalhadas, pois, com a luneta, Simplício verá “ou bem todo o mal ou bem todo o bem” que existe na sociedade, dependendo do tipo de lente que usar.

Assim, de posse da capacidade de enxergar (uma metáfora do poder de olhar), Simplício começa a fazer juízo do meio em que vive. Começando por observar sua família e a vizinhança, Simplício vai ampliando o âmbito de sua visão à medida que começa a passear pela cidade. Num desses passeios, Simplício dá com os costados no Passeio Público:

---

<sup>509</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 248.

<sup>510</sup> *Id. ibid.*, p. 249.

<sup>511</sup> *Id. ibid.*, p. 250.

<sup>512</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>513</sup> Citado por *id.*, p. 247.

“Era a primeira vez que eu visitava, com a certeza de poder apreciar pela visão, esse pequeno, mas preciosíssimo jardim, aonde a população da cidade pode ir gozar: das árvores, sombra e imperceptível respiração purificadora do ar; das flores, encanto e perfumes; do mar, o aspecto sublime; da terra, limitada amostra da opulência majestosa da natureza do nosso Brasil[...]

Entrei no Passeio Público e, com apressada curiosidade, fui vendo e gozando os deleitosos quadros da relva verdejante, dos grupos de arbustos graciosos, das árvores gigantes, das correntes d’água, das pontes[...] do terraço que se torna admirável pela vista das montanhas, dos rochedos e do mar, das fortalezas e das ilhas, das praias e da cidade formosa[...]

Tudo isso era novo para mim[...] Eu devia esquecer-me de mim mesmo, embevecendo-se na contemplação de tantos prodígios; senti, porém, perto de mim, em torno de mim, passando junto de mim, indo e vindo, outra maravilha[...] ouvi o ruído do arrastar de vestidos, senti doces e sutis aromas deixados em leve rastro[...] em uma palavra, senti a mulher e não vi mais nem serras, nem ondas, nem florestas, nem cidade; senti, perto de mim, a mulher[...]

Depois das primeiras experiências com a luneta que trazia a visão do mal e dos percalços dessa experiência, Simplício vê sua lente quebrar-se e passa a ter medo de sair à rua, tamanha a confusão em que se metera, pois podendo ver além das aparências, descobria todo o mal que as pessoas traziam escondidas em si: “Dantes eu não sabia reconhecer a profundidade destes erros filosóficos; graças, porém, à influência da minha luneta mágica e, principalmente, à visão do mal, acho-me curado da minha miopia moral”.<sup>514</sup>

Recompondo-se de seu medo, Simplício resolveu matar o tempo, **passeando**, tarde da noite, pelas ruas desertas da cidade:

“E passeei. [...]e andei como o **judeu errante**[...] míope (a luneta se quebrara), nada vi; mas, distraí-me, ouvindo o ruído anunciador da negligência da autoridade pública.

Ouvi o ressonar de mais de um indigente que dormia nos degraus do alpendre de uma igreja[...] Ouvi as juras e os protestos de jogadores infelizes ou roubados que saíam em furor de uma casa[...] Ouvi o estrépito da orgia das famosas mulheres impudicas e dos velhos ricos e jovens viciosos. [...]

Ouvi. [...]

Deus me livre de dizer tudo o que ouvi[...]

Privado da visão, Simplício desenvolve a audição, para escutar os resmungos, imprecizações e clamores da cidade. Mas, tendo experimentado a visão, Simplício não admite mais viver sem ela e encomenda ao feiticeiro armênio uma outra luneta. Ao contrário da anterior, esta só lhe proporcionará a visão do bem. Diante de seu foco, todo o **mal** se converte em **bem**.

Novamente, as mesmas trapalhadas, as mesmas confusões:

<sup>514</sup> Macedo, Joaquim M. de. *A Luneta Mágica*. RJ, Ed. Ática, 1995, p. 46.

<sup>515</sup> *Id. ibid.*, p. 94.

<sup>516</sup> *Id. ibid.*, p. 95. (Grifo meu).



“Pela visão do mal ou pela visão do bem, pelo ódio ou pelo amor da humanidade, pelo mau juízo a respeito de todos ou pelo bom juízo a respeito de todos, as duas lunetas mágicas levaram-me ao mesmo perigo, ao mesmo fim, à mesma calamidade.

Uma, a primeira, me fez passar por doido; outra, a segunda, me fez passar por néscio! Doido ou néscio, não escolho, porque a consequência é a mesma[...]

Portanto, querem condenar-me à miopia perpétua, miopia que, para mim, é a cegueira, é a morte no seio da vida!

Desejo, tenho o direito de desejar ver, que é viver, e não querem permitir que eu viva, não me permitindo que eu veja! [...]”<sup>517</sup>

Um dia, assistindo a passagem de um préstito, Simplício ajustou sua luneta para o cadáver[...] e viu a morte. E se encantou com a morte, já que usava a luneta que lhe permitia a visão do **bem**. Passo seguinte, Simplício decidiu suicidar-se; para tanto, decidiu jogar-se do Corcovado:

“Fui subindo a ladeira tranqüila e pausadamente[...] E fui subindo sempre.

A noite era formosa, a Lua em fase plena mergulhava a cidade em um oceano de luz pálida, mas clara, suave, encantadora e romanesca.

Muitas vezes, voltava-me para contemplar essa já grande babel, esse labirinto de ruas que formam a opulenta capital do Brasil e me embebia por minutos no grandioso panorama da bela Sebastianópolis iluminada por milhares de flamas de gás que simulavam enfeitá-la em noite de festa.

E de cada vez que me voltava para a cidade, eu dela me despedia, dizia-lhe o adeus saudoso e melancólico do filho que se separa da família e que sabe que não voltará mais ao seu lar”.<sup>518</sup>

Depois de muito caminhar, Simplício chegou ao alto do Corcovado:

“Morrerei mas, antes de morrer, quero ver as grandezas da terra que, deste sublime trono erguido por Deus, se revelam e manifestam aos olhos do homem”.<sup>519</sup>

O cansaço, porém, abateu Simplício, que dormiu, para só acordar com os primeiros raios de Sol. Retomando seu projeto suicida, Simplício resolveu, antes de se atirar, experimentar mais uma das mágicas de sua luneta — é que, fixando a mira num objeto por mais de 13 minutos, a luneta facultava ao observador a visão do futuro:

“Instintivamente lembrei-me da capital do Império do Brasil.

Ter, por impressão extrema da vida, uma idéia dos tempos que ainda hão de vir para àqueles que deixarei vivos, era uma ambição arrebatadora; Ter, por extrema despedida do mundo, o quadro aberto do futuro próspero da Pátria, seria a mais suave consolação[...]

Fixei, pois, a luneta mágica sobre o Rio de Janeiro, e vi[...]

Durante os três primeiros minutos: força vital, prodígios de riqueza do solo do Império[...] inveja, capricho, nepotismo, vaidade comprometendo tudo[...]

Além de treze minutos: a visão do futuro[...] primeiro, e de súbito, imensa e compacta nuvem negra

<sup>517</sup> Macedo, Joaquim M. de. *A Luneta Mágica*. RJ, Ed. Ática, 1995, p. 142.

<sup>518</sup> *Id. ibid.*, pp. 153, 154. (Grifos meus).

<sup>519</sup> *Id. ibid.*, p. 156.

coabrindo todo o horizonte e logo através dela, vivíssimo e penetrante raio de luz que me feriu e deslumbrou, que me fez recuar e cair por terra, quebrando-se em migalhas a luneta mágica de encontro a uma pedra!  
Achei-me em trevas, mas ergui-me de pronto e, sem hesitar, corri para o abismo[...]  
Saltei o parapeito, arrojando-me ao profundo precipício. [...]  
Mas, duas mãos possantes puxaram-me pelas orelhas[...]  
Era o armênio”.<sup>520</sup>

Salvando Simpício da morte, o armênio lhe promete uma terceira luneta, lhe ensinando que eles dois não se chamam nem armênio, nem Simpício, mas “Lição” e “Exemplo”:

“O armênio começou a falar[...]  
No mundo há o bem e o mal, como na vida há o prazer e a dor[...]  
Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo, é tão perigoso e falaz como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo. [...]  
Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou — Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és — Exemplo[...]  
Dando-te a segunda luneta mágica, eu fui o que sou — Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és — Exemplo[...]  
A educação do homem, que é a base mais importante e a essencial da Ciência Social, pode explorar em benefício da sociedade, dirigindo-os convenientemente, os próprios defeitos correspondentes às qualidades estimáveis em cada um”.<sup>521</sup>

Dito isto, o armênio ofereceu a Simpício a terceira e última luneta, a que faria o seu dono gozar a visão do bom senso. Depois disso, o feiticeiro se retirou ao mesmo tempo que Reis, amigo de Simpício, chegava ao alto da montanha, anunciando:

- “[...]são onze horas da manhã e ainda não almoçamos[...]eu apenas tomei café às três da madrugada.  
- E eu não ceei ontem e estou morrendo de fome[...] desçamos para a cidade. [...]”<sup>522</sup>

O narrador-cronista de *A Luneta Mágica* é exemplar do diálogo entre a crônica e o romance, uma vez que ele figura ser o próprio cronista dentro de um romance, observando a vida e dela tentando fazer um juízo através do que vê por seus passeios pela cidade. O tema central do romance, a questão do olhar como forma de conhecimento/revelação, é uma questão tipicamente *diz-neuvième* \* e projeta-nos diretamente na nova experiência urbana, onde, segundo Benjamin, é preciso se iniciar nos “princípios da arte de observar”.<sup>523</sup> Será por isso que Macedo faz de seu

<sup>520</sup> Macedo, Joaquim M. de. *A Luneta Mágica*. RJ, Ed. Ática, 1995, pp. 157, 158.

<sup>521</sup> *Id. ibid.*, pp. 160-162.

<sup>522</sup> *Id. ibid.*, p. 165.

\* Ver os trabalhos de Maria Stella Bresciani, já citados; o livro de Walter Benjamin sobre Baudelaire, já citado; o poema em prosa de Baudelaire: *Os Olhos dos Pobres*, e vários outros.

<sup>523</sup> Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 123.

“cronista”, no começo do livro, quase um cego no sentido físico e ético. É a partir da miopia que Macedo fará seu narrador-cronista experimentar as “Lições” antes dele se tornar um “Exemplo” para os leitores. Olhar, entender, formar juízo, decifrar é, por conseguinte, a chave de entrada na moderna vida urbana e, para o miope narrador-cronista que quer tirar lições desta vida, nada mais adequado que uma luneta, ainda mais esta que vê além das aparências.

Concluimos, portanto, que a pretensão do protagonista vai além do simples ver, pois ele quer ver o que não se dá a conhecer numa primeira mirada. Não é à-toa que, quando a primeira luneta se quebra, Simplicio recorre à **audição** (“Deus me livre de dizer tudo o que ouvi”) para seguir “vendo” o mundo. Mas, uma vez experimentada a visão, o narrador-cronista não admite mais viver sem ela (um *voyeur*?). Sem ver, o narrador-cronista fenece, deixa de contar histórias, o que para ele seria “a morte no seio da vida”. Sua capacidade de contar histórias está, portanto, diretamente vinculada ao seu poder de mirada.

Reagindo à miopia, narrador-cronista-protagonista procura ampliar cada vez mais o seu poder de enxergar, ali onde os outros vêem apenas a superfície. Daí, a cena do enterro e a visão do cadáver e da morte.

A decisão de suicidar-se (e não mais contar histórias, portanto) é paradigmática da obsessão do cronista com o olhar. É que Simplicio escolhe matar-se numa circunstância em que sua visão alcançaria o esplendor, a abrangência máxima, quando, então (atirando-se do Corcovado), poderia captar toda a cidade num relance do olhar. Mais do que isso, atirar-se do Corcovado sobre a cidade seria mergulhar na própria cidade, na sua história. Dessa forma, de contador de histórias o cronista, não deixa por menos, viraria história contada, ajudando a tocar para frente a arte de contar histórias... e de observar.

Não sei se Macedo leu Edgar Allan Poe, mas há na *A Luneta Mágica* algo ligado ao olhar que evoca com muita força o conto *O Aperto*, de Poe. Neste caso, não é de um suicídio que se trata, mas da morte de uma senhora causada pelo fascínio do olhar. Trata-se de uma velha que sobe à torre do relógio da cidade para poder vê-la em seu conjunto. Como não havia janelas no alto da torre, apenas uma pequena abertura, por onde se enfiava a mão para ajustar as horas quando o relógio adiantava ou atrasava, a velha enfiou a cabeça na abertura com o fito de cumprir seu intento de observar a cidade. Maravilhada com o que via, não notou o tempo passar, só se dando conta quando os ponteiros das horas e dos minutos não lhe permitiam mais mover o pescoço. Ato seguinte, é o tempo que não cessa de passar e os ponteiros do relógio que deceparam a cabeça da mulher.

Na bela interpretação que Nicolau Sevcenko<sup>524</sup> faz desse conto, o que ressalta é o “encantamento irresistível” que a visão da cidade exerce sobre quem a vê, levando, no limite, à morte.

O que para mim aproxima as duas histórias é que tanto numa quanto noutra o fascínio do olhar está presente, mas não um olhar meditativo para o vazio e sim um olhar observador (de cronista contador de histórias) sobre a cidade. Há, além disso, uma outra coisa que liga as duas histórias e costura a relação entre o olhar e a cidade. É o amor à cidade, o fascínio pela vida urbana. Entende-se, então, porque a velha não vê o “tempo” passar e porque o Simplício escolhe morrer atirando-se do alto do Corcovado. Hipnotizada pela beleza da cidade, a mulher cai num erro fatal. Simplício, ao contrário, vai de encontro à morte, tranqüilamente, aproveitando no seu trajeto para se embeber do “grandioso panorama da bela Sebastianópolis” e ir dela se despedindo. O cronista não se despede da família, dos amigos, dos amores, mas da cidade que tanto amou. E num derradeiro gesto, pronto a arremeter-se contra o abismo, o cronista canta o seu canto de sereia, fixa a luneta mágica sobre a Cidade do Rio de Janeiro e vê o seu futuro.

Com esse desfecho Macedo põe nas mãos de seu narrador-cronista o poder de “escolher” o futuro da cidade, através do aprendizado que este faz do **bom senso**. O narrador-cronista, com seu bom senso, vai desbravando os enigmas da cidade para os leitores e, com isso, construindo dela a imagem da concórdia (bom senso), lugar da articulação do pacto urbano.

O que resta depois do cronista ter assegurado a possibilidade da cidade e da arte de contar histórias? Mais nada, porque com tanto esforço o ex-suicida está morrendo de fome e o melhor mesmo é baixar do Corcovado, refestelar-se num bom almoço — e depois passear tranqüilo... pela cidade.

Como o Simplício de Macedo, o Leonardo de *Memórias de um Sargento de Milícias* deixa entrever, também, o diálogo que a crônica e o romance entretêm entre si e que se desdobra numa série de quadros de costumes, onde a cidade, além de servir de cenário, é o objeto dos **acontecimentos** (a cidade como eixo das histórias e escolhas dos personagens).

O Leonardo das *Memórias*, no entanto, difere muito do Simplício moralista de *A Luneta Mágica*. Escrito 17 anos antes, *Memórias* se caracteriza pelas malandragens de Leonardo pelas ruas do Rio de Janeiro e sua vocação de viver ao léu pela cidade, em busca, primeiro, de diversão e, depois, de erotismo, boa vida e... diversão.

---

<sup>524</sup> Sevcenko, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nº 8/9.

Se Simplicio luta por fazer um juízo próprio do que é o bem e o mal, Leonardo, simplesmente, não tem “juízo”, ou melhor, não precisa dele para viver “sem lenço nem documento”, pois ele tem astúcia. É que diferentemente do cronista moralista exemplar de Macedo, o cronista em Manuel Antônio de Almeida experimenta a cidade como possibilidade do gozo.

Ou seja, o romance de Almeida denota uma “certa ausência de juízo moral” e uma tendência de “aceitação risonha do ‘homem como ele é’, mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e da desordem, entre o que se poderia chamar, convencionalmente, o bem e o mal”.<sup>525</sup>

Em Macedo, a cidade tem outra conotação: ela é o lugar da escolha entre o bem e o mal, e o cronista, pelo seu bom senso, vai abrindo o caminho para os leitores. No entanto, em Almeida, o leitor está livre dessa escolha, pois eles (o bem e o mal), na sua visão, se equivalem.

Macedo e Almeida estão vivendo a mesma cidade, embora em momentos diferentes, e cada qual enxerga nela aquilo que é possível em cada época. Assim, Manoel Antônio de Almeida, situando sua história no “tempo do rei”, vai em busca de uma cidade que recém adquirira a condição de corte e aonde, como assinala Antônio Cândido, a repressão moral só pode existir fora das consciências.<sup>526</sup> Em outros termos, Almeida produz uma representação de cidade aonde estão ausentes ainda as antíteses que organizam o mundo entre o bem e o mal. A cidade em Almeida é, em seu limite, um mundo sem culpa.

Em Joaquim Manuel de Macedo, a representação da cidade revela uma outra realidade, fortemente marcada pela necessidade de juízos de valor, condição-limite para se evitar que a sociedade, na visão de Macedo, sucumbisse aos caos.

Meu intuito, entretanto, não é estabelecer uma comparação entre os dois autores; ao contrário, o que quero é mostrar como eles se aproximam no sentido de dotar o leitor de instrumentos de leitura da nova realidade que a cidade mostrava ser. Embora com visões diferentes da realidade no plano da configuração de uma “urbanidade”, ambos os autores se aproximam do “projeto” de levar o leitor a passear pela cidade, preparando-o para assumir sua **identidade urbana**.

Dois outros autores, como assinalamos atrás, devem ser alinhados a Macedo e Almeida como representativos do diálogo entre crônica e romance e do esforço de se constituir uma representação da nova realidade urbana que se insinuava. São eles: José de Alencar e Luís Guimarães Junior, com as obras *O Garatuja* e *A Família Agulha*, respectivamente.

---

<sup>525</sup> Cândido, Antônio. “Dialética da Malandragem”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 39.

<sup>526</sup> *Id. ibid.*, p. 49.

No *O Garatuja*, o personagem principal do livro é Ivo do Val, rapazola ágil no desenho e que trabalhava num cartório no Rio de Janeiro do século XVII. Na análise que faz do personagem, Flora Sussekind assinala que:

“É Ivo quem se encarrega ainda de narrar comicamente pelos muros e paredes o que vai pela cidade, e de implicar com os poderosos de todo tipo, em especial clérigos, em animalizações pintadas em painéis ambulantes ou diretamente nas ruas[...] Cabe a ele fazer a crônica, em caricaturas traçadas no próprio espaço citadino, do que por aí aconteceu ou está acontecendo[...]

E é passeando ao léu pela cidade que Ivo do Val colhe seus assuntos e os remodela ‘grotescamente’, segundo impressões que, como paisagem-segunda, interferência pessoal, inscreve nas taipas e muretas da paisagem urbana. Esta passa a ser mapeada em caricaturais cartas cidadinas, variáveis de acordo com os acontecimentos mais recentes[...] Diário de viagens bem rápidas pelo cotidiano e por ruas e arrebaldes que se sabem de cor nos quais se acrescentam apenas alguns traços cômicos e o modo de vê-los desse passante ‘impiedoso’[...]”<sup>527</sup>

Mais uma vez, o cronista a querer falar da cidade: desta vez, através de caricaturas, fazendo dos muros da cidade uma espécie de caderno, onde registra impressões do cotidiano. Novamente, o cronista como tradutor do acontecimento urbano como guia do leitor no reconhecimento de terra tão desconhecida.

Ainda que ambientado no século XVII, o romance de Alencar, através de seu travesso protagonista, leva o leitor a passear pela cidade e, através dos rabiscos nos muros, a aprender a “ler” essa cidade. Lembremo-nos que na época em que José de Alencar publicou o romance (1872) os periódicos de caricatura se desenvolviam a pleno vapor, com excelente tiragem e se legitimavam frente ao público leitor como uma nova forma de narrativa.

Metendo um caricaturista em seu romance, mesmo que deslocado no tempo, Alencar não faz mais do que ampliar a capacidade do leitor de conhecer a cidade e de reafirmar a visão como instrumento fundamental da experiência de conhecimento das práticas urbanas.

No romance *a Família Agulha*, folhetim publicado em 1870 no *Diário do Rio de Janeiro*, o imprevisível parece ser a tônica da narrativa. Caminhando em ziguezague, a narrativa não chega a lugar nenhum, porque mais importante que chegar é o exercício de narrar. Nesse romance, não há lugar para uma leitura em linha reta. O que importa são os volteios, os vaivéns, as curvas que, graças ao *non-sense*<sup>528</sup> que caracterizam a família-personagem, permitem que o autor passeie com sua pena pelo insólito das situações próprias da convivência em sociedade. Assim, mais importante que a sina dos Agulhas, é a exploração que Luís Guimarães faz dos acontecimentos na

<sup>527</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, pp. 241, 242.

<sup>528</sup> Id. “A Família Agulha: uma Prosa em Ziguezague”, in Guimarães Júnior, Luís (org.). *A Família Agulha, Romance Humorístico*. RJ, INL/Presença, 1987, Introdução, p. 16.

cidade e sua potencialidade cômica e caricatural.

A propósito da dinâmica dos acontecimentos que o convívio social suscita, Marlyse Meyer no seu estudo sobre o **folhetim** sugerirá a idéia de “mundo folhetinesco”, para explicar não só o patético mundo do folhetim mas, também, o patético mundo da realidade como se o próprio real se impregnasse da dramaticidade que acomete os folhetins.<sup>529</sup> Ou melhor, a realidade, por vezes, se tornando mais folhetinesca que o folhetim.

É por aí que o romance de Luís Guimarães caminha, descortinando para o leitor, através de seus personagens “malucos”, uma cidade à beira do folhetim que, a um simples gesto do cronista, se transforma em literatura... ou em charge.

Se pudéssemos sintetizar esses quatro romances numa palavra, eu sugeriria que ela fosse **acontecimento**.<sup>530</sup> Porque é do acontecimento que o cotidiano se faz folhetim.<sup>531</sup> Assim, diante de um “mundo folhetinizado”,<sup>532</sup> só mesmo as “rocambólicas”<sup>533</sup> aventuras de personagens que perambulam ao léu, expostos a todos os imprevistos, podem dar conta dos **acontecimentos** que tomam a cidade.

Traduzido em termos estéticos, esses **acontecimentos** irão redundar, primeiro, no romance de costumes e no folhetim; posteriormente, no “romance urbano”. Traduzido em termos sociais, os

<sup>529</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 403.

<sup>530</sup> O sentido que desejo dar à idéia de acontecimento é exatamente este: o do **acaso**, em uma sociedade que não se regia mais pelos valores tradicionais e que se fundavam na **permanência**. De acordo com análise de Hanna Arendt, a propósito do romance moderno e de seu leitor, “a promoção do **acaso** à posição de árbitro final da vida iria atingir o seu ponto mais alto no século XIX. Como resultado, surgiu um novo gênero na literatura — o **romance** — que acompanhou o declínio do **drama**. Pois, o drama perdeu seu sentido num mundo sem ação”, aonde o sujeito não controla mais os **acontecimentos** que irão definir o seu destino, “enquanto o romance podia tratar, adequadamente, os **destinos** dos seres humanos que eram, quer vítimas da necessidade, quer favoritos da sorte[...] Só o romance em sua completa maturidade, tendo interpretado e reinterpretado toda a gama de temas humanos, podia pregar o novo evangelho da paixão do homem pelo seu próprio destino[...]” Citado por de Decca, Edgar. “O Que É Romance Histórico? Ou Devoivo a Bola pra Você — Hayden White”, in Aguiar, Flávio (orgs.) *et alii. Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre Histórico e o Literário*. SP, Xamã Ed., 1997, p. 199. (Grifo meu).

<sup>531</sup> Lembramos que tanto *Memórias de um Sargento de Milícias* quanto *A Família Agulha* foram publicados sob a forma de **folhetim**. Segundo Marlyse Meyer, o folhetim deve ser entendido tanto como uma forma — romance em fatias publicado ao pé da primeira página do jornal — quanto como um elemento estrutural na maneira de organização da narrativa, de sorte tal que esta se interrompa a cada momento (uma espécie de “suspense” para atrair o leitor), para recomeçar no momento seguinte, conforme a **periodicidade** do jornal. Ver: Meyer, Marlyse. *Op. cit.*, p. 59.

<sup>532</sup> “Mundo folhetinizado” é uma referência à transformação do real pelo imprevisto dos acontecimentos em folhetim.

<sup>533</sup> Rocambólico, conforme Meyer, deriva de Rocambole, o nome do mais popular herói do folhetim francês. Um personagem com múltiplas facetas, deixando-se viver todos os dramas possíveis de uma grande cidade.

**acontecimentos** implicarão na elaboração de imagens da cidade passíveis de serem manipuladas pelo leitor como elementos de decodificação de seu sistema de valores.

Para Antônio Cândido, a condição mais de ordem sociológica que psicológica dos romances de costume fez eles se subordinarem mais à lógica dos acontecimentos que a um tempo interior próprio do conflito moral e característico do romance *tout court*.<sup>534</sup> Por isso, mesmo, os romances de costumes podem se abrir para o **imprevisível** que a nova condição social da vida urbana suscita.

“Diferente do simples romance de aventuras, o acontecimento importa aqui, todavia, na medida em que revela certas formas de convivência e certas alterações na posição das pessoas, umas em relação às outras”.<sup>535</sup>

Por se definir antes como “um modo de existir do que de ser” é que o romance de costumes pode se permitir estar constantemente à beira do abismo (a narrativa se interrompe, volta atrás, dá saltos), pois seus personagens só se valorizam no momento em que personalizam certos costumes.<sup>536</sup> Fora da ação, independente dos acontecimentos, eles não são nada, exaurem-se. A esse propósito, Antônio Cândido, analisando o Leonardo de *Memórias de um Sargento de Milícias*, conclui que:

“[...]depois das traquinagens dos padres bilontras, dos feiticeiros, das festas religiosas, das ‘súcias’ e das visitas, nada mais lhe restava: tinha sido moleque, coroinha, serviçal do rei, soldado. Que lhe restava de fato? A ‘felicidade cinzenta e neutra’ de que fala Mário de Andrade, acentuando que ‘o livro acaba, quando o inútil da felicidade principia’”.<sup>537</sup>

Estamos diante, portanto, de romances, de enredos, de personagens que foram feitos para durar enquanto se movimentam, enquanto passeiam pela cidade à procura de acontecimentos a partir dos quais a história vai se tecendo. Quando param para pensar, quando se tornam introspectivos, quando se trancam no quarto para refletir, definham e a narrativa se desvanece. Segundo Sussekind, “a corrosão mora ao lado da dicção do cronista”.<sup>538</sup>

Em sua ânsia de narrar, o cronista faz de seus personagens verdadeiros desbravadores,

<sup>534</sup> Ver a análise que Antônio Cândido faz sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, em Almeida, Manuel Antônio de. “O Romance em Moto-Contínuo”, in *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, vol. 2, p. 197.

<sup>535</sup> Cândido, Antônio. “Dialética da Malandragem”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993.

<sup>536</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>537</sup> *Id. ibid.*, p. 196.

<sup>538</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 265.



exploradores mesmo, dessa coisa tão desconhecida do leitor que era a “selva” urbana. Estamos diante de uma experiência literária muito peculiar, pois ao fazerem seus personagens passearem pela cidade, o que os narradores estão proporcionando a esses protagonistas é nada menos do que tirá-los da esfera da convivência familiar, privada, para fazê-los entrar na esfera pública. Esfera pública não no sentido de circulação pelo espaço público, mas a da conquista do direito à fala, num país aonde tão poucas vozes vinham à tona para se exprimir. E assim, nas estrepolias e passeios pela cidade, de Leonardos, Agulhas, Garatujas e Simplicios, descobrimos... sua voz!

E como quem tem voz, vocífera, descobrimos mais uma coisa: que, ao abrirem caminho para a esfera pública pela fala, esses personagens revestem a cidade com o estatuto da **política**, na medida em que quem tem voz faz sua “inscrição simbólica na *pólis*”,<sup>539</sup> pois o exercício da sociabilidade na esfera pública supõe a palavra como enunciadora do pacto social, portanto, do “jogo do litígio que institui a cena política”.<sup>540</sup>

Dessa maneira, de passeio em passeio, de fala em fala, esses personagens vão forjando, dentro de uma estratégia estetizante,<sup>541</sup> uma consciência urbana que equivale a uma segunda natureza e que é puro artifício, fruto da razão.<sup>542</sup> Dessa estratégia estetizante nasce uma imagem da cidade que, informada pela linguagem da política, institui o nascimento do cidadão como artífice e sujeito da cidade.<sup>543</sup>

Como tal, o cidadão passa a ser portador de uma nova racionalidade política, sujeito “subordinado à ética do contrato que convém reconhecer como legítima e fundadora da vida em sociedade”.<sup>544</sup> A partir daí, o espaço da cidade passará a ser descrito não mais como o palco dos “acontecimentos” fortuitos, mas daquelas *praxis*<sup>545</sup> que instituirão a esfera pública. A cidade que até então não passava de motivo para o desfile de quadros de costumes, através dos quais se ensaiava a ética da convivência, na medida do surgimento de uma esfera pública, cristaliza-se em um espaço público atravessado pela linguagem da política.

---

<sup>539</sup> Ver a instigante interpretação sobre a Política na *pólis* e na *civitas* feito por Rancière, Jacques. *O Desentendimento. Política e Filosofia*. SP, Ed. 34, 1996, p. 37.

<sup>540</sup> *Id. ibid.*, p. 39.

<sup>541</sup> Montóia, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990, p. 6.

<sup>542</sup> *Id. ibid.*, p. 12.

<sup>543</sup> *Id. ibid.*, Introdução, p. 7.

<sup>544</sup> *Id. ibid.*, p. 123.

<sup>545</sup> Estou tomando *praxis* no sentido que Hanna Arendt lhe dá: “De todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas, somente duas eram consideradas políticas[...]: a ação (*praxis*) e o discurso (*lexis*)”. Arendt, Hanna. *A Condição Humana*. RJ, Forense Universitária, 1987, p. 34.

No estudo que faz da “urbanização” do romance latino-americano, Moreno Duran no seu livro *De la Barbárie a la Imaginación* mostra como esse processo repercute na literatura:

*“La novela latinoamericana contemporánea surgió de una profunda crisis, evidente tanto en su estructura formal como en su contenido, y proyecta su interés hacia una mayor vocación protagónica del hombre y su contemporaneidad (su universalidad) en detrimento de la hasta no hace mucho predominante presencia del paisaje y sus referencias terrígenas”.*<sup>546</sup>

Coincidindo com a interpretação que Sussekind faz do surgimento de um narrador e de uma paisagem-temática nacional, Moreno Duran procura entender como se deu a superação das *referencias terrígenas*:

*“Fue entonces cuando se dio ese brusco pero fértil cambio de escenario en la novela, no tanto para abandonar un mundo precario e inocente, sino para alcanzar una más amplia visualización de la realidad a través de un plano hasta ese momento consciente o inconscientemente ignorado: la ciudad”.*<sup>547</sup>

O reconhecimento da esfera pública como uma realidade e, portanto, da cena política como instauradora do pacto da convivialidade, permitirá vislumbrar a cidade pela primeira vez como um todo complexo e coerente.

Escapando às *referencias terrígenas* através de sua “politização”, a cidade desprende-se das amarras locais e pode se projetar na universalidade, transformando-se no novo objeto de pactuação da sociedade a partir do qual se define o projeto civilizatório. Segundo Moreno Duran:

*“Nunca antes la ciudad había existido en la literatura latinoamericana como anécdota central de la narración o como objeto a través del cual se pudiera captar la realidad de nuestro mundo. Nunca antes, en sentido estricto, fue protagonista de un bien elaborado discurso ficticio”.*<sup>548</sup>

Esse processo de cristalização da cidade como novo objeto do conhecimento não se dá, no entanto, de forma tão linear, pois, conforme Moreno Duran, a cidade:

*“[...]no alcanzó a prospectarse como entidad propia, ya que si bien algunas veces intentó individualizarse como contexto narrativo, se perdió irremediavelmente en medio de los detalles desajustados y precarios del típico cuadro de costumbres de ésta o aquella época, de éste o aquel país de nuestro continente”.*<sup>549</sup>

<sup>546</sup> Duran, R. H. Moreno. *De la Barbárie a la Imaginación. La Experiencia Leida*. Bogotá, Tercer Mundo Ediciones, 2ª ed., 1988, p. 185.

<sup>547</sup> *Id. ibid.*, p. 186.

<sup>548</sup> *Id. ibid.*, p. 187.

<sup>549</sup> *Id. ibid.*, p. 187. (Grifo meu).

Embora a cidade tenda a se constituir numa referência para o romancista, com o romance-crônica de costumes ela era, todavia, uma “coleção desorganizada de impressões”,<sup>550</sup> pois não se configurava ainda como um **conceito**, como uma representação estruturada,<sup>551</sup> da sociedade moderna.

De acordo com Moreno Duran:

*“En la mayor parte de los casos, la óptica del novelista se recreaba en elementos que si bien ya constituían referencias plenamente urbanas, no respondían a la situación específica del protagonista dentro de la realidad concreta, universal que ya la ciudad implicaba. Era una visión unilateral, parcial; la ciudad así tratada, revertía a lo sumo en Arcadia \* mayor, no en urbe moderna con una función específica a desempeñar en el mundo contemporáneo”.*<sup>552</sup>

Só quando as imagens constitutivas da cidade forem penetradas pela linguagem da política, ou melhor, só quando a cidade refletir a aparência da sociedade<sup>553</sup> e revelar a “questão social” é que a cidade deixará de ser “motivo” para transformar-se em “contexto narrativo” da literatura. Aí, então, a moralidade típica das crônicas e dos romances-crônicas irá transitar de uma etiqueta para uma ética, impondo, a partir do Romantismo, uma “sociabilidade entendida como conciliação de interesses opostos em projetos de formação civilizatória”.<sup>554</sup>

Como lugar da Política na sociedade moderna, a cidade se transformará no espaço da domesticação das diferenças sociais e sua **imagem** tenderá a se aproximar da **linguagem** da política.<sup>555</sup> Quando imagem e linguagem se fundirem, teremos configurada a nova realidade da cidade, sobre a qual o romance urbano iria lançar suas raízes.

<sup>550</sup> Montóia, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990, p. 145.

<sup>551</sup> Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 1, p. 213.

\* Por “Arcadia mayor” o autor entende o tratar a cidade como uma paisagem, como fazia o Arcadismo com a paisagem bucólica e rural. Ao referir-se a cidade como **Arcádia maior**, Duran está insistindo na idéia de que a tematização da cidade pela literatura não alcançava transformá-la num objeto novo de reflexão. Segundo Duran, ao olhar a cidade, os literatos não conseguiam vê-la como outra coisa a não ser como uma Arcádia em ponto maior, ou melhor, como uma outra paisagem, similar à tradicional paisagem da natureza, tão cara ao Arcadismo. Só com a superação dessa limitação e com a instituição de uma “paisagem urbana” é que os literatos poderão olhar para a cidade como uma nova temática de reflexão.

<sup>552</sup> Duran, R. H. Moreno. *De la Barbárie a la Imaginación. La Experiencia Leida*. Bogotá, Tercer Mundo Ediciones, 2ª ed., 1988, pp. 187, 188.

<sup>553</sup> Montóia, Ana Edite R. *Op. cit.*, p. 171.

<sup>554</sup> *Id. ibid.*, p. 241.

<sup>555</sup> *Id. ibid.*, p. 22.

## 4.6 - O Romance Urbano

Para que o romance urbano nasça é preciso, antes de tudo, inventar o urbano, ainda que a cidade exista já há muito tempo.

Pode parecer contraditório referir-se à cidade sem seu componente urbano, mas é mesmo assim: o urbano não é “natural” da cidade, o urbano é invenção social na cidade.

A fórmula para transformar **cidades de pedra** em “cidades urbanas” é aparentemente simples: é dar ao amontoado de casas, templos, monumentos, prédios que definem a cidade, é “dar a essas formas físicas um enquadramento numa teia discursiva, de maneira tal que a dureza da pedra não se reconheça mais na alma mineral, mas somente na fluidez do discurso”.<sup>556</sup>

Inventar o urbano é só aparentemente simples, pois exige toda uma química, porque “injetar alma — significados — na cidade é transformá-la em objeto, é possibilitar o processo de invenção social”.<sup>557</sup> Vejamos, pois, a cidade “mais como um parto de inteligência, fruto da capacidade humana de representar o mundo em imagem (como ensina Angel Rama em seu *A Cidade das Letras*) do que como uma acomodação física ao solo”.<sup>558</sup>

É por não se reduzir à pedra, portanto, que a cidade não se deixa ler. Daí, a importância do romance urbano não só como uma representação da cidade mas, também, como uma certa visão da cidade. Na medida em que na “cidade urbana” tanto a experiência quanto a dinâmica das relações sociais tendem a se tornar opacas, assim como a identidade e a comunidade se tornam mais problemáticas, em termos de percepção e avaliação, desde que forem aumentadas a magnitude e a complexidade da organização social característica,<sup>559</sup> nessa medida a experiência da cidade deve ser tomada como o método da ficção. E vice-versa, o método da ficção deve ser visto como a experiência da cidade.<sup>560</sup> “O importante é que a visão — e não se trata de uma visão

<sup>556</sup> Pechman, Robert Moses. “Pedra e Discurso: Cidade, História e Literatura”, in Aguiar, Flávio et alii. *Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário*. SP, Ed. Xamã. 1997, p.101.

<sup>557</sup> *Id. ibid.*, p. 102.

<sup>558</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>559</sup> Raymond Williams, ao analisar a tendência à opacidade das cidades, está se referindo a cidade que aparece na obra de Charles Dickens. Pouco importa, esse processo é inevitável em toda a experiência urbana propiciada pelo capitalismo, segundo Marx, devido à coisificação das relações sociais e à fetichização da mercadoria. Conforme Williams, “o crescimento das cidades, em particular das grandes cidades e de uma metrópole, a divisão e a complexidade do trabalho cada vez maiores, as modificações sofridas pelas relações cruciais entre classes e no interior das classes; no contexto de transformações como essas qualquer pressuposto de uma comunidade cognoscível — uma comunidade inteira, inteiramente cognoscível — torna-se cada vez mais difícil de sustentar”. Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, p. 228.

<sup>560</sup> *Id. ibid.*, p. 216.

única e sim de uma dramatização contínua — é a forma da escritura”.

À opacidade da cidade, o romance urbano procura tornar visível o destino comum de seus habitantes, através da revelação das “conexões profundas e decisivas”,<sup>561</sup> que ligam tudo e todos. “São esses os relacionamentos e conexões reais e inevitáveis, os reconhecimentos e admissões necessários em qualquer sociedade humana. Mas, são de um tipo que é obscurecido, complicado, mistificado pela pressa, pelo barulho, pela heterogeneidade dessa nova e complexa ordem social”.<sup>562</sup>

Para Raymond Williams, de acordo com a análise que ele faz da obra de Dickens e de sua capacidade de “revelar” as entranhas daquela que era na época a maior metrópole da face da Terra, a cidade é a personificação social e visual<sup>563</sup> mais evidente de que tudo e todos estão submetidos a uma enorme força que põe tudo em movimento. A função do romancista urbano seria, para Williams, justamente revelar, tornar cognoscível a natureza da vida urbana, para melhor se conhecer a natureza da vida humana.

Diante de tal complexidade que irá caracterizar também, mas de outra forma, a experiência urbana brasileira, aquele nosso narrador-cronista que vinha dando voz aos protagonistas dos passeios ao léu pela cidade, estaca. É que não lhe servem mais nem os passeios, nem as observações sobre os costumes, nem tampouco o traço caricatural e sem densidade psicológica que faz dos personagens, para dar conta da nova “gramática da moralidade”<sup>564</sup> na qual se inscreve o texto urbano.

Talvez, por isso, possamos pensar na *A Luneta Mágica* (1878), de Macedo, como romance emblemático e que faria a passagem entre os salões de *A Moreninha* (1844) e a rua, aonde se encena o “essencial da vida”, território denso”, chave para melhor se compreender as relações sociais e aonde a cidade joga o seu destino.<sup>565</sup> É que, ao potencializar, através de uma luneta, a capacidade do seu míope narrador enxergar, Macedo dota seu personagem do poder de mirar por trás das aparências, apontando para a possibilidade do romance mergulhar na “torrente subterrânea” da vida que atravessa a cidade e na qual todos os viventes se abeberram, quer queiram ou não.

<sup>561</sup> Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989.

<sup>562</sup> *Id. ibid.*, p. 217.

<sup>563</sup> *Id. ibid.*, p. 227.

<sup>564</sup> *Id. ibid.*, p. 229.

<sup>565</sup> Farge, Arlette. *Vivre dans la Rue à Paris au XVIII<sup>ème</sup> Siècle*. Paris, Éditions Gallimard/Éditions Julliard, 1992, pp. 19, 20.

Dotando seu míope — físico e moral — personagem de uma “gramática da moralidade”, Macedo investe a cena do romance de uma *ética* que remete à formação do sujeito social moderno, homem duplo (dividido entre a vida íntima e a vida de aparência) que se desdobra em sujeito de direito, cidadão e sujeito gramatical, sobre o qual irão se basear as concepções jurídicas, políticas e gramaticais da individualidade.<sup>566</sup>

Diante disso, o mundo a conhecer (a cidade, a sociedade) por esse sujeito, deixa de ser apenas uma função dos objetos — do que há para ser conhecido — (característico da crônica) e passa a ser, também, uma função dos sujeitos, dos observadores (característico do romance).<sup>567</sup>

Se a crônica apalpa a cidade tentando reconhecê-la, o romance urbano, além de submeter a cidade (como objeto) ao seu olhar, tematiza o sujeito desse olhar elaborador das imagens da cidade. Sendo assim, o romance urbano reconhece a cidade como o palco para as virtualidades de expressão do sujeito.<sup>568</sup> “A cidade aparece ao mesmo tempo como fato social e paisagem humana. O que é dramatizado nela é uma estrutura de sentimentos muito complexa”.<sup>569</sup>

É exatamente por isso que os personagens de um Machado de Assis, em vez de se porem a marchar, a prosseguirem as viagens e passeios começados pelos narradores da prosa de ficção brasileira, em princípios do século XIX, são levados a perambular em torno de si mesmos.<sup>570</sup>

Não se trata mais de viagens “em direção às origens, às fontes da nacionalidade” mas, ao contrário, trata-se da “mobilidade auto-reflexiva do sujeito **que relata**”,<sup>571</sup> a única capaz, fugindo da “cor local” dos romances, de permitir ao narrador uma aproximação a um plano mais universal.<sup>572</sup>

Fugindo à paisagem e, portanto, ludibriando o espetáculo da natureza brasileira, Machado abre as portas da cidade, já destrancadas por Joaquim Manuel de Macedo, onde a “pesquisa dos valores espirituais, num plano universal, o conhecimento do homem e da sociedade local”, remetem para “um espaço, não mais geográfico ou social mas, simplesmente, humano, que os engloba e

<sup>566</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, n° 13, pp. 8, 9.

<sup>567</sup> Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, p. 229.

<sup>568</sup> Montóia, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990, p. 61.

<sup>569</sup> Williams, Raymond. *Op. cit.*, p. 220.

<sup>570</sup> Sussekind, Flora. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990, p. 274.

<sup>571</sup> *Id. loc. cit.* (Grifo meu).

<sup>572</sup> *Id. ibid.*, p. 267.

O romance urbano se transforma numa espécie de instrumento de descoberta e interpretação da realidade, seja do comportamento humano, seja das relações sociais. Por encerrar esse poder, por “sua vocação histórica e sociológica”, é que o romance pôde descobrir a “interdependência dos indivíduos e dos grupos, fazendo da sociedade uma vasta estrutura misteriosamente solidária”.<sup>574</sup> É assim que — diferentemente dos primeiros narradores-viajantes ou dos narradores de ficção da literatura brasileira que tinham como ponto de mira fixo a paisagem brasileira e, por conseguinte, a Nação como horizonte, lugar a que se deveria chegar ao final da viagem — os romancistas urbanos sacodem a poeira da viagem e estabelecem acampamento no coração da cidade. Sem precisar se movimentar, olhar armado pela experiência da crônica, o romancista urbano teve que se defrontar com uma “realidade” que lhe exigia mais que sua capacidade de viajante, mais que seu poder de classificar a natureza para entendê-la. E foi a partir desse esforço de entender a realidade urbana que os romancistas urbanos foram formulando múltiplas representações sobre a cidade, fragmentos de um todo que iriam se configurar num discurso sobre a cidade e, por conseguinte, numa imagem da cidade. É lógico que isso deve ser visto como um processo, portanto, como um fenômeno que se desdobra no tempo.

Já vimos como o romance, superando os acontecimentos que se sucedem em moto-contínuo, procura “encadear” esses acontecimentos fazendo-os pertencer a uma mesma ordem de coisas: o sistema de funcionamento de uma cidade. Além das obras já analisadas, uma infinidade de outras levaram seus autores a tentarem (juntando os fragmentos) elucidar, desvendar mesmo aquilo que daria sentido à experiência urbana.

Em José de Alencar, por exemplo, a experiência urbana recai sobre a figura da mulher. É através do olhar sobre a figura feminina que a sociabilidade se abre ao conhecimento e a dinâmica da cidade se revela. Daí, o título de várias de suas obras a sugerirem o desconhecido a ser descoberto: *Senhora*, *A Viuvinha*, *Lucíola*, *Diva*. Para tanto, Alencar irá mobilizar o olhar como “mediador, por excelência, da relação do sujeito com o mundo”.<sup>575</sup>

<sup>573</sup> Cândido, Antônio. “Dialética da Malandragem”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, vol. 2, p. 102. Segundo Cândido, “na sociedade brasileira, até o começo do século XIX, a estratificação simples dos grupos familiares, regidos por padrões uniformes e superpostos à escravidão e aos desclassificados, não propiciava, no interior da classe dominante, a multiplicidade das dúvidas e opções morais. O advento da burguesia criava, porém, novos problemas de ajustamento da conduta. E, ao definir uma classe mais culta, inquieta e curiosa (ao contrário da rude obtusidade das elites), determinava condições objetivas e subjetivas para o desenvolvimento da análise e o confronto do indivíduo”. *Id. ibid.*, p. 100.

<sup>574</sup> *Id. ibid.*, p. 98.

<sup>575</sup> Pontieri, Regina L. *A Voragem do Olhar*. SP, Ed. Perspectiva, MCT/CNPq, 1988, p. 35.

Em Alencar, olhar é conhecer, seja o corpo ou o espírito. Por isso, nele, o cruzamento de olhares é vital, seja para dominar, para convencer ou, mesmo, para seduzir. Uns olham, outros se exibem ao olhar e o leitor que a tudo assiste quando lê a narrativa como *voyeur* vai aprendendo a decifrar enigmas.<sup>576</sup> Talvez não seja à-toa que em seu livro *O Garatuja*, de 1872, Alencar tenha elegido como protagonista um caricaturista, justamente aquele que ensina a **olhar**, aquele que, num esboço, sintetiza tudo o que há para ser conhecido sobre certa realidade. Generosamente, portanto, Alencar aguça o olhar do leitor para que, através dele, possa melhor avaliar o chão que pisa.

Já, Joaquim Manuel de Macedo que desde *A Moreninha*, de 1844, vinha ensaiando compreender as transformações operadas em certos hábitos e aspectos da cidade, opta por captar a dinâmica urbana a partir da vida mundana. É através da observação da vida dos salões, das modas, dos comportamentos e das estratégias do namoro que visam o casamento, que Macedo procura entender sua época e, principalmente, aquela cidade que era a corte, aonde, a seu modo de ver, a civilização deveria ser esboçada a partir de uma ética da convivência. Para Macedo, as formas de convivência em sociedade eram a chave a partir da qual a cidade se revelava. Dentre as múltiplas e diversas formas que organizam a vida social, o amor — que sempre redonda em casamento para Macedo — é o objeto principal de sua análise, na medida em que ele funciona como um fator de preservação da família diante da desagregação moral de uma sociedade em mutação.

Mas Macedo, que além de romancista era historiador, utilizava-se, também, da história (tradições, hábitos e costumes) como um meio de se conhecer a cidade. Assim, para além do tema da mundaneidade, a cidade é, para o romancista, seu personagem principal, pois ali, acreditava ele, forjava-se a civilização moderna.

Apesar de alertar para a aparência enganadora da corte (“uma babel de costumes”), onde nunca se poderia encontrar o “caráter nacional” e onde a “vida é toda artificial”,<sup>577</sup> Macedo não se furta de retratá-la, e por um motivo muito simples. Ali, onde se misturam todos os “usos, virtudes e vícios”, Macedo encontra os elementos de sua prosa.

Andando ou passeando pelas ruas do Rio, seja em *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*, de 1862, seja em *Memórias da Rua do Ouvidor*, de 1878, Macedo, apesar do mal-estar que a cidade lhe produz, vê na história do Rio de Janeiro uma forma de ensinamento do povo e, por consequência, um fator de moralização.

---

<sup>576</sup> Pontieri, Regina L. *A Voragem do Olhar*. SP, Ed. Perspectiva, MCT/CNPq, 1988, pp. 39, 42.

<sup>577</sup> Macedo, Joaquim Manoel de. “Costumes Campestres do Brasil”, in *Revista Guanabara*. RJ, jul./1951, tomo 1, nº 8.



Munido de sua *Luneta Mágica*, Macedo vai passeando pelas ruas da cidade, olhando, observando, tentando penetrar a lógica que faz da cidade um espaço de convivialidade, e acaba por formar a imagem do que esperava que a cidade fosse: o lugar de formação moral do homem, o espaço do consenso, o ponto de convergência do bom senso.

Macedo é o romancista que recebe dos cronistas as chaves da cidade para um *tour*, após o que lhe faz a história e, assim, lhe traça a identidade e define o seu papel na formação do homem civilizado. Herdeiro de Martins Pena, não no plano da estética, mas no da opção pela cidade como personagem e na crença de que a cidade é o lugar da reordenação das relações sociais e ventre da gestação da urbanidade, Joaquim Manoel de Macedo é o seu parteiro.

É em Macedo que o sonho de Martins Pena (“a cidade apura o gosto dos rudes”) ganha expressão. Embora estivesse consciente que a cidade estava repleta de insidiosos perigos e que lá o vício fazia sua morada, Macedo toma para si, como romancista, a missão, um pouco *a la* Dickens, de revelar para seus leitores que, por sob todo bem ou todo o mal que a cidade abriga, jaz o “bom senso”. Bom senso esse que, visto pelo ângulo da dinâmica social, deve ser tomado como “consenso” ou, mesmo, como “entendimento”.

Para o honrado e facundo Macedinho, segundo Antônio Cândido, “tudo se explica, resolve e perdoa. [...] O vício é a privação momentânea da virtude, mesmo a pobreza é uma suspensão da abundância. A maldade é passageira, o bem definitivo: eis a moral de seus livros”.<sup>578</sup>

Em vista disso, para Macedo, a cidade é a catalisadora e integradora de todas as contradições; por isso, mesmo, ela deve ser tomada como lugar ideal e, sobretudo, como ponto de partida para a constituição da sociedade, pautada pelos ideais de “entendimento” e “harmonia social”, fundamentos a partir dos quais poder-se-ia almejar a civilização e o progresso.

Embora acreditasse que os “sentimentos profundos de uma Nação” e que o “caráter nacional” só pudessem ser encontrados no campo; embora acreditasse que “vive-se mais em paz com a verdade, porque se está no seio puro da natureza”, Macedo nem por isso deixa de acreditar que é na cidade que se esculpe o modelo nacional de ordem e civilização. É que, figurando como miragem, lugar ideal a se alcançar, a cidade é o ponto a que se chega numa trajetória gradual de civilização. Portanto, nesses autores, a cidade não é propriamente um lugar físico, mas um momento específico no processo de evolução da civilização brasileira.

---

<sup>578</sup> Citado por Serra, Tania Rebelo Costa. *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994.

É com Pena e Macedo que se inicia toda uma tradição do “sonho feliz de cidade”<sup>579</sup> e que atravessaria toda a segunda metade do século XIX, desembocando no Urbanismo como a solução para a cidade no século XX. Nessa tradição, a cidade irá se definir como o lugar da criação, pelos cidadãos, de uma ordem legal, fundada na garantia do consenso que articularia todos em torno dos objetivos de preservação da paz social.<sup>580</sup>

Tal utopia seria arranhada na virada do século, quando as contradições sociais, econômicas e culturais levarem à ruptura da idéia de “comunidade” na cidade, em função da exacerbação do individualismo liberal. Aí, então, o campo vai aparecer como uma opção, como uma saída, entrando em plena oposição à cidade. Mas isso veremos mais adiante, quando analisarmos o “Ruralismo” em oposição ao “Urbanismo”.

Mas, continuemos nosso périplo pelos autores, observando como na sua percepção se dá o processo de transformação da cidade concreta em fato estético (narrativa), portanto, a transformação da cidade numa imagem da cidade. Esse processo de elaboração das imagens da cidade num plano estético é tanto mais importante quanto ele estabelece uma dialética entre fato estético e fato histórico.

Nesse sentido, de acordo com Edgar de Decca, devemos pensar as relações entre história e literatura a partir do princípio que:

“A relação entre texto e leitor tem que ser problematizada pelo historiador na tentativa de desvendar o universo mental deste leitor. Este desvendamento desdobra aquilo que Borges definiu como um fato estético para o campo da historicidade, onde este leitor existe para além do texto, mas ao mesmo tempo traduz o próprio texto em sua existência cotidiana e em suas ações. Isto é, o leitor transfere o fato estético para o universo da historicidade, uma vez que ele como sujeito da ação pode imprimir força às imagens literárias, traduzindo-as no sentido de sua própria vida”.<sup>581</sup>

Essa perspectiva histórica da literatura remete-nos para a relação texto e leitor e, por conseguinte, à formação de um público leitor e ao papel da literatura na formação do homem moderno. Talvez, por isso, tanto um Martins Pena quanto um Joaquim de Macedo insistissem em ressaltar o papel da cidade na configuração da urbanidade, base da *pax villae*, uma espécie de utopia preservadora da existência da sociedade.

<sup>579</sup> A propósito da dicotomia campo e cidade na literatura brasileira, ver: Sussekind, Flora. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/CRB, 1986, p. 22.

<sup>580</sup> Para análise do surgimento de uma *pax villae*, ver: Morse, Richard. “A Evolução das Cidades Latino-Americanas”, in *Cadernos Cebrap*. SP, Editora Brasiliense, 1975, nº 22, p. 5.

<sup>581</sup> Decca, Edgar. “O Que É Romance Histórico? Ou Devolvo a Bola pra Você — Hayden White”, in Aguiar, Flávio (orgs.) et alii. *Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre Histórico e o Literário*. SP, Xamã Ed., 1997, pp. 5, 6.

É em Machado de Assis que a questão da “urbanidade” chega ao seu paroxismo, na medida em que as “suas figuras se distinguem pela independência em relação ao meio físico (cor local) e ao moralismo convencional”.<sup>582</sup> Rejeitando o romance de costumes, Machado de Assis pôde, evitando a exuberância tropical, abraçar o Brasil citadino que já, então, se definia.<sup>583</sup> Inteiramente “citadino e carioca”, Machado de Assis, no entanto, escapa à “mentalidade de turista”,<sup>584</sup> risco sempre corrido pelos nossos homens de Letra. É que Machado esquivava-se de “descobrir, não o habitante de uma determinada região, mas os segredos da alma humana”.<sup>585</sup> Com isso, ele se colocava num ponto de vista universal, reduzindo o localismo a seus verdadeiros termos, podendo ir com suas obras mais longe e mais fundo no seu esforço de conhecer a natureza do homem e os segredos ocultos que a levavam a se manifestar.<sup>586</sup>

Mas, conforme Lúcia Miguel Pereira:

“Contrastando com esse feitio, há também em Machado de Assis um escritor profundamente preso ao meio. Suas criaturas[...] são ao mesmo tempo tipicamente brasileiras, cariocas, traindo em todos os seus gestos o ambiente em que viviam. Apreciar o indivíduo concomitantemente em face do universo e da pequena sociedade a que pertencia — foi dos seus maiores dons[...]

Assim é que foi o romancista do Segundo Reinado, evocando costumes familiares, e o romancista que desceu nas análises psicológicas até às zonas profundas em que se irmanam todas as criaturas[...] Nas suas matronas e damas elegantes, nos seus homens ambiciosos, libertinos de corpo ou espírito[...] há um traço comum: a preocupação do decoro, da respeitabilidade[...].”<sup>587</sup>

Por tudo isso é que Machado de Assis se auto-intitulava “peco fruto da capital”.<sup>588</sup> Apesar de seu olhar se estender sobre o universo, Machado tem os pés enterrados em solo carioca e, por isso mesmo, tem condições de revolver as entranhas dessa sociedade que experimentava as delícias e amarguras do cosmopolitismo. Desprovido de toda “mentalidade turística”, Machado jamais poderia ter escrito *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* ou *Memórias da Rua do Ouvidor*, porque para ver a cidade Machado de Assis não precisa passear por ela, basta que ele observe o comportamento do homem que lhe infunde vida, já que o contraste entre a aparência e a substância<sup>589</sup> é das coisas que mais atrai o nosso autor.

---

<sup>582</sup> Pereira, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, MG, Itatiaia/Ed. USP, SP, 1988, p. 63.

<sup>583</sup> *Id. ibid.*, p. 69.

<sup>584</sup> *Id. ibid.*, p. 68.

<sup>585</sup> *Id. ibid.*, p. 63.

<sup>586</sup> *Id. ibid.*, p. 65.

<sup>587</sup> *Id. ibid.*, p. 75.

<sup>588</sup> *Id. ibid.*, p. 85.

<sup>589</sup> *Id. ibid.*, p. 98. (Grifo meu).

Machado, portanto, não é um turista que circula pela cidade para conhecê-la, ele é bem mais um seu decifrador, capaz de captar a realidade visível e invisível. Sem “alardear assomos de imaginação, não se lançou a aventuras extraordinárias, raramente apelou para o fantástico, atendo-se de preferência às situações possíveis no âmbito da cidade aonde nasceu e morreu”,<sup>590</sup> Machado aponta sua pena para a alma dos homens e, daí, vai desfiando a “Ciência do Comportamento” na cidade que eles inventaram para viver. Tal homem, qual cidade, talvez pudéssemos afirmar sobre como Machado de Assis viu o processo de formação da identidade urbana no Rio de Janeiro.

Decerto que Machado “conheceu por dentro, em toda a sua variedade, a população do Rio de Janeiro, cenário habitual de suas histórias que percorreu em boa parte a pé, num contato estreito e diário”.<sup>591</sup> Mas, a cidade para Machado não era feita de pedra, ela só se revelava para ele através do homem que pisava essas pedras. Por isso, quando Machado olha para a cidade, ele vê a urbanidade e quando quer analisar o morador da cidade, ele penetra o sistema de convivialidade, a estrutura de decoro, os mitos da civilidade que fazem da cidade o microcosmo da sociedade.

Ninguém melhor do que Machado de Assis, portanto, para se entender a “conjuração” burguesa na construção da *pax villae*.

---

<sup>590</sup> Pereira, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, MG, Itatiaia/Ed. USP, SP, 1988, p. 76.

<sup>591</sup> *Id. ibid.*, p. 68.

#### 4.7 - A Força da Natureza. Uma Inflexão na Trajetória para a Cidade

Todo o esforço da literatura brasileira de encontrar o caminho da cidade e, portanto, da civilidade, do progresso, da modernidade e da racionalidade, não seria suficiente para espantar a força da natureza tropical que insistia em se insinuar na paisagem, fazendo sombra à própria cidade.

É o caso da obra de Aluísio Azevedo *O Cortiço*, de 1890, que trata de um **cortiço** existente no aristocrático bairro de Botafogo e que irá presentificar-se como uma metáfora da força da natureza, em plena capital da República.

Segundo análise de Antônio Cândido no ensaio *De Cortiço a Cortiço*, no cortiço de Aluísio Azevedo a natureza brasileira “desempenha papel essencial como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica. Aluísio aceita a visão romântico-exótica de uma natureza poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista”.<sup>592</sup>

Tanto é assim que Aluísio Azevedo apresenta um cortiço, cujo funcionamento é regido por um “determinismo estrito que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça), e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva”.<sup>593</sup>

Toda a dinâmica das relações existentes dentro do cortiço fica reduzida ao mundo natural, assim o Sol é o seu símbolo supremo, “que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e princípio masculino da fertilidade. Sol e calor são concebidos como chama que queima, derrete a disciplina, fomenta a inquietação e a turbulência, fecunda como sexo”.<sup>594</sup>

A natureza brasileira é interpretada no livro como “incompatível com as virtudes da civilização”,<sup>595</sup> e opera quebrando toda a disposição para a racionalidade, pervertendo o “espírito da economia e da ordem”, da “esperança de enriquecer”.

A imposição da natureza sobre a razão vai apagando os traços de civilidade e urbanidade que a cidade impunha ao meio ambiente do cortiço que, dia-a-dia, vai se tornando mais natural, mais animal. E aquilo que trazia a marca do urbano vai sucumbindo, sendo seduzido e abarcado pelos elementos naturais.

<sup>592</sup> Cândido, Antônio. “De Cortiço a Cortiço”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 138.

<sup>593</sup> *Id. ibid.*, p. 140.

<sup>594</sup> *Id. ibid.*, p. 142.

<sup>595</sup> *Id. loc. cit.*

A importância desse livro de Aluísio Azevedo está posta na inflexão que a obra representou na trajetória do “processo civilizatório” brasileiro que apontava para o cosmopolitismo, depois de mais de 300 anos de “civilização rural”, como a alternativa para o país atingir o limiar da modernidade; portanto, para ombrear-se com as nações consideradas civilizadas.

Aluísio Azevedo, que em nenhum momento opõe a cidade ao campo, a bem da verdade coloca o “campo” na cidade, ou melhor, penetra a cidade de elementos naturais.

Funcionando como uma metáfora do país, figurado na capital, o cortiço representa o Brasil, país espontâneo, cercado e submetido pela natureza, sensual, erótico e onde a força do elemento natural faz sucumbir qualquer projeto de moderação, de planejamento, de racionalidade, enfim, de urbanidade. A partir daí, podemos entender *O Cortiço*, também, como uma reflexão sobre a questão da barbárie e da civilização no Brasil, na medida em que no coração mesmo da metrópole que surgia ainda remanesce uma sociedade indomada, submissa à natureza, ao espontaneísmo e ao mundo orgânico.

O conflito entre o “espontâneo” e o “dirigido” (planejado), conforme intuiu Cândido, a contradição entre o natural e o orgânico e entre o racional e o mecânico, faz de *O Cortiço* um momento de hesitação na trajetória urbana da civilização brasileira, colocando frente a frente paixão e racionalidade, espontaneísmo e planejamento, naturalismo e mecanicismo, natureza e artifício.

De acordo com Antônio Cândido, essa dialética ganha uma força assombrosa:

“O cortiço francês em *L'Assomoir* (o livro de Aluísio Azevedo é baseado na obra de Zola intitulada *L'Assomoir*) é segregado da natureza e sobe verticalmente com os seus seis andares na paisagem urbana, espremida pela falta de terreno. O cortiço brasileiro é horizontal ao modo de uma senzala, embora no fim, quando o proprietário progride, adquira um perfil mais urbano e um mínimo de verticalização[...] Além disso, cria frangos e porcos, convive com as hortas, a árvore e o capim, invade terrenos baldios e vai para o lado da pedreira que João Romão (o português proprietário) também explora”.<sup>596</sup>

A imposição desses elementos naturais ao cortiço tem força para ir apagando, pelo “chamado da natureza”,<sup>597</sup> os traços de urbanidade que prendem o cortiço à cidade. Deixado à sua própria sorte, logo ele se tornaria uma “sociedade natural”, submetida ao meio que o cercava. A ordem urbana na qual o cortiço se enquadrava iria, portanto, se esmaecer e tomar as cores fortes de uma paisagem marcadamente tropical que tanto a cultura brasileira vinha tentando suavizar ou,

<sup>596</sup> Cândido, Antônio. “De Cortiço a Cortiço”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 134.

<sup>597</sup> Ver: London, Jack. *O Chamado da Floresta*. Um romance americano que é uma metáfora da volta do “domesticado” para a natureza.

mesmo, domesticar:

“Ligado à natureza, que no Brasil ainda era presença a ser domada, ele (o cortiço) cresce, se estende, aumenta de volume e é, conseqüentemente, tratado pelo romancista como realidade orgânica, por meio de imagens orgânicas que o animam e fazem dele uma espécie de continuação do mundo natural[...] No começo, é como se o cortiço fosse regido por lei biológica, entretanto, a vontade de João Romão (o proprietário) parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Os dois ritmos estão sempre presentes, mas o desenvolvimento da narrativa implica lento predomínio do segundo sobre o primeiro, como se a iniciativa do capitalista estrangeiro fosse enformando e orientando o jogo natural das condições locais. Ele usa as forças do meio, não se submete a elas[...]”<sup>598</sup>

Privilegiando o meio e a raça como forças determinantes na formação da sociedade brasileira, o Naturalismo, corrente literária em que se pode encaixar *O Cortiço*, atualiza o debate sobre as possibilidades da civilização brasileira e o papel da cidade na definição de uma ordem e de um projeto racional.

Se Aluísio Azevedo é a “hesitação”, a “inflexão”, a sobrevivência na cidade dos elementos de uma convivialidade não inteiramente disciplinada, normatizada e adaptada aos parâmetros urbanos, seu irmão, o teatrólogo Artur Azevedo, é escancaradamente a personificação da cidade e de um *ethos* urbano. Não há, em Artur Azevedo, qualquer hesitação em relação à capital como lugar da história.<sup>599</sup>

Azevedo abraça a cidade e pespega-lhe o rótulo de capital na crença de seu domínio duradouro<sup>600</sup> sobre o cenário nacional. Uma provinciana Capital Federal, é isso que Artur Azevedo tem em mãos e que deve “transformar”, moldar, de modo a alçá-la ao cosmopolitismo. A Capital Federal se converte, pois, no principal personagem do teatrólogo que, através das *Revistas de Ano*,\* põe em cena o espetáculo do **espaço público**. Desta forma, Azevedo transforma a própria cidade em espetáculo.

Duas cenas, dois espetáculos, dois espectadores: a cena teatral e a cena pública; a cidade como espetáculo e o espetáculo da cidade; o espectador maravilhado do teatro e o espectador atônito das ruas. E duas cidades: a cidade real e a cidade fictícia, que vai sendo moldada de modo a se tornar uma “miragem cosmopolita”,<sup>601</sup> uma utopia a partir da qual a capital seria o lugar de onde,

<sup>598</sup> Cândido, Antônio. “De Cortiço a Cortiço”, in *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993, p. 135.

<sup>599</sup> Sussekind, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 17.

<sup>600</sup> *Id. loc. cit.*

\* *Revistas de Ano* — as “revistas” teatrais eram feitas nos últimos meses do ano, e passavam em “revista” o que se julgava mais marcante dos principais acontecimentos do período que findava.

<sup>601</sup> *Id. ibid.*, p. 57.

supostamente, se poderia controlar a história. É a partir dessa dualidade que se pode entender as *Revistas de Ano*, de Artur Azevedo, uma espécie de reenquadramento no palco dos significados daquilo que ocorre nas ruas da capital real. Azevedo funciona, por conseguinte, como um **tradutor**, para o público espectador, daquilo que ocorre na cena pública, mas que ia perdendo seu significado diante da aceleração do tempo na cidade, fruto das transformações urbanas.

Ao apresentarem as mudanças com humor e ironia, as *Revistas*, segundo Sussekind, possibilitam aos espectadores aliviarem a angústia da transformação \* que se abate sobre sua cidade e lhes dá a impressão de que eles — através da cena que se desdobra no palco, aonde a cidade é “traduzida” em suas novas significações — podem dominar essa transformação.<sup>602</sup> Azevedo é, pois, o elo entre a tradição e a modernidade, e o papel da revista é o de “apresentar como consensual o que se vivia como problemático”.<sup>603</sup> As *Revistas* são o apaziguamento nas consciências dos conflitos que uma cidade em processo de modernização gerava. Elas são forjadoras, portanto, de “miragens tranquilizadoras da capital”<sup>604</sup> (e do capital) nas quais a cidade é o lugar de entendimento.\*\* Nessa medida, as *Revistas* passam a encenar como enxergar a cidade, pois, de acordo com Sussekind, elas deslocam o olhar do real para um comentário sobre o real.<sup>605</sup>

Com sua obra, Artur Azevedo registra os primeiros vagidos de uma modernidade arrancada a fórceps e que se insinua pegajosamente por becos, travessas, cantos e recantos de uma cidade fechada, imersa ainda no sonho de ser uma “Arcadia mayor”.<sup>606</sup> Daí, sua comédia, talvez a mais significativa, *A Capital Federal*, de 1896, onde convivem dois universos: o dos *naïves*, representado pelos interioranos que chegam a capital vindos da roça, e o dos *smarts*, dos bilontras, espertalhões à solta na grande cidade, à espreita de oportunidades de golpes e de enriquecimento fácil.

---

\* A respeito das transformações violentas por que passava o Rio de Janeiro, Olavo Bilac diria, em crônica de 1904, que: “a atividade humana aumenta numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e executar em um minuto o que seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos no cérebro e rufos de febre no sangue”. Citado por Sussekind, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 49.

<sup>602</sup> *Id. ibid.*, p. 39.

<sup>603</sup> *Id. ibid.*, p. 140.

<sup>604</sup> *Id. ibid.*, p. 60.

\*\* Tomamos a idéia de “entendimento” no sentido que lhe dá Jacques Rancière na sua obra *O Desentendimento* como imposição de uma harmonia que anula a luta política.

<sup>605</sup> *Id. ibid.*, p. 61.

<sup>606</sup> Duran, R. H. Moreno. *De la Barbárie a la Imaginación. La Experiencia Leida*. Bogotá, Tercer Mundo Ediciones, 2ª ed., 1988, p. 188.



Nessa comédia, Artur Azevedo faz da capital um lugar de perdição e de descaminho para as famílias e, principalmente, para aqueles inocentes que ainda não dominam o código da cidade (“arrespirou o á da capitá federá e perdeu a cabeça!”). Embora encerre a comédia concluindo que “é na roça, é no campo, é no sertão, é na lavoura que está a vida e o progresso da nossa querida Pátria”,<sup>607</sup> Artur Azevedo está longe de desdenhar a cidade. É que o comediógrafo vê, com ironia, as mudanças que varrem a cidade, transformando os comportamentos e opondo o moderno ao tradicional. Azevedo tem um pé no tradicional e outro no moderno, mas definitivamente tem os dois pés plantados na cidade. No entanto, Azevedo não pisa em uma cidade de verdade, na medida em que, em suas mãos, a história se transforma em *fait divers*,<sup>608</sup> isto é, variedades. Mas, se ele não passeia pela cidade de pedra, isso pouco importa; o fundamental é que, aos olhos dos espectadores, a cidade que aparece nas *Revistas* se abre à compreensão, possibilitando com isso sua adesão (deles, moradores) ao ideário da “capitalidade” e do entendimento (“consenso”) que deveria ser a base para se forjar um pacto urbano. A utopia da capital irá se configurar nas *Revistas de Ano* como a utopia do lugar do entendimento, na medida em que elas tendem a transformar todo conflito em consenso.

Enquanto a construção do entendimento durou, a revista conheceu sua glória, pois ela tirava sua temática (e sua graça) justamente das incertezas que a disputa entre os hábitos tradicionais e os comportamentos modernos gerava. À medida que a cidade se moderniza e novos comportamentos se impõem, as *Revistas* perdem o seu motivo de ser, e definham.<sup>609</sup> Nesse momento, a “miragem otimista da modernização urbana”, dada por Artur Azevedo às *Revistas* e que orientava a “*praxis* do conjunto da população [e as] utopias com as quais a sociedade brasileira tenta construir uma identidade”, adquire um caráter “subitamente nostálgico[...] o ideal de cidade deixa de se projetar num futuro e se volta para o passado”.<sup>610</sup> Como na trovinha da revista cômica *Comeu*, de 1901:

“Tudo fugiu! Pobre cidade!  
Foi-se o teu cunho primitivo!  
Perdeste tua nacionalidade,  
Oh! povo estúpido e passivo!”

Mas, nem mesmo diante da nostalgia que um Rio de Janeiro mergulhado nas reformas urbanas evoca, Artur Azevedo abre mão da cidade. E diante de uma acanhada Rua do Ouvidor e da nova e deslumbrante Avenida Central, aberta por Pereira Passos, Azevedo fica com... as duas.

<sup>607</sup> Azevedo, Artur. *A Capital Federal*. RJ, Ed. Letras e Artes, 1965, p. 185.

<sup>608</sup> Sussekkind, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 65.

<sup>609</sup> *Id. ibid.*, p. 155.

<sup>610</sup> *Id. ibid.*, p. 166.

#### 4.8 - Canaãs ou Sertões?

Quando o século virar no Brasil e o anseio por modernidade se materializar nas reformas que o Prefeito Pereira Passos projetava para a capital da República, a questão urbana estará sendo tematizada em toda a sua radicalidade. As posturas municipais impedirão a construção e a reconstrução dos cortiços e vários deles serão derrubados; quarteirões inteiros da cidade desaparecerão, obedecendo o projeto de renovação da área central; milhares de pessoas perderão, além da moradia, o seu lugar de trabalho; os surtos de epidemia serão acompanhados pelo olhar vigilante das autoridades sanitárias; o espaço da cidade será esquadrinhado à procura de ameaças a seu bem-estar; e hábitos e comportamentos da população serão enquadrados no sentido de fazer da cidade um modelo de convivência social.

Nesses momentos de inflexão em que o "tradicional" e o "moderno" travam duelo de morte, a miragem da cidade ideal se potencializará e a utopia de uma capital que represente o **consenso** da Nação se manifestará por várias formas e meios.

É assim que, ao longo dos anos 1902/1907, aparecem quatro publicações que, segundo Flora Sussekind, podem ser articuladas em torno do confronto entre duas utopias: a da capital superpoderosa e a de um projeto comunitário.<sup>611</sup>

Trata-se das obras: *Canaã*, de Graça Aranha; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (ambas de 1902); *Regeneração*, romance de Curvelo de Mendonça, de 1904; e *O Ano que Passa*, revista do ano de 1907, de Artur Azevedo.

Nos romances *Os Sertões* e *Regeneração* temos a comunidade, a vida solidária, a vida vivida conforme princípios éticos e morais. A cidade de *Os Sertões* é "uma comuna exemplar[...] uma cidade de palha aonde a fraternidade e a igualdade foram encontrar a verdade de sua significação".<sup>612</sup> *Regeneração* apresenta como núcleo urbano um misto de fazenda e vila operária, o Engenho Jerusalém, que se transforma numa espécie de "Terra Prometida".<sup>613</sup> Opondo-se a essas duas "cidades comunitárias" temos, com Artur Azevedo, a capital, aonde o individualismo é a sua marca e a ética está sujeita às oportunidades do momento.

Assim, é Sussekind quem sugere:

---

<sup>611</sup> Sussekind, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/FCRB, 1986, pp. 19, 20.

<sup>612</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 19.

<sup>613</sup> *Id. ibid.*, p. 20.

“À Jerusalém libertada, se oporia o Café Jeremias, verdadeiro paraíso, localizado em plena Avenida Central. Aos operários e camponeses reunidos no Engenho Jerusalém substituem na revista os desocupados frequentadores de cafês[...]

De um lado, a vida solidária e operosa de uma comunidade de trabalhadores; de outro, o olhar despreocupado de *flâneurs*, bilontras e *smarts*[... ] De um lado, o engenho, local de moradia e trabalho; de outro, o café, a avenida, locais de passagem. [...] instantâneos de uma capital.

Duas ficções: a vila e a cidade, a comunidade e a capital. Em torno delas parece hesitar a literatura brasileira de então”.<sup>614</sup>

Hesita-se diante do destino que se quer para o país. Se um destino que remete para a vida comunitária, para o trabalho, para a solidariedade e, portanto, para as pequenas comunidades, para as vilas, para a vida no campo ou, ao contrário, a opção por um cosmopolitismo agressivo, moderno e que se fundamenta nas “oportunidades” que a cidade oferece.

*Canaã*, o romance-tese de Graça Aranha, parece ser, entre as quatro obras citadas e outras que lhe viriam depois, um momento chave na tematização da cidade como fundamento da civilização brasileira. É que se constata, nesse romance, a existência de uma poderosa luta entre a natureza e a civilização, da qual resultará a promessa da vida a ser gozada numa “cidade aberta e universal”.<sup>615</sup> Mas, para se ter **direito à cidade** seria preciso antes, purificar o povo. Assim como os hebreus, de acordo com a tradição bíblica, tiveram que vagar por 40 anos pelo deserto, depois de sua fuga do Egito, por terem oferecido sacrifícios a outros deuses que não o seu e, por isso, pagaram a pena de não poderem entrar em Canaã, a terra em que jorrava o leite e o mel; assim, também, os personagens da *Canaã* de Graça Aranha precisam conquistar o **direito à cidade**.

Estamos, portanto, diante do mito da “Terra Prometida”, cuja elaboração ao longo dos séculos transitou de lugar da fartura de alimentos — Éden — para lugar da harmonia e do bucolismo — Arcádia — até se transformar na cidade ideal, lugar do **entendimento**.

Na *Canaã* de Graça Aranha, a cidade só seria possível quando o Brasil se constituísse numa Nação: “coletivamente como Nação somos tão maus, tão histericamente, inutilmente maus!”<sup>616</sup> O “estado atrasado da nossa cultura”<sup>617</sup> conspirava contra o ideal de civilização que a cidade prometia e, por isso mesmo, era preciso se purificar no campo antes de se almejar a cidade. Era preciso, antes, atingir a **virtude social**, construir a **comunhão**.

A inexistência de uma “virtude fundamental”, de um “fundo moral comum”, levava a que não

<sup>614</sup> Sussekind, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/FCRB, 1986, pp. 20, 21.

<sup>615</sup> Aranha, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d, p. 46.

<sup>616</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>617</sup> *Id. ibid.*, p. 127.

existisse “dois brasileiros iguais”.<sup>618</sup>

Graça Aranha, através de seu personagem (um juiz de Direito que conversa com um imigrante alemão a respeito do **caráter nacional**) é pessimista quanto ao futuro do país: “onde a base moral para mantermos a nossa independência no exterior, se aqui dentro estamos na desordem e no desespero? O que se dá no país é uma verdadeira crise do caráter[...] não há dois brasileiros iguais; sobre cada um de nós seria fútil erguer o quadro de virtudes e defeitos da comunhão”.<sup>619</sup>

A desordem, o conflito, a impossibilidade de comunhão entre os brasileiros, constatada por Graça Aranha, leva o autor a se voltar para o campo. Através de seu personagem, o juiz de Direito, o autor perora: “ainda é uma vantagem se viver na roça nesta hora tenebrosa. Ao menos, temos a benignidade da calma e a tranqüilidade da família. E por quanto tempo, não sei[...] O clima. A peste se apodera do corpo miserável da Nação[...] A família vem sendo demolida pela força imperiosa dos vícios”.<sup>620</sup> Para concluir que “não há salvação possível para o nosso caso, é uma incapacidade da raça para a civilização. [...]”<sup>621</sup>

Canaã, a Terra Prometida, a cidade harmoniosa, o lugar da comunhão entre os homens, o foco de toda a virtude que levaria à civilização é, para Graça Aranha, uma impossibilidade.

A cena final do romance é uma dramática tentativa dos personagens, abandonando a floresta e correndo pela campina, alcançarem Canaã:

“Corriam, corriam[...] Atrás de si, ouvia ela a voz de Milkau (o imigrante alemão), vibrando como a modulação de um hino[...]

- Adiante[...] Adiante[...] Não pares[...] Eu vejo Canaã! Canaã! Mas, o horizonte da planície se estendia pelo seio da noite e se confundia com os céus[...] Começava a sentir a angustiada sensação de uma corrida no infinito. [...]

- Canaã! Canaã! [...] — suplicava ele em pensamento, pedindo à noite que lhe revelasse a estrada da Promissão[...]

Canaã! Canaã! pedia ele no coração, para fim do seu martírio[...] e nunca jamais lhe aparecia a terra desejada. [...] Nunca jamais [...]corriam [...]corriam[...]

Enfim, Canaã ia revelar-se! [...] A nova luz sem mistério chegou e esclareceu a várzea. Milkau viu que tudo era vazio, que tudo era deserto, que os novos homens, ainda ali, não tinham surgido”.<sup>622</sup>

Mas, Canaã ainda era a “doce ilusão da imagem” e, segundo Graça Aranha, para se ter direito a ela deveríamos purificar “os nossos corpos, nós que viemos do mal originário que é a

<sup>618</sup> Aranha, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d.

<sup>619</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>620</sup> *Id. ibid.*, p. 128.

<sup>621</sup> *Id. ibid.*, p. 129.

<sup>622</sup> *Id. ibid.*, p. 140.

violência[...]"<sup>623</sup>

Graça Aranha prenuncia a grande questão que o Urbanismo deveria enfrentar ao longo do século que começava: a constituição de um pacto urbano que garantisse a *pax villae* e dela fizesse o lugar da harmonia, da comunhão e da convivência ("Aproximemo-nos uns dos outros, suavemente. Todo o mal está na força e só o amor pode conduzir os homens[...]"<sup>624</sup>).

Para Graça Aranha, assim como para Euclides da Cunha, só a "harmonia entre os homens" poderia levar à civilização. Mal sabiam esses autores por onde passariam os fios que costurariam o tecido social, de forma que ele não se esgarçasse ao recobrir o corpo urbano. Mas, isso veremos no último capítulo.

---

<sup>623</sup> Aranha, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d, p. 140.

<sup>624</sup> *Id. loc. cit.*

## CAPÍTULO V

### O MUNDO COMO FOLHETIM: NA SELVA DAS CIDADES

#### 5.1 - Mistérios de Paris

Novamente a literatura!

Mas, agora a fronteira entre a realidade e a ficção se esfuma. A ficção invade a cidade, a cidade é objeto da ficção.

É justamente um livro que nasceu como folhetim, publicado no *Le Journal des Débats*, entre junho de 1842 e outubro de 1843, que funciona como uma espécie de comporta, ora deixando a ficção ser invadida pelas águas do sistema de esgotos da cidade, embebendo de realidade seus personagens, ora provocando inundações que na maré montante de fatos e personagens saídos do livro encharcam o cotidiano dos leitores com a úmida, bolorenta e putrefata “realidade” ficcional. O livro: *Les Mystères de Paris*, de Eugène Sue. No livro, a “realidade” afoga os personagens. Na realidade, o livro encharca a vida dos leitores.

Entre o livro e a realidade, uma cidade: a Paris do século XIX. A Cidade de Paris, pois, é a comporta que leva água para fazer girar a vida do povo ou que abastece a torneira dos personagens. “Paris é a principal personagem do romance”, <sup>625</sup> assinala Armand Lanoux na Introdução aos *Mystères*, para concluir que “*Ce Paris crasseux, fangeux, gouailler, tapageur et abject, était réel*”. \* <sup>626</sup> Paris era real e era, também, objeto dos romances. Realidade e ficção envolveram a cidade e, ao torná-la substância de uma narrativa ou ao dela fazer a via principal por onde passava o destino de sua população, transformaram a cidade num **enigma**. Um denso e vigoroso objeto a ser decifrado, seja à luz da narrativa ficcional, seja à lógica dos saberes cultos de então.

Não podia ser mais significativo, portanto, o título dessa grande obra que se estabeleceu como um verdadeiro divisor de águas nos dois mil anos de história dessa cidade: *Os Mistérios de Paris*.

---

<sup>625</sup> Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Introduction par Armand Lanoux. Paris, Éd. Robert Laffont. 1989, p. 4.

\* Esta Paris imunda, enlameada, zombeteira, turbulenta e abjeta, era real.

<sup>626</sup> *Id. ibid.*, p. 5.

Paris com seu lado abissal. *Toujours le mythe*, insiste Armand Lanoux, a “cidade choca seus monstros e os dissimula”.<sup>627</sup>

Eugène Sue “remói um mundo de mitos que, até então, se contentava em crescer na penumbra”. *Os Mistérios* são um marco semimergulhado na lama das ruas e virado do avesso por um gigante inconsciente: as larvas aparecem. A grande via de uma explicação subterrânea de Paris é descoberta. Por lá passarão, não somente *Os Miseráveis...* mas, também, as obras posteriores essenciais, tais como *Les Mohicans de Paris*, *Belphegor* e *Fantômas*”.<sup>628</sup>

Uma antiga canção popular repercute a representação do mistério que envolvia a cidade como uma densa neblina:

“Oh! Paris, Paris! Tu és a verdadeira Babilônia, o verdadeiro templo, aonde o mal faz seu culto e seus pontífices, e eu creio que o sopro do arcanjo das trevas passe eternamente sobre ti”.<sup>629</sup>

Paris, cidade desconhecida que só aflora à luz quando se rasga sua superfície de lama e se deixa vir à tona o seu mundo biológico, o do *peuple* de Paris. É o que já assinalavam Doin e Charton, em 1830, ao concluírem que “todos que têm qualquer coisa a esconder vêm para Paris. Paris lhes aparece com seu labirinto de ruas e a depravação de seus costumes, e eles vão aí se meter como num bosque”.<sup>630</sup>

A literatura faz eco às grandes ansiedades do momento; ela repercute esteticamente o medo do misterioso e do desconhecido, de um universo que vai se livrando de suas amarras tradicionais,\* e vai penetrando no novo e desconhecido mundo moderno.

Grandes cidades como Londres e Paris aparecem como a expressão dos mistérios desse mundo

<sup>627</sup> Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Introduction par Armand Lanoux. Paris, Éd. Robert Laffont. 1989, p. 10.

<sup>628</sup> *Id. ibid.*, p. 5.

<sup>629</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 6.

<sup>630</sup> Citado por Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX<sup>e</sup> Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 180.

\* Segundo Madel Luz, persistiu até o século XIX uma visão do mundo, onde a racionalidade científica moderna, que nasceu com o Renascimento, não penetrava. A Filosofia Política Racionalista só se estruturará, em verdade, em meados do século XVIII, e a racionalização científica do social só poderá se considerar triunfante no final do século XIX, quando tanto o homem (Antropologia) quanto a sociedade (Sociologia) passam a ser objetos de conhecimento. Apesar de todas as transformações racionalistas operadas pela época clássica, persistiu na compreensão do mundo e da experiência social o pensamento sobrenatural e a prática sensualista que exaltava as paixões e os sentidos, e remetiam para uma espécie de “Renascimento” não-racionalista que resistia, em termos de discurso e mentalidade social, ao avanço da racionalização do mundo natural e social. Ver: Luz, Madel T. *Natural, Racional, Social: Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna*. RJ, Ed. Campus, 1988.

moderno e são metaforicamente representadas como se fossem labirintos, lugar do imponderável, cena de fatos imprevisíveis. Um mundo esvaziado das formas de orientação multiseular <sup>631</sup> se dobra ao enigma e clama por deciframento. Mas, como decifrar esse grande mistério do mundo moderno, que era a vida nas grandes cidades, se até com se nomear o que nelas sucedia era um problema? Teria nome o indizível? indaga-se Stella Bresciani, <sup>632</sup> para concluir com a incapacidade do novo homem urbano de compreender o que lhe ia em redor e nos próprios intestinos, já que nada do que até então lhe ocorrera se assemelhava à incompreensão que o fenômeno urbano se lhe apresentava. E é justamente pela falta de nome para tocar o mistério que Bresciani sugere o recurso à metáfora: “As metáforas da natureza sublinham o misterioso e o desconhecido”, <sup>633</sup> e completa: “nas percepções da cidade do século XIX, a alegoria do monstro conjuga à imagem do mecanismo a imagem orgânica de uma criatura monstruosa”. <sup>634</sup>

Só mesmo a elaboração intelectual e a representação estética poderiam tornar inteligível aquilo que figurava ser o caos, <sup>635</sup> o incompreensível, o misterioso. A principal manifestação dessa elaboração intelectual e representação estética foi a **literatura**, que teve papel fundamental na construção das identidades sociais e na elaboração de concepções que ajudariam na compreensão das cidades modernas. <sup>636</sup>

Entende-se, portanto, o surgimento do romance urbano e outras formas de expressão literária como manifestação do desejo de desvendamento das novas formas da cultura que passavam, inexoravelmente, pela cidade. Tratava-se de captar o processo de reelaboração da imagem antiga da cidade e das formas tradicionais de sociabilidade como condição fundamental para construção de uma inteligibilidade do desconhecido que evitasse que a sociedade “fosse devolvida ao caos primitivo”. <sup>637</sup>

Para Stella Bresciani, “a imagem da cidade sofre uma reversão radical: ao invés do espaço fechado, restrito e defendido dos inimigos externos da cidade medieval, tem lugar a ocupação extensiva, a aglomeração populacional, os muros derrubados pela inutilidade e a convivência

---

<sup>631</sup> Ver: Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 13.

<sup>632</sup> *Id. ibid.*, p. 214.

<sup>633</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>634</sup> *Id.* “Metrópoles: as Faces do Monstro Urbano (As Cidades no Século XIX)”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nº 8/9, p. 55.

<sup>635</sup> Ver: *id. Op. cit.*, p. 231.

<sup>636</sup> *Id. ibid.*, p. 210. (Grifo meu).

<sup>637</sup> *Id. ibid.*, pp. 213, 218.



diária e ameaçadora do inimigo dentro dos próprios limites da cidade moderna”.<sup>638</sup>

Edward Bulwer na sua obra *Eugene Aram*, de 1832, exprime bem a nova condição nada acolhedora da cidade grande, referindo-se à “observação goethiana de que todo ser humano tanto o mais elevado quanto o mais inferior leva consigo um segredo que, se conhecido, o tornaria odioso a todos os outros”.<sup>639</sup> Anos mais tarde, Baudelaire, montado na mesma preocupação indagaria: “O que são os perigos da floresta e da pradaria comparados com os choques e conflitos diários do mundo civilizado? Enlace sua vítima no bulevar ou transpasse sua presa em florestas desconhecidas, não continua sendo o homem, aqui e lá, o mais perfeito de todos os predadores?”<sup>640</sup> Ao que Delvau, seu amigo, contesta, afirmando que se fosse possível representar, em seus folhetins, o público de Paris em suas diversas camadas, tais como o faz o geólogo com as camadas da rocha, “então a vida na cidade grande não seria, nem de longe, tão inquietante como provavelmente parecia a cada um”.<sup>641</sup>

A inquietação, a ansiedade, a necessidade de dar uma identidade e sentido moral a um universo que se dessacralizava e “onde os imperativos morais e comunitários claros se perderam, onde o reino moral foi ocultado”. Aí nesse universo “a função primordial do melodrama é de redescobrir e reexprimir claramente os sentimentos morais mais fundamentais e de render homenagem ao signo do bem”.<sup>642</sup> Nesse sentido, as múltiplas formas de expressão literária como os folhetins, as fisiologias, os melodramas, o teatro e o romance em todos os seus matizes, são o lugar por excelência, no albor da literatura de massas, de reflexão sobre os “mistérios da cidade”.

Diante de um mundo exigente de novas percepções e de uma nova sensibilidade que interpretasse as imagens fragmentadas<sup>643</sup> da experiência urbana, Marx e Engels alertavam no *Manifesto Comunista*, de 1848, que “tudo o que é sólido e estável se volatiliza”; melhor dito, “tudo que é sólido desmancha no ar”.

A sociedade se apresenta como enigma, a cidade se exhibe como esfinge, uma aura fantasmagórica a tudo recobre. A instabilidade passa a ser a marca permanente e identificadora da vida dos homens. A paisagem urbano-industrial vai se constituindo de forma “fluida, volátil e

<sup>638</sup> Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, n° 13, p. 213.

<sup>639</sup> Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 36.

<sup>640</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 37.

<sup>641</sup> *Id. ibid.*, p. 37. (Grifo meu).

<sup>642</sup> Citado por Mayer, Mariyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 404.

<sup>643</sup> Bresciani, Maria Stella. *Op. cit.*, p. 221.

vaporosa”<sup>644</sup> de forma tal que, segundo Foot Hardman, “o espaço urbano da grande metrópole assume, ele próprio, a figura de uma aparição; pintores e literatos, a partir de 1830, passaram a esboçar os traços dessa cidade-fantasma”.<sup>645</sup>

Não admira, portanto, o título do mui famoso folhetim de Eugène Sue: *Os Mistérios de Paris*. Não admira, tampouco, que depois do tremendo sucesso de Sue, *Os Mistérios*, em versão pirata, tenham se espalhado por todo o mundo, acompanhado de adjetivos como **pequenos, grandes, verdadeiros, novos**.<sup>646</sup> Só na Alemanha conta-se, em 1844, 36 *Mystères* diferentes, como: *Os Mistérios de Berlim*, *Os Mistérios de Munique*, etc. Imagine-se no resto do mundo! Cá entre nós tivemos, também, nossos *Mystères*, dos quais Marlyse Mayer dá notícias de quatro: *Mistérios do Brasil* (anunciado no *Jornal do Comércio*, em 1847), *Mistérios del Plata* (1852), *Os Mistérios da Roça* (1861), *Os Mistérios da Tijuca* (1882), ao que acrescento os *Mistérios do Rio*, de Benjamim Costallat, de 1919.

Na medida em que o lado obscuro e desconhecido das cidades vai se materializando aos olhos do conjunto da população, um sentimento do terrífico se manifesta, obrigando à sua domesticação. Nessa mesma medida, a literatura vai ganhando importância como tradutora desse sentimento, por um lado, e como sua apaziguadora, por outro, sempre que “a literatura pode transformar em **mito** e, assim, tornar manipulável, por nossa consciência, a experiência que precisamos viver, mas que pode chocar ou desordenar nossa compreensão imediata”.<sup>647</sup>

De que mitos se trata, então?

Dos mitos do selvagem, do bárbaro, do nômade, da floresta, da pradaria, do mundo desconhecido, do outro insondável. Trata-se do mundo urbano moderno, edificado sobre a miséria operária que habita um lado da cidade, velado a qualquer um que não seja seu morador. Trata-se da descoberta das “classes perigosas” e de seu mundo. E isso, não por acaso, quando depois das enquetes parisienses sobre o crescimento populacional e a miséria da cidade, atina-se com a desaparecimento dos “bons pobres” e da “boa miséria”. Uma outra forma de miséria crescia. Uma miséria que deixa de ser um fato marginal e passa a ocupar o centro de tudo, uma miséria perigosa.<sup>648</sup>

<sup>644</sup> Hardman, Francisco F. *Trem Fantasma. A Modernidade na Selva*. SP, Cia. das Letras, 1991, p. 27.

<sup>645</sup> *Id. ibid.*, p. 29.

<sup>646</sup> Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Introduction par Armand Lanoux. Paris, Éd. Robert Laffont. 1989, p. 3.

<sup>647</sup> Citado por Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 13, p. 233. (Grifo meu).

<sup>648</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, pp. 155, 156.

*La misère existe*, vaticina o filantropo M. Buret na sua pesquisa sobre as *Misères des Classes Laborieuses en France et en Angleterre*, de 1840:

“A miséria existe na Inglaterra e na França, encontra-se ao lado da extrema opulência, a extrema privação[...] no próprio coração da Indústria e do Comércio mais ativos vê-se milhares de seres humanos levados pelo vício e pela miséria ao estado de barbárie. A humanidade se aflige desse mal que ela apenas supõe[...] os governantes se inquietam com razão, eles receiam que, do seio dessas populações degradadas e corrompidas, explodam um dia, formidáveis perigos e a Economia Política, a Ciência Social retem indiferentes e não vejam na miséria mais que uma infeliz exceção, cuja causa se deve aos próprios miseráveis[...].”<sup>649</sup>

Tampouco, não é por acaso que no mesmo ano de 1840 Flora Tristan publique seu *Promenades dans Londres* que, em 1842, é reeditado com o sintomático título *Ville Monstre*. “A cidade monstro, a cidade da miséria e do crime, é Londres, bem mais que Paris[...].”<sup>650</sup> testemunha Flora Tristan com suas andanças pela capital.

Tão grande era Londres, tão lastimável sua miséria e tão assustador o espetáculo do desfile da pobreza pelas ruas que os romances ou melodramas franceses, ao descreverem o *bas-fond* parisiense, se utilizam da “atmosfera” londrina para compor o ambiente de sua capital. Sabe-se, mesmo, que *Os Mistérios de Paris* foram baseados numa obra ilustrada sobre os *Mistérios de Londres* que teria sido sugerida a Sue como modelo para que ele compusesse o seu célebre folhetim.

A descoberta das “classes perigosas” está relacionada, portanto, diretamente com a criação literária que, após 1840, não cessa de dialogar com as enquetes sociais que investigam as condições de vida na cidade.

A literatura toma a si a missão de traduzir, em termos ficcionais, os mistérios das cidades, e o faz de tal maneira, principalmente através do folhetim que, em “certas ocasiões, a distinção entre realidade e ficção se apaga; a ficção exprime a realidade melhor que os próprios *fait divers*, ela é a realidade. É o caso de *Os Mistérios de Paris*. Rodolfo existe.”<sup>651</sup>

Tal impressão de realidade não é fortuita quando sabemos que certo tipo de literatura, quer se tratasse de “poemas, de canções, de lamentos, de romances ou melodramas[...] é um elemento essencial da cultura popular[...] mais do que de cultura, é de civilização que se deveria falar, tal é

<sup>649</sup> Citado por Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, pp. 156, 157.

<sup>650</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 148.

\* Rodolfo é o herói maior de *Os Mistérios de Paris*, afrontando todo o mal, e representando todo o bem.

<sup>651</sup> *Id. ibid.*, p. 504.

a importância que esta literatura tem para as classes populares, para a sua mentalidade e para o seu comportamento, uma importância e um significado que ela não tem para as outras classes”.<sup>652</sup>

É por obras como *Os Mistérios de Paris* — daí, grande parte de sua repercussão junto à população — que as classes populares tomam consciência mais nítida de sua própria condição. Conforme Louis Chevalier, *Os Mistérios de Paris* podem ser considerados como um dos mais importantes documentos relativos à configuração de uma mentalidade popular, basicamente pelo sucesso da obra e devido à “adesão do povo a uma descrição que não lhe concernia, mas onde ele quis se reconhecer e frente a qual ele se curvou progressivamente até dela fazer, por um verdadeiro constrangimento coletivo, seu mais fiel retrato, até transformar esse livro das classes perigosas em um livro das classes trabalhadoras: das classes trabalhadoras que guardam, não obstante, a maior parte dos caracteres físicos e morais das classes perigosas”.<sup>653</sup> Com efeito, são as classes perigosas que Sue se propõe no início do seu livro a descrever:

“[...] Todo mundo leu as admiráveis páginas nas quais Cooper,\* o Walter Scott americano, traçou os costumes ferozes dos selvagens, sua língua pitoresca, poética, os mil ardis que eles usam para perseguir seus inimigos ou para fugir.

Nós estremeçemos pelos colonos e pelos habitantes das cidades, imaginando que tão junto a eles viviam essas tribos bárbaras, cujos hábitos sanguinários afastava-os da civilização.

Nós tentaremos apresentar ao leitor alguns episódios da vida de outros bárbaros tão à margem da civilização como os selvagens nômades tão bem pintados por Cooper.

Só que os bárbaros dos quais nós falamos estão entre nós, podemos esbarrar com eles aventurando-nos nos covis aonde eles vivem, aonde eles se reúnem para combinar a morte, o roubo, para dividir os despojos de suas vítimas. Esses homens têm seus próprios costumes, suas próprias mulheres, uma linguagem própria, linguagem misteriosa, cheia de imagens funestas, de metáforas repugnantes de sangue.

Como os selvagens, enfim, essas pessoas se chamam, geralmente entre si, pela alcunha tomada emprestada à sua força, à sua crueldade, a certas características pessoais ou a certas deformidades físicas[...]”<sup>654</sup>

É impressionante o jogo de identidade entre Sue e seu público popular no sentido de que o autor, ao tomar como objeto de observação o que ele supunha serem as “classes perigosas”, acaba reconhecendo nelas as classes trabalhadoras e, na direção inversa, como as classes trabalhadoras acabam se reconhecendo no livro, ao reconhecerem nas suas condições de vida, a condição daqueles que na obra de Sue são identificados aos selvagens, sobretudo aqueles personagens que

<sup>652</sup> Citado por Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 506.

<sup>653</sup> *Id. ibid.*, p. 510.

\* Fenimore Cooper, autor do livro *O Último dos Moicanos*.

<sup>654</sup> Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Introduction par Armand Lanoux. Paris, Éd. Robert Laffont. 1989, pp. 31, 32. (Grifos meus).

pertencem a um mundo espremido entre a miséria e o crime.<sup>655</sup> A despeito da vontade de Sue de escrever um livro sobre as classes perigosas, *Os Mistérios de Paris* se tornaram, desde o seu começo, o verdadeiro livro da classe trabalhadora. Isso se deveu menos à decisão de Sue de inclinar seu projeto nessa direção, do que à vontade coletiva dos trabalhadores que, através de intensa correspondência com o autor, iam operando verdadeira metamorfose na direção e sentido do romance.

Historicamente, a importância de *Os Mistérios de Paris* se deve ao fato do livro ter tematizado as condições de vida das classes trabalhadoras, identificando-as às condições de vida das classes perigosas, ou por outra, tomando uma pela outra o livro tematizou a questão da miséria e da criminalidade que cresciam à sombra do desenvolvimento das grandes cidades, impulsionado pelo capitalismo industrial. Sob a máscara do crime, assinala Chevalier, o livro revelava não a criminalidade, mas a miséria.<sup>656</sup>

*Os Mistérios de Paris* são uma espécie de desaguadouro do imaginário que estava sendo formulado em diferentes lugares da sociedade (imprensa, literatura, polícia, filantropia, órgãos do governo) sobre o **processo de sociabilidade**, numa cidade que abrigava multidões de indivíduos vindos dos quatro cantos do país e de inúmeros países estrangeiros.\* Essa enorme **mistura** a que a cidade obrigava e abrigava causava forte apreensão quanto à identidade do outro, uma vez que os sinais exteriores de identificação da hierarquia social começavam a desaparecer, confundindo a todos sobre quem era quem. Deriva, daí, uma necessidade imperiosa de identificar aqueles que faziam parte da cidade e da sociedade e aqueles que estavam à margem.

De acordo com Buret, um estudioso da pobreza nas cidades:

“A extrema miséria é uma recaída na selvageria[...] As classes inferiores são, pouco a pouco, repelidas dos usos e das leis da vida civilizada e levadas, através dos sofrimentos e das privações da miséria, ao estado de barbárie. O pauperismo equivale a uma verdadeira interdição social[...]

São os homens fora da sociedade, fora da lei, os *outlaws*, e é de seu meio que saem quase todos os criminosos. Uma vez que a miséria pesa sobre um homem, ela o rebaixa pouco a pouco, degrada seu caráter, rouba-lhe um a um os benefícios da vida civilizada e lhe impõe os vícios do escravo e do bárbaro”.<sup>657</sup>

Seguindo nesta direção, as representações sobre as identidades sociais vão dar, necessariamente,

---

<sup>655</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 510.

<sup>656</sup> *Id. ibid.*, p. 515.

\* Sabe-se que as migrações, decorrentes das transformações geradas pelo capitalismo, levaram cerca de 60 milhões de pessoas, ao longo do século XIX, a perambular pelo mundo à procura de melhores condições de vida.

<sup>657</sup> Citado por *id. ibid.*, pp. 162, 163.

numa fantasmagoria que divide os homens em “civilizados” e “bárbaros”. Tão poderosa se tornou essa representação da sociedade que, fora dela, não havia mais nada; toda a percepção da dinâmica da sociabilidade passou a caber entre esses dois extremos. Essa imagem do povo não era somente poderosa como, também, eficaz, pois a própria opinião popular incorporou o preconceito derivado de termos como selvagens, bárbaros, nômades. Não é por outro motivo que um reformador como Proudhon (1840) abole, em seus escritos, a diferença entre classes trabalhadoras e classes perigosas, “confundidas na fraternidade da miséria”: <sup>658</sup> “Esses bárbaros a que somos levados a dar o nome de proletários”. <sup>659</sup> Ao que Victor Hugo no *Os Miseráveis* arremata, dizendo: “Eram os selvagens sim, mas os selvagens da civilização”. <sup>660</sup>

Hugo percebeu brilhantemente a dialética bárbaro/civilizado que servia como referência à constituição das novas representações da sociabilidade que caracterizavam a vida urbana: sem os bárbaros e seu mundo de instabilidade à mercê das oportunidades, dos caprichos do acaso (“hoje boa caça e salário, amanhã caça infrutífera e desemprego”), <sup>661</sup> sem os bárbaros e sua ameaça à ordem e a estabilidade, sem os bárbaros e seu nomadismo pela cidade, o que seria dos civilizados e da civilização?

Não há civilização e civilidade e, por conseqüência, urbanidade e ordem, sem a ameaça (real ou irreal) de sua dissolução. A rigor, não é preciso haver ameaça real, desde que o imaginário vigente na sociedade invente a barbárie como categoria e a constitua como ameaça virtual de ruptura do pacto social.

Com a diferença de meio século, Constantino Cavafis, poeta que ilustra com a poesia *À Espera dos Bárbaros* o primeiro capítulo desta tese, repercute as conclusões de Hugo a respeito da importância dos bárbaros, fazendo com que o conceito de civilização deixe o limbo da história, suba à vida como verdade histórica e se naturalize na sociedade como se fosse inerente à cultura. Em *À Espera dos Bárbaros*, Cavafis conclui a poesia constatando que:

“[...] Já é noite, os bárbaros não vêm  
E gente recém-chegada das fronteiras  
Diz que não há mais bárbaros.

Sem bárbaros o que será de nós?  
Ah! eles eram uma solução”. <sup>662</sup>

<sup>658</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 517.

<sup>659</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 517.

<sup>660</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 518.

<sup>661</sup> Citado por *id. ibid.*, pp. 451, 452.

<sup>662</sup> Citado por Cândido, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. SP, Ed. Livraria Duas Cidades, 1993, p. 156.

Essa fragmentação da sociedade entre civilizados e bárbaros expressa uma grande ansiedade relativa a ameaça à ordem social, da qual a vida urbana nas grandes capitais é a maior expressão, uma vez que é ali que se reúne o **desconhecido** (as multidões, aonde todos são estranhos a todos, com a ruptura dos laços comunitários que ensejavam a solidariedade) com o **inesperado** (a possibilidade da multidão deixar de ser uma massa amorfa e se rebelar).

À falta de recursos mais específicos para identificação da ameaça que os desconhecidos possam oferecer na rua, o julgamento que uns grupos fazem sobre os outros, passa a se basear nas **características físicas**, consideradas como particulares a cada grupo.

É impossível compreender, admite Louis Chevalier, a violência das lutas sociais em Paris, se não se reconhecer seus fundamentos físicos e morfológicos. Segundo Chevalier, “é em seus corpos que os grupos se consideram, se julgam, se afrontam. A opinião burguesa sobre o físico-popular resume bem o imaginário sobre a ameaça proletária. A visão da opulência burguesa pelo povo igualmente produziu um imaginário”.<sup>663</sup>

Em outras palavras, estabelecia-se, a partir das características físicas de um grupo, uma forma de identificação dos traços característicos de sua moral para, a partir daí, poder se concluir por sua pertinência às hordas dos bárbaros ou às hostes civilizadas.

Chevalier toca o âmago da questão quando afirma que “a opinião dos burgueses sobre o físico popular resume, melhor que todos os artigos da imprensa conservadora, a ameaça proletária e manifesta o segredo do terror dessa época[...] Da mesma maneira, o julgamento feito pelo povo sobre o físico burguês resume, melhor que toda afirmação ideológica, aquilo que o povo pensa dos diversos aspectos da pujança burguesa”.<sup>664</sup>

Numa sociedade, onde a tradicional **visibilidade** do poder ia se apagando, mais do que nunca a capacidade de identificar e reconhecer pelo olhar se fazia necessária, já que era urgente saber de onde vinham as ameaças, dar-lhe um nome, fixar-lhe uma aparência.

Entende-se, então, porque a caricatura como forma de manifestação artística se desenvolve tão amplamente nesse período, principalmente na imprensa. É que, com seu poder de “deformar” as aparências, ela acaba produzindo um retrato moral do indivíduo, revelando seu pretenso verdadeiro caráter.

---

<sup>663</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 519.

<sup>664</sup> *Id. loc. cit.*

Não é de se estranhar que a primeira edição de *Os Mistérios de Paris* tenha sido ilustrada com caricaturas, e logo de quem! De Daumier e de Travies, os dois grandes mestres do traço capazes de fazer a alma subir à boca do tipo retratado. Conforme uma revista da época (1842), Daumier e Travies são dois caricaturistas que se puseram a esboçar a pobre natureza humana de Paris, à sua maneira: as velhas porteiras, os bêbados, os trapeiros e toda aquela raça que encarna todo o ridículo, assim como toda a feiúra e miséria social.<sup>665</sup>

Junto com Daumier que na primeira edição ilustrada de *Os Mistérios de Paris* foi escolhido para representar alguns dos personagens mais hediondos do romance, Travies emprestou ao povo os aspectos mais repugnantes e, quiçá, os mais ferozes.<sup>666</sup> Da mesma maneira, quando outros caricaturistas se põem a representar o povo, o resultado não é mais ameno. Como em Monnier que, num pequeno livro intitulado *Scènes Populaires*, pretende ver dramatizado aquilo que Parent-Duchatelet (médico higienista que estudou os esgotos e as prostitutas de Paris) descreveu. De acordo com o próprio Monnier, o que ele produziu com suas caricaturas foi, antes de qualquer coisa, uma espécie de “livro de Medicina Social”.<sup>667</sup>

Tão importante foi o estudo das aparências que escritores como Balzac, Hugo e Sue esboçaram seus personagens à luz do que o imaginário social sancionou ser a aparência popular.

Quando *Os Mistérios de Paris* foi escrito, essa inquietação em torno da aparência do pobre já começava a se tornar objeto de análise, na medida em que só a identificação de onde vinha a ameaça poderia garantir a paz social. Assim, o conhecimento do outro fazia-se imprescindível. O **olhar sancionador** dos comportamentos corteses da sociedade do antigo regime se transforma num **olhar indagador** que tenta, perscrutando a aparência do outro, conhecer sua identidade.

A aparência, mais que uma condição da privacidade da vida particular, se transforma num tema da **Política**. Trata-se aqui, portanto, de uma questão do poder, de um lado, e de uma questão da ordem, de outro. Daí, a inevitável pergunta: como se constituir uma ordem, onde não se sabe com quem se está lidando, onde a “vida pública”<sup>668</sup> entra em declínio e onde a etiqueta deixa de ser a base sobre a qual o poder institui sua dominação? Responderemos a essas perguntas, não sem antes fazermos uma rápida incursão numa sociedade, onde a etiqueta é a base de toda sociabilidade e o fundamento de toda dominação.

---

<sup>665</sup> Citado por Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 527.

<sup>666</sup> *Id. ibid.*, p. 527.

<sup>667</sup> *Id. ibid.*, p. 528.

<sup>668</sup> Para o conceito de “declínio da vida pública”, ver: Sennet, Richard. *O Declínio do Homem Público. As Tirânicas da Intimidade*. SP, Cia. das Letras, 1988.



## 5.2 - “Guerra ao Olho”

A **sociabilidade** é um dos grandes temas do século XVIII. Ali, onde imperou o Absolutismo e a sociedade de corte, brotou como sua mais preciosa criação cultural e/ou política; a questão da sociabilidade revelou ser o grande desafio na manutenção dos laços e na conquista da paz social. Como excluir a hostilidade do convívio diário, como banir a violência do corpo a corpo de forma a garantir a harmonia social, se interroga a sociedade “XVIII<sup>ème</sup>”? E a resposta não se faz esperar, a partir do comportamento daqueles cavalheiros da corte que se abrem para uma nova modalidade de integração, fundada numa autodisciplina centrada na reserva e no controle de si: o corpo a corpo cede lugar ao face a face. Assim, a violência é substituída por todo um ritual que expressa o controle de si e o respeito pelo outro e que obriga a uma profunda transformação nos costumes que sustentam a sociabilidade.<sup>669</sup>

Essa experiência da sociabilidade, que desde o século XVII vinha experimentando importantes transformações, no século XVIII se consolida como uma nova **cultura política**. Política sim, porque, como sugere Claudine Haroche, essa forma de sociabilidade mantém a distância entre os indivíduos (afastando a violência do corpo a corpo), regula os comportamentos em público e governa as condutas (prevenindo desordens e violências).<sup>670</sup> Transcendendo o domínio da virtude privada — respeito e consideração pelo próximo — a sociabilidade se projeta como regra no estabelecimento da sociedade política.

Na medida em que o comportamento, baseado no controle de si e no respeito ao outro, aponta para as novas **formas** de sociabilidade, vamos nos dando conta que esta se reveste de toda uma ritualística que podemos traduzir como sendo da ordem da *politesse*. A compreensão da natureza política da etiqueta e do cerimonial passa a ser fundamental na redefinição de seu papel no processo de pacificação social. Assim, ao mesmo tempo que a polidez leva à contenção conduz, também, à dominação.<sup>671</sup> Dominação e contenção dão, portanto, os limites do projeto civilizatório nas sociedades de corte do antigo regime na Europa do século XVIII.

Claudine Haroche lembra que, para Tocqueville — um dos grandes pensadores da questão da cultura política, do Estado e do governo — “não há sociedade possível sem convenções sociais, isto é, sem um acordo simultâneo da maioria dos cidadãos sobre certas crenças, sobre certas idéias ou certos usos e costumes que, uma vez admitidos, são sempre observados”.<sup>672</sup> À falta de

---

<sup>669</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998.

<sup>670</sup> *Id. ibid.*, p. 136.

<sup>671</sup> *Id. ibid.*, p. 138.

<sup>672</sup> *Id. ibid.*, pp. 21, 22.

observância das convenções sociais a desobediência se impõe, arrastando consigo a desordem e erodindo os vínculos entre os indivíduos e entre esses e o poder.

Nos Estados aristocráticos, aonde **as formas** — uma estetização da sociabilidade — autonomizam-se, a polidez se constitui na mais “séria garantia” diante do desconhecido e permite saber “com quem se está lidando”: declina-se, obrigatoriamente, a cada encontro, “nome, sobrenome, atributos, lugar de origem e de residência”. Assim, “era difícil conservar-se incógnito, pois era de uso nessas relações fortuitas e passageiras, para desfazer toda a apreensão e todo o escrúpulo, nomear a si mesmo e uns aos outros”.<sup>673</sup>

A submissão à etiqueta nas sociedades aristocráticas era o meio de controlar a **inquietação** que a sociabilidade provocava, ali onde os indivíduos deviam, permanentemente, se encontrar (nos salões da corte) e fazer desse encontro uma prática que reiterasse a hierarquia e a posição de cada um nessa hierarquia. A possibilidade de “reconhecer” o outro, dada pelo sistema cerimonial de apresentações, afastava o perigo do inesperado, o perigo de ferir a imagem pública daquele que tem em sua honra (o aristocrata) na sua *persona* — que é pura teatralidade, portanto, jogo de relações públicas — o seu bem supremo.<sup>674</sup>

Na medida em que a experiência da convivência supõe sempre o outro, a inquietação frente ao enigma da identidade e dos sentimentos do outro é equacionada por uma sociabilidade que transforma o governo de si numa garantia de contenção da violência. Como quer Norbert Elias, o governo de si é componente essencial do poder, o mais seguro entrave às desordens, o fundamento do governo dos outros, o complemento necessário da lei.<sup>675</sup>

Ao articular o particular ao político, o privado ao público, o corpo de cada um ao corpo social e o eu ao outro, a sociabilidade cortesã revela os mecanismos de uma dinâmica estruturada numa “política cultural que privilegia um estilo que depende essencialmente do olhar, do fazer ver, em suma, da ostentação”.<sup>676</sup> Nesse sentido, conclui Haroche, “a existência de cada um só se confirma sob e pelo olhar do outro”.<sup>677</sup>

É a questão do olhar, portanto, que se coloca como eixo a partir do qual toda a sociedade de ordens se movimenta. O olhar (do rei, do superior na hierarquia) controla, o olhar sanciona. É

---

<sup>673</sup> Citado por Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 25.

<sup>674</sup> Ver a belíssima discussão que Renato Janine faz sobre o *ethos* aristocrático. Ribeiro, Renato Janine. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993,

<sup>675</sup> Citado por Haroche, Claudine. *Op. cit.*, p. 36.

<sup>676</sup> *Id. ibid.*, p. 53.

<sup>677</sup> *Id. ibid.*, p. 67.

pelo olhar que a publicização da ordem se manifesta. É no jogo de mostrar e esconder que a dominação se faz valer. Mostrar para impor, exhibir para se fazer temer, apresentar-se para seduzir. Por tudo isso, afirma Haroche, o poder tem que **comunicar**, coisa que está longe do **debate** e do **diálogo** e é da ordem da legitimação do poder. É preciso mostrar-se para ser obedecido e instaurar a ordem.<sup>678</sup> A política é, portanto, um trabalho sobre as aparências<sup>679</sup> (“o ato justo é o ato belo”), pois, para que o poder impressione, ele deve se tornar visível, ele deve mostrar sua face, com todos os apetrechos que servem para “mascará-la”, se revelando mais do que na realidade é.

Decorre daí, o projeto de uma política que enquadra a aparência e faz dela a base da etiqueta, o fundamento da sociabilidade. A política absolutista, podemos concluir, é uma política fundada nos limites entre a aparência e o olhar.

“Guerra ao olho”<sup>680</sup> é o mote da vida em sociedade no antigo regime, para evitar que se descubra que, por baixo de toda a aparência, o rei está nu!

---

<sup>678</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 98.

<sup>679</sup> *Id. ibid.*, p. 104.

<sup>680</sup> A propósito da importância que o Cardeal Richelieu dava à etiqueta na corte de Luís XIII. Citado por *id. ibid.*, p. 55.

### 5.3 - Saber Ver

Depois de dar uma olhada nos “civilizados” da corte, voltemos aos “bárbaros” da cidade. Como já assinalei em outro momento, corte e cidade, apesar de ocuparem o mesmo espaço, não são a mesma coisa. Assim, uma coisa é a civilidade cortesã fundada na etiqueta, comandada pelos jogos de olhares e preservada da desordem, pela garantia de reconhecimento do outro a partir da aparência; e outra coisa é a sociabilidade urbana, estruturada sobre “sentimentos verdadeiros” (a eclosão das paixões), opaca ao olhar e exposta à desordem das ações e sentimentos individuais.

Entre esses dois momentos do processo civilizatório, a natureza do vínculo com o poder se transformou, levando de roldão o *ethos* cortesão, o que obrigou ao restabelecimento dos vínculos sociais à reedição da legitimidade do poder, à reconfirmação do sistema de dominação e à revalidação dos mecanismos de preservação da ordem, a partir de novas formas de pensar a inserção do sujeito na sociedade, isto é, a partir de uma nova concepção da sociabilidade e do seu papel na preservação do vínculo social.

Não só mudava a racionalidade política com o esgotamento da sociabilidade cortesã como a cidade se investia de uma outra racionalidade, onde a economia urbana, as mudanças demográficas e a urbanização acabaram desgastando “o padrão de hierarquia enquanto medida segura para as relações entre estranhos”.<sup>681</sup>

Segundo Richard Sennet, o que aconteceu é que “a vida pública entrou em crise, recolhendo-se diante do ‘manancial de estranhos’ que invadiram a cidade, vindos do campo, de pequenas cidades e de outros países”.<sup>682</sup>

O costume que na sociedade de corte se tornara uma força invisível e cega e que coibia seres diferentes a agirem de forma análoga e, por isso mesmo, dava a todos uma aparência comum,<sup>683</sup> perde sua força de coesão. Diante da nova realidade, onde as pessoas estão soltas, não carregam sobrenome nem o lastro de sua origem e não têm sequer as marcas de um passado, todos têm que fazer grandes esforços para “dar cor e definir suas relações com estranhos”.<sup>684</sup> Como, então, tais pessoas irão fazer sentido umas para as outras? pergunta-se Sennet.

A uniformização da aparência exterior borra cada vez mais os diferentes pertencimentos sociais. A incitação à autenticidade e à transparência psicológica nas sociedades democráticas em

<sup>681</sup> Sennet, Richard. *O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade*. SP, Cia. das Letras, 1988, p. 78.

<sup>682</sup> *Id. ibid.*, p. 73. (Grifo meu).

<sup>683</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 21.

<sup>684</sup> Sennet, Richard. *Op. cit.*, p. 83.

formação provoca a **inexpressividade** do indivíduo em suas manifestações públicas.<sup>685</sup> Compactuando com a análise que Sennet faz sobre o declínio da vida pública, Claudine Haroche acredita que, doravante, “o indivíduo mostrar-se-á calculado e falsamente sincero”; quando “avaliado por sua aparência, é julgado, de fato, por sua interioridade”.<sup>686</sup>

A inobservância das convenções sociais ferirá de morte a sociabilidade cortês, obrigando a um recolhimento da esfera pública. “A necessidade de guardar distância diante de desconhecidos se faz insistente[...] Quanto mais o indivíduo se vê encorajado a revelar seu eu profundo, a desvelar suas emoções íntimas, mais ele se mostra reservado, até inexpressivo, esforçando-se por proteger um espaço interior, seu ‘foro íntimo’, do olhar alheio”.<sup>687</sup>

Tocqueville bem compreendeu esse momento de ruptura entre uma pujante publicização das formas da sociabilidade e seu posterior recolhimento ao abrigo de olhares estrangeiros:

“Os homens que vivem nos séculos democráticos não compreendem, com facilidade, a utilidade das formas; sentem um desdém instintivo por elas[...] As formas excitam o seu desprezo e, comumente, o seu ódio. Como não aspiram de ordinário senão ao gozo fácil e imediato, lançam-se impetuosamente em direção ao objeto de cada um de seus desejos; a mínima lentidão os exaspera. Um tal temperamento que transpõem à vida política os indis põe contra as formas quando estas minam ou retardam qualquer um desses desejos”.<sup>688</sup>

A perda dos referenciais cerimoniosos que davam consistência àquela forma de vida pública e, portanto, serviam para soldar os vínculos sociais e construir um imaginário sobre a ordem e o poder, leva a que, conforme Tocqueville, cada um no regime democrático aja a seu bel-prazer, o que faz com que reine sempre “uma certa incoerência nas maneiras, porque estas se conformam aos sentimentos e idéias individuais de cada um, mais do que a um modelo ideal dado, *a priori*, à imitação de todos”.<sup>689</sup>

A perda da garantia frente ao desconhecido, antes proporcionada pela *politesse*, a expansão das classes mercantil e burguesa nas capitais do século XVIII, “acompanhada pelo aparecimento de muitas pessoas inclassificáveis[...] e pelo afrouxamento das posições sociais tradicionais”,<sup>690</sup> se traduziu numa grande hesitação. O novo sentido que a sociabilidade, a vida pública tomava, gerava inquietação e incerteza diante da personalidade dos outros, o que levou Rousseau a

<sup>685</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 29. (Grifo meu).

<sup>686</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>687</sup> *Id. ibid.*, pp. 28, 29.

<sup>688</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 17.

<sup>689</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 18.

<sup>690</sup> Sennet, Richard. *O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade*. SP, Cia. das Letras, 1988, p. 69.

afirmar que “a diferença dos procedimentos antecedia a dos caracteres. A natureza humana, no fundo, não era melhor, mas os homens encontravam segurança na facilidade com que se penetravam reciprocamente”.<sup>691</sup>

Um dos mais argutos observadores das transformações de Paris e das mudanças do caráter de sua população, Louis Sébastien Mercier, se propôs no seu livro *Tableau de Paris*, de 1781, fazer um relato dos grandes câmbios porque passavam os costumes. Por isso, já no Prefácio do livro, Mercier anunciava que:

“Eu vou falar de Paris, mas não dos seus edifícios, dos seus templos, dos seus monumentos e de suas curiosidades, etc. Muitos outros já o fizeram. Eu falarei dos costumes públicos e particulares, das idéias reinantes, da situação atual dos espíritos, de tudo aquilo que me tocou nessa confusão de hábitos loucos ou razoáveis, mas sempre cambiantes. Eu falarei ainda de sua grandeza ilimitada, de suas riquezas monstruosas, do seu luxo escandaloso”.<sup>692</sup>

Em outro livro, *Du Théâtre*, Mercier explica que deve procurar no meio dos trabalhadores da capital as fisionomias e as situações que ele não pode extrair de nenhum modelo antigo, desgastado à força de ser imitado:

“Eu amo Paris unicamente porque é lá que se jogam todas as paixões e, também, aonde suas relações múltiplas criam um grande número de cenas originais. Cada homem que eu encontro na rua me fala, sem me dizer palavra; eu leio sobre todas essas fisionomias qual é o interesse secreto que as agita. Não é difícil imaginar o estado, segundo seu exterior, ainda que o traje seja o mesmo. Não é esse um quadro instável o suficiente e próprio a satisfazer a ávida curiosidade do filósofo? Todos esses seres ambulantes, pelo fato de estarem perdidos na multidão, se disfarçam menos lá que em outro lugar”.<sup>693</sup>

Redigido num momento de profundas alterações comportamentais, onde uma burguesia, cada vez mais ciente de sua força, procurava se impor à tradição aristocrática e o proletariado nascente revelava sua cara, o livro de Sébastien Mercier ilustra bem o que queremos significar com a transformação das regras que sustentam certas formas de sociabilidade. Diante das incertezas que a vida pública colocava a todos aqueles que experimentavam a sensação de “fim de uma época”, Mercier exprimiu-se da seguinte maneira:

“É bom instituir essas regras sutis e fixas que, como entraves salutares, diminuem o ímpeto excessivo da vaidade e do orgulho, mesmo legítimos. Assim, a fisionomia, o tom, o gesto, a fala, o olhar, são submetidos a usos que se deve respeitar, e essas formalidades adquiridas enriquecem o prazer do convívio, em vez de destruí-lo”.<sup>694</sup>

<sup>691</sup> Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, p. 25.

<sup>692</sup> Mercier, Louis Sébastien. “Tableau de Paris. Le Nouveau Paris” e Bretonne, Restif de la. “Les Nuits de Paris”, in *Paris le Jour. Paris la Nuit*. Collection dirigée par Guy Schoeller. Paris, Édition Robert Lafont, 1990, p. 25.

<sup>693</sup> *Id. ibid.*, p. 10.

<sup>694</sup> Citado por Haroche, Claudine. *Op. cit.*, p. 28.

Preocupado em entender os novos comportamentos comandados pela prática da vida urbana, Mercier se propõe a observar a *physionomie de mon siècle*, daí seu interesse em seus contemporâneos e em seus compatriotas, e sua atenção para com todas as “nuances de seu caráter”: <sup>695</sup> “É a moral que me interessa”; para ver o resto — edifícios, monumentos, curiosidades de todo o gênero — “basta apenas os olhos”. <sup>696</sup>

Observando os costumes, Mercier reedita toda uma preocupação com a questão do olhar em sociedade, característica da sociedade aristocrática. No entanto, Mercier não exerce o olhar como forma de *politesse*, ou seja, de reconhecimento da hierarquia e de preservação da distância social. Em Mercier, o olhar funciona como uma arte, como uma “poética” mesmo, que vai rasgando a superfície dos acontecimentos como se fosse um escalpelo, permitindo o observador mergulhar no infinito da diversidade das coisas e dos seres.

Segundo Michel Delon, que assina a Introdução da edição de 1990 do *Tableau de Paris*, quando Mercier olha, ele procura escapar à linearidade do desenho, à simples descrição anatômica ou administrativa, à pobreza de uma tipologia. <sup>697</sup> Opondo-se a que seu livro fosse ilustrado por uma coleção de gravuras, Mercier queria evitar que sua visão da **instabilidade** das novas formas da vida social fosse contida pelos limites de uma ilustração que congelasse o movimento e impedisse a surpresa do acaso dos encontros que a vida urbana propiciava. Mercier valorizava, pois, o olhar como forma de conhecimento, de interpretação da realidade. É por isso que Delon conclui: o que Mercier quer é “[...]fazer um quadro instável, aprofundando o paradoxo e enaltecendo o poder da escrita frente aos limites da pintura”. <sup>698</sup>

É nesse sentido que Mercier se dispõe a exercitar a “leitura das fisionomias”, pois vai se dando conta que o segredo da instabilidade que caracteriza os novos costumes que se impõe à cidade repousa na identificação e compreensão do “grande número de cenas originais”, onde cada participante fala, “sem dizer palavra”, através daquilo que sua fisionomia, seu exterior, revelam.

Tocado pelas “cenas originais” que se desenrolam nas ruas, Mercier se entusiasma com o que vê: “Que quadros eloqüentes que tocam o olhar em todas as esquinas dos cruzamentos e que galeria de imagens plena de contrastes impressionantes para aquele que sabe ver e escutar!” <sup>699</sup>

---

<sup>695</sup> Mercier, Louis Sébastien. “Tableau de Paris. Le Nouveau Paris” e Bretonne, Restif de la. “Les Nuits de Paris”, in *Paris le Jour. Paris la Nuit*. Collection dirigée par Guy Schoeller. Paris, Édition Robert Lafont, 1990, p. 27.

<sup>696</sup> *Id. ibid.*, p. 35.

<sup>697</sup> Delon, Michel. *Paris le Jour, Paris la Nuit*. (Introdução a Mercier, Louis S). *Ibid.*, p. 18.

<sup>698</sup> *Id. ibid.*, p. 19.

<sup>699</sup> *Id. ibid.*, p. 31.

Saber ver. Mercier tem uma nítida noção da importância do olhar. Não é à toa, de acordo com Michel Delon, que Mercier deu o nome a seu livro de *Quadro de Paris*, título pleno de significações, pois a idéia de quadro “designa a visibilidade do mundo e sua legibilidade: sua visibilidade (visto que o mundo pode ser representado), sua legibilidade (porque ele pode ser explicado e compreendido)”.<sup>700</sup>

Considerando-se *l’homme du regard*, Mercier situa-se na tradição iluminista de desvendamento da sociedade através da projeção das “luzes da racionalidade”, encarnadas numa nova maneira de olhar. Daí, o título de seu primeiro capítulo do *Tableau de Paris* ser *Coup d’Oeil Général*, jogo de olhar que atravessa todo o livro, pois, muito mais que o olhar do curioso, Mercier quer olhar para ver a alma, identificar o personagem no conjunto da população.<sup>701</sup>

Assim, conforme Michel Delon, o **olhar** em Mercier se faz **visão** e, com ela, o observador pode mergulhar na multidão parisiense, “nessa multitude de pessoas e de objetos que se oferecem à vista, que se misturam e ganham sentido, uns em relação aos outros”.<sup>702</sup>

Penetrando as cenas de rua, desvendando as fisionomias, Louis Sébastien Mercier vai nos revelando um mundo novo que insiste em vir à tona.

---

<sup>700</sup> Delon, Michel. (Introdução a Mercier, Louis Sébastien). “Tableau de Paris. Le Nouveau Paris” e Bretonne, Restif de la. “Les Nuits de Paris”, in *Paris le Jour. Paris la Nuit*. Collection dirigée par Guy Schoeller. Paris, Édition Robert Lafont, 1990, pp. 16, 17.

<sup>701</sup> *Id. ibid.*, p. 18.

<sup>702</sup> *Id. loc. cit.*



## 5.4 - De Fisiognomonía, Rostos e Aparências

Michel Foucault observava, sobre a formação da sociedade moderna que, com o recuo da mundaneidade, as cerimônias, as marcas pelas quais se manifesta no soberano o mais-poder, se tornam inúteis.<sup>703</sup> A hierarquia, tão zelosamente construída e cultivada no teatro dos olhares, ameaça ruir. **O espetáculo** da figura do rei em cena, exposta aos olhares de todos e produtora de uma ordem política, cede lugar a um sistema de vigilância que Foucault chamará de Panóptico,<sup>704</sup> inverso no sentido da convergência dos olhares àquele da “sociedade do espetáculo”, cuja referência era a imagem do rei. Em vez do conjunto de olhares dirigidos para a pessoa do rei na sociedade moderna a questão se coloca ao contrário: como proporcionar a um pequeno número de pessoas ou a uma só pessoa, a visão instantânea da multidão? <sup>705</sup> “Numa sociedade”, assinala Foucault, “em que os elementos principais não são mais a comunidade e a vida pública, mas os indivíduos privados, por um lado, e o Estado, por outro, as relações só podem ser reguladas numa forma exatamente inversa ao espetáculo”.<sup>706</sup>

Tais questões que procuram articular os temas da sociabilidade, da aparência, do olhar e da política, podem ser reunidas em torno daquilo que Claudine Haroche e Jean Jacques Courtine denominaram de uma “história do rosto”,<sup>707</sup> a qual vamos, brevemente, reconstituir de forma a mostrar a importância da aparência na configuração do imaginário moderno sobre a fisionomia das massas e de suas representações sobre a ameaça que ela significava para a sociedade.

Remonta ao século XVI, aos Manuais de Retórica e de Civilidade, a preocupação com a aparência. Era o momento de surgimento da sociedade de corte e, portanto, de uma civilidade que deveria, em tudo e por tudo, estar expressa no corpo e na sua expressão, repositório das qualidades morais da alma.

O rosto fala, dizem os Manuais de Civilidade e Conversação.<sup>708</sup> Paralelamente a essa constatação, se desenvolve um modelo de civilidade, fundado em aparências e gestos que retoma uma tradição relativa à aparência e que tinha ficado esquecida num passado remoto. Trata-se da tradição da **Fisiognomonía**, uma espécie de “Ciência do Rosto” que tem como objeto de observação a fisionomia, mas que tem como objetivo a revelação do estado d’alma, o qual se manifesta nas

<sup>703</sup> Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1975. Ver o capítulo: “O Panoptismo”.

<sup>704</sup> *Id. ibid.* Ver o capítulo: “O Panoptismo”.

<sup>705</sup> *Id. ibid.*, p. 190.

<sup>706</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>707</sup> Ver: Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d.

<sup>708</sup> *Id. ibid.*, p. 7.

**expressões**, próprias a um corpo sujeito ao processo de sociabilidade.<sup>709</sup> Desde Aristóteles, lembram Haroche e Courtine, a Fisiognomonia relaciona o aspecto físico do corpo com as qualidades morais da alma.

Civilidade e Fisiognomonia passam a ter uma base comum: a equivalência entre o homem exterior e o interior, que se alinham na conquista da harmonia social. A ressurgência na história da Fisiognomonia exprime a necessidade de um controle social do homem interior, condição fundamental para o surgimento da civilidade.<sup>710</sup> Ética e estética se enlaçam num abraço, cujo resultado é a constituição da aparência do cortesão, cujo modelo iria vigorar até o século XIX. Mas, se assistimos, por um lado, a politização da **face** do poder, isto é, a prática de uma “Ciência Política da Aparência”,<sup>711</sup> por outro, vemos se desenvolver o estudo da fisionomia do homem sem importância, do homem comum, numa vertente externa à reflexão política: são estudos da expressão que vão do século XVII ao século XIX e que se encontram desenvolvidos nos trabalhos de Metafísica, de Estética, de Fisiologia, de Medicina e de Criminologia.<sup>712</sup> Vamos vendo correr paralelas, portanto, duas concepções da aparência, da imagem — física e representacional — do sujeito: uma, que é o projeto de uma história natural e, outra, que é a base de uma história política e social. São dois modos de leitura, segundo Haroche e Courtine, dois projetos históricos, ao longo dos séculos XVI e XIX, a partir dos quais se irá forjar a identidade do **homem moderno**.<sup>713</sup> E nessas duas tradições paralelas, “nessas duas histórias que as mais das vezes se ignoram, contudo, um mesmo questionamento persiste, o qual, interrogando a dualidade da pessoa — a relação entre corpo e alma, exterior e interior, superfície visível e profundidade oculta — delimita um espaço, revela um afastamento, distingue um deslocamento, suspeita de uma alteridade”.<sup>714</sup>

<sup>709</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 34. (Grifos meus).

<sup>710</sup> *Id. ibid.*, p. 36.

<sup>711</sup> Conforme Haroche e Courtine, “a vida social destina o sujeito a uma forma separada dele mesmo, a uma máscara. [...] Esse desdobramento e seus efeitos fundamentam a própria representação do político. Esta se inscreve, efetivamente, no jogo de formas duplas, onde sempre se interroga o ‘real’ sob a ‘aparência’: as intenções aquém dos discursos, a sinceridade atrás da retórica, o homem real sob a máscara do soberano, a verdade para além das aparências[...] A decifração da aparência é, assim, um jogo crucial do político, das lutas que nele se desenvolvem: desmascarar o adversário e desnudá-lo, despojá-lo do poder dos signos é confiscar este último em seu proveito”. Ver: *Id.* “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, n° 13, pp. 9, 10. (Grifo meu).

<sup>712</sup> *Id. ibid.*, pp. 11, 12.

<sup>713</sup> *Id. ibid.*, p. 17. (Grifo meu).

<sup>714</sup> *Id. loc. cit.*

A grande questão que a reflexão sobre a aparência envolve é, basicamente, a de fazer falar uma “interioridade muda”.<sup>715</sup> Coisa que se pode perceber ao longo dos séculos, seja analisando os desdobramentos de uma “política da aparência” com o eclipse da sociedade de corte e da sociabilidade própria à aristocracia, isto é, com o fim do mundanismo e o declínio da expressividade em público que levaria a um relativo silêncio do rosto; seja estudando a evolução da Fisiognomonia, seus impasses, seus avanços e desdobramentos que iriam redundar numa “Ciência do Rosto”. Seja por um viés ou por outro, trata-se aqui de entender o papel do **olhar** na constituição da identidade do sujeito moderno, na estruturação de um campo de dominação e na constituição de novas formas de sociabilidade que terão por base não mais a corte, mas **a cidade**.

Trata-se, por conseguinte, de analisar não só a natureza do olhar no ambiente urbano como, também, as características da aparência nesse novo meio de sociabilidade, condição incontornável para o conhecimento do **outro**, ou seja, daquele que é aprisionado pelo olhar como objeto de conhecimento. É do outro, portanto, que se trata (de seu conhecimento, de sua identificação, de sua fisionomia, de sua nomeação e do seu enquadramento) num saber que deverá reinstaurar o princípio da harmonia social, baseado em que a ciência faz falar o rosto daqueles que escondem suas paixões, e fazem disso uma ameaça à sociedade.

Se a Fisiognomonia é reeditada no século XVI como um conhecimento do eu, como uma estratégia de como se conduzir na vida civil, é no século XVII, com Le Brun, que ela se afasta do laço religioso que unia o rosto à alma, dado a partir das concepções religiosas que remetiam para uma “escrita divina” que estaria impressa, pelos astros, na face.<sup>716</sup>

Inspirado no Racionalismo Cartesiano, Charles Le Brun apresenta, perante a Academia Real de Pintura e Desenho, suas célebres *Conferences sur l'Expression des Passions*, apoiando-se em toda uma **Fisiologia** dirigida especificamente para pintores. É assim que, em Le Brun, o rosto vai deixando de ser o espelho da alma para se tornar a **expressão física** das suas paixões. Mais especificamente, aquele “homem interior” que dava sentido à idéia de alma é transformado num “homem orgânico”, levando a que a paixão fosse percebida como uma expressão da **organicidade**. O novo personagem da Fisiognomonia passa a ser, pois, o **organismo**,<sup>717</sup> e conforme Haroche e Courtine, “a representação da relação entre a interioridade e a aparência, tal como pode se ler no rosto, ganha, então, sentido num outro universo de referência: o da

<sup>715</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13, p. 12.

<sup>716</sup> *Id. História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, pp. 49, 50.

<sup>717</sup> *Id. ibid.*, pp. 69, 70. (Grifo meu).

Medicina, da Anatomia, da Geometria e do Cálculo”.<sup>718</sup>

Numa sociedade, onde se reforçam cada vez mais os constrangimentos ligados ao espaço público, onde o olhar exerce um controle cada vez mais apertado do espaço social<sup>719</sup> e onde o corpo é desvestido de sua sacralidade para assumir uma organicidade, o que sobrevem como resultado não podia ser outra coisa que uma “anatomia das paixões”.<sup>720</sup> Uma anatomia das paixões que, afundando-se no corpo, vai servir à **identificação e controle** dos sinais de afetos destemperados que possam interferir no bom desempenho da conduta civil.

Com Le Brun, a Fisiognomonia toma ares de uma “política do olhar”, transformando-se numa forte aliada no controle dos comportamentos públicos e facilitando o reconhecimento dos “sinais de um código fisionômico, corporal, que garante a **integração** de cada um na sua classe e no seu justo lugar na sociedade civil”.<sup>721</sup>

Com o progresso do Racionalismo Científico no final do século XVII e ao longo do século XVIII, a Fisiognomonia passa a ser vista, seja pelos médicos, teólogos ou moralistas, com descrédito, seja porque está associada à adivinhação, seja porque está associada à astrologia ou, mesmo, à magia.

No século do Iluminismo, onde todas as verdades devem ser ditas e todas as máscaras depostas, a “teatralização” da civilidade cortesã começa a ser desmontada, levando de roldão os princípios da Fisiognomonia que prendiam a expressão do rosto à qualidade da alma. Fomentadora das práticas de observação do outro e ativa participante, com seus princípios de identificação social no processo de constituição da sociedade civil, a Fisiognomonia é responsabilizada por ter favorecido a “falsificação generalizada das aparências[...] no teatro da sociedade de corte”,<sup>722</sup> o que levou a um recuo dessa forma de representação das relações entre a interioridade e a exterioridade do homem.

Mas, se a Fisiognomonia como forma de representação entra em fase de recesso é porque aquilo que a tornava palpável como idéia — a civilidade — entra, também, em declínio, levando a crer “num certo esgotamento do ideal do homem de corte que reinava pela aparência”.<sup>723</sup> Tal recuo

---

<sup>718</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 70.

<sup>719</sup> *Id. ibid.*, p. 80.

<sup>720</sup> *Id. ibid.*, p. 71.

<sup>721</sup> *Id. ibid.*, p. 81. (Grifo meu).

<sup>722</sup> *Id. ibid.*, p. 85.

<sup>723</sup> *Id. ibid.*, p. 86.

começa a marcar uma certa autonomia do homem privado em relação ao personagem público, coisa que teria importante repercussão no século XIX, como veremos adiante.

As formas tradicionais de legibilidade do rosto entram em crise e nenhuma obra nova, nem reedição sobre Fisiognomonia aparece, dando lugar a um novo olhar sobre o rosto, o de uma Antropologia, o de uma “Ciência do Homem”, calcado na relação entre homem físico e homem moral.<sup>724</sup>

Mas, de acordo com Haroche e Courtine, a ruína da Fisiognomonia não era definitiva: “desqualificada como ciência, a Fisiognomonia volta a florescer no fim dos anos 60 do século XVI tanto como ‘teoria’ como prática. Vai ter um considerável sucesso popular, que ficou ligado ao nome de Johann Gaspar Lavater, e que se prolongará durante toda a primeira metade do século XIX, a par com o entusiasmo suscitado pela Frenologia de Gall”.<sup>725</sup> Mas, aí o gesto de observar já havia se transformado profundamente e a Fisiognomonia procurará conciliar-se com a racionalidade da história natural e da Medicina, agarrando-se à Anatomia que à época se debruça quase que inteiramente sobre o estudo do crânio humano.

Procurando uma nova intelegibilidade do homem, o anatomista vara com seu olhar a superfície do rosto, atravessando-a e procurando nas profundezas do corpo as marcas que caracterizam a variedade dos traços humanos. Diferentemente de Le Brun, Lavater não procura os sinais da paixão no rosto: “Passa-se a ler no rosto, não mais o temperamento ou os humores, o caráter ou as paixões, mas as ordens subjacentes da espécie, a raça, a nacionalidade, a idade”.<sup>726</sup>

A natureza do sinal fisiognomônico se modifica, ele não exprime mais nem a alma, nem as paixões, ele não é mais que uma **medida**, um cálculo que se desenvolve no interior de uma Craniometria que busca a unidade e a variabilidade das espécies (a partir da análise, medida, comparação e classificação dos crânios) e indica o seu lugar na série ordenada dos organismos.<sup>727</sup> A Morfologia Facial passa a ser uma possibilidade de leitura que revele a transição entre as espécies na escala que vai das formas primitivas ao homem. Essa nova visão do que está escrito na face do homem vai na direção de lhe pespegar uma **identidade orgânica** que, substituindo a identidade social, possibilita ampliar o próprio conceito de identidade orgânica para além da idéia de identidade racial, extrapolando-o no sentido de uma identidade nacional.<sup>728</sup>

<sup>724</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, pp. 91-93.

<sup>725</sup> *Id. ibid.*, p. 93.

<sup>726</sup> *Id. ibid.*, p. 96.

<sup>727</sup> *Id. ibid.*, pp. 96, 97. (Grifo meu).

<sup>728</sup> *Id. ibid.*, p. 100. (Grifo meu).

O processo de mistura das nacionalidades, principalmente nas grandes cidades portuárias e, mesmo, ribeirinhas, devido ao comércio, à navegação e, também, às guerras, migrações, etc., causou grande apreensão quanto à confusão de traços relativos aos habitantes locais e sua indistinção frente aos estrangeiros. Tornou-se necessário, com isso, recuperar a Fisiognomonia como forma de definição das identidades, de maneira que ela pudesse dar conta de investigar a identidade orgânica da nacionalidade que, pretensamente, estaria impressa na Morfologia Facial ou Craniana.<sup>729</sup>

Desenvolve-se, então, a partir de Lavater, uma “paixão pelos esqueletos”, na medida em que o sistema ósseo seria o elemento mais estável do corpo disponível à interpretação de sua identidade e onde o crânio é considerado a base, a síntese desse sistema.<sup>730</sup> De Lavater em diante, para se compreender o rosto, torna-se preciso estudar o crânio: “A Craniometria é o futuro radioso da Ciência do Rosto”.<sup>731</sup> Mas Lavater, com suas teorias, vai abrir uma crise no final do século XVIII com a questão da legibilidade do rosto, na medida em que sua Fisiognomonia prega o fim da expressão e ele passa a procurar essa expressão nos ossos do esqueleto, que seria impressa pelo caráter e pela psicologia do indivíduo.<sup>732</sup> Para Lavater, a Anatomia, paradoxalmente, só interessava “na medida em que o estudo morfológico do corpo humano lhe permitia apreender o caráter do homem”.<sup>733</sup>

Essa crise, analisam Haroche e Courtine, levaria a duas vias divergentes: o estudo objetivo do **homem orgânico**, por um lado, e a escuta subjetiva do **homem expressivo**, por outro. Enquanto a objetividade orgânica iria cair no domínio das Ciências, a subjetividade expressiva seria a seara das Letras e das Artes.<sup>734</sup>

Assim como Lavater, F. J. Gall se debruçou sobre o comportamento humano apoiado na Fisiologia, acrescentando-lhe a preocupação com a Anatomia Craniana. Com Gall, a estética (Le Brun) e o caráter (Lavater) são deixados de lado, numa tentativa de apreensão daquelas disposições ocultas que determinam o comportamento humano e que serão lidas na configuração óssea: as formações psíquicas.<sup>735</sup> Gall dota o homem de um “esqueleto psíquico”,<sup>736</sup> e aquilo que

<sup>729</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 101.

<sup>730</sup> *Id. ibid.*, p. 103.

<sup>731</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>732</sup> *Id. ibid.*, p. 105.

<sup>733</sup> *Id.* “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13, p. 16.

<sup>734</sup> *Id. Op. cit.*, p. 107. (Grifos meus).

<sup>735</sup> *Id. ibid.*, p. 16.

começara como uma anatomia das paixões vai se transformando numa paixão pela Anatomia, fundamentando o projeto de uma **história natural** do homem que lançaria as bases da Antropologia Científica.<sup>737</sup>

Com efeito, asseguram Haroche e Courtine, “na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX, com a emergência progressiva de uma história natural do homem fundamentando uma Antropologia — em Linné, Buffon, Blumenbach, Lamarck, nas Ciências Naturais; ou Cabanis, Bichat, Pinel, na Medicina — aparecem novos modos de escrever e descrever a expressão humana. Novas formas “literárias” constituem-se, pouco a pouco, premissas de um modo enunciativo que triunfará no século XIX: **o estilo científico**”.<sup>738</sup>

A inflexão na direção de um estilo científico se dá definitivamente com o texto de Charles Darwin, de 1874, *Expression des Émotions chez l'Homme et l'Animal*. Com Darwin, todo o movimento interior provocado pela paixão e que assoma à superfície do corpo acaba, toda a retórica da emoção passa a ser controlada e as metáforas da paixão deixam de ser constitutivas do conhecimento.<sup>739</sup>

Um corpo desapixionado é entregue ao observador que, munido de um conjunto de regras e processo de observação, se afasta cada vez mais do sujeito observado, fazendo de seu corpo um campo de investigação, onde o que vige não é mais a **linguagem**, mas o **organismo**, onde a linguagem perde o seu lugar privilegiado.<sup>740</sup>

Analisando esse corpo despojado e, principalmente, o novo olhar que é lançado sobre o corpo humano e que iria fundar o corpo do homem novo, do cidadão moderno, Foucault reconhece que, com a irrupção do organismo no lugar da linguagem configuradora das identidades, o homem “entra pela primeira vez no espaço do saber ocidental”.<sup>741</sup> Esta “invenção” do homem moderno haveria de afetar “profundamente a problemática que liga a aparência à interioridade[...] constitui-se, então, o complexo científico-jurídico sobre o qual virá se fundamentar uma **Antropologia Criminal**[...]”<sup>742</sup> É nesse momento que os projetos de uma história natural e de uma história política e social se encontram, para atestar que, nesse longo período histórico que

---

<sup>736</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, n° 13.

<sup>737</sup> *Id. ibid.*, pp. 15, 16. (Grifo meu).

<sup>738</sup> *Id. ibid.*, p. 18. (Grifo meu).

<sup>739</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>740</sup> *Id. loc. cit.* (Grifos meus).

<sup>741</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 19.

<sup>742</sup> *Id. ibid.*, pp. 19, 20. (Grifo meu).

vai do século XVII ao século XIX, essas diferentes tradições históricas que, as mais das vezes, se ignoraram, em nenhum momento deixaram de se indagar sobre a questão da **dualidade do sujeito**: “a relação entre corpo e alma, exterior e interior, superfície visível e profundidade oculta”.<sup>743</sup>

Decorre dessa constatação que a questão da aparência atravessou tanto os temas da história natural quanto da história política, forjando continuamente o imaginário da ameaça que o desconhecido, que o estrangeiro, que o outro pode oferecer, seja aos padrões de comportamento e civilidade, seja à manutenção da harmonia social.

Aparência e ameaça constituíram uma tal dinâmica que o problema da incógnita do sujeito na nova sociedade que se formava com as multidões de desconhecidos terá que ser equacionado a qualquer custo, sob o risco de colocar em perigo a nova ordem decorrente da ascensão da burguesia ao poder.

A irrupção da sociedade de massas e o advento das multidões na cidade potencializou o sentimento de insegurança e generalizou a sensação de que, desfeitos os laços tradicionais que vinculavam cada um a seu grupo e cada grupo ao tecido social, o mundo se oferecia como um abismo, como um vórtice mesmo, capaz de tragar todo aquele que fosse incapaz de decifrar o seu enigma. Desafio que obrigava a que o olhar atento aos rapapés de uma sociabilidade tradicional se desviasse, num verdadeiro golpe de vista, para os cantos e recantos da cidade, para suas dobras e pregas, para lá encontrar a resposta a alguma coisa que já existia e não tinha nome.

Como indaga o cantador: “O que será, que será?”

---

<sup>743</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, p. 17. (Grifo meu).



## 5.5 - A Aparência na Cidade: “a Expressão Está na Rua”

Quando Sébastien Mercier anunciou, em finais do século XVIII, que “a expressão está na rua”, alguma coisa no mundo começava a mudar. Não que antes não houvesse expressão, nem rua, mas o lugar do jogo das aparências era o salão. Mesmo o olhar, acostumado a discernir os códigos de polidez e os gestos de precedências no cerimonial de corte, base de todo o enquadramento social, vê-se instado a pousar sobre outros objetos que aqueles que comandavam a boa ordem cortesã. E como se marcasse um novo momento, uma Era que começava, querendo diferenciar-se do que lhe vinha atrás, Mercier mata dois coelhos com uma cajadada só: **a expressão e a rua**.

A **rua** como o novo lugar da sociabilidade, aonde o olhar, livre da obliteração das paredes palacianas, pode vagar à procura de novos objetos de observação; e **a expressão** como atributo de uma parte enorme da população que nunca saíra do anonimato e na rua vê-se, de repente, alvo dos olhares dos viajantes, dos pintores, dos desenhistas, dos literatos, dos artistas em geral.

É na rua, argumenta Arlette Farge no seu livro *Vivre dans la Rue à Paris au XVIII<sup>ème</sup> Siècle*, que muitos artistas viram, pela primeira vez, seus futuros personagens, e cita o exemplo de um escritor que asseverava que: “Eu procurava desde muito tempo, escreveu ele, traçar um caráter, sem encontrar a expressão desejada; um dia, passando sobre a *Pont-Neuf*, eu vi duas mulheres que conversavam com muita veemência. Uma delas banhada em lágrimas, gritava: ‘Que sogra, ela lhe dá o pão, mas ao mesmo tempo lhe faz quebrar os dentes com o pão’. Aquilo foi um rasgo de luz para mim”.<sup>744</sup> A rua, insiste Farge, “[...]provoca o olhar do visitante, estimula suas impressões e inspira as notas do viajante. [...] A rua é um dos quadros essenciais da vida parisiense. Com sua animação, seu barulho, seus personagens familiares, suas celebridades, seus passantes apressados e basbaques, com suas lojas e seus cafés, seus teatros de *boulevard* e seus artistas ambulantes, ela é um dos charmes de Paris. É um espetáculo contínuo diverso e gratuito”.<sup>745</sup>

Uma nova sensibilidade estava nascendo. Aquilo que era visto com desprezo ou para o que não se tinha olhos (as “cenas originais” identificadas por Mercier) passa a fazer parte do cotidiano de todo um conjunto social e é captado pelo observador, no mínimo, como um fenômeno exótico.

Segundo análise de Farge, “no século XVIII, nas notas de viajantes, trata-se menos de exotismo que de um estupor de inquietude[...] O temor de se misturar a essas hordas assusta a todos, sejam

<sup>744</sup> Citado por Farge, Arlette. *Vivre dans la Rue à Paris au XVIII<sup>ème</sup> Siècle*. Paris, Éditions Gallimard/Éditions Julliard, 1992, p. 16.

<sup>745</sup> *Id. ibid.*, pp. 15, 16.

franceses ou estrangeiros, a reação é a mesma[...] o medo, o pânico que fazem parte da evocação de Paris. A cidade agride seu visitante. Ele se sente incapaz de dominar essa febre urbana. Nesse mundo, aonde tudo pode se perder definitivamente, seus sentimentos se escondem sob o humor aparentemente ligeiro da anedota”.<sup>746</sup>

Nesse mundo — “aonde tudo pode se perder definitivamente”, diante das **surpresas da rua** — é preciso reaprender a olhar, a repensar a natureza dos novos objetos a serem observados, a redimensionar o problema da aparência e da identidade do homem da rua. Definitivamente, estava-se diante de problemas inusitados colocados pelas novas formas de sociabilidade que a vida urbana evocava.

O poder que a multidão tinha na cidade de pôr a perder, em poucos minutos, um mundo hierarquizado que levava séculos sendo construído, não deixa dúvidas quanto àquilo que deveria atrair a atenção do olhar: as multidões, sem eira nem beira, que circulam pela cidade à procura de subsistência.

A descoberta dessas multidões na cidade repercutiu, fundamentalmente, no sentimento daqueles que observavam a rua e viam a turba se adensar cada vez mais. Mas, não era só o espetáculo da multidão que chocava esses observadores. A multidão, se formando na cidade, apontava para um novo fenômeno que gerava ao mesmo tempo espanto, surpresa, indignação e muita preocupação. Era o espetáculo da pobreza,\* que revelava a existência da **questão social**.

Conforme Stella Bresciani, “a perplexidade perante as grandes concentrações humanas, no momento em que a população urbana da Inglaterra tendia a ultrapassar rapidamente a rural e o operariado fabril se organizava em movimentos de confronto aberto com as classes dominantes, fez com que os centros urbanos se tornassem pontos de referência para a representação da sociedade. A cidade iria configurar a imagem reduzida do problemático macrocosmo social[...]”<sup>747</sup>

Essa nova “visão” da cidade despertou para uma nova sensibilidade em relação à pobreza, pois, se por um lado, ela era vista como um intrigante objeto de estudo, por outro, ela era tida como capaz de arrebentar com toda a estrutura social que vinha sendo zelosamente recomposta pela

---

<sup>746</sup> Farge, Arlette. *Vivre dans la Rue à Paris au XVIII<sup>ème</sup> Siècle*. Paris, Éditions Gallimard/Éditions Julliard, 1992, pp. 16, 17.

\* Ver como Stella Bresciani tematiza as questões da multidão e da pobreza, como articula os dois fenômenos e, principalmente, como mostra o impacto desses fenômenos na cidade. *Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1982. Ver, também: “Metrópoles: as Faces do Monstro Urbano (As Cidades no Século XIX)”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, v. 5, n.º 8/9.

<sup>747</sup> *Id. ibid.*, p. 60.

burguesia, principalmente após o grande temor que a Revolução Francesa gerara.

Seja pelo ângulo dos observadores sociais, seja pelo ângulo daqueles que tinham o que perder, a **questão social** é incorporada ao imaginário e, conseqüentemente, às representações produzidas, ora sobre a cidade, ora sobre a sociedade. A partir daí, o despossuído passa a ser visto como **pobre** e este como parte integrante das “classes perigosas”. Em outros termos, a **questão social** se legitima como objeto de análise e os pobres passam a ser objeto tanto das instituições de caridade e dos programas de reabilitação social quanto de uma política de vigilância e enquadramento.

É sobre esses pobres, justamente, que o olhar irá ajustar o seu foco, com o objetivo de entender a sua natureza, o significado dos seus atos e a ameaça que podem oferecer à sociedade, pelo simples fato de viverem na cidade e terem que “usá-la” para sobreviver.

Entende-se com isso o porquê de a Fisiognomonia tradicional ter entrado em crise, pois diante do cosmopolitismo derivado da mistura intensa entre os grupos locais nacionais e grupos de estranhos e estrangeiros, ela não tem respostas que satisfaçam às novas necessidades prementes de legibilidade do rosto. Assim, se por um lado, a Fisiognomonia desdobra-se numa Morfologia Facial, base da Antropologia que quer ser a “Ciência do Homem”, vinculando o homem físico ao homem moral;<sup>748</sup> por outro lado, vamos vendo prefigurar-se uma **Sociologia** que, não por acaso, iria apontar para essa mesma “Ciência do Homem” (a Antropologia) no sentido de lhe dotar de instrumentos de observação<sup>749</sup> para reconhecimento daqueles a quem era fundamental conhecer, sob o risco de se encurtarem as distâncias entre os grupos sociais.

É com o objetivo de dissecar o corpo e a alma das classes trabalhadoras que a Antropologia se impõe como a derradeira “Ciência do Homem”.

O novo saber antropológico, com um pé na Medicina e outro na Sociologia (muito próxima da Estatística), investido da “racionalidade” e “cientificidade” dadas por essas duas “Ciências”, é usado para identificar aqueles que misturados à multidão gozam do anonimato e, por isso mesmo, oferecem perigo.

Muito voltada, em seus princípios, para uma Etnologia, ou seja, a observação das sociedades primitivas, a Antropologia contribuiu decididamente para construção do imaginário sobre a

---

<sup>748</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 93.

<sup>749</sup> *Id.* “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13, p. 25.

barbárie/civilidade. Só posteriormente é que ela se volta para aquele desconhecido, aquele “bárbaro” que habita as cidades. “[...] A Sociologia vai substituir uma Etnologia impossível. Gerando, vai passar do estatuto de “observador dos povos selvagens” (1800) para o de “visitante do pobre” (*La Misère des Classes Laborieuses en France et en Angleterre*, de 1824)[...] O conhecimento do operário e do indigente vai substituir o do indígena e do selvagem como ‘Ciência do Homem’”.<sup>750</sup>

“Parent Duchatelet (*De la Prostitution*), Villermé (*Etat Physique et Moral des Ouvriers*, de 1840) realizam grandes pesquisas operárias; Quetelet (*Du Système Social*, de 1848) realiza observações estatísticas da sociedade. Todos em contextos mas, principalmente, com finalidades que não são sempre idênticas, dedicam-se a uma observação do homem e da sociedade e aparecem, então, como ancestrais da Sociologia”.<sup>751</sup>

A partir da Antropologia, a idéia de que “são as condições sociais que moldam o rosto” ganha força e toda a observação se volta para a sociedade no intuito de lhe captar o sentido. Ora, observar a sociedade, doravante, ultrapassa em muito o jogo especular exercido na corte. Observar a sociedade, daqui para frente, será olhar a cidade.

Diderot já dizia no século do Iluminismo: “Procurem as cenas públicas, observem as ruas, os mercados, as casas, e ficarão com a idéia justa do verdadeiro movimento nas atividades da vida”.<sup>752</sup>

Debruçar-se sobre as cenas urbanas passa a ser essencial com o aparecimento da sociedade de massas, onde a identidade de cada um tende a se dissolver na multidão. A necessidade de identificação torna-se cada vez mais aguda. Novos sistemas de classificação do rosto vão deixando para trás os fundamentos da Fisiognomonia calcados na dualidade do homem e vão cedendo lugar à Antropologia e à Estatística nascentes que, mais do que se preocupar com os sinais interiores do corpo que assomam a face, voltam-se para a classificação de tipos e enumeração de populações. Com isso, o “movimento interior da paixão inexprimível” passa a ser desprezado em função, apenas, da “emoção visível”, fenômeno que na virada do século XVIII para o XIX passa a ser considerado puramente fisiológico.<sup>753</sup>

---

<sup>750</sup> Citado por Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13, Nota 41, p. 30.

<sup>751</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>752</sup> Citado por *id.* *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 116.

<sup>753</sup> *Id. ibid.*, p. 217.

J. G. Cabanis, um dos teóricos do **Fisiologismo**, apóia-se na “preponderância reconhecida à Fisiologia e ao efeito do fisiológico sobre o psicológico”, com a intenção de “fundar uma ‘Ciência do Homem’ que rompa com o dualismo metafísico ou ontológico da alma e do corpo e que procure pensar como um fato de observação natural[...] a união das condições mecânicas e vitais do organismo com as manifestações da vida intelectual e moral”.<sup>754</sup>

De acordo com Haroche e Courtine, para Cabanis é exatamente essa a definição de **Antropologia**: “Cidadãos, permitam-me que hoje vos dê as relações de estudo físico do homem com os aspectos de sua inteligência, dos do desenvolvimento sistemático dos seus órgãos com o desenvolvimento análogo dos seus sentimentos e das suas paixões: relações donde resulta claramente que a Fisiologia, a análise das idéias e da moral, não são mais que os três ramos de uma única e mesma ciência, a que se pode chamar de justo título ‘a Ciência do Homem’”.<sup>755</sup>

Ao abraçar a Fisiologia, estruturada num saber, cuja base era a Morfologia Facial, a Antropologia se materializa numa Antropologia Física,\* onde a fisionomia se revela um indício da transição entre as espécies, “[...]um dos pontos em que vão se reunir os sinais que traduzem a **degenerescência** que leva, de forma contínua, do ideal físico e moral do homem ocidental às formas mais primitivas da animalidade, via **homem selvagem**”.<sup>756</sup>

Observando a linha evolutiva a partir da configuração do rosto, a Antropologia pensa poder indicar o grau mínimo e máximo da evolução e, por conseguinte, da “civilização”. Para tanto, ela se põe, além de remexer nos esqueletos das diferentes espécies, a observar, a transformar, mesmo em objeto de estudo, as sociedades primitivas.

É observando as duas pontas do processo evolutivo que a Antropologia passa a estabelecer critérios de civilização; primeiro, para o estudo das sociedades primitivas, posteriormente, para análise das sociedades urbanas. Assim, é a partir das análises etnológicas que a Antropologia se instrumentaliza para identificar nas aglomerações urbanas o outro, o diferente, aquelas “espécies humanas” cuja natureza desconhecida pode representar grande ameaça à sociedade.

---

<sup>754</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, Nota 3, p. 231.

<sup>755</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 231.

\* De acordo com Roberto da Matta, “esse é o domínio no campo da chamada Antropologia Biológica, outrora confinada como Antropologia Física, às famosas medições de crânios e esqueletos, muitas vezes no afã de estabelecer sinais diacríticos que pudessem servir como diferenciadores das ‘raças’ humanas”. Ver: Matta, Roberto da. *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1981, p. 28.

<sup>756</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *Op. cit.*, p. 99, 100. (Grifos meus).

A demanda por identificação de desconhecidos, com quem se era obrigado a conviver na cidade, levará a uma verdadeira “morfologização e a uma antropologização das clivagens políticas e sociais”.<sup>757</sup> Logo, a percepção dos novos grupos sociais que fazem da cidade o seu ‘habitat’ e a transformam num lugar de encontro entre desconhecidos fica nitidamente contaminada pela visão de que é preciso prevenir o perigo da **coexistência**. Logo, é preciso distinguir cada corpo do outro, cada rosto do outro a partir de uma referência que seja infalível, “científica” — o **Cálculo** <sup>758</sup> — que permite a identificação, através de medições, da virtude ou do vício que impregnam cada rosto. A partir daí, os corpos são reconhecidos como característicos de uma natureza perigosa ou típicos de uma natureza civilizada. Essa “politização” dos rostos funcionará como um derradeiro índice de proteção social, na medida em que servirá, a que se identifique na massa, àqueles virtualmente capazes de romper o pacto social.

Era preciso dar um rosto, uma aparência àqueles anônimos da cidade que se infiltravam e se perdiam na multidão. Era fundamental localizá-los no “processo evolutivo”, enquadrá-los, pespegar-lhes uma identidade, um rótulo revelador de sua natureza. Bárbaros, primitivos, selvagens, nômades, são as “classes perigosas” nascendo e se objetivando num rosto: a cara do povo.

Donde o nascimento de uma Antropologia das populações trabalhadoras surgida da observação de aparência popular. “Acentua-se desse modo — segundo Haroche e Courtine — a divisão dos corpos e dos rostos na constituição e no antagonismo de um **físico popular** e de um **físico burguês**[...]” <sup>759</sup> As classes sociais se estranham, elas “se enfrentam pelo olhar[...]se observam, se julgam e se defrontam a partir das suas aparências físicas, dos traços inscritos nos seus corpos e nos seus rostos como se tratasse de caracteres raciais, em que o olhar procura adivinhar o vestígio dos caracteres morais”. <sup>760</sup>

Para Louis Chevalier, é impossível compreender a violência das lutas sociais em Paris, se não se reconhecer seus fundamentos físicos e morfológicos. É em seus corpos que os grupos se julgam e se afrontam. A opinião burguesa sobre o físico popular resume bem a ameaça proletária que recai sobre a cidade: a aparência popular é a mesma que se atribui às classes criminosas. <sup>761</sup>

---

<sup>757</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 222.

<sup>758</sup> *Id. ibid.*, p. 223. (Grifo meu).

<sup>759</sup> *Id. ibid.*, p. 221. (Grifo meu).

<sup>760</sup> *Id. ibid.*, pp. 220, 221.

<sup>761</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 519.

Os trabalhos de Lavater e Gall ecoam no delineamento da fisionomia do povo, com todas as consequências morais, políticas e sociais possíveis de se tirar daí. Retomados por romancistas, caricaturistas, retratistas, jornalistas, etc., esses trabalhos estarão na origem de um imaginário que faz confundir a aparência popular com as representações do feio, do hediondo, do selvagem e do criminoso. Não há fugir a aparência nesse momento, é o traço fisionômico suave ou grosseiro que faz o homem mais ou menos civilizado, mais ou menos perigoso: “Jamais o povo terá aparência tão selvagem como nos desenhos de Travies que no *Os Mistérios de Paris* dará ao *maître d'école* e a seu assustador descendente autênticas faces de bestas[...] Selvagens se diz deles, selvagens os querem. Selvagens eles serão, pois, de todas as maneiras e em todos os momentos de sua existência”.<sup>762</sup>

---

<sup>762</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, pp. 527, 531.

## 5.6 - Selvagens na Cidade

“[...]os selvagens de Cooper, \* em plena Paris! A cidade grande não é, por acaso, tão misteriosa quanto as florestas do Novo Mundo? [...]”<sup>763</sup> É Paul Féval, autor de *Les Habits Noir*, de 1863, quem se indaga da validade de se comparar a “selvagem” Paris com a vida vivida nas florestas da América do Norte. Conforme nos reporta Walter Benjamim, Féval, num outro livro intitulado *Les Coteaux d’Or*, “audaciosamente transporta os hábitos e, mesmo, os habitantes da pradaria para o cenário parisiense: neste livro se vê um cão maravilhosamente dotado que se chama Moicano, um duelo de caçadores à americana nos subúrbios de Paris e um pele-vermelha de nome Tovah que mata e escalpa quatro de seus inimigos num fiacre, em plena Paris, tão habilmente que o cocheiro nem mesmo o percebe”.<sup>764</sup>

Féval não foi o único a trazer, para sua escrita, a atmosfera primitiva das pradarias e florestas americanas recém-descobertas pelo homem branco. Na sua indagação sobre ser a cidade grande tão misteriosa quanto a floresta, Féval repercutia, por um lado, uma grande curiosidade quanto aos hábitos e costumes de estrangeiros vivendo na capital e, por outro, o temor relativo à coexistência obrigatória com grupos sociais dos quais se desconhecia a origem, e que eram vistos no seu comportamento e no seu modo de vida miserável como se ainda estivessem imersos numa vida que pouco evoluía do primitivismo dos selvagens”.

Que sentido poderia ter tal literatura que evocava fatos do desbravamento de florestas virgens, de lutas contra indígenas, de caçadas e de extensão da civilização branca por sobre a campina intocada, aos olhos daqueles leitores que, assentados no coração da civilização ocidental, não tiravam os olhos do próprio umbigo? Sobre o que repousava essa literatura que, audaciosamente, transportava para o cenário parisiense uma experiência tão exótica?

Sobre um imaginário que se desenvolvera com o crescimento das cidades das multidões e que se estruturava numa experiência histórica (que indicava que uma face da vida da cidade jazia obscurecida e desconhecida de seus moradores), e que uma parcela importante da população dessas cidades não fora incorporada à civilidade e, portanto, restava de fora dos benefícios da urbanização.

O sucesso dessa literatura se deveu, basicamente, à certeza de que, em algum lugar de Paris, havia uma selva com seus mistérios, seus homens primitivos, seus costumes diferentes e exóticos

---

\* James Fenimore Cooper, autor de *O Último dos Moicanos*.

<sup>763</sup> Citado por Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 218.

<sup>764</sup> *Id. loc. cit.*



e, sobretudo, a ameaça que, ela “selva”, representava para aqueles que viviam do outro lado da cidade. Mas, se a existência da “floresta virgem” no coração da “cidade-luz” assustava, ela também fascinava, na medida que convocava o “branco”, o cidadão, o morador da cidade, a descobri-la, a conquistá-la.

Sobre a “Paris-selva”, Roger Callois, num artigo intitulado *Paris, Mythe Moderne*, de 1937, afirmava:

“É preciso aceitar como certo que essa metamorfose da *Cité* contém na transposição do seu cenário algo da savana e da floresta de Fenimore Cooper, aonde cada galho oculto significa uma inquietude ou uma esperança, aonde cada tronco dissimula o fuzil de um inimigo ou o arco de um vingador invisível e silencioso. Todos os escritores, Balzac em primeiro, notaram claramente esse empréstimo e devolveram fielmente a Cooper o que lhe deviam. As obras do tipo *Les Mohicans de Paris*, de A. Dumas, com o título significativo entre todas, são as mais frequentes”.<sup>765</sup>

Ao se inspirar na obra de Fenimore Cooper para contar a história dos “selvagens” de Paris, Alexandre Dumas abraçava o imaginário que ia se estruturando sobre uma Paris *hors-civilization*, reforçando-o com a imagem, por exemplo, do bairro de Saint-Jacques, protótipo de lugar da cidade, aonde as formas de vida não teriam galgado ainda os degraus da civilização. Dumas olha para Saint-Jacques e logo o bairro vai parecendo, aos olhos dos leitores, um lugar aonde a civilidade, que Paris experimentava, nunca entrou:

“O certo é que, apenas aparece ao longe uma carruagem, o garoto que primeiro a avista, faz das mãos porta-voz e dá sinal a todos os habitantes do arrabalde, absolutamente como nas costas de oceano se dá sinal de uma vela que se avista no horizonte.

A este grito, todos largam o trabalho, descem à porta da rua ou colocam-se no limiar das lojas, esperando ansiosamente a chegada do veículo prometido. Assim que ele aparece: Viva! viva! lá vem a carruagem! gritam todos alvoroçados.

Aproximam-se do veículo, olham para ele com uma alegria ingênua, com um espanto infantil, igual ao que os selvagens certamente manifestaram na primeira vez que avistaram essas coisas flutuantes chamadas navios e esses centauros chamados espanhóis ou portugueses”.<sup>766</sup>

Segundo Walter Benjamim, esses autores não procuram dissimular a influência de Cooper, ao contrário, fazem questão de exibi-la. É que, trazendo Cooper, penso eu, e infiltrando-o no coração da cidade, fazem pulsar a vida selvagem, ali onde ela apenas parece estar adormecida. Em *Os Moicanos de Paris*, argumenta Benjamim, a exibição da influência de Cooper já aparece no próprio título; “o autor oferece ao leitor a perspectiva de lhe abrir, em Paris, uma floresta virgem

<sup>765</sup> Citado por Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, pp. 214, 215. (Grifo meu).

<sup>766</sup> Citado por Ribeiro, José Alcides. *Imprensa e Ficção no Século XIX. Edgar Allan Poe e a Narrativa de Arthur Gordon Pyn*. SP, Ed. da UNESP, 1996, p. 35. (Grifo meu).

e uma pradaria. O frontispício, talhado em madeira, do terceiro volume, exibe uma rua coberta de moita e, naquela época, pouco transitada. A legenda da vista diz: ‘A floresta virgem na Rua d’Enfer’. Com Cooper, assinala Benjamim, abre-se para o romancista — no caso Alexandre Dumas — “a possibilidade de criar espaço para as experiências do caçador no cenário urbano”,<sup>767</sup> o que, no primeiro momento, serve para representar a luta pela sobrevivência na “cidade-selva” e que, mais tarde, seria um dos elementos do conto policial.

Na obra em prosa *Les Fusées*, de Baudelaire, este recusa o epíteto de civilizado para os habitantes da cidade. Para o poeta, todos são bárbaros: “O homem[...] está sempre[...] em estado selvagem! O que são os perigos da floresta e da pradaria comparados aos choques e conflitos diários do mundo civilizado? Enlace sua vítima num bulevar ou trespasse sua presa em florestas desconhecidas, não é ele[...] o mais perfeito predador?”<sup>768</sup>

Apesar de sua recusa em dividir a sociedade entre bárbaros e civilizados, Baudelaire absorve a temática da selva em plena cidade e, talvez, até mais que os outros escritores, potencialize a condição selvagem da vida urbana.

Também Balzac, principalmente Balzac, que pôs Paris no centro da história da humanidade e constituiu, com seus personagens, uma enorme galeria de tipos a ilustrar a condição civilizada do homem moderno na cidade, também Balzac não escapou de apontar a selva para mostrar a civilização:

“A poesia do terror que os estratagemas das tribos inimigas em guerra difundem no seio das florestas da América e da qual Cooper tanto se serviu, se ligava aos mínimos detalhes da vida parisiense[...]”<sup>769</sup>

Balzac via Paris como uma savana, formada por “telhados nivelados como uma planície, mas a cobrir abismos povoados”.<sup>770</sup> Nesses abismos, a cidade fervilhava, produzindo na sua fundura abissal formas de vida desconhecidas da civilização.

Em Hugo, a cidade — com suas multidões — se compara às florestas aonde prolifera toda uma natureza desconhecida:

“Multidão sem nome! caos! vozes, olhos, passos. Os que nunca vimos, os que não conhecemos. Todos os vivos! — cidades que zumbem às orelhas mais que bosque da América ou colméia de abelha”.<sup>771</sup>

<sup>767</sup> Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 215.

<sup>768</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 220.

<sup>769</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 218.

<sup>770</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 234.

<sup>771</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 57.

Para Lecouturier, que escreveu *Paris Incompatible avec la République* (1848), Paris não passava de um acampamento de nômades.

E Eugène Sue? Em Sue e no seu submundo estamos como em *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, quando mais seus personagens se aprofundam na selva mais vão perdendo suas referências civilizatórias e mais vão aderindo ao meio que os circundam. Em Sue, a selva impregna, absorve, devora. Relembremos como Sue abre seu livro:

“Vamos apresentar aos leitores alguns episódios da vida de outros bárbaros, também fora da civilização como os povos selvagens[...] Somente que os bárbaros dos quais falamos estão no nosso meio[...]”

Para Balzac, Sue, Hugo, Dumas e para vários outros autores que viveram na metade do século XIX e procuraram entender como a cidade foi se dobrando a uma “natureza” incontrollada foi necessário recorrer ao modelo explicativo da selva, de forma a que dessem conta de explicar o lado “perigoso” da cidade que ameaçava diretamente a marcha do próprio “processo civilizatório”. O modelo da selva americana serviu para dar corpo àquilo que não se sabia ainda o que era, de onde tinha vindo e os males que poderia causar à sociedade. A selva passou a integrar a cidade como se fosse uma sua segunda natureza, deixando descobrir os desconhecidos seres que brotavam à sua sombra e que, à imagem dos selvagens de Cooper, seriam identificados como os selvagens da cidade. É assim que, na literatura da época, as imagens da pradaria, da savana, da selva e do selvagem americano, com seus hábitos e costumes, vão se apagando aos poucos diante do “espetáculo da selva parisiense”.<sup>772</sup> O termo selvagem passa a ser utilizado para se entender um conjunto de personagens da vida urbana vivendo à margem da cidade, aonde se confundem criminosos, vagabundos, desempregados, miseráveis e toda aquela camada de trabalhadores que roçava a pobreza. Se o termo selva serve para localizar na cidade os lugares do perigo, o termo selvagem serve a identificar os “caídos do pacto social”, as “classes perigosas”, o **homem perigoso**.

Percorrendo esta literatura, vamos entendendo aos poucos que ela é, de alguma maneira, reflexo da angústia de uma cidade que toma consciência de seu próprio crescimento e, ao fazê-lo, ela não se reconhece mais. A velha cidade medieval via insinuar-se pelo seu labirinto de ruas uma outra cidade que ia sufocar-lhe, encher-lhe os esgotos, ocupar-lhe os cemitérios, projetar-se sobre suas áreas livres, transformar-lhe as velhas moradas e, principalmente, jogar-lhe nas ruas centenas de milhares de desconhecidos que, das pedras da cidade, tentavam tirar o “maná” que aplacaria sua fome. Violada, a velha cidade nada podia fazer senão resignar-se e abrigar em seu ventre os

---

<sup>772</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 494.

filhos bastardos de um pai fecundo que parecia não se cansar de gerar novas **criaturas**. Logo, essas criaturas se espalhariam pelas ruas da capital, formando multidões de seres nômades em busca de oportunidades e de meios de sobrevivência.

Instalados à janela de seus gabinetes, os literatos a tudo assistem e de tudo dão conta. Cruzando suas observações com dados estatísticos do crescimento geral da cidade que começam a ser acumulados a partir de 1817 esses escritores tecem um verdadeiro panorama da sociedade da época. Mas, como são escritores, e não técnicos, vão na direção de tematizar a grande angústia que toma conta de todos e que pode ser sintetizada num único fenômeno: o crescimento da criminalidade. Não só tematizam eles a ansiedade que vai no coração do cidadão como, também, forjam a imagem de uma cidade sitiada por criminosos que, agrupados, seriam identificados como as “classes perigosas”.

Fazendo um balanço dessa literatura que vê o destino humano ligado à cidade, Louis Chevalier chegou à conclusão que “o crime é um dos temas principais de tudo o que foi escrito em Paris e sobre Paris, dos últimos anos da Restauração aos primeiros anos do Segundo Império, aonde cresceu, nos escombros da velha cidade, uma Paris monumental[...]”<sup>773</sup>

Para Chevalier, os romances atestam a proliferação das classes perigosas como um dos fatos de maior importância na existência cotidiana da capital: “uma das grandes preocupações da administração urbana, uma das principais preocupações de todos, uma das formas mais incontestáveis da angústia social”.<sup>774</sup> Qualquer que seja o grupo social observado — burgueses ou gente do povo — insiste Chevalier, é difícil penetrar em Paris que não seja através dessa “imagem sanguinolenta” que pode nos repugnar, mas que é forçoso reconhecer que é verdadeira: “a de uma cidade aonde o crime tem uma importância e um significado que mal compreendemos”.<sup>775</sup>

O crime se impõe ao conjunto do panorama urbano e as próprias estatísticas registram o crescimento do número de crimes. Mais importante que o medo do crime, entretanto, era o interesse da população pelo crime que se revelava “nos romances e folhetins[...] Nas queixas e nas canções. Nas danças e nos jogos. Nos espetáculos dos teatros ou nos espetáculos ao ar livre. Nesse imenso espetáculo, enfim, de que se constitui a cidade e no qual participa cada um de seus habitantes”.<sup>776</sup>

---

<sup>773</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX<sup>e</sup> Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. III.

<sup>774</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>775</sup> *Id. ibid.*, p. IV.

<sup>776</sup> *Id. ibid.*, pp. VI, VII.

E, no entanto, o crime não é nenhuma novidade numa cidade como Paris. O que é novo aí é a medição do crime, isto é, a sua contabilidade através das estatísticas gerais e, principalmente, as imagens do crime que brotam da leitura dessas estatísticas, o que leva a uma transformação na própria natureza do crime.<sup>777</sup>

O crime como algo anônimo, cotidiano, impessoal e obscuro que era nas três primeiras décadas do século XIX se metamorfoseia e se estende para toda a cidade. A partir de então, ele se projeta na paisagem urbana como um dado a mais da “patologia” da cidade; aliás, como o principal fator pelo qual a cidade passa ser vista. O crime se torna, e os dados estatísticos o referendam, uma realidade. Como tal, ele ganha uma nova representação que o tira do patamar da anormalidade e o encaixa na trajetória da miséria. O crime passa a resumir a trajetória social da classe operária, pela cidade.<sup>778</sup>

É justamente nesse momento em que a cidade internaliza sua condição de lugar do crime, em que ela é representada como ponto nodal na trajetória da civilização moderna, que novos gêneros de literatura, eminentemente urbanos, se desenvolvem como o melodrama, as fisiologias, o folhetim, o romance urbano e... o romance policial. A literatura fará do crime um de seus temas mais constantes. Pela literatura, o crime e o criminoso se transformam em “realidades”, a cidade define o seu inimigo e desenha-lhe um rosto. Pela literatura, a identidade das classes sociais se forma “na designação da diferença, da oposição e do conflito e, no decorrer do século, se materializa em instituições, representações e imagens”.<sup>779</sup>

Assim, como atesta a proliferação das classes perigosas, o romance ajuda a forjar o seu reconhecimento no meio urbano. Aliado à Estatística e às Pesquisas Sociais, o romance se torna uma espécie de guia da cidade, na medida em que, penetrando no *bas-fond*, acaba por revelar seus personagens, seus lugares de freqüentação, sua fala, seus trajes, seus sinais, enfim, o romance desenha a cara do “homem perigoso”.

Em outros termos, o romance desenha a cara da miséria, o rosto do trabalhador e, ao fazê-lo, abre as comportas do mundo do crime, deixando-o invadir a cidade. É a partir do crime, então, que devemos observar a cidade, entender sua angústia, sentir sua pulsação, descobrir-lhe a identidade, encarar o seu rosto. É a partir do crime que a sociedade se divide em bárbara e civilizada e que os espaços da cidade passam a ser identificados como bons ou maus. É a partir das representações

<sup>777</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 62.

<sup>778</sup> *Id. ibid.*, p. 325.

<sup>779</sup> Bresciani, Maria Stella. “Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates”, in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 13, p. 239.

da criminalidade que a sociedade irá se reestruturar.

O crime é, então, um lugar privilegiado para a observação dos processos de transformação urbana e social. Através da criminalidade, a questão das multidões e das classes perigosas ganha sentido tanto na dimensão da preservação de uma *pax urbis* quanto na manutenção de uma ordem política mais ampla. A cidade, pelo crime, se transforma no eixo de equilíbrio da sociedade.

Por isso, podemos concluir que o crime politiza, pois a partir de sua evidência todo o sistema de ordem se presentifica, levando a um enquadramento da cidade tanto de suas práticas quanto de suas formas de sociabilidade.

Mas, não se tome o crime, alerta Chevalier, como uma “consequência acidental e excepcional da existência coletiva, mas como um dos resultados mais importantes da expansão urbana; não um fenômeno anormal, mas um dos aspectos mais normais da existência cotidiana da cidade nesse momento de sua evolução[...]”<sup>780</sup> O crime exprime a cidade, ele obriga à requalificação do sistema de identidade social.

É nessas águas turvas que o romance urbano vai pescar, ali onde nada era sólido e tudo era incerto, onde um dia a mesa estava posta e noutro dia a fome batia à porta, ali na cidade, nem mesmo a pobreza era definitiva, pois ela podia se transformar ainda em miséria.

Segundo um estudo realizado em Londres sobre *Os Efeitos da Vida da Cidade na Saúde Geral*, a incerteza do mercado de trabalho levava o trabalhador a percorrer vários estágios, numa linha descendente, até sua eliminação física: “trabalho irregular, biscates, pocilgas, prostituição, caridade, desordem, protestos públicos e tumultos; eis algumas das lutas desse moribundo londrino até que pague sua dívida à natureza, cujas leis não têm capacidade para obedecer”.<sup>781</sup>

Em 1843, no auge de sua popularidade como o criador de *Os Mistérios de Paris*, Eugène Sue recebeu uma carta de um leitor que bem exprimia os “materiais” de que era feito esse novo gênero de literatura (o romance) que fazia da cidade a chave para compreensão das novas formas de violência:

“Sim, nossa literatura é de água-forte. Sim, nós empregamos o sangue e o fogo, onde os outros metem lágrimas e calor. Nós fomos alimentados com cachaça em vez de leite. Nós vimos nas nossas ruas as coisas mais terríveis, os dramas mais horrendos que jamais poderemos descrever. Nós não fizemos

<sup>780</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. VIII.

<sup>781</sup> Citado por Bresciani, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1982, p. 32.

vinte revoluções nesses quarenta ou cinquenta anos para ficar aonde estavam nossos avós. Se nós fazemos o terrível, é porque tudo em torno é terrível. Se estamos inquietos, se estamos desacomodados em nossa sociedade é porque o futuro está lá, mais terrível e, talvez, mais sangrento que o passado”.<sup>782</sup>

Inspirado na dinâmica da vida urbana e com o fito de dar “veracidade” à suas descrições, o romance reflete uma grande preocupação com dados estatísticos sobre a cidade como no *Os Miseráveis* (a descrição dos menores abandonados ou dos esgotos), ou no *Os Mistérios de Paris* (certos parágrafos como comentários), ou ilustrações de relatórios oficiais, ou enquetes de época. A cidade, por seu turno, também se espelha nos romances: o público leitor se vê como os personagens de romances e folhetins e molda para si uma identidade, uma auto-imagem, ao mesmo tempo que forma sua opinião na leitura desses livros.<sup>783</sup>

Entre a realidade e a ficção, a criação do **mito**,<sup>784</sup> de modo a domesticar o terrífico e tornar compreensível o desconhecido: “[...]a literatura pode transformar em mito e, assim, tornar manipulável, por nossa consciência, a experiência que precisamos viver, mas que pode chocar ou desorganizar nossa compreensão imediata”.<sup>785</sup>

Se pudéssemos comparar, de alguma maneira, os Manuais de Civilidade (séculos XVI/XVIII) com os romances do século XIX, chegaríamos à conclusão de que há algo neles que os aproxima, o fato de funcionarem como uma espécie de guia de interpretação da sociedade e uma espécie, mesmo, de guia de comportamento social. É que, não importa em qual sociedade, há sempre um momento, em meio às intensas transformações, que a sociedade tem que reaprender os códigos de seu funcionamento e, principalmente, tomar posse de novos códigos que a instrumentalize no desvendamento de suas incógnitas e na decifração de seus mistérios.

É perfeitamente compreensível, então, que a sociedade urbana do século XIX e que a cidade povoada por multidões de seres desconhecidos, uns para os outros, se apresentem como um mistério para os seus membros. É compreensível, também, que o objeto fulcral do romance — “o grande mistério dos destinos humanos” — se apresente, antes que tudo, como o **mistério da cidade**. Seria por acaso que Eugène Sue deu o nome de *Os Mistérios de Paris* ao seu romance?

<sup>782</sup> Citado por Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 4.

<sup>783</sup> Citado por Bresciani, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1982, p. 219.

<sup>784</sup> *Id. ibid.*, p. 233. (Grifo meu).

<sup>785</sup> Citado por *id. loc. cit.*

## 5.7 - Mistérios da Cidade: “o Que Não se Deixa Ler”

“De certo livro germânico se disse com propriedade que *es lässt sich nicht lesen* — não se deixa ler. Há certos segredos que não consentem ser ditos. Homens morrem à noite em seus leitos, agarrados às mãos de confessores fantasmais, olhando-os devotamente nos olhos, morrem com o desespero no coração e um aperto na garganta, ante a horripilância de **mistérios** que não consentem ser revelados. De quando em quando aí a consciência do homem assume uma carga tão densa de horror que dela só se redime na sepultura. E, destarte, a essência de todo crime permanece irrevelada”.<sup>786</sup>

Edgar Allan Poe abre o seu clássico conto *O Homem da Multidão*, oferecendo ao leitor o **mistério**: um livro que não se deixa ler, um coração que não se dá a conhecer. E, ao apresentar o mistério, fá-lo acompanhar de dois de seus componentes que fazem do mistério, misterioso: a idéia de algo que não consente ser revelado e, portanto, baixa à sepultura com seu portador, e a noção de que a essência do crime mergulha tão fundo no coração do criminoso que jamais será exposta. Nesse rápida, mas consistente pincelada, Poe expõe claramente os elementos essenciais que dariam fundamento ao romance policial que ele próprio acabara de inventar: o crime, o mistério e a revelação.

Homem de sua época e um verdadeiro anunciador da modernidade que assomava com o crescimento das cidades e com a “ruptura da cadeia da tradição”,<sup>787</sup> Poe não pôde deixar de ignorar e abraçar a nova experiência histórica da vida vivida no meio urbano, em cujo horizonte pontuava a multidão. Por isso mesmo, afirma Benjamim, “o conteúdo social primitivo do romance policial é a supressão dos vestígios do indivíduo na cidade grande”,<sup>788</sup> premissa que o mistério proposto por Poe abriga.

É assim que vamos assistir o narrador de *O Homem da Multidão*, exercitando a identificação dos indivíduos pela **aparência**, à moda dos fisiognomonistas quando, depois de um longo período de convalescência, assenta-se em um café e passa a observar o movimento das pessoas que por ali circulam na azáfama da vida urbana: “olhava os transeuntes em massa[...] Logo, no entanto, desci aos pormenores e comecei a observar, com minucioso interesse, as inúmeras variedades de

<sup>786</sup> Poe, Edgar Allan. “O Homem da Multidão”, in *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Círculo do Livro S.A., s/d, p. 130 (Grifo meu).

<sup>787</sup> Sevcenko, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nº 8/9, p. 79.

<sup>788</sup> Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 41.



figura, traje, ar, porte, semblante e expressão fisionômica”.<sup>789</sup> Qual um treinadíssimo agente de polícia, o narrador de Poe vai destacando cada tipo da multidão e pespegando-lhe uma característica, conferindo-lhe uma identidade, situando-o na estrutura social. A noite cai e o narrador continua com suas leituras fisionômicas, quando dá de cara com um velho, cujo semblante o impressiona fortemente, um modelo para as “encarnações pictóricas, do demônio[...] Que extraordinária história não estará escrita naquele peito”,<sup>790</sup> se indaga o narrador, pressentindo a presença do mistério e se levantando para seguir o velho. Metendo-se na multidão atrás de sua presa, o narrador segue-lhe os passos tentando entender os propósitos de sua andança por ruas, becos, lojas, aparentemente sem nenhum propósito. Cada vez mais intrigado com o comportamento do velho, o narrador quer descobrir o que o move por todos os cantos. A noite vai longe, as ruas se esvaziam e o velho não cessa, numa caminhada que já dura horas, de procurar lugares povoados, aonde as pessoas gastam o resto da noite. Já próximo à periferia da cidade, por ali tarda até que o último bar feche e todos se retirem, refazendo, com isso, o caminho de volta em direção ao coração da cidade. Lá, de novo no burburinho, anda de lá para cá aparentemente sem nenhum destino, sempre seguido pelo narrador. Tal “perseguição” se estende por todo o dia seguinte, sem que o velho abandonasse o turbilhão da avenida. Cansado e sem uma resposta que explicasse o comportamento do seu personagem, o narrador desiste da perseguição e conclui que o velho “é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o homem da multidão”.<sup>791</sup>

Incapaz de descobrir o propósito do andarilho, o narrador de Poe se dobra à evidência que na cidade grande ninguém se deixa ler. Aquilo que se oferecia à leitura no início do conto, a descrição pela fisionomia dos hábitos e caráter de cada um, aparece, então, apenas como um primeiro plano, uma superfície no reconhecimento do outro. A verdade dos seres, no entanto, está ao abrigo de qualquer olhar e, segundo o narrador de Poe, é uma das mercês de Deus que ela não se revele. Sabe-se lá o horror que ela contém?

O que há por trás do mistério, então? devemos nos indagar. Como não estamos generalizando o mistério como categoria filosófica, como estamos enquadrando-o num contexto histórico — a experiência da grande cidade no limiar da modernidade — podemos apalpar esse mistério, tirá-lo de uma possível condição metafísica e dar-lhe uma qualidade: a da identidade. O que reside, portanto, nos abismos do mistério é a **identidade**, o reconhecimento de si e do outro, num momento em que as antigas ferramentas de sondagem do mundo, o pensamento místico e mítico, não são mais suficientes para explicar esse novo tempo que surge, e que alguém chamou de a

<sup>789</sup> Poe, Edgar Allan. “O Homem da Multidão”, in *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Círculo do Livro S.A., s/d, p. 41.

<sup>790</sup> *Id. ibid.*, p. 134.

<sup>791</sup> *Id. ibid.*, p. 138. (Grifo meu).

“Era das Grandes Cidades”, e em que o novo pensamento dessacralizado, o pensamento científico, é incapaz, todavia, de aplacar a ansiedade frente às surpresas do cotidiano. Trata-se de um momento muito particular, pois, como sugere Nicolau Sevcenko, “a ruptura da cadeia da tradição não significa a gênese de outra corrente, mas a dispersão dos elos — esse é o estigma da modernidade”.<sup>792</sup>

O pressentimento de Poe de que estava diante de uma nova época levou-o a figurar na cidade toda a angústia diante de algo irresistível que a todos submetia. Esse algo Poe traduziu como o **enigma**, coisa que, ao longo de toda sua obra, ele vai tentar se aproximar e desvendar.

O romance policial é, mesmo, o resultado dessa tentativa, onde, mais que o enredo, o que interessa é o processo de desvendamento do enigma. E é justamente nesse particular que Poe põe para funcionar aquilo que levaria ao desenredo do enigma: a **observação analítica**. “As narrativas policiais poeanas constituem-se, desse modo, em exercícios de decifração, verdadeiros manuais para o treino da acuidade indutiva, capacitação para a leitura dos índices, método para agarrar no emaranhado de fios a pista correta que conduz à descoberta”.<sup>793</sup>

É a partir da observação analítica, própria do detetive, que Poe se põe a decifrar o mundo e aquilo do mundo que exige decifração — o homem na multidão da cidade — sob o risco de deparar-se com a Esfinge, criatura devoradora de incautos e incapacitados a desvendar mistérios.

No conto, não por acaso intitulado *A Esfinge*, de 1846, Poe sintetiza a questão crucial que a experiência urbana colocava a cada um de seus contemporâneos diante dos mistérios da cidade: compreender o papel da cidade na existência dos homens e na determinação das novas formas de equacionar a experiência social.

Trata-se de um conto, cuja história se passa nas cercanias rurais de Nova York, “mas seu centro de força, o cerne que a deflagra, é a cidade de Nova York”.<sup>794</sup> Uma epidemia de cólera assola a cidade e o narrador do conto vai passar uma temporada num *cottage* de um amigo, fugindo à peste. Entretanto, não passa um dia sem que chegue, aonde eles estão, notícias da morte de algum conhecido. Tais notícias atingem profundamente o narrador do conto, deixando-o muito deprimido e num estado d’alma bastante delicado. Não bastassem essas notícias, o narrador, revolvendo a biblioteca do amigo, encontra alguns livros que muito mexem com sua atávica

<sup>792</sup> Sevcenko, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, n.º 8/9, p. 79.

<sup>793</sup> Santaella, Lúcia. “Estudo Crítico. Edgar Allan Poe”, in *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Círculo do Livro S.A., s/d, p. 159.

<sup>794</sup> Sevcenko, Nicolau. *Op. cit.*, p. 75.

condição de supersticioso. Entretendo animadas discussões com o amigo, o narrador mostra-se um fervoroso crente em presságios, ao contrário do outro que revela-se um descrente. É assim que, um dia, sentado com um livro à mão em frente a uma janela aberta, por onde se divisava uma colina ao longe, o narrador deixa seu pensamento vagar quando, levantando os olhos do livro se depara na colina com um monstro de horrível conformação que rapidamente desceu o morro e se enfiou pelo bosque. Não obstante à rapidez do monstro, o narrador pôde observá-lo com detalhes: era enorme, peludo, portava asas espessamente, cobertas de escamas metálicas, e sua principal peculiaridade era a figura de uma caveira que cobria quase toda a superfície de seu peito e estava habilmente traçada em branco brilhante sobre o fundo escuro do corpo. Enquanto olhava o terrível animal e, especialmente, seu peito, com espanto e pavor, o narrador ouviu um som tão forte e tão fúnebre que seus nervos não agüentaram, caindo ele desmaiado.

Por um sentimento de repugnância, o narrador só contou o episódio para seu amigo três dias depois de ocorrido, quando os dois conversavam no mesmo lugar de onde o narrador tinha avistado o monstro. Escutando com atenção ao relato, o amigo se punha a sorrir, quando o narrador tem nova visão do monstro que o põe em estado de absoluto terror. Seu amigo, entretanto, por mais que observasse, nada viu. Apavorado por achar que se tratava de um presságio anunciador de sua morte, o narrador tapou os olhos e nada mais viu. Seu amigo, procurando acalmá-lo, interrogou-o sobre a conformação da besta e se danou a filosofar sobre o erro humano na observação de um objeto à distância, para concluir que o que o narrador tinha visto da cadeira era nada mais, nada menos, que uma borboleta *del genero Sphinx* (Esfinge), *de la familia Crepuscularia, del orden lepidoptera, de la clase Insecta o insectos*,<sup>795</sup> que tem no peito o desenho de uma caveira e que emite uma espécie de silvo melancólico. A pobre borboleta, conhecida como “Esfinge Caveira”, estava presa a uma teia de aranha armada no caixilho da janela e se debatia para se soltar. O conto se encerra com o amigo calculando o tamanho diminuto da borboleta, sugerindo o “tamanho” do engano do narrador, na sua avaliação da questão que, em última instância, a cidade — assolada pela peste — lhe colocava. O anticlímax produzido pelo final patético do conto, potencializado pelo “prosaísmo científico do anfitrião”,<sup>796</sup> funciona como um contraponto a repisar a ameaça decorrente de um “equacionamento equivocado” das questões, dado por uma imaginação delirante. Opondo o cientificismo ao delírio, Poe propõe o tema da decifração, da mesma maneira que a cidade exigia o aperfeiçoamento da sensibilidade do indivíduo como o único caminho para o perfeito equacionamento do enigma da natureza da cidade e da identidade de cada um.

<sup>795</sup> Poe, Edgar Allan. *Cuentos 2*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 3ª ed., 1994, p. 196.

<sup>796</sup> Sevcenko, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgard Allan Poe”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nº 8/9, p. 77.

Alonguei-me propositadamente na descrição desse conto porque ele contém, emblematicamente, elementos estruturais da maneira de Poe pensar a questão dos mistérios da cidade e de equacionar sua decifração.

Conforme a análise de Nicolau Sevcenko, “o notável desse conto, e aqui se revela toda força do seu caráter alegórico, é a somatória prodigiosa de significados que o autor concentra na imagem emblemática da Esfinge”.<sup>797</sup>

A meu ver, a Esfinge representa a metrópole moderna com todas as questões (mistérios) que ela suscita no sentido da compreensão da nova força que preside os destinos da humanidade. E se a cidade é Esfinge, ela é, também, ameaça, especialmente para aqueles que não saibam compreender seus mistérios, nem decifrar seus enigmas. Mas, e aqui a grande questão: como decifrar os enigmas, como interpretar os mistérios da cidade?

A que respondemos com o arsenal literário de Poe: desenvolvendo uma sensibilidade que impeça o sujeito de **errar** na sua observação, que o estimule desenvolver uma lógica abstrata e possibilite entender, do outro, aquilo que está além da aparência, aquilo que lhe vai n'alma!

Há uma passagem de um outro conto de Poe, *A Carta Roubada*, de 1845, que exprime bem a maneira dele penetrar no centro nervoso do outro: “Quando desejo saber o quanto alguém é sábio, estúpido, bom, ou o quanto alguém é perverso, ou quais são os seus pensamentos no momento, componho a expressão do meu rosto de modo a repetir tão acuradamente quanto possível a expressão do rosto dele, e fico esperando para ver que pensamentos ou sentimentos nascerão em minha mente ou no meu coração como se fossem símiles ou correspondências de minha expressão”.<sup>798</sup> Ao se fazer do outro pela expressão facial, Poe como que poderia penetrar-lhe o mistério e adivinhar-lhe os sentimentos. Tal idéia seria corroborada quase meio século depois por Conan Doyle, com seu personagem Sherlock Holmes em *Um Estudo em Vermelho*: “o autor (Sherlock Holmes) afirmava ser capaz de compreender os pensamentos mais íntimos de um homem por uma expressão momentânea, a contração de um músculo ou o desvio de um olhar. Segundo ele, o engano era uma impossibilidade no caso de alguém treinado para observar e analisar. As suas conclusões eram tão infalíveis quanto muitas proposições de Euclides. Tão surpreendentes pareciam ser os seus resultados aos olhos dos não iniciados que, enquanto esses não aprendessem os processos pelos quais ele chegara até aquelas conclusões, bem que poderiam considerá-lo um adivinho”.<sup>799</sup>

<sup>797</sup> Sevcenko, Nicolau. “Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nº 8/9, pp. 76, 77.

<sup>798</sup> Poe, Edgar Allan. *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Circulo do Livro S.A., s/d, p. 29.

<sup>799</sup> Doyle, Conan. *Sherlock Holmes: um Estudo em Vermelho*. Porto Alegre, RS, L e PM Editores S.A., 1997, p. 28.

Inicia-se com Poe e perpetua-se com Conan Doyle toda uma tradição de deciframento de enigmas, cujo expoente maior seria o **detetive**. Sabe-se, entretanto, que a narrativa policial era considerada por Poe como a mais prosaica de suas criações. Não nos interessa aqui, porém, discutir a qualidade do texto literário. O que é fundamental é que Poe, ao tematizar o **enigma** das metrópoles modernas, foi levado a desvendá-lo nas histórias de detetive, ou por outra, ao desenvolver seus enigmas nas histórias policiais, deu de cara com a cidade.

É nesse sentido que deve ser entendido o seu conto *O Mistério de Marie Rogêt*, publicado em 1843. O importante nesse conto é que ele é todo fundamentado num fato real, acontecido em Nova York dois anos antes de ser escrito. Tratava-se do desaparecimento e assassinato de uma moça que provocou enorme especulação na imprensa a propósito do crime e do criminoso.

Poe, que a tudo acompanhou, dois anos depois deu sua própria versão para o caso, exercendo, no limite, sua capacidade de observar e desvendar enigmas. Não se conformando com as conclusões dos jornais de que a assassinada teria sido eliminada imediatamente após deixar a casa materna, — o que teria enorme importância na explicação do momento do assassinato e, por consequência, no modo do assassinato — Poe irá contestar no conto as suposições dos jornais. Um desses jornais alegava que “é impossível que uma jovem conhecida por vários milhares de pessoas possa ter avançado três esquinas sem encontrar ninguém a que seu rosto fosse familiar [...]”

“Eis o modo — sustenta Poe no conto — de ver as coisas de um homem de vida pública (o jornalista que chegou à conclusão enunciada acima), há muito domiciliado em Paris e que, de resto, se move quase sempre no setor dos prédios administrativos. Suas idas e vindas se efetuam a prazos regulares, numa área aonde se movimentam pessoas de afazeres semelhantes aos seus e que, naturalmente, se interessam por ele e reparam na sua pessoa. Ao contrário, podemos imaginar como irregulares os caminhos habitualmente descritos por Marie (a moça assassinada) na cidade. Nesse caso, deve-se considerar verossímil que seu caminho se tenha desviado dos seguidos costumeiramente por ela. O paralelo de que partia o jornal só seria admissível se as duas pessoas em questão (Marie e o jornalista que conclui pelo seu assassinato assim que ela saiu de casa) percorressem toda a cidade. Nesse caso, sob o pressuposto de que tivessem o mesmo número de conhecidos, seria igual para ambos a probabilidade de encontrar o mesmo número de pessoas conhecidas. De minha parte, sustento como não só como possível, mas como imensamente provável que Marie tenha tomado, a uma hora qualquer, um caminho qualquer desde sua casa até à de sua tia, sem encontrar um único passante que a conhecesse ou de quem fosse conhecida. Para chegar a um julgamento mais justo nessa questão e respondê-la com justiça, deve-se ter em mente a enorme desproporção entre o número de conhecidos do

indivíduo mais popular de Paris e a população da cidade”.<sup>800</sup>

Com uma simples expressão matemática, Poe dá conta da enorme possibilidade que alguém tem de se esconder na cidade. Por isso, mesmo, as histórias de detetive devem ser vistas, operando no plano do imaginário como um lugar aonde a angústia do desaparecimento na multidão se resolve. Assim, como alguém pode desaparecer na cidade, da mesma maneira esse alguém pode ser tornado visível, desde que um outro alguém saiba lhe recuperar as pistas. Na história em questão, a pista da pessoa/personagem desaparecida é recuperada pelo detetive (de Poe) através de uma verdadeira “análise de texto” das notícias de jornal a partir das quais este vai remontando a trajetória da jovem pela cidade até o momento do seu assassinato, demonstrando, assim, que através de um método — o da Ciência Moderna — pode-se “prever o imprevisto”,<sup>801</sup> o que daria ao detetive, pelo menos na ficção e, teoricamente, a possibilidade de tudo saber e tudo encontrar... na cidade. Entramos, dessa forma, no reino do observador, do analista, do caçador, do raciocínio lógico, ou caso se deseje, simplesmente do detetive.

---

<sup>800</sup> Citado por Benjamim, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, pp. 41, 42.

<sup>801</sup> Poe, Edgar Allan, “O Mistério de Marie Rogêt”, in *Histórias Extraordinárias*. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1970, p. 157.

## 5.8 - “Detectar: Revelar, Tornar Perceptível ao Mundo ou à Vista”

De acordo com Baudelaire, leitor, admirador, tradutor e introdutor de Poe na França, “o observador é um príncipe que, por toda parte, usufrui de seu incógnito”.<sup>802</sup> Para o poeta, só aquele que conhece as ruas, que se enfia na multidão (mantendo sua privacidade), só aquele que faz da rua seu gabinete e que detém a “chave da rua”, pode dominar a “Ciência da Observação”. Só a quem andava pelas ruas com elas se inebriava e nelas se perdia como num labirinto sem se afligir, somente a esses era dada a capacidade de se integrar à multidão e ao mesmo tempo dentro dela, se sentir isolado, capacitado a observar essa mesma multidão.

O observador deve ser visto, pois, como “senhor da cidade em sua dimensão espacial e temporal”, aquele que “sabe farejar rastros, descobrir correspondências, identificar criminosos a partir dos indícios mais microscópicos como um apache que lê num galho quebrado coisas e ações invisíveis à percepção civilizada. Ele é o detetive da cidade como o moicano é o detetive da savana. Sua ociosidade é aparente, ele se dedica à atividade mais antiga da humanidade, a caça, e nenhuma presa escapa a seus olhos de lince. Esse moicano sabe ler traços, também, no rosto das pessoas, é o grande fisionomista da multidão”.<sup>803</sup>

Para Baudelaire, esse observador não era outro senão o *flanêur*, aquele que, conforme Benjamin, faz a “botânica do asfalto”.<sup>804</sup> E, justamente por ser o *flanêur* um observador dos movimentos da massa, é que Benjamin vê prefigurar-se nele, o **detetive**. Portanto, a atividade de detectar nasce com a *flanêrie*. O *flanêur*, assinala Rouanet, “é o detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade[...]”<sup>805</sup>

Andando pelas ruas, dando conta de tudo e todos à sua volta, o observador na pele de escritor monta um panorama da vida da cidade a que atribui o nome de Fisiologia. Nasce, então, aqueles fascículos de bolso para se vender na rua e que se ocupam da descrição dos tipos urbanos que se encontram por toda a cidade, um pouco como Sébastien Mercier dos *Tableau de Paris*. “Desde o vendedor ambulante do bulevar até o elegante no *foyer* da ópera, não havia nenhuma figura da vida parisiense que o “fisiólogo” não tivesse retratado, afirma Benjamin.”<sup>806</sup>

O momento áureo do gênero é nos anos 40, quando se contavam 76 novas fisiologias. Depois de

<sup>802</sup> Citado por Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 221. (Grifo meu).

<sup>803</sup> Rouanet, Sergio Paulo. *A Razão Nômade. Walter Benjamin e Outros Viajantes*. RJ, Ed. da UFRJ, 1993, p. 22.

<sup>804</sup> Benjamin, Walter. *Op. cit.*, p. 34.

<sup>805</sup> Rouanet, Sergio Paulo. *Op. cit.*, p. 23.

<sup>806</sup> Benjamin, Walter. *Op. cit.*, p. 34.

terem se dedicado a uma enorme variedade de tipos humanos — *O Livro dos Cento e Um, Os Franceses Pintados por Si Mesmos, O Diabo em Paris, A Grande Cidade* — chegara a vez das fisiologias se dedicarem à cidade. Nasceram, então, descrições como *Paris à Noite, Paris à Mesa, Paris na Água, Paris à Cavalo, Paris Pitoresca, Paris Casada*.<sup>807</sup>

Fruto da observação das ruas, do aprendizado no assuntar a multidão e da capacidade de visualizar o outro, as fisiologias serviram muito a acalmar a insuportabilidade inquietante da troca de olhares e da proximidade física que a cidade impunha.<sup>808</sup> Uma espécie de “mezinha calmante” a amortecer a inquietação, o sentimento de ameaça que era viver entre desconhecidos, no meio da multidão.

O fisiologista, esse cronista da *flanêrie*, cumpre, portanto, dois papéis: o de observador da cena urbana e o de apaziguador de conflitos, na medida em que suas observações (as fisiologias) funcionam como abafadoras do confronto de todos contra todos.

Herdeiro dos fisiognomonistas na tradição de interpretação das paixões a partir da aparência o fisiologista irá fazer o reconhecimento do **terreno**, aonde o detetive desencadeará a caçada, em busca dos traços daqueles que se escondem na multidão. A Fisiologia nos introduz, portanto, na grande questão ligada à entrada em cena das multidões: a da identidade. Ela nos introduz nos mistérios da cidade.

Mas, se as fisiologias eram **crônicas da flanêrie**, olhares amistosos sobre a população em sua faina, num sentido quase que de guia turístico pelas coisas e pessoas da cidade, o **folhetim**, que surge em 1836, deve ser encarado como o “romance de bulevar”.<sup>809</sup> Como “romance de bulevar”, o folhetim, cujo sedimento pode ser encontrado nas fisiologias, mostrou ser um dos grandes gêneros de literatura urbana do século XIX.\*

Se as fisiologias entreabriram as portas da cidade aos leitores encantados com o exotismo da vida urbana, o folhetim escancarou-as. O folhetim tipo “desgraça pouca é bobagem”,<sup>810</sup> que vasculhou todos os aspectos possíveis do drama humano, arrombou, mesmo, as portas da cidade e mergulhou no *bas-fond*, revolvendo sua lama e fazendo-a subir até à superfície da sociedade.

<sup>807</sup> Ver: Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, pp. 33, 34.

<sup>808</sup> *Id. ibid.*, p. 36.

<sup>809</sup> Citado por Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 63.

\* Praticamente, toda a ficção em prosa, depois de 1830, foi publicada em folhetim para, depois, então, conforme o sucesso obtido, sair em volume. Ver: *id. loc. cit.*

<sup>810</sup> *Id. ibid.*, p. 65.



Destituído das sutilezas psicológicas do romance, vulgar e banal, o folhetim alcançou estrondosa repercussão justamente porque, para uma parcela significativa da população das cidades, a realidade — a violência cotidiana da sobrevivência — se mostrava vulgar e banal.<sup>811</sup>

Embora acompanhado por um amplo leque social de leitores, o folhetim, pelos temas e a forma de tratar esses temas, cai no gosto popular e se transforma na literatura *par excellence* das classes populares. Mergulhando no lodaçal da grande cidade, o folhetim revolve o seu fundo e faz vir à tona a desgraça da miséria da vida dos trabalhadores urbanos submetidos a uma realidade que mal entendem. Não é por acaso, assinala Marlyse Meyer, que o período de nascimento, elaboração, morte e ressurreição do romance-folhetim, coincide com o “duro caminho da luta para a organização operária”.<sup>812</sup>

Assim essas três séries de datas (1836/1850, 1851/1871 e 1871/1914), segundo Marlyse Meyer, são significativas tanto para o folhetim quanto para o movimento operário:

“Seu início data da pós-Revolução Burguesa de 1830, a qual coincide com o estouro do Romantismo, já, então, na fase chamada Romantismo Social, vai desembocar no não menos romântico estouro da Revolução de 1848[...] Esvazia-se o sonho com o[...] golpe de 18 de Brumário[...] e o romance-folhetim, proibido por uns tempos, vai ressurgir[...] ganhando etiqueta de ‘romance popular’[...] Mas, acaba-se com a Guerra Franco-Prussiana de 1870. Aquele ser indefinido — a princípio não só na sua identidade como classe mas, também, como ser humano — constituinte das classes laboriosas, de início confundidos com as classes perigosas, vai se configurando como classe consciente de ser a produtora da riqueza dos outros[...] vem, então, a Comuna de Paris de 1871[...] E como havia sido efetivada a potencialidade do romance-folhetim, co-autor da explosão de 48[...] há um retorno à velha e consagrada receita[...] É o que se pode intitular de folhetim da terceira fase[...]”<sup>813</sup>

Através do folhetim, pela primeira vez, uma cidade subterrânea aparece; pela primeira vez, as classes perigosas ganham estatuto de personagem;<sup>814</sup> pela primeira vez, os selvagens da civilização mostram sua cara. E é com Eugène Sue, do *Les Mystères de Paris*, que isso acontece. Estimulado por seu editor a escrever algo sobre o *bas-fond* de Paris, Sue se dá conta que nada sabe sobre o assunto, ao que um seu amigo aconselha a olhar com mais atenção à sua volta:

“Meu caro Eugênio, você crê conhecer o mundo, mas você não vê mais que a superfície; você crê conhecer os homens e as mulheres e você não viu nem frequentou mais que uma classe da sociedade. Há uma coisa no meio da qual você vive que você não vê, com a qual você se acotovela, que te leva, que te levanta, acaricia[...]: essa coisa é o povo! Esse povo não se vê jamais nos seus livros; você o desdenha, você o despreza[...] sem o conhecer. Veja o povo, estude-o, aprecie-o; ele é o quinto

<sup>811</sup> Meyer, Marlyse. *De Folhetins*. Seleção de Textos. RJ, CIEC/UFRJ, s/d.

<sup>812</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>813</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>814</sup> *Id. As Mil Faces de um Herói Canalha e Outros Ensaios*. RJ, Ed. da UFRJ, 1998, p. 124.

elemento que a Física esqueceu de classificar e que espera seu historiador, seu romancista, seu poeta. Você já viveu muito nas regiões superiores da sociedade; desça às classes inferiores: é lá, creia-me, que estão as grandes dores, as grandes misérias, os grandes crimes mas, também, as grandes devoções e as grandes virtudes[...] Médico dos corpos [seja, também] médico da alma, remexa o fedor e a podridão social para encontrar os remédios morais”.<sup>815</sup>

Seguindo os conselhos do amigo, Sue se veste de operário e se embrenha pelas tavernas e covis dos bairros mais sórdidos de Paris, escutando e anotando tudo o que vê. A partir daí, seu melodrama e seus personagens começam a nascer e o povo vai aí jogar seu papel, um grande papel, conforme Dumas.

Eugène Sue com seu *feuilleton* havia descoberto um mundo incomum, o mundo miserável de uma cidade encoberta por uma outra que gozava a fama de ser a mais civilizada do planeta. Com sua narrativa, Sue rasgou o véu que encobria o enigma da cidade, deixando que se entrisse a miséria e os miseráveis. Ao tatear o *bas-fond* de Paris, Eugène Sue colocou o “mundo selvagem” à vista de toda sociedade, um verdadeiro Fenimore Cooper francês a revelar a seus compatriotas urbanos a existência de uma selva debaixo de seus pés. Referindo-se a seus personagens tão fora da civilização, Sue na abertura de seu livro alerta os leitores para o mundo sombrio em que eles vão entrar:

“Encetamos com certa desconfiança algumas cenas da história que se segue: primeiramente, porque temíamos que nos acusassem de escolher episódios repugnantes; e, em segundo lugar, porque receávamos que nos considerassem inferiores ao assunto, visto que nos cumpria reproduzir fiel, rigorosa e ousadamente os usos e costumes excêntricos que devíamos registrar[...] Prevenido já o leitor para a excursão que lhe propomos, por entre os indivíduos da raça infernal que povoa as prisões e galés e cujo sangue tinge os patibulos[...] não terá dúvida em seguir-nos. Por certo, achará novidades nesta investigação; e se, de início, o fizermos descer ao ínfimo degrau da escala social, conte desde já que no fim da história se achará envolvido por uma atmosfera cada vez mais pura”.<sup>816</sup>

Esculpindo o mistério a cada corte de capítulo, usando o mistério como atrativo para prender a atenção do leitor e como matéria-prima para desvelar o mundo desconhecido dos subterrâneos da cidade, o folhetim, como bem o indica Sue no trecho acima, é uma verdadeira *investigation* de uma realidade que não se dá conhecer com um simples olhar. Ao privilegiar o mistério, um certo tipo de folhetim — o folhetim social — acaba entrando inevitavelmente na senda do “trabalho investigativo”, iniciado pelo *flanêur* em suas deambulações pelas ruas. Assim, o romance-folhetim se torna “uma larga janela aberta para o mundo”, pois o mundo cotidiano, o mundo

<sup>815</sup> Dumas, Alexandre. “Eugène Sue Vu Par...”, in Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Introduction par Armand Lanoux. Paris, Éd. Robert Laffont. 1989, p. 1342.

<sup>816</sup> Citado por Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 75.

real, com seus “mistérios”, é uma exigência numa cidade (a Paris do Segundo Império) aonde a fábula não tem mais vez.

Paul Féval, grande folhetinista do qual já falamos, num relatório oficial sobre o “progresso das Letras”, escrito em 1867, salienta que: “[...]os leitores-crianças que compõem, na sua maioria, o auditório do romance desprezam o maravilhoso antigo[...] Eles querem que a Carochinha conte suas histórias seriamente[...] querem as roupas que têm o costume de ver e não as roupas de um príncipe, querem as casas de seus bairros e não mais os palácios fabricados pela fadas; eles querem Paris, mas uma Paris que Perrault não teria podido inventar, uma Paris com armadilhas, fundos falsos, prestígio, uma Paris recheada de bandidos[...]”<sup>817</sup>

Não é à toa que, de acordo com um estudioso do assunto, “há no romance-folhetim uma manifestação de animalidade se apresentando, num primeiro nível, por meio de gestos e palavras e, num segundo, pela conduta dos personagens”;<sup>818</sup> haveria, mesmo, nas histórias uma “situação animalesca de caça”, pois sempre existe “um perseguidor, uma vítima e um protetor dela”.<sup>819</sup>

É dentro desse quadro da caça e do caçador, de polícia e malfeitor, de vícios e virtudes, de pistas e enganos, de aparências e mistérios, de intrigas e esconderijos e, essencialmente, de transgressão do comportamento e quebra da lei da cidade que vai se constituir um gênero novo de romance: “o romance ‘judiciário’ que, nas pegadas de Poe, prepara o **romance policial**”.<sup>820</sup>

---

<sup>817</sup> Citado por Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 95.

<sup>818</sup> Ribeiro, José Alcides. *Imprensa e Ficção no Século XIX. Edgar Allan Poe e a Narrativa de Arthur Gordon Pym*. SP, Ed. da UNESP, 1996, p. 44.

<sup>819</sup> Citado por *id. loc. cit.*

<sup>820</sup> Meyer, Marlyse. *Op. cit.*, p. 95. (Grifo meu).

## 5.9 - Treinando a Mão para o Romance Policial

Chegamos às portas do **romance policial**. E o porquê do romance policial numa tese sobre cidade? Já o venho dizendo e, mais adiante, continuo a fazê-lo. Mas, me antecipando, procuro no romance policial seus personagens mais preciosos: o perseguidor, o perseguido e o espaço que abriga a perseguição que funciona, também, como esconderijo. O romance policial vai me servir, portanto, para mostrar tanto a cidade como esconderijo quanto o processo de desestruturação e recomposição da ordem violada pelo perseguido (o “homem perigoso”) e recomposta pelo perseguidor (o agente da ordem). O romance policial é o caminho através do qual vou me defrontar com as questões da ordem urbana, tão caras na configuração da urbanidade quanto do próprio Urbanismo. Mas, já me adianto...

Comecemos pelo início! A base de todo romance policial é o **mistério**. Não há romance policial sem mistério, sem que haja algo a ser descoberto, sem que uma indagação seja respondida, sem que um enigma seja decifrado. Atenhamo-nos ao mistério.

Ora, muito antes de o mistério atentar a imaginação dos imaginosos literatos, ele se apresentou em bruto na vida social. O século XIX no rastro do Iluminismo que, com a luz da razão, pretendeu tirar o mundo das trevas, abraçou o mistério. E se dele fez literatura, por um lado, por outro, transformou-o em objeto de indagação sobre o próprio funcionamento da sociedade.

No mundo moderno e capitalista que se anunciava, de produção de mercadorias, um grande mistério a todos desafiava, ali no coração do modo de produção: qual era o segredo da mercadoria? Qual era o mistério daquilo que dava alma ao Capitalismo? A partir daí, aos borbotões, outras questões indecifráveis lutam para subir à superfície da história: a mais-valia, o lucro, a riqueza, a pobreza. E numa interminável indagação, o grande mistério, o enigma do próprio funcionamento da sociedade capitalista: sua estrutura de classes, a exploração e, fundamentalmente, a sua manutenção e reprodução.

Mas, épa! essas são questões que só os teóricos se colocavam. Os simples mortais e, até mesmo, “pensadores” como os literatos, os filantropos, os moralistas, os administradores, os homens de governo, se deparavam com essas questões na sua forma mais aparente e mais simplificada. Quando olhavam a sociedade não viam mais que miséria e riqueza, mais que ricos e pobres, nunca exploradores e explorados.

É através dessas duas vertentes — a da teoria e a do senso comum (mais ou menos sofisticado) — que o século XIX se indaga sobre a sua condição e, principalmente, sobre o seu destino.

Entre os muitos que tentaram responder às questões anteriormente aludidas e mergulhar nos mistérios do seu tempo, vamos tomar dois opostos — o teórico da sociedade e o ficcionista — e ver como os dois vão tentando, cada um à sua maneira, destrinchar o mistério.

Tomo essa sugestão de Marlyse Meyer que no seu estudo sobre o folhetim procura mostrar como a Ciência Política, a Economia Política e o romance-folhetim lidam com o mesmo tema — a miséria e os miseráveis — e como a irrupção das “classes perigosas” e a desestruturação da ordem decorrente disso traz graves consequências para a organização social.

Assim, se são os uivos dos miseráveis que empurram a sociedade a vasculhar suas tripas e remexer nos seus enigmas, são igualmente as dores provocadas pelas condições de sobrevivência das classes populares na cidade que põem em marcha a formidável máquina de intrigas e mistérios do folhetim. Seja na teoria, seja na ficção, o século XIX se debruça sobre o abismo das grandes cidades, das metrópoles-monstro, cujo vórtice traga toda a luz e guarda todo o segredo.

Objetivando mostrar que o folhetim (no caso *As Proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, que se estende fantasticamente por 14 anos, em rocambolíssimas aventuras) se aproxima da Ciência e da Economia Política em seu exercício de desvendamento, de “combinações infernais”, de “metamorfoses” e de “disfarces”, Meyer sugere tomar o livro *O 18 de Brumário de Luís Napoleão Bonaparte*, livro de Karl Marx como termo de comparação. Dessa maneira, postados lado a lado, podemos observar o teórico (Marx) como um verdadeiro **detetive**, na medida em que seu texto, *O 18 de Brumário*, “não por acaso, talvez, é construído como um romance policial no qual o narrador-detetive-autor, após apresentar o crime, desentranhando das sombras o criminoso, vai destrinchando suas artimanhas de meliante, desmontando seus truques, denunciando a comédia de máscaras de seus cúmplices[...]”<sup>821</sup> ao mesmo tempo em que observamos o folhetinista de *As Proezas de Rocambole* montar sua trama na forma de um *puzzle*, onde a cada passo o caminho para o desvendamento de enigmas e mistérios se faz e desfaz. Trata-se de um emaranhado de histórias, cujo objetivo final é, recompondo todos os fios da trama melodramática, recuperar para a sociedade aqueles personagens que, tendo penetrado nos seus “subterrâneos”, dele emergiram ilesos e aptos a compreenderem a dinâmica social; por isso, prontos para sobreviverem no grande labirinto de todos os mistérios que a cidade é.

Há, portanto, um suspense na vida real, um suspense no folhetim, um suspense na teoria. Há um mistério em flor com o qual se tropeça na rua, há um mistério que dá alma às aventuras folhetinescas, há um mistério que é objeto de teoria. Um suspense remete a outro e aponta para a revelação maior: a **miséria** da condição humana na cidade. Miséria no sentido material, da

---

<sup>821</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, pp. 113, 114.

sobrevivência incerta; miséria no sentido existencial, de uma sociabilidade construída em torno do fetiche da mercadoria, onde um é para o outro o cliente, o consumidor, o concorrente, o ladrão... o inimigo.

No mundo do século XIX, no mundo da Economia Política e do folhetim, onde o segundo parece ser uma paródia da primeira (e, às vezes, até o contrário) o conflito de todos contra todos parece ser a grande preocupação. De fato, inúmeras vezes ao longo do século a *pax urbis* irá se eclipsar, numa Paris que se consolidou como o centro de irradiação da civilização. Como em 1830, em 1848, em 1870, etc., oferecendo o espetáculo da reviravolta social. Decorre, daí, o que estava no final da linha, aquilo que tanto a teoria quanto a ficção queriam desvendar, era, antes de tudo, a miséria como uma forma de pobreza marcadamente urbana. Seja mirando as causas, seja mirando os efeitos da miséria tanto a teoria quanto a ficção se deparam com o sistema capitalista e seus efeitos “colaterais” sobre a existência humana na tentativa de compreender o conflito. A teoria parte para elaborar uma Economia Política da **miséria** e a ficção desanda a tecer a trama rocambolesca dos **miseráveis**. E quando ambas — a teoria e a ficção — seccionam seu objeto de saber para ver o que lhe vai dentro, encontram uma matéria incandescente, explosiva mesmo, que vai compor a história do século XIX: **o ódio**.

O ódio revolucionário, o ódio de classes como componente da Economia Política. O ódio raivoso, o ódio vingativo como desencadeador da narrativa, como fermento que faz as histórias crescerem como um bolo no forno. O ódio no sentido que Jean Paul Sartre lhe atribuiu de “detestação”, “a única relação de um com o outro”, aquele resultado da competição o[...] ódio giratório de cada um por cada um”.<sup>822</sup>

E por que o ódio decorrente da miséria e da vida miserável nos interessa como objeto de análise?

Simplesmente, porque ele não é parte integrante de qualquer contrato social. Ao contrário, com seu potencial disruptor, ele jaz *on dehors* do contrato social, procurando formas de manifestação que só podem se expressar ao arrepio do olhar sancionador dos comportamentos sociais, ao arrepio da lei. O ódio só encontra alento quando desce às profundezas da sociedade e lá faz desencadear a explosão, seja narrativa, seja social.

Eis aí um subproduto do mistério — o ódio — derivado da miséria, que leva a mergulhar na clandestinidade e faz de seus cultivadores os “caídos do pacto social”. Escondidos nas dobras da cidade, ou caso se queira, empurrados para os recônditos da sociedade, os antagonistas do pacto social são levados a se conectar com o circuito social a partir de sua posição de excluídos.

---

<sup>822</sup> Citado por Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, pp. 194, 198.

É justamente a partir desse ponto que o mistério começa a ser tecido como um manto que encobre uma verdade que deve ser calada (a miséria das classes populares), como um manto que abafa os grunhidos dos revoltados (que tentam fazer reverberar seu grito no oco da cidade), como um manto que encobre a sociedade (por baixo do qual se perfazem os descaminhos da cidade).

A cidade, podemos concluir, é o campo de batalha aonde a vida social vai ser jogada e da sua conquista depende a sobrevivência da ordem social.

Para Balzac, por exemplo, a cidade era o “campo de batalha da civilização parisiense”,<sup>823</sup> o lugar das “maquinações infernais”,<sup>824</sup> uma espécie de “floresta do Novo Mundo, aonde se agitam vinte espécies de tribos selvagens[...]”.<sup>825</sup> E não será por acaso que na última cena do *O Pai Goriot* seu personagem principal, Rastignac, que tentava por todos os meios “conquistar” a cidade, se veja diante de Paris, do alto da colina: “[...]viu Paris, tortuosamente deitado ao longo das duas margens do Sena[...] Seus olhos se fixaram quase avidamente entre a coluna da praça *Vendôme* e a cúpula dos *Invalides*, aonde vivia a bela sociedade na qual quisera penetrar. Lançou sobre aquela colméia zumbidora um olhar que parecia sugar-lhe antecipadamente o mel e proferiu estas palavras grandiosas: — Agora nós dois!”<sup>826</sup> Mirando a cidade, Rastignac desafia-a, sonhando-se vencedor na conquista de seu enigma, garantindo, com isso, seu “lugar” na sociedade.

Em *A Herança Misteriosa* (1853), primeiro da série de doze livros que compõem as histórias folhetinescas de Rocambole, a idéia de que a cidade é um campo de batalha, aonde se trava a luta entre a ordem e a desordem, travestida da luta entre o bem e o mal, parece ecoar o que o Balzac romancista e a turma dos folhetinistas já vinham pesquisando sobre a babel que “não se deixa ler”: “[...]não há bandido e mocinho. Nem propriamente bandidos e vítimas, mas trapaceador e trapaceados, e a carga de trapaça é tão grande que ninguém sabe bem quem é quem[...] quem é ludibriado por quem, donde um clima de desconfiança e ódio generalizados: ‘o circuito do ódio’”.<sup>827</sup>

Em diálogo extraído de *A Herança Misteriosa*, de Ponson du Terrail, Meyer mostra que a cidade tudo absorve, a ordem e a desordem, o bem e o mal, podendo ser uma coisa ou outra, ou as duas coisas ao mesmo tempo, pois que o fundamental, para nela se sobreviver, é saber conquistá-la, e só conquista a cidade quem a entende:

<sup>823</sup> Balzac, Honoré de. *O Pai Goriot*. RJ, Ediouro S.A., 1994, p. 66.

<sup>824</sup> *Id. ibid.*, p. 90.

<sup>825</sup> *Id. ibid.*, p. 92.

<sup>826</sup> *Id. ibid.*, p. 221.

<sup>827</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 201.

“E como Andréa, estupefato, recuava olhando para Armando, este adiantou-se para ele travando-lhe da mão, levou-o a uma janela donde se avistava toda a cidade[...] e, abrindo-a, estendeu a mão para fora e disse:

Olha, aí tens Paris, aonde querias ser o gênio do mal, abusando dos teus imensos haveres e aonde eu serei o gênio do bem! [...]

Armando falava com tom imperioso e, pela primeira vez, sentiu-se Andréa dominado, e obedeceu, saindo lentamente como um tigre ferido que se retira recuando e ainda ameaçador. Quando chegou ao limiar da porta, olhou pela janela entreaberta para Paris, que a aurora começava a alumiar, e disse como para desafiar Armando:

- Agora, nós, irmão virtuoso! Veremos quem vence: se o filantropo ou se o bandido, se o inferno ou se o céu[...] **Paris será nosso campo de batalha!** [...] <sup>828</sup>

Baudelaire, o poeta que anunciou o Modernismo, o poeta que ampliou com sua escrita os vagidos urbanos que nascem com a modernidade, não ficou alheio aos mistérios da cidade. No poema *O Crepúsculo Vespertino*, o mistério aparece sob a forma da noite chegando e encobrindo todo movimento da cidade como que protegendo as ações ilegais que se passam em seus intestinos:

“Eis a noite sutil, amiga do assassino  
Ela vem como um cúmplice, a passo lupino;  
Qual grande alcova o céu se fecha lentamente,  
E em besta fera torna-se o homem impaciente[...]  
Entretanto, demônios insepultos no ócio  
Acordam do estupor como homens de negócio,  
E estremecem a voar o postigo e a janela.  
Através dos clarões que o vendaval flagela  
O meretrício brilha ao longo das calçadas;  
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;  
Por toda parte engendra uma invisível trilha,  
Assim como o inimigo apronta uma armadilha;  
Pela cidade imunda e hostil se movimenta  
Como um verme que ao homem furta o que o sustenta.  
Sobre as roletas em que o jogo encena farsas  
Curvam-se escroques e rameiras, seus comparsas,  
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm,  
Começam cedo a trabalhar, eles também  
Forçando docemente o trinco e a fechadura  
Para que a vida não lhes seja assim tão dura[...]” <sup>829</sup>

Na cidade imunda e hostil (o “circuito do ódio”) o inimigo apronta uma **armadilha**, ele engendra uma “invisível trilha” que vai levar à perdição, não só no sentido literal do poema (perder-se nos braços da prostituta), mas no sentido de perder-se na cidade e perder a cidade, porque não se soube conquistá-la, ao inimigo.

<sup>828</sup> Citado por Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 131. (Grifo meu).

<sup>829</sup> Baudelaire, Charles. *As Flores do Mal*. RJ, Ed. Nova Fronteira, 1985, pp. 349-351.



Os ingleses, assim como os franceses, não se furtaram ao mistério da cidade. Também, eles se viram diante da necessidade de “conquistar” a cidade e lhe impor uma ordem que bloqueasse o desgoverno da sociedade. Para tanto, tiveram que encarar o incógnito, a vida desconhecida que se ia tecendo por baixo do *Big-Ben*, numa Londres que era “[...]lugar de esqualidez, mistério e terror, do grotesco sinistro, da obscuridade labiríntica e do lúgubre fascínio”.<sup>830</sup>

Nessa cidade de “mistério” e “obscuridade”, o poeta, aquele que, segundo Baudelaire, é o único que pode desvendar todas as conexões da vida urbana, tenta compreender o grande enigma que é:

“[...]o rio infindo de homens e coisas! [...]  
[...]a dança rápida,  
De formas, luz e cor, o insuportável  
Ruído; os que vão e vêm, e passam,  
Rosto após rosto”.<sup>831</sup>

Diante do “novo complexo de relações físicas e sensoriais”, o poeta toma “consciência do mistério”<sup>832</sup> e se lança a desvendá-lo, a sondar o insondável:

“Amigo! Lá um sentimento havia  
Que na cidade apenas se encontrava;  
Quantas vezes, em ruas apinhadas,  
Em meio à multidão, disse a mim mesmo:  
‘Mas, cada rosto que passa por mim  
Encerra algum mistério insondável!’  
Muita vez fiquei a olhar, oprimido  
Por pensamentos sobre o que e onde,  
Quando e como, até que as formas visíveis  
Tornavam-se visões como as que fluem  
Sobre montes imóveis ou nos sonhos.  
E todo o lastro do cotidiano,  
Presente e passado, esperança e medo  
Tudo o que rege o ato, o pensamento  
A fala, para mim tornou-se incógnito”.<sup>833</sup>

W. Wordsworth, o autor das estrofes acima, via na cidade “estranheza, uma perda de conexões de início em termos não sociais, mas de percepção — uma perda de identidade na multidão de outros que se refletia numa perda de identidade no eu e, de tais maneiras, numa perda da própria sociedade[...] e, então, não há mais regras. Nenhuma experiência foi mais fundamental que essa

<sup>830</sup> Citado por Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, p. 302.

<sup>831</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 210.

<sup>832</sup> *Id. ibid.*, pp. 210, 211.

<sup>833</sup> Citado por *id. ibid.*, pp. 210, 211. (Grifos meus).

para toda a literatura urbana subsequente”.<sup>834</sup>

Essa “confusão perceptiva”, interpreta Raymond Williams, é a própria confissão da existência do mistério. A consciência do mistério para o poeta (Wordsworth) vem da certeza quanto à opacidade da massa, da intransparência da cidade (“um mundo indistinguível para os homens”).<sup>835</sup>

Charles Dickens, o grande romancista inglês do século XIX, recorre freqüentemente à imagem da obscuridade, da névoa que não deixa ver uns aos outros com clareza, nem enxergar a relação que existe entre os seres, para falar do “circuito do ódio” existente na cidade, fundado na falta de solidariedade.<sup>836</sup> Ao estabelecer a conexão entre as pessoas no emaranhado urbano, Dickens como que prefigura o detetive, aquele que tenta estabelecer as relações entre tudo e todos, afastando o mistério que se interpõe entre o mundo visível e o mundo invisível. Mas, isso não era garantia da conquista sobre o **incógnito** humano, pois na complexidade da cidade, as referências tradicionais se perdiam. E é em torno dessa perda que se configura o drama urbano que o folhetim e o romance urbano florescem, que o romancista das histórias policiais afia sua pena, que a realidade se turva e o mistério floresce.

Quanto mais se acentuam as perdas que vinculam o homem à sua comunidade, quanto mais a cidade vai se tornando a representação da própria “condição da existência humana”,<sup>837</sup> mais a literatura vai tematizando o mistério e a dimensão insondável do espírito de cada um e da cidade ao mesmo tempo.

Victor Hugo foi muito feliz no seu poema *A Inclinação do Devaneio*, quando construiu a imagem de “quanto maior a multidão, maior o mistério que a cerne”:

[...] A noite e a multidão, nesse sonho hediondo,  
Vinhão, engrossando-se juntas as duas,  
E nessas regiões que nenhum olhar sonda,  
Mais o homem era numeroso, mais a sombra era profunda”.<sup>838</sup>

Uma sombra profunda banha a cidade baixo a qual se esboça a arquitetura do mistério: “Com suas fachadas falsamente tranqüilas, com sua multidão de gentes honestas em que cada um pode

<sup>834</sup> Williams, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras. 1989, p. 211.

<sup>835</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 212.

<sup>836</sup> *Id. ibid.*, p. 218.

<sup>837</sup> *Id. ibid.*, p. 318.

<sup>838</sup> Citado por Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989, p. 57.

dissimular um criminoso, suas grandes ruas abertas às multidões perseguidas, seus depósitos maciços como fortalezas, suas paliçadas fechadas sobre o mistério e o nada, suas luzes que iluminavam a noite ameaçadora, a cidade é, para o detetive, ao mesmo tempo a sua cúmplice, a sua adversária e a sua companheira. Ela é o símbolo do fantástico, escondido sob a máscara do cotidiano[...]" <sup>839</sup>

Melodramas, fisiologias, folhetins, romances e *fait divers*,<sup>840</sup> que circulam pela grande imprensa (que, graças ao barateamento do jornal, cria um grande público), jogam o romance policial no ar. Os personagens estão prontos, é preciso apenas estabelecer a relação entre eles, isto é, a investigação.<sup>841</sup>

---

<sup>839</sup> Citado por Boileau, Narcejac. *Le Roman Policier*. Paris, Quadrige/PUF, 1994, p. 14. (Grifo meu).

<sup>840</sup> Segundo Marlyse Meyer, o *fait divers* é um subproduto do folhetim; ele é a "divulgação aos pedaços[...] e em forma de narrativa das descobertas científicas, industriais, dos modernos preceitos de higiene, etc. Uma vulgarização que visava a educação, mas era feita de forma recreativa[...] Ele é a folhetinização da informação". Ver: Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 226.

<sup>841</sup> Boileau, Narcejac. *Op. cit.*, p. 16.

## 5.10 - Não Perca o Próximo Capítulo: o Romance Policial

Onde procurar as motivações para o surgimento do romance policial? Paralelamente às questões estéticas e literárias da época, me parece devemos atentar para a grande inquietação experimentada nas grandes cidades, derivada da **quebra da lei**. Ora, não há nada de extraordinário com a quebra da lei, pois isso aconteceu por toda a parte e ao longo de toda a história, e isso nunca foi motivo para o surgimento de um novo gênero literário. O problema é que, anteriormente ao século XIX, a quebra da lei era tida como um crime de lesa-majestade ou um pecado diante de Deus e da Igreja, frente ao qual se exigia reparação da ofensa à vítima e ao soberano.<sup>842</sup>

Até o século passado, portanto, o núcleo de todo sistema de ordem remetia para o rei e para Deus, e a sua quebra levava a que os infratores devessem ajustar suas contas com ambos.

Mas, se a falta era considerada uma infração à lei natural, à lei religiosa e à lei moral, aquilo que vai ser considerado no século XIX **crime** ou **infração penal** é de outra natureza, “[...]é uma ruptura com a lei, lei civil explicitamente estabelecida no interior de uma sociedade, pelo lado legislativo do poder político”.<sup>843</sup>

Me parece estar aí na nova concepção de crime e penalidade \* uma das motivações para o surgimento do romance policial fora do universo literário. Também, o criminoso passa a ser visto sob um novo enfoque. Ele não é mais um pecador e um imoral, ele se transformou num inimigo social, aquele que rompeu o pacto social. É a partir dessas concepções do crime e da penalidade no século XIX que vai se estruturando um novo conceito talhado para dar suporte à nova natureza da lei criminal: a noção de **periculosidade**.<sup>844</sup>

O núcleo do sistema de ordem do século XIX não é mais o rei ou Deus, mas a lei social, e aquele que violá-la irá ajustar contas com a sociedade. Isso está expresso nas grandes reformas da legislação penal ocorridas nos países europeus, entre 1825 e 1850, que se esmeram muito mais em afastar os indivíduos que são nocivos à sociedade do que em definir o que é prejudicial a ela.<sup>845</sup> “A penalidade no século XIX”, conclui Foucault, “tem em vista menos a defesa geral da

<sup>842</sup> Foucault, Michel. As Verdades e as Formas Jurídicas, in *Cadernos da PUC/RJ*, RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1974, Série Letras e Artes, n° 16, pp. 52, 64.

<sup>843</sup> *Id. ibid.*, p. 64.

\* Conforme Foucault, para que haja infração é preciso haver um poder político, uma lei, e que essa lei tenha sido efetivamente formulada. Antes da lei existir, não pode haver infração”.

<sup>844</sup> *Id. ibid.*, p. 68. (Grifo meu).

<sup>845</sup> *Id. ibid.*, p. 67.

sociedade que o controle e a reforma psicológica e moral das atitudes e do comportamento dos indivíduos”.<sup>846</sup>

É nesse ambiente de controle da sociabilidade que nasce o romance policial que muito se espelha na nova percepção do que seja o crime, o criminoso e a penalidade, uma vez que, mesmo caracterizando-se pela defesa da ordem social vigente, ele irá definir como seu objeto o indivíduo, e não o grupo. Assim, como a lei particulariza a periculosidade, também o romance policial trata da caça a um indivíduo que cometeu um delito grave, juridicamente repreensível.

Não tentemos, no entanto, reduzir o grave problema social do século XIX que levaria à criminalidade a uma simples questão de “opção individual”, entre o desespero da fome e o roubo ou o assassinato. O problema do crime no século XIX foi nitidamente um problema social, mas as histórias de detetive redefiniriam a questão como sendo de ordem individual, quase como um duelo entre a caça e o caçador.

Diferentemente do folhetim, que mergulhou nos subterrâneos da vida popular das grandes cidades e de lá trouxe todo o seu drama, o romance policial torce a realidade, dando ao leitor a impressão que a questão da violação da lei não passa de um problema de ambição pessoal.

Não estou a exigir do romance policial “coerência” com a realidade que lhe dava vida, apenas entendo que sua opção pela relação caça/caçador exprime a grande ansiedade da época relativa aos “mistérios” da cidade, aos seus “desconhecidos” e aos atentados que poderiam cometer contra a sociedade. Por isso entendo que o romance policial funcione como uma *catarse* da burguesia, diante do pavor que o comportamento das classes populares lhe inculcava.

Embarquemos, pois, na “lógica” do romance policial, procurando conjugar história e ficção.

---

<sup>846</sup> Foucault, Michel. As Verdades e as Formas Jurídicas, in *Cadernos da PUC/RJ*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1974, Série Letras e Artes, nº 16.

## 5.11 - Romance Policial: o Detetive e a Cidade Opaca

Mais do que no folhetim, é no romance policial que a questão da cidade como labirinto aparece, pois a base desse romance é o enigma, na medida em que sua essência não está exatamente na **narração**, mas na **dedução**.<sup>847</sup>

O romance policial, segundo Jorge Coli, não conta uma história, ele não segue a ordem dos acontecimentos, mas a ordem da descoberta dos mistérios. Para Coli, os elementos de “engenharia mental estão na base do gênero, mas não constituem todo o gênero, caso no qual o romance policial seria apenas uma equação ou charada. Em realidade, o romance policial está vinculado ao mundo, mundo que possui, ele próprio, suas leis, mas que, num dado instante, se torna **misterioso** para que uma explicação subjacente particular possa emergir”.<sup>848</sup>

É no romance policial que a dimensão enigmática da cidade — que não se deixa ler — ganha o seu maior fulgor. A perplexidade, o assombro, a complicação do plano e a dificuldade do percurso fazem reverberar na metrópole moderna as conotações do labirinto mítico.<sup>849</sup>

Se, de acordo com Walter Benjamim, a cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto,<sup>850</sup> é no *O Homem da Multidão*, de E. Allan Poe que, pela primeira vez, o tema da legibilidade da cidade se manifesta como tentativa de desvendamento de seu mistério.

No conto de Poe, o comportamento inexplicável do velho que vaga obsessivamente pelas ruas da cidade como se circulasse perdido num labirinto faz-nos pensar que à medida que ele se mete pela cidade, o labirinto vai se formando atrás de si. É como se a cidade fosse recobrando seus sujeitos, tornando-se, tornando-os, opacos. Mas, se a cidade não se deixa apreender, não permite ser lida, ela impõe uma leitura do ilegível.<sup>851</sup> O romance policial como gênero literário é uma tentativa de leitura desse ilegível. Como quer Renato Cordeiro Gomes, “livros, homens e cidades se articulam numa homologia que se projeta em mistérios não revelados, indecifráveis”.<sup>852</sup>

Seguindo **indícios** e respaldado por um raciocínio dedutivo, o detetive, dentro do romance policial, por um momento consegue penetrar a opacidade da cidade e elucidar o mistério. Depois

---

<sup>847</sup> Coli, Jorge. *Histórias de Mistério. Trabalho dos Detetives Tem Traços Comuns ao do Pesquisador de Arte*. SP, Folha de São Paulo (Caderno Mais), 15/9/1996. (Grifos meus).

<sup>848</sup> *Id. loc. cit.* (Grifo meu).

<sup>849</sup> Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 63.

<sup>850</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 64.

<sup>851</sup> *Id. ibid.*, p. 75.

<sup>852</sup> *Id. ibid.*, p. 71.

do que, ela novamente se torna opaca, demandando nova performance detetivesca para varar sua impenetrabilidade.

Se, por um lado, o romance policial funciona como elemento de catarse para uma sociedade acuada pelo medo do desconhecido, por outro, ele toma ares de um saber — o do detetive — ao qual nada se oculta. Sonho radical, de um positivismo sem freios,<sup>853</sup> que tange a infalibilidade, diante do qual nada resiste em sua inviolabilidade. Por isso podemos dizer que “[...] acima de tudo, o espaço crescente dos romances policiais na literatura popular corresponde a uma necessidade objetiva da classe burguesa de reconciliar a consciência do destino biológico da humanidade, da violência das paixões, da inevitabilidade do crime com a defesa e justificação da **ordem social vigente**”.<sup>854</sup>

Não há, portanto, pelo menos no século XIX no romance policial, qualquer contestação de valores. Trata-se, simplesmente, da violação da lei, que deve ser recomposta. Mas, para recompô-la o detetive deve escavar no chão da cidade à procura de indícios do crime. E ele o faz com o seu **saber**, reconstituindo pela **palavra** o que não pôde ser visto. Quando o *dire* coincidir com o *voir* o enigma está resolvido.<sup>855</sup> O detetive o que faz, então, é mostrar o que ninguém consegue ver, tornando-se uma figura exemplar no equilíbrio da ordem, desde que dono de uma sensibilidade excepcional que lhe permite ler, onde a ninguém é dada a leitura. Treinado no espírito racionalista-científico derivado da Ilustração, o **detetive** está na origem de um esforço de leitura da cidade que irá desembocar, no século XX, no **urbanista**, cuja missão é transformar a cidade num objeto de todo transparente com o fito de desvendar os seus enigmas e, ao fazê-lo, enquadrar a cidade de forma a controlar toda ameaça de desordem e quebra da lei.

Se o detetive está na origem das múltiplas tentativas de dar legibilidade a cidade, é porque sua principal arma é o **saber**. Diante de indícios que nada significam para o simples mortal, o detetive ata o seu **fio de Ariadne** e se lança numa investigação que só cessa quando a “verdade” se impõe. Mas, por sobre reatar os traços perdidos do enigma e apontar na direção da solução do mistério resolvendo o seu “caso”, o detetive não escapa à cidade e, portanto, ao labirinto, pois ele “está na cidade como em labirinto, não pode sair dela sem cair em outra, idêntica, ainda que seja distinta”.<sup>856</sup> O detetive, embora leitor da cidade, é criatura dela, ele está **condenado à cidade**, mesmo sob o risco de decifrá-la. Mas, não há decifrar a cidade. Decifrá-la, abolir seu mistério

<sup>853</sup> Coli, Jorge. *Histórias de Mistério. Trabalho dos Detetives Tem Traços Comuns ao do Pesquisador de Arte*. SP, Folha de São Paulo (Caderno Mais), 15/9/1996.

<sup>854</sup> Mandel, Ernest. *Delícias do Crime. História Social do Romance Policial*. SP, Ed. Busca Vida, 1988, p. 26. (Grifo meu).

<sup>855</sup> Reuter, Yves. *Le Roman Policier*. Paris, Éditions Nathan, 1997, pp. 42, 43.

<sup>856</sup> Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 64.

seria convertê-la em outra coisa, porque cidade é labirinto e labirinto é mistério. Porque cidade é multidão e a multidão encobre o mistério. Assim, o verdadeiro problema do romance policial clássico não é a violência ou o assassinato como tal. É a morte e o **mistério**, com pronunciada ênfase no segundo. Pois, este é o único fator **irracional** que a racionalidade burguesa não consegue eliminar[...] A vida e a sociedade são pergaminhos que ninguém, a não ser a inteligência superior, se atreve a procurar ler. Não é isto, afinal, o que a Ciência Moderna, surgindo com a burguesia, procura conquistar?

Porém, o mistério sempre volta. Cada herói tem que passar repetidamente por idênticos movimentos, uma vez que cada ano traz em seu bojo um novo arsenal de enigmas — cada trimestre ou semestre, para os escritores mais prolixos[...] No romance policial clássico, a burguesia triunfante celebra a vitória de sua “classe” sobre as forças da obscuridade; porém, a vitória nunca é final ou completa, pois outro assassino, outro conjunto de pistas contraditórias está à espreita”.<sup>857</sup>

E o mistério sempre volta, trazendo consigo a irracionalidade, vereda para o labirinto, porta aberta para a desordem e a quebra da lei. A impossibilidade de se enquadrar o mistério pela razão e pela ciência, através das disciplinas indiciárias modernas, é que vai dar vida ao romance policial, pois o **mistério** se torna literatura, na medida, mesmo, em que a racionalidade não pode enquadrá-lo como categoria a ser manipulada pela consciência. Nesse sentido, tornado literatura, o mistério é incorporado como **coisa** à consciência e transformado em enigma, categoria chave para o trabalho de desvendamento do detetive que, através da coleta de indícios e do raciocínio dedutivo, alcança o triunfo cognitivo: a descoberta do culpado e da “verdade”.

E o mistério sempre volta, desfazendo uma pretendida racionalidade que estaria inscrita nas coisas, na cidade, na sociedade, e que o conhecimento não faria mais que despertá-la. O mistério volta libertando a “irracionalidade” e ecoando o mito bíblico do caos original — Babel — “cuja forma inacabada freqüenta a memória urbanística”.<sup>858</sup>

Para se opor ao mistério, o conhecimento procura cartesianamente se impor, tentando “destruir ontologicamente o sensível, os sentidos, a imaginação e a memória”.<sup>859</sup> O conhecimento procura fugir ao sensível fixando um “[...]método analítico que decompõe, ordena, classifica e organiza os pensamentos como um sistema, de modo a controlar o acaso e a imprevisibilidade”.<sup>860</sup> Tal

<sup>857</sup> Mandel, Ernest. *Delícias do Crime. História Social do Romance Policial*. SP, Ed. Busca Vida, 1988, pp. 53, 54.

<sup>858</sup> Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 81.

<sup>859</sup> Mattos, Olgária. “O Direito à Paisagem”, in Pechman, Robert M. (org.). *Olhares Sobre a Cidade*. RJ, Ed. da UFRJ, 1994, p. 49.

<sup>860</sup> *Id. ibid.*, p. 51.



atitude é comandada por um “sujeito do conhecimento” — o detetive — que luta para triunfar “sobre os dados incontrolados do sensível”.<sup>861</sup>

Conforme Ernest Mandel, o que se vê aí é “a desordem reconduzida à ordem e esta voltando à desordem; a irracionalidade perturbando a racionalidade; a racionalidade restaurada após as sublevações irracionais”.<sup>862</sup>

Não é por acaso que o inventor do romance policial, E. A. Poe compôs suas três primeiras histórias — *Os Assassinos da Rua Morgue*, *A Carta Roubada* e *O Mistério de Marie Rogêt* — baseado num método que é exposto em *Genèse d'un Poème* e que ele próprio desenvolveu:

“Muitos escritores preferem que se saiba que eles compõem graças a uma espécie de frenesi sutil ou de uma intuição enlevada[...] meu desígnio é demonstrar que nenhum ponto da composição pode ser atribuído ao acaso ou à intuição, e que a obra caminha, passo a passo, na direção do desfecho com a precisão e a rigorosa lógica de um problema matemático”.<sup>863</sup>

Quer se trate “de um poema, uma narrativa em prosa, enfim, de um romance policial, Poe recomenda que não se deve deixar levar pela inspiração, mas controlar — por uma reflexão bem conduzida — cada sugestão espontânea da imaginação”.<sup>864</sup>

De acordo com Poe, o escritor deve passar da criação *naïve* à criação *raciocinada*:

“Se uma coisa é evidente, é que um plano qualquer, digno do nome plano, deve ter sido cuidadosamente elaborado em vista do desfecho, antes que a pluma ataque o papel. Só tendo, sem cessar, o pensamento do desfecho diante dos olhos, é que nós podemos dar a um plano sua indispensável fisionomia de lógica e de causalidade — fazendo com que todos os incidentes tendam na direção do desenvolvimento da intenção”.<sup>865</sup>

Poe quer fugir aos sentidos (“o que sonhou em mim está pensando”), quer escapar ao acaso, quer contornar o imprevisível, porque acredita que, para tocar o mistério, só mesmo armado de um plano, possuído de uma lógica que permita entrar e sair do labirinto.

Da mesma forma, não é por acaso que um dos grandes continuadores de Poe, Conan Doyle, logo na sua primeira história sobre Sherlock Holmes, *Um Estudo em Vermelho*, após apresentar seu personagem, logo no segundo capítulo do livro intitulado de “A Ciência da Dedução”, tenha se

<sup>861</sup> Mattos, Olgária. “O Direito à Paisagem”, in Pechman, Robert M. (org.). *Olhares Sobre a Cidade*. RJ, Ed. da UFRJ, 1994, p. 48.

<sup>862</sup> Mandel, Ernest. *Delícias do Crime. História Social do Romance Policial*. SP, Ed. Busca Vida, 1988, p. 76.

<sup>863</sup> Citado por Boileau, Narcejac. *Le Roman Policier*. Paris, Quadrige/PUF, 1994, pp. 24, 25.

<sup>864</sup> *Id. ibid.*, p. 25.

<sup>865</sup> Citado por *id. loc. cit.*

armado da racionalidade para enfrentar o mistério que está por vir: “A partir de uma gota d’água[...] um lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem ter visto nenhum dos dois nem ter ouvido falar de qualquer um deles”.<sup>866</sup>

Vivendo fundamentalmente do mistério, o romance policial tudo o que faz é se abrir a ele que, uma vez manifesto, demanda revelação. Opondo-se na literatura, mistério e revelação se enfrentam dialeticamente, também, na história, quando o crime passa de “pitoresco” a anônimo, impessoal e obscuro, quando ele sai de seu bairro de nascença e se impõe a toda a cidade.<sup>867</sup>

O romance policial, portanto, não obsta o mistério, incorpora-o, faz dele o motivo de sua “ciência”. O crime e a desordem na sua “irracionalidade” devem ser expulsos da cidade, mas o romance policial os abraça porque, a partir deles, institui o exercício de leitura da cidade. Para tanto, a figura do detetive (do latim *detector*: a pessoa que descobre) é fundamental. Ao exercer seu ofício de descobridor de indícios que levem ao culpado, o detetive estabelece uma leitura da cidade. Nesse sentido, ele precede todos aqueles que no futuro se debruçarão sobre a cidade com a intenção de interpretá-la e dela tirar elementos para a elaboração de uma “política urbana”, seja ao nível do controle dos problemas urbanos, seja a nível do controle das relações sociais (sociabilidade entre os grupos).

O detetive está na origem, portanto, de um processo que iria redundar, por um lado, numa **Criminologia** e, por outro, numa **política urbana**. Mas, ele nunca será um criminologista ou um urbanista, na medida em que não faz parte de seu *métier* desfazer os labirintos da cidade. Sua prática é, ao contrário, aprender a se orientar nos labirintos. A cidade é condição para o exercício do labor dedutivo do detetive, enquanto que, para o urbanista, ela é um empecilho. Sem a cidade, o detetive desaparece enquanto agente social, enquanto que com a cidade (como uma teia densa de relações humanas e, por isso mesmo, lugar de mistura e indiferenciação de seres, coisas e atividades), o trabalho do urbanista fica obliterado. O horror à multidão característico do urbanista, no detetive se transforma em conhecimento. O detetive aprende a olhar a multidão e identificar os diferentes grupos que a compõem, enquanto que o urbanista manipula dados (estatísticas, planos, mapas, plantas) a partir dos quais identifica os problemas da cidade. O detetive quando sai à rua esbarra com a cidade; para o urbanista, a cidade é uma abstração. É pelas mãos do detetive, finalmente, que a questão da identidade do sujeito que já vinha sendo tematizada, seja na história natural, seja na história social, passa a ocupar lugar central na decifração dos mistérios que o desconhecido representa na cidade.

<sup>866</sup> Doyle, Conan. *Sherlock Holmes: um Estudo em Vermelho*. Porto Alegre, RS, L e PM Editores S.A., 1997, p. 29.

<sup>867</sup> Chevalier, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958, p. 47.

O detetive é, pois, a figura chave no romance policial, basicamente porque, com seu conhecimento da cidade, não se deixa enganar pelas **aparências**, num meio onde o “suspeito articula todas as figuras possíveis do ser e do parecer”.<sup>868</sup>

Despojado de todo signo social pela vida moderna, o homem da cidade é uma incógnita e, por isso mesmo, um perigo para aquele que deve identificar na multidão o “tipo criminoso”. Na sociedade de massas, no dedalo de ruas das grandes cidades, se desenvolve “o anonimato do número, aberto e flutuante. A certeza, quanto às identidades, se esbate. Desenha-se um medo do desconhecido que incita a se manter à distância de outrem. Na vida social, as classes sociais se enfrentam pelo olhar: cada um investiga o desconhecido no outro”.<sup>869</sup>

---

<sup>868</sup> Reuter, Yves. *Le Roman Policier*. Paris, Éditions Nathan, 1997, p. 50. (Grifo meu).

<sup>869</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 230.

## 5.12 - À Procura do Criminoso Nato

Na observação da fisionomia popular à procura do “homem perigoso”, a história social e a história natural se cruzam de novo. Na trilha de uma “semiótica médica”<sup>870</sup> que, desde o século XVIII, vasculhava a cidade à procura de indícios de doenças e da “desordem urbana”, o romance policial, em diálogo com a investigação judiciária, com a crônica policial (*fait divers*), com o mundo urbano subterrâneo do folhetim e com as descobertas científicas da Anatomia (a Craniologia) e da Antropologia (a “Ciência da Identificação”), inicia um vasto esquadrinhamento da cidade à procura do rosto criminoso, onde o detetive procurará ler os **sintomas do crime**.

Não se dão grandes julgamentos ou execuções capitais “sem considerações fisiognômicas: Lavater e Gall são sempre evocados pela acusação, testemunhas de acusação da bestialidade da **fisionomia criminosa** que eles próprios fazem derivar da animalidade”.<sup>871</sup>

Lavater, autor de *Essais de Physiognomie*, propugnava que, através da fisionomia, se podia entrever a alma: \* “tudo tem no exterior um sinal distintivo, um sinal hieroglífico por meio do qual um observador pode conhecer-lhe as virtudes secretas e as propriedades”.<sup>872</sup> Lavater procura no rosto o caráter e a Psicologia, pois para ele nada existe no homem que não seja expressão. Ao “ler no rosto o que se esconde no abismo dos corações”,<sup>873</sup> Lavater municia o saber científico a encarar a multidão de fisionomias que a sociedade de massas anuncia.

A Fisiognomonía acaba desembocando, no início do século XIX, numa verdadeira craniomania desencadeada pela Frenologia, que procura os caracteres psíquicos do homem nas cavidades e bossas da parte superior do crânio.

Acreditando que a personalidade do indivíduo é o elemento chave na constituição do cérebro e que a Morfologia Craniana é modelada pela forma desse cérebro, a Frenologia na figura de Franz Joseph Gall despreza o rosto com seus indícios externos e mergulha no corpo em busca de um “esqueleto psíquico” que revelaria as verdadeiras propensões do caráter, o fundamento permanente da arquitetura da personalidade.<sup>874</sup>

---

<sup>870</sup> Coli, Jorge. *Histórias de Mistério. Trabalho dos Detetives Tem Traços Comuns ao do Pesquisador de Arte*. SP, Folha de São Paulo (Caderno Mais), 15/9/1996.

<sup>871</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 221. (Grifo meu).

\* Balzac verá, na Fisiognomonía reeditada por Lavater, a base realista da arte literária da descrição física e moral dos rostos.

<sup>872</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 94.

<sup>873</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 115.

<sup>874</sup> *Id. ibid.*, p. 105.

Tendo publicado em Paris, entre 1810 e 1819, os quatro volumes de sua obra mestra *Anatomie et Physiologie du Système Nerveux et du Cervau en Particulier Avec des Observations Sur la Possibilité de Reconnaître Plusieurs Dispositions Intellectuelles et Morales de l'Homme et des Animaux par la Configuration de Leurs Têtes*, Franz Gall mostrou-se particularmente interessado nos seus estudos pelos loucos e criminosos. Excelente anatomista, Gall mapeou o cérebro e localizou nele 27 pontos que correspondem a diferentes pontos de uma Anatomia Cerebral que comandaria o comportamento humano. Com Gall, “a Anatomia do Crânio não é mais formada na apreensão global de uma estética, como em Le Brun, ou não é mais o pretexto para desenvolvimentos fisiognômicos sobre o caráter, como em Lavater; ela se torna seu próprio fim, a base fixa e observável sobre a qual assenta o estudo desse objeto essencial de uma história natural do homem, a das **tendências** que o habitam. Estas formações psíquicas, conjunto fundamental de disposições ocultas que determinam o comportamento humano, serão lidas na configuração óssea, escritura que se põe a falar nas mãos do frenologista”.<sup>875</sup>

A idéia de um psiquismo que marcaria profundamente a estrutura óssea do indivíduo se espalhou por toda a Europa e, depois, por todo o mundo, estimulando a formação de sociedades frenológicas e de jornais e revistas sobre o assunto, em quase todos os países.

Independentemente do debate científico que se travava em torno da observação do sujeito para estabelecimento de uma “Ciência do Rosto”, o sucesso da Frenologia deve ser entendido como um “conflito das aparências”, onde “os conflitos políticos e sociais são traduzidos por uma polêmica das aparências, onde o rosto de outro libera na amplificação grotesca do detalhe visível a natureza oculta de sua moralidade corrompida”.<sup>876</sup>

O apagamento das tradicionais referências do distanciamento social, fundado no ritual dos gestos, das palavras e da aparência em público, numa cidade que mistura tudo e todos, obriga a que se experimentem novas formas de separação dos corpos e divisão dos rostos, a fim de que as hierarquias sociais, recentemente aparecidas, possam se inscrever numa ordem natural.<sup>877</sup> A Frenologia, que participa ativamente na constituição da oposição entre a fisionomia popular e a fisionomia burguesa, acabou sendo a resposta às novas necessidades de estabelecimento da distância social na cidade, funcionando como um verdadeiro instrumento de controle social, garantindo a “integração de cada um na sua classe e no seu justo lugar na sociedade civil”.<sup>878</sup>

<sup>875</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. “O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX”, in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13, p. 16.

<sup>876</sup> *Id. ibid.*, pp. 26, 27.

<sup>877</sup> *Id. ibid.*, p. 27.

<sup>878</sup> *Id. História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, p. 81.

Apesar de todo movimento que testemunha a existência de uma “interioridade invisível”<sup>879</sup> — confecção de mapas cerebrais; criação da Sociedade de Autópsia para estudo de crânios e cérebros; estudos da Fisiologia dos transgressores presos; análises relativas à hereditariedade criminosa; investigações sobre **as degenerescências** físicas, intelectuais e morais da espécie humana — só a partir de 1870 é que o médico alienista e catedrático em Medicina Legal, Cesare Lombroso, começa a dar forma a uma nova ciência que faria a síntese de todo o movimento intelectual-científico em torno da aparência do “homem perigoso”, e que ficaria conhecida como **Antropologia Criminal**. Segundo seu próprio testemunho, Lombroso conta que:

“Em 1870, eu prosseguia há vários meses nas prisões e nos hospícios de Pávia, em cadáveres e vivos, pesquisas que visavam fixar as diferenças substanciais entre os loucos criminosos, sem chegar a um resultado: de repente[...] encontro no crânio de um malfetor toda uma longa série de anomalias atávicas, sobretudo uma enorme fosseta occipital média[...] e uma hipertrofia da fosseta verminiana análogas às encontradas nos vertebrados inferiores. À vista dessas estranhas anomalias, como se tivesse surgido uma grande planície sob um horizonte em chamas, o problema da natureza e origem do criminoso pareceu-me resolvido: os caracteres dos homens primitivos e dos animais inferiores deviam reproduzir-se em nosso tempo”.<sup>880</sup>

É assim que, em 1876, Lombroso publica sua obra-mestra *L'Uomo Delinquente (O Homem Criminoso)* que, rapidamente, se divulga por todo o mundo. Com seu livro, Lombroso dava à luz ao “criminoso nato”, categoria que doravante seria fundamental na definição do perfil dos “homens perigosos” que se metiam nas multidões da cidade e aí faziam sumir sua identidade. Mais preocupado (daí, sua originalidade) com o criminoso do que com o crime, Lombroso vai se voltar para a análise da personalidade do criminoso, resultante da influência de anomalias diversas, de origem patológica, devidas ao atavismo e a degenerescência.<sup>881</sup>

Conforme Pierre Darmon, o “criminoso nato” seria, então, na percepção de Lombroso, um “subproduto” do atavismo, o funesto fruto de uma espécie de seleção às avessas, um monstro híbrido aparentado ao homem e ao animal, portador de estigmas regressivos, cujas raízes estariam perdidas num passado longínquo e obscuro”.<sup>882</sup>

Com suas teorias, Lombroso recolhe os frutos de uma vasta reflexão criminológica de caráter antropológico que lhe antecede, dá um corpo orgânico a essas conclusões e faz com que a criminalidade entre para o domínio da ciência.

<sup>879</sup> Haroche, Claudine e Courtine, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d.

<sup>880</sup> Citado por Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, p. 35 (Grifo meu).

<sup>881</sup> *Id. ibid.*, pp. 42, 46, 52.

<sup>882</sup> *Id. ibid.*, p. 52.

Assim, desde o 1º Congresso Internacional de Antropologia Criminal, organizado por ele em Roma no ano de 1885, Lombroso se impõe, com seu inventário de taras e suas conclusões sobre a má formação da organização física dos criminosos, ao mundo da ciência europeu, “remodelando o universo do crime à sua maneira”.<sup>883</sup>

Desde o seu livro clássico *O Homem Criminoso*, Lombroso delineara uma “vasta história natural do crime e uma definição exaustiva do criminoso”, com o objetivo de saber se o **homem criminoso** estava, desde o nascimento, predestinado ou não ao crime.<sup>884</sup> Isso era de grande importância, porque o que na realidade estava em jogo não era apenas um debate entre médicos sobre a localização física da degenerescência que leva ao crime, mas para além disso: tratava-se do antigo problema do “livre arbítrio e do determinismo”.<sup>885</sup> Com isso, o sistema penal que repousava nas obras de Beccaria, Howard e Bentham — “que haviam liberado a Justiça do arbítrio, estabelecendo uma hierarquia de delitos e penas” — é colocado em xeque e o criminoso vê negada a sua **responsabilidade criminal**.<sup>886</sup> De maneira insinuante, os médicos vão se impondo aos juízes e aos juristas, levando a discussão da responsabilidade do criminoso para o campo da Medicina, onde a Psiquiatria com Pinel e Esquirol já havia garantido a conquista da noção de **irresponsabilidade jurídica** para os alienados, obrigando a redefinição do sistema penal.<sup>887</sup>

As teorias de Lombroso contribuíram muito para a medicalização do crime, levando a criminalidade a se transformar num “trampolim para a Medicina na sua conquista de poderes”, onde “o ‘criminoso nato’ de Lombroso foi uma peça mestra do arsenal que permitiu ao médico travar a batalha do tribunal”.<sup>888</sup>

Se, para os juízes e os juristas, a questão da responsabilidade criminal repousava no crime, para os médicos o essencial era a **personalidade** do criminoso. Para a totalidade dos médicos positivistas que militavam no tema, o estudo da personalidade do criminoso era fundamental, porque a partir daí poder-se-ia montar uma estratégia de ataque ao crime baseada no conceito de **defesa social** “em detrimento do conceito quimérico de responsabilidade moral”.<sup>889</sup> Para os positivistas, a defesa da sociedade fundava-se, simplesmente, no princípio da **eliminação**. Assim, como o organismo se protege da agressão de agentes externos produzindo anticorpos na tentativa

<sup>883</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, pp. 43, 44.

<sup>884</sup> *Id. ibid.*, pp. 16, 50.

<sup>885</sup> *Id. ibid.*, p. 16.

<sup>886</sup> *Id. ibid.*, pp. 16, 121. (Grifo meu).

<sup>887</sup> *Id. ibid.*, p. 122. (Grifo meu).

<sup>888</sup> *Id. ibid.*, p. 16.

<sup>889</sup> *Id. ibid.*, p. 147. (Grifo meu).

de eliminá-los, da mesma forma a sociedade deve se defender das agressões, eliminando o inimigo.\* <sup>890</sup>

É nesse sentido que o jurista positivista Luigi Garofalo escreve sua obra principal, *La Criminologia*, que é uma tentativa de reconstruir o edifício penal, cuja repercussão levou a que ela fosse traduzida em todo o mundo.

Convictos de que o “interesse público só podia se satisfazer com o desaparecimento radical do criminoso”,<sup>891</sup> os juristas positivistas embarcaram numa concepção de corpo social que tinha como modelo o corpo humano, dobrando-se à estratégia de defesa da sociedade através de sua medicalização.

De acordo com Pierre Darmon, a preocupação de médicos e juristas com a “defesa social” irá legitimar a invenção da noção de “razão social”, contrapartida natural da “razão de Estado”.<sup>892</sup> Em nome dessa “razão social”, os médicos se arvoraram em defesa da ordem social, e saíram pregando um conjunto de medidas que atentavam contra as liberdades individuais.

Todo esse ataque à Justiça só fez reforçar as teorias lombrosianas relativas a **aparência** do “criminoso nato”. E assim, aos poucos, vai se desenhando o rosto de monstruosas criaturas que irão representar o “homem perigoso”, levando a crença que as investigações antropológicas deveriam estar na base de toda a investigação policial, e que só através dela seria possível se chegar ao criminoso e, assim, devolver a *pax urbis* à cidade.

Em Lombroso, a questão secular da aparência \*\* como sintoma da degenerescência da personalidade chega a seu ápice, e a **fisionomia** passa a ser a prova irrefutável dos maus instintos de alguns cidadãos. Em última instância, a fisionomia tornou-se o passaporte para a cidadania, coisa que levaria em linha reta às preocupações com a “higiene social”, mais propriamente ao debate sobre a Eugenia, principalmente com o surgimento de sociedades de Eugenia contra o

---

\* Houve vozes entre os positivistas propondo, mesmo, um banho de sangue, a simples eliminação física dos “inimigos” da sociedade.

<sup>890</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, p. 148.

<sup>891</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 149.

<sup>892</sup> *Id. ibid.*, p. 150.

\*\* Várias vozes se levantaram para se opor aos delírios de Lombroso, que via criminosos por todos os lados. Entre elas, a de um magistrado francês que, diante das figurações do “criminoso nato”, declarou: “É, talvez, o tipo ideal da criminalidade, na medida em que reúne em si a mais monstruosa fealdade física à maior fealdade moral, mas certamente não é o tipo real e vivo do criminoso. Não passa de uma figura careteira[...] Talvez seja o Quasímodo do crime, mas não passa disso[...] E tudo isso na constatação pura e simples da fealdade do acusado. Porque todo esse estudo do “criminoso nato” só resulta, no final das contas, na história natural de sua fealdade[...]” Citado por *id. ibid.*, p. 162.



abastardamento da raça.<sup>893</sup>

A teoria do “criminoso nato” reedita, portanto, a utopia da Frenologia de criar uma “Ciência do Rosto” a partir da qual ninguém mais possa se esconder atrás da aparência, mascarando sua personalidade deformada.

À sua maneira, Lombroso e seus seguidores propõem uma “transparência social”, não para que a sinceridade e a verdade sejam a base das relações sociais, mas para que os virtuais homens perigosos sejam identificados e isolados do contato social.

---

<sup>893</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, pp. 193, 196, 197, 198.

### 5.13 - Estabelecendo a Identidade

Lombroso queria substituir a investigação policial pela investigação antropológica. Conseguiu, porque a defesa da sociedade contra os violadores da ordem, se não foi comandada pelos médicos, foi construída a partir do arsenal de argumentos da Medicina, principalmente da Medicina Legal.

Com sua tradição de atuação “política” e de intervenção no meio urbano, a Medicina não terá dificuldades de lidar com os problemas da criminalidade e da identidade na multidão que a vida urbana colocava. Desde o século XVIII, físicos, químicos e médicos higienistas vinham esquadrinhando a cidade e formulando uma “política urbana” que minorasse os horrores das epidemias, derivados dos contatos propiciados pela aglomeração.

Após se debruçarem sobre os corpos dos doentes em busca de pistas que revelassem os sinais da doença e da morte, os médicos voltaram seu olhar para o espaço urbano na tentativa de deter a “especialização da morte”. Nesse sentido, eles atuam quase que como se fossem a autoridade municipal, ao redefinir os padrões urbanísticos que deveriam ser coerentes com o modelo de saúde e de ordem urbana que a Medicina propugnava. Mas, em tempos de acumulação capitalista, aqueles problemas da cidade que já eram crônicos se tornam estruturais. Assim, além dos problemas de saúde pública, de moradia, de crescimento populacional, etc., os médicos se vêem diante do fenômeno do crime e da desordem social, capazes de abalar as estruturas daquela sociedade fundada na propriedade e no trabalho.

Organizada como um poder político (“preservar a saúde exige uma luta política”), a Medicina identifica a construção da nova ordem social à sua própria racionalidade e forma de intervenção.<sup>894</sup> Mas, sua racionalidade é tirada diretamente da lógica em que está embebida a nova sociedade capitalista que, para atualizar o papel sócio-econômico da cidade, tem que transformá-la — herança do “cadáver urbano”<sup>895</sup> insepulto da cidade medieval — num lugar aonde um novo projeto de ordem social possa ser ratificado. Nessa lógica, a Medicina é partícipe da elaboração de uma nova proposta de organização social e urbana, concorrendo para a atualização do **pacto social** e para a elaboração de um **pacto urbano**, através de um projeto de polícia médica.<sup>896</sup>

<sup>894</sup> Machado, Roberto. “Nada do que É Urbano lhe É Estranho”, in Machado, Roberto et alii. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978, p. 253.

<sup>895</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 41.

<sup>896</sup> Machado, Roberto et alii. *Op. cit.*, pp. 254, 255. (Grifos meus).

Deslocando-se da doença para a saúde, a Medicina acaba se configurando como um modelo de saber que tematiza a doença como uma irracionalidade que é capaz de dissolver a ordem social, atacando seja o corpo, seja o meio ambiente, seja a alma. É por isso que podemos nos referir a ação médica como um projeto de “polícia médica” que, mais que curar o doente, sanear as cidades e moldar a personalidade, almeja **forjar o novo cidadão**.<sup>897</sup>

O mundo científico, segundo Pierre Darmon, é tomado por um frenesi de medições na tentativa de separar os bons dos maus cidadãos. Milhões de observações estatísticas são levadas a cabo no corpo dos criminosos de toda a Europa. Vários aparelhos antropométricos são inventados para atestar no delinquente sua condição criminal, e seu corpo é vasculhado de alto a baixo: a estatura, as coordenadas cefálicas, o comprimento do nariz, a altura dos ombros, a grande envergadura, etc.<sup>898</sup>

Na trilha de Lombroso, os criminologistas descobrem, a cada dia, novos tipos que oferecem perigo à sociedade e que devem ser identificados, vigiados e enquadrados. Assim, em 1891, Benedict descobre o “vagabundo nato” (vagabundagem congênita) e Alfredo Necéforo, professor da Universidade de Nápoles, depois de examinar milhares de crianças pobres das escolas, revela o “pobre nato”.<sup>899</sup>

O assalto da ciência ao “mundo perigoso” marca o ponto de partida para uma medicalização do crime.

Desde a primeira metade do século XIX, vinha-se tentando controlar a expansão da criminalidade, seja através da análise do crime, seja através da análise do criminoso. Os romancistas policiais, os grandes literatos, os folhetinistas, a imprensa, os juristas, os juizes, os médicos, todos, deram sua contribuição no sentido de transformar a questão da criminalidade num objeto de análise e, por conseguinte, numa maneira de combatê-lo.

Da pena de morte à “higiene social”, passando pela vasectomia, pela constituição de um “haras humano” para criação de bons reprodutores, pela castração dos delinquentes, pela esterilização ou, simplesmente, pela prisão, os profissionais do crime pensaram em tudo para evitar a “contaminação” da cidade pela “doença” derivada do crime. Com a entrada em cena do médico-legista, seus instrumentos, suas experiências e suas medições, o combate ao crime ganha um novo patamar: a **cientificidade**. D’ora em diante, o crime, assim como o criminoso, são mensuráveis e,

<sup>897</sup> Machado, Roberto. “Nada do que É Urbano lhe É Estranho”, in Machado, Roberto *et alii*. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978. (Grifo meu).

<sup>898</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, pp. 67, 68.

<sup>899</sup> *Id. ibid.*, pp. 73, 74.

por isso mesmo, a identificação e a perseguição ao criminoso na multidão e pelas dobras da cidade se potencializa.

Antes das descobertas da Antropometria, no entanto, a identificação dos criminosos, desde que, em 1832, fora abolida a marca do ferro no corpo, não era nada fácil para a Justiça. A identificação destes, principalmente dos recidivistas, dependia basicamente da memória dos policiais e da ação dos alcagüetes até que, em 1880, Alphonse Bertillon, escrevente da Prefeitura de Polícia de Paris, inventa um meio que permite identificar cientificamente os recidivistas: a *bertillonage*.<sup>900</sup> Tratava-se de uma ficha sinalética pessoal para cada delinqüente, e que continha onze medidas dos ossos do indivíduo, através das quais se constituía as características individuais do delinqüente, com uma mínima margem de erro.

Rapidamente, a *bertillonage* é introduzida em todas as prisões da França e se espalha por todo o mundo. No afã de aperfeiçoar as técnicas de identificação Bertillon não parou por aí, e logo depois aperfeiçoou a fotografia judiciária, com fotos de frente, de perfil e do local do crime. A seguir, Bertillon criou a técnica do retrato falado, que permitia encontrar na multidão o indivíduo procurado.

Com o aperfeiçoamento da técnica da Datiloscopia, em 1891, classificando e codificando as impressões digitais, no entanto, a *bertillonage* vai sendo deixada de lado,<sup>901</sup> por um sistema onde não persiste nenhuma margem de erro na identificação do indivíduo.

Assim, a Antropometria elevou o combate ao crime a um novo patamar, e a Antropologia Criminal, por seu turno, deu uma nova dimensão ao crime: a da “limpeza social”.

Pensava-se tratar de doença, da cura do corpo, de saneamento do espaço, mas tratava-se de fato de abolir o mistério, circunscrever o labirinto, controlar a irracionalidade. Pensava-se tratar de forjar o cidadão moderno, mas o que se viu foi a elaboração de imagens do “homem perigoso”. Pensava-se tratar de “ciência”, mas se tratava, mesmo, de um projeto de dominação. Pensava-se tratar de crime, mas o que se jogou foi o enquadramento da sociabilidade das classes trabalhadoras na cidade. Pensava-se tratar da *pax urbis* mas, afinal, era a cidade tomada de assalto.

Trata-se, portanto, de **cidade e Política**. Como impor a “Política” à cidade?

Já o veremos no desfecho deste trabalho.

<sup>900</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, pp. 212, 220.

<sup>901</sup> Ver. *id. ibid.*, pp. 216, 222, 225.

## CAPÍTULO VI

### “MISTÉRIOS DO RIO”

#### 6.1 - Desordem Urbana

Não, nós não tivemos o *fog* londrino que ajudou “Jack, o Estripador” a esgueirar-se por becos e ruelas e fugir da polícia. Não, nós não tivemos os terríveis “selvagens” de Paris que, metendo-se pelos subterrâneos da cidade, escondiam-se de seus crimes hediondos. Mas, sim, *yes, oui*, nós também tivemos nossas classes perigosas, nossos mistérios (os *Mistérios do Rio*, de 1924, de Benjamim Constatat) e igualmente tivemos que decifrá-los para enquadrar o “perigo” urbano.

Longe de mim pensar em mimetismo para explicar o fenômeno da criminalidade na capital do Império e, depois, República. Evocando a experiência européia, mas em momentos e por fatores completamente diferentes, a experiência urbana de sociabilização das massas, numa cidade que se urbanizava celeremente como o Rio de Janeiro, trouxe à baila questões muito desconfortáveis para os poderes constituídos como os problemas relativos às multidões, à criminalidade, à periculosidade de certos grupos sociais, à identificação e à identidade do “homem perigoso” e, definitivamente, como decorrência disso, a questão da desordem e da manutenção da paz social.

Certamente que, numa cidade escravista como era o Rio de Janeiro, o equacionamento da desordem urbana (temor de uma revolta escrava, fuga de cativos, crimes praticados pelos negros contra brancos e/ou suas propriedades) não era nenhuma novidade, na medida em que a cidade era o eixo da manutenção de todo o sistema escravista, uma premissa estrutural na sobrevivência do próprio Império. Tiveram os cariocas do século XIX que se haver cotidianamente ao longo de toda a centúria com o problema da presença escrava na cidade e o temor que ela inspirava, pelo menos no seu imaginário. As estatísticas nos dão um retrato, em tons bem “negros”, do aumento do número de escravos na cidade: em 1808, mais de 20% da população da corte era composta de escravos; em 1821, esse número mais que dobrou e chegou a 45,6% da população (fora os libertos), conforme Leila Algranti.<sup>902</sup> Pelos cálculos dessa autora, de 1800 a 1850, 900 mil escravos teriam sido comercializados para todo o Brasil pelo porto do Rio de Janeiro. E mais, em

---

<sup>902</sup> Algranti, Leila Mezan. *O Feitor Ausente. Estudos sobre a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988.

1872, 17,8% da população da cidade ainda era constituída de escravos. “Negros, crioulos, pardos, mulatos, estavam em todos os locais da cidade a qualquer hora do dia”,<sup>903</sup> afirma Algranti, concluindo que o crescente aumento da população escrava era o fator explicativo para o aumento do aparato repressivo.

A alteração das relações senhor/escravo na cidade, devido ao sistema de aluguel de escravos (“uma das características mais importantes da escravidão urbana”<sup>904</sup>) e ao desenvolvimento do sistema de negros de ganho, alega Algranti, teria levado a um afrouxamento dos laços servis, fazendo da cidade um esconderijo para negros fujões e malandros. Perambulando pelas ruas, bebendo nos bares, circulando por praças e jardins, longe do olhar de seu senhor, os escravos flanavam pela cidade, roubando a seu dono o tempo de trabalho que devia ser investido na obtenção de ganhos. Por isso mesmo, assegura a autora de *O Feitor Ausente*, as relações entre senhores e escravos estavam permeadas de tensão e violência como se a cada conflito o sistema escravista, colocado em xeque, pudesse convulsionar a cidade.

Fossem os escravos, fossem os libertos, o fato é que na cidade escravista criou-se um verdadeiro terror quanto a possíveis rebeliões escravas, e quanto ao escravo como um criminoso em potencial. Por tudo isso a historiografia, quando se debruça sobre o escravismo urbano, tende a ver a ação do escravo e, por tabela, a reação do senhor e das autoridades, num sentido de revolta e resistência à sua condição. Logo, de acordo com essa historiografia, todo o aparato de repressão visaria, unicamente, à preservação do sistema escravista.

Ora, parece-me que na cidade a questão é mais complexa porque, na minha opinião, não se trata somente de preservar a ordem escravista mas, acima de tudo, trata-se de evitar a **desordem urbana**. Se uma coisa pudesse colocar o sistema escravista em xeque, essa coisa seria a desordem urbana. Vemos assim que na cidade o sistema escravista não pode ser pensado fora de um projeto de ordem urbana, uma vez que, diferentemente do campo, a cidade pode converter-se no túmulo desse sistema, desde que a desordem urbana leve à desestruturação daquilo que sustenta a prática escravista na cidade, e que identifique como sendo o sistema urbano. Tal sistema é o responsável pela articulação dos diferentes momentos de realização da mercadoria derivada da produção escrava, seja no âmbito interno, seja no externo.

A ordem urbana é, portanto, vital para o funcionamento da cidade, sem o que o sistema escravista não se põe em marcha.

---

<sup>903</sup> Algranti, Leila Mezan. *O Feitor Ausente. Estudos sobre a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988, p. 34.

<sup>904</sup> *Id. ibid.*, p. 47.

Me explico melhor: na cidade a ausência do feitor, o forte “grau de individualismo” e as “soluções individuais”<sup>905</sup> para os problemas da escravidão, fazem do escravo não necessariamente um revoltoso mas, certamente, um **desordeiro**. No ambiente urbano, o escravo não é só um cativo, ele é, também — à sua maneira — um “habitante” da cidade. E muitos deles, libertos, negros de ganho, negros de aluguel, usam a cidade na sua “viração”. Dessa maneira, não podemos pensar a ação da polícia unicamente no sentido antiinsurrecional ou de controle da condição escrava. Igualando os escravos a outros grupos marginais, a polícia é bem mais a preservadora da ordem urbana contra **indivíduos** que vão além daquilo socialmente permitido: em geral bebedeiras, brigas, confusões da rua, pequenos roubos, nada que ameace o escravismo como sistema de dominação.

Segundo Leila Algranti, a maior parte dos desvios de comportamento dos escravos no Rio de Janeiro refere-se a manifestações contra seus semelhantes e contra a ordem pública (confusões de rua). Quando o escravo delinque, ele o faz, em geral, não por se rebelar contra o sistema que o manietava, mas devido às suas necessidades materiais, porque muitos deles dependiam de seus ganhos para se alimentar, vestir e pagar a diária a seus senhores.<sup>906</sup> De maneira geral, na opinião de Algranti, “[...]as prisões ocorridas na cidade no começo do século XIX estavam relacionadas a **pequenos crimes** como furtos insignificantes, desordens, porte de arma, brigas e bebedeiras[...] Só dezesseis pessoas foram presas por tentativa de assassinato e vinte outras por tentativa de agressão, porcentagem ínfima num universo de cinco mil casos”.<sup>907</sup>

Pelos dados relativos à prisão de escravos, constata-se que a maior parte deles (na primeira metade do século XIX, o que não deve diferir muito da segunda metade do século) cometeu crimes contra a ordem pública, devendo-se considerar como tal “a vadiagem, insultos a policiais, jogos de azar, desrespeito ao toque de recolher e demais infrações às leis da cidade”.<sup>908</sup>

“Infrações às leis da cidade”, é justamente por aí que se dava a percepção que a polícia tinha da desordem urbana, uma vez que, se de um lado, ela tinha que lidar com a desordem escrava, de outro, ela tinha um “projeto civilizatório” a cumprir. Tratava-se, pois, além de zelar pela boa ordem da escravaria, fazer nascer uma urbanidade, novo patamar a partir do qual dever-se-ia estruturar a sociabilidade na cidade.

Ora, numa sociedade em formação, como assinala Antônio Cândido no seu *A Dialética da*

---

<sup>905</sup> Algranti, Leila Mezan. *O Feitor Ausente. Estudos sobre a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988, p. 154.

<sup>906</sup> *Id. ibid.*, pp. 164, 165.

<sup>907</sup> *Id. ibid.*, p. 167. (Grifo meu).

<sup>908</sup> *Id. ibid.*, p. 168.

*Malandragem*, era absolutamente necessário separar a ordem da desordem, obrigando a uma redefinição da moral e dos costumes, cujo eixo passava a girar em torno da sociabilidade urbana.

A intolerância cada vez maior da polícia para com os “crimes” praticados por escravos ou libertos — devida, provavelmente, ao aumento da população escrava da cidade na metade do século — e os dados estatísticos que revelam que os crimes contra a ordem escravista (rebelião, fuga, atentado contra a vida e a propriedade do senhor) são insignificantes diante dos crimes contra a ordem pública, só fazem reforçar a hipótese de que é da **desordem urbana** que se trata. Tanto é assim que as forças de repressão, por sobre zelar pela “paz escrava”, estavam profundamente preocupadas com o... ia dizendo, crime urbano, mas me parece forte demais para essa metade do século XIX a qual estou me referindo, estavam preocupadas com a cidade como esconderijo e, principalmente, com todos aqueles fenômenos da sociabilidade que, quando rebatidos no espaço, fazem da cidade, senão um mistério, uma incógnita a ser desvelada.

Para melhor qualificar o fenômeno da sociabilidade e da ordem pública numa cidade que começara a se urbanizar — logo a constituir uma urbanidade (uma ética urbana) — com a chegada da corte portuguesa, lancemos uma olhadela no perfil da população no ano de 1838: “Sabemos que as pessoas livres alcançavam 57,3% da população total, ou seja, 75.525 habitantes[...] destes homens livres, só 6 mil podiam, aproximadamente, ser considerados “proprietários e industriais, que representa cada um família e bens que constituem a massa da mais rica e populosa cidade do Império”. Estes 6 mil seriam os “homens livres ricos”. E os demais?

Num escalão intermediário, havia elementos como os lavradores, os tropeiros, os artistas liberais e os funcionários públicos, mas não muito numerosos. A estes se seguiam pessoas em processo de proletarização... A maior parte, portanto, daqueles 75.525 homens livres era formada de pessoas sem profissão, de vadios, mendigos e indigentes. Eram brancos, pardos ou pretos, libertos ou ingênuos; homens livres pobres, em suma.

Desses homens livres pobres é que saía a clientela da marginalidade. Já em 1835, os criminosos na corte “eram enumerados, predominantemente, entre pessoas sem ofícios: os vendedores, os artesãos, os marinheiros, os empregados domésticos e os pequenos lavradores. Mas, era entre os vadios que a elevada criminalidade (1 criminoso para 154 habitantes) se acentuava. Eles, ao lado dos escravos, eram denominados, nos documentos oficiais, de ‘população perigosa’”.<sup>909</sup>

<sup>909</sup> Neder, Gizlene e Naro, Nancy P. “A Instituição Policial na Cidade do Rio de Janeiro e a Construção da Ordem Burguesa no Brasil”, in Neder, Gizlene et alii. *A Polícia na Corte e no Distrito Federal. (1831/1930)*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/ PUC, 1981, pp. 107, 108.



A percepção de que a cidade estava infestada pela “população perigosa” e de que ela, em si (a cidade), era um perigo, porque lugar de relação, circulação e esconderijo dos “homens perigosos”, transparece em dois documentos fundamentais de constituição da ordem social e urbana do Império. Estou me referindo ao Código Criminal, de 1830, e ao Código de Posturas Municipais, de 1838. Enquanto o Código Criminal procura regular as relações entre os habitantes, isto é, enquanto ele estabelece os “padrões” de criminalidade, o Código de Posturas circunscreve os usos possíveis da cidade, normatizando a utilização do espaço público e regulamentando o convívio neste espaço.

Percebe-se, dessa forma, toda uma tentativa de estabelecimento da ordem e sua separação da desordem, na medida em que, ao serem editados, esses códigos definem com bastante clareza quem e o que deve ser incorporado ou excluído, ou melhor, quem ou o que deve ser considerado dentro ou fora dos padrões de urbanidade (da cidade) e de civilidade (da sociedade). No limite, esses dois códigos o que fazem é estabelecer as bases legais (no sentido de legitimidade) da vida e da sociabilidade urbana, numa sociedade fundada no trabalho compulsório.

Urbanidade e civilidade constituirão os dois limites que, apenas ultrapassados, hão de levar à “cidade perigosa” e ao “homem perigoso”. É preciso, então, evitar o perigo, que é identificado a um contato desregulado, num “meio tornado hostil pela grande concentração de indivíduos e seu relacionamento irracional e desordenado”.<sup>910</sup>

Combater a periculosidade significa, necessariamente, uma reflexão sobre a desordem urbana, uma vez que ela atinge todas as dimensões da vida do habitante da cidade, da sua saúde à sua moral, sendo responsável pela “corrupção dos costumes, pela criminalidade, pela descrença na religião, enfim, pela decadência da civilização”.<sup>911</sup>

Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1845, exprime bem essa preocupação com a desordem: \*

“Há na índole dos habitantes da capital do Brasil um caráter tal de serenidade, até mesmo em seus vícios reina uma bonança tão constante que nunca o mar das paixões aqui levanta esses escarcéus que

<sup>910</sup> Machado, Roberto. “Nada do que É Urbano lhe É Estranho”, in Machado, Roberto *et alii*. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978, p.259.

<sup>911</sup> *Id. ibid.*, p. 262.

\* Sintomaticamente, esta tese projeta todos os perigos que o Rio de Janeiro estaria sofrendo para cidades como Londres e Paris. Para o autor, a desordem urbana seria própria das capitais européias, o que não parece absolutamente verdadeiro quando confrontado com outras teses, documentos, depoimentos, relatos de viagem, etc. Parece-me que, inconscientemente, o autor acabou, pelo seu **contrário**, fazendo um apanhado dos principais problemas que tornavam a Cidade do Rio de Janeiro, perigosa.

incessantemente arrebatam no seio das velhas cidades da Europa[...] O mesmo furacão das revoluções que tem assolado tantos Impérios, jamais fez no pacífico janeiro naufragar o sentimento de humanidade de encontro aos parciais das facções, e seu povo conserva-se tranqüilo e humano até nas agitações da Política e nas explosões dos partidos.

Não vemos aqui, percorrendo as ruas da cidade, essa corte numerosa da polícia européia, fada misteriosa que sabe insinuar-se nos mais recônditos pensamentos e descobrir, não já o crime, mas a intenção de o praticar, e da qual a nossa nem é em simulacro e, todavia, em nossas prisões não avultam perpetradores de altos delitos[...] Aqui, a população não faz do manto sagrado da noite um abrigo profano, aonde possa ocultar seus crimes e ainda que quase entregue a si mesma, não vai saltar o cidadão ao canto de uma rua e extorquir-lhe a bolsa ou a vida: não fervem no silêncio das trevas essas asquerosas cenas de orgia e voluptuosidade que se nos conta da Europa: não temos essas negras baiúcas de Paris, Londres, etc., imundos covis, aonde a sensualidade, o homicídio, a crápula, o jogo e o latrocínio, formando hedionda trama, concertam tenebrosos planos e preparam horrendos crimes. Finalmente, não vemos aqui esse enxame de vícios, em movimento tumultuoso assoalharem o desavergonhamento e petulância que desenvolvem nas grandes cidades, citadas como arquétipos da civilização.

Onde reside a causa desta tão palpável diferença? [...] Nós cremos que nos países aonde tais horrores se cometem, a miséria, o incremento da população muito superior às necessidades da Nação, a falta de trabalho e a fome são os motivos que arrastam a plebe a essas horríveis desordens e que a tornam o opróbrio da sociedade.

E serão estas as condições que presidem na capital do Brasil, Império novo, vasto e fértil, subsistindo essencialmente pela Agricultura, e cujos filhos ainda não sentiram as misérias que afligem a pesada população das nações por essência industriosas? Dir-se-ia que no Rio de Janeiro a fome leva o homem à dura extremidade de bater à porta do crime para ganhar um pão, que nem o trabalho, nem a virtude lhe deparam? Por certo que seria avançar um paradoxo[...]"<sup>912</sup>

Afora as teses médicas, a documentação da polícia, os relatórios dos ministros da Justiça e os artigos de jornal, é na literatura que os “perigos” e os “perigosos” da cidade ganham forte tonalidade. É sob a forma do **folhetim**, também entre nós, que a literatura abraça a questão dos miseráveis e desvalidos da cidade. Antes, no entanto, de aparecerem os primeiros folhetins genuinamente brasileiros, o Rio de Janeiro leu muito romance inglês e francês, assim como se fartou de chafurdar nas desgraças mil dos folhetins traduzidos ou lidos no original. Assim, quando o *roman feuilleton*, conforme o estudo de Marlyse Meyer,<sup>913</sup> adquire sua forma definitiva na década de 1840, na França, através das figuras de Eugène Sue e Alexandre Dumas, os jornais cariocas já vinham apresentando no seu *rez-de-chaussée*, desde 1838, esses romances em fatias que se tornariam uma mania local ao longo do século.

É a propósito da explosão do folhetim francês entre nós que Meyer nos apresenta a cidade como campo fértil para a semeadura das “classes perigosas” e da criminalidade: “Por que o sucesso em

<sup>912</sup> Cunha, Herculano A. L. *A Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Imparcial de F. Paula Brito, 1845.

<sup>913</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 31.

longínquas plagas, aonde não existe ainda a cidade grande, de uma fórmula tão ligada a certo **momento social** francês, europeu? Qual a relação entre a nascente burguesia brasileira e aquelas estruturas interativas, cujo mecanismo foi tão bem desvendado por Eco?”<sup>914</sup>

Meyer se pergunta sobre a “questão da recepção nos trópicos apenas urbanizados de um tipo de ficção brotado das contingências da Revolução Industrial na civilizada Europa”,<sup>915</sup> na medida em que o sucesso de Sue remete diretamente à identificação que a classe trabalhadora fazia da sua obra (dele, Sue) com suas condições reais de vida (dela, classe trabalhadora), fundadas na miséria e que, não raras vezes, desdobrava-se no drama. Como, portanto, entender o sucesso indiscutível do gelado folhetim, especialmente aqueles que apontavam para as condições de vida da classe trabalhadora, em paragens tão tropicais, numa sociedade escravista que estava longe de formar um proletariado urbano?<sup>916</sup>

Meyer conclui que, independentemente da ausência de uma classe trabalhadora, “uma das leituras da recepção no Brasil ao folhetim romântico francês e seus continuadores poderia, sim, ser feita a partir da chave do binômio classes laboriosas/classes perigosas”.<sup>917</sup>

O grande sucesso do folhetim em nossas plagas, afora as condições literárias de sua recepção (existência de um público leitor em formação, processo de circulação de livros, existência de jornais, livrarias, bibliotecas, etc.), deve ser atribuído à prática de uma sociabilidade que mal conseguia disfarçar, que era fruto de uma cidade que se tornava complexa em sua dinâmica econômico-social e que atraía e continha em si diferentes tipos sociais que mal conseguiam integrar-se à cidade, vivendo nas suas dobras.

A grande mistura a que estavam sujeitos os habitantes do Rio de Janeiro — escravos, pretos livres, mulatos, pardos, brancos pobres, remediados e de posses, imigrantes nacionais e estrangeiros e viajantes — acabou por “desandar” o caldo de culturas em formação e levou a uma sociabilidade bastante apimentada, onde a cidade era o palco de todas as disputas e conflitos. Não é de se espantar, portanto, que numa cidade escravista como o Rio de Janeiro que, para uns, era lugar de “negócios”, condição iniludível de sua sobrevivência na urbe, e para outros, o caminho do “ócio”, não é de espantar, pois que, em uma cidade assim, o espectro da desordem estivesse a circunscrever a ordem por todos os lados.

<sup>914</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 33. (Grifo meu).

<sup>915</sup> *Id.* “Um Fenômeno Poliédrico: o Romance-Folhetim Francês do Século XIX”, in *Vária História*. Revista do Depto. de História. Belo Horizonte, MG, FAFICH/UFGM, nov./1998, nº 19, p. 41.

<sup>916</sup> *Id. ibid.*, p. 42.

<sup>917</sup> *Id. loc. cit.*

Se na Europa os trabalhadores são identificados aos selvagens da civilização, no Rio eles são igualmente identificados aos bárbaros, ao mal, enfim. Se Paris ou Londres são um dédalo de ruas, um labirinto, aonde o “homem perigoso” faz sua morada, no Rio de Janeiro igualmente a cidade se presta a esconderijo, só que de negros fujões, capoeiras perigosos e toda uma malta de desvalidos que apenas aguarda na sombra para dar o bote.

Uma insegurança generalizada dominava a cidade.\* As ruas, tão ameaçadoras para a “boa sociedade”, eram peças fundamentais na estratégia de sobrevivência para aqueles que não tinham um modo certo de vida.

“Não é impossível imaginar”, alerta Marlyse Meyer, “que[...] o tão divulgado, lido e treslido folhetim de Eugène Sue possa ter encontrado no leitor brasileiro da época uma particular ressonância que, também, remete a seu tema gerador, engendrado que foi o romance pelas condições peculiares de vida/subvida numa grande capital, em fase de modernização, narradas no registro do excesso”.<sup>918</sup>

Para além do “medo literário”, o folhetim evoca, mesmo onde o mal não é fruto da classe operária, o **medo da cidade**. Mesmo ali, naquele Rio de Janeiro escravista, longe da miséria que a cidade impõe à classe trabalhadora saída das entranhas da Revolução Industrial. Principalmente ali, dirá Marlyse Meyer, ao mostrar como o negro é identificado ao mal — “escravo-miasma”.<sup>919</sup> Encarnando todo o mal social, o negro deixa de ser percebido somente como escravo e passa a ser visto, também, como habitante da cidade. Mas, um habitante que nunca fará da cidade “um órgão do amor” e que jamais ensaiará ali a “busca da plena realização do humano”.<sup>920</sup> Não se teme o negro, pois só por sua condição escrava (fujão, ladrão, assassino, revoltoso) ele é temido, porque sua figura reativa os grandes medos urbanos: “o medo da doença, o medo da morte, o medo da peste, em suma”.<sup>921</sup> O negro reativa o medo do convívio.

---

\* Em 1825, o Intendente Francisco Teixeira de Aragão publicou Edital estabelecendo medidas para controlar os roubos e assassinatos que vinham ocorrendo. Como medida preventiva foi instituído o toque de recolher às 22 horas no verão, e às 21 horas no inverno. O Intendente autorizou, também, a polícia “a prender quem parecesse à toa, antes de culpa formada e a processá-los depois. Estabeleceu, também, severa espionagem e rigorosa perseguição contra todos que se supusessem pregadores de notícias perniciosas, inventores de calúnias, autores ou afixadores de pasquins, vadios, pessoas sem emprego, jogadores, indivíduos de maus costumes, mendigos, doentes fingidos e eremitões pedindo esmolas sem licenças regulares[...]” Citado por Kato, Ruth Maria. *Revoltas de Rua: o Rio de Janeiro em Três Momentos: 1821, 1828, 1831*. Dissertação de Mestrado. RJ, IFCS/UFRJ, 1998, p. 108.

<sup>918</sup> Meyer, Marlyse. “Um Fenômeno Poliédrico: o Romance-Folhetim Francês do Século XIX”, in *Vária História*. Revista do Depto. de História. Belo Horizonte, MG, FAFICH/UFMG, nov./1998, nº 19, p. 41.

<sup>919</sup> *Id. ibid.*, p. 44.

<sup>920</sup> Ver: Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 80.

<sup>921</sup> Meyer, Marlyse. *Op. cit.*, p. 43.

O medo ao negro se urbaniza e, ao se urbanizar, faz do negro a imagem da anticidade, daquilo que não deve ser a cidade. Assim, o temor urbano ao negro não é apenas porque ele pode incendiar a cidade mas, principalmente, porque ele pode **contaminar** a cidade. O negro, dos males da cidade — “miasmas”, “maus ares”, “maus hábitos”, “desordem”, “crimes” — é o pior de todos, é o mal que contamina a civilização.

José de Alencar na peça *O Demônio Familiar*, de 1857, expressa bem os dilemas do convívio com os negros e como eles são vividos pela moral da família: “José de Alencar inquieta-se com a moral e as relações sociais no Rio de Janeiro que estão se modificando com a intensificação da urbanização”.<sup>922</sup> Alencar vê a escravidão como “um mal para os senhores que se tornam joguetes de seus escravos. A escravidão é um caos, onde a esperteza do moleque Pedro (o personagem central da trama de *O Demônio Familiar*) transforma o mundo conforme seus desejos. Os familiares se referem ao negrinho Pedro como insuportável e azougue que não se pode aturar[...] Através das diabruras de Pedro, a escravidão é mostrada como um mal social que desorganiza o lar do branco. A solução é a liberdade ao negro para que o branco se liberte das intrigas, imoralidades e falsidades do escravo. Ele corrompe os brancos, como Alencar mostra na cena em que Pedro ensina ao jovem Jorge como colocar bilhetes no bolso de Carlota e, também, a enganar os pais”.<sup>923</sup>

O próprio título da comédia *O Demônio Familiar* já evoca a presença de um ser do mal a desestruturar a convivência e a paz doméstica. O seu desfecho é como um fecho de abóbada a reiterar a imagem desestruturadora do escravo no mundo branco. Nas palavras de Eduardo, o dono do moleque Pedro, depois de sofrer a interferência de Pedro na tentativa de casar com a moça de seus sonhos:

“Os antigos acreditavam que toda a casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e a tranquilidade das pessoas que nela viviam. Nós brasileiros realizamos, infelizmente, esta crença, temos no nosso lar doméstico esse demônio familiar. Quantas vezes não partilha conosco as carícias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos e uma parte das afeições da família! Mas, vem um dia como hoje em que ele na sua ignorância ou na sua malícia, perturba a paz doméstica, e faz do amor, da amizade, da reputação de todos esses objetos santos, um jogo de criança[...]”<sup>924</sup>

Portanto, ali na casa, no interior da família, célula-*mater* da sociedade e da civilização burguesa, exatamente ali, onde deveria reinar a paz, instala-se o demônio familiar a contaminar, desde lá, toda a sociedade com a sua malignidade. Não é, pois, o demônio, o mal de todos os males?

<sup>922</sup> Flores, Moacyr. *O Negro na Dramaturgia Brasileira. (1838/1888)*. Porto Alegre, RS, ED/PUC-RS, 1995, p. 90.

<sup>923</sup> *Id. ibid.*, pp. 44, 45.

<sup>924</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 45.

Na cidade, portanto, o negro funciona como a metáfora do mal, ajudando a socializar o medo e constituindo uma referência a partir da qual se irá instituir a exclusão urbana dos outros “males” da cidade. E se o negro é a encarnação do mal, as gradações de cores que têm origem nele — pardo, mulato, moreno, etc. — hão de apontar, também, para os graus de periculosidade. Nem mesmo o branco (pobre) escapará, identificado em seus “vícios” à malignidade negra.

Dessa maneira, voltando à questão do folhetim, não importa que o Rio de Janeiro não seja uma cidade industrial e que, tampouco aqui, não se apresente uma classe proletária com suas chagas e desgraças à mostra. O que faz com que o folhetim importado ou nacional tenha tido tanto sucesso por estas paragens é o fato que ele evoca a presença do mal, que é uma metáfora da convivialidade entre diferentes, que tem sua referência no negro a partir do qual se perpetuam todas as exclusões. E como o folhetim é, em parte, uma história de exclusões, ele cabe muito bem na cidade, *locus* de todas as exclusões. Frente à utopia da suprema função da cidade,<sup>925</sup> que seria o engrandecimento de todas as dimensões da vida, lugar da virtude,<sup>926</sup> derivada diretamente dos postulados dos iluministas do século XVIII, o folhetim opera, lançando-nos ao rosto, a unidimensionalidade da existência daqueles habitantes da urbe sujeitos ao trabalho, compulsório ou não. Lugar da virtude, a cidade no folhetim se transforma em lugar do vício.

Por isso, afirma Marlyse Meyer, “o leitor terá reencontrado na figura desses ‘bicho-coisa-moléstia’, ‘bárbaro’, ‘degenerado’, ‘cheio de vícios físicos e morais’, ‘ébrio’, ‘sedutor’, que é o escravo, muitos dos vícios que definiam no folhetim os despossuídos: as mulheres de rua ou da fábrica, os operários[...] Selvagens da civilização na brilhante Europa, civilização dos ‘selvagens’ dos trópicos, civilizados, entre outros, por obra e graça dos romances vindos de Paris[...]”<sup>927</sup>

O folhetim no caso brasileiro pode ser entendido, então, como uma maneira “civilizada” e “branca” para se lidar com a “barbárie” e o “negro”; ele é, portanto, uma maneira de se lidar com o medo. O folhetim é a encarnação literária do medo na cidade, onde não havia nada mais “folhetinesco” e “melodramático”<sup>928</sup> que o próprio cotidiano dos excluídos. Ou caso se queira, ele representa a folhetinização do mundo a partir daqueles “que só têm o corpo, o grito, o descabelamento, para dizer da inominável aventura de seu cotidiano[...]”<sup>929</sup>

<sup>925</sup> Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades. A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 80.

<sup>926</sup> Para uma análise da cidade, derivada da Filosofia Iluminista, ver: Schorske, Carl E. “A Cidade segundo o Pensamento Europeu — de Voltaire a Spengler”, in *Revista Espaço e Debate*. SP, Ed. NERU, ano IX, nº 27, 1989.

<sup>927</sup> Meyer, Marlyse. “Um Fenômeno Poliédrico: o Romance-Folhetim Francês do Século XIX”, in *Vária História*. Revista do Depto. de História. Belo Horizonte, MG, FAFICH/UFMG, nov./1998, nº 19, p. 44.

<sup>928</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>929</sup> *Id. loc. cit.*

## 6.2 - De Folhetins, de Romances, de Moral e da Cidade

“Num universo dessacralizado”, assegura o historiador da literatura Peter Brook, “onde os imperativos morais e claros comunitários se perderam, onde o reino da moral foi ocultado, a função primordial do melodrama é de redescobrir e de reexpressar claramente os sentimentos morais os mais fundamentais e de render homenagem ao signo do bem”.<sup>930</sup> Nesse mundo, ressalta Peter Brook, “o reconhecimento final da virtude permite uma leitura moral do mundo[...] e nos garante que uma leitura moral do universo é possível, que o universo possui uma identidade e uma significação morais”.<sup>931</sup>

O folhetim desvela o mundo, ilumina os seus mistérios, afunda nos subterrâneos e volta à superfície com a certeza de que “a vida é bela” e que a **sociabilidade** é possível. Logo, o folhetim enuncia a regra fundamental da Política: a troca, o compartilhar, a sociabilidade, a compaixão. Assim, se o folhetim é a própria paixão, ele tem o dom de despertar a compaixão. E a compaixão, assinala Claudine Haroche, é uma noção fundamental da civilidade e sua aprendizagem, “um fundamento essencial da educação moral do cidadão”.<sup>932</sup>

O folhetim deve ser visto, então, como um daqueles Manuais de Civilidade que visam formar o cidadão. O que é a luta entre o **bem** e o **mal** dos folhetins, senão a vitória dos bons sentimentos e da compaixão sobre o mal, a cobiça e a avareza? O folhetim é, também, uma forma de aprendizagem que faz parte da educação moral do cidadão. E se o sentimento que ele evoca é a compaixão tanto na sua dimensão pública (a aprendizagem das virtudes sociais) quanto na sua dimensão privada (o amor ao próximo como irmão, como semelhante, como igual) não é de espantar que ele tenha feito tanto sucesso na América Latina, no Brasil, no Rio de Janeiro em especial, cidade escravista e senhorial, tão carente da fraternidade pública quanto da compaixão privada.

E se foi fulgurante e rápida, no dizer de Marlyse Meyer, a penetração do folhetim francês no Brasil — 1840/1850 — é porque esse romance “dos gritos da miséria humana”, “romance dos dramas da vida”, “romance dos crimes de amor”, “romance da vítima”, “romance da pobre heroína vitimada”,<sup>933</sup> provavelmente refletia a grande carência nacional de **Política**. Não a

<sup>930</sup> Citado por Meyer, Marlyse. “Um Fenômeno Poliédrico: o Romance-Folhetim Francês do Século XIX”, in *Vária História*. Revista do Depto. de História. Belo Horizonte, MG, FAFICH/UFGM, nov./1998, nº 19, p. 46.

<sup>931</sup> Citado por *id. loc. cit.*

<sup>932</sup> Para uma análise de uma história política da compaixão, ver: Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998, capítulo 9: “A Compaixão como Amor social e Político do Outro no Século XVIII”.

<sup>933</sup> Meyer, Marlyse. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996, p. 242.

política dos deputados e senadores do Império, muito menos a política oficial e burocratizada, mas a Política como forma de compaixão, isto é, do equilíbrio entre o amor de si e a sensibilidade por outrem.<sup>934</sup>

Não se pode esquecer, alerta Meyer, que “a retórica e os chavões desse folhetim se alimentam muito do discurso médico da época (que prega uma nova sociabilidade), dos processos criminais e da notícia jornalística, de que o *fait divers* é o exemplo mais notório[...]”<sup>935</sup> Se alimenta, sobretudo, da vida da cidade, do burburinho das ruas, da mundaneidade própria aos grandes centros, da sociabilidade característica dos encontros e desencontros urbanos. Por tudo isso é que podemos dizer que o folhetim é a irrupção da política na cidade. Em outros termos, a cidade é o fundamento das novas formas de sociabilidade que apontam para o egoísmo ou para a sensibilidade em relação ao outro.<sup>936</sup>

Não espanta, pois, como já dissemos, que tão rapidamente o folhetim tenha chegado ao país, precisamente em 1838, com a obra *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas. De 1839 a 1842, segundo Meyer, os folhetins-romance são praticamente diários no *Jornal do Comércio*. Em setembro de 1844, *Os Mistérios de Paris* começam a aparecer no jornal e logo depois, sob a forma de livro, menos de um ano depois de Eugène Sue dar por encerrada sua grande trama sobre as desgraças da classe trabalhadora em Paris.

Depois desse aparecimento do **folhetim dos folhetins**, ele não parou mais de ser reproduzido (ao longo de todo o século e pelo século seguinte) e imitado. Em 1847, foram *Os Mistérios do Brasil*; em 1851, *A Família Morel* (adaptação de *Os Mistérios de Paris*); em 1852, *Mistérios del Plata*; em 1861, *Os Mistérios da Roça*; em 1876, *Os Mistérios do Recife*; em 1882, *Os Mistérios da Tijuca*; e, em 1922, *Os Mistérios do Rio*.<sup>937</sup>

O fenômeno do romance-folhetim se estende a todos os jornais da corte: “mistérios, misérias, etc., se multiplicam sem que tenham o sal, o apelo, a tarimba dos modelões franceses, ainda que possam, ocasionalmente, reproduzir algumas de suas características”.<sup>938</sup>

O simples fato da sua importação, tradução e imitação revela a sua importância como fenômeno literário e social, e demonstra a sua capacidade de adaptação em solo brasileiro. Deitando raízes

---

<sup>934</sup> Ver: Haroche, Claudine e sua fascinante interpretação da compaixão como amor social e político. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d, capítulo 9, p. 143.

<sup>935</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>936</sup> *Id. ibid.*, p. 155.

<sup>937</sup> *Id. ibid.*, pp. 285, 299, 300, 304, 306, 310.

<sup>938</sup> *Id. ibid.*, p. 304.



que arrebatariam em frutos, o folhetim, junto com o romance, a crônica, o teatro, a charge e a imprensa (*fait divers*), terá papel crucial na fermentação de um imaginário urbano e, mesmo, no esculpir a imagem da cidade, instituindo a base para uma leitura moral do mundo. Fazia-se crucial tal leitura moral do mundo, num meio urbano como a Cidade do Rio de Janeiro, aonde o inesperado das paixões humanas, próprios de uma sociabilidade complexa e em expansão, ameaçava com explodir os padrões vigentes de moralidade.

Os médicos higienistas já vinham alertando, desde o começo do século XIX, para os “desconfortos” que a vida nas grandes capitais produzia à saúde e à moral dos habitantes. Comparando a vida no campo e na cidade, o Dr. João Duarte Dias apresentou, em 1844, tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde concluía que:

“[...] Há, além disso, nas capitais o luxo de que já falamos[...] que, decerto, é um poderoso concorrente para a destruição da saúde; há a prostituição, há muitas fontes de males[...] Contudo, naquelas cidades, aonde uma polícia ativa estuda e emprega todos os meios para fazer desaparecer essas causas produtoras de tão cruéis efeitos, naquelas cidades em que os governos buscam preservar a saúde dos homens de tantos insultos que se lhe ousa cometer, ora observando estritamente os preceitos de uma boa higiene, ora castigando os negociantes da existência humana; naquelas cidades, enfim, em que se progride sob a influência da civilização, em que se dá o verdadeiro patriotismo, nelas se vive vida prolongada, nelas se sofre menos, nelas se morre em menor número[...]

[...]estabelecendo este resultado nas vilas e nos lugares afastados, aonde a civilização tem acrescentado tantos meios de fruição às delícias campestres como o ar livre e embalsamado pelo cheiro das flores, se goza mais saúde, encontrar-se-ão longevos, e morre menos gente; nas cidades que não são capitais nas circunstâncias em que acabamos[...] de considerá-las há o mesmo bem-estar, talvez em menor escala[...] por fim, nas grandes capitais, aonde, além do luxo, da prostituição e de outros elementos deletérios, a sobriedade é esquecida, aonde tudo parece existir por uma espécie de delírio, verdadeiro **excesso de civilização**[...] aonde os bailes, os espetáculos e outros tantos divertimentos forçados e esmagadores criam organizações fracas, corpos sem forças, sistemas extremamente irritáveis; nessas cidades as mortes são mais numerosas, há menos longevos, enfim, os **males** são em maior conta, e quase mais rebeldes”.<sup>939</sup>

Não só os excessos da civilização na cidade produziam males, mas a mistura a que a cidade estava sujeita era uma séria ameaça de “desordem”. Tal é a percepção do Dr. Manoel Moraes e Valle ao analisar que:

“[O] Rio de Janeiro, cidade vasta e populosa[...] aonde o polido do cortesão se acha mesclado à grosseira familiaridade africana, aonde o encontro dos costumes americanos, africanos e europeus que se chocam e se repelem, constitui um todo informe[...].”<sup>940</sup>

<sup>939</sup> Dias, João Duarte. *Higiene Relativa às Diversas Condições Sociais*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Universal Laemmert, 1844. (Grifos meus).

<sup>940</sup> Moraes e Valle, Manoel M. *Algumas Considerações sobre a Mendicidade no Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. do Ostensor Brasileiro, 1846.

Outro médico, o Dr. Francisco Macedo, viu na prostituição a principal afronta à constituição de uma moralidade pública:

“Para a Cidade do Rio de Janeiro, depois da chegada e volta de D. João VI a Portugal, principiaram com mais intensidade a afluir mulheres e homens, de países diversos, de vida mais licenciosa e, por consequência, a ensaiarem o sistema de prostituição que no Velho Mundo usavam[...] e, destarte, o círculo das cantoneiras foi tomando mais amplas dimensões.

[...] Nesse tempo (1845) a escravatura era a grande incrementadora da prostituição clandestina.

Achavam-se neste estado as coisas quando novos meios vieram dar poderoso impulso à prostituição: quero falar dos bailes e dos teatros semilicenciosos.

Debaixo do título Hotel Pharoux, instalou-se uma vasta casa de bebidas, de jogos, de dança e, também, receptáculo de rameiras e de quanto bagaxa e mariola havia nesta cidade. Esta casa levou sua influência maléfica, entre 1848 e 1856. Pouco depois de sua inauguração, acompanhou-a nos seus desejos e intenções o proprietário de uns afamados ‘Bailes do Rachado’[...] casa aonde, a par da crápula, andava o jogo por altas paradas. Em 1857, veio substituir o Pharoux o ‘Chico Caroco’, casa de bailes populares e bebidas no Largo de São Domingos. Da Travessa da Barreira ao Catumbi, aonde fundaram, vieram os ‘Bailes do Ângelo’ dar novo combustível à devoradora prostituição. Ai se apresentou, em 1859, o celeberrimo ‘Salão do Caçador’, que dava bailes populares e cujos freqüentadores se compunham da mais ínfima espécie de rameiras e devassos; tinham, também, ‘botequim’: era botequim, era alcouce, era casa de jogo, era, enfim, lugar das mais terríveis desordens[...] Os bailes populares do ‘Salão do Oriente’, à Rua do Teatro, receptáculo de jogadores e capoeiras, de devassos, tanto afrontaram a moralidade pública, em 1861, que obrigaram ao Exmo. Chefe de Polícia a proibi-los, mas continuaram, contudo, os mesmos bailes sob a denominação de ‘sociedade’[...] ai afluíam aos bailes chamados do Morro do Livramento, aonde os desacatos e as ignomínias eram tão horrorosos quão freqüentes. Por essas mesmas épocas, os jogos, os bailes da ‘Fábrica de Cerveja de Mata-Cavalos’ eram de quando em vez intoleráveis, porque posto que bom número de seus freqüentadores (especialmente alemães) fossem morigerados e honestos, outros eram libertinos legítimos[...] Os luxuosos bailes do ‘Hotel Guinard’, na Praia de Botafogo, em 1859, que deram impulso à prostituição clandestina e esmigalharam grandes fortunas. Os jogos e bailes do Morro de Sta. Teresa[...] casa que, em 1862, era o receptáculo noturno de vadios e prostitutas da mais ínfima classe[...]

Os hotéis, as hospedarias, os alcouces, embora que não muito antigos, borbulham hoje em todas as praças e ruas: são casas em que estão hospedadas, assalariadas ou agregadas cantoneiras[...] seu número é tão alto que seria impossível atingi-los.

Os teatros, especialmente excitadores da lascívia, buscam a sua instalação no Rio de Janeiro não muito longe da época em que escrevo (1872): foi, primeiro, um ‘Café Cantant’ à Rua da Vala que, pouco depois, se abateu para dar nascimento a outro mais florescente e venenoso — o ‘Alcazar’, de eterna memória! Este brilhou e devastou a moral da sociedade, máxime pelos anos de 1862 a 1870[...]

Finalmente, as sociedades de dança multiplicadas e freqüentadas pelas famílias pobres e rapazes de cálculos e desejos degradantes, as festas e os bailes carnavalescos anuais servem de complemento aos abusos luxuosos dos habitantes do Rio de Janeiro[...]<sup>941</sup>

A perda dos “imperativos morais e comunitários” não era só percebida pelos médicos. Como já

<sup>941</sup> Macedo, Francisco F. de. *Da Prostituição em Geral*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Acadêmica, 1872.

assinalei, parece ser que o sucesso dos folhetins importados, e depois aqui produzidos, deveu-se basicamente a que esses romances em fatias primavam por revelar em suas páginas como as paixões podiam levar à falência o conjunto dos valores morais, e através de quais comportamentos poderiam esses valores ser resgatados. Mas, se o folhetim trescala à lição de moral é porque o romance moderno mal consegue disfarçar seu papel pedagógico-moral, \* ou melhor, sua intenção de mudar o comportamento moral do leitor.<sup>942</sup>

Assemelhado aos livros de moral (Manuais de Civilidade) que pretendem influir no comportamento do leitor, o romance, no entanto, é muito mais eficaz nessa função, na medida em que, diferentemente dos livros de moral, cuja natureza é estática, a natureza dos romances é dinâmica, isto é, nos romances se imprime ação aos conteúdos morais. De acordo com Valéria Augusti, na opinião de Diderot, “tal gênero ficcional envolve o leitor e faz com que ele se identifique com os personagens virtuosos, em detrimento dos injustos e viciosos. Esse princípio de identificação, garantido pela possibilidade de reconhecimento na vida real de pessoas semelhantes aos personagens, parece ser, para o Diderot leitor, um dos fundamentos da eficácia moral do romance”.<sup>943</sup>

Servindo como um verdadeiro guia de conduta, o romance se apresenta basicamente como uma reflexão sobre as paixões, na medida em que, embora afetado por elas, os homens nem sempre são capazes, segundo Diderot, de reconhecê-las. A função primeira do romance seria, portanto, de revelar ao leitor as paixões que movem os homens.<sup>944</sup>

A eficácia do romance em mudar os comportamentos do leitor, fazendo com que ele crie aversão pelo vício e amor à virtude, nem por isso tiram a importância dos Manuais de Civilidade, que são outra forma de tratar o tema das paixões e, portanto, a conduta dos indivíduos. Esses manuais, juntamente com os tratados de moral, funcionaram como uma espécie de literatura prescritiva que, também, visava transmitir valores e padrões de conduta, e que tinham como referência os hábitos e valores das nações tidas, então, como civilizadas.

Atesta a importância dessa forma de literatura a arribada em nossas paragens, ao longo do século XIX, de um bom número desses livros, traduzidos para o português, escritos em português ou

---

\* A idéia da função didática moralizadora e ética do romance foi desenvolvida por Stella Bresciani no artigo “Le Pouvoir de la Imagination: du For Intérieur aux Mœurs Publiques. Germaine de Staël et les Fictions Littéraires”, in Haroche, Claudine (org.). *Le For Intérieur*. Éd. PUF. Paris, 1985.

<sup>942</sup> Ver. Augusti, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998.

<sup>943</sup> *Id. ibid.*, p. 64.

<sup>944</sup> *Id. ibid.*, p. 65.

importado na língua original.

Valéria Augusti compulsou um bom número deles, do qual damos notícia a seguir:

*Método de Ser Feliz ou Catecismo Moral* (1787); *Suplemento à Constituição Moral, Contendo a Exposição das Principais Virtudes e Paixões...* (1825); *Moral Filosófica* (1828); *Lições de Instrução Elementar* (1832); *Máximas de Conduta para Senhoras Brasileiras* (1835); *Máximas Políticas, Morais e Econômicas para Uso dos Meninos nas Escolas do Império* (1836); *Pensamentos Morais Extraídos da Economia da Vida Humana* (1836); *Lições de Boa Moral de Virtude e Urbanidade* (1848); *A Moral é a Base da Verdadeira Civilização* (1861); *Compêndio de Urbanidade e Boas Maneiras* (1873); etc.

Só pelos títulos das obras já podemos inferir que se trata de uma literatura que faz com que o leitor se interrogue sobre seu comportamento no trato com o mundo. Professando “a crença na necessidade de formar, moralmente, o indivíduo desde a mais tenra infância”,<sup>945</sup> essa literatura prescritiva, juntamente com o romance e o folhetim, há de servir como guia a orientar para os perigos dos descaminhos que a vida vivida numa cidade “vasta, populosa e mesclada”, oferecia.

---

<sup>945</sup> Augusti, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998, p. 11.

### 6.3 - O Mel e o Fel da Cidade

Os discursos românticos, argumenta Valéria Augusti:

“[...]manifestavam abertamente a crença de que à literatura cabia um papel no processo de constituição e civilização da Nação[...] À literatura e ao literato cabiam proclamar a liberdade e o progresso e voltar-se para os costumes e crenças nacionais. O discurso dos românticos acerca desse projeto tinha uma dupla orientação, pois ao mesmo tempo em que postulava a necessidade de falar das coisas nacionais, pretendia ‘civilizar’ essa Nação considerada rude e atrasada[...] O romance tinha, portanto, uma dupla tarefa: apresentar uma Nação e um povo particulares e representar ao mesmo tempo uma sociedade ‘civilizada’”.<sup>946</sup>

Mas, se nos primeiros vagidos do Romantismo a idéia de Nação, de singularidade e de identidade própria, remetia para uma **paisagem-natureza brasileira**, a idéia de sociedade civilizada apontava o seu vetor para a **cidade**. Era na cidade e pela cidade que o brasileiro “rude” se civilizaria.

Conforme o escritor e crítico J. M. Pereira da Silva, em seus *Estudos sobre Literatura*, publicado em 1836:

“A literatura é sempre expressão de civilização, ambas caminham em paralelo: a civilização consistindo no desenvolvimento da sociedade \* e do indivíduo, fatos necessariamente unidos e reproduzindo-se ao mesmo tempo. Quanto mais se espalha o gosto e a independência da literatura em uma nação tanto mais ela floresce e medra. Verdade da experiência é que a cultura do espírito influi muito sobre nossas qualidades, e que a prática das **virtudes morais** necessárias às sociedades mais ou menos resistência encontra em um povo, segundo o grau de sua ilustração”.<sup>947</sup>

Assim como o romance nacionalista servia ao estabelecimento de uma Nação civilizada, o romance romântico (romance de costumes urbano) serviu à moralização do povo. Era próprio da **convenção** do romance, nesse momento, servir à moralização do público leitor. A função moralizadora, argumenta Valéria Augusti, “deveria ser, em grande medida, um objetivo

---

<sup>946</sup> Augusti, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998, p. 179, 180.

\* Apesar de não mencionar a idéia de cidade, entendo a referência de Pereira da Silva à **sociedade** como indicativa da cidade, na medida em que esse “social” só é possível onde existe a **comunicação**: uma predisposição para o gozo do **comum** e o desejo do **laço social**. Nesse sentido, a cidade, na visão de uma autora como Anne Cauquelin, é o lugar próprio de realização do social. Esse social deve ser entendido como *lien philique*, isto é, o vínculo pela *philia*, ou melhor, o vínculo pela **amizade**, que aqui tem muito mais um sentido público-político do que particular-amoroso. A *philia*, o vínculo social, o desejo por esse vínculo e a consciência de pertencimento a um **lugar** (a cidade), aonde esses vínculos frutificam, é a condição primeira da sociedade. Ver: Cauquelin, Anne. *Essai de Philosophie Urbaine*. Paris, PUF, 1982, pp. 180.181.

<sup>947</sup> Citado por Augusti, Valéria. *Op. cit.*, p. 179. (Grifo meu).

perseguido pelo autor”.<sup>948</sup> Assim, o romance se torna “a moral em ação” e se qualifica como um dos lugares aonde a escolha entre o **vício** e a **virtude** é tematizada. É no romance que o “embate entre diferentes concepções sobre o que seria mais adequado ou desejável para a ‘sociedade’, em termos de valores e padrões de conduta, se dá”.<sup>949</sup>

Sugando o mel e o fel da vida citadina — sua moral social — o romance leva a que uma história da cidade se projete na literatura ao mesmo tempo que uma história da literatura se projeta na cidade.<sup>950</sup> Literatura, romance, moral social e vida urbana passam a fazer parte de uma dinâmica que reflete, com muita intensidade, o *lien philique* de uma época.

De acordo com alguns autores, se o romance faz eco aos valores que regem a sociedade, certamente que toda dinâmica decorrente da experiência urbana estará impressa no romance. Mas, se a cidade fornece ao romance as experiências de que ele carece para se tornar literatura, é verdade, também, que o romance aporta à cidade novos códigos éticos, novas referências morais. Tal é o caso daquele considerado o nosso primeiro romancista urbano, Joaquim Manuel de Macedo, que é tido como o “verdadeiro cronista da vida social do II Reinado”.<sup>951</sup>

Introdutor da nova estética romântica no Brasil, Macedo o faz pelo viés de uma nova ética, “extremamente zelosa dos **valores morais** da jovem sociedade que deve emergir”.<sup>952</sup> Em Macedo, o choque de valores morais ligados a diferentes éticas que remetem para diferentes sistemas sociais, vai dar a tônica dos dramas vividos pelos seus personagens que deverão sempre optar pela virtude ou pelo vício.

A publicização em seus romances de uma “ética social idealista, para que esta se opusesse à desagregação moral de uma sociedade em mutação e servisse como exemplo de comportamento”<sup>953</sup> faz de Macedo, por mais que ele amasse e louvasse o interior, um romancista da sociabilidade urbana. Embora seu primeiro romance *A Moreninha*, de 1844, se passe na Ilha de Paquetá e não na corte, o que ali acontece em termos de experiência social pertence eminentemente às práticas reconhecidas como próprias da dinâmica urbana, o que só serve para ressaltar a dicção citadina desta obra.

---

<sup>948</sup> Augusti, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998, p. 115.

<sup>949</sup> *Id. ibid.*, p. 92.

<sup>950</sup> Cândido, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. SP, Ed. Nacional, 5ª ed., 1976, p. 167.

<sup>951</sup> Serra, Tania Rebelo Costa. *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994, p. 27.

<sup>952</sup> *Id. ibid.*, p. 30. (Grifo meu).

<sup>953</sup> *Id. ibid.*, p. 34.

Como já assinalamos em outra oportunidade, em artigo escrito para a *Revista Guanabara*, de 1851, sobre “Costumes Campestres no Brasil”, Macedo só faz ressaltar (apesar de que, com desagrado) a importância da cidade como uma “babel de costumes”, matéria-prima de seus dramas urbanos. Segundo Macedo, a Cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, era:

“[...]ponto de reunião de cem diplomatas representantes de governos que se dizem amigos, centro para aonde convergem milhares e milhares de estrangeiros que falam vinte línguas diversas, que trazem consigo os usos, as virtudes, os vícios, a religião[...] as marcas distintas de seus países, a capital de um Estado reúne e mistura todos esses usos, virtudes e vícios, enxerta nos pátrios hábitos todas essas importações morais, e torna-se, pois, num vaso brilhante, onde se ostentam confundidas, umas com outras flores indígenas, em um tecido iriante e acatasolado ou, finalmente, em uma verdadeira babel de costumes”.<sup>954</sup>

Na obra de Joaquim Manuel de Macedo, o Rio de Janeiro aparece como uma cidade pervertida moralmente. E é no vazio ético<sup>955</sup> da carência de valores, ou caso se queira, da substituição dos valores de uma sociedade senhorial pelos valores de uma sociedade que adotava o individualismo como princípio de comportamento, que entra sua prosa moralizante, apontando para uma saída societária, onde os laços de sociabilidade se reatam, novamente, na tentativa de impedir a desagregação daquela coletividade.

Não é por acaso que o grande mestre de Macedo foi Eugène Sue, de *Os Mistérios de Paris*, mestre na técnica narrativa mas, principalmente, na ideologia. “O Macedo ‘das mocinhas’, da evasão crítica e da identificação com o público da primeira fase do escritor, vai se transformar no Macedo ‘dos adultos’, substituindo a evasão por uma crítica social contundente”.<sup>956</sup>

Se, no romance *A Moreninha*, o narrador funciona como uma espécie de instrumento pedagógico, indicando ao leitor os comportamentos indesejáveis, próprios dos Manuais de Conduta,<sup>957</sup> no *A Luneta Mágica* o narrador se apresenta muito mais exigente, cobrando dos leitores a superação da “miopia moral”. Macedo cobra uma postura ética, uma escolha moral que há de se fundar na formação de uma opinião pública e/ou particular. Só escorado numa definição ética o indivíduo poderia viver em sociedade e na cidade, pois a cidade é:

“Volúvel e caprichosa[...]! O seu juízo se modifica, e até muda completamente com o volver de alguns dias, e o objeto das maldições pouco a pouco se torna objeto de simpatias. Estudai a capital, a nossa é,

<sup>954</sup> Citado por Serra, Tania Rebelo Costa. *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994, p. 287. (Grifos meus).

<sup>955</sup> *Id. ibid.*, p. 70.

<sup>956</sup> *Id. ibid.*, p. 134.

<sup>957</sup> Ver: Augusti, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998, p. 163.

provavelmente, como todas as outras de iguais ou maiores proporções: os seus habitantes vivem sujeitos ao contágio moral dos sentimentos; uma opinião entra em moda, poucos a examinam e discutem, a novidade a recomenda, o contágio moral a espalha, mais tarde a reflexão começa a patentear-lhe as falhas, o espírito ressentido reage, a reação propaga-se por novo contágio, e se pronuncia fulminando-a e, então, nem distingue o que ela pode ter de exatidão e de verdade entre os erros, aliás, a princípio aplaudidos como acertos”.<sup>958</sup>

O romance é para Macedo, portanto, o guia de conduta que vai servir a uma classe urbana, desprovida de um sentido de comunidade que se perdia na cidade grande e que, por isso, se tornava “incapaz” de encontrar um Norte ético a partir do qual pudesse se situar diante das formas de sociabilidade que a cidade obrigava.

Se, em Joaquim Manuel de Macedo (1869), a questão da “urbanidade” passa pela formação de uma **opinião pública**, em Artur Azevedo (década de 1880) a reflexão sobre uma ética urbana tem a ver com a constituição do **espaço público**. Era enfocando o espaço urbano da cidade, seja como capital do Império ou da República, que Artur Azevedo, nas suas *Revistas de Ano*, “oferecia uma solução ficcional para a perda de referências do habitante desta cidade em transformação[...]”<sup>959</sup>

Focalizando a perplexidade do morador da cidade pela perda dos referenciais que o guiavam, seja pelos caminhos da cidade, seja pelas estreitas sendas da moralidade, Artur Azevedo coloca em cena espécies de mapas teatrais,<sup>960</sup> capazes de “orientar” os moradores em sua trajetória/postura no espaço público. É assim que um novo gênero de teatro — o **teatro de revista** — se desenvolve no Brasil, *pari passu* com a elaboração de uma “miragem da capital”,<sup>961</sup> representação da cidade a partir da qual se tematiza o espaço público.

O espaço público, o lugar aonde a história se espacializava, torna-se nas *Revistas* de Artur Azevedo ao mesmo tempo cenário e protagonista dos espetáculos teatrais.<sup>962</sup> É dessa forma que na revista *Mercúrio*, de 1887, o Rio de Janeiro aparece como personagem. Personagem de um cenário que começa a se transformar e a colocar em questão, frente a uma nova moral de trapaceiras e espertezas, uma certa “inocência” que ainda fazia parte do *ethos* da cidade.<sup>963</sup>

É isso que se capta nos versinhos de *O Bilontra*, revista do ano de 1885:

<sup>958</sup> Macedo, Joaquim Manuel de. *A Luneta Mágica*. SP, Ed. Ática, 1995, 8ª ed., p. 89.

<sup>959</sup> Sussekund, Flora. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 17.

<sup>960</sup> *Id. ibid.*, p. 8.

<sup>961</sup> *Id. ibid.*, p. 15.

<sup>962</sup> *Id. ibid.*, p. 17.

<sup>963</sup> *Id. ibid.*, p. 33.



“[...] Adeus, bom tempo do chanfallo  
Do belo apito a tiracolo!  
Adeus, ó tempo do trabalho  
À luz do gás e à luz do Sol!  
Tudo para nós já se acabou  
A nossa estrela se apagou!  
Sem mais contemplação  
Veio a dissolução! [...]”

Num espaço urbano marcado pelas transformações, sobretudo a partir da década de 1880, o sujeito que não tivesse incorporado o novo ritmo que impregnava a cidade, via-se desnortado. Conforme Flora Sussekind, “demolições, construções novas, ruas mais amplas, cafés em maior número, mais gente circulando, modas cada vez menos duradouras”,<sup>964</sup> tornavam a capital ininteligível para aqueles que a conheceram ainda como uma cidade tipicamente colonial.

As *Revistas* de Artur Azevedo estão cheias de personagens “inocentes” que se perdem na cidade, literalmente e metaforicamente, revelando sua **inadaptação** à nova realidade, onde as transformações físicas e o tempo se aceleram.

A cidade é imaginada, então, por um personagem de Artur Azevedo que, ao chegar ao Rio de Janeiro, vindo do interior, se perde de sua sobrinha e de seu compadre como um **alcapão**, uma espécie de sorvedouro, de vórtice que traga todo aquele “inocente” que ainda a vê com os olhos de uma cidade familiar ou com as referências da vida rural. Esse personagem em busca da sobrinha e do compadre, de acordo com Sussekind, “não poderia, mesmo, encontrar coisa alguma na capital enquanto suas coordenadas fosse as da vida rural. Seu tempo nada tem a ver com o ritmo acelerado de uma grande cidade. Sua crença na estabilidade, na permanência de edifícios, na imutabilidade das moradias e comportamentos, não tem mais lugar em meio à modernização urbana”.<sup>965</sup>

Nas *Revistas*, a estabilidade e permanência do campo são opostas à fluidez e mutabilidade da cidade que se moderniza, o que faz com que a **capital** apareça como a grande protagonista das ações.<sup>966</sup> A cidade é o novo lugar da história e a idéia de capitalidade passa a ser a nova referência dos padrões de **urbanidade**.

Mais o Rio de Janeiro vai assumindo sua “capitalidade”, mais os costumes se reformam, deixando perplexos os moradores pela perda dos referenciais sobre os quais se pautava o seu

<sup>964</sup> Sussekind, Flora. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 37.

<sup>965</sup> *Id. ibid.*, p. 39.

<sup>966</sup> *Id. loc. cit.* (Grifo meu).

comportamento. Essa renovação do tecido urbano e dos costumes colocou sérios problemas para os moradores do Rio, pois não se tratava somente de uma questão estética — a reforma urbana — mas, principalmente, de uma nova maneira de estar na cidade. Tratava-se, portanto, de uma **adesão** aos novos valores urbanos que remetia para um modo burguês de ser, pautado pela individualidade e pelo individualismo que iam deixando para trás uma cidade que ainda tinha muito de familiar e aonde, todavia, se tecia um emaranhado de fios que sustentavam múltiplas redes de solidariedade popular, e que apontavam mais para os vínculos de solidariedade do que para “salve-se quem puder” dos interesses privados.

A questão da adesão/rejeição da cidade reformada e da incorporação de novos valores sociais é mostrada por Artur Azevedo na sua revista *Guanabarina*, de 1906, onde o **progresso** (o futuro) entra em luta com o **Carrancismo** (o passado). Assim, a revista se inicia com uma visita do Carrancismo a Satanás, onde lhe faz um pedido:

“Quero que envie àquela infeliz cidade um mau gênio que se oponha a todos esses propósitos de melhoramentos[...] que corte as asas a todas essas fantasias audaciosas[...] que faça com que o Rio de Janeiro continue a ser a cidade das ruas sem Sol, a capital da febre amarela e da tuberculose. Aquilo está perdido, os costumes reformam-se, começa a haver sociabilidade[...] sociabilidade, calcula! [...]sociabilidade no Rio de Janeiro! [...]”<sup>967</sup>

O que Azevedo entende por **sociabilidade** não fica muito claro, mas o importante é que ele relaciona a sociabilidade com a reforma dos costumes, o que nos leva a pensar nas duas novas dimensões da cidade: o **espaço público** e a **opinião pública**. Ora, essas duas dimensões dão fundamento à idéia de capitalidade e fazem da cidade o lugar não só da história como, também, da política. Logo, estamos a falar de formas de sociabilidade que se fundam na lei e que têm como pressuposto o sujeito de direito; logo, remetem para a igualdade de condições entre os cidadãos.

Até aí nenhuma novidade, pois o império da lei remete aos idos de 1824, quando da primeira Constituição. O que é novo aí é o papel que a cidade tem como “*imago*” da Nação e, por isso mesmo, lugar de acolhimento das representações do pacto social. Nesse sentido, a cidade se transforma no verdadeiro objeto de elaboração de um pacto urbano. Assim, as formas de sociabilidade passarão a ter como referência a cidade/capital que, por ser o “*imago*” da Nação, é o *locus* para aonde converge o imaginário sobre os destinos do país, o futuro, o progresso, a civilidade e o cosmopolitismo. A cidade é percebida, então, não só como o lugar do processo civilizatório, mas como componente fundamental desse processo.

---

<sup>967</sup> Citado por Sussekind, Flora. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 270. (Grifo meu).

A capital do país é investida da qualidade de centro da vida política, econômica e cultural e, principalmente, da qualidade de mito que orienta a *praxis* da população na definição de uma identidade que funcione como sinalizadora de sua urbanidade. É por isso que, segundo Flora Sussekind, durante os trinta anos em que as *Revistas* estiveram presentes no cenário cultural carioca, elas historiaram “a passagem dos ‘estreitos limites’ de uma ruela (Rua do Ouvidor) para as ‘amplas perspectivas’ de uma avenida (Avenida Central)”.<sup>968</sup> É como se a passagem da ruela para a avenida pudesse realizar a “utopia da capital”,<sup>969</sup> utopia de uma cidade ideal que deveria orientar seus moradores a optarem por uma urbanidade adequada a seus status de habitantes da capital do país.

Enquanto faltarem coordenadas fixas que orientem “geográfica” e moralmente a população para as experiências da vida urbana, as *Revistas* se mostrarão necessárias, quando a utopia da capital for substituída pelas **certezas** dos “especialistas” da cidade — os proto-urbanistas — as *Revistas* definharão e conhecerão um melancólico fim.<sup>970</sup>

Quanto mais o Rio de Janeiro vai assumindo sua “capitalidade”, mais a utopia da revista como “mediadora e representante ‘ideal’ da **opinião pública** \* vai se dissolvendo”.<sup>971</sup> Mais a cidade se urbaniza e moderniza, mais a “utopia de uma capital moderna, construída em detalhes nas *Revistas de Ano*, de Artur Azevedo, sofre repentina troca de rumos”.<sup>972</sup> É o que se presencia na comédia de costumes *A Capital Federal*,\*\* de Artur Azevedo, de 1896, onde, já pelo título, se percebe a importância que a capital tem para o enredo. Versando sobre as desventuras de uma família de interioranos na capital (como já vimos no Capítulo IV) a peça de Azevedo coloca em cena o contraste entre dois universos, o urbano e o rural; logo, duas percepções de mundo, a *naïve* e a *smart*. É a partir do jogo de expropriação, que as formas de socialização urbanas exercem sobre as outras formas, que Artur Azevedo coloca em cena sua “desilusão” com a utopia da capital, tanto que ele encerra a comédia vaticinando que “é na roça, é no campo, é no sertão, é na lavoura que está a vida e o progresso da nossa querida Pátria”.<sup>973</sup>

---

<sup>968</sup> Sussekind, Flora. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Nova Fronteira/FCRB, 1986, p. 134.

<sup>969</sup> *Id. ibid.*, p. 19.

<sup>970</sup> *Id. ibid.*, pp. 135, 167. (Grifo meu).

\* Segundo Flora Sussekind, a **opinião pública** era personagem muito cara às revistas e estava sempre presente nas encenações, marcando a presença crítica do povo em todas as tramas que se armavam contra a cidade.

<sup>971</sup> *Id. ibid.*, p. 164. (Grifo meu).

<sup>972</sup> *Id. ibid.*, p. 166.

\*\* *A Capital Federal* é uma comédia que já estava esboçada na revista *O Tribofe*, de 1890. Reformulando-a e ampliando-a, Artur Azevedo deu-a à luz em 1896.

<sup>973</sup> Azevedo, Artur. *A Capital Federal*. RJ, Ed. Letras e Artes, 1965, p. 185.

Embora agora cauteloso quanto à utopia de uma cidade modernizada que fosse o emblema da civilização cosmopolita, Azevedo não abre mão de sua Capital Federal e, por mais que a vida do campo possa atrair, ele continuará ao longo de toda sua vida a ter o Rio de Janeiro como sujeito/objeto de sua obra.

A capitalidade do Rio de Janeiro ensejou uma outra obra, aparecida depois de *O Tribofe* e escrita por Coelho Neto em 1893, e que teria por título nada menos que *A Capital Federal (Impressões de um Sertanejo)*. Trata-se de personagem (Anselmo) que vem do interior de Minas ávido por conhecer a capital e que chega ao Rio à procura de civilização. É assim que, ao chegar à capital, Anselmo pensa na sua vila como “pobre terra de bárbaros, alumiada ainda pelas estrelas de Deus e pelas candeias de colza que a Intendência manda pendurar em postes para que as estradas tranqüilas não fiquem de todo abandonadas à treva, propícia aos duendes e aos ladrões de galinha”.<sup>974</sup>

Comparando a profusão de luzes e o movimento da noite carioca com a calmaria da noite no interior, Anselmo argumenta que na sua cidade à noite, “velam apenas o caboré piando no tronco seco[...] e as feras bravas que descem para velar[...]”<sup>975</sup> Hospedando-se na casa de um tio rico e cercado de muitos luxos, Anselmo conclui que o Rio de Janeiro é que é terra, lugar bom para se morar e faz planos para conquistar a cidade. Imerso numa banheira de água quente, o personagem reflete sobre sua vida, seu passado e seu presente:

“De papo para o ar comecei a pensar na delícia da vida e achei mesquinha a casa paterna, taciturna e calada, entre árvores murmurantes, invadida pelas moscas e gafanhotos[...]

Pareceu-me triste e acanhada a existência que eu levava nesse vale melancólico sem agitação e sem conforto, ignorante de tudo, longe de imaginar que o mundo podia propiciar delícias de tal ordem — delícias[...] como aquele banheiro[...] aonde eu ia, enfim, lavar-me para entrar limpo e lépido na vida nova, buliciosa e surpreendente que eu sentia rumorejar ao longe, nessa grande cidade[...] Ia, enfim, ver o mundo.

Aquele banheiro que ali estava era a pia, aonde o mais novo, o mais esperançoso rebento dos Ribas ia[...] receber o batismo da civilização, deixando na água morna a poeira dos caminhos e a barbárie da sua alma ignorante e insaciada”.<sup>976</sup>

O banho de Anselmo é uma metáfora, o que ele faz, mesmo, é tomar um “banho de civilização”. Mas, uma vez no centro da cidade, perdido na Rua do Ouvidor, Anselmo começa a sentir os incômodos da cidade grande: “A multidão[...] a multidão[...] a promiscuidade terrível[...] todas as variadas escamas desse camaleão — o povo[...] tonteava-me[...]”<sup>977</sup> Passeando pelas ruas com o

<sup>974</sup> Coelho Neto, Henrique M. *A Capital Federal (Impressões de um Sertanejo)*. Porto, 4ª ed., 1915.

<sup>975</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>976</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>977</sup> *Id. loc. cit.*

tio e um advogado amigo de seu tio, Anselmo escuta o desabafo do advogado contra o excesso de civilização da cidade: “[...] não há mais nada, a civilização vai estabelecendo mecanismos para tudo e a filosofia abafa com uma análise o que era mistério[...] pondo a razão a patrulhar o sentimento[...] A civilização vai extinguindo tudo[...]”<sup>978</sup> Convidado a conhecer a noite carioca e os “mistérios” da cidade, Anselmo vive a forte experiência da embriaguez e do convívio com mulheres. No dia seguinte, constrangido com o que lhe acontecera exclama:

“Grande coisa a vida! Já não baixo à terra fria sem o supremo gozo de ter passado uma noite em sociedade. Como é divertido um baile[...] Oh! simplicidade do meu campo. Oh! cateretês da minha serra ingênua[...]! Oh! noites no rancho, à beira da estrada, com a luz do luar, o bom cheiro dos bogaris abertos e a cantinela do serrano ao som da viola, enquanto os curiangos contentes saltam piando na estrada lisa”.<sup>979</sup>

Rapidamente fartando-se da cidade, em apenas oito dias, Anselmo retorna a Minas. Aturdido com a experiência, já na casa paterna, começa a colocar em dúvida se teria, mesmo, ido à capital ou se tudo não passara de um sonho:

“Que trazia eu que me demonstrasse ter vivido nessa cidade de luxo e vício? [...] Já uma vez sonhei que era amante de Cleópatra[...] Sonho, puro sonho[...] Eu só não vivi: atravessei o Rio de Janeiro como uma sombra perdendo o fio do prazer quando já o tinha segurado, e vendo diferentemente de todos, através do meu tédio e do meu sonho.

Assim foi que achei a Rua do Ouvidor ínfima e acanhada, assim foi que abandonei o jogo no momento em que começava a acumular, assim foi que apenas provei o beijo de Jesuína e perdi a viúva. Todos os fatos experimentados sem remate, interrompidos no meio, justamente como nos sonhos. Seria embriaguez? [...] Não creio. Sonhei, foi um sonho decididamente[...]”<sup>980</sup>

Anselmo oscila entre a embriaguez e o sonho:

“Mas, lá fora há uma voz que indaga se cheguei do Rio. É Simão Carreira (o poeta)[...] Então não, não é sonho. Não há nada mais real que o poeta Simão, que pergunta se cheguei é porque sabe que eu parti. Então os sonhadores são os outros que me fizeram a descrição do Rio, sonhadores ou mentirosos, sonhadores, em suma, porque a mentira é um produto do sonho[...] E a vida é isto: sonho ou tédio. Antes sonhar”<sup>981</sup>

Coelho Neto fala de uma capital que é produto do sonho de sonhadores ou mentirosos, e por isso fala de um Rio de Janeiro que é a antítese da Nação (“que eu me deixasse de sonhos. Que me dedicasse à terra que é uma fonte perene de riqueza, porque nesse país a lavoura é que rende[...], isto é, ‘um país essencialmente agrícola”<sup>982</sup>). Logo, o sonho da feliz cidade, a utopia da Capital

<sup>978</sup> Coelho Neto, Henrique M. *A Capital Federal (Impressões de um Sertanejo)*. Porto, 4ª ed., 1915, pp. 140, 141.

<sup>979</sup> *Id. ibid.*, p. 312.

<sup>980</sup> *Id. ibid.*, pp. 320, 322.

<sup>981</sup> *Id. ibid.*, pp. 323, 324.

<sup>982</sup> *Id. ibid.*, p. 320.

Federal, parece ser, para o personagem de Coelho Neto, um simulacro.

Mas, se a Capital Federal é uma mentira, produto do sonho, ainda assim é preferível sonhar (“antes sonhar”) do que morrer de tédio (“e a vida é isto: sonho ou tédio”). Assim, depois que ao longo de todo o livro os personagens de Coelho Neto operam o dismantelamento da utopia da capital, vem o autor no derradeiro desfecho do livro, no último parágrafo, e sai-se com esta: “Antes sonhar”. Como a mandar às favas toda a desilusão de seu personagem quanto à Capital Federal, apesar de concluir que ela não passa de um sonho. A Capital Federal era uma mentira, “produto do sonho”, mas o autor não se vexa de embarcar nesse sonho (“Antes sonhar”).

Ninguém melhor do que Olavo Bilac exprimiu o desejo pela capital, a utopia da cidade modernizada. Afastando-se da tradição poética que exaltava a natureza<sup>983</sup> e a idealizava como índice de brasilidade, Bilac exaltou a nova capital que surgia dos escombros da cidade colonial, enaltecendo as novas formas de urbanidade como índice da civilidade do país. A natureza do país, e especialmente da cidade do Rio, só interessava ao poeta-cronista à distância.

Em crônica publicada em 1897, Bilac confessa que:

“Amo a vida civilizada encaixada na moldura rústica da natureza primitiva. Quero ver os troncos rugosos encontrando-se e torcendo-se, confundindo estreitamente no ar as copas altas, abrigando a algazarra dos ninhos e os amores dos pássaros; quero ver as catadupas de águas bravias, franjando-se de espumas nas cristas das rochas; quero ver despenhadeiros e alcantis, rios e capoeirões; mas, quero ver tudo isso sem incômodo, debruçado a uma janela, de dentro de uma sala em que haja poltronas, e livros, e tapetes, e copos de cristal[...].”<sup>984</sup>

Em Bilac, natureza só do lado de fora da janela e para se apreciar; do lado de dentro, para se viver de fato a sociabilidade, característica da cidade. O apego de Bilac ao Rio de Janeiro, principal personagem de sua crônica, nada tinha a ver com a natureza pujante e secularmente admirada da cidade. Bilac, quando olha o Rio, vê a obra do homem, não a natureza. E na obra do homem vê a cidade, e na cidade vê o espaço adequado à convivência humana.<sup>985</sup> Tudo o que o poeta quer é um lugar adequado, aonde possa se exercer o convívio. Bilac quer a cidade porque é lá que se pode viver a experiência da capitalidade que se projeta sobre a sociabilidade.

Mas, para que a experiência da capitalidade pudesse ser experimentada era preciso, antes que tudo, ter uma capital à altura das grandes capitais que, historicamente, serviam de referência à qualificação espacial do cosmopolitismo.

<sup>983</sup> Dimas, Antônio. *Bilac entre o Rio e Canudos*. Seminário — Gêneros de Fronteira: Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. SP, 1995, p. 4, xerox.

<sup>984</sup> Citado por *id. loc. cit.*, xerox.

<sup>985</sup> *Id. ibid.*, p. 5, xerox.

Para que houvesse capitalidade, portanto, era preciso destruir não só as pedras que sustentavam e davam um certo sentido à velha sede colonial mas, principalmente, era preciso desfazer o imaginário que a cimentava e a mantinha de pé.

Bilac entendeu bem que era preciso destruir a velha cidade colonial e ao mesmo tempo enterrar as tradicionais formas de comportamento da sociedade imperial, para que uma nova cidade pudesse, daí, emergir e o sentido de capitalidade pudesse se impor. Observando as reformas impingidas à cidade pelo Prefeito Pereira Passos, em 1902, Bilac se torna presa de um verdadeiro frenesi diante da devastação provocada pelo prefeito. Em crônica de 1904, ele se refere assim à demolição da antiga capital da colônia e sede do Império:

“No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido sonoro e lamentoso do passado, do atraso, do opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas, o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas — as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!”<sup>986</sup>

Apesar de Bilac, foi o cronista mundano Figueiredo Pimentel na sua coluna do *O Binóculo*, com o grito de “O Rio Civiliza-se”, quem lançou a pedra fundamental da nova “civilização urbana”. O grito de Pimentel fez acordar o desejo por uma nova maneira de ser e estar na capital. Tido como o criador da crônica social no Rio de Janeiro, Pimentel passaria a ser o “ditador” no sentido real e figurado dos novos comportamentos adotados pela elite burguesa que chegara ao poder e que se via, e queria ser vista a partir do signo da “urbanidade”, característicos dos grandes centros internacionais. A fim de estimular novas formas de sociabilidade e comportamento público, Figueiredo Pimentel “propôs e incentivou a Batalha das Flores no Campo de Santana, o *five-o'clock tea*, os corsos do Botafogo e da Avenida Central, o *footing* do Flamengo, a Exposição Canina, a *Mi-Carême* e o *Ladies Club* [...] Ditou, tiranicamente, a moda feminina e masculina do Rio[...] promovendo a disseminação do tipo acabado do janota cosmopolita: o *smart*”.<sup>987</sup>

Uma nova estrutura urbana ia sendo montada e servia de espelho ao mesmo tempo que refletia a face de um novo brasileiro, o morador da Capital Federal, com a diferença que agora o estar na capital era muito mais que uma condição geográfica. O estar na capital junta-se à nova condição de ser da capital. “A cidade mudou e nós mudamos com ela e por ela”,<sup>988</sup> lembra um cronista do

<sup>986</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 31.

<sup>987</sup> *Id. ibid.*, p. 38.

<sup>988</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 35.

*Jornal do Comércio*, de 1908, assinalando a nova forma de intolerância social para com comportamentos que não se alinhassem pelos padrões que a capital ditava.

Mas, essa mudança — sentir-se cosmopolita, assumir culturalmente a capitalidade — tinha um custo: por um lado, obrigava a romper com a natureza brasileira (o campo) e com aquilo que provia a brasilidade; por outro, levava à “dissolução das formas tradicionais de solidariedade social representadas pelas relações de grupos familiares, grupos clânicos, comunidades vicinais, relações de compadrio ou relações senhoriais de tutela”.<sup>989</sup>

Aderir ao cosmopolitismo era, pois, reconhecer que “o individualismo levado aos exageros, destruidores do egoísmo, enfraqueceu os laços de solidariedade”.<sup>990</sup> Na cidade reformada deixa de haver lugar para formas de relação, onde o cosmopolitismo não seja uma forma de poder. “O Rio de Janeiro é o cosmopolitismo, é a ambição de fortuna de todas as criaturas, talvez de todas as nações da Terra, cada qual querendo vencer e dominar pelo dinheiro e pelo luxo de qualquer maneira e a qualquer preço”.<sup>991</sup>

Cosmopolitismo e capitalidade passam a conformar formas de sociabilidade que, não cabendo mais nas varandas coloniais e nos salões imperiais, se deslocam para o espaço “democrático” das ruas.

Os primeiros a perceberem a força irresistível da rua foram os literatos e, dentre eles, aquele que trazia no nome o ser-da-cidade: João do Rio. Mais do que ninguém, João do Rio foi da cidade e a cidade foi dele, também. E em ninguém, a cidade foi tão rua como em João. Outros já tinham experimentado a rua em outras épocas, no entanto a cidade não era ainda tão cosmopolita, tão capital que parisse de suas entranhas tal como “João da Rua”, João do Rio. A cidade que fecundou um tal cronista em seu âmago, tivera antes que experimentar radical cirurgia de seu umbigo, de modo a assumir uma nova identidade, mesmo que arrancada a fórceps.

“O que marca a narrativa de João do Rio?”, se pergunta Flora Sussekind no ensaio *O Cronista e o Secreto Amador*, para concluir que a marca de sua narrativa é a “presença[...] poderosa da cidade”.<sup>992</sup> Uma presença da cidade e de “um horizonte técnico em formação (no qual biógrafos, cinematógrafos, relógios de pulso e *matches* de velocidade sinalizam alterações na percepção cotidiana), em particular de um de seus elementos — o **automóvel** — e de um movimento

<sup>989</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 39.

<sup>990</sup> Citado por *id. loc. cit.*

<sup>991</sup> Citado por *id. loc. cit.*

<sup>992</sup> Sussekind, Flora. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998, p. 179.



característico do processo industrial em curso, inclusive no campo da literatura — a série”.<sup>993</sup>

A força da cidade na narrativa de João do Rio advém do fato do cronista constituir-la enquanto *topos*,<sup>994</sup> lugar de referência, eixo da convivialidade, centro do cosmopolitismo, *axis mundi*.<sup>995</sup> João do Rio parte da cidade e volta a ela para fazer seu périplo pela tragédia humana. Filho do cosmopolitismo, João do Rio mergulha na cidade à procura da **musa urbana**,<sup>996</sup> sua guia a lhe indicar o caminho que leva ao “coração da *urbs*”. E a artéria que leva ao coração, caminho de todos os segredos, João o descobre: é a **rua**. Baixando dos salões e ficando morada na rua, João vai descobrir que ali a poesia está por todos os lados e que basta flunar pelas ruas para fazê-la brotar. João flana pela cidade. João do Rio é um *flanêur*. E como *flanêur* João percorre as ruas sorvendo seus méis \* que, reelaborados, viram crônica ou reportagem.

Enquanto Bilac prefere estar “longe do estéril turbilhão da rua”, João do Rio mergulha nela em busca do “espetáculo variado do fugaz, do contingente que compõe o caleidoscópio da rua”.<sup>997</sup> Desta maneira, o repórter-*flanêur* toma o todo (a cidade) pela parte (a rua) e “lê o espaço público, metonimicamente representado pela rua como realidade viva e dinâmica”.<sup>998</sup>

A crença na cidade-capital como *axis mundi*, *topos* a partir do qual se abrem suas fronteiras para o mundo, faz do flunador João um pensador da cidade, um leitor de seus signos.<sup>999</sup> João do Rio flana e pensa. Não há flunar sem pensar. Para pensar, flana-se:

“Flunar! Aí está um verbo universal, sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação e da vadiagem[...]  
É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência[...] E de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o *flanêur* reflete[...] Quando o *flanêur* deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas[...]”<sup>1000</sup>

<sup>993</sup> Sussekind, Flora. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998.

<sup>994</sup> *Id. ibid.*, p. 181.

<sup>995</sup> Para uma definição de cosmopolitismo, ver: Schwartz, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo na Década de 20*. Olívrio Gironde e Oswald de Andrade. SP, Ed. Perspectiva, 1983, pp. 5, 6.

<sup>996</sup> Rio, João do. “A Musa das Ruas”, in *A Alma Encantadora das Ruas*. RJ, SMC/DGDIC, 1987. (Grifo meu).

\* “Quem corre goza como as abelhas, obtendo apenas o mel das rosas. E o corredor das cidades é esse caçador de mel que só leva o bem entre risos[...]” Citado por Gomes, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 109.

<sup>997</sup> *Id. ibid.*, p. 109.

<sup>998</sup> *Id. ibid.*, p. 112.

<sup>999</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1000</sup> *Id. ibid.*, pp. 5, 6.

E flinando, João do Rio descobre a cidade, mais que a cidade, a rua, mais que a rua, sua alma encantadora:

“[...]Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei ‘in-folios’ especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações[...] Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!”<sup>1001</sup>

Diferentemente de um Artur Azevedo, de um Coelho Neto ou, mesmo, de um Graça Aranha, para os quais o campo pode ser uma alternativa quando os signos da cidade se tornam indecifráveis, em João do Rio a cidade é inescapável, não há “fuga possível à imagem da cidade”.<sup>1002</sup> Tal condição está presente em quase toda a obra de João do Rio, especialmente em *Cinematógrafo* (“A Decadência dos Chopes”, onde João lamenta o fim das casas de chope: “Oh! o chope! Quanta observação da alma sempre cambiante da cidade”), *Vida Vertiginosa* (“O Dia de um Homem de 1920”, onde satiriza a neurose da pressa moderna com a “aceleração” do funcionamento da cidade) e, principalmente, em *A Alma Encantadora das Ruas* (“A Rua”, onde João descobre que “a rua é um fator de vida das cidades”).

Para Sussekind, é a experiência urbana, em João do Rio, “que enforma ainda os tipos e ‘vícios’, os enredos, encontros fortuitos, lugares públicos e ‘caçadas amorosas’ variadas de tantos de seus contos e crônicas”.<sup>1003</sup> É em busca dessa experiência urbana que João (Paulo Barreto) faz seus personagens experimentarem a sedução, freqüentarem casas de ópio, cruzarem com todo tipo de vício, provarem do erotismo como só a cidade é capaz de oferecer.

Em João do Rio, a **sociabilidade** (o encontro/desencontro) é o principal desencadeador do fato urbano. A partir da sociabilidade se descortina o verdadeiro sentido das noções de capitalidade e cosmopolitismo que vão envolvendo, enquadrando e conformando todos aqueles que encenam o drama e/ou a comédia urbana.

A cidade, pois, está no centro da obra de João do Rio, sendo sujeito mas, também, objeto de seu desdobramento em crônicas e reportagens. É a cidade por inteira que João do Rio quer meter no “livro ideal” por ele imaginado e que seria capaz de “fixar a paisagem urbana dos fatos mais frívolos que ali se desse[...]”:<sup>1004</sup>

“Sou da opinião que, para exprimir a metafísica e a ética da cidade, só um livro seria completo: o que desse uma lista enorme de nomes de cuja influência dependessem os pequenos fatos frívolos — que

<sup>1001</sup> Rio, João do. “A Musa das Ruas”, in *A Alma Encantadora das Ruas*. RJ, SMC/DGDIC, 1987, pp. 3, 4.

<sup>1002</sup> Sussekind, Flora. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998, p. 183.

<sup>1003</sup> *Id. ibid.*, p. 185.

<sup>1004</sup> *Id. ibid.*, p. 190.

são os únicos importantes. E esse livro não seria apenas para a meditação filosófica. Seria, também, o espelho capaz de guardar imagens para o historiador”.<sup>1005</sup>

João quer conter, em sua obra, uma capital que acelera o seu ritmo e se projeta para o mundo. Cosmopolitismo e capitalidade são, portanto, dois componentes estruturais e estruturadores da obra de Paulo Barreto. E isso, numa cidade que não parava de crescer e produzir “problemas urbanos” de toda ordem.

Diante dos contrastes cada vez mais acentuados de uma cidade que enriquece e que, ao fazê-lo, deixa um rastro de pobreza, João do Rio não se furta a conhecer um certo lado da cidade — os “livres acampamentos da miséria” — aonde descobre que a miséria é uma das verdadeiras faces derivadas da modernização da cidade. Caminhando por entre escombros, João baixa aos subterrâneos, identificando a criminalidade como uma questão incontornável, parte integrante da identidade da cidade, já então tida como “maravilhosa”. Passeando pelas entranhas do burgo, João do Rio faz com que seus personagens se debrucem sobre o abismo do crime, o crime significando a própria essência do drama urbano. Há até, mesmo, um personagem em *A Profissão de Jacques Pedreira* que se torna viciado em ler histórias policiais<sup>1006</sup> (as aventuras do detetive Nick Carter).

O mundo do crime aflora nas calçadas do Rio *Belle Époque*, seja na prosa, seja na voga dos romances policiais, seja na própria dinâmica da vida urbana.

Flora Sussekind fala de uma verdadeira febre por aventuras policiais que assola o Rio: fascículos com as aventuras de Nick Carter e Sherlock Holmes nas revistas *Fon-Fon* e *Careta*, fitas nos cinemas extraídas das aventuras desses detetives, “entrevistas” com Nick Carter, encenações no teatro baseadas nas histórias dos detetives. Um clima *noir* ensombrece a cidade radiante. Para Sussekind, a “experiência de desconforto e temor com relação ao cenário citadino — incentivada pelo crescimento populacional e pelas reformas urbanas — parecia impulsionar, num movimento compensatório, este interesse por crimes, investigações e ‘mistérios da cidade’ de todo tipo”.<sup>1007</sup>

Não é à toa que parte dos escritos de João do Rio, alega Sussekind, beire o criminal (“há verdadeiras coleções de assassinos, pequenos delinquentes, opiômanos e de gente a um passo da marginalidade”).<sup>1008</sup> A própria maneira de João do Rio olhar a cidade, seguir os passos de seus personagens, descobrir suas manias e vícios, adentrar seus segredos, se assemelha a de um

<sup>1005</sup> Citado por Sussekind, Flora. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998.

<sup>1006</sup> *Id. ibid.*, p. 195.

<sup>1007</sup> *Id. ibid.*, p. 198.

<sup>1008</sup> *Id. loc. cit.*

“secreta”. É como se a cidade fosse, para Paulo Barreto, um grande enigma, e ele fosse construindo seu desvendamento através do desvelamento da alma de cada um de seus personagens e da própria alma da cidade. Em *A Alma Encantadora das Ruas*, por exemplo, ao debruçar-se sobre o espaço público, João o faz não como um simples observador, ele vai mais além, ele observa, pensando, analisando, interpretando, indagando.

João almeja penetrar a alma da cidade, esvaziando-a de seus segredos, revelando para o leitor toda a complexidade de uma sociabilidade exacerbada, própria das grandes capitais. Um pouco *à la* Edgar Allan Poe de *O Homem da Multidão* no afã de desvendar o quanto de segredos terríveis pode um coração guardar abrigado no meio da multidão.

Na crônica *O Secreto Amador*, cujo personagem tem como ocupação seguir pessoas, desconhecidos escolhidos ao léu, unicamente para saber qualquer coisa sobre eles,<sup>1009</sup> do Rio explicita a grande questão que já havia colocado em *A Alma Encantadora das Ruas*, com a indagação sobre “o que é a rua?” Ao seguir desconhecidos na cidade para entender-lhes a alma, não estaria se indagando João sobre o que é a cidade? O cronista não é, ele próprio, um personagem sempre à espreita do acontecimento, uma espécie de detetive das Letras?

Confundem-se, em João do Rio, o cronista, o detetive, o personagem, o *flanêur* e o *voyeur*, todos debruçados sobre uma cidade que teima em esconder suas mazelas e suas feridas, dando a público apenas aquilo que dela é ostentação.

É por trabalhar para assimilar “a alma cambiante da cidade”<sup>1010</sup> que o cronista/detetive pode ser tomado como o grande personagem da cidade, seja no plano da ficção, seja no plano da realidade. Assim, se o cronista é o leitor do texto da cidade, o detetive é igualmente um descobridor dos signos da cidade.

O detetive conhece a cidade palmilhando-a com seus pés, metendo-se em seus labirintos, e tem como objetivo descobrir um culpado, aquele que violou o “pacto urbano”, colocando em perigo os ideais de capitalidade e cosmopolitismo.

Já o cronista, desobrigado de achar culpados, mete-se na multidão a descobrir temas e tipos, vasculhando a fauna e flora urbana. Pouco importa, no entanto, o que os diferencia, o que cada qual procura, o que cada um encontra na multidão.

O que é notório é que ambos, o detetive e o cronista, necessitam da cidade enquanto matéria-

<sup>1009</sup> Sussekind, Flora. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998, p. 199.

<sup>1010</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 200.

prima elementar, para tecer o mistério e/ou o enredo de suas próprias existências, enquanto produtores de “saberes” sobre a cidade. Detetive e cronista são inexoravelmente incorrigíveis amantes da cidade tanto no sentido privado-amoroso quanto no sentido público-profissional.

Ambos se debruçam sobre os mistérios da cidade a fim de dar-lhe/captar-lhe um sentido. O que os diferencia é aquilo que cada um faz com o saber que acumula sobre a cidade. O cronista transforma esse saber numa reflexão sobre o ser e o estar na cidade; já para o detetive esse saber se transforma em algo **utilitário**, na medida em que servirá para recompor a ordem perdida, suscitada por aquele que se meteu no meio da multidão com o fito de mascarar sua identidade. Apesar do uso diferenciado que cada qual faz de seu saber sobre a cidade, cronista e detetive têm como objetivo comum, o mistério: **o mistério da cidade**. Deixemo-nos invadir por esse mistério.

## 6.4 - Arqueologia de uma Cidade

Não é possível, no entanto, falar dos mistérios do Rio de Janeiro sem antes falar de sua faceta cosmopolita que, dia-a-dia, ia se robustecendo, graças às remodelações que a cidade sofrera no começo do século XX e ia transformando o perfil da cidade. De cidade nitidamente colonial, o Rio ia se transformando numa cidade moderna que levava de roldão hábitos, costumes, modos de vida e idéias. Um novo *ethos* se impunha, abalando o sistema de crenças e comportamentos, tocando fundamente a estrutura histórica da cidade no sentido de abolir tudo aquilo que ela constituía historicamente como um modo de ser. Tratava-se de passar a limpo a capital do país e formular um novo modelo de civilidade que deveria se pautar por uma dinâmica, onde o urbano seria o elemento hegemônico, fazendo do cosmopolitismo e da capitalidade espécies de forças-motrizes a puxar e dar a direção das transformações históricas.

Tal modelo de civilidade era calcado na “boa ordem” urbana e no aformoseamento da cidade, de tal forma que pudesse se constituir num **cenário**, aonde a vida pública fosse encenada. É esse anseio de visibilidade que vai legitimar as intervenções na cidade, possibilitando que se lhe rasgasse o ventre e se lhe destroncassem os membros. E igual a um rio quando suas águas transbordam, esse *éventrement* da área central da cidade fez vir à tona toda sua lama. Tudo aquilo que jazia nos subterrâneos começou a vir à luz e o Rio de Janeiro, pela primeira vez, teve que entrar em contato com seu caudal de **mistérios**. A cidade foi obrigada a reconhecer essa sua outra faceta e levada a admitir que ela fazia parte de sua identidade.

O Rio de Janeiro “civilizava-se”, mas a própria cidade, em processo de cosmopolitização, ia se impondo como obstáculo ao processo de integração social dos grupos marginalizados, pois se por um lado, a cidade integrava, por outro, excluía. Como fugir, então, a essa faceta marginal, subterrânea, disruptiva? Não há fugir àquilo que não se escolheu ser. Assim, a sociabilidade em expansão teve que se abrir para incorporar o lado “não-social” da sociedade carioca. E olhar para o lado não-social da sociedade obrigou a que se desviasse o olhar do tema da sociedade e se o pousasse sobre o da questão urbana.

Podemos, por conseguinte, pensar, visto do presente para o passado, que uma nova **conjuntura histórica** se gestava, onde o urbano assumia a hegemonia na condução do processo histórico.

Vamos tratar, pois, de um período que, começando com as reformas urbanas do Rio de Janeiro, se estende como uma **conjuntura** até finais dos anos 20, quando a cidade começa a viver a excitação de ter seu “Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento” que seria idealizado pelo conhecido urbanista francês Alfred Agache.

Como período histórico que pretende ser visto como uma conjuntura, com suas lógicas e articulações próprias, esse recorte de 30 anos é arbitrário. Mas, ainda assim, há de nos servir para entender algum **sentido** que a cidade fizesse para aqueles que sobre ela refletiam, que a partir dela criavam suas obras, ou aqueles que simplesmente lá viviam.

Apanhar o sentido que uma cidade faz para os seus moradores num determinado período histórico é o mesmo que tentar captar a “alma” da cidade, essa coisa tão abstrata mas, no entanto, tão real, do imaginário de seus moradores. E por que captar a alma da cidade? Porque é ali que moram os seus segredos, ali sua natureza está aderida às diferentes camadas de sua história, é ali que habitam os seus mistérios, e é de mistérios que estamos tratando aqui.

Trata-se, pois, de perceber como essa conjuntura se estrutura em camadas que podem ser lidas no “texto” ou, caso se deseje, no “corpo” da cidade tanto horizontal como verticalmente, e que, quando articuladas, funcionam como um guia, um mapa, através do qual se penetra na carne dessa cidade para se tentar descobrir o segredo de suas pedras. Podemos nomear essas camadas como sendo: a camada literária, a camada policial-jurídica, a camada científica e a camada urbanística.

Assim como encontro um nexo na conjunta que estabeleci (1900/1930) a partir da maneira como articulo os sucessivos fatos históricos, fazendo-os falar de uma certa trajetória histórica que permite a compreensão do imaginário daquele período, assim, também, a identificação dessas quatro camadas \* é feita a partir da crença de que naquela conjuntura elas dividem, entre si, a hegemonia na condução do processo histórico.

---

\* Propositadamente, só vou tratar da quarta camada — a camada urbanística — na parte dedicada ao Urbanismo.

## 6.5 - “Na Cidade do Punhal e da Gazua”

O que vemos, então, quando observamos essa conjuntura de 30 anos e ampliamos nosso foco sobre a **camada literária** a fim de captar a atmosfera de mistérios que evolui da cidade?

No plano literário vemos, de imediato, o poeta-cronista Olavo Bilac — a propósito do mau estado físico e do aspecto do Rio de Janeiro de 1900 — derramar toda sua bile em crônica, escrita por ocasião da visita que o Presidente Campos Sales fez a Buenos Aires, da qual ele participou, fazendo parte da comitiva. Publicada na *Gazeta de Notícias*, de 18 de novembro de 1900, a crônica revela um cronista espumando de raiva pela condição urbana da capital do país:

“Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não des punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão aciando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te elle assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os bulevares da Europa e da América poderão jamais ter para elle o encanto daquela triste e esburacada Rua da Valla que ouviu os teus primeiros vagidos. Mas, justamente porque tanto te ama é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dois beijos, que a vizinha Buenos Aires é uma vergonha para ti, adorada Sebastianópolis[...]

Quem um dia te disse que és a primeira capital da América do Sul zombou da tua ingenuidade e injuriou duramente os teus cabelos brancos; mais te ama quem francamente te diz que és uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos.

Ah! quando um dia, do teu seio fecundo, surgir o homem fadado a reformar-te, o Torenato de Alvear designado pelo destino para o mister glorioso de te curar da lazearia e te infundir novo sangue, — então tu serás a primeira capital, já não da América do Sul, mas de todo o mundo; e os teus filhos de então, vendo nos albuns de arte retrospectiva as tuas ruas e as tuas casas de hoje, perguntarão assombrados como pôde um povo viver por tanto tempo atolado em tão torpe inercia!

Tu és filha amada da natureza, para te fazer feliz, a sorte quis abrigar-te à sombra do velludo verde das mais bellas montanhas da Terra, e estendeu aos teus pés o tapete ondulado das mais formosas aguas, e abriu sobre ti a gloria fulgurante do mais lindo pedaço do firmamento. Para Buenos Aires, a natureza foi uma secca e implacavel madrastra: deixou-a como uma orphã, abandonada e triste na torturante melancolia de uma planicie infinita, sem a sombra de um outeiro, sem a frescura de uma sebe verde, com os pés banhados na agua lodosa de um rio escasso. E tudo quanto a desherdada hoje possui é obra de sua coragem, do seu desesperado esforço, de seu rude labor sem treguas. Quando tu quizeres ser uma cidade decente que assombro serás, Sebastianópolis, respondendo com um pouco de trabalho à generosidade com que Deus te tratou! [...]

Não te zangues com a franqueza deste pobre filho! Quando um carioca volta da Europa e pisa de novo o teu calçamento remendado, e mira de novo os teus prédios sujos e a tua gente em mangas de camisa e de pés no chão — a revolta não é grande: o viajante reconhece a inferioridade da sua terra, mas lembra-se que o conforto e a elegancia da Europa são o produto de seculos e seculos de civilização e de trabalho. Essa consideração basta para consolar e para diminuir o espanto e a vergonha. Mas, reconhecer a gente que alli assim, a quatro dias de viagem, há uma cidade como Buenos Aires — e que nós filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico, com muito mais vida, com muito mais riqueza, com muito mais proteção da natureza, ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI, em 1808 — isso é o que dóe como uma affronta, isso é o que revolta



como uma injustiça[...]"<sup>1011</sup>

Quatro anos mais tarde, já refeito de sua raiva, Bilac mostrar-se-ia, em outra crônica, satisfeito com os rumos que a reforma urbana empreendida pelo Prefeito Pereira Passos ia tomando:

"O Brasil entrou — e já era tempo — em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o 'conforto' já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidos por um decreto da indiferença e da ignomínia coligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem seus dias contados".<sup>1012</sup>

Se Bilac se desdobra em estimular o cosmopolitismo do Rio de Janeiro e, por fim, à "caturrice", João do Rio dá de cara com a modernidade e com as contradições que essa modernidade impunha. O Rio se cosmopolitiza, aumentando celeremente seu ritmo, produzindo no cronista um misto de atordoamento e excitação pelo novo. No conjunto de conferências, publicadas em 1911, sob o título *Psicologia Urbana*, procurando analisar o impacto do cosmopolitismo na vida das pessoas, João do Rio conclui que:

"Uma nova esthetica surge, a esthetica do milagre animador. A natureza é outra, utilizada pelo homem, vista na corrida dos automóveis. A vida das cidades tem esse frenesi de saber, esse desespero orgiaco do domínio, de audácia, de energia cerebral. O homem é outro com os instintos aguçados e os sentimentos duplicados. A mulher é ainda mais mulher[...]"

A vida fez a renovação de todas as figuras estheticas, dos velhos moldes literários. A paisagem com a vegetação dos canos das usinas, as sombras fugitivas dos aeroplanos e a disparada dos automóveis, os oceanos sulcados rapidamente, desventrados pelos submarinos, as chamas que esses ambientes novos dão às cidades cortadas de aço, cachoeirando por cima, por baixo, em borbotões, as multidões apressadas, a exibição do luxo, a nevrose do reclamo em iluminação de mágica, os negócios, o caracter, as paixões, os costumes, em que o sentimento das distâncias desaparece, o crescente esmagamento do inútil, a flora formidável do parasitismo e do vício, o amor, a vida dos nervos centuplicada, obrigam o artista a sentir e ver doutro feitio, amar de outra forma, reproduzir doutra maneira".<sup>1013</sup>

Na nova cidade, o automóvel, para João do Rio, era a expressão maior do cosmopolitismo:

"O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas magicas e na natureza, asperrima educadora, tudo transformou com apparencias novas e novas aspirações".<sup>1014</sup>

<sup>1011</sup> Citado em Brenna, Giovanna Rosso del. (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma Cidade em Questão*. RJ, Ed. Index, 1985, pp. 15, 16.

<sup>1012</sup> Citado por Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 30.

<sup>1013</sup> Citado por Rodrigues, Antonio Edmilson M. *A Modernidade Carioca: o Rio de Janeiro no Início do Século XX — Sociedade, Vida Literária e Mentalidades*. RJ, 1987, pp. 236, 237, xerox.

<sup>1014</sup> Citado por *id. ibid.*, in Rio, João do. *Vida Vertiginosa*. RJ, 1911, p. 239.

Traçando um paralelo entre a nova e a velha Era, João do Rio conclui, como Bilac, que todo o modo de vida que remetia para a cidade antiga, com o seu cabedal de conseqüências em todos os níveis para a existência das pessoas, tem seus dias contados:

“Oh! o automóvel é o creador da época vertiginosa em que tudo se faz de pressa. Porque tudo se faz de pressa, com o relógio na mão e, ganhando vertiginosamente tempo ao tempo. Que idéia fazemos do século passado? Uma idéia correlata a velocidade do cavallo e do carro. A corrida de um cavallo hoje, quando não se aposta nelle e o dito cavallo não corre numa raia, é simplesmente lamentável. Que idéia fazemos de hontem? Idéia de bonde electrico, esse bonde electrico que deixamos longe em dois segundos. O automóvel fez-nos ter uma apudorada pena do passado. Agora é correr para frente. Morre-se de pressa, para ser esquecido d’alli a momentos; come-se rapidamente sem pensar no que se come; arranja-se a vida de pressa, escreve-se, ama-se, goza-se como um raio; pesa-se sem pensar no amanhã que se pode alcançar agora. Por isso, o automóvel é o grande tentador. Não há quem lhe resista”.<sup>1015</sup>

O automóvel esquentava os motores, o tempo se acelerava anunciando a nova era. Os jornais estampavam crônicas reveladoras da inexorável “dinâmica urbana”; fora disso, era o “atraso”, a “ignorância”, a “luta contra as trevas”.

Em crônica publicada no *Jornal do Comércio*, em 1908, a propósito da vinda de dois índios aculturados do interior de São Paulo ao Rio de Janeiro para pedir ajuda ao governo federal, o cronista reagiu sem pestanejar:

“Já se foi o tempo em que acolhíamos com uma certa simpatia esses parentes que vinham descalços e mal vestidos, falar-nos de seus infortúnios e de suas brenhas. Então, a cidade era deselegante, mal calçada e escura, e porque não possuíamos monumentos, o balançar das palmeiras afagava a nossa vaidade. Recebíamos, então, sem grande constrangimento no casarão, à sombra de nossas árvores, o gentio e os seus pesares, e lhes manifestávamos a nossa cordialidade fraternal[...] por clavinotes, facas de ponta, enxadas e colarinhos velhos. Agora, porém, a cidade mudou e nós mudamos com ela e por ela. Já não é a singela morada de pedras sob coqueiros, é o salão com tapetes ricos e grandes globos de luz elétrica. E, por isso, quando o selvagem aparece é como um parente que nos envergonha. Em vez de reparar nas mágoas de seu coração, olhamos com terror para a lama bravia dos seus pés. O nosso *smartismo* estragou a nossa fraternidade”.<sup>1016</sup>

Estragou mesmo, haveria de concordar Lima Barreto. Quanto mais a cidade se “civilizava” menos fraterna ela se tornava.

Artigos publicados na *Revista Kosmos*, a mais moderna de então, de 1906, atestam a relação entre “cosmopolitismo” e falta de solidariedade:

<sup>1015</sup> Citado por *id. ibid.*, in Rio, João do. *Vida Vertiginosa*. RJ, 1911, p. 242.

<sup>1016</sup> Citado por Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 35.

“O individualismo, levado aos exageros destruidores do egoísmo, enfraqueceu os laços de solidariedade[...] Infelizmente[...] a noção de sacrifício se extingue com os progressos do individualismo revolucionário, cujo preceito supremo é o **cada um por si**. O Rio de Janeiro é o cosmopolitismo, é a ambição de fortuna de todas as criaturas, talvez, de todas as nações da Terra, cada qual querendo vencer e dominar pelo dinheiro e pelo luxo, de qualquer maneira e a qualquer preço”.<sup>1017</sup>

Ao que Lima Barreto arremata, certificando que:

“Se a dissolução dos costumes que todos anunciam como existente há, antes dela houve a dissolução dos sentimentos, do imarcescível sentimento de solidariedade entre os homens”.<sup>1018</sup>

Lima Barreto queria o cosmopolitismo, mas não tal como ele era interpretado pela elite burguesa carioca. Lima Barreto queria um cosmopolitismo humanitário.<sup>1019</sup> Em Lima, solidariedade e estabilidade eram elementos fundamentais da sociabilidade urbana, por isso ele vê a modernização do Rio de Janeiro com uma certa desconfiança, pois que a cidade não pára de estimular a competição. Mesmo assim, a cidade fascinava Lima Barreto, pois, para ele, ela abrigava o **mistério**, o “[...]espesso mistério impenetrável em nós e fora de nós”.<sup>1020</sup> É em busca do mistério que Lima Barreto cava no chão da cidade à procura daquilo que só naquela **terra** poderia brotar: a **solidariedade** (“A grande força da humanidade é a solidariedade[...]").<sup>1021</sup> Diante do “imensurável” e do “icognoscível” da cidade, a solidariedade se apresenta como o mistério a ser revelado. Para Lima Barreto, portanto, a literatura é revelação, sendo o autor uma espécie de “detetive” a revelar para todos o segredo da solidariedade.

Talvez não seja por acaso que, em 1919, o *Jornal do Brasil* tenha encomendado a um jornalista, Benjamim Costallat, uma série de crônicas nas quais se objetivava conhecer **os subterrâneos** da cidade, e que tomaria o nome de *Mistérios do Rio*. E por que retomar tal tema mais de meio século depois do famosíssimo *Les Mystères de Paris*?

Alguma coisa havia, algum sentimento pairava no ar da cidade que sugeria a que se revolvesse o *bas-fond*, pois que, daí, ela não teria mais como guardar os seus segredos. Seria o fantasma de Lima a clamar por solidariedade? Por que, de repente, uma cidade se põe a revolver suas entranhas? Seria porque, entupida de miséria e “vícios” ela precisava arrotar seus conflitos? Seria

---

<sup>1017</sup> Citado por Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 39. (Grifo meu).

<sup>1018</sup> Citado por *id. ibid.*, pp. 39, 40.

<sup>1019</sup> *Id. ibid.*, p. 122.

<sup>1020</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 183.

<sup>1021</sup> Citado por *id. loc. cit.*

uma tentativa de ordenar, pelo discurso, aquilo que estaria desordenado socialmente?<sup>1022</sup>

Acredito que, apesar da negação do próprio autor de *Mistérios do Rio*, algo que lembra a conjuntura dos *Mystères de Paris* no âmbito urbano estava acontecendo desde que Passos desventrara o centro da capital, impondo violentamente seu projeto de modernização. O Rio de Janeiro incorporara uma identidade cosmopolita (lembrem-se do “O Rio Civiliza-se”) e empurrava para o limbo tudo aquilo que ele fora nos últimos 350 anos.

Sem querer, talvez, ao topar com os mistérios do Rio, Benjamim Costallat fazia falar uma outra voz da cidade que se calara e que escondia uma outra face da identidade urbana da capital. *Mistérios do Rio* parece, então, ser uma porta entreaberta que dá acesso aos subterrâneos da cidade, e através da qual sobem à superfície sussurradas vozes que teimam em vir à tona e se fazerem ouvir, já que elas, também, são parte integrante da polifonia da cosmópolis.

Fazendo eco a essas vozes, Costallat nos introduz, de saída, no **bairro da cocaína**. Lá tudo é misterioso: os gestos dos viciados, a linguagem cifrada, o vendedor da droga, o ritual de aquisição do produto. Adentrando a “confraria do vício”, Costallat põe em cena toda uma sociedade que formiga nos subterrâneos urbanos, cuja sociabilidade se dá, não em torno dos ideais de civilidade e urbanidade mas, exclusivamente, em torno do tóxico (“[...]criaturas estranhas e desconhecidas entre si, ligadas pelo vínculo do mesmo terrível vício[...]"). Tal qual um repórter, Benjamim Costallat vai “pesquisando” a rota do vício para concluir que a cocaína é uma nova religião da cidade.

Deixando para trás os bairros da cocaína, Costallat entra num *cabaret* para entender como pulsam esses “[...]palácios noturnos do jogo e da prostituição”, aonde “não se pensa, nem se age como durante o dia na vida normal da cidade”. De imediato, o cronista constata que aquela é uma outra **sociedade**, “têm uma vida à parte”, com uma moral própria, “a moral vermelha do *cabaret*” e, por isso mesmo, ela é “cheia de mistérios”. Costallat observa, também, que a população do *cabaret* é diversa: “inteiramente diversa da outra que se deita às dez horas e se levanta às sete da manhã”; portanto, não há nada de extraordinário em se concluir que “a população dos *cabarets* pense de modo diverso da outra população da cidade — a que vive a plenos pulmões, em plena luz do dia! [...]” Enquanto uma parte da população da cidade se deixa ver e ouvir a céu aberto e sob a claridade do Sol, outra se esgueira pelas sombras da noite e sussurra seus segredos ao pé do ouvido.

---

<sup>1022</sup> Gens, Armando e Gens, Rosa Maria de C. “A Visita do Imperador ou o Dublê de Sanitarista”, in Costallat, Benjamim. *Mistérios do Rio*. RJ, SMCTE/DGDIC, 1990, Introdução, p. 15.

Tudo isso leva Costallat a experimentar a sensação de que uma outra cidade e uma outra população subsistem sob o chão da capital.

Mas, a procura do jornalista pelos mistérios do Rio não pára por aí. Com conhecimento de causa, ele vai seguindo os rastros de uma cidade encoberta, e por onde ela estende seus tentáculos. Sua próxima parada é a **favela**, o “morro do crime”, aonde novamente Costallat admite a existência de outra cidade dentro do Rio (“Estávamos em plena favela, fora do mundo[...] a favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da polícia”). Logo, o “repórter” se dá conta que, além de estar “fora” da cidade, a favela tem sua própria lei — a do mais forte — e é um lugar aonde ninguém faz contrato. Apresentando a favela como uma inversão da cidade — “a favela não tem luz. Não tem esgotos. Não tem água. [...] Não tem nada[...]” — Costallat conclui que a favela “é um refúgio[...]” e, por isso mesmo, um esconderijo, aonde a ordem urbana não entra.

Retornando à cidade, Costallat segue seu périplo pelos “mistérios” urbanos. Entra num *rendez-vous* para conhecer as “meninas da vida” na sua faina; frequenta uma *fumerie* chinesa, aonde se fuma o ópio (“templos misteriosos de um grande vício”); e acompanha a trajetória de uma ambulância, aonde uma jovem costureira morre de fome (“Mistérios do Rio não são histórias de ‘bagunça’, navalhas e revólveres[...] Não! Mistérios do Rio são essas meninas costureiras que ganham trinta mil réis por mês e que ainda servem como criadas de suas patroas[...] Mistérios do Rio são essas meninas que morrem de inanição, porque não têm quem as defenda e quem grite por elas!”).

Escavando na carne da cidade, Benjamim Costallat constata que há uma profunda ligação entre as duas cidades — a solar e a subterrânea — e que a “lógica” da primeira explicaria o “mistério” da segunda. Um pouco *a la inglesa* como no começo da Revolução Industrial, quando os ingleses descobrem que a miséria é um componente da vida urbana, Costallat vai se debruçando sobre a cidade misteriosa e descobrindo os fios que a atam à cidade “transparente”. O mistério se revela, portanto, como uma espécie de segunda natureza de uma cidade que se esconde e funciona como uma camada de proteção à fragilidade da vida daqueles marginalizados da sociedade e da cidade.

Histórias de candomblé, travestismo, corrupção de menores, jogo, casas de saúde para viciados, etc., compõe um mosaico dos pequenos mistérios de uma cidade que “sofia, então, a sua formidável transformação. De cidade provinciana transformava-se, em poucos anos, em grande centro cosmopolita. De cidade bem brasileira, com suas chácaras[...] o Rio de Janeiro começou a ser a grande cidade internacional[...] Uma nova vida surgia. A antiga cidade bem brasileira

passava a ser a cidade de todo o mundo[...]”<sup>1023</sup> E, assim, quanto mais cosmopolita a cidade tanto mais denso parece ser o mistério. Sob o influxo das tremendas transformações no modo de vida e na teia de sociabilidade devidas ao cosmopolitismo, o Rio de Janeiro é obrigado a encarar sua face viciosa, perversa e, porque não dizê-lo, criminosa.

O livro de Benjamim Costallat tem o mérito, portanto, de funcionar como a síntese de uma época, pontificando como uma obra que, enfileirada a outras que lhe antecedem ou lhe sucedem, é capaz de dar sentido a essa época de modo a que possamos vê-la como uma unidade, ou seja, uma conjuntura.

Mas, se *Mistérios do Rio* é a obra central desse período, ele não se encerra, porém, com esse livro. Várias outras obras guardam em si o *esprit de l'époque* no que diz respeito a como a literatura representou esteticamente o mistério, metáfora da cidade subterrânea, e que serve a compreender a estruturação da camada literária e seu papel na explicação da conjuntura assinalada. Entre todas essas obras, apontaremos três que exprimem bem a *sensação* da época e dão densidade à sua camada literária: *Bambambã*, de 1922; *A Cidade do Vício e da Graça*, de 1924; e *A Cidade Maravilhosa*, de 1928.

*A Cidade do Vício e da Graça (Vagabundagem pelo Rio Noturno)*,\* de Ribeiro Couto, não faz mais do que ecoar os *Mistérios do Rio*, tentando captar o “temperamento de uma cidade”.<sup>1024</sup> Menos compromissado com a tentativa de Benjamim Costallat de ordenar pelas Letras o que estaria “desordenado socialmente”,<sup>1025</sup> o livro de Ribeiro Couto trata de passeios de um “vagabundo inquieto” pela noite carioca à procura de...

Construindo a narrativa a partir das “vagabundagens sentimentais” que um escritor e seu amigo provinciano fazem pela cidade, o narrador dá a entender, logo de saída, que o Rio de Janeiro não é o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Quinta da Boa Vista, o Jardim Zoológico. Para o escritor, o Rio são os “bares noturnos, as portas dos teatros, as praças animadas ou mortas, as ruas dolorosas, aonde só há mulheres, o pano verde, os arrabaldes honestos e adormecidos, tudo, tudo que foi o motivo da nossa sensibilidade durante esse tempo, é que é para mim ‘o Rio’[...]” Por isso mesmo, insiste o narrador, o Rio é uma “cidade-serpente” que tal qual na Bíblia oferece a fruta do desejo a quem quiser prová-la. E como quem prova a fruta do desejo peca, o Rio será a

<sup>1023</sup> “Uma História de Manicure”, in Costallat, Benjamim. *Mistérios do Rio*. RJ, SMCTE/DGDIC, 1990, pp. 81, 82.

\* Agradeço a indicação e acesso ao livro a Marisa Carpintéro.

<sup>1024</sup> Couto, Ribeiro. *A Cidade do Vício e da Graça (Vagabundagem pelo Rio Noturno)*. RJ, Benjamim Costallat e Miccolis Editores, 1924, p. 15.

<sup>1025</sup> Gens, Armando e Gens, Rosa M. de C. “A Visita do Imperador ou o Dublê de Sanitarista”, in Costallat, Benjamim. *Mistérios do Rio*. RJ, SMCTE/DGDIC, 1990, p. 15.

cidade dos pecados.

O livro se abre, portanto, sob o signo do desejo de conhecer a vida de uma cidade que vai muito além da **aparência** que ela parece ter. O narrador e seu amigo provinciano se metem pela noite da cidade, “hora romanesca das possibilidades sonhadas”, à procura daquilo que, verdadeiramente, seria a cidade.

Mas, a cidade não é para os peregrinos noturnos aquilo que ela é para os simples mortais. E se a cidade não é da natureza mineral das pedras, para o narrador ela pode ser qualificada como sendo do mundo dos sonhos (“vou como num sonho”). E como num sonho, onde tudo é permitido, o escritor se permite mergulhar no mundo onírico urbano. E a noite, quando todos os gatos são pardos, o escritor sai para vasculhar a cidade e... sonhar. E para que o escritor sonhe, basta que ele abra os olhos e olhe: “Olhar qualquer coisa: as vitrinas, uma tela, um palco, as ruas, os outros. Olhar é uma necessidade fisiológica de após-jantar”. E sob o olhar do escritor, a noite se transforma na “hora romanesca das possibilidades sonhadas[...]” Com que sonha, então, o escritor?

Ele sonha com as multidões nas ruas, às portas dos teatros, nos cinemas, nos cafés, nos restaurantes. Uma multidão que, aos poucos, vai ganhando forma e rosto. E o escritor passa, então, a distinguir a fauna noturna que se abriga nas pregas da noite. São as “*trotteuses* da Glória e do Catete”, são marinheiros, “gente noturna de todas as nacionalidades, todos os boêmios e todos os que são sós na grande feira[...] é o vendedor de cocaína”.

Removendo as camadas de maquiagem que encobrem a **fisionomia** da cidade, o escritor se vê diante de uma outra sociedade que é invisível à luz do dia: “A verdadeira vida é aqui, à noite, pelos cafés, pelo pano verde, pelos becos[...] É a sociedade da ‘gentalha’, cujo lugar de ‘trabalho’ é o cabaré[...] Nesses cabarés da gentalha, aparece o que há de mais virtuoso no *bas-fond* carioca”.

Aquela sociedade que de dia se esconde, de noite sai das sombras e mostra sua cara: “como vês, há mulheres da pior espécie, no último grau da decadência; há vadios de má catadura, ladrões ou qualquer outra coisa que te darão tranqüilamente uma navalhada[...]”

E o escritor-poeta adentra a noite vagando pela cidade (“Eu, [...]sou o maior enamorado do Rio de Janeiro noturno e vadio[...]”). O mistério o excita. Ele crê ter descoberto **os fios** que movem o destino das pessoas. Ele crê que a noite tudo lhe revela. (“A meia-noite é o princípio de uma vida diferente. Depois da meia-noite todas as criaturas têm a sua finalidade trágica marcada no rosto, ou no gesto, ou na voz. Todas se confessam sem querer. Todas mostram os cordéis[...]).

Se Ribeiro Couto, na tradição de João do Rio e Benjamim Constallat, afunda-se na cidade em busca de seu lado desconhecido e misterioso, Orestes Barbosa, autor de *Bambambã* (1922), viaja em sentido contrário, da escuridão para a luz. Saído da prisão, Orestes faz de suas crônicas um depoimento do lado obscuro da cidade, mostrando como funciona o seu **avesso**: a “cidade” dos presos.

Assim é na crônica *Na Cidade do Punhal e da Gazua* que o autor estabelece uma analogia entre a cidade e o presídio.<sup>1026</sup> Essa “analogia entre a cidade e o presídio alude ao *topos* da duplicidade do mundo. A técnica da correspondência aproxima o de fora ao de dentro, criando um efeito de similitude para repropor a velha questão de zonas, cujos limites são tênues”.<sup>1027</sup>

Eis aí o ponto de encontro entre os mundos da ordem e da desordem, o lugar aonde se assentam os “biógrafos” da **cidade paradoxal**, e a partir de onde vão descamando, camada após camada, os segredos da urbe, tentando desvendar-lhe os mistérios (“O leitor já foi à Casa de Detenção? Vá lá[...] Se conseguir ver a Detenção por dentro, terá a impressão que o Brasil todo lá está”).

Como seus irmãos de Letras, Orestes Barbosa funciona como uma espécie de guia (que relaciona tiros e letras, pistola e máquina de escrever<sup>1028</sup>) pelos descaminhos de uma cidade que, de um lado, se pretende uma cosmópolis, de outro, não pode fugir de ser a Casa de Detenção para aqueles que não se adaptaram à sintaxe urbana.<sup>1029</sup> Livre dos labirintos do presídio, Orestes Barbosa passa a embrenhar-se pelos desvãos urbanos no rastro daquela população ainda não disciplinada pelo trabalho, nem contida pela ordem positivista.<sup>1030</sup> E é na figura do **malandro** que o cronista procura apanhar os principais traços com que irá compor o perfil de seus personagens.

E andando pela cidade, o cronista esbarra no malandro, com seu viver misterioso (tira mel das pedras da cidade), e viola/revela o seu segredo: “[...]malandro quer dizer esperto, sabido, e não ocioso como erradamente se supõe”, o malandro trabalha sim, a seu modo[...] Filho da miséria, o malandro “faz da cidade um campo de batalha”, tecendo com sua ginga o véu do mistério que lhe garante esconderijo e possibilidades de sobrevivência.

Circulando pelos espaços malditos do Rio de Janeiro, depois de experimentar na própria pele viver no avesso da cidade, Orestes Barbosa se indaga, ecoando Benjamim Constallat: “Então o

---

<sup>1026</sup> Gens, Armando e Gens, Rosa Maria C. “O Taquígrafo das Esquinas”, in Barbosa, Orestes. *Bambambã*. RJ, SMC/DGDIC/DI, 2ª ed., 1993, p. 10.

<sup>1027</sup> *Id. ibid.*, p. 11.

<sup>1028</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1029</sup> *Id. ibid.*, p. 12.

<sup>1030</sup> *Id. loc. cit.*



Rio é um mistério?”<sup>1031</sup> E ele mesmo responde: “Há, sem dúvida, duas cidades no Rio. A misteriosa é a que mais me encanta. Eu gosto de vê-la e senti-la na luta contra a outra — a cidade que todos têm muito prazer em conhecer[...]”

Quatro cronistas — João do Rio, Costallat, Couto e Barbosa — quatro versões dos mistérios do Rio e, em todas elas, a **mesma cidade** vista de baixo para cima . Do *res-de-chaussée* para o palacete. O segredo é este, quem puder que o desvende... senão, chame-se o Sherlock!!!

Mas, falta ainda para fechar essa conjuntura histórica, vista a partir de sua “camada literária”, alinhar um outro livro, este de 1928, que ajudará a consolidar o imaginário que a literatura pintou sobre a outra cidade — o duplo do Rio civilizado — seu modo de vida e seus perigos.

O livro em questão tem o sintomático título *A Cidade Maravilhosa*, e o autor, o nosso já conhecido Coelho Neto. Trata-se de uma coletânea de contos/crônicas sobre diversos assuntos da qual duas apenas irão nos interessar. A primeira, que dá título ao livro — *A Cidade Maravilhosa* — passa-se, sintomaticamente, no interior de São Paulo, aonde vive e leciona uma inteligente professorinha, cheia de sonhos: com “grandes cidades, com edifícios enormes, multidões nas ruas, festas, jogos, recreios em praias tortulhadas de barracas”. A vida transcorre na mais profunda mesmice do interior quando, um dia, chega ao povoado, vindo do Rio de Janeiro, um rapaz que tentará seduzir a moça. Pouco importa a história, o que nos interessa é a cena em que os dois jovens saem pela mata a admirar uma **queimada** que clareia toda a noite.

Coelho Neto, como em *A Capital Federal*, não se cansa de usar as imagens do campo para falar da cidade. É assim que o autor põe os dois personagens a dialogarem, mirando o fogaréu ao longe:

- “Linda cidade!
- Onde? perguntou Adriana. E ele apontando o horizonte.
- Ali, pois então? Cidade maravilhosa! Cidade do sonho, cidade do amor[...] Conhece o Rio?
- [...] É aquilo! Um esplendor, não de fogo a queimar, mas de luzes iluminando a vida. Ali, sim! Ali é que a senhora deve viver. Isto é bruteza crassa, terra bovina”.<sup>1032</sup>

<sup>1031</sup> A idéia de **mistério** está profundamente imbricada com a noção de “perigosidade”. Tanto mais misteriosa será a cidade quanto maior for sua “perigosidade”, ou seja, o potencial de manifestações anti-sociais que não hesitam em romper a crosta do asfalto e deitar raízes na geografia urbana. As análises das “tendências criminosas” de certas categorias sociais nas décadas de 20/30 estão fundadas na “perigosidade” atribuída a uma parcela da população que era vista como inadaptada ao processo de cosmopolitismo. Ver: Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, 2 vols.

<sup>1032</sup> Coelho Neto, Henrique. *A Cidade Maravilhosa*. SP, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s/d, pp. 17, 18.

A cidade maravilhosa é, portanto, a capital carioca a tremeluzir com suas luzes na escuridão da mata tropical. Ali se ama, ali se sonha. E é de cidade e sonho que, de novo (como em *A Capital Federal*), Coelho Neto quer nos falar. Mas, esse sonho, esse “desejo velado” desse pequeno conto do livro, só tem seu sentido definido quando muitas páginas adiante nos deparamos com a crônica *A Amante*, onde dois amigos, um que vive na capital e outro no interior, se encontram depois de muito tempo e resolvem passear em Copacabana. O que mora no Rio de Janeiro está cansado da balbúrdia da cidade, da confusão dos bares e está à procura de sossego. O do interior, ao contrário, quer animação. O morador do Rio reclama que na cidade só se gasta “com amantes como esta cidade, não há meios de se ajuntar um vintém. Viver aqui sem dinheiro é um suplício”. Ao que o interiorano contesta, reclamando que o dinheiro não é importante: “Eis o mal da cidade, o vício que nela se adquire”. Vão caminhando os dois por Copacabana quando passam por um vendedor de bilhetes de loteria. Para espanto do morador do Rio, o outro que não se interessava por dinheiro, compra um bilhete. Diante de tal atitude, o “carioca” reage, vaticinando: “Começas a viciar-te meu caro. Se te demoras mais uns dias aqui acabas jogando no bicho e tomando cocaína. São as amantes que viciam e esta cidade é uma amante perigosa, perigosíssima! Cuidado com ela, e se a quiseses ter por tua, faz com ela o que Iago aconselhava: ‘mete dinheiro no bolso’, muito dinheiro”.<sup>1033</sup>

A cidade maravilhosa, aquela fantasiada pela professorinha do primeiro conto do livro, a cidade dos sonhos, é uma amante. Tal qual um vórtice, ela traga todas as energias, depaupera aquele que se deixa envolver por seu fascínio. E aquilo que era o sonho de feliz-cidade é triturado nas engrenagens diabólicas da vida urbana.

Em Coelho Neto, o sonho com as maravilhas da cidade é sempre um pesadelo: ou o sujeito foge dela, como em *A Capital Federal*, ou o sujeito sucumbe a ela e se deixa arrastar para o submundo, como em *Turbilhão* (1906), onde uma jovem moradora do Rio de Janeiro, de vida muito modesta, mas cercada da família, foge de casa para viver a boa vida da cidade, só que na condição de prostituta.

Daí, podermos concluir que, para Coelho Neto, em última instância, a cidade prostitui ou, para ser mais ameno, corrompe.

Assim, como para os autores que enumeramos, em Coelho Neto também divisamos uma capital que abriga duas cidades em pugna entre si. E toda tensão entre essas “cidades está em manter-se à luz do dia, sob a claridade do Sol, lutando para não ser tragada pelas sombras da noite, envolta pelo manto do mistério[...]

---

<sup>1033</sup> Coelho Neto, Henrique. *A Cidade Maravilhosa*. SP, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s/d, p. 142.

## 6.6 - Quando a Polícia Vai à Biblioteca Nacional

Assim como divisei uma camada literária na tentativa de apreender seu papel na constituição de uma conjuntura histórica que se estende ao longo das três primeiras décadas do século XX, da mesma maneira destaco a existência da camada jurídica-policial (e como ela contém as pistas que hão de nos levar de encontro àquilo da cidade que habita nas suas sombras). Assim como operei no plano literário, da mesma forma procurarei ressaltar na análise do plano jurídico-policial o papel que a cidade teve na configuração dessa conjuntura.

A idéia de que a **sociedade** se fazia reconhecer na **cidade**, isto é, que era pela cidade que se armava o pacto que garantia a paz social, me leva a insistir no papel articulador que a dimensão urbana tem em cada uma dessas camadas que formam aquela conjuntura histórica. Tal importância da dimensão urbana se dá num momento em que um **pacto urbano** faz, às vezes, do **contrato social**, e é pela cidade que passa a se construir tanto a legitimidade quanto a adesão ao sistema social.

É inevitável, portanto, quando analisamos a camada jurídica-policial, destacar o papel que a questão da formulação de uma **urbanidade** tem no sentido de articular o conjunto de dados históricos que dão singularidade a esta camada.

Dessa maneira, vamos olhar para esses dados históricos não pelo seu ângulo mais evidente, o policial-repressor, mas por aquele que aponta para a domesticação, para a civilidade, para o decoro, para a urbanidade e o cosmopolitismo e, porque não, para a adesão-legitimação ao sistema sócio-ideológico, cujo centro está na cidade, ou melhor, cujo epicentro é a cidade.

De novo, como já havíamos feito anteriormente, vamos olhar para a **polícia** e a Justiça, não pelo seu lado repressivo, mas pelo seu aspecto civilizador. Porque é por aí que podemos entender a importância que as instituições jurídicas-policiais dão à cidade como fator de sociabilização. É, portanto, a partir da imagem que a autoridade faz da cidade — a constatação de sua “perigosidade” e da existência das “classes perigosas” — que ela vai elaborar sua política de intervenção, ou melhor, sua política de “civilização”.

Nesse sentido, o ano de 1917 passa a ser central na nossa análise, porque é no mês de maio desse ano que é realizada a 1ª Conferência Judiciária-Policial,\* no Rio de Janeiro, idealizada pelo Chefe de Polícia do Distrito Federal, Aurelino Leal.

---

\* Agradeço a Pedro Tórtima as informações sobre a 1ª Conferência Judiciária-Policial, as análises existentes em sua tese sobre o assunto e o acesso às próprias teses da Conferência. Graças a Pedro Tórtima também pude conhecer a revista *Boletim Policial*, que está sendo de enorme valia para a elaboração dessa parte do capítulo em curso.

O ano de 1917, como sabemos, não foi um ano qualquer. Primeiro, porque dois meses depois de encerrada a Conferência, estalou a Revolução Russa, com grande repercussão internacional, e segundo porque, mesmo no Brasil, o ano de 17 foi de grande fermentação no movimento operário, resultando na eclosão de importantes greves operárias e sindicais, e no impulso para a criação do Partido Comunista Brasileiro (1922).

Tudo aquilo que vai acontecer em 1922 — Revolta dos Tenentes, criação pela Igreja do Centro D. Vital, organização dos trabalhadores, Semana de 22, criação do Partido Comunista, etc. — já vinha de alguma maneira fermentando em 1917 e chamando a atenção das autoridades para as transformações sociais, principalmente no que diz respeito à formação de uma classe operária, sua presença na cidade e o papel da cidade na sua reprodução.

Como a realização da 1ª Conferência Judiciária-Policial se explica, em parte, devido aos temores das autoridades tanto com relação à organização dos trabalhadores quanto em relação à “desordem urbana”, é de chamar atenção para a pompa armada em torno do evento que haveria de se desenrolar por três meses a fio.

A Conferência foi aberta e fechada na Biblioteca Nacional, o que leva a supor que os organizadores do evento pretendiam obter um respaldo que a “casa dos livros” certamente lhe garantiria, conferindo ao encontro uma espécie de marca civilizatória.<sup>1034</sup> Além disso, a Conferência recebeu o respaldo do Estado brasileiro, com a presença do Presidente da República Wenceslau Braz na abertura do evento que “reuniu a fina flor da magistratura, dos representantes do Ministério Público, das autoridades da polícia e dos juristas da época”.<sup>1035</sup>

Foram discutidas, durante a Conferência, um total de 31 teses que abordavam “os mais variados problemas da grande cidade — o Rio de Janeiro em particular”.<sup>1036</sup> Essas teses eram acompanhadas de propostas de solução de questões que, em grande parte, diziam respeito à presença popular na cidade.

A Conferência foi dividida em três sessões: a Organização Geral da Polícia (7 teses), Justiça e Polícia (9 teses) e Polícia Administrativa (11 teses).

---

<sup>1034</sup> Tórtima, Pedro. *Polícia e Justiça de Mãos Dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1917. (Uma Contribuição aos Estudos Sobre o Enfrentamento da “Questão Operária” pelas Classes Dominantes e pelo Estado). (1900/1925)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF/ICH, 1989.

<sup>1035</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1036</sup> *Id. loc. cit.*

Segundo Pedro Tórtima, das 31 teses programadas, foram discutidas e votadas 27. Tais teses e os concernentes debates versavam, em grande parte, sobre temas sociais relativos às grandes urbes: desde a vigilância policial das sociedades operárias ao confinamento de prostitutas em ruas próprias, desde a quebra do sigilo da correspondência à proibição dos *meetings*, desde o controle das reuniões secretas à proibição das práticas kardecistas, desde a internação de loucos pela polícia à ação da imprensa, desde a identificação do cidadão através da folha corrida e carteira de identidade ao controle policial da rua.<sup>1037</sup>

Como se vê, a Conferência se fundava no **medo**. Medo da cidade e do cidadão. Medo da desordem urbana e das “classes perigosas”. Medo do desconhecido na cidade e da cidade desconhecida. Toda importância do evento recaía, então, sobre a necessidade de **conhecer, identificar e controlar** a massa trabalhadora na cidade que ainda não se enquadrara ou, mesmo, resistia a um sistema de ordem, cuja base estava fundada numa **moralidade burguesa** de corte urbano.

Há, portanto, por parte das autoridades, uma grande preocupação com as multidões, com seus hábitos, costumes, seu trabalho e, principalmente, com sua maneira de “usar” e “abusar” da cidade. Fazia-se necessário acompanhar as transformações urbanas e ao mesmo tempo adaptar as massas à lógica da cidade e ao mundo do trabalho. Viver na cidade demandava, além da **lei, a norma**, que disciplina. Lei para amarrar os indivíduos a um **contrato social**, norma para dar legitimidade às relações de poder que submetiam as massas, numa sociedade que começava a se industrializar.

Fazem sentido, então, as palavras do Chefe de Polícia do Distrito Federal no discurso de abertura do evento: “O Poder Judiciário e a polícia lavram a mesma terra e se destinam a um ideal comum: à manutenção da ordem”.<sup>1038</sup>

Observa-se, portanto, que as teses defendidas na Conferência refletem a grande preocupação que as autoridades têm com a ordem pública, principalmente no que diz respeito à questão do decoro urbano.

Veja-se o que diz o jurista Rodrigo Otávio, que mais tarde seria Ministro do Supremo Tribunal Federal, a respeito da presença de “indesejáveis” na cidade:

---

<sup>1037</sup> Tórtima, Pedro. *Polícia e Justiça de Mãos Dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1971. (Uma Contribuição aos Estudos Sobre o Enfrentamento da “Questão Operária” pelas Classes Dominantes e pelo Estado). (1900/1925)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF/ICHP, 1989, pp. 179, 180.

<sup>1038</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 197.

“Não são só os anarquistas, libertários, criminosos, mendigos, vagabundos, cáftens que constituem a classe dos indesejáveis. A Nação precisa de armas meios de saneamento de sua atmosfera social, moral e muito mais enérgicos do que ela hoje possui. Não basta atender aos interesses da ordem pública e dos bons costumes, é mister não perder de vista os interesses supremos da saúde pública e, senão do aperfeiçoamento, da defesa da raça”.<sup>1039</sup>

Essa fala do jurista ecoa o que o Chefe de Polícia Aurelino Leal já havia dito ao longo da apresentação de sua tese:

“[...]o Rio de Janeiro é sabidamente uma cidade de grandes fermentos. Receptáculo de maus elementos estrangeiros (anarquistas) e centro ainda não emancipado de idéias revolucionárias, o Chefe de Estado — e todos assim têm agido — não dispensa conferenciar amiudamente com o Chefe de Polícia, transmitindo-lhe ordens diretas[...]”<sup>1040</sup>

Numa sociedade que se urbanizava, a importância do Chefe de Polícia e da própria polícia tendiam a se tornar cada vez maior, uma vez que os problemas da ordem pública passaram a galgar o primeiro plano das questões do Estado.

A tese apresentada pelo Desembargador Geminiano de Franca só faz corroborar a importância do papel da polícia, quando ressalta que:

“O êxito das medidas atinentes à garantia da ordem pública e à segurança individual depende de uma organização inteligente e prática do serviço de polícia. Se é verdadeiro que a índole do povo, a sua instrução, a ausência de trabalho, a falta de educação moral e cívica, concorrem para as alterações da ordem e desenvolvimento dos crimes, é fora de dúvida que a ação destes fatores se atenua pela severa, permanente e metódica vigilância da polícia. As tendências más da multidão, as maquinações perversas do indivíduo, mais dificilmente se manifestam quando há receio de uma pronta repressão”.<sup>1041</sup>

Mas, é mesmo Aurelino Leal quem melhor define o papel da polícia na preservação da ordem pública. Na tese VII, da qual foi o relator, ele argumenta que:

“A necessidade de regular a coexistência dos homens na sociedade deu origem ao poder de polícia; o estado de consciência que se firmou no indivíduo de que lhe seria impossível viver bem sem submissão a esse poder fez nascer o dever de polícia. A primeira consequência dessa noção é que o poder de polícia se estende a todas as relações coletivas nas quais se notem a presença de deveres para com ela”.<sup>1042</sup>

<sup>1039</sup> Tórtima, Pedro. *Polícia e Justiça de Mãos Dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1971. (Uma Contribuição aos Estudos Sobre o Enfrentamento da “Questão Operária” pelas Classes Dominantes e pelo Estado). (1900/1925)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF/ICHP, 1989, pp. 244, 245.

<sup>1040</sup> *Anais da Conferência Judiciária-Policial*. Convocada por Aurelino de A. Leal, Chefe de Polícia do Distrito Federal. RJ, Imprensa Nacional, 1918, 1º vol., p. 10.

<sup>1041</sup> *Id. ibid.*, p. 19.

<sup>1042</sup> *Id. ibid.*, pp. 94, 95.

Apesar de ressaltar a importância da instituição, o discurso do Chefe de Polícia revela a dificuldade que a polícia tem para fazer frente à nova dinâmica urbana, onde a **submissão pessoal e a hierarquia personalista** deixaram de garantir um controle adequado dos indivíduos. A missão de uma polícia adaptada à realidade urbana (uma polícia profissional) seria, pois, preencher essa lacuna através da imposição de um código de conduta pública.<sup>1043</sup> Nesse sentido, a resposta da polícia às ruas vai deixando de se fundar na repressão direta para abrir um novo espaço de cooptação e de “adesão” à cidade. Diante da inevitabilidade de uma sociabilidade em expansão na cidade, a polícia passa a ser uma das articuladoras, juntamente com a Justiça, do **acto urbano**.

É nesse momento que o “imaginário policial” descobre o **outro**, o diferente, pois a submissão pessoal sempre remeteu para o mesmo, e não há *socius* quando não se sai do mesmo. Nesse sentido, a cidade tem que ser vislumbrada como o lugar do encontro com o outro e ser distinguida pelo Direito e pela Política.<sup>1044</sup>

A grande preocupação de se fazer da polícia uma das articuladoras do pacto urbano transparece nas inúmeras intervenções que Aurelino Leal faz ao longo da Conferência. Ora, tentando fazer crer que a polícia deve abandonar o seu viés arbitrário e repressivo no trato com os cidadãos, e se pautar por um “sistema técnico e de disciplina forte e sadio”, em que predomine “a delicadeza, a boa vontade, a candura para com o público em todas as situações normais”,<sup>1045</sup> ora, sugerindo que a polícia é o verdadeiro fator de civilidade a impedir, por sua função preventiva, que se “afrouxem ou despedacem aqueles elos que, em essência, constituem o sustentáculo da disciplina social”.<sup>1046</sup>

Por tudo isso é que Aurelino Leal encerra a 1ª Conferência Judiciária-Policial exaltando o papel da polícia como canalizadora da sociabilidade:

“Pode-se dizer, sem exagero, que a civilização de um grande centro se exterioriza pelo expoente de sua salubridade e ordem, ou por outras palavras, da sua higiene e da sua polícia”.<sup>1047</sup>

<sup>1043</sup> Holloway, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997, p. 252.

<sup>1044</sup> Ver a discussão que Renato Janine faz sobre a Política no Brasil e a formação da sociedade contratual. Ribeiro, Renato Janine. “O Brasil pela Novela”, in *Rumos*. Publicação da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário. SP, dez. 1998/jan. 1999, ano 1, nº 1. Ver, também, para discussão sobre a formação da família burguesa na cidade e a questão da submissão pessoal, o livro de Costa, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989.

<sup>1045</sup> *Anais da Conferência Judiciária-Policial*. Convocada por Aurelino de A. Leal, Chefe de Polícia do Distrito Federal. RJ, Imprensa Nacional, 1918, vol. 2, p. 41.

<sup>1046</sup> *Id. ibid.*, p. 19.

<sup>1047</sup> *Id. ibid.*, p. 423.

Há, para o Chefe de Polícia, “ainda uma noção falsa da polícia que convém seja combatida: a de que ela constitui apenas um mecanismo de coerção. Sem ser possível negar que a base dessa instituição social descansa na força como último recurso[...] é preciso concebê-la e encará-la de um ponto de vista mais elevado[...] O constrangimento e a norma produzem a disciplina[...] A ordem é para a sociedade o que a atmosfera é para a Terra: envolve-a toda, penetra-a toda[...] Nesta cruzada, pois, que se destina à manutenção da ordem, sigamos a Justiça bem orientada, a Justiça digna[...]”<sup>1048</sup>

Essa percepção que a Conferência Jurídico-Policial de 1917 tem sobre o papel da polícia na sociedade urbana, vem coroar toda uma reflexão que, desde o começo do século XX, já vinha sendo feita na instituição por todo um grupo de “cientistas” que optei por chamar de “intelectuais da polícia”.

---

<sup>1048</sup> *Anais da Conferência Judiciária-Policial*. Convocada por Aurelino de A. Leal, Chefe de Polícia do Distrito Federal. RJ, Imprensa Nacional, 1918, vol. 2, pp. 427, 429, 445.



## 6.7 - ... E os Homens Não São Iguais

Para pensar a **camada científica** no seu desdobramento conjuntural e entender como os cientistas terçaram armas com aquela porção desconhecida da cidade a fim de desvendar os seus segredos, vou me concentrar no processo de surgimento de uma intelectualidade que viu na polícia uma forma de instauração da ordem, num meio que parecia infenso a qualquer ordenação, num meio que parecia resistir a toda classificação. Manipulando categorias “científicas” baseadas na pesquisa e observação da Anatomia Humana na definição do tipo “anti-social” esse intelectual-policia, por estar no aparelho de Estado, pensou poder enquadrar as massas com o seu saber e ao mesmo tempo dar “transparência” à cidade, de forma a equacionar os seus mistérios.

Para conhecer os intelectuais da polícia, me pus a seguir a trajetória histórica da intelectualidade brasileira que, desde 1838, com o surgimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vinha se esmerando em entender, seja o país, seja a Nação, seja o povo. Seja pela História ou pela Geografia, seja pela Medicina ou pela Etnologia, esses **intelectuais**, embora distantes da temática urbana naquele momento, já se preocupavam com a formação do povo e com o “destino” civilizatório do país.

Até 1870, predominará no país uma intelectualidade — o intelectual hegemônico do Império — cujo perfil se identificava com o do bacharel/burocrata que se voltara para “a perpetuação dos interesses do grupo senhorial escravocrata, e cuja conduta social proposta era a moderação”.<sup>1049</sup> Na passagem do Império para a República surgiria um novo grupo de intelectuais — a geração 70 — de perfil cientificista, “marcada por idéias liberais e por uma vontade de transformação radical da estrutura sóciopolítica-econômica — que vai defender a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República”.<sup>1050</sup>

A palavra de ordem da geração de 1870 era, conforme Nicolau Sevcenko, “condenar a sociedade ‘fossilizada’ do Império e pregar grandes reformas redentoras[...]”,<sup>1051</sup> basicamente, a Democracia.

Analisando esse período, um de seus personagens mais atuantes, Euclides da Cunha, assim o resumiu: “O quinquênio 1875-1880 é o da nossa investidura temporã na filosofia contemporânea,

<sup>1049</sup> Herschmann, Micael M. e Pereira, Carlos Alberto M. “O Imaginário Moderno no Brasil”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994.

<sup>1050</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1051</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 78.

com seus vários matizes, do Positivismo ortodoxo ao Evolucionismo no sentido mais amplo, e com as várias modalidades artísticas decorrentes, nascidas de idéias e sentimentos elaborados fora e muito longe de nós[...]" <sup>1052</sup>

A idéia de que era preciso "construir a Nação e remodelar o Estado" <sup>1053</sup> se avolumou num ponto tal que levou a que toda a intelectualidade visse no seu fazer uma forma de engajamento político. Não mais, no entanto, uma política que perpetuasse o escravismo e que fizesse eco aos interesses da oligarquia rural, mas uma militância que tivesse o progresso como doutrina e que se escorasse numa gestão lúcida e eficiente dos destinos do país que, acreditava-se, só com o auxílio da **ciência** poder-se-ia alcançar.

De acordo com Sevcenko, "a crença no mito novecentista da ciência — intensificado na *Belle Époque* — consagrava-a como único meio prático e seguro de reduzir a realidade a leis, conceitos e informações objetivas, as quais, instrumentalizadas pelo cientista, permitiram seu perfeito domínio". <sup>1054</sup>

Se só a ciência poderia dar legitimidade ao poder, era preciso superar a retórica inspirada na **natureza** que dava, segundo a ótica da elite imperial, singularidade ao país.

De acordo com Micael Herschmann:

"A valorização crescente da ciência e a penetração de certas doutrinas filosóficas no país como o Humanismo, o Materialismo Histórico da esquerda hegeliana, o Utilitarismo inglês e, principalmente, o Sociologismo Positivista de Comte e o próprio Naturalismo a alteraram (a retórica inspirada na natureza) profundamente. A natureza deixa de ser apenas um referencial e passa a assumir um papel central como princípio explicativo da existência. Passa-se a considerar todas as entidades existentes como naturais, pertencentes à ordem da natureza; ou seja, o objetivo da ciência, cada vez mais, é a redução do meio físico a 'leis'. A natureza torna-se um suporte 'documental', ponto de partida para a elaboração de sistemas explicativos 'pragmáticos' e 'científicos' que deveriam dar conta do indivíduo e da 'realidade nacional'. <sup>1055</sup>

A ciência deveria se transformar, na visão positivista, "no único caminho para se atingir a saúde plena do 'corpo social': a 'civilização'". <sup>1056</sup> Era preciso, no entanto, "segundo esses intelectuais

<sup>1052</sup> Citado por Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 80.

<sup>1053</sup> *Id. ibid.*, p. 83.

<sup>1054</sup> *Id. ibid.*, p. 85.

<sup>1055</sup> Herschmann, Micael M. "A Arte do Operatório. Medicina, Naturalismo e Positivismo, 1900-1937", in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 55.

<sup>1056</sup> *Id. ibid.*, p. 56.

‘intervir’, ‘organizar’, ‘sanear’, ‘prevenir’, a fim de evitar os ‘perigos’, ‘excessos’, ‘falhas’ e ‘desvios’ que ameaçavam o meio ambiente, a cultura e o indivíduo, isto é, a concretização do principal objetivo: a ‘realização plena da Nação’. Essa doutrina[...] (o Positivismo) [constituiu-se] na matriz ideológica, no ponto de partida para os que se engajaram na ‘marcha rumo ao progresso’. Respalidou a ascensão desses indivíduos à condição de intelectuais junto ao Estado, e legitimou suas intervenções”.<sup>1057</sup>

*Vis-à-vis* ao papel que as instituições e os intelectuais tiveram, entre os anos 1820 e 1840, na definição de uma paisagem e de uma temática brasileiras, igualmente o ano de 1870 é um “importante marco no processo de institucionalização da ciência e de afirmação social deste cientista como intelectual”.<sup>1058</sup> Os cientistas — afirma Herschmann — passam a reivindicar para si a “condução do processo ‘civilizador’”.<sup>1059</sup>

Uma nova linguagem moral e política, juntamente com uma nova ética, começam a se articular na justificação do poder. Donde a inevitável questão de uma sociedade escravista, fundada em princípios liberais: quem integrar e quem excluir do **pacto social**? E o incontornável problema de uma cidade escravista, aonde esta era o elemento central na preservação da ordem social: quem integrar e quem excluir do **pacto urbano**?

Uma ciência sobre o Brasil — argumenta Nicolau Sevcenko<sup>1060</sup> — seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente de seu destino. Era pela ciência, portanto, que se faria o debate sobre a possibilidade de participação das massas na vida política do país ou a reafirmação de sua exclusão.

Na medida em que a urbanização revelava um aumento e concentração de populações, anteriormente menos visíveis ou sob menor controle, passava a ser necessário conhecer e controlar essas novas populações.<sup>1061</sup> “Isto é, no momento mesmo em que se colocavam as questões da cidadania e da nacionalidade brasileira, tornava-se, também, imperativo político definir mais claramente os critérios de inclusão/exclusão ao estatuto de cidadão nacional”.<sup>1062</sup>

<sup>1057</sup> Herschmann, Micael M. “A Arte do Operatório. Medicina, Naturalismo e Positivismo, 1900-1937”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994, pp. 56, 57.

<sup>1058</sup> *Id. ibid.*, p. 57.

<sup>1059</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1060</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 85.

<sup>1061</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 1, p. 18.

<sup>1062</sup> *Id. loc. cit.*

Esses critérios de inclusão/exclusão, já vimos, passavam necessariamente pelos “saberes científicos” da época.

E os portadores desses saberes científicos — os intelectuais — nessa fase que se inicia em 1870, serão, justamente aqueles que darão uma “nova tonalidade à dominação tradicional da burguesia agrária do período”.<sup>1063</sup>

Mas, o que significava “repensar” a questão do poder naquele momento? Entre outras coisas, redefinir os objetos de análise, questionando as tradicionais definições de povo e de Nação. O que era novo aí é que esses intelectuais, ao buscarem essa nova definição, “colocavam as **relações raciais** no centro de suas preocupações teóricas e de pesquisa”.<sup>1064</sup> Esta questão, assinala Mariza Corrêa, “seria explicitamente levantada em nosso contexto cultural pela ciência e pela literatura, através de Silvio Romero, Nina Rodrigues, Aluísio Azevedo e Euclides da Cunha, e discutida por muitos outros autores”.<sup>1065</sup> Assim, antes de “ser pensada em termos de cultura ou em termos econômicos, a Nação foi pensada em termos de raça”.<sup>1066</sup> E por que em termos de raça? Porque era por ali que os intelectuais, primeiro, procuraram “[...] determinar um tipo étnico específico representativo da nacionalidade[...].”<sup>1067</sup> e, segundo, porque era através da questão da **mestiçagem** que os “males” do povo eram diagnosticados. Acreditando que estávamos “[...]condenados à civilização — ou progrediremos ou desapareceremos”<sup>1068</sup> — Nina Rodrigues vai atribuir a degeneração do país ao mestiço e à sua incapacidade de fazer frente às responsabilidades do contrato social:

“Pode-se exigir que todas essas raças distintas respondam por seus atos perante a lei com igual plenitude de responsabilidade penal? [...] Porventura, pode-se conceber que a consciência do direito e do dever que tem essas raças inferiores seja a mesma que possui a raça branca civilizada? Ou que, pela simples convivência e submissão possam elas adquirir, de um momento para o outro, essa consciência, a ponto de se adotar para elas conceito de responsabilidade penal idêntico ao dos italianos, a quem fomos copiar o nosso código?”<sup>1069</sup>

Dessa maneira, os escravos são transformados em “negros”, fazendo surgir uma nova categoria

---

<sup>1063</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 1, p. 23.

<sup>1064</sup> *Id. ibid.*, p. 24. (Grifo meu).

<sup>1065</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1066</sup> *Id. ibid.*, p. 35.

<sup>1067</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 85.

<sup>1068</sup> Corrêa, Mariza. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>1069</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 135, 136.

de análise, onde os negros, de “máquina de trabalho” se transformam em “objetos da ciência”.<sup>1070</sup> E é a partir da ciência que a miscigenação do negro com o branco é condenada, na medida em que a mestiçagem é tida como a principal responsável pela degeneração do povo. À ciência caberia “desmontar a suposta igualdade entre os homens, justificação ideológica da Abolição[...] Em termos teóricos, a ciência tinha preparado um terreno, aonde o racismo se acomodava muito bem”.<sup>1071</sup>

Foi observando a “patologia social” do negro que um dos maiores formuladores de conceitos sobre a miscigenação brasileira, da geração de 1870, Nina Rodrigues (o criador da Antropologia no Brasil), chegou à conclusão do seu poder de degeneração no amalgamento de um tipo étnico nacional. Segundo Nina Rodrigues, “[...]a nossa população em vias de formação pelo cruzamento de três raças distintas, misturadas em proporções muito variáveis, o nosso meio social em que se acharam em conflito civilizações em graus tão diferentes, oferecem necessariamente um campo todo especial para estudos do **criminoso** tanto no terreno biológico como no sociológico”.<sup>1072</sup>

Tal interesse no estudo dos elementos “desviantes” que compunham a sociedade se acentua, principalmente, depois da Abolição, pois entrando o negro na sociedade, acreditava Nina Rodrigues, o negro transformaria o branco, alterando-o, tornando-o outro.<sup>1073</sup> Para Nina, o negro era um perigo potencial, virtual... pelo fato de ser... negro.

O contato com a obra de Lombroso e outros cientistas europeus, que à época se debruçavam sobre a constituição de uma Antropologia Criminal, fez com que Nina abraçasse o campo da Medicina Legal como forma de conhecimento daqueles que ameaçavam quebrar a hierarquia social e biológica da sociedade. E é por esse viés que nasce o interesse de Nina pela questão da **identidade** social e criminal do brasileiro, através da qual poderia estudar as causas da criminalidade e descobrir os remédios que devolveriam a saúde ao corpo social, na medida em que, para os “antropólogos”, o crime não era uma questão de moralidade ou de livre arbítrio, mas uma questão médica, psicológica e sociológica.

No seu livro *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, dedicado a Lombroso, Ferri e Garofalo (famosos criminalistas europeus), Nina Rodrigues defende uma teoria radical sobre as características biológicas dos criminosos, onde indica que diferentes comportamentos em relação à ordem social correspondem a marcantes diferenças raciais. Negros e índios, por

<sup>1070</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 1, p. 43.

<sup>1071</sup> *Id. ibid.*, pp. 43, 44.

<sup>1072</sup> *Id. ibid.*, Nota 28, p. 266. (Grifo meu).

<sup>1073</sup> *Id. ibid.*, p. 30.

exemplo, teriam maior predisposição a cometer crimes que brancos:

“[...] A civilização ariana está representada no Brasil por uma fraca minoria da raça branca, a quem ficou o encargo de defendê-la não só contra os atos anti-sociais — os crimes — dos seus próprios representantes como ainda contra os atos anti-sociais das raças inferiores, sejam estes verdadeiros crimes no conceito dessas raças, sejam, ao contrário, manifestações do conflito, da luta pela existência entre a civilização superior da raça branca e os esboços de civilização das raças conquistadas ou submetidas”.<sup>1074</sup>

Por tudo isso é que, para Nina Rodrigues, os julgamentos de criminosos, mais do que casos policiais e de moralidade, deviam ser encarados como questão de Medicina e Antropologia.<sup>1075</sup>

“Mesmo nos mestiços mais disfarçados, naqueles em que o predomínio dos caracteres da raça superior parece definitiva e solidamente firmado, não é impossível revelar-se de um momento para outro o fundo atávico do selvagem”.<sup>1076</sup>

Dessa forma, como o julgamento dos criminosos deveria caber à ciência, na visão de Nina, também os diagnósticos dos problemas nacionais deveriam caber ao cientista. Nina se inseria, assim, na disputa que clássicos e positivistas do Direito Penal travavam na virada do século pelo monopólio da verdade sobre a “natureza humana” e o direito de intervenção na sociedade.<sup>1077</sup> Mas, independentemente da disputa entre os grupos, os intelectuais se autoconcebiam como responsáveis pela orientação e organização da Nação, na sua condição de especialistas, pretensos detentores de um conhecimento científico que lhes permitiria ser o elemento de simbiose entre o povo e a Nação.<sup>1078</sup>

Convencido da especificidade do conhecimento científico, Nina reivindica, para o especialista — o perito médico-legal — o direito de calcular precisamente o grau de periculosidade real ou virtual de cada um.<sup>1079</sup>

É do cientista, portanto, que deve partir a reação às ameaças à ordem social, produzindo diagnósticos e definindo punições àqueles que infligissem danos à sociedade. Os cientistas

<sup>1074</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, pp. 132, 133.

<sup>1075</sup> Ribeiro Filho, Carlos Antonio C. “Clássicos e Positivistas no Direito Penal Brasileiro: uma Interpretação Sociológica”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 140.

<sup>1076</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *Op. cit.*, p. 135.

<sup>1077</sup> Ribeiro Filho, Carlos Antonio C. *Op. cit.*, p. 130.

<sup>1078</sup> Herschmann, Micael M. “A Arte do Operatório. Medicina, Naturalismo e Positivismo, 1900-1937”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *Op. cit.*, pp. 49, 51.

<sup>1079</sup> Corrêa, Mariza. *Op. cit.*, p. 65.

passam a se ver como “a garantia da ordem social”.<sup>1080</sup> Desta maneira, Nina Rodrigues acredita que o poder, mais que uma questão de política, mais que uma questão de interesses, é uma questão **técnica** que diz respeito à neutralidade própria da ciência. Essa era bem a linha de pensar que aglutinava os positivistas: “Consistia, esta, na suposição de que o interesse nacional se estabeleceria mediante a aplicação de conhecimentos científicos, e não como resultado da livre disputa entre os interesses particulares. O governo é uma questão de competência[...] A representação não é, portanto, política e de interesses, mas técnica”.<sup>1081</sup>

Nesse sentido, cada forma de saber procura definir sua especificidade, reafirmando no específico sua cientificidade. É por isso, talvez, que a Medicina, que até então operara estreitamente ligada à Antropologia (ambas buscando a cura para a degeneração do corpo social), se separa desta, elegendo como seu objeto de análise privilegiado o **desvio** e os **desviantes**, e passando a desenvolver o tema da **identificação**. Enquanto isso, a Antropologia, embora continuasse a se interessar pelos **desviantes** (o criminoso) e pelas **minorias**, passa a renegar o determinismo biológico e a se debruçar sobre o tema da **identidade**. Enquanto os médicos procuram os sinais que permitiriam constituir os critérios de exclusão de uma determinada ordem social (identificação), os antropólogos procuram os sinais da pertinência, da identidade auto-atribuída dos grupos, segmentos ou classes que compõem a sociedade brasileira (identidade).<sup>1082</sup>

Médicos ou antropólogos, identificação ou identidade, pertinência ou exclusão da ordem social, do que se tratava mesmo, nesse momento da vida nacional, era da “constituição das mais variadas técnicas de controle e identificação da população brasileira”.<sup>1083</sup>

Como controlar a desagregação do sistema senhorial, se indagam os cientistas, que se precipitou com a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a migração para os centros urbanos, aonde se concentraram massas de negros libertos, brancos pobres e imigrantes? Como obter uma identidade cultural em um país de raça mestiça, produto de tantas etnias? Como se preservar do caos social? Como se curar da degeneração da própria nacionalidade?

Todo esse mar de dúvidas que vinha dos questionamentos da Medicina, do Direito, da Antropologia e das Ciências que apenas tinham sido introduzidas no Brasil como a Psicanálise, a Pedagogia, etc., conflui para uma única questão que, nesse período (1870/1900), empolgava o pensamento científico de ponta do país: o problema da mistura racial, tido como o principal

<sup>1080</sup> *Id. ibid.*, p. 171.

<sup>1081</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, p. 171.

<sup>1082</sup> *Id. ibid.*, p. 171.

<sup>1083</sup> *Id. ibid.*, p. 171 b.

responsável pela “degeneração” da raça brasileira. Raça esta que traria, em seu código genético, os atavismos que a transformariam numa raça “degenerada”.<sup>1084</sup>

À Eugenia, que se preocupava diretamente com a pureza da raça, caberia melhorar a raça; à Psicanálise, controlar os sentimentos, paixões e emoções; à Medicina, garantir a saúde do corpo social; à Antropologia (Medicina Legal) estudar as causas da criminalidade e encontrar remédios para o organismo social; e ao Direito, reconhecer a desigualdade entre os diferentes grupos sociais.

Todas essas “terapias” visavam o surgimento de um novo homem — o brasileiro — sadio, controlado e civilizado, pronto para fazer do país uma ilha de ordem e progresso.

Seja de que ângulo for, tratava-se de fundar uma Nação moderna, legitimada por uma racionalidade “Positiva” que enquadrasse **desvios e desviantes** a partir dos princípios da “cientificidade”, o que possibilitaria realocar cada qual e cada grupo no seu **lugar de direito** na sociedade. Garantia-se, com isso, o estabelecimento de uma hierarquia social, montada a partir de critérios “científicos”, portanto, “neutros” e “apartidários”; logo, socialmente “legítimos”.

Apesar de todos os esforços dessa geração de diagnosticar a **degeneração** que teria tomado conta de todas as instâncias da vida nacional, não colheriam eles, no entanto, os louros da **regeneração**. À geração, que vai de 1900 a 1920, caberia a “glória” de **regenerar** o país.

---

<sup>1084</sup> Sobral de Andrade, Ricardo A. “Avatares da História da Psicanálise: da Medicina Social no Brasil à Medicina Nazista e à Medicina Romântica Alemã”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994, p. 71.



## 6.8 - Da “Degeneração” à “Regeneração”. A Intelectualidade da Polícia

O espírito que animou a geração de 1870, lançando-a à procura da identidade nacional e, portanto, levando-a a equacionar os conceitos de povo e Nação depois da experiência da Abolição e da República, mostrara-se combalido. É que o tal do “tipo racial brasileiro”, mais “puro” em sua etnia e, portanto, “apto” a tirar o país do atraso, não vingara, e o povo mantinha-se em sua ignorância atávica. Mesmo diante daqueles dois grandes eventos históricos nada se alterara, significativamente, que revelasse à intelectualidade que uma “vontade nacional” punha-se em marcha. O sentimento de que vivia-se no final do século ainda numa cidade atrasada, pestilenta e sem qualidade urbana, somava-se à frustração com a mestiçagem da população, com o estado de ignorância em que se debatia o povo, e com o “desinteresse” popular em relação aos destinos do país.

Crônica publicada na revista *O Malho*, de 1903, retrata bem o estado d'alma, senão da população, pelos menos daqueles observadores da vida pública que viam a capital do país — antes da reforma Passos — como um lugar atrasado, fora do eixo do cosmopolitismo:

“Não havia limpeza, nem pública nem particular, nem interna nem externa, nem no corpo nem na alma da pobre Sebastianópolis, a hygiene e o asseio eram figuras de retórica, e quanto à elegancia e bom gosto em construções o que dava a característica era a casinha de rotula, legada pelos fundadores da cidade, e as viellas estreitas que parecem infinirem o pequeno ar de mexerico às relações entre os que por ellas transitam.

Mas, foi nesta situação de immundicie e de andrajos que a veiu encontrar o reformador activo e forte que é o Dr. Passos, e foi assim que ele resolveu varrer toda essa porcaria, e sobre o terreno limpo e saneado levantar melhoramentos que nos honram, que já dizem bem a respeito de nossa cultura e de nosso adeantamento, operando num verdadeiro milagre a transformação rápida da cidade immunda de outr’ora em um sitio decente, aonde já se não tem vergonha de estar. As ruas e praças alargam-se, o calçamento é restaurado a grandes trechos, as casas oferecem um melhor aspecto, avenidas surgem miraculosamente, há no ar, na gente e nas cousas um tom de alegria, de contentamento, de esperança em ver dentro em breve poder o Rio de Janeiro dizer-se, com razão e sem provocar o riso zombeteiro de nossos vizinhos do Prata que é a primeira cidade da América do Sul”.<sup>1085</sup>

Sílvio Romero, crítico literário e um ardoroso defensor do branqueamento da Nação, ele mesmo um intelectual da geração 70, escrevia, em 1906, fazendo um balanço do nosso passado “degenerado”:

“A República teve a vantagem de revelar este querido povo brasileiro tal qual é, entregue a si próprio ou aos seus naturais diretores, o que vem a ser a mesma coisa. Os vícios e defeitos de sua estrutura social tornaram-se patentes aos observadores imparciais e cultos. Até à Independência, esse amado

<sup>1085</sup> Citado por Brenna, Giovanna Rosso del. (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma Cidade em Questão*. RJ, Ed. Index, 1985, p. 110.

Brasil tinha aparecido sempre sob a tutela da realeza portuguesa que o havia dirigido, guiado, afeiçoado, por assim dizer, ao sabor de seus planos e desígnios, até onde governos podem influir na estrutura das massas populares, sobre as quais lhes cumpre velar. No regime passado, igual tutela havia sido exercida pela Monarquia nacional que se poderia considerar, em mais de um sentido, uma continuação, um prolongamento da realeza mãe.

Poder-se-ia dizer que havia uma força estranha a estorvar o povo no seu andar normal e próprio. Hoje, este obstáculo jaz desfeito: não existe mais tal embaraço ou tal desculpa. O observador não divisa um astro estranho a desviar-lhe os instrumentos de análise: não encontra tropeços no caminho”.<sup>1086</sup>

Ao tentar definir o sentido que a expressão **regeneração** tinha para a geração que sucedeu aquela de 1870, Nicolau Sevcenko bem define o que tinha sido o período de **degeneração**:

“A expressão ‘regeneração’ era, por si só, esclarecedora do espírito que presidiu esse movimento de destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial, e de montagem da nova estrutura urbana. O mármore dos novos palacetes representava, simultaneamente, uma lápide dos velhos tempos e uma placa votiva ao futuro da nova civilização”.<sup>1087</sup>

Esboroava-se a sociedade imperial, mas tudo aquilo que a mantivera de pé ainda estava fincado no chão como escombros a reagir a que algo novo ali se edificasse.

Para aqueles que acreditavam que a sociedade deveria ser reconstruída desde sua base, a idéia de **regeneração** fazia todo o sentido. Para aqueles outros, a geração de intelectuais que iam perdendo espaço na vida pública, que acreditavam que o povo e o país se degeneraram e que qualquer mudança levaria sempre à mesma coisa, a idéia de **degeneração** explicava com perfeição suas frustrações (“Esta não é a República dos meus sonhos”, vaticinava um dos grandes líderes do movimento republicano). Para esses intelectuais, a República, ao contrário do que esperavam, só viria consagrar a vitória da irracionalidade e da incompetência.<sup>1088</sup> Conforme Euclides da Cunha, o momento era de uma “imbecilidade triunfante”.<sup>1089</sup>

A incapacidade da República de construir a Nação e remodelar o Estado provocaria, nesses intelectuais, forte decepção quanto à competência de se tirar o país do analfabetismo e impor uma forma de pensar racionalista e científica. Porque era disso que se tratava para a geração de 1870, pois acreditavam que só tirando o povo de sua mesmice e elevando-o à condição de Nação poderiam atingir a civilização tão sonhada.

<sup>1086</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, p. 25.

<sup>1087</sup> Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995, p. 31.

<sup>1088</sup> *Id. ibid.*, p. 87.

<sup>1089</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 88.

Toda a expectativa em relação à “regeneração” e toda a frustração em relação à “degeneração” no começo do século XX concentrou-se, então, ali onde o novo e o velho travavam um duelo de morte, ali na capital da República, ali na Cidade do Rio de Janeiro. E a reforma que o Prefeito Pereira Passos enfiou goela abaixo da capital foi o ponto de partida de tudo.

É com a reforma urbana do Rio de Janeiro que a temática da capitalidade, da civilidade, dos comportamentos adequados a uma cidade reformada e do decoro urbano, aparecem como elementos-chave da “regeneração”. Cidade, urbanidade e cosmopolitismo são o tripé sobre o qual se assentará a sociedade que estava nascendo, onde **a cidade** representa um lugar de estar e uma maneira de ser, **a urbanidade** uma maneira de se relacionar e de reconhecimento do outro, e o **cosmopolitismo** um projeto de integração no mundo mais amplo.

Ao escrever seu *Canaã*, em 1902, Graça Aranha já prenunciara que o direito à cidade — a Terra Prometida — era um bem que se conquistava graças à “virtude social”. Evidentemente que virtude social poderia ser traduzida por **esperteza social**, daí o grande sucesso do *smartismo* nas primeiras horas da capital remodelada.

Arthur Azevedo, no calor da hora, retratou o *smartismo* em toda sua ânsia de ascensão social, e mostrou como ele foi se tornando uma verdadeira virtude e forma de galgar espaços na cidade.

Em Lima Barreto, a urbanidade era a contraface da solidariedade e, em Olavo Bilac, o cosmopolitismo viria com a civilidade que se escorava na *politesse* e na elegância: “[...]poltronas, e livros, e tapetes, e copos de cristal [...]uma existência de roupa limpa, [...]sapatos lustrosos e as mãos sem calos”.

Pouco importa quem definia e como definia o que era a civilidade e o decoro urbano: o importante é que, para ser da cidade, era fundamental fazer do decoro e da civilidade como uma segunda natureza. E foi o que aconteceu com a nova geração de intelectuais que galgava o cenário público.

E se assistimos a movimentação da intelectualidade como um todo — a da geração de 1870, abandonando o cenário e sendo substituída pela geração de 1900, de perfil mais utilitarista e de corte nitidamente cientificista — no esforço de compreender o novo tempo e fazer dele matéria de vida, alimento mesmo, do dia-a-dia dos que vivem na cidade, também é inevitável se dar conta que, além de formarem o grupo dos intelectuais, esses formadores da opinião pública formavam diferentes grupos de especialistas no sentido científico do termo. Egressos do mesmo grupo de intelectuais que sobem à cena com a urbanização do Rio de Janeiro, e igualmente envolvidos num projeto de Ciência Aplicada que visava encontrar os caminhos da modernidade brasileira,

desponta uma geração de intelectuais, onde parecia impossível florescer qualquer coisa que não fosse da natureza da madeira para se fazer porrete, ali no coração do poder, despontam os **intelectuais da polícia**.

Para seguir a trajetória desses intelectuais da polícia é fundamental compreender, antes, o processo de hegemonização da Antropologia Criminal no mundo científico-policial, e que tinha como referência o médico-legista Cesare Lombroso e sua teoria sobre o “criminoso nato”, de 1876.

Lombroso, fundador da Escola Italiana de Antropologia Criminal, se baseava na idéia de que todo delinqüente é um indivíduo que carrega os estigmas atávicos de suas tendências criminosas. Acreditando na existência de um **tipo** humano destinado ao crime, Lombroso almejava reunir numa grande Antropologia Criminal todas as disciplinas voltadas para o estudo da delinqüência: Antropometria Criminal, Biologia e Etiologia Criminal, Sociologia e Psiquiatria Criminal, Medicina Legal, Direito Penal.<sup>1090</sup>

Tratava-se de construir um saber que, devido ao advento da urbanização e a formação das grandes metrópoles, pudesse atuar diretamente na elaboração de uma política de preservação da paz social, graças ao seu poder de prever, ou seja, de identificar na massa o “tipo perigoso”.

Herdeiro da tradição de estudos da Fisionomia, da Anatomia, da Frenologia e da Craniologia, Lombroso arrepanha todos esses saberes para cruzar o caminho que, começando nas “classes perigosas”, vai do “homem perigoso” ao “criminoso nato”.

Estendendo ao domínio da criminalidade os conhecimentos da escola de Antropologia, Lombroso vai tirar a questão da **desordem social** do âmbito da polícia e vai transformá-la num problema científico. Misturando anarquistas, grevistas, pobres, desempregados, vadios, criminosos, doentes mentais, estupradores, etc., Lombroso vai dar à Antropologia Criminal uma aparência “científica”, de forma que o problema do **desviante** saia do campo vulgar da polícia e da repressão e entre no campo científico e “terapêutico” que seria “isento” de qualquer partidarismo, juízo de valor ou preconceito.

Deslocando todo o debate do crime para o criminoso, Lombroso revoluciona as concepções sobre o mundo do crime, num momento onde, mais do que nunca, a vigilância nas grandes capitais era fundamental, devido basicamente aos conflitos entre o capital e o trabalho, numa fase em que o capitalismo atraía para a cidade enormes contingentes populacionais que faziam desta um grande labirinto por onde estendiam suas existências.

---

<sup>1090</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, p. 13. (Grifo meu).

Com Lombroso e sua obra delineia-se uma vasta história natural do crime e uma definição exaustiva do criminoso<sup>1091</sup> que, de forma espetacular, se espalha pelo mundo e encontra especial abrigo na América Latina, o Brasil em particular.

Lombroso, ao contrário de Rousseau, achava que o homem nascia mau, e cabia à sociedade torná-lo bom, na medida em que o “criminoso nato” seria nada mais que o fruto mórbido de um processo de **degenerescência**.<sup>1092</sup> A criminalidade era, para Lombroso, definitivamente um problema de anomalia orgânica, embora reconhecesse a existência de crimes decorrentes de causas externas ao organismo: crimes de paixão, devidos à causas sociológicas, crimes políticos, etc. Mesmo aceitando que os fatores sociológicos pudessem motivar o crime, Lombroso via no **fator individual** o principal móvel da criminalidade.<sup>1093</sup> Era preciso “reformatar” o indivíduo, atacando a patologia social que ele guardava no mais recôndito de seu ser.

A descoberta do “criminoso nato” tinha marcado o ponto de partida de uma intensa efervescência de idéias sobre a natureza do homem criminoso e, principalmente, sobre a medicalização do crime. A ciência tinha tomado a vida social de assalto, pois depois de medicalizar o corpo, depois de medicalizar o meio urbano, a ela se empenhava em medicalizar o “desviante”. “Iluminada pela ciência, a criminalidade surge, a partir de então, sob nova claridade”.<sup>1094</sup> Esse movimento coincide, segundo Pierre Darmon, “[...]muito oportunamente com aquela ‘maré do crime’ que, conforme opinião geral, iria deflagrar na Europa no final do século XIX”.<sup>1095</sup>

Mais do que com o crime, parece-me que a Antropologia Criminal está preocupada em “limpar” a sociedade e “sanear” a cidade ou, no dizer de Darmon, criar um “sistema de profilaxia social”.<sup>1096</sup> Diante da preocupação com a **defesa social**, a Antropologia Criminal vai propor a noção de “razão social”, contrapartida natural da “razão de Estado” que visava o controle da ação dos criminosos.<sup>1097</sup>

Portanto, espanta pouco que, a partir das teorias de “Higienização Social” de Lombroso e seus discípulos, tanto na área médica quanto legal, surjam no início do século XX as sociedades de Eugenia contra o abastardamento da raça que, como as teorias antropológicas, irão se espalhar pelo mundo afora pregando a pureza racial.

---

<sup>1091</sup> Darmon, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991, p. 50.

<sup>1092</sup> *Id. ibid.*, p. 53. (Grifo meu).

<sup>1093</sup> *Id. ibid.*, p. 64. (Grifo meu).

<sup>1094</sup> *Id. ibid.*, p. 83.

<sup>1095</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1096</sup> *Id. ibid.*, p. 84.

<sup>1097</sup> *Id. ibid.*, p. 150. (Grifo meu).

Se Lombroso está na origem da Antropologia brasileira, contudo, é o processo crescente de urbanização de finais do século XIX que alerta alguns intelectuais para o problema da **mestiçagem**, e a decorrente necessidade de se conhecer e controlar essa população miscigenada que invadia as grandes capitais brasileiras. Se, na Europa lombrosiana, a Antropologia Criminal funciona como uma espécie de filtro da luta de classes, sua versão brasileira vai passar primeiramente pela questão da formação da Nação e do tipo nacional que se estava forjando na sementeira nacional, o que não impede que vejamos esse processo, também, como um aspecto da luta de classes local.

Já sabemos que Nina Rodrigues, criador da Antropologia brasileira e introdutor das idéias de Lombroso no país, irá partir para sua trajetória de pesquisador e cientista, motivado pelas questões relativas à nossa definição enquanto povo e a deste país como Nação, o que o fazia colocar as relações de raça no centro de sua pesquisa.<sup>1098</sup>

Tomando o outro como objeto de análise, Nina e seus seguidores fragmentam “cientificamente” a realidade — no sentido de constituir uma Antropologia do brasileiro — e recortam nela, observadores e observados, fazendo destes seu objeto de análise e classificando-os na categoria de povo.

O racismo passa a ser o ponto de partida de Nina Rodrigues e de todos aqueles intelectuais de sua geração, daí sua enorme ansiedade quanto ao tipo racial brasileiro que conduziria o processo de modernização do país. Não surpreende, portanto, que a mistura racial seja a base para o desenvolvimento da noção de **periculosidade** e que o problema étnico, nesse momento, seja o ponto crucial ao qual se subordinariam todas as questões relativas ao controle da população.

Chamado por Lombroso de “Apóstolo da Antropologia Criminal no Novo Mundo”,<sup>1099</sup> Nina Rodrigues, após tomar contato com a obra do mestre, procura estender uma ponte entre suas teorias raciais e o papel do Estado no amalgamento de um **tipo** propício a servir de esteio à formação do povo. É justamente neste povo em vias de formação pelo cruzamento de raças distintas, onde se acham em conflito civilizações em graus diferentes de adiantamento, que Nina vê um campo especial para o estudo do criminoso.<sup>1100</sup>

É através do problema da “degeneração” da raça, portanto, que Nina vai bater às portas do mundo do crime, recorrendo à patologia social para explicar os comportamentos desviantes que leva a

<sup>1098</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, p. 24.

<sup>1099</sup> *Id. ibid.*, Nota 22, p. 262.

<sup>1100</sup> *Id. ibid.*, Nota 27, p. 265.

atos anti-sociais, e que dividem a sociedade em duas categorias: a dos civilizados e a dos inferiores. Daí, a necessidade de um saber especializado (o perito médico-legal) para avaliar, em cada indivíduo, as consequências dos cruzamentos raciais e prever o grau de periculosidade que cada qual desenvolveu.

Lutando pela definição de um espaço institucional para o exercício da Medicina Legal, Nina tem como meta, a partir das suas teorias sobre as diferenças entre os homens e, portanto, sobre as desigualdades sociais, identificar os desviantes, tendo com isso que se debruçar sobre os problemas da **identidade** do indivíduo. Nina quer identificar na Anatomia Humana o sinal que denuncia o criminoso e justifique sua exclusão da ordem social. A humanidade precisa de paz, dirá um discípulo de Nina, a fim de que a ordem social se mantenha. Por isso, é preciso identificar aqueles que são, por si só, virtualmente perigosos.

É assim que, pela primeira vez, em 1889, se concretiza a idéia de controle da identidade, e se lança a idéia da criação de um **Serviço de Identificação** no Rio de Janeiro. Em 1892, a Associação Antropológica e de Assistência Criminal, desistindo de seu intento de se instalar no Rio, enviou um de seus médicos a Ouro Preto, aonde acabou sendo criado o Serviço de Identificação.<sup>1101</sup>

Com os avanços da Antropometria Judiciária na França, graças às descobertas de Alfonse Bertillon que, em 1880, estabeleceu uma ficha sinalética composta de onze medidas de ossos do corpo que permitem definir a identidade de alguém com mínima margem de erro — a *bertillonage* — e o problema dos recidivistas (aqueles que reincidem no crime e são presos de novo) ficam resolvidos. Mas, a procura pelo tal sinal na Anatomia Humana que denuncie o criminoso e que estabeleça a sua identidade, não cessa aí.

Em 1884, a *bertillonage* é adotada no Brasil. Mas, a *bertillonage* tinha seus limites, o que “obrigou a se procurar uma prova positiva da identidade individual, um estigma inscrito no corpo que revelasse uma história pessoal”.<sup>1102</sup> A descoberta do sinal natural identificador viria com o sistema de classificação de impressões digitais elaborado pelo argentino Juan Vusetich que, em 1891, inaugurou, em La Plata (Argentina), a primeira *Oficina de Identificación*.<sup>1103</sup>

Segundo Sergio Carrara, diante da abertura da polícia e da Justiça à ideologia da prevenção do

<sup>1101</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, Nota 107, p. 322.

<sup>1102</sup> Carrara, Sergio. “A Ciência e a Doutrina da Identificação no Brasil: ou do Controle do Eu no Tempo da Técnica”, in *Religião e Sociedade*. RJ, IUPERJ, 1990, vol. 15, n° 1, p. 87.

<sup>1103</sup> *Id. loc. cit.*

crime, e do desenvolvimento de técnicas de controle da população urbana, a descoberta “do sinal natural identificador e a possibilidade de sua fácil sistematização foram de uma potencialidade tão assombrosa que os criminalistas deixaram de pensar nos reincidentes, para fantasiarem uma ordem social “completamente nova” baseada na identificação; queriam transformar a sociedade inteira num grande *panopticum*, cuja torre de controle fosse a polícia”.<sup>1104</sup>

Foi esse sonho de “transparência social” permitido pela identificação de todos que embalou os desejos de prevenção, melhoria e controle da população, da intelectualidade que, desde o começo do século XX, ia se formando em torno da polícia. A ligação dessa elite intelectual com a polícia foi favorecida pela criação do Gabinete de Identificação e do Serviço Médico-Legal, criado em 1903, onde ela pode experimentar a integração entre o trabalho policial e a pesquisa científica.

Numa cidade que se renovava do ponto de vista urbanístico, que mandava às favas velhos costumes coloniais e que vestia fraque e cartola para sentir-se mais *smart*, mais *dernier cri*, numa sociedade que rompia com certos comportamentos tradicionais e buscava uma nova definição ética como referência de comportamento, polícia era justamente o lugar aonde melhor se poderia observar os novos *mores* da população.

Desde a época do Chefe de Polícia de Rodrigues Alves e do prefeito que passou como um furacão sobre o Rio de Janeiro — Pereira Passos — que a polícia agia pressentindo novos tempos, e farejava “novidades” no ar, decorrentes das transformações urbanas, o incremento das atividades econômicas, das novas atitudes e de uma nova mentalidade, frutos, enfim, do novo significado que a cidade começava a ter para seus habitantes. Assim, toda a preocupação da polícia vai se deslocar para as formas de **comportamento público** que ensaiavam seus passos à sombra das transformações arquitetônicas e urbanísticas que remodelavam o *facies* da capital.

Sinal dos novos tempos é o retrato que Olavo Bilac pintou das próprias transformações da polícia:

“[...] É sempre perigoso elogiar a polícia: primeiro, porque essa instituição assim que se vê elogiada e apoiada costuma aproveitar-se disso para desatar e cometer desatinos[...]

Mas, alguma vez se há de desprezar esse perigo. E quero confessar que, quando cotejo o serviço policial de hoje com o de outrora, verifico, entre um e outro, a mesma diferença que há entre a Avenida Central e o Beco dos Ferreiros.

Vi passar pela Avenida, anteontem, o primeiro automóvel-ônibus adquirido pela polícia para o transporte da guarda civil. Novo e garrido, rebrilhando na pompa de seu verniz esmaltado e na luz das suas claras e polidas ferragens, ia apinhado de guardas. E estes diziam bem com o luxo do veículo: fardados, enluvados, empolainados, limpos, elegantes, faceiros[...]

<sup>1104</sup> Carrara, Sergio. “A Ciência e a Doutrina da Identificação no Brasil: ou do Controle do Eu no Tempo da Técnica”, in *Religião e Sociedade*. RJ, ISER/CER, 1990, vol. 15, nº 1.



Vi passar o automóvel e fiquei pensando na polícia urbana de outrora. Fechei os olhos e reconstruí, com o auxílio onipotente da imaginação, a figura do nosso antigo 'morcego', feio e lambusão, trôpego e cambado[...] Mas, o que nele mais revoltava e enojava e o que mais concorria para desprestigiar-lo e desmoralizá-lo era sua sujeira, era sua fealdade, era seu aspecto moleirão, relaxado e repelente. Felizmente, o 'morcego' desapareceu. Desapareceu como as vacas leiteiras, como o tipo clássico do capoeira de profissão, como os anúncios de escravos fugidos, como os mendigos chegados, e como tantas coisas e pessoas que eram parte integrante do velho Rio de Janeiro. Não direi que nossa polícia seja hoje mais atilada, mais vigilante, mais ativa do que a de qualquer outra nação da América ou da Europa[...]

Nesta época de hipercivilização, em que os gatunos e os meliantes de toda a espécie deixam de ser maltrapilhos e pés-no-chão e apresentam-se como cavalheiros da mais fina sociedade, seria injusto que não lhes dêssemos uma polícia digna deles, uma polícia tão [...] [como é que se diz agora?] [...] tão *smart*, tão *dernier bateau*, tão *up to date* como eles".<sup>1105</sup>

Devido à forte repercussão na polícia das transformações pelas quais passava a cidade carioca e a sociedade brasileira, é criado, em 1903, o Gabinete de Identificação, sendo o Brasil o primeiro país do mundo, depois da Argentina, a adotar o método das impressões digitais. Com a reforma da polícia, em 1907, os serviços se reestruturam e ficam divididos entre os Serviços Médico-Legal, o de Identificação e Estatística, o de Guarda Civil e o de Polícia Marítima.

A reforma da polícia trazia o tema da identificação para o centro das preocupações do grupo de intelectuais que começava a se formar em torno da instituição policial. Numa metrópole que se tornava complexa como o Rio de Janeiro, o tema da identificação era inevitável, e coube àqueles intelectuais darem consequência à ansiedade sobre a identidade do outro.

Eis como figurava na imaginação de um desses intelectuais — Afrânio Peixoto, médico, escritor e Diretor do Serviço Médico-Legal, de 1907 a 1910 — os rumos que a identificação deveria assumir na sociedade:

"[...] Simples e obscura parcela da Medicina Legal, a identificação tende a um desenvolvimento que sobra e excederá de muito as preocupações periciais e criminais. Com efeito, os exames de locais, marcas e impressões, fotografias métricas, identificação de reincidentes serão pouco, comparados à identificação civil, profissional, militar, operária, doméstica, itinerante, eleitoral, que acabará, para a segurança pública e privada, por identificar a sociedade inteira[...] Não é preciso encarecer o mérito social dessa expansão. Os de utilidade pública e particular ressaltam às vistas menos perspicazes: com o trânsito livre pelos passaportes idôneos; com a percepção fácil e certa de quantias nos bancos e repartições públicas; com a tranquilidade doméstica, que os serviçais são honestos por estarem identificados; com o operariado, o profissionalismo autêntico e reconhecido por honesto, e não lobos entre ovelhas (causa de desordens, greves, rebeliões); com a autenticidade eleitoral do voto que é o fundamento, mesmo, da Democracia[...]"<sup>1106</sup>

<sup>1105</sup> Bilac, Olavo de. *Boletim Policial*. RJ, transcrito da Gazeta de Notícias, 10/11/1907, ano I.

<sup>1106</sup> Citado por Carrara, Sergio. "A Ciência e a Doutrina da Identificação no Brasil: ou do Controle do Eu no Tempo da Técnica", in *Religião e Sociedade*. RJ, ISER/CER, 1990, vol. 15, nº 1, pp. 88, 89.

A identificação servia, portanto, nas palavras de Afrânio Peixoto, à “tranquilidade social”.<sup>1107</sup> O indivíduo, de acordo com Carrara, “torna-se presa de sua própria individualidade, reconhecível a qualquer momento pelo Estado que o localiza em meio à confusa profusão de homens que habitam as grandes cidades”.<sup>1108</sup>

A missão dos intelectuais da polícia era, pois, a de fixar cientificamente a fronteira entre o **normal** e o **patológico**, para que, com os instrumentos de aferição da identidade, se pudesse implementar políticas públicas de controle da população.

Herdeiros da tradição da Antropologia Criminal, esses intelectuais, muitos deles discípulos de Nina Rodrigues, procuraram expandir o debate sobre o papel da ciência (e o seu papel como cientistas) na integração dos indivíduos na sociedade e no seu “direito” à cidade. Entre congressos, encontros, eventos, publicações, nacionais e internacionais que congregaram esses intelectuais, destaca-se a publicação da revista *Boletim Policial*, que se tornou o principal veículo de debates e divulgação das idéias da polícia. Começada a ser publicada em 1907, ela dura, pelo que pude apurar, até 1916, o que em termos brasileiros é excepcional, significando que o grupo que sustentava o debate sobre a modernização da polícia, e a mantinha viva, estará em evidência por todo esse período, formando como que uma escola de pensamento sobre a “cidadania” a partir do ângulo daqueles responsáveis pela ordem pública. A revista é, mesmo, uma espécie de laboratório que, em base aos postulados da Antropologia Criminal, formula novos modelos de comportamentos sociais mais adequados à nova experiência de uma sociabilidade cosmopolita, e “próprios” a um país que almejava se lançar no fluxo da moderna “civilização” ocidental.

No número de estréia da revista — maio de 1907 — ela diz ao que veio: “uma publicação mensal contendo uma parte oficial e outra parte propriamente doutrinária”. No artigo de abertura, escrito pelo Chefe de Polícia, o **espírito** da nova polícia, a polícia científica, é que dá o tom do que deve ser a revista:

“[...] A polícia, considerada como um instituto propriamente de prevenção, por mais amplos que sejam seus meios de agir na investigação de fatos delituosos que cheguem ao seu conhecimento, deve afastar a violência como norma de conduta e substituí-la pelos processos regulares estabelecidos em lei[...] Confundir energia com violência é desconhecer, fundamentalmente, os atributos de uma autoridade criteriosa, que tem a sua vitória, não na força material que irrita, mas nos meios suasórios que chamem ao cumprimento da lei os que pretendem ou ameaçam transgredi-la.

<sup>1107</sup> Citado por Carrara, Sergio. “A Ciência e a Doutrina da Identificação no Brasil: ou do Controle do Eu no Tempo da Técnica”, in *Religião e Sociedade*. RJ, ISER/CER, 1990, vol. 15, nº 1, p. 89.

<sup>1108</sup> *Id. ibid.*, p. 93.

Manter uma polícia moderada e justa, dar-lhe o caráter de enérgica e vigilante, sem ser violenta[...] e, finalmente, dar combate aos vícios e maus costumes que afrontam a sociedade, escarnecem das leis, perturbam a ordem e deprimem a nossa civilização — é o meu *desideratum* no cargo[...]

O progresso material e intelectual desta cidade, a sua vastidão territorial, o cosmopolitismo predominante neste grande centro de atividade e o crescente desenvolvimento de sua população exigem, indubitavelmente, uma polícia nova, liberta das arbitrariedades comprometedoras, dotada de recursos materiais para acudir a todos os reclamos de um serviço completo de vigilância[...]

O serviço policial não está simplesmente adstrito ao processo material de prender e soltar os contraventores. A sua missão é mais elevada, os seus atributos são muito mais respeitáveis[...]

Para obter resultado satisfatório precisa a administração superior exigir, principalmente do pessoal da polícia, duas qualidades essenciais — a educação e a moralidade[...]" <sup>1109</sup>

O segundo e o terceiro artigos do primeiro número do *Boletim Policial* versavam sobre a anexação do Serviço Médico-Legal à polícia, e sobre os métodos científicos nos inquéritos judiciários e policiais.

Na revista nº 3, de julho de 1907, aparece o primeiro artigo daquele que seria o maior teórico da polícia, Elysio de Carvalho, sobre a importância de se criar uma Escola de Polícia na capital. Conforme Elysio, era fundamental formar agentes que conhecessem, “duma maneira verdadeiramente científica, o mecanismo da vida criminal e os meios de luta contra a criminalidade”. <sup>1110</sup>

Num outro artigo, este sobre o “policiamento”, o que está em questão é a cidade modernizada e as características que devem ter os agentes de polícia:

“A perfeição do serviço de segurança pública do Distrito Federal depende[...] da nítida compreensão que tenham os agentes, guardas civis e praças, do modo de executar o policiamento desta culta cidade que vai evoluindo, dia-a-dia, à sombra de uma atividade profunda e de novos elementos de civilização e desenvolvimento material.

Quanto mais elevado é o grau de cultura de uma cidade tanto mais difícil e complexa se torna a ação da polícia[...]" <sup>1111</sup>

---

<sup>1109</sup> Carvalho, Elysio. “Introdução do Relatório apresentado ao Sr. Ministro da Justiça, pelo Chefe de Polícia do Distrito Federal”, in *Boletim Policial* nº 1. Gabinete de Identificação e Estatística. Maio/1907.

<sup>1110</sup> *Id.* “Escola de Agentes”, in *Boletim Policial* nº 3. Jul./1907.

<sup>1111</sup> *Id.* “Do Policiamento”, in *ibid.*

## 6.9 - Tal Cidade, Qual Polícia

Tal cidade, qual polícia. É essa a relação de proporcionalidade que a intelectualidade policial quer estabelecer entre controle de população e urbanidade, de forma a construir uma referência para o desempenho da cidadania. Esse debate sobre o papel civilizador e o aporte científico que a polícia deve ter, atravessará toda a revista e repercutirá no meio da intelectualidade policial.

Elysio de Carvalho, em livro publicado em 1910, retomará o assunto aprofundando-o:

“[...]a polícia do Rio de Janeiro precisa ser organizada tecnicamente, profissionalmente, cientificamente, para melhor desempenhar sua missão civilizadora.

A História da Civilização nada mais sendo que uma substituição de normas jurídicas de coerção por normas sociais de obrigação moral, os motivos da lei escrita passam a ser, então, princípios íntimos da conduta humana[...]

Ninguém mais contesta a necessidade da remodelação do Código Penal de acordo com a Antropologia Criminal, a Patologia Mental, a Psicologia, etc. [...]

As idéias tradicionalistas do Direito Penal ruíram por terra com as idéias novas sobre a gênese do crime (fenômeno biológico social), sobre a natureza do delinquente (personalidade individual e social) e sobre a função clínica, por conseguinte, a preservação social contra diferentes formas de patologia indivíduo-social[...]

A rude infância da Criminologia [...] terminou no dia em que a Ciência Positiva projetou sobre a perigosa, mas dolorosa figura do delinquente, à luz plena do método experimental. Depois dos trabalhos de Lombroso e das afirmações eloqüentes da Escola Positiva Italiana, analisando humanamente o crime, estudando a personalidade do delinquente, física e psiquicamente, e dotando a sociedade de um novo método de luta contra a criminalidade — a Criminologia — e agora com o nome de Sociologia Criminal, entrou na sua fase luminosa e exata. [...] Até então, a jurisprudência clássica de Beccaria à Carrara não estudava o criminoso: a única preocupação era o crime, considerado, não como um episódio revelador de uma degenerescência individual e social, mas como uma mera infração às leis penais[...]

No combate memorável contra o clássico edifício do Direito Penal, a Escola Criminalística Italiana funda a nova ciência[...]. A obra dessa ciência, que tem por fim o estudo do delinquente e de todos os meios de luta contra a criminalidade, consiste no seguinte: ela definiu a verdadeira noção do crime, que é um fenômeno de anormalidade da constituição antropológica individual e do meio telúrico social e, como tal, considerado o crime, estuda o criminoso como ser anormal, um degenerado, um caso de patologia individual e social, classificado em diversas categorias[...] para concluir que a penalidade deve constituir não um castigo, mas uma espécie de remédio capaz de preservar, curar, atenuar a criminalidade, a fim de que a ordem jurídica conserve o luminoso e perfeito equilíbrio[...]”<sup>1112</sup>

E, se ao longo de suas páginas o *Boletim Policial* vai estimulando a polícia a assumir cada vez mais a sua “missão civilizadora” e a se organizar tecnicamente de forma que a força bruta fique excluída de seu âmbito de ação, não é de estranhar que logo a figura do *detetive* seja evocada. Uma série de artigos sobre o “local do crime”, as “estatísticas criminais”, a “fotografia de

<sup>1112</sup> Carvalho, Elysio. *A Polícia Carioca e a Criminalidade Contemporânea*. RJ, Imprensa Nacional, 1910, pp. 8-14.

cadáveres”, a “identificação”, as “impressões digitais” etc., traz à cena nas páginas do *Boletim*, o detetive, seja aquele de carne e osso, seja o Sherlock imaginado por Conan Doyle. Era inevitável que assim fosse, já que o detetive é exatamente aquele que, abstendo-se da violência e só recorrendo à técnica, é capaz de desvendar os mais intrincados casos policiais.

O detetive encarna, portanto, o ideal de policial que age com a cabeça antes que com os músculos. A figura do detetive, entretanto, funciona muito mais como um paradigma — um modelo existente na literatura — do que como um fenômeno concreto transformador da prática policial. E é sintomático que ele seja evocado, na medida em que ele encarna o imaginário de que, sob seu olhar, tudo se desvenda, cantos e recantos se iluminam e ninguém escapa às suas deduções. Mas, mais do que isso, o detetive simboliza uma esperança, um anseio de recuperação da ordem por meios estritamente técnico-científicos (no capítulo seguinte veremos como o urbanista, “sucessor” do detetive vai empalmar o mesmo papel). Frente à violência disruptora dos caídos do pacto social, a inteligência científica do detetive reata os laços desfeitos. O detetive encarna, pois, o espírito da nova polícia e seu ideal de manutenção da ordem.

O sonho de uma sociedade, onde nada escape ao detetive, vai redundar, de um lado, na criação de uma Escola de Polícia e, de outro, num desejo infernal de conhecimento da identidade de suspeitos e não suspeitos em toda a sociedade.

Em artigo escrito em 1911, Elysio de Carvalho, já então Diretor do Gabinete de Identificação da Polícia, expressa o desejo de que:

“O ideal seria que a polícia conhecesse não só os bons como os maus elementos, para que, em toda e em qualquer circunstância, pudesse dizer sobre os antecedentes de cada um[...] A condição essencial da polícia constituída para a defesa da sociedade, na luta contra a delinquência, é o conhecimento completo de todos que indistintamente formam a vida social”.<sup>1113</sup>

Identificar o mal e lhe dar uma fisionomia é condição fundamental na defesa da cidade, segundo Elysio de Carvalho:

“A nossa cidade vai adquirindo os principais aspectos das grandes metrópoles, cuja vida social se caracteriza pela sua criminalidade astuciosa e fraudulenta. ‘Vamos perdendo aquele ar de cidade do interior dos tempos do Sr. D. João VI, das novenas da Glória, do ‘morcego’ e do estruendo à potes d’água. Já se foram os tempos dos ladrões de galinhas, sujos e repelentes. A nossa cidade, para repetir a frase muito cara aos cronistas elegantes, civiliza-se. O gatuno de hoje não é mais o ‘escruchante’ dos tempos famosos do Vidigal[...] Tem toda a aparência de um *club-man*, o patife passa por um *gentleman*. Foi por isso que o Chefe de Polícia resolveu criar uma Escola de Detetives.

<sup>1113</sup> Carvalho, Elysio. “A Identificação como Fundamento da Vida Jurídica”, in *Boletim Policial*, nº 15, 16 e 17. Jul./ago./set. 1911.

A fisionomia dos criminosos é toda particular. Seres anormais, dotados de anomalias físicas bem evidente, pensando, sentindo e agindo diversamente dos homens normais, com o hábito e o prazer do crime, vivendo e movendo-se num mundo inteiramente à parte, possuem na verdade uma expressão fisionômica que os define e os distingue[...]" <sup>1114</sup>

Adepto do método científico na identificação do "tipo criminoso", Elysio de Carvalho sugere que:

"[...]na descoberta do crime não se recorra mais ao 'faro' do policial mas, sim, à ciência, que fornece conhecimentos e noções de ordem toda especial para se descobrir, prender e confundir os criminosos perante a Justiça. Já se foram os tempos de uma polícia empírica, arbitrária e obsoleta, e uma nova fase absolutamente científica abriu-se à polícia judiciária. É preciso dotar a sociedade de meios capazes de prevenção e repressão social. Assim, é que, além de aperfeiçoar os processos de identificação dos criminosos, tais como a Antropometria e a Dactiloscopia, e transformar os métodos de captura, criou laboratórios e ateliês, aonde criminalistas práticos, com o auxílio da micro-fotografia, da fotografia e do microscópio e do reativo químico, desvendam os crimes mais misteriosos[...]" <sup>1115</sup>

Insistindo, mesmo anos depois das teorias lombrosianas terem sido superadas na questão da fisionomia, o *Boletim Policial* continua "batendo na tecla do 'tipo criminoso':

"As anomalias psíquicas se provam e demonstram quando as anomalias temáticas se mostram muito acentuadas. Imprimem ao rosto e ao crânio de um pessoa um cunho particularmente variável, de acordo com a natureza da enfermidade e da degeneração, e é este cunho que constitui o tipo criminoso". <sup>1116</sup>

Obcecados em conhecer a "alma dos criminosos", os intelectuais da polícia continuam, anos a fio, a procurar compreender as manifestações "anti-sociais" como indícios da degeneração da espécie humana:

"A despeito dos progressos realizados, a sociedade encerra em seu meio um elemento de barbaria[...] Os malfetores são como os índios do Coronel Rondon: enquanto vivem entre os civilizados, eles se conformam com as leis, os costumes e os hábitos destes mas, logo que voltam ao seu país, para o seio de sua tribo, retomam seu antigo gênero de vida". <sup>1117</sup>

O cosmopolitismo é visto como o principal responsável pelo ambiente desagregador da capital:

"Esta capital com seu cosmopolitismo, com sua população heterogênea e densa, com seu luxo e seu conforto exibicionistas, com a licença imperante e com a indisciplina da mocidade, etc., abriga em seu seio, ao lado de matadores ferozes e de terríveis desordeiros, uma verdadeira colmeia de ladrões, gatunos, estelionatários, falsários, pistoleiros, moedeiros falsos, 'moços bonitos', proxenetas e

<sup>1114</sup> Carvalho, Elysio. "História Natural dos Malfetores", in *Boletim Policial*, nº 4. Abr./1913.

<sup>1115</sup> Id. "Como se Descubrem os Crimes", in *Boletim Policial*, nº 2. Fev./1914.

<sup>1116</sup> Id. "O Estado Atual da Antropologia Criminal", in *Boletim Policial*, nºs 4, 5, 6. Abr./jun./1915.

<sup>1117</sup> Id. "A Luta Técnica Contra o Crime", in *Boletim Policial*, nºs 7, 8, 9. Jul./set./1915.

receptadores, cujo número excede a 20 mil".<sup>1118</sup>

Brotam das páginas do *Boletim Policial* duas explicações para o fenômeno da criminalidade e do criminoso: as idéias sobre a degeneração do indivíduo e a noção de que o meio urbano é corruptor. Quando esse elemento "degenerado" faz da cidade o seu *habitat*, quando ele faz do meio urbano a sua forma de sobrevivência, quando ele estende sob a cidade os fios que amarram a sua teia de sustentação, é a corrupção da cidade e a hora da polícia entrar em ação.

Nessa conjuntura histórica que tracei, procurei ressaltar que à polícia coube a missão, pelo ângulo do controle da população, de formar um ambiente mais propício ao estabelecimento das relações sociais. Por isso, ela acabaria por servir como uma verdadeira legitimadora da ordem urbana, estimulando a adesão à cidade a partir dos conceitos de urbanidade e civilidade.

Aos intelectuais, filhos da geração da **regeneração** que viram na polícia uma possibilidade de ter sua voz ampliada no espaço público, couberam formular o projeto de inscrição da polícia no debate que a sociedade travava sobre a civilização nacional. Tal projeto, no entanto, teve fôlego curto e por volta de 1920, com o fechamento da Escola de Polícia, começou a perder força. Com a Revolução de 30, operou-se "um retrocesso funcional por um desnivelamento de compreensão da própria finalidade policial".<sup>1119</sup> Mas, alguns desses intelectuais continuaram operando no interior do aparelho de Estado, devido a estreita relação que à época se mantinha entre o mundo científico e os órgãos públicos de controle da população. Como muitos deles eram médicos, irão fazer sua trajetória intelectual-política dentro da Medicina Legal, ecoando a mensagem que, trinta anos antes, Nina Rodrigues inscrevera no mundo intelectual que se reunira em torno da Antropologia Criminal: trabalhar pela manutenção da ordem social.<sup>1120</sup> Nesse sentido, a continuação das pesquisas sobre a identidade e a identificação mostraram ser o caminho mais eficiente de controle da população.

Leonídio Ribeiro, médico-legista, grande amigo e discípulo de Afrânio Peixoto, "filiado" à escola de Nina Rodrigues e Diretor do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, diria em 1938, no 1º Congresso Latino-Americano de Criminologia, que só com a Biotipologia, ciência que estuda o homem em particular, classificando os numerosos tipos humanos, seria possível "o diagnóstico indispensável para se estabelecer na prática a verdadeira personalidade e o perfil psicológico de cada qual[...]"<sup>1121</sup> Para Leonídio Ribeiro, a prevenção do crime seria possível desde que:

<sup>1118</sup> Carvalho Elysio. "A Luta Técnica Contra o Crime", in *Boletim Policial*, nº 7, 8, 9. Jul./set./1915.

<sup>1119</sup> Terra, Sívio. *A Polícia e a Defesa Social*. RJ, Gráfica Guarany, 1939, p. 60.

<sup>1120</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, p. 176.

<sup>1121</sup> *Id. ibid.*, p. 177.

“[...]se lograsse classificar biotipologicamente, desde a primeira infância, todos os indivíduos, especialmente aqueles que, pela sua constituição e tendências, pudessem ser considerados ‘pré-delinquentes’ e, por isso, passíveis de medidas especiais de tratamento e educação, capazes de corrigir ou atenuar suas anomalias e conseqüentes reações anti-sociais”.<sup>1122</sup>

Quatro anos antes, num congresso internacional, Leonídio Ribeiro havia advogado a identidade civil obrigatória por meio de dactiloscopia: “É preciso, a meu ver, tornar obrigatória a identificação civil de todos os trabalhadores pelo método científico da Dactiloscopia, a fim de defender a sociedade e proteger os patrões”.<sup>1123</sup>

Os médicos, os legistas, os juristas, os antropólogos não estavam sozinhos nesta cruzada de **defesa da sociedade brasileira**. A eles podemos juntar outros intelectuais-especialistas como os educadores, os biólogos, os psicólogos, todos voltados para a produção de saberes que seriam incorporados a projetos mais amplos de **controle social**.<sup>1124</sup> Aquele projeto que nascera com as pesquisas de Nina Rodrigues sobre a raça brasileira e que visava “limpá-la” de seus elementos impuros, logo, **degenerados**, se estendia no tempo e sobrevivia às transformações históricas tanto da Abolição e da República quanto da Revolução de 1930. E não é difícil inferir porque motivo. O **outro** (é óbvio!) encarnado na figura do negro, do mestiço, do degenerado, do doente, do assassino, do ladrão, do pobre, do revoltado, do revolucionário. O **outro**, o desviante do curso civilizacional, aquele que forçava as portas da cidadela dos homens de bem. Eis como um dos intelectuais mais ativos da regeneração, numa crônica datada de 1904, via aquele que denominamos o **outro** da cidadania:

“[...] Justamente o Rio de Janeiro convalesce agora de sua última crise[...] (Revolta da Vacina). Um povo não se forma de uma só vez, por milagre; não é com meia dúzia de decretos que se civiliza uma aglomeração de homens, dando-lhe coesão e consciência.

Essa matula desenfreada que andou quebrando árvores e lampiões, vociferando e tumultuando[...] estava nesses dias de vesânia e brutalidade, exercendo uma função natural e, até certo ponto, providencial. Não há aqui um paradoxo[...] há uma grande e luminosa verdade. As arruaças deste mês[...] vieram mostrar que nós ainda não somos um povo[...] No Rio de Janeiro e em todo o Brasil os analfabetos estão em maioria[...]

E não sei bem para que servirá dar avenidas, árvores, jardins, palácios a esta cidade se não se derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilização, o que é higiene, o que é dignidade humana[...] O que urge é compreender essa crise[...] mas, deixaremos intacta e tremenda, pairando sobre nós a ameaça das epidemias morais que depauperam o organismo social e o conduz à indisciplina, à inconsciência e à escravidão[...]

1125

<sup>1122</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, p. 178.

<sup>1123</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 179.

<sup>1124</sup> *Id. ibid.*, p. 183. (Grifo meu).

<sup>1125</sup> Citado por Dimas, Antônio. *Tempos Eufóricos. (Análise da Revista Kosmos: 1904/1909)*. SP, Ed. Ática, 1983, pp. 268-270.



Desde Nina Rodrigues e, principalmente, da geração da regeneração, tentou-se estabelecer um cinturão sanitário em torno dessa cidadela, de forma a que ficasse legitimada cientificamente a ascendência dos “cidadãos” sobre os “outros”.

Elysio de Carvalho que, como já vimos, foi um dos grandes teóricos da polícia com uma vasta obra \* sobre a questão da criminalidade e os perigos que ela trazia à preservação da sociedade, em livro sobre o alto mundo mundano carioca, já anunciava, em 1909, que a “soberania dos fortes” devia ser mantida a qualquer custo:

“[...] Não ignoro o lado verdadeiramente trágico da existência dos pobres, nem aprovo a iniquidade sem nome que é o regime imperante, mas não vai a minha simpatia pelo sofrimento desses desgraçados, ao ponto de, negando a história do passado e as leis da natureza humana, desconhecer que o mundo pertence ao indivíduo na medida em que este pode se fazer dele senhor. Há mister que uma transformação radical se produza em nosso regime social, para que de novo as fontes de vida corram e venham purificar nossa falsa existência, cheia de misérias e decepções, mas essa transformação será obra de uma aristocracia esclarecida, prudente e criadora, que tenha seus decretos respeitados por um povo que saiba obedecer[...]

A civilização é tranqüila, produto da soberania dos fortes e da disciplina daqueles que nasceram para obedecer aos que vieram criar.

[...] Defender a beleza ameaçada com a insurreição dos bárbaros — é este o meu nobre ofício”.<sup>1126</sup>

“A perigosidade”, complementar a Afrânio Peixoto anos mais tarde, “promove a defesa social que este Estado representa politicamente”.<sup>1127</sup> Mas, a defesa social só seria possível com a identificação. Em 1910, Afrânio Peixoto já dizia: “a dactiloscopia é, assim, o índice fácil e seguro da criminalidade”.<sup>1128</sup>

Duas décadas depois, ele tornava ao assunto para concluir que “a identificação judiciária será o ‘dicionário’ humano da criminalidade profissional, habitual, reincidente: a identificação geral, com que sonha Leonídio Ribeiro, será o índice de toda a sociedade”.<sup>1129</sup>

---

\* Como um intelectual que fez carreira na polícia, Elysio de Carvalho se tornou um dos grandes pensadores da instituição, produzindo um enorme número de artigos e uma considerável bibliografia sobre “a modernização da polícia e o seu papel na sociedade”. Para dar uma idéia de sua produção, vão listados alguns livros que levantamos: *A Identificação como Fundamento da Vida Jurídica*; *A Polícia Carioca e a Criminalidade*; *La Police Scientifique au Brésil*; *L'Organisation et le Fonctionnement du Service d'Identification de Rio de Janeiro*; *Criminalistique*; *A Luta Técnica Contra o Crime*; *Sherlock Holmes no Brasil: Estudos de Polícia Científica*.

<sup>1126</sup> Carvalho, Elysio. *Five O'Clock*. RJ, Garnier Livreiro Editor, 1909, pp. 113-115. (Grifo meu).

<sup>1127</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, p. 187.

<sup>1128</sup> Citado por *id. ibid.*, p. 196.

<sup>1129</sup> Citado por *id. ibid.*, 196, 197.

Ao assumir, em 1931, a direção do Gabinete de Identificação, Leonídio Ribeiro planejou criar o Departamento Nacional de Identificação.

Em 1935, realizou-se no Rio de Janeiro o Congresso Nacional de Identificação que aprovou que se pedisse ao governo a obrigatoriedade da identificação geral, além de sugerir a instalação:

“[...]em todos os serviços de identificação do país, assim como nos manicômios judiciários e penitenciárias, de laboratórios de Antropologia Criminal, a fim de se tentar o estudo sistemático dos criminosos e das causas do crime em nosso país”.<sup>1130</sup>

A presença maciça de imigrantes no país acabou por ampliar o debate sobre a identidade e a criminalidade, trazendo de volta a discussão levantada por Nina Rodrigues sobre a “degeneração cultural”.<sup>1131</sup> Travada pelos antropólogos, que a essa altura já tinham uma identidade própria e haviam se afastado da Medicina, a discussão sobre raça abandona a noção de inferioridade racial mas, contraditoriamente, introduz no estudo da população brasileira noções provenientes da **Eugenia** e da **Psicologia** que voltam às conotações biológicas de que pretendiam se desfazer.<sup>1132</sup> O pano de fundo da discussão da Eugenia ainda é o mesmo daquele que informou o debate sobre as desigualdades raciais da época da Proclamação da República: a definição do país e do povo e a contestação da extensão da igualdade política a todos os integrantes da sociedade nacional.<sup>1133</sup>

No momento, mesmo, da constituição do campo da Medicina Legal como um saber sobre a “personalidade” humana, a própria ciência tratou de desmentir a suposição de igualdade entre os habitantes do país, “tantas vezes formulada na retórica política”.<sup>1134</sup>

Em sua época, Nina Rodrigues já tinha apontado, em suas pesquisas, “para a clara existência de desigualdades em nossa sociedade e pediu, explicitamente, a intervenção do Estado tanto para garantir a ‘ordem social’ como para assegurar a ‘liberdade’ dos cidadãos”.<sup>1135</sup>

Para Nina era um erro a adoção de um único Código Penal para toda a República, só o reconhecimento da desigualdade entre os grupos (cujo fundamento era a diferença racial entre negros e brancos) poderia levar a uma “distribuição hierárquica da Justiça no país”.<sup>1136</sup>

---

<sup>1130</sup> Citado por Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, pp. 198, 199.

<sup>1131</sup> *Id. ibid.*, p. 211.

<sup>1132</sup> *Id. ibid.*, p. 213.

<sup>1133</sup> *Id. ibid.*, p. 243.

<sup>1134</sup> *Id. ibid.*, p. 245.

<sup>1135</sup> *Id. ibid.*, p. 246.

<sup>1136</sup> *Id. loc. cit.*

Num segundo momento, entre os anos 20 e 30, os próprios discípulos ou seguidores de Nina recolocaram a questão da desigualdade em outros termos, abandonando as determinações biológicas e pensando a “degeneração” como sendo cultural.<sup>1137</sup> Aquilo que antes fora atribuído à mestiçagem, agora devia-se à inexistência de uma identidade nacional.

Segundo Herschmann e Messeder, esse período foi “de fortes tonalidades nacionalistas[...] dotado de uma especificidade que tomava a ‘mestiçagem’ como um de seus principais referenciais[...] os anos 20-30 testemunharam desde o Anarquismo irônico da Semana de 22 até à sisudez autoritária do Estado Novo[...] oscilando entre tentativas de se fazer valer uma cidadania e soluções autoritárias”.<sup>1138</sup>

A criação da Comissão Central Brasileira de Eugenia, em 1931, que objetivava estimular no país o interesse pelo estudo das questões da hereditariedade e da Eugenia,<sup>1139</sup> revela bem onde iria desembocar todo o debate que a intelectualidade desse período fazia sobre o país, o povo e o seu destino como Nação.

Conforme Daniel Pécault no seu estudo sobre *Os Intelectuais e a Política no Brasil*, a “[...]geração dos anos 20-40 não solicitou a mão protetora do Estado, ao contrário, se mostrou disposta a auxiliá-lo na construção da sociedade em bases nacionais. Participando das funções públicas ou não, manteve uma linguagem que é a do poder. Ela proclamou em alto e bom som a sua vocação para elite dirigente”.<sup>1140</sup> É de poder, portanto, que falam os intelectuais, desde Nina Rodrigues, de poder e de saber e das relações entre esses dois elementos.

Os objetos da ciência se multiplicaram desde a época de Nina, os intelectuais passaram a ver o povo e o país de outra maneira, mas a questão do poder, isto é, de quem tinha em última instância direito à cidadania e à urbanidade, manteve-se inalterada. Afinal, toda a discussão sobre a raça, sobre a “degeneração”, sobre o “tipo” que iria dar vida ao brasileiro, toda a discussão da Criminalística, da Antropologia, da Medicina, do Direito e, depois, da Educação e da Psicanálise, iria convergir para o objetivo de se alcançar uma “harmonia racial e social” e de classes que tinha

---

<sup>1137</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, p. 247.

<sup>1138</sup> Herschmann, Micael M. e Pereira, Carlos Alberto M. “O Imaginário Moderno no Brasil”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994, pp. 29, 30.

<sup>1139</sup> Sobral de Andrade, Ricardo A. “Avatares da História da Psicanálise: da Medicina Social no Brasil à Medicina Nazista e à Medicina Romântica Alemã”, in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *Op. cit.*, p. 71.

<sup>1140</sup> Citado por Herschmann, Micael M. e Pereira, Carlos Alberto M. *Op. cit.*, p. 33. (Grifo meu).

como contrapartida “a circunscrição cuidadosa dos limites da liberdade de cada um”.<sup>1141</sup>

A bem da verdade, toda a criminalística se fundou “cientificamente” a partir da desigualdade, a partir da classificação e qualificação do “outro” como degenerado e, por isso mesmo, como desviante que precisava ser **identificado** na confusão social, **diagnosticado** em sua periculosidade virtual, **curado** de sua doença, **readaptado** à sociedade e **enquadrado** numa ordem, tida como a única possível, de constituir a massa disforme e sem rosto, num povo ordenado e com uma identidade definida.

O estudo da intelectualidade da polícia e de seu projeto de regeneração da população acaba por nos reconduzir ao projeto de “regeneração” que a geração de Pereira Passos havia se imposto, ao ferir de morte a velha cidade com seus hábitos, costumes e padrões de urbanidade. A redefinição da ordem pública a partir da renovação urbana implica na definição de novos conceitos do que seja crime.<sup>1142</sup>

A cultura popular passa a ser percebida como ameaçadora à estabilidade social. Um verdadeiro ataque a “desordem urbana” se desencadeia, demandando um saber específico que desse conta da redefinição do crime e do criminoso. Esse saber construído na polícia visava, de um lado, constituir um novo padrão de disciplina urbana e decoro público e, de outro, forjar as referências civilizatórias de um povo em processo de formação. Para tanto, era imprescindível constituir-se a oposição, social/anti-social, civilizado/bárbaro, inclusão/exclusão, o que em última instância significou a “invenção” do **outro**.

O que a ciência estivera fazendo esse tempo todo era procurar detectar as ameaças à sociedade e identificar de onde elas vinham. Para fazê-lo, ela teve que fragmentar seu objeto de análise — o “homem perigoso”, o “criminoso nato”, o “degenerado”, em múltiplos objetos que seriam interpelados por diferentes saberes. Assim, à polícia coube o ladrão, o assassino, o estuprador, o vagabundo, o malandro; à Antropologia, o degenerado racial; à Psicanálise, o louco e os “disgênicos”; à Educação, as crianças “pré-delinquentes”; à Medicina, os doentes; ao Direito, os “irresponsáveis”; etc.

O “homem perigoso” que se desdobrou em “homem degenerado” foi o fundamento sobre o qual as Ciências erigiram seus objetos específicos, na crença de que uma vez submetido a seu crivo, ele se recuperaria e estaria pronto para assumir os seus deveres de cidadão. A nacionalidade e a

<sup>1141</sup> Corrêa, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982, vol. 2, p. 248.

<sup>1142</sup> Storch, Robert. “O Policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana”, in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr., 1985, vol. 5, nº 8/9, p. 10.

cidadania, por conseguinte, se constituíram em oposição ao **outro** e se encastelaram como que numa **cidadela** para se proteger dos efeitos disruptores e destrutivos que esse **excluído** pudesse a vir provocar.

Mas, a sociedade e a cidade divididas dão sempre margem para que o **outro**, não contente em bater às suas portas, tente arrombá-las, quebrando o silêncio imposto e fazendo a sua voz ecoar. Como, então, proteger a sociedade, como proteger a cidade desse “desejo de Poli(s)tica” que o **outro** expressa em seus gritos às portas da cidadela protegida dos incluídos? Com Urbanismo, diriam os urbanistas. E com o Urbanismo seria. Mas, isso já veremos a seguir...

## QUASE – CONCLUSÃO \*

### O DETETIVE E O URBANISTA: AMAR E DETESTAR A CIDADE

Eis-me nesta “Quase-Conclusão” à beira de um processo que se finda e de outro que apenas se entrevê (a discussão sobre o Urbanismo). Minha pena se estaca! Por onde avançar? Como lidar com a camada urbanística que se abre à minha frente e que comporá uma conjuntura histórica, onde o Urbanismo se destacará como um de seus componentes hegemônicos?

Diante dessas questões me vejo frente a um vasto campo teórico e de pesquisa a ser trilhado. Não, não vou fazê-lo! Eis que esvaem-me as forças, falta-me o fôlego e sinto que já é hora de terminar, porque para entrar nesta seara seria preciso enfrentar uma nova tese, e pressinto que não vou fazê-lo.

Dai, a idéia de “Quase-Conclusão”, porque é uma tese que se conclui mas, ao fazê-lo, divisa um novo campo de reflexão à sua frente. E é desse lugar, do Urbanismo como um campo a ser mapeado, que vai tratar essa “Quase-Conclusão”. Mas alerta que vou falar do campo do Urbanismo de fora dele, porque me parece ser a melhor maneira de introduzi-lo.

Na verdade, dou-me conta agora que a tese está toda construída e aponta para o tema do Urbanismo, pois a longa trajetória que ela percorre no tempo carrega consigo uma reflexão que teve como ponto de partida a ordem urbana como novo padrão da ordem e da sociabilidade na cidade, e como o novo elemento a partir do qual um pacto urbano vai se estruturar.

É isso mesmo, a tese conclui com aquilo que eu, primeiramente, me indagava sobre o Urbanismo como uma das novas formas do projeto político — portanto, de dominação — que se impõe. É um projeto político que não fala de Política, se situando, portanto, em outro campo semântico que é o do discurso competente que desqualifica a política em prol da dicção cientificizante do saber especializado.

---

\* Essa “Quase-Conclusão” tem como base artigos já por mim publicados. Ver: Pechman, Robert Moses. “O Urbano Fora do Lugar? Transferências e Traduções das Idéias Urbanísticas dos Anos 20”, in Pechman, Robert M. e Ribeiro, Luiz Cesar de Q. *Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno*. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1996. Ver, também: Pechman, Robert Moses. “Do Sertão ao Salão. Reforma Urbana e Reforma Social no Rio de Janeiro”, in *Seminário Internacional: Programa Internacional de Investigaciones sobre el Campo Urbano y las Condiciones Históricas de Emergencia de las Competencias Urbanísticas*. Vaquerias, Argentina, FADU/UBA, 1996.

Admito, portanto, que concluí este trabalho por onde devia ter começado e, por isso mesmo, o processo de constituição do Urbanismo como saber, como prática técnica, como política e como fator de sociabilidade, esteve presente ao longo de todos os capítulos lhes fazendo sombra. Uma sombra suficientemente benigna que permitiu que cada capítulo florescesse independentemente, mas tendo como horizonte sempre a mesma questão: qual é o papel que a cidade joga na constituição de uma *pax villae*, e qual é o papel do “sistema de idéias” sobre a cidade (onde o Urbanismo está no final da linha figurando como saber científico sobre a cidade), na legitimação dessa *pax urbis*?

Deriva daí, minha forte sensação ao longo de todo o trabalho que caminhei pelos capítulos pisando em Política, naquele sentido que deriva de *pólis*, e se encontra com polícia e *politesse*. Que outra coisa não é o Urbanismo senão uma síntese desses três elementos - Política, polícia, *politesse* - que produzem incessantemente imagens do campo social e que, apropriadas pelo Urbanismo, são reconvertidas e adaptadas a uma sintaxe urbana? O Urbanismo como campo científico e, portanto, “apolítico”, é verdadeiramente um lugar de política, embora seus “inventores” construam esse saber, justamente, no movimento de desfazer a política.

Foi inevitável, por conseguinte, remontar nesta tese o caminho que as representações da cidade percorreram até desembocar nas formulações do Urbanismo. Assim, os capítulos foram talhados para, no particular, dar conta das suas questões específicas e, no geral, para tentar responder de onde vinha a herança que será apropriada pelo Urbanismo, em termos de saber sobre a cidade. Vimos que essa herança remonta às primeiras manifestações da sociabilidade cortesã, passa pela constituição da polícia e pela ação reguladora do decoro público, enfia-se pelos caminhos indicados pelos Manuais de Civilidade, percorre os rudes sertões da paisagem nacional, passeia pela cidade de braços dados com a crônica, visita as teses de Medicina, sobe aos píncaros da nacionalidade com o romance, baixa aos vales com a literatura urbana, se afunda no lodo com o folhetim e é resgatada pelo detetive que a entrega, bastante mais encorpada, ao urbanista.

Uma herança e tanto, um herdeiro e tanto!

É desse saber acumulado que tratou esta tese. Mas, não se trata somente de herança. Desse espólio há mais o que ressaltar e que perpassa todo o conjunto do trabalho, e que diz respeito a como vejo a constituição do campo teórico do Urbanismo. Porém, não me aventurarei por essa viagem. Ao longo desta “Quase-Conclusão” irei traçar não mais que algumas considerações sobre esse campo ainda a ser mapeado, pois do Urbanismo nem tudo me interessa. Por isso, deixei de lado seus aspectos técnicos, científicos, estatísticos e administrativos, privilegiando seu viés de lugar de e do poder.

Essa conclusão visa, pois, ser muito mais uma olhadela no Urbanismo como o catalisador das imagens sobre a cidade — e de como a partir dessas imagens vai se destilar uma política urbana — do que uma reflexão sobre o Urbanismo em si como ciência da cidade.

É por isso que vou tratar aqui do que anunciei no capítulo anterior como sendo parte integrante da conjuntura histórica que serviria de fundamento para o Urbanismo lançar suas raízes e filtrar suas experiências, e que chamei de **camada urbanística**.



## A CENA OBS-CENA

Deixei propositalmente para tratar da **camada urbanística** nesta Quase-Conclusão que versa, justamente, sobre o Urbanismo. Assim, como sugeri no capítulo anterior, entender a conjuntura histórica que se estrutura ao longo das três primeiras décadas desse século, a partir do relevo que dei às camadas literária, jurídico-policial e científica, neste último capítulo coloco em evidência a camada urbanística. Articuladas essas quatro camadas, o que deriva daí é uma certa **imagem** da cidade. E isso é o fundamental, porque é sobre essa imagem que o Urbanismo como a nova “ciência” da cidade vai operar, diagnosticando, analisando, intervindo.

Meu primeiro movimento é, portanto, de mostrar como se **constrói** no imaginário a imagem da cidade e como se dá sua apropriação pelas teorias urbanas para, em seguida, num segundo movimento, tentar **desconstruir** as representações que o Urbanismo faz sobre a cidade no sentido de mostrar o papel que essas representações têm na legitimação de uma ordem urbana e na implementação de políticas urbanas, assim como de mostrar sua dicção política, numa retórica pretensamente apolítica, neutra, travestida de cientificismo.

Falar da camada urbanística é evocar o processo da constituição do Urbanismo como “ciência” no Brasil, bem como identificar o papel que a cidade tinha na composição de um diagnóstico sobre a sociedade.

Vimos no capítulo anterior que a imagem da sociedade brasileira, particularmente a do povo, era tomada como a de uma sociedade degenerada e que a cidade, além de abrigar o “homem perigoso” que ocultava sua identidade na multidão, era também imaginada como um labirinto, uma zona de perigo, um lugar de mistério.

Antes, no entanto, de passarmos ao urbanista e analisarmos sua estratégia para lidar com os “perigos” da cidade e com a “cidade perigosa”, debruçemo-nos sobre um seu ancestral — o detetive — e vejamos como a questão da ordem urbana é colocada para ambos. Essa relação que estou estabelecendo entre esses dois “profissionais da cidade” é importante para mim, porque entendendo o detetive tenho condição de melhor entender o urbanista, uma vez que ambos fazem do enigma urbano o seu *métier*. O detetive, porque o enigma é o caminho da descoberta e por onde ele constrói o seu saber sobre a cidade; o urbanista, porque o enigma é o que a cidade dá a ver da sua desordem.

Seja para o detetive, seja para o urbanista, a cidade sempre foi um problema. Tratava-se do “homem perigoso” que escondia sua identidade na massa e da própria forma urbana que, labiríntica, tendia a engolir e sumir com aqueles que não podiam ser vistos à luz do dia.

Detetive e urbanista serão chamados, portanto, a restituir a ordem da cidade e a desfazer seus **imbrólios**, tornando-a transparente e linear, de forma tal que nem o “criminoso nato” pudesse se esconder nas suas sombras e que nem suas formas fossem mais convidativas às práticas “ilegais”.

Assim, o detetive convoca a uma **política da aparência**, enquanto que o urbanista clama por uma **política urbana**. Ambos os profissionais, em ação, “politizam” a cidade, embora jamais admitam fazer política. Ambos são chamados a devolver a ordem à cidade, a atualizar o sistema de dominação, a reforçar a fronteira entre excluídos e incluídos, e a dar legitimidade a dualidade bárbaro/civilizado. Detetive e urbanista cumprem missão preciosa, a de fazer da *pax villae* a condição básica do pacto urbano.

Até aqui me foi possível seguir a relação de parentesco entre os dois, pelo lado da construção/manutenção de uma ordem urbana, onde o detetive precede o urbanista no zelo pela preservação da urbanidade.

Embora aparentados, detetive e urbanista têm relação distinta com a cidade. O detetive procura desvendar o enigma da cidade, mas aceita-o como tal, já que em cada nova missão ele de novo há de se deparar com outra dimensão desse enigma. Sem enigma não há o que se acobertar, não há o que detectar, não há nem mesmo cidade.

Em outras palavras, ao aceitar o enigma o detetive aceita a cidade como ela é, com seus mistérios, seus encantamentos, seus labirintos. O detetive ama a cidade e não pode abrir mão de seu objeto de amor... e de saber.

Para o urbanista que quer abolir a multidão, desatramancar a rua, desmanchar o labirinto e estender por sobre a cidade um manto liso e sem rugas, a cidade como ela é, é inaceitável. O urbanista não suporta tal cidade, odeia tal desordem e, por isso, interfere na cidade, muda seu destino, operando na direção de suprimir sua dimensão histórica, dando-lhe um outro sentido: o do **urbano**.\*

Se, depois da passagem do detetive, o labirinto, a multidão e, mesmo, a cidade ainda se mantêm incólumes, com a passagem do urbanista não resta mais nada, nem labirinto, nem multidão, nem ao menos a cidade. O urbanista detesta a cidade, ele quer aboli-la, já que ele vê nela não a cena, mas a “obs-cena”, aquilo que está “fora de cena”, pois que, sob a hiperiluminação de seu olhar da cena, só resta mesmo o que dela é visto como obscenidade. A paisagem seca como num mau-olhado, e a cidade se transforma num espaço abstrato, sem densidade histórica.

---

\* Mais adiante defino melhor o que entendo por **urbano**.

À paisagem concreta por onde o detetive caminha e desfaz o novelo das tramas diabólicas, o urbanista impõe sua cidade abstrata, o modelo de todas as cidades.

A obra maior do urbanista é, portanto, prover a cidade de outro sentido, é lhe dar outro estatuto epistemológico, na medida em que sua ação leva à redefinição da polissemia urbana e ao aprisionamento da cidade numa unidimensionalidade que só faz reduzir a experiência histórica, aprisionando-a às imagens derivadas dos dados técnicos e estatísticos, com as quais vai esculpir, não mais no tempo (História), mas no espaço, outra imagem da cidade.

Embora detetive e urbanista estejam amarrados pelo mesmo vínculo ao poder — a atualização da ordem — eles tendem a se afastar diante do sentido novo que a cidade vai tomando. À medida que o urbanista vai galgando o primeiro plano da cena urbana, o detetive vai se transformando.

De “prodigiosa máquina de raciocinar” que o detetive Dupin, de Edgar Allan Poe, era, ele vai se transformar num sujeito empírico. Ele deixa de ser um policial, um funcionário do Estado ou, mesmo, um amador (Sherlock Holmes), para se transformar num *privê* a serviço dos clientes. Como na obra de Dashiell Hammet que transforma o detetive cerebral em um sujeito empírico. Empírico aí como o sujeito que conhece cada milímetro da cidade, suas bibocas, seus esconderijos, e faz de sua experiência urbana (que o aproxima da marginalidade), e não de seu raciocínio, uma forma de conhecer a cidade.

A transformação da literatura policial revela o quanto a cidade se transformou e o quanto o próprio detetive se transformou diante das mudanças da cidade. O melhor exemplo disso é o surgimento do *roman-noir*,<sup>1143</sup> onde o detetive prescinde do seu elemento básico — o raciocínio — para se apegar ao conhecimento da cidade, principalmente da **alma do homem urbano** para encontrar o culpado. O detetive já não luta pela ordem urbana, pela manutenção do decoro público, pela honra burguesa aviltada. Ele se torna uma espécie de justiceiro, uma espécie de cobrador \* de uma **ética urbana** que se perde.

Talvez não seja fortuito que Leo Malet, o criador do detetive Nestor Burma (suspeito da polícia e que ele detesta) tenha escrito, em 1954, um século após a obra de Eugène Sue, a série *Os Novos Mistérios de Paris*, onde cada romance do ciclo se desenvolve num *arrondissement* dessa capital como a querer recuperar, “poeticamente”, os mistérios da grande capital do século XIX que se tornariam banais frente às intervenções urbanísticas que tendiam a apagar a história da cidade.

A cidade sempre foi para o detetive, seja o de papel, seja o de carne e osso, um texto, embora

<sup>1143</sup> Ver: Boileau, Narcejac. *Le Roman Policier*. Paris, Quadrige/PUF, 1994.

\* Ver os policiais éticos dos romances e contos de Rubem Fonseca, principalmente *A Coleira do Cão*.

enviesado, mas um texto, onde através de sua leitura ele procura recuperar a “verdade” do discurso (o restabelecimento da ordem). O romance policial, bem como a ação concreta do detetive, têm a dicção da cidade, eles são a própria cidade em movimento, investigando sua alma e interpretando seus próprios mistérios.

Já a relação do urbanista com a cidade tem outra sintaxe que se conjuga em outro discurso. Para ele a cidade é uma patologia, é a própria manifestação da degeneração. Preso a essa sintaxe, o urbanista vê na história da cidade um entrave à sua regeneração; por isso, mesmo, ele está incapacitado de enxergar sua “tranquila” dinâmica que, a seus olhos, é pura estagnação.

Apoiado naquelas representações que mostram a cidade como um “cadáver urbano”, “herança envenenada de ancestrais ignorantes”,<sup>1144</sup> o urbanista faz da história da cidade, **tábula rasa**. Ele não reinterpreta o texto da cidade, não reinscreve no palimpsesto da cidade a sua história, ao contrário, ele a apaga. Simplesmente ignora a história da cidade. Por isso, o discurso do urbanista vai além da cidade, ele não floresce em solo urbano. Só ali, onde a cidade é decretada como morta, é que brota viçosa a retórica urbanística. Onde o urbanista desenha sua cidade (o modelo) já é um espaço puramente abstrato.

Tem razão Françoise Choay quando se pergunta se “não é tempo de se admitir a desaparecimento da cidade tradicional e se indagar sobre o que a substituiu, em suma, sobre a natureza da urbanização e sobre a não-cidade que parece ter se tornado o destino das sociedades ocidentais avançadas?”<sup>1145</sup>

Onde o detetive, na sua luta entre a **mentira** e a **verdade** procura restabelecer o discurso verdadeiro,<sup>1146</sup> reconstituindo a convivialidade na cidade, o urbanista desfaz a solidariedade entre *urbs* (território físico da cidade) e *civitas*<sup>1147</sup> (comunidade de cidadãos que a habitam), de tal forma que a **urbanidade** daí decorrente deixe de ser um jogo de negociação entre os sujeitos da cidade e pela cidade, e não exprima mais a grandiloquência da Política. Nesse sentido, o discurso do urbanista revela o mutismo social, a substituição do debate político pela politiquice.<sup>1148</sup>

<sup>1144</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, pp. 21, 41.

<sup>1145</sup> Choay, Françoise. “Le Règne de l’Urbain et la Mort de la Ville”, in *La Ville. Art e Architecture en Europe*. (1870/1933). Sous la direction de Jean Dethier et Alain Guilheux. Paris, Édition du Centre Pompidou, 1994, p. 26.

<sup>1146</sup> Reuter, Yves. *Le Roman Policier*. Paris, Éditions Nathan, 1997, p. 45. (Grifos meus).

<sup>1147</sup> Choay, Françoise. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>1148</sup> Montóia, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990, p. 242.

A cidade perde o seu sentido de *pólis* e o Urbanismo se impõe como um “discurso competente”,\* a partir do que ele se legitima como a **verdade** da cidade. É a morte da cidade, isto é, de sua natureza política e cidadã, e a imposição de uma linguagem profilática e repressiva que exclui do exercício fundamental da política que a cidade propicia.<sup>1149</sup>

E é esse processo de supressão da cidade pelo Urbanismo que vamos passar a analisar agora.

---

\* Estou tomando a noção de **discurso competente** com o sentido que Marilena Chauí lhe dá: “o discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência”. Ver: Chauí, Marilena. *Cultura e Democracia. O Discurso Competente, Outras Falas*. SP, Ed. Moderna, 1980, p. 7.

<sup>1149</sup> Montóia, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990, p. 221.

## De Higienismo

Desde a primeira metade do século XIX, no caso europeu, e do final do século, no caso brasileiro, que os preceitos maiores do Higienismo, **a diferenciação e a circulação** se inscreveram na paisagem urbana. A cidade, do ponto de vista da higiene, sofria de **confusão e imobilidade**, e convinha diferenciar o indistinto e fazer circular o que era estagnante.<sup>1150</sup>

Segundo Didier Gille, esta inscrição “foi metódica, fruto de um trabalho concreto minucioso”.<sup>1151</sup> Mas, falar simplesmente de inscrição — argumenta Gille — “pode levar ao pensamento de que a **política urbana** só fez realçar os signos que dão sentido à cidade. Pelo contrário, forçoso é constatar que o remédio (o saneamento) foi violentíssimo, e que sua inscrição, uma vez realizada, se impôs com sua única linguagem de deciframento”.<sup>1152</sup>

Para o corpo doente da cidade, o Higienismo era o remédio mais adequado, mas após o tratamento, verifica Didier Gille, “não foi bem uma **cidade curada** que surgiu aos nossos olhos, foi a cidade o **modelo** de todas as cidades, o que unicamente pode ser uma cidade, o que deve ser uma cidade”.<sup>1153</sup> Parecia tratar-se de um problema de cura através de remédios, mas a questão mostrou ser de estrutura, isto é, a cidade “não tinha cura”, era preciso redefini-la pela base.

“Com efeito” — assinala Gille — “deslindar os ‘imbróglios’ (o amontoamento de coisas e pessoas e a falta de fluxos) e transformá-los em unidades ‘funcionais’, corresponderia idealmente a suprimir a cidade, a dividi-la em mônadas isoladas **sem** solução de continuidade. Isto seria a morte da cidade por desagregação[...]”<sup>1154</sup> O que equivale dizer que a política urbana pautada pelo Higienismo haveria de obrigar a uma rearticulação (desarticulação) da cidade a partir de outros princípios que não aqueles que vigiam para a cidade antiga. Começa aí o esforço de transformar a natureza da cidade, através da supressão de sua dimensão histórica, impingindo-lhe um outro sentido, o de **coisa urbana**.

A execução de uma rede de circulação e o desamontoamento das atividades na cidade são, portanto, um momento fundamental de constituição do **urbano**. O Higienismo é, pois, para Didier Gille, “a forma através da qual devem fluir **os enunciados**”<sup>1155</sup> da nova realidade urbana,

<sup>1150</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 22. (Grifos meus).

<sup>1151</sup> *Id. ibid.*, p. 29.

<sup>1152</sup> *Id. loc. cit.*

<sup>1153</sup> *Id. loc. cit.* (Grifo meu).

<sup>1154</sup> *Id. ibid.*, p. 24. (Grifo meu).

<sup>1155</sup> *Id. ibid.*, p. 30. (Grifo meu).

já que ele materializa, ao longo do século XIX, o desejo de transformação de um **corpo** doente num **organismo** sadio: o Higienismo é a expressão da primeira forma de uma política urbana de enquadramento e controle da cidade.

Com o Higienismo, sua capacidade de desfazer as confusões da cidade e seu poder de aplicar o princípio circulatório a campos cada vez mais vastos da atividade urbana (“na sua dupla dimensão de pôr em movimento e de ligar conjuntos diferenciados” <sup>1156</sup>), realiza-se a “homogeneidade estrutural concreta entre domínios heterogêneos” e a cidade, finalmente, encontra sua “natureza intrínseca”. <sup>1157</sup>

Era por ser um corpo, alega Didier Gille, que a cidade estava doente, “que ela não era verdadeiramente uma cidade. E agora, por ser um **organismo** é que se revela a sua verdade eterna: a cidade é um organismo, ou seja, um ser supostamente vivo, cujo sentido é perfeitamente redutível ao da estrutura que o constitui, cujos órgãos são atualizações de **funções abstratas**, e cuja finalidade vital é a manutenção (e no caso a extensão) de sua estrutura[...] Dessa maneira, a cidade seria composta por uma série de órgãos funcionais bem diferenciados e por uma série de órgãos circulatórios que permitam a sua intertradução. É a potência desse modelo que confere força aos higienistas”. <sup>1158</sup>

Diante da potência do modelo higienista, a cidade antiga vai perdendo a capacidade de alimentar o imaginário que abastece seu universo mental (mentalidade) e o corpo urbano vai perdendo seus contornos para um organismo abstrato. Aquilo que estava fincado no chão e que dava especificidade à paisagem local, aquela cidade que se enraizara naquele chão — que, se rasgado, revelaria os vários momentos do seu passado — “envenenada” pelo remédio higienista, se desprende do seu solo e tende a perder a identidade, diante da sua incapacidade de reter a memória de sua história. É que, segundo Gille, “enquanto modelo, a idéia de organismo produz imagens e permite operações de deciframento[...]”, <sup>1159</sup> que se impõem à cidade, destruindo sua identidade, mudando-lhe a forma de funcionamento, enfraquecendo sua capacidade de se auto-representar e de forjar uma imagem própria.

À topografia, território aonde se assentava a cidade antiga, sobrevêm a topologia, um não-território, um espaço abstrato, aonde a cidade moderna desdobra sua estrutura. <sup>1160</sup> Esse trabalho

---

<sup>1156</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 35.

<sup>1157</sup> *Id. ibid.*, pp. 35, 36.

<sup>1158</sup> *Id. ibid.*, p. 36. (Grifos meus).

<sup>1159</sup> *Id. ibid.*, p. 38.

<sup>1160</sup> *Id. ibid.*, p. 56.

de “negação e de redefinição da topografia, de abstração do território” — alega Gille — “desobriga, bem claramente, a solidariedade que ligava as múltiplas dimensões do fato urbano à sua paisagem[...]”<sup>1161</sup>

Os desenvolvimentos técnicos — os grandes aparelhos urbanos de água, esgoto, eletricidade, etc. — destroem a territorialidade, na medida que seu objetivo é apenas fazer circular os fluxos, o que os torna órgãos de um organismo, na medida em que não ocupam posição no território, apenas espaço na **estrutura**.<sup>1162</sup> Por isso, mesmo, esse desenvolvimento faz do espaço uma abstração.

A cidade se volatiliza, os preceitos do Higienismo (diferenciação e circulação) se impõem e a representação da cidade se **reduz** a seus aspectos técnicos<sup>1163</sup> de funcionamento. Há um como que desencantamento da cidade, e a percepção no âmbito da sensibilidade que o morador tinha de sua cidade é invadida por dados e cifras, levando a que as representações da cidade se convertam num conjunto de dados estatísticos, através da qual se lê e se diagnostica os “problemas urbanos”.

Françoise Beguin vê esse processo de redução do imaginário urbano a dados geológicos e técnicos como uma anulação da **densidade histórica da cidade** e o conseqüente desprezo pelo saber e sensibilidade do habitante da cidade, aonde o “urbano é banalizado em proveito de novas configurações operatórias”.<sup>1164</sup>

Essa “dissolução da cidade” — argumenta Françoise Beguin — “em proveito de uma concepção do urbano como meio onde se entrecruzam os órgãos técnicos da maquinaria urbana e os componentes físicos do solo, parece ter sido, às vezes, negligenciada. Sobretudo na França, aonde os grandes trabalhos “haussmanianos” deslocaram a atenção em direção a dados monumentais que não parecem caracterizar com maior conveniência aquilo que constitui a originalidade do Urbanismo moderno”.<sup>1165</sup>

---

<sup>1161</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988.

<sup>1162</sup> *Id. ibid.*, p. 55. (Grifo meu).

<sup>1163</sup> Beguin, Françoise. “Les Machineries Anglaises du Confort”, in *Recherches. L'Haleine des Faubourgs*. Paris, Dez./1977, n° 29, p. 158. (Grifo meu).

<sup>1164</sup> *Id. ibid.*, p. 164.

<sup>1165</sup> *Id. loc. cit.*



## De Urbanismo

### 1 - O Caso Europeu

O Urbanismo, já vimos, nasce com o Higienismo. A preocupação com as epidemias e a crença de que o amontoamento das moradias nos bairros populares contribuía para a produção de “miasmas” que faziam adoecer a população, levou a que os médicos higienistas atuassem diretamente sobre o espaço construído (principalmente a moradia da população pobre) e sobre os corpos, estabelecendo uma política de esquadramento do espaço urbano e de controle da circulação das pessoas.

Numa segunda fase, o Urbanismo se desloca do campo da Medicina para o campo da Engenharia, dando destaque à atuação dos engenheiros na solução dos grandes problemas técnicos da cidade: sistema de água e esgoto, questões topográficas, abertura e alargamento de vias, construção de grandes obras como portos, ferrovias, etc.

A terceira fase do Urbanismo diz respeito ao seu nascimento como saber, como uma “ciência” da cidade, o que acontece principalmente na França e na Inglaterra na primeira década do século XX. A constatação de que existiam “problemas urbanos” e que eles deveriam ser analisados em seu conjunto e não mais como questões isoladas, vai fazer surgir toda uma geração de profissionais que viam no **meio urbano** a principal razão dos distúrbios da cidade. *Changer la ville pour changer la vie* proclamam em alto e bom som os urbanistas.

Pela primeira vez, os grandes “problemas sociais” são articulados aos “problemas urbanos” e se chega à conclusão que eles fazem parte da mesma questão: o desenvolvimento descontrolado das grandes metrópoles. Daí, para se resolver questões como o desemprego, a precariedade das moradias, a enorme incidência de doenças sobre as classes populares, a criminalidade, etc., era preciso controlar o crescimento das cidades a partir do enquadramento das práticas populares, intervindo em seu meio ambiente, “saneando” seus bairros e reformando seu modo de vida.

O Urbanismo moderno nasce, portanto, como um novo modo de exercício do poder, cujo epicentro é a reforma do **meio** aonde viviam as classes populares, com o fito de lhes transformar o **modo** de vida.

Para construir as novas relações de poder, segundo Christien Topalov, estudioso dos processos de reforma social e reforma urbana na Europa, foi necessário primeiramente transformar as antigas representações dos problemas e dos grupos populares, inventando novos instrumentos de

intervenção e novas formas de dominação.<sup>1166</sup>

A idéia de que o meio produz degenerescência, que ele deve ser reformado e que os problemas da cidade e da sociedade devem ser resolvidos por profissionais do ramo e não mais por livres pensadores ou filantropos, faz nascer a Sociologia empírica e o Urbanismo ao mesmo tempo que os sociólogos e os urbanistas. Assim, tanto a questão social quanto a questão urbana são legitimadas como “realidades objetivas” e, como tal, diagnosticadas enquanto **problemas técnicos**, portanto, necessitadas de um enquadramento técnico-profissional que a afaste de seu conteúdo **político**.

Falando e agindo em nome dos interesses superiores da sociedade, além dos interesses dos grupos particulares que a compõe, os novos profissionais têm pretensão à autonomia e objetividade de sua disciplina e da ciência, da qual seriam os servidores desinteressados.<sup>1167</sup>

O nascimento de um novo campo de dominação, onde saber e poder formam um sistema, requalifica a cidade, afastando as ideologias antiurbanas típicas dos utopistas de final do século XIX. “A cidade não mais assusta, sendo apenas necessário organizar o seu crescimento de forma a liberar as suas potencialidades. A crítica não se coloca mais sobre o fenômeno da urbanização, mas sobre seu descontrole que provoca o superpovoamento, a insalubridade, enfim, o conjunto de elementos que passam a ser caracterizados como **problemas urbanos**”.<sup>1168</sup>

O nascimento do Urbanismo como disciplina e como prática profissional inaugura, portanto, um novo campo político, onde se pensam e se recriam relações sociais que instituem novas formas de poder e de dominação. O eixo central do pensamento urbanístico é, nesse sentido, “a questão social, e a cidade a mediação que permite uma intervenção modeladora de comportamentos”.<sup>1169</sup>

Se esse processo de implementação de uma reforma social mediado pelas intervenções urbanas que visavam atualizar o “modo de vida” de uma parte da população ao novo momento do capitalismo (que ia se afastando de sua forma liberal e assumindo um perfil cada vez mais “estatal” — *welfare state*) pode ser descrito como tipicamente europeu, não se deve desprezar, contudo, o tanto que as idéias em circulação influenciariam o processo brasileiro de descoberta teórica desse campo de poder e saber e de redimensionamento da questão urbana, na medida que,

<sup>1166</sup> Topalov, Christien. *De la “Question Sociale” aux “Problemes Urbaines”. Reformateurs et Travailleurs à Londres, Paris et New York au Debut du XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris, 1988, xerox.

<sup>1167</sup> *Id. loc. cit.*, xerox.

<sup>1168</sup> Ribeiro, Luiz Cesar de Q. e Cardoso, Adauto L. *Planejamento Urbano no Brasil: Paradigmas e Experiências*. Caxambu, MG, XIV Encontro Anual da ANPOCS, 1990, p. 10, xerox. (Grifo meu).

<sup>1169</sup> *Id. ibid.*, p. 11, xerox.

também no Brasil, há uma grande preocupação tanto com o equilíbrio urbano como com a harmonia social.

Conforme Ribeiro e Cardoso, a introdução do pensamento urbanístico no país nos coloca diante de dois grandes desafios: “(I) Adaptá-lo à realidade agrária que predomina durante um longo período de nossa história. (II) Adaptá-lo a um quadro de pensamento em que a questão social tende a aparecer de forma subordinada a outros temas da vida nacional”.<sup>1170</sup>

---

<sup>1170</sup> Ribeiro, Luiz Cesar de Q. e Cardoso, Adauto L. *Planejamento Urbano no Brasil: Paradigmas e Experiências*. Caxambu, MG, XIV Encontro Anual da ANPOCS, 1990, xerox.

## 2 - O Caso Brasileiro

Para um país que vivera por três séculos enfiado nas casas-grandes, a experiência de urbanização, patrocinada pelo “Haussman tropical” (Pereira Passos) foi uma novidade.

Tivemos cidades, é certo, desde a primeira vez que arregalamos os olhos e vimos que “nesta terra, em se plantando tudo dá”. Plantou-se açúcar, colheu-se cidades que era por onde o melaço escorria para além-mar e virava riqueza. Cidades sempre tivemos, porém, profundamente agarradas a uma dinâmica forjada fora delas, baseada na terra e no trabalho escravo.

Tínhamos cidades, mas a experiência urbana ainda era, na virada do século XIX para o XX, uma novidade entre nós. E digo o devido a que: porque não tínhamos “problemas urbanos”. É sabido que na capital do país não havia água encanada, a rede de esgoto era pequena e precária, as ruas eram estreitas, tortuosas e escuras, o transporte era rudimentar e não havia ainda nem mesmo porto que substituísse os velhos trapiches por onde o Rio de Janeiro se fazia ao mar.

O Rio de Janeiro era uma cidade plena de percalços e insisto em dizer que os “problemas urbanos” não existiam. Não existiam porque não tinham sido **inventados** ainda. Aquilo que se desenrolava no espaço da cidade certamente eram problemas, mas não eram “problemas urbanos”. A cidade não era tematizada como uma questão.

Serão os médicos-higienistas, também no caso brasileiro, com suas investigações sobre os agentes causadores das epidemias nas suas suposições sobre a contaminação do meio urbano pelos miasmas que inventarão **os problemas urbanos**. Daí por diante, a cidade não será mais a mesma coisa. Ela passará a ser objeto de investigação e de intervenção da Medicina que a coisificará sob a forma de corpo urbano. Legitimando-se como um saber sobre a cidade, a Medicina se tornará a referência fundamental na articulação de um pacto entre os novos grupos dominantes que terá a cidade como base.

Mas, se são dos médicos as mãos saneadoras a trazer “saúde” para o corpo doente da cidade, será dos engenheiros a mão interventora no sentido de atualizar o suporte físico-natural da cidade e torná-lo apto às novas demandas do processo de acumulação que teria por base o espaço construído com seus grandes equipamentos urbanos (portos, ferrovias, armazéns, infra-estrutura em geral, etc.).

Egressos da Escola Politécnica e abrigados no Clube de Engenharia, fundado em meados do século XIX, os engenheiros se respaldavam nas idéias de que os problemas urbanos poderiam ser resolvidos de maneira correta e eficiente, desde que fossem elaborados planos que evitassem

irracionalidades na construção e reconstrução da cidade, isto é, desde que a racionalidade e a objetividade fossem o princípio de tudo.<sup>1171</sup>

Exemplo cabal do assenhoreamento da cidade pelos engenheiros é a desenvoltura com que os membros do Clube de Engenharia **circulam** entre o aparato municipal e o seu clube. Temos assim um Pereira Passos, um Paulo de Frontin, um Lauro Muller, um Francisco Bicalho que, quer seja à frente das grandes obras da cidade, quer seja à frente das demandas do Clube de Engenharia dirigidas ao poder municipal e federal, constituem-se, pelos seus discursos, seus diagnósticos, suas propostas de intervenção e seu poder de decisão nos verdadeiros formuladores da renovação urbana \* a partir da identificação dos problemas urbanos.

Podemos constatar que a intervenção higienista dos médicos e técnica-funcional dos engenheiros acabou com as epidemias e levou ao reordenamento do espaço físico, mas esteve longe de minorar as principais doenças que assolavam a cidade, principalmente as classes mais pobres como a tuberculose e as enfermidades gastrintestinais. Observamos a drástica intervenção física no centro, com a destruição de cortiços, casas-de-cômodo e casas anti-higiênicas ao mesmo tempo que o agravamento da crise de moradias e a piora das condições de habitabilidade. O centro urbano é objeto de intervenção, regulação, instalação de infra-estrutura e embelezamento, enquanto outras áreas da cidade crescem espontaneamente, sem qualquer controle das autoridades reguladoras, reproduzindo ali os problemas urbanos “resolvidos” acolá.

Trata-se, pois, menos de resolver os “problemas urbanos” do que tomá-los como **objeto** de uma nova legitimidade teórica e social, dada exatamente pela capacidade dos “profissionais da cidade” de reequacionar a questão urbana. Quem pôde fazê-lo — médicos, higienistas, engenheiros e arquitetos — esteve no poder, e comandou o processo de articulação de um pacto urbano a partir da capital, aonde a cidade se transformou na imagem síntese da Nação civilizada.

No Brasil, a experiência urbanística se esgotara na “regeneração” do corpo urbano sem necessitar negociar melhorias nas condições de vida dos grupos que, da cidade, sobreviviam de seus restos.

---

<sup>1171</sup> Silva, Janice Theodoro da. *São Paulo - 1554/1880. Discurso Ideológico e Organização Espacial*. SP, Ed. Moderna, 1984, p. 153.

\* A ação dos engenheiros não deve ser vista ainda como uma “política urbana”, na medida em que eles agem apenas circunstancialmente onde algum problema se apresente. A ação do Clube de Engenharia, tendo à frente Paulo de Frontin, na resolução do problema da falta d’água que prometia levar a cidade a um colapso, é exemplar disso. Mesmo o projeto de reforma urbana de Pereira Passos, para um trecho delimitado da cidade, deve ser tomado com ressalvas no sentido de uma política urbana. Nesse sentido, só poderemos pensar um planejamento urbano com a aparição no cenário dos **urbanistas**, munidos com seus instrumentos teóricos e cômicos de que a cidade devia ser analisada como um todo.

Fora do Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, desde finais do século, novas experiências urbanísticas vinham sendo levadas a cabo, já não unicamente pautadas pelas melhorias das condições sanitárias da cidade mas, também, agora conduzidas pela percepção de que uma das saídas para os perigos da questão social estava na melhoria do **meio físico, material e moral** aonde viviam os trabalhadores.

Na Europa e na América, o crescimento industrial, a presença do proletariado na cidade e a proliferação dos bairros operários, com o seu séquito de “problemas” ligados à miséria, ao desemprego e à exclusão social, chamavam a atenção das autoridades, profissionais afins, técnicos, políticos, filantropos, ativistas sociais, etc. É que o projeto político-liberal do *laissez-faire* levava à radicalização das relações capital/trabalho, ameaçando com o risco da convulsão social. Diante desse quadro, as tentativas de equacionamento da questão das condições de vida dos trabalhadores na cidade se sucedem, fazendo nascer o projeto de **reforma social**.

A percepção de que o “progresso social” dependia das boas condições do meio urbano fez com que o projeto reformador evoluísse das intervenções isoladas em pontos críticos emergentes para uma compreensão mais articulada dos problemas urbanos, e para uma ação mais coordenada (planejada) da expansão urbana que levasse em conta as condições sociais de vida nos bairros populares, de forma a minorar suas graves carências. Nesse sentido, a categoria **meio físico**, explicativa dos problemas urbanos, começa a ceder lugar para a nova categoria, **meio social**, onde as questões urbanas e as questões sociais irão se articular. É exatamente do cruzamento dessas duas questões que nascem as primeiras aplicações práticas do Urbanismo como ciência, e que iriam se traduzir nas *garden cities*.

No Brasil, apesar dos “problemas” sociais e urbanos, não tínhamos ainda uma questão social, e os problemas urbanos haviam enveredado pelas sendas do embelezamento da cidade e da produção de uma civilidade higienizada, de tal forma que a cidade consolidava seu papel de capital do país apoiada na sua vocação para a capitalidade e para o cosmopolitismo. Desta forma, entre nós, o debate sobre a urbanização, nesse primeiro momento de reforma da cidade, não precisou se aventurar pelas questões dos direitos sociais como no caso europeu que traria à baila a questão da degradação do meio social aonde viviam os trabalhadores.

Enquanto na Europa, especialmente na França e na Inglaterra, países que abrigavam grandes cidades, as representações da pobreza e do poder vão se transformando <sup>1172</sup> e o conceito de classes perigosas vai cedendo lugar à constatação da existência das massas empobrecidas geradas por um sistema econômico-político “desajustado”, produtor de um meio social “degenerado” e de

<sup>1172</sup> Ver. Topalov, Christien. *De la “Question Sociale” aux “Problemes Urbaines”. Reformateurs et Travailleurs à Londres, Paris et New York au Debut du XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris, 1988, s/p, xerox.

um meio urbano “desequilibrado”; no Brasil, a questão social ainda é um caso de polícia e não se politiza, e a questão urbana se resume à modernização da cidade, sem se aventurar a encarar os problemas que afligem o meio de vida do trabalhador.

Certamente que as diferentes condições de expansão do capitalismo, em cada país, servem para explicar as diferentes percepções da questão dos direitos dos trabalhadores e, em consequência, de sua luta pelo direito à cidade.

Na Europa, a industrialização de inícios do século XX passava por uma fase crucial no que diz respeito à subordinação da mão-de-obra às vicissitudes da produção industrial. Os arraigados hábitos populares de mobilidade espacial (mudança de endereço), a intermitência do emprego (faltas constantes ao trabalho) e a preferência por moradias baratas no interior dos bairros operários tradicionais, mesmo que insalubres, significavam um impasse para o processo de produção industrial, para o qual a mão-de-obra deveria estar plenamente disponível e, mais do que isso, apta a trabalhar, isto é, educada nos hábitos do trabalho. Nesse sentido, nas grandes capitais, os bairros operários funcionavam como verdadeiros redutos de resistência ao assalariamento e a subordinação à esfera do consumo.<sup>1173</sup> É assim que, nos países europeus em princípios do século XX, ainda era possível sobreviver nas dobras da cidade, sem se submeter integralmente à dinâmica da vida industrial, graças às relações de solidariedade tecidas pelos grupos populares nas malhas da cidade.

No Brasil, o processo de urbanização não foi forjado propriamente pela industrialização ou, mesmo, pelos interesses do capital industrial, não desenvolvendo, por conseguinte, uma classe operária nos moldes daquela produzida pelo processo industrial de produção.

Ao contrário, apesar da urbanização das grandes capitais brasileiras, apesar das próprias indústrias nascentes, basicamente no Rio de Janeiro, em finais do século XIX, o Brasil ainda era um país essencialmente rural e nas cidades prevalecia a lógica mercantil do capital comercial.

Talvez, por isso, no Brasil, as teorias urbanísticas e os projetos para reforma das cidades tivessem um caráter muito mais de resolução de “problemas técnicos” e intervenção no equacionamento de situações críticas da cidade, do que o de uma política de reforma urbana, baseada no pressuposto de que era preciso adequar a cidade não só às necessidades da industrialização como ainda fazer dela um elemento de melhoria das condições de vida da classe trabalhadora.

Vamos partir desse pressuposto de que, no Brasil, a questão urbana não levou a um

---

<sup>1173</sup> Ver: Topalov, Christien. *De la “Question Sociale” aux “Problemes Urbaines”. Reformateurs et Travailleurs à Londres, Paris et New York au Debut du XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris, 1988, s/p, xerox.

questionamento social, mas à meras questões técnicas de reordenamento do espaço urbano, para tentar explicar as questões que estiveram na origem do pensamento urbanístico brasileiro que se configura historicamente na segunda década do século XX.

Até à primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro vivia basicamente do excedente da Economia de Exportação que, graças à sua função política de capital, era aqui retido. A criação de um mercado interno, possibilitada pela retenção desse excedente, estimularia o capital comercial a investir na própria cidade como mercadoria, ampliando suas possibilidades de acumulação. O investimento na cidade se mostrara uma esfera alternativa de acumulação das mais lucrativas, atraindo capitais que procuravam investir nos serviços urbanos (luz, água, transporte, gás, esgoto, etc.) e na própria cidade como valor de troca, isto é, no processo de produção da moradia e de transformação do uso do solo. Nessa conjuntura, a Indústria se beneficia apenas secundariamente — às vezes, residualmente — dos negócios do capital comercial, não podendo subsistir sem ele.

Essas características econômicas de um aglomerado que não parava de crescer tanto espacialmente quanto em número de habitantes, numa cidade aonde importante contingente da população fora escrava ou ainda o era, e que abrigava um grande número de imigrantes estrangeiros e nacionais, marcaria profundamente a vida urbana carioca a partir do viés da provisoriedade e da oportunidade, típico das economias calcadas na especulação. Conviviam, assim, num mesmo espaço, ex-escravos, operários, artesãos, trabalhadores de “viração”, desempregados, vagabundos, malandros que faziam da cidade uma grande babel.

A essa imagem de uma cidade que abrigava em seus poros uma população sem vínculos urbanos definidos some-se as concepções **antiurbanas** que surgem na sociedade brasileira na primeira década do século, e teremos um quadro bem vivo de como certas representações sobre a cidade viam e dramatizavam as “deformidades” produzidas pela vida urbana.

Não é surpreendente, pois, que quando o processo civilizatório brasileiro é questionado, ele o seja sob o signo da dicotomia campo/cidade e sob o estigma do cosmopolitismo dissolvedor da nacionalidade. E é justamente porque o **processo civilizatório** brasileiro é pensado a partir dessa dicotomia e desse estigma que iremos constatar o surgimento de representações da cidade que, por um lado, lhe tiram toda a positividade e, por outro, atribuem ao campo todos os atributos necessários ao engrandecimento da nacionalidade. Tal é o caso das ideologias cunhadas de **Ruralismo** que tiveram larga repercussão no meio urbano e jogaram importante papel no pensamento político-social brasileiro a partir de 1915.



O Ruralismo não era simplesmente, como querem alguns autores, uma “revalorização do mundo rural preexistente, em função das várias mudanças que este vem sofrendo ou das que lhe são impostas”.<sup>1174</sup> A crítica antiurbana ampliava-se na condenação da organização jurídico-liberal-federativa da República Velha, vista como defasada da real existência do país.<sup>1175</sup> Um intenso debate sobre qual seria o verdadeiro caráter nacional, generaliza-se pela sociedade. Os ideais ruralistas ultrapassam o universo restrito do debate político e penetram nos domínios da moral, preconizando uma filosofia antiindustrialista e antiurbana, ressaltando as vantagens e a superioridade da vida no campo. Essa ideologia, produzida no próprio meio urbano, é incorporada pelos principais movimentos ideológicos e políticos, seja à esquerda ou à direita, pelo pensamento católico e pelas correntes nacionalistas.<sup>1176</sup>

A larga repercussão urbana do Ruralismo, com sua concepção nacionalista, remete para a discussão da frágil integração existente na sociedade brasileira, tornando “imperiosa a avaliação do precário estado dos vários componentes da nossa organização social, a partir do que dever-se-ia pensar na reconstituição nacional”.<sup>1177</sup>

Dessa maneira, do ponto de vista da concepção ruralista, apesar da língua, da raça, da religião, a sociedade brasileira não chega a se formar, ou melhor, desenvolve-se na cidade uma sociedade deformada, pautada pelo artificialismo da organização liberal republicana, desvinculada das necessidades do país e derivada da grande importância que aqui se dava às idéias, aos valores e aos modelos estrangeiros.<sup>1178</sup> A partir desse ponto de vista, os problemas nacionais são decompostos por essas concepções em duas questões fundamentais: a reorganização da Nação e a solução para a questão social, cujo caminho estaria na reestruturação do setor rural e na fixação do homem no campo.

Tal percepção da sociedade brasileira é abraçada por diferentes grupos, com diferentes matizes ideológicos que se formam à sombra daquilo que eles identificam como a crise de identidade nacional. Assim nascem os grupos políticos nacionalistas como a Liga Nacionalista de São Paulo (1907) e a Ação Social Nacionalista (1920), o grupo católico Centro Don Vital (1922), o Partido Comunista (1922) e os grupos de corte cultural como o Grupo Verde-Amarelo (1924) e o Grupo Anta (1924). Várias publicações surgem, também, nesse período no afã de potencializar a voz

---

<sup>1174</sup> Gomes, Eduardo R. *Campo contra Cidade. A Reação Ruralista à Crise Oligárquica no Pensamento Político-Social Brasileiro. (1910/1955)*. Tese. RJ, IUPERJ, 1980, p. 2.

<sup>1175</sup> *Id. ibid.*, p. 4.

<sup>1176</sup> *Id. ibid.*, p. 12.

<sup>1177</sup> *Id. ibid.*, p. 26.

<sup>1178</sup> *Id. ibid.*, p. 27.

desses grupos no espaço da sociedade nacional, como: a revista *Gil Blás* (1919), a *Brasiléia* (1917), a *Ordem* (1921), a revista *Klaxon* (1922), a *Revista de Antropologia* (1928), etc.

A revista *Brasiléia*, por exemplo, que se intitula “revista de propaganda nacionalista”, defende o nacionalismo, desqualifica o Rio de Janeiro (cosmopolitismo) frente a São Paulo (nacionalismo) e identifica a capital como um centro “essencialmente cosmopolita e corrupto, voltado para fins materiais”.<sup>1179</sup> Em seu programa, a revista anuncia o propósito de “defender o brasileiro puro e integral, colocando a religião e a moral como verdadeiros alicerces da Pátria”,<sup>1180</sup> e observa que as publicações nacionais não têm a preocupação de propagandear o país, prevalecendo o senso estético ditado pela cultura européia. A revista critica, acidamente, a burocracia das cidades (junho/1917), diz que a imprensa se afunda numa onda infernal de cosmopolitismo (dezembro/1917) e lamenta o ambiente de imoralidade e libertinagem em que vive a juventude carioca (janeiro/1918).

Em outra revista, *Gil Blás*, o incentivo à Agricultura aparece como “a solução para o povoamento do interior e para os problemas oriundos da industrialização, como a questão social”. De acordo com a revista, cuidando-se do campo nosso país viria a se tornar a “Canaã bendita”, em que todos teriam “paz e fartura”.<sup>1181</sup>

É significativa a metáfora de Canaã (a Terra Prometida) que é tomada do romance-tese de Graça Aranha que, já vimos, tem por título justamente *Canaã*. No romance de Graça Aranha há uma luta poderosa entre a natureza e a civilização, da qual resultaria a promessa da “cidade aberta e universal”.<sup>1182</sup>

“Repare o que se passa com o patriotismo” – assinala um personagem de *Canaã*, numa conversa com um imigrante alemão — “no Brasil, a grande massa da população não tem esse sentimento, aqui há um **cosmopolitismo dissolvente**, não que seja expressão duma larga e generosa filosofia, mas simples sintoma de inércia moral, indício da perda precoce de um sentimento que se devia casar com o estado atrasado da nossa cultura”.<sup>1183</sup>

Antes de se “chegar” à cidade era preciso se purificar no campo. Como argumenta o personagem de Graça Aranha: “ainda é uma vantagem se viver na roça nessa hora tenebrosa. Ao menos,

---

<sup>1179</sup> Gomes, Eduardo R. *Campo contra Cidade. A Reação Ruralista à Crise Oligárquica no Pensamento Político-Social Brasileiro. (1910/1955)*. Tese. RJ, IUPERJ, 1980.

<sup>1180</sup> Velloso, Mônica P. *Levantamento da Revista Brasiléia*. RJ, 1978, s/p, xerox.

<sup>1181</sup> *Id.* “A ‘Cidade-Voyeur’: o Rio Visto pelos Paulistas”, in *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, RJ, dez./1986, n° 4.

<sup>1182</sup> Aranha, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d, p. 46.

<sup>1183</sup> *Id. ibid.*, p. 127. (Grifo meu).

temos a benignidade da colina e a tranquilidade da família. E por quanto tempo, não sei[...] o clima. A peste se apodera do corpo miserável da Nação[...] A família vem sendo demolida pela força imperiosa dos vícios”.<sup>1184</sup> A crença de que a civilização e, em consequência, a construção da Nação eram atributos da vida campestre, constrói pelo seu oposto uma representação da cidade, aonde esta é o cenário da corrupção da civilização.

A revista *Gil Blas* representa, com clareza, a imagem da cidade como corruptora da brasilidade, na medida em que advoga o combate aos *cabarets*, se bate pela moralidade social e convoca à educação do corpo e da mente como forma de preservação de uma vida saudável e apta para o trabalho.

Alguns articulistas vêm na volta para o campo a solução para a questão dos trabalhadores: “[...]as terras ferazes do interior deserto começariam a povoar-se. Por toda a parte rebentariam meses fecundos e o país essencialmente agrícola, sem a fumaça das fábricas e das bombas das reivindicações operárias, tornar-se-ia, enfim, a Canaã bendita em que todos viveriam em paz e com fartura”.<sup>1185</sup> E aí, novamente, o mito de Canaã a refazer o dilema do país: Brasil urbano cosmopolita ou Brasil rural nacional?

Foram os intelectuais que “inventaram” esse dilema, seriam eles — convictos que lhes “competia uma responsabilidade essencial na construção da Nação”<sup>1186</sup> — a procurar as saídas possíveis. Influenciando opiniões e governantes e contribuindo para impor novas representações do político, os intelectuais da década de 10 e 20 se propõem a fazer uma revisão profunda da sociedade brasileira. Sua avaliação era que não bastava a existência do **povo** e do **país** para se criar uma identidade nacional e instituições de caráter nacional. Era preciso, antes, ter um povo politicamente constituído e instituições que dessem suporte à afirmação nacional.

A partir de sua nova inserção na sociedade como profissionais,\* os intelectuais passam a desenhar o perfil de possíveis novas sociedades. Em sua maioria, esses intelectuais, assinala Daniel Pécault, “mostram-se de acordo quanto à rejeição da Democracia (liberalismo) representativa e ao fortalecimento das funções do Estado. Acatam a prioridade do imperativo

<sup>1184</sup> Aranha, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d.

<sup>1185</sup> Velloso, Mônica P. *Levantamento da Revista Gil Blas*. RJ, 1978, s/p, xerox.

<sup>1186</sup> Pécault, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. SP, Ed. Ática, 1990, p. 5.

\* Conforme Michael Connif, esses novos intelectuais são oriundos de uma camada média que se formava na cidade, e cuja ascensão se deu pela profissionalização, e não por herança familiar ou por “facilidades” de acesso a certas carreiras tradicionais reservadas aos membros da elite. Ver: Connif, Michael. *Urban Politics in Brazil. The Use of Populism — 1925/1945*. Pittsburgh, 1981.

nacional e aderem a uma visão hierárquica da ordem social”.<sup>1187</sup>

Apesar de seu perfil não-revolucionário, esses intelectuais anseiam vivamente por mudanças, investindo duramente contra o pacto social trancado na dominação oligárquica.\* Na sua visão, antes de produzir o cidadão da *pólis*, era preciso transformar a massa amorfa de um país gigante e com costumes diferenciados em povo. É assim que o debate sobre a reforma social no Brasil já nasce submetendo o indivíduo ao Estado, isto é, os direitos aos deveres, ou caso se queira, a formação da cidadania à construção da nacionalidade. Não é à toa que a modernização brasileira será marcada pelo autoritarismo e será comandada pelos intelectuais nacionalistas de perfil autoritário, aqueles que duas décadas depois serão convocados pelo Estado Novo a lhe conferir legitimidade a partir, justamente, de seu perfil nacionalista.

O grupo nacionalista verde-amarelo que constituiu a vertente conservadora do movimento modernista de 1922, expressa bem esse viés autoritário do nacionalismo, ao propor a hegemonia de São Paulo sobre o país, defendendo o **caráter ruralista** da civilização brasileira e opondo a cidade ao campo. Para esse grupo, encabeçado por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Pichia, o problema brasileiro estava em nos diferenciarmos — pela nossa singularidade — dos demais países europeus no seu caminho para a modernidade. O Brasil, pensavam, deveria, diante de sua espantosa diversidade cultural, buscar a união, exatamente na admissão das diferenças culturais, isto é, no regionalismo. Para esses intelectuais, o que estava em primeiro plano era o culto das tradições ameaçadas pelas idéias importadas do estrangeiro.<sup>1188</sup>

Tratava-se, pois, de articular o regional ao nacional no sentido de dar inteligibilidade ao mesmo tempo à idéia de povo e Nação, expurgando todos os aspectos cosmopolitas/urbanos que pudessem contaminar essa articulação, pois, para os “verde-amarelos”, a **geografia** e não a **história** era explicativa de nossa singularidade;<sup>1189</sup> isto é, o campo e não a cidade deveria ser o fundamento de uma identidade nacional.

Ao afirmar, assinala Mônica Velloso, que o Brasil, “diferentemente de outros países, é ‘feito de espaço’, o grupo associa esta categoria à idéia de potencialidade, riqueza e futuro. Fugindo da

<sup>1187</sup> Pécault, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. SP, Ed. Ática, 1990, p. 15.

\* Para uma análise do processo de modernização do Rio de Janeiro e a questão do pacto social, ver: Carvalho, Maria Alice Rezende de. “Letras, Sociedade e Política: Imagens do Rio de Janeiro”, in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* — BIB. RJ, 2º sem./1985, nº 20.

<sup>1188</sup> Velloso, Mônica P. “A ‘Cidade-Voyeur’: o Rio Visto pelos Paulistas”, in *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, RJ, dez./1986, nº 4, p. 57.

<sup>1189</sup> *Id. ibid.*, p. 58. (Grifos meus).

análise histórica, é possível então garantir o mito da originalidade brasileira”.<sup>1190</sup> É pela via da cultura local/regional que os “verde-amarelos” vão defender o caráter ruralista de nossa civilização. Segundo Mônica Velloso, “destoando do restante da intelectualidade latino-americana, o grupo não endossa a tradicional concepção grega que opõe a *pólis* civilizada à barbárie dos não-urbanizados. Herdeiros diretos do pensamento de Euclides da Cunha, os ‘verde-amarelos’ discordam das premissas civilizadoras da cidade em relação ao campo. Para eles, a grande revolução do pensamento nacional sairá do sertão, provocando a ‘invasão das cidades’ pelas forças bárbaras e selvagens, identificadas estas com o verdadeiro espírito nacional”.<sup>1191</sup> A tendência de interpretar a realidade a partir da geografia e do meio ambiente só se rompe com Mário de Andrade, quando este introduz no debate sua reflexão sobre a questão do tempo e da história. Para Mário de Andrade, o que diferencia o Brasil no quadro internacional, o que dá sua especificidade como Nação e, portanto, confirma-o como país civilizado aos olhos dos brasileiros, “não é a configuração geográfica mas, sim, a sua história que adquire um ritmo próprio, capaz de singularizar o país”.<sup>1192</sup>

Entendendo o “caráter nacional” brasileiro, seja através do meio, seja através da história, constituem-se diferentes ideologias que haveriam de se refletir vivamente no pensamento político brasileiro, levando à dicotomia **cidade-tempo-história/campo-espaco-geografia**.<sup>1193</sup>

Presos à questão da nacionalidade — Qual o verdadeiro país: o Brasil rural ou o Brasil urbano? — os intelectuais não conseguem pensar na questão da “regeneração” do país a não ser pelo ângulo do nacionalismo, passando ao largo das questões do direito à cidade e à cidadania. Por isso, mesmo, vêem a questão social como derivada da construção do Estado, seja pelo viés autoritário, seja pelo viés democrático, relegando-a a um segundo plano, diante do impasse criado na definição de um destino — rural ou urbano — para o país. A proliferação de ideologias antiurbanas, agraristas, antiliberais e nacionalistas, haveria de retirar das cidades o tema da política, e converter o debate sobre o pacto social, numa querela sobre a **identidade nacional**.

De acordo com Daniel Pécault, “preocupando-se com a elaboração da cultura brasileira, não tinham consciência (os intelectuais) de negligenciar o problema político: estavam, simplesmente, convencidos de que a essência do político era o processo que conduzira ao advento de uma identidade cultural”.<sup>1194</sup>

<sup>1190</sup> Velloso, Mônica P. “A ‘Cidade-Voyeur’: o Rio Visto pelos Paulistas”, in *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, RJ, dez./1986, n° 4.

<sup>1191</sup> *Id. ibid.*, p. 61.

<sup>1192</sup> *Id. ibid.*, p. 58.

<sup>1193</sup> *Id. ibid.*, p. 61. (Grifo meu).

<sup>1194</sup> Pécault, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. SP, Ed. Ática, 1990, p. 47.

Substituindo a luta política pela busca de uma identidade cultural, intelectuais de todos os matizes participaram na elaboração das novas representações do que percebiam como “político”, pautadas pelas articulações possíveis entre identidade cultural e identidade nacional. Uma política “despolitizada” (politiquice), objetiva, de pendor administrativo é o que nasce dessas elaborações, tornando supérfluo o mito do **contrato social**.

Segundo Pécault, a negociação implícita no **contrato social** é substituída por uma **solidariedade social**, característica do nacionalismo, vista como natural aos brasileiros, própria de sua identidade cultural e preexistente ao político, fundada na “bondade”, na “cordialidade” e na “mistura racial”. É a mestiçagem de *Casa-Grande & Senzala*, é o homem cordial de *Raízes do Brasil*, é o espírito de família que emana da obra de Oliveira Vianna.<sup>1195</sup>

Nessas representações do “político” ganham corpo as ideologias antiurbanas que, localizando o campo como o *locus* da elaboração da identidade cultural brasileira, tornam prescindível o papel da cidade na organização das solidariedades sociais e, portanto, na organização da política. O pacto social torna-se desnecessário na sua dimensão política, nessa conjuntura, à construção nacional. Assim, também, um pacto tecido em torno da cidade, da cidadania, dos cidadãos, o pacto urbano, é prescindível. O Urbanismo como catalisador da desordem urbana rouba o lugar da inscrição da política na cidade.

Arquiteto construtor do “bom modelo de organização social”, o intelectual busca, em outro plano, o sonho de um controle político que equivalia a negar a dimensão própria do político como espaço de negociação.<sup>1196</sup>

---

<sup>1195</sup> Pécault, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. SP, Ed. Ática, 1990, p. 48.

<sup>1196</sup> *Id. ibid.*, p. 49.

## Rio Anos 20. O Urbano Fora do Lugar ?

Invocando a ciência e a técnica, que vão ganhar legitimidade à medida que a cidade é representada como uma disfunção do corpo urbano, os urbanistas como grupo profissional componente dessa intelectualidade puderam dar soluções aos problemas urbanos, apelando unicamente para o seu arsenal técnico-científico, passando ao largo de qualquer arranjo político e fazendo ‘tábula rasa’ dos elementos **reformistas** contidos nas ideologias urbanísticas que circulavam pelo mundo e que aqui acabaram aportando. Esvaziadas de seu conteúdo reformista, essas ideologias urbanísticas são transformadas em competentes ferramentas, aptas a remediar os “distúrbios urbanos”. Enquanto que a cidade, esvaziada da política, é tomada de assalto e convertida em laboratório de experimentação das novas formas de modelação do espaço que visavam racionalizar e domesticar as conflitantes relações entre os grupos sociais no sentido de mitigar a ansiedade social diante do fantasma da desordem urbana e da convulsão política.

Abandonemos, no entanto, as generalizações sobre o Brasil, a Nação, o Urbanismo, a racionalidade científica, e debrucemo-nos sobre a realidade da Cidade do Rio de Janeiro para tentar captar, de maneira mais fina, o processo de recepção das ideologias urbanísticas, sua incorporação ao acervo de representações sobre a cidade e o país, e sua conversão em práticas de intervenção que visavam o enquadramento da cidade e da sociedade local.

Já vimos que, desde os anos 10, uma nova concepção urbanística começava a se manifestar frente à mera ação pontual higienista e/ou de embelezamento no sentido de impor à cidade uma **política urbana**.

Tratava-se de uma nova maneira de tematizar a cidade — deslocamento da categoria meio físico para meio social e moral — que ia se impondo nos debates entre os profissionais e técnicos da área. Assim, os “problemas urbanos” — moradia, saneamento, circulação, etc. — vão cedendo lugar a uma concepção mais sistêmica da cidade, onde esta, em seu conjunto, aparece como um novo objeto de conhecimento, requalificando-se epistemologicamente e emergindo como objeto de uma nova disciplina: **o Urbanismo**.

Desde o século XIX, na capital do país, médicos, engenheiros e arquitetos vinham demonstrando, através de sua intervenção no meio urbano, que eram eles os profissionais capacitados tecnicamente a lutarem contra os problemas urbanos emergentes, identificados, em geral, à insalubridade do meio físico. Afastando-se da tradicional cultura retórica-bacharelesca típica das elites dominantes, esses profissionais, embora também integrantes dessas elites, terão, porém, uma outra postura no equacionamento dos problemas que lhes são submetidos. Apesar da sua

formação técnica, eles ainda se articulavam com o poder muito mais por sua **origem** social, por fazerem parte de uma ilha de letrados, do que por portarem um saber racionalizante, o que os levava a terem uma concepção assistencialista dos problemas sociais e uma ação moralizante/paternalista na resolução desses problemas.

Só a partir da introdução das idéias positivistas e evolucionistas na vida intelectual do país, na década de 1870, é que essas concepções tradicionais, que ponderavam os problemas mais pelo lado político (politiquice) que pelo seu âmbito técnico, começam a ceder espaço a uma nova visão da sociedade.

A penetração das novas idéias, juntamente com a nova fase de urbanização da cidade e o surgimento das camadas médias no cenário urbano, vai fazer da década de 20 o momento crucial no equacionamento das relações do saber com o poder.

Um dos efeitos dessa relação foi a ascensão de elementos das camadas médias aos postos profissionais que, antes, estavam reservados à elite, unicamente graças à sua capacidade técnica que eliminava qualquer vestígio do privilégio dado pela hierarquia social. Como decorrência disso, dá-se não somente uma nova forma de explicação dos problemas em geral como, também, um interesse específico pelo estudo e explicação dos **problemas sociais** que batiam às portas da capital do país. Entre os profissionais que galgaram novas posições sociais, se destacam os engenheiros, principalmente devido ao papel que jogavam na modernização da sociedade. Apoiados numa formação humanista e letrada que subsistia nas escolas politécnicas desde o tempo do Império, por um lado, e premidos pelas transformações por que passava o mercado de postos destinados aos detentores de diplomas, por outro, os engenheiros irão se lançar em vários campos de atuação, desde as lides municipais à educação, passando evidentemente pelas questões relativas à urbanização.

O esforço da Engenharia se reformular como campo de saber tanto no âmbito do ensino profissional quanto de suas concepções sobre sua função social revela as ambigüidades entre o novo projeto de ação da Engenharia (atuação técnica, racionalidade, método, etc.) e a velha prática profissional, pautada pelo empreguismo público, o favorecimento e as relações pessoais entre os profissionais de extração tradicional ligados à oligarquia no poder.<sup>1197</sup>

Essa digressão sobre as transformações da Engenharia, enquanto profissão, são importantes porque serão os engenheiros os primeiros a “adotarem” o Urbanismo como ciência no Brasil, daí porque as ponderações sobre a formação desse campo profissional incidirem diretamente sobre a

<sup>1197</sup> Silva, Lúcia Helena P. da. *Engenheiros, Arquitetos e Urbanistas: a História da Elite Burocrática na Cidade do Rio de Janeiro. (1920/1945)*. Dissertação de Mestrado. RJ, IPPUR/UFRJ, 1995, xerox.



maneira do grupo tematizar os “problemas da cidade”.

O debate sobre a derrubada do Morro do Castelo na década de 20, na gestão do Prefeito-engenheiro Carlos Sampaio, é um momento privilegiado de observação do embate no interior da Engenharia. Sem nos alongarmos sobre esse assunto,\* o que interessa assinalar é que a derrubada do histórico morro é o momento de terçar armas e afiar os instrumentos de trabalho. É que a partir da querela sobre a derrubada do Morro do Castelo o grupo de engenheiros, com uma visão mais profissional de seu *métier*, consegue transcender a tradicional “visão obreira”, pontual e localizada num determinado pedaço do tecido urbano, e avançar na direção da proposição de um reordenamento do espaço a partir das concepções de funcionalidade e racionalidade.

A polêmica que o projeto de arrasamento do morro provocou, acabou trazendo à baila, novamente (o que não acontecia desde as reformas de Pereira Passos), a questão urbana. Desta feita, porém, não se tratava de um debate calcado somente no **saneamento** e no **embelezamento** da cidade: a própria questão da urbanização da cidade como um todo começava a ser equacionada. E, pela primeira vez, a idéia de um “Plano Geral de Melhoramentos para a Cidade” passou a ser debatida pelos profissionais ligados aos saberes urbanos.<sup>1198</sup>

Na gestão seguinte a do Prefeito Carlos Sampaio, sob a administração de Alaor Prata (1922-1926), a convocação de vários engenheiros conhecidos — Edison Passos, Paulo de Frontin, Gastão Bahiana, Armando de Godoy — para prestar serviços à municipalidade, acabou por gerar “um ambiente de discussões e difundiu a concepção da cidade como organismo — um todo composto por várias partes que devem se articular em sincronia. Foi desta ambiência que surgiu a ‘Comissão do Plano da Cidade’, com o intuito de racionalizar o espaço, aonde se viam multiplicar os problemas”.<sup>1199</sup>

As comissões criadas nesse período, especialmente a “Comissão do Plano da Cidade”, assinala Stuckenbruck, “foram fundamentais na formação do nosso corpo de especialistas da cidade: os urbanistas. Até então, o termo era pouco utilizado e não havia propriamente um profissional do urbano (não havia curso na Escola Politécnica ou na Escola Nacional de Belas-Artes que abarcasse a temática urbana)”.<sup>1200</sup>

---

\* Ver: Silva, Lucia Helena P. da. *Engenheiros, Arquitetos e Urbanistas: a História da Elite Burocrática na Cidade do Rio de Janeiro. (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado. IPPUR/UFRJ, RJ, 1995.

<sup>1198</sup> Stuckenbruck, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em Questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20*. RJ, Observatório de Políticas Urbanas: IPPUR/FASE, 1996, p. 58. (Grifo meu).

<sup>1199</sup> *Id. ibid.*, p. 60.

<sup>1200</sup> *Id. loc. cit.*

O fato do Urbanismo não existir como disciplina científica, nem como campo profissional, é indicativo das limitações da penetração das teorias urbanísticas no país, até esse momento, uma vez que seu campo geracional situava-se na Europa e nos Estados Unidos, e o Brasil inseria-se no processo de circulação internacional dessas teorias de maneira incidental, isto é, através de alguns personagens que, ligados às atividades profissionais da prefeitura, circulavam principalmente pela Europa. Mas, mais do que isso, o fato do Urbanismo não ter se legitimado ainda entre nós aponta para o universo local das idéias urbanas, e revela que ainda vacilávamos na percepção da cidade como um todo.

Segundo Stuckenbruck, a “aglutinação dos poucos profissionais que, com suas especialidades particulares, discursavam sobre a cidade, [nos] fóruns oficiais de debates e deliberações, trouxe para o **poder público** a coordenação desse novo campo de atuação, de engenheiros e arquitetos, sobre a cidade — o Urbanismo[...] com Alaor Prata, o poder público tomou definitivamente as rédeas do processo de urbanização global que se pretendia para o Rio de Janeiro, e para tal empreitada seria absolutamente necessária a confecção de um ‘Plano Geral de Melhoramentos para a Cidade’”.<sup>1201</sup>

Ao invés de obras restritas, realizadas em diversos pontos da malha urbana carioca, analisa Stuckenbruck, “era preciso conceber um plano único de remodelação, com objetivos capazes de apreender toda a cidade em sua multiplicidade tanto física quanto social. A cidade teria que ser concebida enquanto organismo, numa perspectiva funcional, onde cada parte pertence a um todo que deve funcionar sincronicamente em favor de seus habitantes. Essa perspectiva é adotada por Alfred Agache em seu ‘Plano sobre a Cidade do Rio de Janeiro’”.<sup>1202</sup>

Mas, antes que o urbanista francês fosse chamado para aplicar o seu “Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento”, em 1927, muita água haveria de rolar e o debate sobre a necessidade de um plano para a cidade só faria esquentar.

Em 1924, ao publicar o livro *A Metrópole Moderna*, o engenheiro Fernando Xavier da Silveira se mostrara antenado com os rumos que os estudos sobre a cidade tomava, pois deixando de lado o aspecto higienista e de embelezamento da questão, o engenheiro sugeria que “a verdadeira estética não consiste em atender unicamente a beleza do objeto com o sacrifício de sua utilidade mas, sim, aliar nele harmonicamente **a beleza e a utilidade**”.<sup>1203</sup>

<sup>1201</sup> Stuckenbruck, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em Questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20*. RJ, Observatório de Políticas Urbanas: IPPUR/FASE, 1996. (Grifo meu).

<sup>1202</sup> *Id. ibid.*, p. 124.

<sup>1203</sup> Citado por Silva, Lucia Helena P. da. *Engenheiros, Arquitetos e Urbanistas: A História da Elite Burocrática na Cidade do Rio de Janeiro. (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado. IPPUR/UFRJ. RJ, 1995. (Grifo meu).

Outro engenheiro, Armando de Godoy, importante personagem no processo de institucionalização do Urbanismo no Brasil, funcionário da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal, a partir de 1920; Presidente da Comissão da Carta Cadastral e um dos autores do Primeiro Código de Obras da Cidade do Rio de Janeiro, em 1925, que não chegou a ser implementado; Presidente da Comissão de Sindicância do Plano Agache, em 1930, e idealizador da Comissão do Plano da Cidade, em 1931, autor de inúmeros artigos, publicou um livro *A Urbs e seus Problemas*, onde tentava refletir sobre o novo papel do Urbanismo na cidade. Urbanismo — alega Godoy — “quer dizer: ordem e harmonia entre todos os elementos da cidade, os subterrâneos, os superficiais e os elevados, boa utilização das técnicas, diminuição das desigualdades sociais, solução racional dos problemas habitacionais[...] e meios de transporte bem distribuídos e localizados”.<sup>1204</sup>

A existência de quatro projetos \* para a cidade, anteriormente ao Plano Agache, são um indicativo, também, de que os engenheiros começavam a pensar a cidade a partir de uma nova ordem técnica, pois a idéia de **plano** passa a ser o lugar comum de onde partiriam todas as discussões, ratificando o ideal técnico-racional de definição dos problemas: diagnóstico, planejamento e intervenção. Assim, enquanto os arquitetos participavam ativamente na remodelação do espaço resultante da derrubada do Morro do Castelo, os engenheiros se mobilizavam para discutir os problemas urbanísticos da cidade.

Até 1925, no entanto, a discussão sobre a remodelação da cidade ficou restrita aos meios profissionais. Só com a posse do prefeito Antonio Prado Júnior, em 1926, é que o tema se ampliou para outros setores da sociedade, transformando-se num debate público. Desta forma, instituições como o Rotary Club e o Instituto Central dos Arquitetos, revistas como a *Revista Brasileira de Engenharia*, e figuras como Nereu Ramos (professor da Politécnica) e Mattos Pimenta (médico, rotariano, autor de um grande número de artigos sobre Urbanismo na imprensa, e realizador de um filme sobre as condições de higiene nas moradias populares: “As Favelas e seus Habitantes”), cada qual à sua maneira intercedem no debate sobre os problemas da cidade, todos clamando por um plano para a cidade. Para uns, era fundamental que se contratasse um verdadeiro urbanista, espécime que só havia disponível no exterior. Para outros, dever-se-ia organizar na capital cursos de Urbanismo dirigidos aos nossos arquitetos. Terceiros haviam que acreditavam que viagens de estudos ao exterior para os nossos profissionais resolveriam a carência da falta de conhecimento da “ciência urbana”.

---

<sup>1204</sup> *Revista da Prefeitura do Distrito Federal*. Citado no Editorial, s/d.

\* Esses quatro projetos não chegaram a sair do papel e, segundo Lucia Silva, são atribuídos aos engenheiros Costa Moreira, Adamczyk, Eugênio L. Franco e Augusto F. Ramos e Cortez e Bhruns.

Mattos Pimenta não acreditava nos “urbanistas” brasileiros nem na sua legitimidade profissional: “[...]digo pseudo-urbanistas porque não existe na verdade um único brasileiro que tenha feito o traçado de qualquer grande cidade, assim como não há um só engenheiro ou arquiteto que tenha sequer exame de Urbanismo, cadeira que não existe na Escola Politécnica ou na Escola Nacional de Belas-Artes”.<sup>1205</sup>

Em finais de 1926, o *Jornal do Brasil* publicava matéria sobre “O Micróbio do Urbanismo”, referindo-se a uma “verdadeira epidemia que anda lavrando na cidade de há uns quinze dias para cá”. Conforme o artigo, o prefeito era a principal vítima dos “urbanistas indigenistas” que, a encher seus ouvidos, tentavam convencê-lo de que “ali bem junto a ele falam as verdadeiras capacidades até hoje esquecidas pelos seus antecessores, para a consecução da maravilhosa obra de embelezamento racional do Rio de Janeiro”.<sup>1206</sup>

No ano seguinte, o Prefeito Prado Júnior anuncia que convidara Alfred Agache para realizar um plano para a capital.

A partir dessas rápidas anotações sobre as disputas no meio profissional do nascente Urbanismo brasileiro, podemos constatar o momento exato da eclosão do debate sobre a necessidade de Urbanismo, de urbanistas e de planos para a cidade. Poderíamos ir mais longe ainda, mostrando como as discussões vão se ampliando do plano dos equipamentos da cidade ou dos problemas emergentes da moradia, saneamento, circulação, etc., para uma concepção mais conceitual e abstrata do sistema urbano em sua funcionalidade e racionalidade.

Certamente que a irrupção do debate sobre o Urbanismo não se deu por geração espontânea. Dinâmicas internas ao campo profissional e à cidade, e dinâmicas externas relativas ao trânsito de idéias pelo mundo, escolhas e influências, conspiraram para que o desfecho desse primeiro ato da “ciência urbana” no Rio de Janeiro redundasse na vontade de se elaborar um plano para a cidade, e na contratação do urbanista francês Alfred Agache.

As muitas evidências de que os principais personagens desse drama, em suas viagens à Europa, tivessem sofrido a influência direta das idéias urbanísticas e, até mesmo, participado de debates no Velho Mundo, só faz corroborar a idéia de que se estabeleceram vários fluxos, várias linhas de alimentação entre as fontes de geração de saber e os grupos receptores de conhecimento. Captar as idéias no seu nascedouro, entre aqueles grupos de intelectuais europeus que, a partir de um “discurso competente”, vão se tornando hegemônicos, foi então crucial na disputa entre os

<sup>1205</sup> Citado por Martins, Maria Fernanda, *et alii. Subsídios à História da Instituição do Urbanismo no Brasil: o Rio de Janeiro na Década de 20*, p. 9, xerox.

<sup>1206</sup> *Id. ibid.*, p. 10, xerox.

diferentes grupos que advogavam falar sobre a cidade.

Na disputa da hegemonia entre os grupos que se legitimavam a partir de seu saber sobre a cidade, venceu quem soube “inventar” a necessidade de uma ordem urbana que só o Urbanismo poderia dar. Tornou-se hegemônico o grupo que foi capaz de demonstrar que o Urbanismo era uma necessidade, não só da reordenação da cidade, mas de enquadramento da própria sociedade, já que o Higienismo e os ideais de embelezamento esgotaram sua capacidade, a partir dos seus princípios, de redefinir a ordem urbana. Em outros termos, o Urbanismo se legitimou como saber sobre a cidade, como saber técnico-científico, independentemente de fazer vir à tona a questão da cidadania e do direito à cidade. Não foi graças a isso, aliás, que ele se impôs?

Sim, numa sociedade que não reconhecia a questão social, presa a uma dinâmica agro-exportadora, submetida à lógica do capital mercantil e que se via ainda como uma “civilização rural”, o Urbanismo só fazia sentido se apresentasse como um saber, como um corpo teórico, cujas articulações potencializassem na cidade o controle social, a ordem urbana e o poder político. E nas suas origens, entre nós, ele teve muito disso. Nada de *gardens-cities*, nada de incorporar os excluídos da cidade e da sociedade que o mercado marginalizava, nada de dar legitimidade aos explosivos temas sociais e urbanos nascidos da ampliação do assalariamento e da incapacidade dos despossuídos de conquistar seu lugar na cidade.

Já mostramos anteriormente que, além da questão social não ganhar legitimidade na sociedade brasileira, ela se articula com a questão nacional e redonda na ideologia da construção da nacionalidade. Logo, podemos depreender dessas evidências que o Urbanismo que aqui aportou veio aleijado de sua parte mais nobre, a sua vertente includente, isto é, aquela que implementava a cidadania e legitimava o direito do trabalhador à cidade.

Formou-se aqui um Urbanismo disciplinador, normatizador, regulamentador, que faz cidades, mas não produz cidadãos. Esse processo de filtragem não é, evidentemente, aleatório. Essa seleção de conceitos fazia parte de uma estratégia do poder, na qual o grupo hegemônico — não por acaso, aquele que se servindo do Estado “bancou” a elaboração de um plano para a cidade — via no Urbanismo a configuração de um novo campo político, através do qual se faria a atualização das novas formas de dominação.

Ora, a atualização das formas de dominação passa, justamente, pelo esvaziamento das formas da política de tal maneira que, com o Urbanismo, a questão social se despolitiza e acaba traduzida em administração da cidade. Despolitizando a cidade como lugar da fala ampla e irrestrita, como espaço da negociação, como *locus* da quebra do mutismo social, o Urbanismo se negou a *pólis*, se desviando da política e indo de encontro a uma cidade estreitamente vigiada.

A dissolução da cidade polifônica e polissêmica, e a “cura” de sua confusão e imobilidade pelo Urbanismo iria levar, esperava-se, à cidade ordenada, modelo de todas as cidades. Mas, por que iria no condicional? O Urbanismo levou, sim, à “cura” da cidade. “Curada” esta, esperava-se que o homem que a habita também se “curasse” (*changer la ville pour changer la vie*). Mas, alguns homens, coitados, e os urbanistas sabem disso, não têm “cura”! E esses homens doentes, quais selvagens, continuam a rondar a cidade, às vezes até entram na cidade. Mas, isso não é um problema. Quando entram na cidade, os urbanistas sabem o que fazer deles; o problema é quando esses bárbaros não vêm.

“Sem os bárbaros o que será de nós?

Ah! eles eram uma solução”.

## CONCLUSÃO

### O URBANISMO E O CONFORTO: URBANISMO É CONFORTO

O Urbanismo chegou e transformou a sociedade. Ele chegou e converteu a cidade. Nossa primeira e óbvia conclusão: o Urbanismo “pegou”, grudou, aderiu, se inscreveu na carne da cidade. Mas, por que? De onde vem a força desse discurso (não se trata só de uma questão estilística), sua capacidade de ser compreendido e, principalmente, de concretizar-se em operações urbanísticas? <sup>1207</sup>

A força do Urbanismo vem do **conforto**, o Urbanismo traz o conforto para a cidade. É o conforto que dá legitimidade ao Urbanismo, de forma tal que Urbanismo se converteu em sinônimo de conforto. Antes que a virtude, o progresso, a civilização, o conforto é o verdadeiro elemento de sedução para a cidade. É criando a idéia e a necessidade do conforto que o Urbanismo foi incorporado ao imaginário e se transformou como que numa segunda natureza da cidade, a ponto de não mais podermos imaginar cidade sem Urbanismo, muito menos sem conforto.

O conforto é, pois, a chave para se compreender porque o Urbanismo veio para ficar, mesmo para explicar porque as cidades precisam de Urbanismo. O conforto substitui o próprio laço social, tão fundamental na constituição do pacto urbano. Suscitado pelo Urbanismo, o conforto se impõe como uma política urbana que substitui a própria política como expressão de uma ética que incorpora o **cuidado de si e a sensibilidade para com o outro**.

Mas, o que é exatamente este conforto? O que é que o Urbanismo tem a ver com conforto?

Para falar do conforto é preciso, primeiro, entender o seu avesso: o **desconforto**.

Desde finais do século XVIII, na Europa, vinham sendo realizadas enquetes em diferentes cidades e nos bairros que as constituíam, que colocavam em evidência o caráter **vicioso** de certos ambientes. Se juntarmos a essas enquetes as numerosas informações recolhidas graças ao esquadrinhamento dos hábitos e costumes das populações trabalhadoras, vamos ver se delinear de maneira cada vez mais clara, aos olhos das diferentes instituições que zelam pelo “bem-estar” dos

---

<sup>1207</sup> Gille, Didier. “Estratégias Urbanas”, in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988, p. 30.

trabalhadores, todo um sistema de qualificação de suas condições de vida que estabelece relações diretas entre a pobreza e a falta de higiene e a doença, e entre as diferentes formas de ilegalidade e imoralidade e o desconforto. Tais relações são constituídas tendo por base a moradia operária que, contribuindo para a alta taxa de mortalidade e a baixa expectativa de vida, confirma a relação existente entre insalubridade e más condições de moradia. A esse custo social, de “desagregação das famílias”, de “dissolução da humanidade” e do desenvolvimento de “hábitos e tendências anti-sociais”, Françoise Beguin <sup>1208</sup> chamou de **desconforto**.

A sombra do desconforto se projeta, portanto, sobre os corpos dos trabalhadores, seu ambiente de trabalho, os lugares “viciosos” que freqüentam, o bairro em que residem e a moradia em que habitam com a família. Assim temos, de um lado, segundo Beguin, “aquilo que produz ou favorece a doença, a imoralidade, a ilegalidade e, de outro, os efeitos que resultam dessas condutas sobre o equilíbrio familiar, o trabalho, os sistemas de assistência ou de repressão[...]” <sup>1209</sup>

O que chama a atenção nessas enquetes, de acordo com Beguin, é a **redução** do ambiente dos trabalhadores a seus componentes mais técnicos: os esgotos, o sistema de drenagem, a maneira de limpar as ruas e de recolher o lixo, a distribuição de água, os defeitos arquiteturais. Aquilo que era a **moradia** do trabalhador, isolada no bairro e na cidade, se amplia e passa a ser visto como *habitat*, <sup>1210</sup> isto é, a moradia integrada com o seu meio físico e social, e ponto de partida e de chegada do trabalhador na sua existência cotidiana.

Toda essa vigilância sobre a economia doméstica dos pobres visava, entre outras coisas, “calcular o custo econômico e social do desconforto”, <sup>1211</sup> caminho para o estabelecimento de uma política de prevenção. O essencial dessa política de prevenção, para Françoise Beguin, era “vislumbrar a possibilidade que se oferece ao Estado de reinverter uma tendência patológica e moral, acentuando seu controle sobre os aparelhos de salubridade e de higiene para domesticar os efeitos e redefinir, assim, as normas de funcionamento da moradia”. <sup>1212</sup>

Tal política de prevenção só pôde se realizar porque o século XIX experimentou um desenvolvimento sem precedentes dos meios técnicos que permitiriam estancar os males da insalubridade, graças ao investimento nos grandes aparelhos que obedecem a uma nova lógica da

---

<sup>1208</sup> Beguin, Françoise. “Les Machineries Anglaises du Confort”, in *Recherches. L'Haleine des Faubourgs*. Paris, Dez./1977, n° 29, p. 157.

<sup>1209</sup> *Id. ibid.*, p. 158.

<sup>1210</sup> *Id. ibid.*, p. 160. (Grifo meu).

<sup>1211</sup> *Id. ibid.*, p. 159.

<sup>1212</sup> *Id. loc. cit.*



salubridade.<sup>1213</sup> A implantação do maquinário urbano e sua conexão com as moradias irá, de um lado, permitir uma avaliação direta sobre as práticas domésticas e, de outro, possibilitar uma reforma sensível nos hábitos domésticos e extradomésticos.

Segundo Beguin, “ainda que a polícia urbana visasse, sobretudo, a vigilância das práticas e funcionasse a partir da interdição ou tolerância, a nova polícia urbana penetrou no interior dos dispositivos técnicos, onde o controle dos habitantes e o funcionamento dos serviços necessário à sua existência tendem a se tornar uma só e mesma coisa”.<sup>1214</sup>

A idéia de que, através dos equipamentos urbanos, poder-se-ia controlar o comportamento dos indivíduos nasceu a partir dos programas de habitação para pobres, um verdadeiro laboratório de observação psicológica de seu comportamento diante de diferentes situações. E o que esta observação revelou é que, para controlar o comportamento de um indivíduo, o mais eficaz meio de ação não é exatamente o que se impõe de fora para dentro. O importante é controlar as possibilidades de **satisfação corporal**, levando a que o indivíduo **internalize** a idéia de que ele agora tem o que perder (o conforto do *habitat*) e, por isso, ele deve ser o seu maior vigilante.<sup>1215</sup>

Mas, para que as populações trabalhadoras aderissem ao ideal de conforto, foi necessário, primeiro, destituí-las de suas concepções próprias de conforto que as enquetes inglesas identificaram como sendo um conforto corporal “selvagem”: o calor da promiscuidade de pessoas habitando e convivendo num espaço exíguo, a falta de aeração e iluminação, as drogas, o álcool, a errância nas ruas, as facilidades sexuais, a preguiça.<sup>1216</sup> O conforto selvagem, de acordo com os médicos, era negativo e levava à desagregação social e familiar, transformando o pobre num peso para a sociedade que deveria cuidar das consequências de seus excessos.

O conforto sadio, na análise de Beguin, nem reprime, nem interdita, apenas substitui “um modo de satisfação corporal, onde os instrumentos e os efeitos eram incontrolláveis por um bem-estar, onde os meios de produção e os efeitos possam ser utilizados e controlados”.<sup>1217</sup>

O mal do “conforto selvagem”, para Beguin, é menos ele em si do que o fato de não passar por nenhum **dispositivo técnico de controle** da vida do pobre. Ao contrário — insiste Beguin — “o conforto policiado propõe um modo de satisfação corporal, cujo princípio fundamental é a troca.

---

<sup>1213</sup> Beguin, Françoise. “Les Machineries Anglaises du Confort”, in *Recherches. L'Haleine des Faubourgs*. Paris, Dez./1977, nº 29, p. 160.

<sup>1214</sup> *Id. ibid.*, p. 169.

<sup>1215</sup> *Id. ibid.*, p. 171. (Grifos meus).

<sup>1216</sup> *Id. ibid.*, p. 172.

<sup>1217</sup> *Id. loc. cit.*

Trocas afetivas no interior da moradia familiar e trocas econômicas”.<sup>1218</sup>

O conforto, conclui-se, “propaga um **modo de vida** que comporta suficientes atrações materiais, por atar aquele que a ele se acostuma, aos meios que lhe são propostos para o produzir e reproduzir[...] O conforto é um processo de invasão ao qual não se pode resistir”.<sup>1219</sup> Contudo, o conforto se generaliza por toda a sociedade, sendo nos estratos mais baixos que ele exerce a maior pressão. Por isso, mesmo, podemos dizer das sociedades modernas expostas ao Urbanismo, onde ninguém escapa ao conforto, que são sociedades onde o conforto se impõe como uma “disciplina doce[...] e insidiosa”.<sup>1220</sup> Ou por outra, o conforto domestica a cidade.

A requalificação da cidade que o Urbanismo protagoniza faz do conforto uma metáfora da nova civilização urbana, e na medida em que o seu gozo é particular, pessoal e intransferível, ele aponta para uma nova tendência à anulação da vida pública. O papel domesticador do conforto, por suas características individualizantes, ressalta o novo modo de socialização imposto pelo Urbanismo que, contraditoriamente, se processa no sentido de operar o desmanchamento da própria noção de cidade como *pólis*, lugar por excelência da política. E na medida em que ele é a negação da *pólis* como expressão da política, dele podemos dizer que despolitiza, torna a experiência urbana coletiva banal.

Ao superpor a linearidade do “bem-estar físico e psicológico”, individual/familiar ao sentimento de *philia* — predisposição à sociabilidade — próprio à complexidade da vida urbana, o conforto propicia a ruptura da idéia de *pólis*. É que o conforto, ao negar a *philia*, nega a **compaixão**, que é a expressão do amor social e político do outro, a lei elementar que rege a sociabilidade,<sup>1221</sup> o que faz da cidade, cidade, isto é, *pólis*. O conforto se instala na cidade e transforma esta na sua sede, e todo o sistema urbano passa a se reestruturar para produzir conforto sem cessar. Contudo, a cidade sempre foi o lugar próprio de realização da *philia*, pois dizer que o homem é um animal urbano é dizer que ele possui a *philia*.<sup>1222</sup> Tal correlação nos sugere que, quando o **Urbanismo**, enquanto política urbana, se impõe à cidade, ele desperta a **crise urbana**, pois suscita a imagem, seja do egoísmo, seja da sensibilidade ao outro, ou melhor, do conforto ou da *philia*. Cabe a cada sociedade, cabe a cada cidade, diante das duas alternativas, escolher o seu destino, a cada momento. É a política na cidade.

<sup>1218</sup> Beguin, Françoise. “Les Machineries Anglaises du Confort”, in *Recherches. L'Haleine des Faubourgs*. Paris, Dez./1977, nº 29, p. 173.

<sup>1219</sup> *Id. ibid.*, pp. 173, 174. (Grifo meu).

<sup>1220</sup> *Id. ibid.*, p. 175.

<sup>1221</sup> Ver: Haroche, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papirus Ed., 1998. (Grifo meu).

<sup>1222</sup> Ver: Cauquelin, Anne. *Essai de Philosophie Urbaine*. Paris, PUF, 1982.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

### 1.1 - OBRAS DE REFERÊNCIA

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. "Vida Privada e Ordem Privada no Império", in Alencastro, Luiz F. (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 2.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente. Estudos sobre a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1988.
- ALMEIDA JUNIOR, João Mendes de. *Processo Criminal Brasileiro*. RJ, Typ. Baptista Souza, 1920, 2 vols.
- APOSTOLIDÈS, Jean. *O Rei-Máquina. Espetáculo e Política no Tempo de Luis XIV*. RJ, Ed. José Olympio/Ed. da UnB, Brasília, DF, 1993.
- ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios. Transgressão e Transigência na Sociedade Urbana Colonial*. RJ, José Olympio Ed., 1993.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. RJ, Ed. 34, 1994.
- ARÊAS, Vilma. "Martins Pena: um Crítico Social", in Nunez, Carlinda F. P. et alii. *O Teatro Através da História*. RJ, CCBB/Entourage Produções Artísticas, 1994, 2 vols.
- BACZKO, Bronislaw. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et Espoir Collectifs*. Paris, Éd. Payot, 1984.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas III — Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*. SP, Ed. Brasiliense, 1989.

BOILEAU, Narcejac. *Le Roman Policier*. Paris, Quadrige/PUF, 1994.

BRANDÃO, Berenice C. et alii. *A Polícia e a Força Policial no Rio de Janeiro*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1981.

BRENNA, Giovanna Rosso del. (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma Cidade em Questão*. RJ, Ed. Index, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza*. SP, Ed. Brasiliense, 1982.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos. (1750/1836)*. Belo Horizonte, MG, Ed. Itatiaia Ltda., 7ª ed., 1993, 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. SP, Ed. Nacional, 5ª ed., 1976.

\_\_\_\_\_. *O Discurso e a Cidade*. SP, Livraria Duas Cidades, 1993.

CAUQUELIN, Anne. *Essai de Philosophie Urbaine*. Paris, PUF, 1982.

CHEVALIER, Louis. *Classes Laborieuses et Classes Dangereuses à Paris Pendant la Première Moitié du XIX Siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958.

CHOAY, Françoise. "Le Règne de l'Urbain et la Mort de la Ville", in *La Ville. Art e Architecture en Europe. (1870/1933)*. Sous la direction de Jean Dethier et Alain Guilheux. Paris, Édition du Centre Pompidou, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. RJ, Ed. Graal, 3ª ed., 1989.

COUTINHO, Afrânio. *A Tradição Afortunada (O Espírito de Nacionalidade na Crítica Brasileira)*. RJ, Livraria José Olympio Ed./EDUSP, SP, 1968.

DARMON, Pierre. *Médicos e Assassinos na Belle Époque*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1991.

- DECCA, Edgar. "O Que É Romance Histórico? Ou Devolvo a Bola pra Você — Hayden White", in Aguiar, Flávio (orgs.) et alii. *Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre Histórico e o Literário*. SP, Xamã Ed., 1997.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. SP, Ed. Brasiliense, 1994.
- DIAS, Maria Odila S. "A Interiorização da Metrópole", in Mota, Carlos G. (org.). *1822 - Dimensões*. SP, Ed. Perspectiva, 1972.
- DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos. Análise da Revista Kosmos. (1904/1909)*. SP, Ed. Ática, 1983.
- DURAN, R. H. Moreno. *De la Barbárie a la Imaginación. La Experiencia Leida*. Bogotá, Tercer Mundo Ediciones, 2ª ed., 1988.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa, Editorial Stampa, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador*. RJ, Jorge Zahar Ed., 2ª ed., 1994, 2 vols.
- FARGE, Arlette. *Vivre dans la Rue à Paris au XVIII<sup>ème</sup> Siècle*. Paris, Éditions Gallimard/Éditions Julliard, 1992.
- FLORES, Moacyr. *O Negro na Dramaturgia Brasileira. (1838/1888)*. Porto Alegre, RS, ED/PUC-RS, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1975.
- FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. *O Arcaísmo como Projeto. Mercado Atlântico, Sociedade Agrária e Elite Mercantil no Rio de Janeiro. (1740/1840)*. RJ, Diadorim Ed., 1993.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim. Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia. (1400/1700)*. SP, Cia. das Letras, 1995.
- GILLE, Didier. "Estratégias Urbanas", in Eric Alliez et alii. *Contratempo. Ensaios sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. RJ, Forense Universitária, 1988.

- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as Cidades, A Cidade. Literatura e Experiência Urbana*. RJ, Ed. Rocco, 1994.
- GORENSTEIN, Riva e MARTINHO, Lenira M. *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência*. RJ, SMCT/DGDIC, 1993.
- GOTO, Roberto. *A Malandragem Revisitada. Uma Leitura Ideológica de "Dialética da Malandragem"*. Campinas, SP, Ed. Pontes, 1988.
- HARDMAN, Francisco F. *Trem Fantasma. A Modernidade na Selva*. SP, Cia. das Letras, 1991.
- HAROCHE, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Campinas, SP, Papyrus Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. *Reserva nos Costumes e Controle da Violência Política. A Tese de Norbert Elias*. s/d, xerox.
- \_\_\_\_\_. *Civilidade e Polidez: os Objetos Negligenciados da Ciência Política*. s/d, xerox.
- \_\_\_\_\_. e COURTINE, Jean J. *História do Rosto. Expressar e Calar suas Emoções (do Século XVI ao Início do Século XIX)*. Lisboa, Editorial Teorema, s/d.
- HERSCHMANN, Micael M. "A Arte do Operatório. Medicina, Naturalismo e Positivismo, 1900-1937", in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_. e PEREIRA, Carlos Alberto M. "O Imaginário Moderno no Brasil", in *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). RJ, Ed. Rocco, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. RJ, Ed. Livraria José Olympio, 7ª ed., 1973.
- HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e Resistência numa Cidade do Século XIX*. RJ, Ed. FGV, 1997.

- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. SP, Ed. Ática, 1996.
- LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*. RJ, Ed. Forense Universitária, 2ª ed., 1989.
- LIMA, Oliveira. *D. João VI no Brasil*. RJ, Ed. Top Books, 1996.
- MACHADO, Roberto. "Nada do que É Urbano lhe É Estranho", in Machado, Roberto et alii. *Da-Nação da Norma*. RJ, Ed. Graal, 1978.
- MALERBA, Jurandir. *Os Brancos da Lei. Liberalismo, Escravidão e Mentalidade Patriarcal no Império do Brasil*. Maringá, PR, EDUEM, 1994.
- MANDEL, Ernest. *Delícias do Crime. História Social do Romance Policial*. SP, Ed. Busca Vida, 1988.
- MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1981.
- MATTOS, Ilmar R. de. *O Tempo Saquarema*. SP, Ed. Hucitec/INL, Brasília, DF, 1987.
- MATTOS, Olgária. "O Direito à Paisagem", in Pechman, Robert M. (org.). *Olhares Sobre a Cidade*. RJ, Ed. da UFRJ, 1994.
- MEYER, Marlyse. *As Mil Faces de um Herói Canalha e Outros Ensaio*s. RJ, Ed. da UFRJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Folhetim. Uma História*. SP, Cia. das Letras, 1996.
- MONTENEGRO, Manuel J. Bezerra. *Lições Acadêmicas Sobre Artigos do Código Criminal*. Recife, PE, Typ. Universal, 1860.
- NEDER, Gizlene e NARO, Nancy P. "A Instituição Policial na Cidade do Rio de Janeiro e a Construção da Ordem Burguesa no Brasil", in Neder, Gizlene et alii. *A Polícia na Corte e no Distrito Federal. (1831/1930)*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1981.

- NOVAIS, Fernando A. "Condições da Privacidade na Colônia", in Mello e Souza, Laura de. (org.). Col. dirigida por Fernando A. Novais. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. SP, Cia. das Letras, 1997, vol. 1.
- \_\_\_\_\_. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial. (1777/1808)*. SP, Ed. Hucitec, 4ª ed., 1986.
- PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. SP, Ed. Ática, 1990.
- PECHMAN, Robert Moses. "O Urbano Fora do Lugar? Transferências e Traduções das Idéias Urbanísticas nos Anos 20", in Pechman, Robert M. e Ribeiro, Luiz C. de Q. *Cidade, Povo e Nação: Gênese do Urbanismo Moderno*. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Pedra e Discurso: Cidade, História e Literatura", in Aguiar, Flávio et alii. *Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário*. SP, Ed. Xamã, 1997.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, MG, Itatiaia/Ed. USP, SP, 1988.
- PONTIERI, Regina L. *A Voragem do Olhar*. SP, Ed. Perspectiva, MCT/CNPq, 1988.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento. Política e Filosofia*. SP, Ed. 34, 1996.
- RENAULT, Delso. *O Rio de Antigo nos Anúncios de Jornais*. RJ, Livraria José Olympio Ed., 1969.
- RESENDE, Beatriz. "Rio de Janeiro, Cidade da Crônica", in Resende, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio de Janeiro*. RJ, Livraria José Olympio Ed./CCBB, 1995.
- REUTER, Yves. *Le Roman Policier*. Paris, Éditions Nathan, 1997.
- RIBEIRO FILHO, Carlos Antonio C. "Clássicos e Positivistas no Direito Penal Brasileiro: uma Interpretação Sociológica", in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994.



- RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e Ficção no Século XIX. Edgar Allan Poe e a Narrativa de Arthur Gordon Pyn*. SP, Ed. da UNESP, 1996.
- RIBEIRO, Maria E. de B. *Os Símbolos do Poder*. Brasília, DF, Ed. da UnB, 1995.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A Etiqueta no Antigo Regime: do Sangue à Doce Vida*. SP, Ed. Brasiliense, 3ª ed., 1990.
- \_\_\_\_\_. *A Última Razão dos Reis. Ensaio sobre Filosofia e Política*. SP, Cia. das Letras, 1993.
- ROUANET, Sergio Paulo. *A Razão Nômade. Walter Benjamin e Outros Viajantes*. RJ, Ed. da UFRJ, 1993.
- SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial. A Formação da Identidade Nacional no Brasil do Segundo Reinado*. RJ, Ed. Top Books, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. "Estudo Crítico. Edgar Allan Poe", in *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Círculo do Livro S.A., s/d.
- SANTOS, Afonso Carlos M. dos. "Da Colonização à Europa Possível. As Dimensões da Contradição", in *Uma Cidade em Questão I. Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro*. RJ, Depto. de Artes, PUC/Funarte, 1979.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo na Década de 20. Olivério Girondo e Oswald de Andrade*. SP, Ed. Perspectiva, 1983.
- SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade*. SP, Cia. das Letras, 1988.
- SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim M. de Macedo ou os Dois Macedos. A Luneta Mágica do Segundo Reinado*. RJ, Ed. do Depto. Nacional do Livro/FBN, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP, Ed. Brasiliense, 4ª ed., 1995.

SILVA, Janice Theodoro da. *São Paulo - 1554/1880. Discurso Ideológico e Organização Espacial*. SP, Ed. Moderna, 1984.

SOBRAL DE ANDRADE, Ricardo A. "Avatares da História da Psicanálise: da Medicina Social no Brasil à Medicina Nazista e à Medicina Romântica Alemã", in Herschmann, M. e Pereira, Carlos A. M. (orgs.). *A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos Anos 20-30*. RJ, Ed. Rocco, 1994.

SOUZA, Laura M. *Desclassificados do Ouro. A Pobreza Mineira no Século XVIII*. RJ, Ed. Graal, 1982.

STUCKENBRUCK, Denise Cabral. *O Rio de Janeiro em Questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20*. RJ, Observatório de Políticas Urbanas: IPPUR/FASE, 1996.

SUSSEKIND, Flora. "A Família Agulha: uma Prosa em Ziguezague". (Introdução), in Guimarães Júnior, Luís (org.). *A Família Agulha, Romance Humorístico*. RJ, INL/Presença, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Voz e a Série*. RJ, Sette Letras/Ed. da UFMG, Belo Horizonte, MG, 1998.

\_\_\_\_\_. *As Revistas do Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ, Ed. Nova Fronteira/CRB, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Não É Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. SP, Cia. das Letras, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na História e na Literatura*. SP, Cia. das Letras, 1989.

## 1.2 - OBRAS DE LITERATURA

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. RJ, Ed. de Ouro, s/d.

ARANHA, José P. Graça. *Canaã*. RJ, Ediouro, s/d.

AZEVEDO, Artur. *A Capital Federal*. RJ, Ed. Letras e Artes, 1965.

BALZAC, Honoré de. *O Pai Goriot*. RJ, Ediouro S.A., 1994.

BARBOSA, Orestes. *Bambambã*. RJ, SMC/DGDIC/DI, 2ª ed., 1993.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. RJ, Ed. Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Spleen de Paris (1855/1867)*. RJ, Ed. Imago, 1995.

CARVALHO, Elysio. *Five O'Clock*. RJ, Garnier Livreiro Editor, 1909.

COELHO NETO, Henrique M. *A Capital Federal (Impressões de um Sertanejo)*. Porto, 4ª ed., 1915.

\_\_\_\_\_. *A Cidade Maravilhosa*. SP, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s/d.

COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. RJ, SMCTE/DGDIC, 1990.

COUTO, Ribeiro. *A Cidade do Vício e da Graça (Vagabundagem pelo Rio Noturno)*. RJ, Benjamim Costallat e Miccolis Editores, 1924.

DOYLE, Conan. *Sherlock Holmes: um Estudo em Vermelho*. Porto Alegre, RS, L e PM Editores S.A., 1997.

- GENS, Armando e GENS, Rosa M. de C. "A Visita do Imperador ou o Dublê de Sanitarista", in Costallat, Benjamim. *Mistérios do Rio*. RJ, SMCTE/DGDIC, 1990.
- \_\_\_\_\_. "O Taquígrafo das Esquinas", in Barbosa, Orestes. *Bambambã*. RJ, SMC/ DGDIC/ DI, 2ª ed. 1993.
- LANOUX, Armand. "Introduction", in Sue, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Paris, Édition Robert Laffont, 1989.
- MACEDO, Joaquim M. de. *A Luneta Mágica*. RJ, Ed. Ática, 1995.
- MERCIER, Louis Sébastien. "Tableau de Paris. Le Nouveau Paris" e BRETONNE, Restif de la. "Les Nuits de Paris", in *Paris le Jour. Paris la Nuit*. Collection dirigée par Guy Schoeller. Paris, Édition Robert Lafont, 1990.
- MIRANDA, Ana. *O Retrato do Rei*. SP, Cia. das Letras, 1991.
- PENA, Martins. *Quem Casa, Quer Casa*. RJ, Ediouro, s/d.
- POE, Edgar Allan. *Cuentos 2*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 3ª ed., 1994.
- \_\_\_\_\_. *Os Melhores Contos de Edgar Allan Poe*. SP, Círculo do Livro, s/d.
- RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. RJ, SMC/DGDIC, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Vida Vertiginosa*. RJ, 1911.

### 1.3 - ARTIGOS

BEGUIN, Françoise. "Les Machineries Anglaises du Confort", in *Recherches. L'Haleine des Faubourgs*. Paris, 1977, nº 29.

BITTENCOURT, José Neves. "Espelho de 'nossa' História: Imaginário, Pintura Histórica e Reprodução no Século XIX Brasileiro", in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, Tempo Brasileiro, out./dez. 1986, nº 87.

BRESCIANI, Maria Stella. "Metrópoles: as Faces do Monstro Urbano (As Cidades no Século XIX)", in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nºs 8/9.

\_\_\_\_\_. "Século XIX. A Elaboração de um Mito Literário. História: Questões e Debates", in *Revista da Associação Paranaense de História*. Curitiba, PR, dez./1986, ano 7, nº 13.

\_\_\_\_\_. *Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades. As Sete Portas de Tebas*. Campinas, SP, 1990, xerox.

CARRARA, Sergio. "A Ciência e a Doutrina da Identificação no Brasil: ou do Controle do Eu no Tempo da Técnica", in *Religião e Sociedade*. RJ, ISER/CER, 1990, vol. 15, nº 1.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. "Letras, Sociedade e Política: Imagens do Rio de Janeiro", in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais — BIB*. RJ, 2º sem./1985, nº 20.

DIAS, Maria Odila da S. "Aspectos da Ilustração no Brasil", in *Revista do IHGB*. RJ, jan./mar.1968, vol. 278.

FERREIRA, Silvestre Pinheiro. "Memórias Políticas sobre os Abusos Gerais e o Modo de se Reformar e Prevenir a Revolução Popular", in *Revista do IHGB*. RJ, 1884, tomo 47, parte 1.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o Projeto de uma História Nacional", in *Estudos Históricos*. RJ, 1988, nº 1.

- HAROCHE, Claudine e COURTINE, Jean J. "O Homem Desfigurado. Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX", in *Revista Brasileira de História*. SP, set. 1986/fev. 1987, vol. 7, nº 13.
- MELLO, Alfredo P. Vieira de. "O Poder Judiciário no Brasil". (1532/1871), in *Revista do IHGB*. RJ, 1916, tomo especial (1914), parte IV.
- MEYER, Marlyse. "Um Eterno Retorno: as Redescobertas do Brasil", in Leôncio M. Rodrigues *et alii*. *Trabalho e Cultura no Brasil*. Recife, PE, ANPOCS/CNPq, Brasília, DF, 1981.
- \_\_\_\_\_. "Um Fenômeno Politétrico: o Romance-Folhetim Francês do Século XIX", in *Vária História*. Revista do Depto. de História. Belo Horizonte, MG, FAFICH/UFMG, nov./1998, nº 19.
- PECHMAN, Robert Moses. "Do Sertão ao Salão. Reforma Urbana e Reforma Social no Rio de Janeiro". Seminário Internacional: Programa Internacional de Investigaciones sobre el Campo Urbano y las Condiciones Históricas de Emergencia de las Competencias Urbanísticas. Vaquerias, Argentina, FADU/UBA, 1996.
- PEREIRA, Virgílio de Sá. "Os Códigos Criminal, do Processo e Comercial. Formação do nosso Direito Civil. A Reforma Judiciária de 1871", in *Revista do IGHB*. RJ, 1916, tomo especial (1914).
- PESAVENTO, Sandra J. "Em Busca de uma Outra História. Imaginando o Imaginário", in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Contexto, 1995, vol. 15, nº 29.
- RIBEIRO, Luis Felipe. "Tempo e Discurso em Memórias de um Sargento de Milícias", in *Revista do Instituto de Letras/UFF*. Niterói, RJ, UFF, 2º sem./1996, nº 1.
- RIBEIRO, Renato Janine. "O Brasil pela Novela", in *Rumos*. Publicação da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário. SP, dez. 1998/jan. 1999, ano 1, nº 1.

- SANTOS, Afonso Carlos M. dos. "A Invenção do Brasil: um Problema Nacional?", in *Revista de História*. SP, 1995, (Separata), nº 118.
- \_\_\_\_\_. "Memória, História, Nação: Propondo Questões", in *Revista Tempo Brasileiro*. RJ, Ed. T.B., out./dez. 1986, nº 87.
- SCHORSKE, Carl E. "A Cidade segundo o Pensamento Europeu — de Voltaire a Spengler", in *Revista Espaço e Debate*. SP, Ed. NERU, ano IX, nº 27, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. "Perfis Urbanos Terríveis em Edgard Allan Poe", in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr. 1985, vol. 5, nºs 8/9.
- STORCH, Robert. "O Policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana", in *Revista Brasileira de História*. SP, ANPUH/Marco Zero, set. 1984/abr., 1985, vol. 5, nºs 8/9.
- VELLOSO, Mônica P. "A 'Cidade-Voyeur': o Rio Visto pelos Paulistas", in *Revista Rio de Janeiro*. Niterói, RJ, dez./1986, nº 4.
- WEINHARDT, Marilene. "Barbárie: um Tema da Modernidade", in *História: Questões e Debates*. Curitiba, PR, Associação Paranaense de História, jun./dez. 1991, ano 12, nºs 22/23.

## 2 - MONOGRAFIAS

- DIMAS, Antônio. *Bilac entre o Rio e Canudos*. Seminário — Gêneros de Fronteira: Cruzamentos entre o Histórico e o Literário. SP, 1995, xerox.
- FOUCAULT, Michel. As Verdades e as Formas Jurídicas, in *Cadernos da PUC/RJ*. RJ, Divisão de Intercâmbio e Edições/PUC, 1974, Série Letras e Artes, nº 16.
- GONÇALVES, Marcia de A. *Ânimos Timoratos. Uma Leitura dos Medos Sociais na Corte no Tempo das Regências*. Concurso de Monografias. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, xerox.
- MEYER, Marlyse. *De Folhetins*. Seleção de Textos. RJ, CIEC/UFRJ, s/d.
- MONTEIRO, Pedro M. *Luzes ao Campo, Luzes à Nação. O Discurso Ilustrado Sobre a Agricultura Brasileira no Período Pré-Independência e a Idealização da Nação Civilizada*. Monografia premiada no V Concurso de Monografias. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1994, ano 4, nº 5.
- MORSE, Richard. “A Evolução das Cidades Latino-Americanas”, in *Cadernos Cebrap*. SP, Editora Brasiliense, 1975, nº 22.
- RAINHO, Maria do Carmo T. *A Cidade e a Moda: Novas Pretensões, Novas Distinções*. Concurso de Monografia. RJ, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, xerox.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Q. e CARDOSO, Adauto L. *Planejamento Urbano no Brasil: Paradigmas e Experiências*. Caxambu, MG, XIV Encontro Anual da ANPOCS, 1990, xerox.
- SCHWARCZ, Lília K. M. *Os Institutos Históricos-Geográficos Brasileiros: “os Guardiões de nossa História Oficial”*. (1830/1930). Caxambu, MG, XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989, xerox.
- SILVA, Maria B. Nizza da. *Análise de Estratificação Social (o Rio de 1808 a 1821)*, in *Boletim*. Depto. de História. SP, FFLCH/USP, 1975, (Nova Série), nº 7.
- TOPALOV, Christien. *De la “Question Sociale” aux “Problemes Urbaines”. Reformateurs et Travailleurs à Londres, Paris et New York au Debut du XX<sup>ème</sup> siècle*. Paris, 1988, xerox.



VELLOSO, Mônica P. *Levantamento da Revista Brasília*. RJ, 1978, xerox.

VELLOSO, Mônica P. *Levantamento da Revista Gil Blas*. RJ, 1978, xerox.

### 3 - TESES

- AUGUSTI, Valéria. *O Romance como Guia de Conduta. A Moreninha e os Dois Amores*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IEL/UNICAMP, 1998.
- CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de Ciências Sociais. SP, FFLCH/USP, 1982.
- DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. *A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império. A Revista do IHGB: 1838/1850/1860*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, ICH/CEB/UFF, 1989.
- GOMES, Eduardo R. *Campo contra Cidade. A Reação Ruralista à Crise Oligárquica no Pensamento Político-Social Brasileiro. (1910/1955)*. Tese. RJ, IUPERJ, 1980.
- KATO, Ruth Maria. *Revoltas de Rua: o Rio de Janeiro em Três Momentos: 1821, 1828, 1831*. Dissertação de Mestrado. RJ, IFCS/UFRJ, 1998.
- MONTÓIA, Ana Edite R. *Cidade e Política: São Paulo no Século XX*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1990.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *A Modernidade Carioca: o Rio de Janeiro no Início do Século XX — Sociedade, Vida Literária e Mentalidades*. RJ, 1987, xerox.
- SEGALLA, Lygia. *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o Projeto Fotográfico de Victor Frond*. Tese de Doutorado. RJ, PPGAS/MN/UFRJ, 1998.
- SILVA, Lúcia Helena P. da. *Engenheiros, Arquitetos e Urbanistas: a História da Elite Burocrática na Cidade do Rio de Janeiro. (1920/1945)*. Dissertação de Mestrado. RJ, IPPUR/UFRJ, 1995, xerox.
- SOUZA, Iara Lis F. S. C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. (1780/1831)*. Tese de Doutorado apresentada ao Depto. de História. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 1997, 2 vols.

TÓRTIMA, Pedro. *Polícia e Justiça de Mãos Dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1971. (Uma Contribuição aos Estudos Sobre o Enfrentamento da "Questão Operária" pelas Classes Dominantes e pelo Estado). (1900/1925)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF/ICHP, 1989.

VENTURA, Dayse M. do Carmo. *Quem Ri, Consente. A Construção da Sociedade Imperial no Riso de Martins Pena*. Dissertação de Mestrado. Niterói, RJ, UFF, 1983.

## 4 – FONTES

### 4.1 - DOCUMENTAÇÃO IMPRESSA

ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal*. Recopiladas por Mando d'El Rei D. Philippe I, 14ª ed., segundo a Primeira de 1603 e a Nona de Coimbra de 1824. RJ, Typ. do Instituto Philomatico, 1870.

*Anais da Conferência Judiciária-Policial*. Convocada por Aurelino de A. Leal, Chefe de Policia do Distrito Federal. RJ, Imprensa Nacional, 1918, 2 vols.

BLUTEAU, D. Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa, Oficina de A. da Sylva, 1721.

*Boletim Policial*. RJ, Gabinete de Identificação e Estatística, 1907/1915.

CARVALHO, Elysio. *A Policia Carioca e a Criminalidade Contemporânea*. RJ, Imprensa Nacional, 1910.

*Compêndio de Civilidade Christã para se Ensinar Praticamente aos Meninos*. Porto, Imprensa aos Lavadouros, 1834.

CUNHA, Herculano A. L. *A Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Imparcial de F. Paula Brito, 1845.

DIAS, João Duarte. *Hygiene Relativa às Diversas Condições Sociais*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Universal Laemmert, 1844.

GAMA E CASTRO, José da. *Memória sobre a Nobreza no Brasil, por um Brasileiro*. RJ, Typ. da Ass. do Despertador, 1841.

GAMA, Padre Lopes. *O Carapuceiro: Crônicas de Costumes*. Evaldo C. de Mello (org.). SP, Cia. das Letras, 1996.

- LUCCOK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil Tomadas Durante Estada de Dez Anos nesse Pais, de 1808 a 1818*. SP, Livraria Martins Ed. S.A., 2ª ed., 1951.
- MACEDO, Francisco F. de. *Da Prostituição em Geral*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. Acadêmica, 1872.
- MORAES E VALLE, Manoel M. *Algumas Considerações sobre a Mendicidade no Rio de Janeiro*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. RJ, Typ. do Ostensor Brasileiro, 1846.
- MORAIS E SILVA, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Revista, Corrigida, Muito Aumentada e Atualizada*. Lisboa, Editorial Confluência, 10ª ed., 1951, 11 vols.
- NEVES, Guilhermina de A. *Entretenimentos Sobre os Deveres de Civilidade Colecionados para a Puerícia Brasileira de Ambos os Sexos*. RJ, Typ. Cinco de Março, 2ª ed., 1875.
- ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem-Viver no Século XIX*. Lilia M. Schwarcz (org.). SP, Cia. das Letras, 1977.
- SANTOS, Luiz G. de. (Padre Perereca). *Memórias para Servir a História do Reino do Brasil*. RJ, Livraria Ed. Zélio Valverde, 1943, 2 vols.
- TAVARES, João F. *Considerations d'Hygiene Publique et de Police Médicale Applicables à la Ville de Rio de Janeiro, Capitale de l'Empire du Brésil*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina de Paris. RJ, 1823.
- TERRA, Sylvio. *A Polícia e a Defesa Social*. RJ, Gráfica Guarany, 1939.
- VERARDI, Luiz. *Novo Manual do Bom-Tom*. RJ, Eduardo e Henrique Laemmert, 2ª ed., 1872.
- VIEIRA, Frei Domingo. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. Porto, Editores Chardon e Moraes, 1873.
- VILHENA, Luís dos Santos. *Pensamentos Políticos sobre a Colônia*. Introdução de Emanuel Araújo. RJ, Arquivo Nacional, 1987.

## 4.2 - DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA

*Correspondência com o Ministério da Justiça. Polícia.* RJ, Arquivo Nacional, código 324, 1827/1834, vol. 1.

*Correspondência do Intendente Geral de Polícia com os Juizes dos Crimes dos Bairros e Outras Autoridades.* Polícia. RJ, Arquivo Nacional, código 323, Ofícios, 1809, vol. 1.

Ministro Diogo A. Feijó. *Relatório do Exmo. Ministro da Justiça no Ano de 1831 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1832.* Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82.

Ministro Francisco P. de A. Albuquerque. *Relatório do Exmo. Ministro da Justiça do Ano de 1838 Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1839.* Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82, 1825/1853.

*Registro de Avisos, Portarias, Ordens da Polícia da Corte.* RJ, Arquivo Nacional, código 318, 1808/1809, vol. 1.

*Registro de Editais da Polícia.* RJ, Arquivo Nacional, código 343, 1824/1833, vol. 1.

*Registro de Ofícios e Portarias Expedidos pela Polícia aos Comissários.* RJ, Arquivo Nacional, código 332, 1824/1827.

*Registro de Portarias e Avisos de Diversas Secretarias de Estado Sobre Assuntos Referentes à Polícia.* RJ, Arquivo Nacional, código 319, 1824/1825, vol. 1.

*Relatório da Repartição dos Negócios da Justiça Apresentado à Assembléia Geral Legislativa na Sessão Ordinária de 1840 pelo Respectivo Ministro e Secretário Paulino J. S. de Sousa.* Brasil, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Microfilme 004-0-82.

*Termos de Bem-Viver Assinados na Polícia.* RJ, Arquivo Nacional, código 410, 1808/1810, vol. 1.

## 5 - PERIÓDICOS

COLI, Jorge. *Histórias de Mistério. Trabalho dos Detetives Tem Traços Comuns ao do Pesquisador de Arte*. SP, Folha de São Paulo (Caderno Mais), 15/9/1996.

*Jornal das Famílias*. RJ, Biblioteca Nacional, Seção de Obras Raras, 1864.

LIMA, Luiz Costa. *Um Certo Carapuceiro*. RJ, Jornal do Brasil (Caderno Idéias), 14/9/1996.

MACEDO, Joaquim M. De. “Costumes Campestres do Brasil”, in *Revista Guanabara*. RJ, jul. /1851, tomo I, nº 8.

“O Carapuceiro na Corte: as Senhoras Políticas”, in *O Despertador*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 17/8/1840.

*O Correio das Modas. Jornal Crítico e Literário das Modas, Teatros, etc.* RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 614 (1), Seção de Obras Raras, 1839/40.

*O Despertador*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 05, Seção de Obras Raras, 1840.

*O Espelho Diamantino: Periódico de Política, Literatura, Belas-Artes, Teatro e Moda. Dedicado às Senhoras Brasileiras*. RJ, Biblioteca Nacional, Microfilme PR-SOR 299 (2), Seção de Obras Raras, NIP, 1827.

*Semanário do Cincinato*. RJ, Biblioteca Nacional, Seção de Obras Raras, 1827.

CIDADES ESTREITAMENTE VIGIADAS: O DETETIVE E O  
URBANISTA